Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Revista contemporânea de Portugal e Brasil publicacão mensal

Bd.: 1. 1859 (1861)

Lisboa 1861

Per. 175 gh-1
urn:nbn:de:bvb:12-bsb10615262-0

Per. 175 gh 8°/1 Revista

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Primeiro anno

ABRIL DE 1859

2.ª EDIÇÃO

LISBOA
Escriptorio da REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL,
Calçada do Sacramento n. 7, sobre-loja.
1861

168-9.

BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS.

LISBOA — TYP. FRANCO-PORTUGUEZA — Rua do Thesouro Velho n. 6.

Bayerische Staatsbibliothek MÜNCHEN

INTRODUCÇÃO

A Revista Contemporanea representa uma idéa, que sem ser inteiramente nova, nunca chegou entre nós a naturalisar-se, mais por culpa das circumstancias, do que por falta de acolhimento.

Diversas causas concorreram para se paralisarem logo no começo todas as tentativas, que se arriscaram, e que só por um lance de fortuna extraordinario poderiam evitar a sua prompta ruina.

O pensamento de crear uma publicação, que participe a um tempo da seriedade do livro e da variedade do jornal, offerecendo uma galeria de quadros, em que as artes e as sciencias realcem o lustre proprio pela belleza do pincel, foi sempre applaudido com razão por quantos prezam as letras e auxiliam o seu incremento e esplendor; mas, ao passo que as vantagens se recommendavam por si mesmas, quem deixou de appreciar e de temer obstaculos, que, em toda a parte, e sobretudo em Portugal, costumam embaraçar uma empreza concebida com as amplas proporções que requer o plano d'esta?

Por mais lisongeira que saia a estreia, para se lhe firmar a existencia, são precisos recursos, que nem sempre acompanham

os melhores desejos. A esta difficuldade, de si já bastante ardua, ainda accrescia outra igual, senão maior, e era a duvida de alcançar a collaboração activa dos escriptores mais versados nas diversas especialidades e mais estimados do publico, pela elevação do seu talento. Entrar na carreira sem estas dus condições preenchidas, equivalia quasi a desafiar a queda, que sempre castiga a temeridade infeliz.

A Revista Contemporanea, se não venceu todas as contrariedades, pelo menos ousa assegurar, que não abalançou a occupar um posto perigoso na imprensa, sem primeiro pedir á prudencia as possiveis fianças de exito, preferindo principiar pelo moderado ensaio das suas forças, e não se aventurando desde logo, com precipitada ufania, a seguir, nos seus vôos mais altos e distantes, as obras da mesma indole, que largos annos de duração e repetidos triumphos sagraram com justo elogio como archivos riquissimos do saber, e, mais ainda, como verdadeiros monumentos da litteratura das nações.

Um jornal, como o que vamos emprehender, não promette senão o que póde cumprir. A lisura e o decoro vedam-lhe os pomposos programmas, que dicta de boa-fé a exaltação do enthusiasmo, mas a que raras vezes corresponde a realidade. Quem sabe como nasceu, e de que modestos principios se levantou a *Revista dos dois mundos*, por exemplo, não estranhará, antes ha de louvar que esperemos pelos progressos para os anunciarmos como factos verificados.

Publicações que exigem tantos sacrificios e perseverança, não passam de repente da adolescencia para a idade viril; nem, ao deixar o berço, apparecem logo gigantes. O tempo alliado natural, e a experiencia, mestra de todos os dias, vão-lhe desfazendo as trevas do caminho, e alargando os horisontes. No fim de certo periodo de esforços constantes e de melhoramentos successivos, lançando-se os olhos para o que ficou atraz, é que se avalia a jornada feita e, com o inventario da riqueza adquirida na mão, é que se póde affiançar, que o mais difficil está conseguido, e que as boas esperanças são legitimas.

A esphera de acção que abraça uma Revista, como a que tentamos, é tão ampla, e tende sempre a alargar-se tanto, que de anno para anno se vê obrigada a engrandecer o primitivo plano, e a tirar dos resultados obtidos novos estimulos para não se mos-

trar inferior ao que necessita ser, e decahir da reputação conquistada. Querer, portanto, antecipar as épocas, e suppor que impunemente se começará pelo fim, além de impraticavel, seria a prova mais evidente de incapacidade. Só quem nunca navegou estes mares, tão sujeitos a naufragios, é que se atreveria a zombar assim dos escolhos que o ameaçam.

Para não desmentir a sua indole, e para se approximar dos grandes modêlos que o precederam, e que a todas as horas o estão avisando com o seu adiantamento, um jornal, que se propoz o fim que a Revista Contemporanea leva em vista, nunca póde esquecer que as suas paginas não foram estampadas para se rasgarem com indifferença depois de satisfeita a curiosidade momentanea; mas que, lavradas com o cuidado que torna eterno o livro, a sua collecção, ao cabo de alguns annos, constituirá uma verdadeira bibliotheca, em que se devem encontrar todas as questões, que interessam o desenvolvimento intellectual e politico do mundo.

Nada mais acrescentaremos. Estas poucas linhas sobejam para desviarmos qualquer equivoco. Dissemos o que somos, o que podemos, e aquillo a que aspiramos; o resto as obras, e não as palavras o hão de acrescentar.

O verdadeiro prologo de um jornal, como este, é o primeiro anno da sua publicação. Se construiu com elementos duraveis, o alicerce supporta a edificação, e a obra principia a avultar; se errou as proporções, se não fundou em terreno firme, e se adormeceu nas horas de vigilancia, o menor sopro a sepultará entre ruinas.

L. A. Rebello da Silva.



A. Herculano

ALEXANDRE HERCULANO.

No seculo actual a primeira realeza é a intelligencia. Elevou o seu dominio acima de todas as outras. O seu poder abrange o mundo; a sua legitimidade está vinculada no céo. É de lá que descende; é de lá que emanou a primeira centelha que provocou a chamma explendida que illumina a terra. O suffragio dos homens é zero diante da palavra de Deus, e a intelligencia é o ecco da sua voz.

Tudo se gasta, consomme, envelhece, definha e morre, menos a intelligencia, que rejuvenesce sempre, que se vivifica cada vez mais, que se reforça, eleva e exalta atravez da humanidade que vai caminhando e renovando-se para remoçar, deixando gravado nos acontecimentos o seu continuo progresso.

N'este progresso incessante da intelligencia ha homens que Deus fadou para seus representantes, e cujos nomes ficam sendo symbolos para cada geração que passa, e que aspira a novos commettimentos.

Alexandre Herculano é um symbolo para a geração presente.

Ao lado de Garret inaugurou a nova escola litteraria. É pois diante d'estes vultos que a nova geração se curva respeitosa. Deve-lhes os bons modêlos da litteratura moderna; deve-lhes o acolhimento fraternal do talento, que sente engrandecer-se, rodeado pelas vocações que foi accordar.

Julgar homens, como Herculano e Garrett, só póde a posteridade. A critica dos vivos é sempre difficil, e mais ainda quando versa sobre individuos, que hão de no futuro illustrar a época em que viveram, como fizeram Bossuet e Corneille, Molière e Racine. Astros d'este explendor só astros similhantes podem fitar e medir. Quantos seculos distaram entre Camões e Garrett, e quantos reis e imperadores herdaram e depozeram corôas, até que o primeiro principe dos poetas portuguezes achasse herdeiro legitimo ao sceptro?

O mais que póde aspirar o escriptor contemporaneo é a manifestar singelamente as suas impressões diante das obras d'aquelles que foram os seus mestres. E para isso mesmo é necessario que o apreciador esteja á altura da apreciação. Entre os discipulos ha nomes que o estão, como os de Rebello da Silva, Mendes Leal, Latino Coelho e Lopes de Mendonça; mas o nosso está longe, e por isso para commetter o arrojo, vacilla e estremece diante da difficuldade. Ha, todavia, uma voz que lhe brada animo: é a do coração. As linhas que se vão seguir são dictadas por elle, e podiam resumir-se a quatro palavras: homenagem ao talento e respeito ao homem.

Garrett e Herculano dominam por tal fórma a renascença litteraria, que, até hoje, ainda nenhum critico tentou a analyse de um sem alliar o outro. É que os dois collossos elevaram-se ao mesmo pedestal, e lá se conservam abraçados, aos nossos olhos, tornando impossivel deixar de admirar ambos.

Talentos diversos na indole, attingem a mesma elevação, variando só na fórma.

Garrett matizou a lingua das flores singelas, que tão graciosas se entrançaram nas grinaldas naturaes; deu-lhe essa voluptuosidade tépida e como indolente, que attrahe sem exaltação e aquece sem incendiar. Não a carregou de toques exaggerados, apurou-lhe a côr nativa, que brilha pela propria lhaneza.

Lendo-o, o effeito que produz é o de uma suave melodia de Bellini, que espairece a alma com simplicidade melancholica, segredo da gloria de ambos.

Tinha uma individualidade que não se imita.

Alexandre Herculano imprimiu á phrase nova magestade e vigor. O seu estylo é rijo e pulido como aço, luzente e penetrante como elle. Nunca falla ao coração que não excite o enthusiasmo; commove-nos porque se exalta na crença, e sabe communical-a.

O transporte que provoca, assimelha-se á sensação energica que despertam as combinações sublimes de Mayerbeer, alliando a grandeza á profundidade.

O *Eurico* e o *Frei Luiz de Sousa* são a prova do que deixamos dito. Dois monumentos igualmente de gloria para a nossa litteratura, e dois poemas vasados em moldes distinctos.

O *Eurico* assignala uma das mais elevadas e energicas concepções d'este seculo, tanto pelo vigor da linguagem, como pelo grandioso da imagem, que parece esculpida em bronze.

O *Frei Luiz de Sousa* é a mais sentida, profunda e inspirada melodia da paixão que ouviu este seculo, e cujos sons são immortaes como o nome do homem que os desprendeu do coração. Prima na singeleza da phrase—singeleza inimitavel e sem rival: era o condão do seu genio.

Nas obras de Garrett encontram-se todos os generos da litteratura moderna, modelados para a nova geração. Nas de Alexandre Herculano dá-se o mesmo facto com leves modificações.

Poeta, escreveu a *Harpa do Crente;* e, em estorphes vehementes esmaltadas de vigorosas e explendidas imagens, deu relevo a quadros que provocam o enthusiasmo e pungem o coração. Tem a força e tem a fé, qualidades que sobresaem em todos os trabalhos do mestre.

Romancista, enriqueceu a litteratura portugueza de livros que são verdadeiros padrões de gloria. O *Monge de Cister*, quadro completo do seculo de D. João I, em que se sente viver e palpitar aquella época, com a verdade do investigador consciencioso que tem passado metade da vida dobrado sobre as chronicas e compulsando os codices.

Na *Abobada* e nas *Arrhas por fôro de Hespanha* vê-se, como em tudo, o escriptor erudito que contempla o passado como se fôra o presente, tão impresso o tem na memoria e tão familiarisado está com os personagens que apresenta, cujos retratos são quasi daguerreotypos, tirados á luz da intelligencia nas vigilias do estudo.

Mas, para glorificar o nome de Alexandre Herculano, bastava uma das suas obras: era a *Historia de Portugal.*

N'este trabalho resumiu já quasi inteira a existencia; o que esta terra lhe deu á sua illustração consagrou. Descortinou o passado como philosopho e historiador; engrandeceu o paiz, desdobrando-lhes paginas que lhe illumina as intelligencias.

E dito isto, que podemos nós aventurar sobre o livro? Nada, a não ser que honra a nação; mas essa já o reconheceu.

Agora duas palavras sobre o homem.

Todos quantos tem tratado de perto o actual chefe da litteratura moderna conhecem o seu caracter franco e sincero, não escondendo nunca o seu modo de pensar, e só dizendo o que verdadeiramente sente.

Á lisonja substitue o silencio; a verdade não a enfeita; exprime-a nua como a pintaram os antigos. No livro cultiva a phrase, no trato intimo só lh'a joeira a consciencia.

Alexandre Herculano, o modêlo e exemplo dos melhores, é um d'este homens de tempera rija e altos sentimentos, que não sabem nem querem dobrar-se ás conveniencias, quando estas destoam dos principios que professam, e que, erguendo altiva e desassombrada a fronte, fallam sempre com enthusiasmo e vigor do convencimento.

Deslocado talvez em época como a nossa, indignam-o tantas hypocrisias e torpezas, e d'ahi procede a rudeza com que muita vez fustiga, sem dó, os adeptos e o credo d'essa seita nefanda. A irritação generosa exacerba-lhe a palavra e sobe-lhe cadente do coração á mente vastissima.

É bello vêl-o assim: esmaga com o sarcasmo; fulmina a condemnação na censura eloquente.

Apostolo da honra, abraçou-a como religião e cumpre-a como dever: n'elle, arreigada a crença, tudo lhe sacrifica. O talento não lhe vence o coração: este é grande como aquelle. Tão alto se lhe levanta o genio como a alma.

E este mesmo homem, severo e implacavel na apreciação d'este mundo exterior em que se debatem tantos interesses mesquinhos, e se commettem tantas vilanias atrozes, temol-o visto sereno, affavel, jovial até, quando n'aquelle seu retiro da Ajuda reune em roda de si a pleiada de verdadeiros talentos e verdadeiras vocações que ali vão ouvir a voz do mestre, e receber os conselhos que elle nunca nega, animando e fortalecendo os mais tibios com o seu seguro juizo.

Os sabbados da Ajuda, se a mocidade litteraria os aprecia, não menos valor tem para Alexandre Herculano. Em quanto instruem aquelles, distrahem este, que, empenhado de coração nos progressos da nossa litteratura, mesmo no dia escolhido para descansar das fadigas do gabinete, trabalha ainda em proveito indirecto das letras patrias, tornando-se o centro de palestras que vão fecundar muito boa semente.

Apraz-lhe ouvir discursar livremente a nova geração, e, em vez de lhe reprimir os impetos, excita-a a erguer o vôo, porque vê, n'essa exaltação de idéas, na sôlta expressão do pensamento, o signal de grandes commettimentos.

Alexandre Herculano, n'esse dia da semana, volta aos vinte annos, idade que ainda conserva no espirito. Que inspiração ha ahi mais nova que a d'elle? Ali póde envelhecer o corpo, o talento remoça sempre.

O historiador entristece, quando, ao sabbado, sentando-se á meza do jantar, não vê dez mancebos em torno d'elle.

Encetar a nossa galeria pelo retrato de Alexandre Herculano era um dever. Cabia de direito ao chefe da nossa litteratura o primeiro logar.

Ao sr. Sousa, distincto professor da Academia das Bellas Artes, deve-se a bella gravura a agua-forte que offerecemos aos nossos assignantes. Junta á similhança o mais esmerado trabalho que n'este genero temos visto entre nós, e que rivalisa com os melhores lá de fóra.

Demorar-nos-hemos um instante diante do retrato, antes de fecharmos estas rapidas linhas, que não são mais do que um fraco mas sincero tributo de admiração intima.

Na physionomia de Alexandre Herculano está poderosamente reflectida a severa austeridade de sua alma e a rigidez do seu caracter. Seguro de sua consciencia, fita altivo o mundo. Espirito pensador, dobra naturalmente a cabeça sob o pezo das idéas que lhe enchem a imaginação, e que só amadurecidas pela reflexão lhe saem dos labios ou dos biccos da penna. Dos olhos faisca-lhe a resolução e a audacia. Crente n'um principio, não mede consequencias quando se trata de o defender. Empenhado na lucta, não esperdiça um grão de polvora — e ninguem vai mais adiante.

Ao coração do povo nenhuma voz chega mais funda que a de Alexandre Herculano. É porque lh'a illumina a chamma do patriotismo, fortificada pelo convencimento. Na reunião da *Associação popular promotora da educação do sexo feminino*, que teve logar no theatro de D. Maria II, deu Alexandre Herculano a mais brilhante prova. Singelo na fórma e profundo na idéa, o seu discurso elucidou a todos e a todos enthusiasmou. As crenças arreigadas do velho liberal, escandeciam-lhe o verbo e ateavam-lhe a imagem. O vulto do grande historiador sentia-se crescer e dominar o auditorio. Electerisava a multidão, convencendo-a.

Terminaremos, pois, dizendo, que, para estimulo da nossa geração, restam dois poderosos auxiliares: uma saudade e uma esperança; um modêlo e um exemplo; Garrett e Herculano.

É portanto estudal-os e seguil-os.

ERNESTO BIESTER.

REVISTA CRITICA E LITTERARIA DE 1858.

Já não é um trabalho difficil, nem sem fructo, esta tarefa de analyse do resultado das occupações dos nossos espiritos mais iminentes no decurso de um anno. O movimento litterario, o seu impulso, influencia e diffusão, tornam-se um facto que todos os dias apresenta novas manifestações, e cada dia mais valiosas e significativas. É penoso lançar olhos inquietos e ávidos de curiosidade por um d'esses longos espaços, sobre que a mão do tempo vem correr o véo do passado, sem que uma obra se nos depare, sem que um vestigio se descubra, onde o talento nos prove, como um marco milliario erguido pelas fadigas do viajante cosmopolita, os progressos e conquistas que vamos realisando no dominio tão vasto e de tão largos horisontes da republica das letras; mas é grato e ensoberbecedor olhar de frente para esse lapso decorrido, e vêr que elle ficou assignalado por mais de um documento que attesta, que os arrojos do engenho inventivo, que os vôos ardentes da phantasia poetica, ou as meditações solitarias do genio pensador por ahi passaram no accesso febril do seu imaginar audacioso, ou na preoccupação insistente de um cogitar profundo. Como que um espectaculo, todo de actividade, mas de actividade intellectual, da mais nobre e fecunda das actividades, se nos apresenta, enchendo-nos o animo de jubilo e ufania! É uma nação a pensar, e a recolher, em depositos perduraveis, as riquezas do seu

espirito. São as suas forças intellectuaes, comprovadas nas tentativas já triumphantes das vocações de seus filhos privilegiados. É a historia compendiada dos progressos da rasão e da phantasia, attestada em obras de pura inspiração litteraria, ou influidas pela força e influxo da acção social. A par do livro de poesias que nos confia talvez os momentos afflictivos da alma que esvoaça sobre abysmos de dôr infinita, vê-se a concepção mas vasta e complexa do romance que se inspira da sociedade e a retrata: junto do drama que surprehende a vida na sua acção intima, vem agrupar-se a comedia, que ri o riso da satyra, porém da satyra jovial e polida, a qual traz comsigo a lição, sem disparar a setta hervada da personalidade. Mais longe, a investigação historica; o estudo archeologico; os modêlos de eloquencia; os ensaios da critica do seu empenho infatigavel de projectar clarões de luz por todas as veredas dos conhecimentos humanos; o tratado de philologia; as obras de proporções menos ambiciosas, mas de generoso e fecundo alcance que levam aos animos infantis as primeiras noções do saber: e por entre todas estas obras, fructo de muita vigilia, resultado que prova a seriedade e efficacia dos esforços da intelligencia, convergindo por longos rodeios e vias indirectas para um mesmo fim, apparecenos a novella ligeira, o folhetim de uma hora, o desafogo da critica picante, a polemica accesa nas indagações do orgulho, o pamphleto que vendica a rasão dos ultrajes da insufficiencia, lampejos rapidos da imaginação, fogos passageiros do espirito irritavel, desabafos do talento repellido, que, em seus esgares de chufa e tregeitos epigrammaticos, se confundem, intermeiam e entrelaçam com todas as outras composições de grave e colossal estatura, como os episodios truanescos dos quadros de Miguel Angelo, agrupando-se em engenhosas combinações com os seus personagens principaes, personificam muitas das satyras da vida na sua expressão mais condemnatoria e maligna.

E d'esta analyse momentanea, d'esta apreciação em globo resulta um trabalho, que só muitos mezes e sérias applicações de estudo poderiam conseguir. N'esta exposição de todas as obras, isto é, das mais notaveis, das que em si resumem os traços indicativos de uma vocação definida, ou que patenteam os fructos já sazonados de uma cultura bem dirigida, é que se póde perceber a direcção geral dos espiritos, as suas preoccupações, as influencias a que obedecem, e as leis de gosto que perfilham. N'um relance de olhos abrange-se o quanto avançámos, e para onde avançámos. E é debaixo d'este ponto de vista que esta resenha se torna proficua, pois é debaixo d'este ponto de vista que re-

sume, na indicação rapida das melhores producções dos nossos engenhos, um capitulo documentado do progresso da sociedade em que vivemos. A litteratura, e principalmente a litteratura dramatica, quando não retrata com exactidão o movimento positivo da sociedade, retrata o estado das imaginações; e, quer n'um quer n'outro caso, é sempre, mais ou menos, a expressão moral de um povo. É por isto que, alongando a vista pelo anno de 1858, deparâmos com um quadro lisongeiro de certo para os estimulos do nosso amor-proprio, por que n'elle vemos, já agrupados por entre os brincos da phantasia poetica, similhantes aos festões e rendados que enlacem os fustes de uma columnata corynthia, symbolo da força e esteio de construcção, tambem trabalhos solidos que podem já offerecer igualmente pontos de apoio e meios de equilibrio a futuras tentativas da nossa mocidade estudiosa.

Diga-se o que se disser; o anno findo é já para nós um legado valioso, por que todos podemos haver n'elle o nosso quinhão. E é de certo no movimento que ultimamente tem evidenciado a litteratura dramatica que melhor se conhece esta verdade. O drama historico, como mania da época, passou. Fallâmos do drama historico, obrigado a xácara, em que a castellã, mais esmerilhadora de antigualhas que o bibliographo Jacob, nos dava uma edição verbal dos archaismos do *Elucidario de Viterbo*, nas imprecações tremendas de um drama enluctado de tempestades. Hoje a direcção dos espiritos é outra. O talento dramatico conhece melhor as necessidades do theatro e a virtude do predominio. O estudo da actualidade, como meio indirecto de estudo do coração humano, fecundou a imaginação do escriptor, e enriqueceu-lhe e fortificou-lhe as faculdades de analyse. Os *Homens sérios*, drama festejado no theatro de D. Maria II, é um resultado d'esta elaboração de idéas. O titulo resume um thema moral dos mais difficeis de explanar na scena, conforme elle se dá na diversidade e multiplicidade dos seus typos, e accidentes da vida real. Debaixo d'este aspecto, a producção do sr. Biester restringe de certo o quadro a poucos traços, mas esses dados com verdade. Porém o que mais interessa ao publico, o que mais attrahe a sympathia dos corações generosos, é aquella victima resignada de um marido hypocrita e cruel. O fim da desditosa Amelia reduz um lance afflictivo, que deixa n'alma do espectador penosas recordações. Como a Margarida Gautier de Dumas filho, aquelle espirito desprende-se dos enganos do mundo, e vôa para espheras de perfeição infinita, como quando animou aquelle corpo que agora jaz inerte, sem-

pre voára tambem superior ás injustiças dos homens. A *Nobresa d'alma*, affectuoso quadro de vida intima, do mesmo auctor, é uma delicada composição em que sentimentos puros e generosos predispoem lances, em que o coração lucta com o caracter em nobre e magnanima lucta. Uma nuvem, ligeira nuvem de desconfiança, annuvia por momentos o céo de amor que respiram duas almas: Leonor tem ciumes de seu marido. Mas a nuvem passa; e o céo, restituido á antiga pureza de luz, torna a sorrir esperaranças, e essas esperanças convertem-se n'uma realidade. Luiz Bacellar, o generoso pintor, abraça sua esposa e o sympathico doutor, achando, n'uma, a mulher que faz justiça aos rasgos elevados do seu procedimento, e no outro, o amigo dedicado que lhe grangeia uma protecção valiosa para a sua carreira de artista.

Esta peça, representada pela primeira vez no anniversario da joven rainha, foi calorosamente applaudida. O publico na expansão de seus instinctos nobres, não deixou de perceber mais de uma allusão que se fazia a um alto personagem, a quem todos amam pelas qualidades eminentes do seu espirito illustrado e liberalidade de acções.

Depois d'isso veem duas comedias, ambas portuguezas de lei, ambas cunhadas pelo sêlo da tradição popular, que são as *Prophecias de Bandarra*, do auctor do *Gil Vicente*, e a *Pedra das Carapuças*, do sr. Cascaes. As *Prophecias de Bandarra* são obra posthuma e incompleta, mas ainda mesmo assim basta o traço de mestre do dialogo do sapateiro com o boticario, no primeiro acto, para proclamar os dotes de observação do grande escriptor, que nenhum, como elle, possuia o condão de fazer fallar o povo a sua linguagem.

A *Pedra das Carapuças* resume um estudo de época, a que dá vida uma das nossas lindas e poeticas tradições populares. Não sabemos por que, mas como que nos sentimos attrahidos para aquelles tempos ainda de tranquilla e festejada recordação, em que a phisionomia do velho Portugal transparecia mais desassombrada dos arrebiques estrangeiros em todos os typos da sua alta e baixa sociedade! Aquella morgada empertigada pelas suas altivezas de fidalguia; aquelle velho alferes de milicias do termo, ou *sem termo*, como lhe chamava o padre José Agostinho; aquelle boticario, chronica viva da terra e passatempo dos serões pela sua garrulice motejadora, todas estas figuras formam um quadro agradavel em que conhecemos feições nossas e avivamos sympathias.

E que mina inexhaurivel não ha ahi para os traços caracte-

risticos da nossa verdadeira comedia, da nossa comedia fina, trajada á portugueza! O sr. Cascaes já nos havia apresentado *Giraldo sem sabor ou a noite da Praça da Figueira*, e outros trabalhos do mesmo genero, que, aproveitados como exemplo, podem servir para fazer reviver a comedia nacional. Os seus serviços são grandes. Ninguem, como elle, inquire estes accidentes de localidade e procede á exhumação dos segredos que a mão do tempo tem ido sepultando, extinguindo assim os vestigios de eras que não vão longe, mas que o descuido, ou antes a ingratidão de todos nós deixa varrer da superficie da historia e da tradição como se um lapso de seculos e a estranheza de povos longinquos se houvessem erguido de permeio. Felizmente ha homens estudiosos, e desvellados pelas coisas da sua terra, como o sr. Cascaes, que vingam a indole do seu paiz d'estas injurias dos proprios filhos; e, quando os não houvesse, lá está a memoria do povo, essa historia viva que se transmitte de geração a geração como um culto da crença erguida na imaginação de todos, que continuaria a protestar, fundando n'essas usanças, superstições e lendas muitas das normas da sua existencia moral.

Não nos deve esquecer, como tentativa auspiciosa em que se desata a veia comica do pintor dos ridiculos da sociedade, a pequena comedia *Cezar ou João Fernandes*, que denuncia no seu auctor, o sr. Moraes, um mancebo do Porto, uma imaginação fertil para este genero de enredos faceis, cujo fim é aproveitar um incidente, um typo, ou um caracter para o fazer sobresahir nas combinações chistosas de alguns dialogos bem urdidos.

De um genero inteiramente diverso, a *Nobreza de amor* attrahe a consideração da platéa pela singeleza de uma fabula, que póde ser de todas as épocas, porque se inspira dos principios abstractos das grandes verdades moraes. Não é um enredo com as suas curiosidades e effeitos de entriga; nem uma lucta de caracteres, animando-se a idéa inicial do impulso reciproco da diversidade do vêr e sentir d'esses mesmos caracteres, é uma dissertação sobre o mais nobre dos sentimentos, sobre os deveres do amor desinteressado. E é por isto que o publico applaudiu, por que estes exemplos de elevada aspiração moral, embora não os singularisem todos os prestigios do movimento dramatico, sempre encontram peitos escolhidos onde accordem ecoos e deixem recordações.

Mas a obra dramatica do anno, aquella que grangeou muitas sympathias dentro e fóra do paiz, foi a *Caridade na Sombra*, do sr. Ernesto Biester. Bastava-lhe o intuito evangelico que ins-

pira o titulo, por que é um elevado e generoso intuito, para attrahir as sympathias de qualquer povo, como o nosso, cujo animo se inspire d'esta fecunda emanação da Divindade. Mas é que o drama não vive só da sublimidade d'esta inspiração moral; outros sentimentos, não menos ferverosos e dignos, dispõem um grupo de figuras em que palpita um puro e nobre coração. O sentimento evangelico illumina o quadro unicamente como uma frecha de luz que attravessasse as trevas das pequenas ambições do mundo; e é d'este contraposto de luz e sombras que nascem os assomos de comedia, que tanto concorreram para alterar, com agradavel variedade, a acção sentimental da peça. O typo pretencioso e ridiculo da baroneza e seu marido sáe bem ao pé dos semblantes graves de Francisco de Gouvêa, de Miguel Tavares e sua esposa. E é n'este sentido que a *Caridade na Sombra* assignala um periodo novo nas lucubrações do auctor. O drama intimo, que viva só das luctas do coração, ou dos vôos da alma que se compraza de procurar no desafogo infinito de suas aspirações as realidades do seu mundo ideal, ou produz a elegia ou a ode, elegia e ode personificadas nas sensações de dois ou tres personagens, mas sempre esforços de um lyrismo que devora pelas angustias de um peito ulcerado, ou desvaira pelo arrojo de uma phantasia delirante. Este genero modificou-o agora o sr. Biester, vendo a sociedade melhor e acceitando-a como ella se nos offerece nos seus contrastes, excentricidades e ridiculos. A historia da alma e da *bête*, de Xavier de Maistre, personificada seculos antes nos dois typos immortaes de Cervantes, apresenta um modêlo e um conselho, que pensador algum deve despresar. Existe n'ella o verdadeiro drama.

O anno de 58 fechou no theatro de D. Maria com o bonito drama, o *Arrependimento salva*, e com a comedia, *A fabula do leão e a pintura*. Este ultimo trabalho do sr. Antonio de Lacerda denuncia tambem, e de uma maneira victoriosa, uma modificação nas idéas e predilecções litterarias do escriptor. O auctor dos *Portuguezes na India* e da *Rainha e a aventureira*, isto é, do drama desenvolvido na altura da grande exaltação de sentimentos, passou de repente para os salões doirados e espirituosos da comedia da actualidade, da comedia satyrica, mas satyrica dentro dos limites impessoaes do epigramma que se perde no vago das generalidades, mas não sem haver colhido antes as gargalhadas da platéa. Verdade é que o sr. Lacerda já no seu drama, *Fazer Fortuna*, nos indicava esta transição: já alguns personagens, criticas picantes de varias figuras de época, ali nos appareciam, mostrando-nos com vantagem o que o auctor poderia, se ten-

tasse o genero. Tentou-o, e fez bem: *A fabula do leão e a pintura* deve convidal-o a proseguir.

No Gymnasio, o movimento litterario tambem se fez sentir. Este theatro tem aporfiado, e com louvaveis resultados, na selecção do seu repertorio; e com raras excepções, o pessoal da companhia acha-se constituido de modo que póde satisfazer estes bons desejos. Varias foram as peças que levaram o publico a admirar alguns dos actores de sua predilecção. O *Defensor da egreja*, drama sacro de grande espectaculo, do sr. Cesar de Lacerda, revela estudo. Mais de um lance se inspira dos *Martyres* de Chateaubriand; e Sebastião, se não é o Eudoro, na elevação epica do grande poema do escriptor francez, anima-se do mesmo fervor e puro affecto christão.

Seguem-se duas comedias, ou antes dois quadros; um notavel pela lição que do seu exemplo póde seguir-se para as classes laboriosas, outro rico de movimento comico, e ambos do sr. D. José d'Almada: *O Casamento singular* e a *Associação na familia* mostram duas phases do seu talento para a scena. A *Associação na familia* é um ensino á classe pobre: diz-lhe que da sua perseverança no trabalho e da associação de suas forças no puro e santo gremio da familia, nasce a abundancia dos bens da fortuna. Avaliando os intuitos e alcance d'este trabalho, já haviamos escripto, entre outras reflexões, o seguinte:

«O sr. D. José d'Almada é do povo pelo coração, e homem de «lettras pelos dotes do espirito. O pensamento que o inspira n'es-«tes seus ensaios, animado todo de um desejo fervoroso de pro-«gresso moral, illumina-se da verdadeiaa luz christã, tão resplan-«decente e vivificadora em todas as agruras da estrada da vida.

«N'este ponto, o auctor da *Prophecia* está bem longe dos es-«piritos facciosos, a quem o desejo de lisonjear o povo, e não «o cuidado do seu adiantamento moral, é a só inspiração que «os domina: inspiração que mal disfarça, com os artificios do «estylo, as vistas insidiosas do falso reformador ou do homem «de partido, que existe por detraz do romancista ou do drama-«turgo. O sr. D. José d'Almada, pelas tendencias do seu cara-«cter, pela escóla a que pertence e de que se tem mostrado sol-«dado audaz e perseverante, não tem ponto algum de intimi-«dade com esses talentos agitados por um esteril pensamento «democratico; pertence, pelo contrario, á raça sincera e franca, «mas ardente de desejos e tenaz nas suas idéas de reforma, dos «homens que, como Jeremias Golthelf, actualmente em Allema-«nha, desejam derramar o balsamo da consolação em muitas fe-«ridas profundas, que roem a vida e amortecem todas as nobres

«aspirações nas classes inferiores. Esta raça de escriptores popu-
«lares, de philosophos moralistas, em que figuram Hebel, Voss,
«Jung Stilling e Pestalozzi, e a que a poesia ingleza ajunta, co-
«mo um gracioso dominio, as figuras maliciosamente ingenuas
«de William Cowper, Thompson, Penrose, familia de phisiono-
«mias originaes de que Goldsmith traçou o ideal no seu bello
«e popularissimo romance *O Vigario de Wakefield;* esta raça, repe-
«timos, era bem que tivesse um adepto entre nós, e nenhum de
«certo melhor do que o auctor da *Associação na familia*, pelo
«amor desinteressado ao pobre povo, pelo estudo paciente dos
«seus bons e máus instinctos, pelo desejo de lhe ser util, pelo
«pensamento fecundo de o levar pelo caminho da religião e do
«trabalho a uma situação perduravel de felicidade, que trans-
«luz em todos os seus ensaios d'este genero.»

O *Abel e Caim* é a estrêa de um mancebo de engenho mas cujo titulo, que resume um profundo thema moral, a comprometteu até certo ponto. Como indemnisação para o publico do Gymnasio apparece o *Segredo de uma familia*, drama-comedia vasado nos moldes da escóla analytica, o qual estabeleceu lisonjeiros titulos de escriptor dramatico ao sr. Santos.

Varias producções de menos monta ha ainda que registar, como o *Caffé concerto*, *O juizo do mundo*, *Um dia de independencia*, *Homem das Cautellas*, distracções de alguns momentos, satyras de occasião, intervallos comicos, composições ligeiras, que são como os sainetes do theatro hespanhol, para desenfadar as platéas de composições mais sérias. Mas que não esqueça o bello remate do anno, o engraçado intervallo comico. *Os effeitos do vinho novo*, em que Taborda resume todas as faculdades surprehendentes do seu prodigioso talento de imitação. Os sectarios de Baccho, não do Baccho mythologico, mas do Baccho muito de nossos dias, a quem o *oidium tuckeri* invadiu os seus dominios, festejam o seu confrade com inveja e ufania; e aquelles que o não são, riem a bom rir da jocosidade do actor.

Ha ainda algumas producções, nos outros theatros, a que esta revista não póde deixar de lançar um reparo, no seu curso rapido. *Anjo Maria* é de certo a melhor obra do sr. Cesar de Vasconcellos: é um drama de uma acção simples, mas cujo dialogo prende a attenção do espectador pela singeleza de algumas scenas affectuosas. *No cerco de Badajoz*, do mesmo auctor, apparece um episodio da guerra peninsular, disposto com arte para estimular os brios patrioticos de uma platéa popular.

Mas façam praça e deixem passar a rainha da época, a maga de condão irresistivel, a Circe que reduz os espectadores á con-

dição de automatos boquiabertos; deixem passar a magica, a maligna tyranna dos espiritos, o salvaterio sonhado das emprezas em apuro de finanças, a cubiçada da pasmaceira da população ribatejana; deixem-na passar, que ella ahi vae precedida do genio tutellar das bagatellas, saltando-lhe em turbilhões doudejantes na frente e atraz os gnomos e sylphides dos seus esconjuros, que se estorcem em visualidades de effeito assombroso, procurando os geitos, os esgares, as tropelias, as transformações, as incriveis e inimaginaveis metamorphoses que só as Morganas, Armidas e Mesulinas todas do universo, tendo á sua frente o primeiro bruxo dos abysmos infernaes, poderão realisar, para ter suspensas, nas convulsões de uma permanente hilaridade, as platéas mais boçaes dos dominios da boa-fé.

E a magica não invadiu só as Variedades e Rua dos Condes, scenas climatericas de bruxedos e maleficios, onde nasceu e medrou o magico de Salerno e o diabo manipulou as suas melhores pilulas; este monstro, como a Sphinge, attrahiu todas as curiosidades e estendeu a sua fama a todos os povos. Novo Protêo, chamou-se *Principe Verde* na rua dos Condes, *Reino das Fadas* nas Variedades, e até attendeu contra a magestade da Biblia, indo furtar ao pobre rei Salomão o seu annel, só para obter entrada no Gymnasio!...

Vejam a que ousadias se não abalançou a temeraria!

O romance é o genero litterario que se identifica com o theatro por mais estreitas relações, por isso o vemos apparecer com o mesmo desenvolvimento e symptomas. Á frente dos nossos romancistas continua a figurar Camillo Castello-Branco, o talento vigoroso e fino de observação que reproduz do natural os accidentes da vida com o verdadeiro colorido de um grande pintor. Torna-se difficil fallar d'este escriptor em poucas linhas, e ainda mais do genero de inspiração de que elle é o orgão e muitas vezes o heroe. É realmente indispensavel que elle possua o sentimento da poesia, *cavilhado* á alma como diz Cuvillier-Fleury, fallando de Henri Heme, para resistir ás demonstrações de máu gosto de uma sociedade composta de individuos abençoados de uma estupida fortuna. E Camillo Castello Branco não deixa por isso de ser o poeta, a imaginação viva e prompta, mas torna-se o satyrico. Das tendencias do seu espirito em conflicto com as contrariedades burlescas que uma sociedade multiforme e absurda lhe põe em frente, nasce a lucta de idéas que accende os seus melhores epigrammas. Em cada quadro que sáe de suas mãos ha de certo muita dor compadecida, muita resignação nobremente exaltada; mas, no auge de indignação do seu animo

irritado pelas ostentações dos orgulhos ineptos que a ironia do acaso improvisára, o escalpello de Rabelais acode a aguçar a penna do romancista, e o romancista acaba por trocar a penna pelo escalpello e por dissecar as carnes do primeiro parvo ou egoista que se lhe apresenta. Mas com que graça, com que rodeios tão frisantes e originaes, com que certeza e promptidão de golpe, com que gargalhada estridente e ferina, elle não amarrota essas vaidades, atirando-lhes ás faces as zombarias de uma satyra implacavel!

Ás vezes a observação das chagas pustulentas da corrupção que por ahi passeia de commenda ao peito, torna-o um d'esses pintores nimiamente escrupulosos, que fazem consistir os prodigios do seu pincel na reproducção quasi microscopica das minucias da realidade. Mas os vôos da sua phantasia, pela força virtual que os impelle, erguem-no logo d'estes lodaçaes; e ainda mesmo tocando a terra com as suas sandalias, percebe-se que o talento lhe nascêra para ostentar-se na região das brilhantes ficções.

Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes.

Não é facil dizer o porquê, mas o seu livro *Duas horas de leitura* é um dos livros que mais profundas impressões nos deixaram. Não é um romance, são as angustias de duas ou tres almas desditosas, contadas com a memoria da saudade que dilacera, e a effusão de sensações profundas. O coração e a phantasia reinaram sós e despoticas n'estas paginas: as faculdades do philosopho e do estylista obedeceram-lhes cégamente. Que melancolica poesia não ha n'aquelles amores de Paulo e Mathilde! Aquella capellinha, que alveja ao sopé da egreja de Lessa, passa e repassa na imaginação, como o alvo fantasma de uma mulher que amassemos com extremoso affecto. E que tristeza não respira todo aquelle conto *Sete de junho*, em que o auctor narra a fatidica e mysteriosa morte de um seu amigo! Mesmo a *Recordação indelevel*, que não passa de um delirio de poeta, como os imaginava Hoffmann, tem um inexplicavel attractivo de saudade e poesia. Ha o que quer que é de vago, de indeciso e phantastico em toda aquella narrativa, aliás tão singela e magoada. A recordação de Maria do Adro esvoaça-nos diante dos olhos, como uma borboleta branca de neve que a brisa da noite nos traga em ondulações tepidas. O esqueleto da pobre rapariga como que nos apparece. Aquella caveira de alvura de jaspe, sustendo ainda os dentes que conservam o verniz de esmalte; as phalanges d'aquellas mãos, que o auctor *beijava e que*

não tem a mais ligeira mancha; aquella symetrica inserção das costellas que faz lembrar a cupula de uma urna, onde um anjo do céo foi buscar um coração que não era da terra, tudo isto resume a expressão singela de uma melancolia, que só o coração do poeta sabe sentir, quando geme inspirado pelo genio das tristezas infinitas.

Camillo Castello-Branco publicou tambem no anno passado mais dois livros: a *Vingança* e o *Que fazem mulheres*. A primeira impressão do titulo d'esta ultima obra suscita a idéa de uma physiologia como a *Physologie du mariage* de Balzac, em que a sagacidade analytica do auctor e as maravilhosas faculdades do seu estylo descriptivo, se poderiam ostentar com vantagem para a demonstração de uma similhante these; mas essa impressão passa logo, vendo o assumpto reduzido ao quadro restricto de um amor contrariado, em que o sentimento filial se exalta pela prova do maior heroismo de que é capaz a mulher, pela resignação, e pela resignação em todas as terriveis consequencias do pudor ultrajado da filha e da esposa em favor de uma mãe adultera.

A *Vingança* será uma ficção ou uma realidade? É melhor não o saber. Deixemos antes suppor que a imaginação do romancista se compraz de crear d'estas monstruosidades, que enchem de opprobrio a sociedade moderna, do que as julguemos capazes de realisação. Mas em todo o caso, que negra sorte a de Constantino d'Abreu e Lima, tornado depois barão da Penha! São taes factos na infancia da vida que explicam depois a demorada agonia do pungir acerbo do remorso.

Ainda mais um livro de malaventurado desfecho, a *Vida em Lisboa*, do sr. Julio Cezar Machado. Custa a crer como aos vinte annos, com a imaginação a florir, possuindo-se um genio que desafoga tão facilmente nos chistes de uma conversação deleitavel, se escrevam coisas tão luctuosas! O final da *Vida em Lisboa* é quasi um final de novella allemã. O leitor, engodado pelo titulo, julga ter de assistir a uma d'essas exposições physiologicas em que o escalpello do analysta vae marcando de golpes profundos as physionomias que encontra. E effectivamente, Lisboa nos seus accidentes mais caracteristicos, e no seu viver mais generico, ahi apparece, como um quadro cheio de contrastes, onde brotam e rebustecem os amores de dois jovens com quem desde logo se sympathisa. Mas depois? Depois o leitor paga caro a sua curiosidade de simples *tourista*, porque os trances angustiosos de uma paixão contrariada começam a seguir-se, e a impressão é mais pungente vendo-se a mão da morte cingir a co-

rôa do sepulchro áquelles amores, que as nossas esperanças acreditavam tão risonhos, mesmo atravez dos infortunios de uma sorte desgraçada.

O estylo é tudo n'este livro, não pelo que é, mas pelo que promette ainda ser. Ha uma combinação de sensibilidade e de fogo de phantasia em todas aquellas paginas, que só é propria dos segredos do estylo feminino. Nota-se sobretudo uma tendencia para o genero epistolar, o que mais caracterisa esta observação. Ha o sentir fino e delicado, e a fluencia elegante que parecem facilitar a manifestação abundante d'estes dotes. Já lá vae o tempo das novellas de mads. Genlis e Cottin, mas talvez os modêlos que ellas não deixaram nas cartas da sua *Amelia de Mansfield* e dos *Serões do Castello*, impressionando o auctor na sua infancia, contribuissem de certo para lhe aprimorar um genero, que não é commum á indole litteraria da nossa nação.

A *Mulher do seculo* é outro romance de um mancebo que auspiciosamente encetára a carreira litteraria, o sr. Marques Pereira. Mas por Deus, que é das suaves chymeras, dos sonhos fascinadores da mocidade, que esvoaçam como turbilhões de borboletas, cujas azas reflictam as côres de um matiz realçado por mil focos de luz?! Esse paraiso das imaginações juvenís seria já de todo despovoado pelo taciturno e fatidico archanjo dos desenganos? Os sorrisos da vida, o sôpro embalsamado da ventura, não serão agora senão trevas, apenas fendidas pela luz sanguinea dos relampagos das tormentas da sociedade? Cremos que sim: pelo menos os seus prophetas e analystas, os homens de letras, assim nol-o affirmam. A *Mulher do seculo* é um d'estes tristes documentos de uma alma de mancebo que sente emmurchecer as flores do ideal para acordar anatomista do coração feminino. Mas a critica tem direito a não acreditar n'estes scepticos que, ainda nos primeiros passos da vida, se sentam já á beira dos abysmos das torpitudes humanas a contemplar os seus estragos. Devia talvez dizer-lhes o verso de Victor Hugo:

Allez vous en avec vos fleurs toutes fanées,

mas não: a phantasia tem caprichos que uma alma de mancebo não sabe reprimir. E quando esses caprichos são ostentados em auspiciosas qualidades de escriptor, a critica emmudece e espera, porque os annos, a reflexão e o tempo operam o que ella não poderia conseguir.

Entremos agora mais desassombrados nos dominios da poesia.

O seu horisonte limpido e banhado de luz, deixa respirar largo e embriaga os sentidos. Os aspectos da vida real, como nol-os ía apresentando o romance, traziam-nos nuvens luctuosas ao espirito.

O anno findo conta tres livros de poesia, todos de valia, todos desejados pela curiosidade publica. Parte dos *Canticos* do sr. Mendes Leal já o amador das letras conhecia; mas agora colhidos e agrupados sob o titulo emblematico de lyra, harpa e alaude, reunem, n'um conjuncto de raptos brilhantes de phantasia, de suaves modulações inspiradas sobre a cythara antiga, de endeixas que o genio da poesia moderna inspirára nas horas de desillusão, as tres manifestações mais distinctas do talento lyrico do auctor. Ha muito primor de fórma n'este livro. E n'este tempo, em que as leis e segredos do machinismo poetico são tão pouco respeitados, um livro d'estes é de certo uma riqueza litteraria.

O sr. Francisco Gomes de Amorim tambem reuniu n'um bello volume os seus versos dispersos por tantos periodicos e publicações, a que acrescentou outros novos, pondo a todos o titulo de *Cantos Matutinos*. Esta alvorada do sentimento poetico desponta para o mimoso cantor com todas as suas suaves bafagens, com todos os vivos e prismaticos reflexos de um esplendido sorriso da natureza. Gomes de Amorim é principalmente um poeta do coração: sente mais do que delira, n'esses delirios embora accessos pelo fogo sagrado da inspiração. Em geral, as suas poesias maritimas são as que se recommendam sobretudo pelo vigor do estylo, animado por vezes de bellos pensamentos.

Mas por que motivo o mancebo poeta, que é nosso por uma adopção que nos enche de orgulho, e brazileiro por aquelle sentimento nostalgiaco que não deixa jámais de martyrisar os peitos abertos aos grandes affectos, porque motivo não se inspirou elle das altivas e vigorosas scenas da America, cujos aspectos e maravilhas de vegetação levam os germens da poesia a toda a imaginação viva e impressionavel? Infelizmente este repara não cabe só ao sr. Gomes de Amorim, cabe a todos os vates brazileiros, com raras excepções.

Deixem, porém, annnnciar-lhes a segunda edição de um livro, que é como novo pelas excellentes producções de que foi accrescido, e pela anciedade com que era desejado. Fallamos das *Poesias* do sr. Soares de Passos, um dos mais maviosos talentos portuenses. Soares de Passos pertence á familia de creaturas escolhidas, de espiritos de predilecção, que, no meio de um materialismo invasor e das tumidas provas de uma indifferença calculada, conservam no coração e no pensamento, como refugia-

dos n'um vaso symbolico de mystico perfume, a pureza do sentimento religioso e o amor ás coisas da patria. É um elegante e amavel theosopho feito para amar, para crer e orar. As impressões e inspirações de Lamartine agitam-lhe o peito e accendem-lhe o estro. O gosto das meditações solitarias, os extasis da alma ante as magestades da creação, os raptos enthusiasticos pelas tradições gloriosas da nossa historia, eis os mysterios e os fogos que ardem e se refugiam no seu ser poetico. Uma lyra, alumiada por uma lampada do sanctuario, poderia ser o emblema do seu talento: o hymno exaltado pela uncção religiosa.

Quizeramos aqui reproduzir algumas das suas bellas paginas ou estrophes; e que paginas aindas frementes das sacrosantas convulsões do estro, e que estrophes segredadas nas horas em que o genio da poesia parece encerrar-se todo no peito de seus predilectos! Mas a natureza d'este trabalho não o permitte. É-nos apenas dado lançar um olhar de admiração ao seu livro, e saudarmos o mancebo trovador na sua passagem gloriosa. As poesias *A Patria*, *Camões*, *O Anjo da humanidade*, *Anelos* e o *Firmamento* bastam para fazer uma reputação. Esta ultima é digna de figurar na collecção das *Meditações* de Lamartine. O estylo, de uma belleza de fórma admiravel, é elevado á verdadeira altura da philosophia espiritualista pelas inspirações grandiosas do poder da Omnipotencia. O leitor está-nos pedindo que trasledemos ao menos algumas estrophes d'esta concepção notavel, e nós não podemos resistir. Alludindo ao fim predestinado da terra, Soares de Passos conclue:

Um dia, quem o sabe? um dia ao pezo
Dos annos e ruinas,
Tu cahirás n'esse volcão acceso
Que teu sol denominas;
E teus irmãos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos emfim, quaes borboletas,
Cahirão, como tu, na mesma chamma.

Então, ó sol, então esse aureo throno,
Que farás tu ainda,
Monarcha solitario e em abandono,
Com tua gloria finda?
Tu findarás tambem; a fria morte
Alcançará teu caro chammejante:
Ella te segue, e prophetisa a sorte
N'essas manchas que toldam teu semblante.

Que são ellas! talvez os restos frios
D'algum antigo mundo,
Que ainda referve em borbotões sombrios
No teu seio profundo.
Talvez envolta pouco a pouco a frente
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
Debaixo d'elles todos de repente
Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras poisarão no vasto imperio
Que teu facho allumia:
Mas que valle de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia?
Outro sol como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando nos sitios onde imperas
Do sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditado
Outro céo mais perfeito,
O céo d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do Universo.

Então a vida refluindo ao seio
Do foco soberano,
Parará concertando-se no meio
D'esse infinito oceano;
E acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade,
O silencio aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

Que magestade de pensamentos! O leitor parece assistir a toda esta scena solemne em que os mysterios dos orbes creados absorvem as mais arrojadas reflexões do philosopho. Se fosse possivel assignalar ao verdadeiro poeta as horas naturaes da inspiração e do canto, como se dá na ordem da creação com certas aves harmoniosas, dir-se-hia que Soares de Passos presente as horas bafejadas de calor divino, e canta só n'esses dias esplendidos em que as maravilhas da natureza, mergulhadas em ondas de luz, apregoam os attributos da divindade em canticos de harmonia universal.

(Conclue no proximo numero).

ANDRADE FERREIRA.

O PAVILHÃO NEGRO.

A PORTUGAL E AOS PORTUGUEZES

Vaamente os olhos buscam aquella nobre
Aquella só real mostra em verdade,
Que escurissima nuvem nol-a encobre.
SÁ DE MIRANDA

I

Lá vem as naus da França! — Magestosa
Cada qual traz no tope a gloriosa
Bandeira das tres côres!
As mesmas são, que outr'ora, entre os ardôres
Da batalha que deu a gran-cidade,
Raiaram, augurando maravilhas,
Nas rendidas ameias das bastilhas
Como um íris no céo da liberdade!

As mesmas são que o mundo em alto brado
Saudou c'roando o ambito inflammado,
Em que um seculo novo
Dos povos desherdados fez um povo;
Quando, nos ais das convulsões supremas,
As indefezas turbas metralhadas,
Apertando as fileiras mutiladas.
Armas iam forjando das algemas!

As mesmas são que os déspotas da terra
Chamando a repto audaz diziam: «Guerra!
Surgi, nações escravas!»
E o espirito dos livres, como as lavas
Em borbotões golphando das cratéras,
Irrompia, abrazava, e em toda a parte
Apontava no intrépido estandarte
O signal redemptor das novas éras!

Das portas de Parthénope ás de Roma,
Mal dos Alpes aos pincaros assoma
O lábaro surgente,
Saccode a Italia os pulsos; e fremente
Solta um brado d'esforço temerario,
Que vae estremecer na terra fria
A geração robusta, que dormia
Em torno ao velho tumulo de Mario.

O mesmo pendão é que além dos mares,
Metéoro fugaz, fulgue nos ares
De Malta a Alexandria;
Ás pyramides galga; e, apoz um dia,
Dos Pharaós nos mausoleos abertos.
Que por haste lhe dão quatro mil annos,
Ao vasto Oriente acêna, e os seus tyrannos
Desafia da órla dos desertos.

As mesmas côres são, e são amigas!
Se não bastassem relações antigas,
Disse-o voz que não mente;
Que não póde mentir; porque o potente
Se dissimula mais affronta o pejo.
Esse emblema que diz? Fraternidade.
É de França, ha-de ser da humanidade.
Bem vindo pois.—Salve, torres do Tejo!

II

Salvae, torres, essa gloria
De tantas glorias herdeira!
Guarda a tricolor bandeira
Dos lyzes pura a memoria

Nos braços da mesma fama;
E os velhos falcoens do Gama
Podem, sem zêlos, saudar,
Compassados trovejando,
O pavilhão venerando
De Duquêsne e de Jean Bart!

Salvae! — Tambem nós contâmos
Nobres datas celebradas,
E ás nossas palmas passadas
Recentes louros juntâmos.
Roto, mas não abatido,
Mostrar podemos erguido
O pendão, que ondea aos céos
Estrelado da metralha...
E nos fustes da batalha
De Talavera os torphéos!

O mesmo facho allumia
Da chamma da heroicidade
Tanto a joven liberdade
Como a velha monarchia.
Aqui sam gémeas. Preclaros
Dos laureis de Montes-Claros
Brotam do Porto os laureis:
Esgotou a mão da historia
As joias da nossa gloria
Na cr'oa dos nossos reis.

O sangue ardente e guerreiro
Não desdiz dos seus passados
Nos impávidos soldados
Do Bussaco e do Vimeiro!
Salvae, torres! E, se acaso
No parapeito já raso
O tempo os bronzes fundiu,
Assestae em taes apuros
No resto dos vossos muros
As colubrinas de Diu.

Achal-as-hão enterradas
N'algum recanto sombrio,
Onde, co'o raio já frio,

Jazem na inercia ignoradas.
Nos rudes braços valentes
Ham-dc trazel-as contentes
D'esses vãos dos arsenaes
Nossos bravos mareantes:
Elles sabem como d'antes
As manobravam seus paes!

Ao arrogante estampido
Das possantes caronadas
Pelas boccas inflammadas
Responda o immortal ruido
De tres seculos de gloria!
Gravada tem a victoria
Os decrépitos canhões
Que, ovantes de praia em praia,
Renderam Goa e Cambaya...
E a que deu fogo Camões!

III

Salva, Belem, sentinella
Solitariá do Rostello,
Padrão glorioso e bello
Da nossa edade mais bella.
D'essas rendadas ameias
Espreitas as vellas cheias
Dos galeons d'além mar?
Não, que o teu vulto guerreiro
Ficou só. Mas o estrangeiro
Ha-de inclinar-se ao passar!

Ergueu-te ahi, monumento,
O braço que o ignoto Oriente
Deu ao mundo de presente
Co'o sangue que é teu cimento.
Para que a data ficasse
Esculpiu-te sobre a face
O rijo ferro de Ormuz,—
Brasão que inda assombra as eras.—
As quintas sobre as espheras,
E por cima... só a cruz!

Antes que as armas perfilles
Ao Franko, diz, que mysterio
Te abriu de Alexandre o imperio
Ganho co'as armas de Achilles;
Como viste ante as armadas
Cem nações ajoelhadas
Ao portuguez pavilhão,
Quando ia, as ondas fendendo,
Povos e mares varrendo
Do Zaire além de Ceylão.

Brada-lhe mais: «Vinte frotas
«Impelli com fim diverso
«Sobre os confins do Universo
«Traçando novas derrotas.
«Quando voltavam cad'anno
«Vinham dos feudos do oceano, —
«Mais ricos de cada vez, —
«Vergando os baixeis profundos;
«E armas e dons de dois mundos
«Trazia o mar a meus pés.

«Os meus nautas, pondo os lares
«No convez das caravellas
«Cruzavam, rindo, as procellas
«Quer dos homens, quer dos mares.
«D'essa illustre e forte raça
«Conto o destino a quem passa.
«Vedeta de um povo rei,
«Eu sou a torre princeza:
«Excedi Tyro e Veneza,
«Carthago e Roma igualei.

«Hoje, pallida memoria,
«Com o gesto de um proscripto,
«Cinjo aos hombros de granito
«O manto da minha gloria;
«Resta-me só, é verdade,
«Esta herança e a da saudade;
«Mas, na fronte marcial,
«D'outros tempos pregoeira,
«Conservo a livre bandeira
«Como uma flor virginal.

«Os fortes vês da cidade
«Fendidos té ás raizes?
«Sam da guerra as cicatrizes,
«Não sam as rugas da edade.
«Não os assusta a violencia:
«Podem pela independencia
«Rebentar como um vulcão;
«Podem, bem que esmantelados,
«Desabar como animados
«Sobre o oppressor e a oppressão!

«E se algum estranho ousára
«Pôr a mão, — desventurado! —
«N'esta do heroico legado
«Joia unica e mais rara,
«Veria abrirem-se, penso,
«Como as de um sepulchro immenso,
«Estas pedras; e depois
«Surgirem d'ellas, terriveis
«E como outr'ora invenciveis,
«As sombras dos meus heroes.»

Basta. Salva! Está na aurora...
Talvez... ess'astro esplendente:
O teu está no occidente.
Eia, salva! Seja embora
A tua salva um lamento,
Como os geme triste o vento
Com grave e sinistra voz
Ao passar pela armadura,
Onde como que murmura
A alma afflicta dos avós!

Salva pois! Teus artilheiros
Com fraternos alaridos,
Das canhoeiras pendidos,
Saúdem os marinheiros
Em voz alta e clamorosa.
Passa a França generosa,
Passa a França nossa irman!
Honra ao brilhante estandarte
De Condé ou Bonaparte,
De Rocroy ou Wagram!

IV

Porém que vejo! Presumo
Que me illudiu a esperança
Não sam as côres da França;
Negro é esse pavilhão!
Negro, — não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos, —
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

Será sina tenebrosa
Que voando a águia, ferida
No pundonor ou na vida,
Venha cahir sempre aqui?
O negro, côr luctuosa,
É dos mortos atributo...
Pois se a França está de lucto,
Está de lucto por si!

Acaso a ameaça negreja
Como a tempestade e a noite?
Ha poder que ainda se afoite
Contra a razão contra a lei?
Haverá... Deus o proteja!
Estam co'o fraco a verdade,
A justiça, a liberdade,
Os seus fóros e o seu rei.

França, d'antes se querias,
Da paz quebrando os enlaces,
Atirar a luva ás faces
Do fero leopardo inglez,
Altiva as armas vestias,
Empunhavas forte a espada,
Não trajavas demudada
Os signaes da viuvez.

Sem piedade te lançaram
Esse crépe funerario
Como um lúgrebe sudario

Sobre os inclitos brazões.
Das gallas te despojaram
Da tua gloria! — O futuro
Ha-de chorar que de escuro
Marche a França entre as nações.

Ess'aguia, tornada abutre,
Para vergonhoso ensaio,
Traz na garra em vez do raio,
As gargalheiras servís.
Anciando o espolio que a nutre
Os ares tortuosa corta,
Paira, e espreita a preza morta...
Não é esta a d'Austerlitz!

Seguia aquella outro rumo,
Que hoje a vista mal alcança:
Est'aguia não é da França
Negro é este pavilhão.
Negro, — não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos, —
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

V

Cegou-te, ó musa, a luz do enthusiasmo
Reflectindo-te um prisma enganador!
O mundo sobreposta vê com pasmo
Ás côres triumphaes a triste côr!

Mas não baixes a fronte, consternada
Por ter saudado esse pendão fatal,
Por vêr nas mãos a lyra em vez da espada,
Do teu nobre e indomado Portugal.

O estrangeiro levou-te um pouco de ouro,
Premio heroico dos negros feitos seus;
A ti ficou-te a honra: esse thesouro
Basta á patria e á virtude... e conta-o Déus!

Musa, alegra-te, musa qual me alegro.
O braço ameaçador estende a mão!
Lá váe o negro preço... e o baixel negro...
E sobre elles o negro pavilhão!

Janeiro—1859.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL JUNIOR.

A IDA PARA O TRABALHO.

De certo conhecem a *Volta do trabalho*, singela e poetica composição, brilhante de colorido e luz, com que o sr. Annunciação denunciou uma nova época no seu talento de paizagista? N'esse formoso quadro ha já o sentimento campestre que se revela na interpretação da vida dos campos, a qual só inspira e fecunda o estudo da natureza. Pois a *Ida para o trabalho* é o *pendant* d'essa outra paizagem em que o artista manifestou os seus altos dotes de observador.

Por um capricho de fantasia, que só o explicará quem adevinhar os segredos do talento e as predilecções da imaginação, o sr. Annunciação principiou por onde devia acabar: fez primeiro a *Volta do trabalho* e depois a *Ida*. Mas que importa? Se completou este episodio da existencia campestre! E nem por vir fóra da sua ordem, se ordem ha nas concepções que vivem do impulso interior que impelle o pincel do artista mais para uns que para outros aspectos da natureza, a *Ida para o trabalho* deixa de ser um quadro que se inspira do mesmo sentimento, da mesma verdade que anima e caracterisa aquelle que o precedeu. Pertencem um e outro ao mesmo genero, e animam-se de um sentimento identico.

A composição d'este ultimo é de extrema simplicidade. Um cazalinho, como os ha aos cardumes nos arredores de Lisboa, ou encravados na branda sombra dos valles, ou dependurando-se na encosta das serras, vê-se a um lado, tomando quasi o fundo do quadro. Vem despontando a manhã. Um tom suave e humido, rescendendo os aro-



Annunciação Pint. e Grav. Silencio Estampou.

A IDA PARA O TRABALHO.

mas da madrugada, frouxo cambiante em que a luz parece dar aos objectos os reflexos ainda prismaticos e duvidosos que os primeiros raios do sol produzem quando tocam os montes e os arbustos aljofrados pelo orvalho da madrugada, inunda todo o quadro, fazendo que se sinta a frescura, agradavel e reanimadora, que nos trazem os primeiros assomos da alvorada em brandas e perfumadas aragens. Da arribana já sahiram os bois, que um camponez vae mettendo no carro, e que parte para os trabalhos do campo. Proximo, a dona do cazal madruga tambem com o seu companheiro, encetando a lida do dia por dar de comer á creação, formoso rebanho de gallinhas e patos que cacarejam e pipillam, correndo em tropel sobre os punhados de milho que a boa da mulher lhe arremessa, gostando de os ver correr, saltinhando soffregos e espicaçando-se na disputa de um ou outro grão disperso.

Tudo isto é simples e singelo, mas tudo é natural. Assiste-se a uma d'estas scenas da vida campestre, que tanto encantam pela simplicidade. E como a arte intervem nas combinações da composição, sem que tolha o desenvolvimento e expressão de naturalidade que caracterisam essencialmente este bonito quadro! As linhas horisontaes do carro estão completamente contrastadas pelo boi mettido n'um perfeito escorso, e em tudo isto o effeito de perspectiva é realçado pelo soberbo toque de um pincel verdadeiro e oppulento de tons. E que correcção e belleza de contorno, que expressão e vida não tem aquelle grupo que mal se desenha no vago do horisonte, quebrando-lhe tambem a monotonia das linhas uniformes! Parece que as roupas lhe fluctuam ao sabôr do vento, e que em breve veremos sumir de todo aquellas figurinhas, que já nos escapam á vista.

E é n'estes grupos longinquos que o sr. Annunciação se mostra sem rival. Apresenta apenas a indicação dos traços configurativos, mas com que propriedade de contorno, com que franqueza de toques de um pincel firme e conhecedor de todos os segredos da perspectiva aerea!

Estas bellezas de detalhe e engenhosas combinações na disposição geral do quadro, que resumem um dos seus mais notaveis meritos, escapam na estampa, porque o genero de trabalho que a produziu, dá unicamente a idéa ligeira e incompleta da formusura da composição que serviu á copia. Mas ainda assim, a estampa é um bello trabalho a agua-forte, no qual a firmeza de traço, que procura só o effeito geral na justeza dos contornos e na disposição das massas de claro-escuro, apresenta idéa aproximada do estylo natural e largo, que distingue essencialmente a ultima phase do talento do sr. Annunciação.

ANDRADE FERREIRA.

A BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA

PROVERBIO [1]

Personagens.

A CONDESSA.
O VISCONDE.
A MARQUEZA.

A scena é n'uma sala contigua ás salas do baile.

SCENA I.

A CONDESSA *e depois* O VISCONDE.

CONDESSA — (*Para um criado*). Avisem os meus criados.

VISCONDE — (*A outro criado*). Mandem chegar a minha carroagem. (*dando de face com a condessa*). Que milagre é este, condessa? Deixa tão cedo o baile?

CONDESSA — Estava aborrecida!

VISCONDE — Que diriam os seus adoradores se ouvissem um dito tão pouco amavel!

CONDESSA — Sou franca: é talvez por causa d'elles que me retiro tão depressa.

VISCONDE — Felizmente isso não se póde entender comigo; ainda hoje não disse a menor fineza a v. ex.ª

CONDESSA. — E como é, visconde, que tendo a reputação de ser um incansavel dançador, abandona o baile, quando começam as valsas vertiginosas, as polkas doudejantes, e se podem livremente communicar esses segredinhos mysteriosos, que se murmuram debaixo do leque? Não parece realmente o mesmo!

[1] Este proverbio foi escripto pelo auctor originalmente em francez, e representado no anno de 1853, no theatro de D. Fernando, pela companhia franceza que estava em Lisboa n'esse anno.

VISCONDE. — Olhe, condessa, deixei-me de valsas: começo a engordar.

CONDESSA — *(Pondo-lhe a mão no braço)*. Como ás vezes as mulheres se enganam! Parecia-me ter visto uma menina elegante e formosa, cujo nome não ignora é de crer, perseguindo com ternos olhares um barão de contrabando e talvez feito pelo contrabando, cuja fortuna deslumbra todas as mães que teem filhas para casar.

VISCONDE — Peço-lhe que não seja maliciosa, condessa. Acredite, o meu coração envelheceu mais depressa do que a minha pessoa. Disse um adeus sincero ás encantadas illusões do amor... Já fiz trinta annos.

CONDESSA — Não creio que essa seja a idade do patriarcha Mathusalem. Mas não se fie em enganosas apparencias: o coração, ás vezes, é como aquella serpente Boa, de que fallam os livros da Historia Natural, parece estar morto, e apenas existe em profundo lethargo: e quando accorda, tenta com novo ardor saciar a fome que o devora.

VISCONDE — A analogia é realmente digna do seu engenho, condessa; e por isso animo-me a fazer-lhe uma pergunta...

CONDESSA — Responderei, se podér.

VISCONDE — Porque é que olhava com olhos tão severos para aquelle pobre diplomatico sueco, que valsa com tanta ligeireza e elegancia? Erraria o bom do homem o compasso? Cá por mim não o acredito: os seus talentos na dança habilital-o-iam a casar com a propria musa Terpsichore.

CONDESSA — Sinto não poder retribuir-lhe o elogio que ainda ha pouco me fez. As suas conjecturas são de todo inverosimeis. Nunca me veio á cabeça o querer penetrar os segredos das côrtes européas, e embora digam por ahi que é homem de espirito, sempre o achei indigesto como um protocollo.

VISCONDE — Pois vai n'isso contra a opinião geral. A historia d'aquella vida aventurosa é um conto das mil e uma noites. Affirma-se que merecêra o amor de um cem numero de princezas russas.

CONDESSA — Nunca acreditei em boatos.

VISCONDE — Pois elles parecem justificados, com o que aconteceu depois. Durante todo o inverno, no theatro italiano, o seu oculo estava constantemente dirigido para o camarote de v. ex.ª; e affirma-se que havia outro oculo, que lhe correspondia, com não menor assiduidade,

CONDESSA — E que tem isso? Porventura os oculos tem lingua? Auxiliam a vista: é o seu officio.

VISCONDE — O oculo a que alludo era certamente um oculo feliz.

CONDESSA — Mudemos de assumpto, visconde. A setta que despediu deu em falso.

VISCONDE — Olhe, condessa, apesar do seu espirito, mostra-se sempre mulher.

CONDESSA — O sexo que os senhores denominam bello por excellencia, que lh'o agradeça.

VISCONDE — Mas como acceitou o que lhe disse de boa feição... Confessar-lhe-hei que me retirei do baile, por extremo ressentido...

CONDESSA — Então adivinhei? A donzella dos olhos negros, preferiu a materia ao espirito.

VISCONDE — Assim o creio.

CONDESSA — Seguiu as crenças do seu seculo.

VISCONDE — É o que me admira, n'aquella idade! Os amores d'esta época degeneram; outr'ora, a luva, a camelia, o laço de fita que adornára por um só instante a escolhida do nosso coração, não eram trocados por todos os milhões d'este mundo.

CONDESSA — Meu caro, a arithmetica e a economia politica invadiram tudo! E cada qual, segundo diz o proverbio popular, faz pela vida — *(assentam-se)*.

VISCONDE — Assim é: a condessa falla exactamente como um livro... de rasão: os sonhos poeticos não se combinam com as letras de cambio, que de continuo nos perseguem!

CONDESSA — Os judeus, depois de tantas luctas, triumpharam a final: ninguem consegue escapar-lhes, e crucificam o mais honrado christão-velho entre os dois prasos de vencimento, como ha mais de mil e oitocentos annos crucificaram o Justo entre dois ladrões.

VISCONDE — Nem eu sei agora, porque me agradei d'essa mulher. É por acaso formosa? Nem talvez seja interessante. Possue talento? Não tive tempo de lh'o apreciar. Nunca lhe reparei senão nos dentes, que eram de uma deslumbrante alvura.

CONDESSA. — Não neguemos as nossas fragilidades. O visconde sympathisou com essa menina; o diplomata talvez me não fosse indifferente. Eu hei de ter talvez dois dias de enxaqueca... nervosa. O visconde fará alguma elegia plangente, que porá termo á sua magoa. Depois não faltarão consolações: ficarei no baile até ao primeiro *cotillon*, e o visconde terá o cuidado de emmagrecer, para figurar com gloria em todas as contradanças e valsas.

VISCONDE — É julgar as coisas como uma mulher superior.

CONDESSA — Como quem não sente os annos passarem debalde.

VISCONDE — Os annos, condessa? — diga-me, que idade tem?

CONDESSA — Quem lhe ensinou a fazer taes perguntas? N'um baile, ao clarão dos lustres, não passo de vinte annos: de dia as outras mulheres é que lh'o podem dizer.

VISCONDE — A formosura e elegancia, e tão raros dotes de intelligencia e de coração hão de dar á condessa uma eterna mocidade!

CONDESSA — Ah! meu amigo, as suas finezas não podem encontrar ecco: volto de um paiz frio; a minha alma ficou quasi gelada.

VISCONDE — E porque as fez viajar para as regiões do norte? O amor desponta na primavera, com os harmoniosos murmurios da brisa e do regato, com o canto das aves que saudam o esplendido alvorecer da manhã, com o perfume embalsamado das larangeiras em flor. O amor é como as aves de arribação: foge das neves eternas, que conservam o clima a dezaseis gráos abaixo de zero!

CONDESSA — E vêr as neves derretidas ao fogo de um olhar apaixonado, os nevoeiros dissiparem-se diante de um meigo sorriso, e as flores desabroxando n'uma arida campina, não póde tudo isto inspirar a imaginação de uma mulher?

VISCONDE — São sonhos que raramente se realisam.

CONDESSA — Engana-se: dominar um homem é facil sempre, quando se não desespera.

VISCONDE — E se é assim, porque tentam as mulheres conquistas tão pouco gloriosas? Teriam ellas porventura a esperança de preencher o vacuo immenso, que existe quasi sempre no seio das mais nobres almas? Julgam que nos delirios da paixão, poderemos esquecer as amarguras que nos acompanham n'este mundo, que o evangelho tão justamente denomina um valle de lagrimas? De nada d'isto se lembram! Querem ver os homens prostrados a seus pés, para mostrarem ao mundo que nada resiste ao poder dos seus encantos. Caprichos, vaidade e nada mais!

CONDESSA — O seu poetico devaneio, não prima realmente pela originalidade. São coisas que se repetem desde a primeira entrevista de Eva com a artificiosa serpente. Tenho dó dos homens! Nunca nos hão de conhecer, por mais que n'isso se empenhem; e pela sua ignorancia e cegueira conservaremos o nosso imperio!

VISCONDE — Concordo com tudo quanto diz. A mulher é realmente um herioglifico, e são loucos os homens quando consomem a vida na ingrata tarefa de o decifrar.

Condessa — E todavia, visconde, o que seria da pobre humanidade, se a prohibissem de se entregar a tão agradavel passatempo!

Visconde — Cá por mim, posso declarar que me curei de todo. Contemplo com horror a triste prosa em que a sociedade moderna vae caindo. Caminhos de ferro, telegraphos electricos de um lado, camandulas e bentinhos do outro. A humanidade civilisada agita-se férvida e impaciente como as abelhas em torno de um cortiço, trocando lãs por café, assucar e algodão por colza e cacáo, cereaes por carvão de pedra e sedas, porcelana e riscados por legitimo guano. Raça deploravel de infatigaveis mercieiros!

Condessa — É um quadro tenebroso!

Visconde — O mundo moderno é o Hamburgo do poeta Henri Heine. Vive como aquelles respeitaveis burguezes a sommar e absorvido n'essa pavorosa imbecilidade de calculos continuos, envelhece e morre com o olhar fito nas burras e no balcão!

Condessa — E que remedio ha senão acceitar a vida como ella é!...

Visconde — Vou fugir para um paiz virgem, para as florestas da Africa oriental, aonde possa vegetar sem o receio de me nomearem ministro, e sem que algum jornalista parvo me faça um pomposo necrologio depois de morto.

Condessa — Sim, visconde, nunca se aliste nas fileiras d'esses insipidos argumentadores de orçamento, que abandonam a sociedade e a companhia das mulheres, para nos massarem com columnas de algarismos, e para fabricarem insipidos relatorios.

Visconde — Já tive idéa de me suicidar, tal é o meu aborrecimento devorador!

Condessa — Pois amava a joven nimpha a esse ponto?

Visconde — O amor, quando não vôa pelos espaços infinitos do ideal, é um costume, um habito inveterado. Amando-a, distrahia-me. Escrevia-lhe cartas, que apuravam o meu estylo: dava, para a vêr, grandes passeios a cavallo, que restauravam a minha saude: e quando ella agitava as mãos, dando palmas á Grisi, apreciava com duplo enthusiasmo as bellezas da opera. Um amor que tinha por alimento a poesia, a hygiene e o canto, não é amor que se deixe sem saudade.

Condessa — Pois socegue, visconde, nada do que me diz tem apparencias de uma grande paixão, e dou-lhe os parabens: isto de grandes paixões são como os golpes de ar, que parecem produzir pouco effeito ao principio e a final se convertem em molestias perigosas.

VISCONDE — Falla então... por experiencia.

CONDESSA.—Acredite, visconde, talvez possuisse um energico coração para as sentir, senão vivesse n'este seculo.

VISCONDE.—Não crê no amor?

CONDESSA.—No da sociedade nem pouco nem muito. É uma aria que não muda de estylo. Não se presta mesmo áquelles ornatos melodiosos com que os artistas, pequenos e grandes, dão realce á monotonia do canto. O amor verdadeiro é a historia de uma fragil planta, que floresce ao suave calor de uma bonançosa primavera, e que de repente transportada para as salas, para a região das conveniencias, desfallece e morre. Para o nosso mundo inventaram-se os namoros e as contradanças, as duas coisas mais insipidas que ha e póde haver.

VISCONDE.—Não explico então, professando uma tão sublime indifferença, para com todas as pequenezas da vida, como é que tanto se irritou contra o pobre diplomata, que, torno-lhe a repetir, é um excellente par de valsa.

CONDESSA.—Emprestei-lhe o meu retrato: puro emprestimo, visconde!—e mostrou-o. Foi realmente uma semsaboria, que me poderia compromelter, e que lhe não perdôo...

VISCONDE.—Se é só isso, auctorisa-me para lh'o ir pedir, em seu nome?

CONDESSA.—Ha de mandar-m'o.

VISCONDE.—Póde ser que se não resolva! São objectos que custam a deixar, sobretudo quando se é um pouco vaidoso.

CONDESSA.—Pois então vá, não se demore, que aqui o espero.

(No momento em que o visconde se dispõe a sair apparece a marqueza.)

(Conclue) A. P. LOPES DE MENDONÇA.

UM MEZ EM CINTRA

FRAGMENTOS DE UM LIVRO

..

Eu fiz então como faço quasi todos os annos, fui passar o setembro a Cintra, *glorious eden de Byron.* Passeios á Pena, tardes passadas a conversar no melancolico Sette-Ais, de que até o nome rescende melancholia, *cavalgadas* a Collares e ahi passeios embarcados, n'aquella varzea tão bonita, entretinham-me os dias e faziam-me esquecer um pouco os motivos de tristesa que eu tinha então, e por causa dos quaes me tinha retirado da vida fatigante e buliçosa da cidade, que eu já não podia soffrer, não só porque me trazia tristes recordações, mas tambem porque a minha saude algum tanto alterada, que me aconselhava abandonasse. Vasco, o meu irmão pelo coração, aquelle que partilha de todos os meus soffrimentos, sujeitou-se a acompanhar-me n'esta peregrinação, e a tornar-me ainda mais agradavel o tempo que eu ali ia passar. Quasi todas as manhãs vestiamos as nossas *blouses* e hiamos vêr nascer o dia em um d'aquelles poeticos e encantados sitios nas immediações de Cintra; vêr, como disse Shakespeare, descêr a manhã á planicie, com os pés ainda humidos do orvalho, depois de ter hesitado um instante no cume das montanhas.

A nossa posição quasi identica, o nosso soffrer quasi igual, ainda que a um era causado por uma saudade, e ao outro por uma de-

cepção, fazia com que achassemos um encanto e uma poesia taes n'aquelles passeios, que um terceiro, viria decerto interromper e quebrar. A saudade, esse sentimento tão doce, que nasce desde que a ausencia se vem collocar entre nós, e alguem por quem sentimos uma affeição profundamente arreigada, e que faz com que no momento em que perdemos essa pessoa, sintamos uma affecção profundamente dolorosa e o coração com um vacuo que nunca mais se torna a encher na vida do homem, fazia-nos rebentar as lagrimas dos olhos, assim como tambem nos indignavamos quando nos vinha á lembrança Amelia, a mulher de mármore, caprichosa e perdida, que não podia já dar o amor santo e puro que lhe era consagrado, por que não tinha no coração, nem um sentimento que não fosse do interesse nem um prazer que não fosse o da maldade.

Ás vezes demoravam-nos largas horas n'estas excursões, abrigando-nos debaixo d'alguma arvore frondosa e copada, junto a alguma fonte, que casava o murmurio melancolico e monótono da sua corrente, á nossa conversa intima, ao nosso dialogo triste e doloroso. É assim que se comprehende bem a poesia e que todo o homem de sentimento é poeta; e sós com a natureza, com a luz, com o ar e com o espaço...

Esse tempo passou para mim, não posso mesmo esperar ter outro igual, porque feliz ou infelizmente os dias seguem-se mas não se assimelham. Depois de largo tempo assim passado, chegavamos ao *Hotel*, jantavamos em companhia de uns vinte conhecidos, entre os quaes sempre havia algum de espirito que animava a conversação, e que *bon gré, mal gré nous* nos levava tambem a fallar, obrigando-nos a deixar o mundo de sentimentalismo e poesia em que estavamos para entrar no do positivo e no da realidade, ou por uma questão politica que nos não interessava, ou discutindo o merito d'esta ou d'aquella artista que não conheciamos. O jantar acabava quasi sempre á hora em que deviamos partir para Sette-Ais; os homens accendiam os seus charutos, as senhoras iam pôr os seus lenços ou chapéos, e a caravana desfillava, para se ir dispersar junto ao palacio dos marquezes de Loulé onde se confundia com as outras caravanas, segundo as relações ou os interesses, moviam uns a juntarem-se aos outros.

Uma tarde demorei-me eu e mais umas sete pessoas no rochedo dos suspiros até um pouco mais tarde do que era nosso costume. Além de mim, de Vasco que tinha ido comigo, e da viscondessa G... que estava no mesmo hotel que nós, faziam parte da companhia Eduardo de Lemos, estudante brasileiro que se tinha acabado de formar em Coimbra, o barão, rico capitalista que pos-

sue em Cintra uma magnifica casa de campo, e mais duas ou tres utilités de que me não lembra o nome.

O sol ía a pôr-se: o céo estava sereno, o campo quasi deserto: os trabalhos dos homens tinham cessado; a natureza estava abandonada a si mesma. Custava-me a sahir d'ali, propuz que nos demorassemos um pouco mais, e felizmente a minha proposta foi acceita. Uns estavam sentados nos bancos, outros em pé diante da viscondessa e da sobrinha, e sentados junto a estas o jornalista e o barão ambos pretendentes; o primeiro á.... á viscondessa, o segundo á mão de Hortencia, o que me fez lembrar o que Lopes de Mendonça escreveu no Spleen e a medicina, e que é uma das maiores verdades que elle tem dito; *«o casamento é um programma virtuoso, mas é estupido como a musica de um divertissement improvisado; a felicidade não está no fundo de um cesto de costura.»* Mas, tivesse lido ou não, o barão cada vez se tornava mais amavel, querendo parecer mais moço; cada dia apparecia com o cabello mais bem penteado, e com o vasto abdomen mais comprimido.

(Continúa) A. DE BREDERODE.

CHRONICA.

Encetaremos a chronica registando os acontecimentos politicos. Caiu um ministerio e nomeou-se outro. A queda do gabinete transacto foi vulgar; registamol-a por tanto sem commentarios, reservando estes para a nomeação do actual que saiu da rotina. D'antes n'esta terra a primeira recommendação para um homem ser ministro, era já havel-o sido. Cada facção dispunha de dois ou tres nomes, que se alternavam e substituiam na gerencia dos negocios publicos. O estandarte de cada partido só poderia ser içado por aquelles homens. Eram rotulos obrigados. Em sustentar as tradições, resumia-se todo o seu programma e toda a sua responsabilidade. Não se lhes pediam idéas novas; limitava-se a exigencia a que resuscitassem as antigas. A rotina, sempre a rotina e só a rotina. Tem sido esta a palavra governamental dos velhos partidos. Mas o tempo, esse grande motor do progresso, condemnou-a no espirito dos novos. As aspirações d'estes são diversas; a sua divisa é outra. Querem caminhar, legitimando os commettimentos nos resultados.

No gabinete actual entraram tres homens novos sobre quem peza grande responsabilidade. Representantes da mocidade e apostolos das suas doutrinas, cumpre-lhes justifical-as. O modo porque se elevaram ao poder já nos deve gloriar. Conquistaram as pastas pelo vigor da palavra e da intelligencia. Foi na tribuna e na imprensa que forjaram os diplomas. Agora, todo o nosso empenho é que o triumpho que alcançaram iguale em esplendor os esforços da conquista. Confiamos por isso na provada illustração e reconhecido talento dos srs. Antonio de Serpa, Casal Ribeiro e Martens Ferrão.

Façamos ponto na politica, e passemos á litteratura.

Houve sessão solemne na academia real das sciencias. Estiveram presentes S. M. El-rei o sr. D. Pedro V, protector, S. M. El-Rei o sr. D. Fernando, presidente, e um numeroso concurso de homens e senhoras; estava igualmente o corpo academico, legislativo, representantes do corpo diplomatico e camara municipal.

Tomada a venia de SS. MM., abriu a sessão o sr. Avila vice-presidente, com um elegante e sentido discurso. Seguiu-se o relatorio dos trabalhos da academia elaborado pelo sr. Latino Coelho e lido pelo sr. Mendes Leal, como secretario da 2.ª classe; sendo depois recitados pelos seus auctores na ordem seguinte uns elogios historicos de socios fallecidos: — O do padre Antonio Pereira de Figueiredo, pelo socio Levy Maria Jordão; o do conselheiro Rodrigo da Fonceca Magalhães, pelo socio Latino Coelho, e o do Duque de Lafões, primeiro presidente da academia, pelo socio Mendes Leal Junior.

No breve espaço d'esta chronica não nos cabia o juizo d'estes elogios;

fica portanto reservado para um artigo que publicaremos no proximo numero. A auctoridade e valia das penas que escreveram os dois ultimos, são garantia segura das bellezas que devem encerrar.

Já que privamos o leitor d'esta analyse, vamos em compensação esboçar-lhe rapidamente a apreciação de uma joia litteraria de subido valor. É o *Ultimo acto,* do sr. Camillo Castello Branco, drama que subiu á scena no beneficio da actriz Soller, e para quem havia sido escripto expresamente.

Concepção tão arrojada como sentida, o *Ultimo acto,* tende mais a aproximar-se da tragedia do que a revelar o drama. A paixão manifesta-se n'aquelle quadro com as mais vivas e grandiosas côres. Não falla só ao coração, dilacera-o profundamente; não se limita a commover, aspira a exacerbar. Não provoca suavemente as lagrimas; arranca-as dolorosas e vehementes do fundo d'alma. Realisa a suprema angustia; traduz a maxima provação. Cada scena é uma tortura que a palavra exalta e engrandece. Inspira terror e desperta admiração. O espectador soffre, e o mesmo soffrimento lhe excita o enthusiasmo; cada ai intimo que murmura transforma-se n'um bravo ao sair dos labios. Commettimentos similhantes só um verdadeiro talento póde aventurar, porque a faisca sagrada ha de revelar-se, electerisando a turba.

A acção do *Ultimo acto,* é singela, reduz-se a um casamento de conveniencia que uma filha aceita, suffocando no peito nma forte paixão, para salvar a honra de seu pai, empenhada n'uma fallencia que os credores accusam de ladroeira. Mas a paixão da donzella era igualmente retribuida: o homem que lh'a soube inspirar foge do mundo no dia em que lh'a roubam e refugia-se sob as vestes do sacerdote.

É no desenlace quasi d'este pungente drama que sóbe o panno. Accusada pelo marido, a pobre victima com a morte já dentro em si, vem a casa do pai, para se justificar. Consegue-o, mostrando uma carta de Jorge, que exige do pai que leia alto diante do marido e as palavras que solta aquelle no final mostram bem o valor d'ella: «E' um nobre infeliz que diz a uma desgraçada: vê com que honrado coração te amei.»

O typo do padre Jorge é das melhores criações que ultimamente temos admirado. Está desenhado com vigor e elevação: foi traçado pelo coração e idealisado pelo genio.

A interpretação de obras d'este genero é uma difficuldade extraordinaria; mas d'esta vez os artistas venceram-n'a.

A sr.ª Soller foi magistralmente no papel *Anna Augusta;* o sr. Soares Francó, estreou-se brilhantemente no padre Jorge; o sr. Theodorico sustentou a sua merecida reputação; e a sr.ª Manuela Rey, no seu curto papel teve um momento admiravel quando solta o grito que traduz ao espectador a morte da irmã: e o grito é eloquente.

O *Ultimo acto,* como escripto, é um primor. Paginas assim escreve-as uma vez o coração.

A noite da primeira representação do *Ultimo acto,* no theatro normal, foi uma verdadeira festa artistica. A sala estava apinhada de espectadores. A artista foi saudada logo que appareceu em scena, com bravos e palmas espontaneas. No fim da peça teve varias chamadas, sendo freneticamente applaudida e mimoseada com varios ramos de flores e uma magnifica coroa. E tudo era merecido, porque a actriz no *Ultimo acto,* subiu a uma altura que raras attingem interpretando com notavel intelligencia e extraordinario talento um dos papeis mais difficeis, ou talvez o mais difficil que o repertorio moderno tem ultimamente apresentado.

S. Carlos deu-nos a opera *Templario,* que proporcionou um bello triumpho a Mirate, pela energia e sentimento com que cantou o final. M.me Tedesco tambem colheu numerosas palmas. Cresci augmenta cada vez mais as sympathias que soube conquistar.

Varios jornaes, annunciam a proxima chegada de Victor Hugo. Oxalá que se realise. A terra que foi berço de Camões e Garrett é digna de hospedar o grande poeta.

ERNESTO BIESTER.


Souza Grav.
Silencio Estamp.

ORADORES PORTUGUEZES

JOSÉ ESTEVÃO

I

Presença e voz insinuante, phrase e phantasia arrebatada eis as prendas, que conquistaram a José Estevão as palmas de primeiro orador portuguez, e o logar eminente que occupa nas lides parlamentares.

Quando o assumpto o inflamma, quando sobre elle desce a luz, que é o astro radioso dos poetas, quem, ouvindo-o, não sentio correr pelo espirito a commoção irresistivel, que só o *bello* tem o raro privilegio de excitar, qualquer que seja a fórma e o momento?

N'esta manifestação de arte, uma das mais arriscadas, os dotes physicos são auxiliares poderosos. Na tribuna muitas vezes o aspecto completa o discurso; por isso antes de nos determos diante do orador paremos por alguns instantes a contemplar o homem.

José Estevão pertence á geração, que assistio á queda da liberdade em 1828, e que padeceu por ella nas amarguras do desterro e nos combates.

De estatura mais que mediana, sbelta, e tocada de certa arrogancia militar, que lhe cahe com graça, a sua presença, espirituosa, sympathica, e animada attrahe e insinua-se. O rosto cheio e engraçado, as feições nobres e varonís, e nos olhos a viveza rapida, de que o menor impeto faz scintillar a chamma, caracterisam uma das mais distinctas phisionomias do typo peninsular.

A fronte, já despovoada, rasga-se espaçosa, e sem nuvens, em harmonia com o soriso, não desmalicioso, que lhe alegra a bocca. Todas as proporções do corpo, quando um grande pensamento o domina, concorrem para o decoro do gesto e da exposição; e nas occasiões solemnes ninguem excede a elegancia d'aquelle busto, que a natureza parece ter formado de proposito para a tribuna.

Nas horas de anciedade publica, ou nos momentos mais graves de uma elevada discussão, antes de abrir os labios já o silencio de amigos e de adversarios annunciou a voz, que todos desejam escutar.

Nervoso e sensivel, o coração pulsa-lhe em cada palavra, o enthusiasmo, ou a indignação, accendem-lhe a phrase, e de um jacto fundem a imagem. Na questão do «Charles et Georges,» uma das suas mais opulentas ostentações oratorias, houve periodos, em que o auditorio suspenso pôde julgar, que a pobre patria era a que fallava n'aquelle verbo vehemente para fulminar o abuso da força contra o brio.

José Estevão na prosa dos seus discursos é mais poeta, do que muitos, que gosam das honras de validos das musas. Ninguem se eleva tanto nas azas de ouro da inspiração sem ter recebido de Deus em dom faculdades, que poucos hão de possuir no mesmo grau. A sua eloquencia, filha mimosa da phantasia, nunca hesitou nos grandes rasgos, que firmam a reputação do orador. Devendo menos ao estudo e ás meditações, do que aos raptos da espontanea illuminação, que n'elle adevinha tudo, seria digno dos modêlos classicos se unisse aos dotes naturaes os subsidios de uma vasta leitura, e o profundo conhecimento de todos os segredos da arte.

Mas (quem sabe!) talvez perdesse então a facilidade arrojada que o leva sem hesitar por entre os precipicios, que os maiores engenhos não souberam sempre evitar.

O triumpho e a gloria de Demosthenes são unicos na historia. Das cinzas do famoso orador de Athenas nunca se levantou quem lhe herdasse o sceptro. Nenhum dos antigos ou dos modernos, competio com elle, e a sentença proferida pelos emulos do rival Eschines ainda espera depois de tantos seculos pela poderosa auctoridade que a ha de reformar. Aquella palavra sublime, em que ardiam as iras da invectiva, e ao mesmo tempo floresciam todas as gallas do estylo ornando o raciocinio, e emudecendo a replica, no passado e no presente não encontrou ecco para a repetir. Mesmo a grande figura de Cicero foi apenas uma sombra comparada com o vulto do mestre!

A linhagem dos Demostheues e dos Ciceros não é mais fecunda

que a de Homero, do Dante, ou de Milton. Pedem-se tantos milagres de aptidão sómente para ser agradavel discursador, que não se deve pasmar se o mais elevado talento, arrostando-se pela primeira vez com os perigos da tribuna, sente desmaiar a imaginação, cobrir-se de trevas a memoria, e vacillar a voz e a razão!

Por isso Mirabeau, em uma apostrophe memoravel, ao romper talvez a maior das suas luctas, exclamava: «Os louros de hontem não me cegam. Sei que do capitolio á rocha Tarpeia, só medeia um passo.»

Elle venceu. A accusação, que o havia de prostrar, expirou suffocada nos seus braços; mas quantos não succumbiram paralisados pelo terror de sepultarem n'uma hora a fama alcançada á custa de fadigas e esforços?

II

O genero da eloquencia de José Estevão é o que entre nós se approxima mais das melhores recordações da tribuna franceza no tempo da restauração. O que n'elle subjuga, como no general Foix, como em Benjamim Constant, como em tantos outros do mesmo ciclo, são os traços vigorosos, o desenho em grande, as cores destacadas e esplendidas, é sobre tudo o calor vivificante, que anima o quadro.

As delicadezas de fórma, os relevos cinzelados por um buril cuidadoso, as finas e calculadas gradações de um para outro tom, os toques de luz e de sombra quasi imperceptiveis, que realçam as paginas do livro, debalde se buscariam nas suas orações.

Lançando-se nos braços dos auditorios, sente e communica-lhes a paixão que o arrebata, dizendo o que a alma fremente inspira ao repentista nos instantes em que deixa de viver a vida propria para viver a fallar segundo o coração dos que o escutam anciosos.

N'estes raptos em que não tem igual, tudo lhe acode, e o favorece. A lingua cede e presta-se aos menores caprichos, a phrase molda-se espontanea, dando corpo á idéa, o ardor da inspiração circula por todos os membros do discurso, e as grandes imagens, as imagens épicas, forjadas no fogo do enthusiasmo, surgem armadas e precipitam-se umas apoz outras, realisando a fabula, como a Minerva antiga da fronte de Jupiter.

N'aquelles momentos percebe-se a admiração das multidões de Roma e de Athenas extasiadas diante dos prodigios da palavra; comprehende-se como Lamartine, em nossos dias, só e

desarmado, soube estacar, depois conter, e por fim encaminhar ao seu leito as ondas revolucionarias embravecidas na praça publica!

Em José Estevão, á medida que a tela se vai desenrolando, as figuras a principio confusas avultam, e caracterisam-se. O semblante abre a expressão, e illumina-se de vivas côres, reflexo da chamma interior. A cabeça erecta e dourada pelos raios, que despede a commoção interior, toma posições poeticas em harmonia com a grandeza do assumpto. O gesto largo, e magestoso no exordio, precede e acompanha a phrase para a incutir. São os signaes precursores dos grandes movimentos. Depois é a torrente que se despenha, é o trovão que estala, é o espirito, que de esphera em esphera, se arremessa ás nuvens, perdendo de vista a terra, é finalmente, o que os latinos chamavam *magna vox*, e o que Mirabeau traduziu na presença dos comicios sobresaltados, é o orador antigo resuscitando pelo delirio sublime, não com os affectos mortos dos livros, mas com os affectos vivos e abrazados, que ao sol da liberdade brotam n'um só dia.

Ouvindo-o, vê-se que, familiar com a leitura de alguns classicos, procurou sobre tudo a convivencia de Vieira, e que a aproveitou. A cada momento notam-se-lhe trechos, que lembram as ousadias e as elegancias, que em tantos periodos estimados cunham o estylo admiravel d'aquelle talento, ainda mais apto para a eloquencia politica, do que para a persuasão religiosa, talento comprimido pelo habito e pela época, cujas explosões repentinas, mudando o pulpito em tribuna, tantas vezes transformam o panegirico em satyra acerba da côrte e dos ministros, ora para cravar os validos na cruz do máo ladrão, ora, para na mais pungente e engenhosa das ironias, flagellando uma legião inteira de perseguidores, pedir aos peixes a lingua e o disfarce.

Em José Estevão o que mais impera n'estas occasiões é o sentimento. Partidario, nas refregas ordinarias, está ao lado da sua bandeira e defende com todo o esforço o altar do seu culto; mas, rebente instantaneo um grande conflicto, estremeça, ou vacille na base alguma das liberdades essenciaes, ou receba o paiz na face algum ultraje, e vereis como os impulsos generosos o concitam, como a indagação o transfigura, como aquella phisionomia meia adormecida pelo cançaço da lucta quotidiana desperta, revive e se espiritualisa. É outro homem, é outra voz.

N'estes lances torna a vestir todas as peças da sua armadura de tribuno; a imaginação rejuvenesce-lhe como nos dias de esperançosa anciedade, em que lhe entregaram as primeiras co-

roas. Tudo n'elle remoça, o coração, o espirito, e os poderes intellectuaes. Firme e recolhido, esquece e rompe todos os vinculos, que lhe possam prender as forças, para entrar na arena, como o athleta antigo, com toda a liberdade dos movimentos e com todos os brios da sua vigorosa organisação.

Erguendo a viseira, encara os obstaculos, e atira a luva direita ao rosto do inimigo. Não lhe proponham temporisações, que as rejeitará como treguas indignas do valor da causa, que advoga. Não lhe sugiram evasivas, ou manobras astuciosas, por que fugirá d'ellas como de uma cilada infamante.

Se o desampararem irá só, pelejará só contra todos, e amortalhado no glorioso estandarte dos principios sem recuar um passo, dirá á fortuna, que o futuro pertence a Deus, e que a derrota de hoje ámanhã será victoria.

Mais de uma vez o temos visto, cavalleiro unico, desafiar todos os encontros, medir-se com os mais denodados adversarios, e sahir vencido pelo numero, mas triumphante pela palavra.

Elevando-se por uma synthese grandiosa ás eminencias, d'onde aos olhos do philosopho, ou do poeta todas as pequenas vaidades e todos os pequenos interesses figuram em pugilato microscopico, a sua phantasia inspira-se dos perigos, que vê de longe nos horisontes, apenas ennuveados, e a sua voz prophetica tem annunciado tempestades, que ninguem descobria, e que os acontecimentos se encarregaram de verificar.

É o condão divinatorio dos engenhos superiores. Escarnecidos na bonança pelos manipuladores de elixires politicos, pelos miopes, que chamam prudencia e cordura á inercia e á insensibilidade, mas que subitamente acordados pelo vulcão, que lhes sacode a terra debaixo dos pés, veem desabar sobre a sua obra fragil as alluidas muralhas das instituições, a que promettiam seculos, em vez de adorarem no terrivel exemplo a lei natural do progresso humano, maldizem e blasphemam, accusando-se porque não forjaram de melhor ferro as algemas do pensamento, ou porque não apertaram de todo a mordaça, que devia abafar os clamores da opinião.

N'estes combates, n'estas questões, que fazem vibrar todas as fibras do coração de um povo, porque encerram os futuros destinos da humanidade, é que José Estevão sobresahe, e não conhece rival. O motivo parece simples. A persuasão penetra-o a elle primeiro, do que penetre os outros; antes da phrase inflammada chegar aos auditorios accendeu n'elle a chamma luminosa de todos os instinctos generosos. Pintor em largos rasgos, a luz, que lhe doura a eloquencia, não é o clarão sereno

e igual da razão na sua frieza, é o esplendor fulgurante, que relampeja sobre todos os cumes. A sua voz, como a do trovão, disperta os eccos amortecidos das paixões; e embora deixasse sombras sobre algumas partes, embora o ribombo dos céos abertos não chegasse a todas as sentinellas incumbidas da vigia, deu o primeiro rebate, aclarou as trevas mais densas, e ao somno e á immobilidade substituiu a força e a acção.

O effeito de taes discursos não o reproduz depois, nem a memoria dos que os escutaram, nem a pagina do livro official. Apagada a voz, o espirito fugiu com ella, e da mais sublime oração, como da mais louvada formosura, apenas o cadaver fica! A maior belleza, na rigidez marmorea, e na lividez do tumulo, do que foi só conserva como um molde fugitivo dos attractivos que a tornavam o enlevo de todos; com os primores da tribuna acontece o mesmo. O ultimo som, que expirou nos labios do orador, quebrou o encanto, a vida passou, e só depois um escopro sempre infiel tentará em vão fixar na estatua os lineamentos e as feições da sua phisionomia geral.

Mas o retrato seria imperfeito se não descrevesse todos os aspectos do vulto parlamentar de José Estevão.

Não se julgue de leve, que elle é sempre o mesmo. Fluente e espirituoso, como partidario prodigalisa de mais em muitas occasiões os preciosos recursos do orador.

Paladino incansavel, na opposição, apparece a miudo sobre a brecha, e a cada instante sáe ás vezes do seu campo a proposito da menor escaramuça.

No meio do zumbido dos zangãos da colmeia legislativa, durante os murmurios e as elegias de campanario, não é raro ouvir-se aquella voz poderosa, tentando de balde dominar os córos das conversações, os ultimos arrepios da eloquencia camponeza de algum Cincinato, que pede um sino, ou uma ponte para a sua aldeia, e até (oh suprema affronta!) o importuno badalo da monstruosa campainha da presidencia, chamando os Licurgos á ordem com o mesmo exito com que chamaria os mouros á confissão.

No meio d'este ruido incessante, das moções que se cruzam, dos glosadores que se acotovelam, e dos apostolos da ordem, que enfiam perorações sobre perorações com um calor, digno de melhor sorte, quem buscar a figura distincta do primeiro orador portuguez, cuidando que a descobrirá separada e indifferente, nem sempre será feliz na conjectura. Em mais de um lance ha de encontral-a discorrendo com agrado, mas com profusão, sobre essas minimas questões, nugas sonoras, que formam o pasto saboroso dos salvadores da disciplina interna, vazos de eleição, em

cujo seio, como nos limbos, se agitam as tremendas revoluções que hão de mudar um dia a face... do regimento.

As mesmas impaciencias, que a arrastam a esgrimir-se com todo o esquadrão dos homens de ferro da procissão do companario, ou do regimento, atriaçoam-o tambem a ponto de o tornarem um dos interruptores mais recalcitrantes e endurecidos.

Se a discussão lhe não merece grande cuidado, José Estevão, com o riso na bocca, e uma aljava attestada de epigrammas passeia por todos os bancos, cruza a sala em todos os sentidos, e se o orador, que occupa a tribuna, se desvia das suas idéas, ou approva as contrarias, atalha-o, lardeia-lhe o discurso de *á partes*, salpica-lho de chistes, e não poucas vezes estrangula-lho na garganta a meio caminho da meza dos tachigraphos, assasinado por um accesso fulminante de hilaridade.

Se o adversario é de estatura para luctar com elle, dá-se outra singularidade não menos curiosa. A interrupção provoca a replica, trava-se o dialogo de parte a parte, e a camara assiste a duas orações parallelas, em que o quinhão do interruptor não é de ordinario o mais pequeno. As digressões jocosas, os tiros da ironia reciproca, e por fim a voz solemne e irritada do presidente representam o dueto, depois o terceto, e por fim um coro geral, em que tudo acaba ao som das vozes dos ulemas do regimento, escandalisados, convulsos e transidos de santo horror.

Nada mais comico então do que ver no meio dos bancos guarnecidos aquelles braços dobando ao som da famosa formula disciplinar, aquellas boccas entre-abertas para soltarem o mesmo grito, e por detraz o vulto meio sumido dos apagadores encartados, empunhando o sceptro fatal do silencio, e aguardando que um instante de paz lhes dê entrada para... salvarem a ordem.

Estes são os defeitos, os peccados veniaes, de que accusamos o orador, que applaudimos, e que além de sincero amigo, temos muitas vezes tomado por mestre nas luctas parlamentares. Felizes culpas, resgatadas por tanta gloria! Mas, não tão leves, assim mesmo, que não careçam de serem apontadas, como prova de inteira imparcialidade.

Ninguem é perfeito, e o dever da critica justamente consiste em pôr o espelho diante da vista. O elogio sem a verdade parece-se muito com a lisonja; e esta tanto deve repugnar a quem adula como áquelle a quem se offende, suppondo-o capaz de acceitar o tributo servil.

III

A carreira de José Estevão começou cedo. Em 1837, quando

pela primeira vez tomou assento em côrtes não contava mais de vinte e seis annos. No congresso constituinte é que a vocação principiou a revelar-se para realçar em soberbas manifestações nas legislaturas de 1839 e de 1840.

Foram dias de lucta, mas tambem de vivesa de crenças liberaes aquelles, em que, moço de coração, e movido por nobres illusões, o orador se encontrava em duello grandioso com os maiores vultos da tribuna, com os Garretts, os Rodrigos, e os Seabras.

Era bello e grande vêr então aquelle mancebo, filho das suas obras, prodigio de engenho precoce, com a bandeira do seu partido sempre hasteada, disputando o terreno palmo a palmo, colhendo novo esforço em cada revez, e vibrando a apostrophe e a imprecação.

Um Deus tinha sobre elle a sua mão; o coração acodia-lhe aos labios, e a alma de poeta, radiosa e indignada ao mesmo tempo, subia com a esperança, ameaçava com a ira, confundia com a irrisão, e assombrava até os mais consummados pela ousadia das imagens!

A indole do seu talento oratorio dá-se bem com o desafogo da opposição. Na maioria, sente-se mais constrangido, hesita, duvida, e receia ferir algum dos lados fracos, que todos os governos offerecem.

Mas os que imaginavam que a idade n'elle, ou quaesquer preoccupações podiam comer a côr á imaginação, ou murcharlhe o viço, enganaram-se por não conhecerem os recursos, de que dispõe.

O discurso sobre a questão do *Charles et Georges* veio revelar, aos mais incredulos, que os grandes espiritos nunca envelhecem, que peitos, onde respiram, como no seu, os elevados sentimentos do amor da patria, e da liberdade, nunca esfriam. José Estevão quando quiz tornou a ser o mesmo homem, e toda a camara suspensa e captivada saudou a quadro epico do repentista.

Fiel ás promessas do seu esplendido noviciado, não decahiu das primeiras forças, como Sansão, faltando-lhe o enthusiasmo. Pelo contrario! Defendendo os fóros da humanidade, e punindo a covarde provocação das naus francezas, vimol-o, como o heroe hebreu, arrancar dos quicios as portas das cidades, as portas dos imperios, e ir assental-as nas fronteiras do futuro, juiz enexoravel de oppressores e opprimidos, dos escravos e dos compradores, das victimas e dos tyrannos.

O raio antigo não lhe arrefeceu nas mãos; mas hoje aponta-o

contra a aguia que foi das conquistas, e que tomou por emblema as gargalheiras servís. O ardor da inspiração não se lhe apagou, a imagem, como antes surge armada e luminosa, épica e arrebatada.

Escutae-o! Segui-o nos vôos audaciosos! Vêde como os verdadeiros e os falsos heroes são postos no tribunal da historia; confrontae a bella e sublime comparação do orador com as mais elogiadas dos mestres da tribuna britannica e da franceza, e depois dizei se ha n'ella que invejar ás que nos estão citando como exemplos e modêlos.[1]

Em 1840, na sessão de 13 de fevereiro, respondendo ao famoso discurso pronunciado por Garrett na sessão de 8, levantou o primeiro padrão da sua superioridade como orador.

Luctando corpo a corpo, em terreno escolhido pelo contrario, e com um gigante tão poderoso na tribuna, como nas letras, deixou as opiniões perplexas, de modo que ainda hoje se não sabe, qual foi o vencido, e qual o vencedor.

Em 11 de agosto, do mesmo anno, combatendo com Rodrigo da Fonseca Magalhães, depois de malograda a revolução da vespora, abriu uma das mais notaveis orações, de que ha memoria do parlamento, pelo seguinte exordio vasado nos moldes de Mirabeau.

Acabava de recolher á sala a commissão especial encarregada de redigir as leis extraordinarias propostas pelo governo contra os auctores do tumulto nocturno. José Estevão levantando-se

[1] Eis a grande imagem a que alludimos no discurso ácerca do *Charles et Georges*. O orador refere-se aos verdadeiros heroes.

«As Ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco, que as assoberba. N'esta lide atropellam-se, amontoam-se: sobem umas sobre as outras, repetem os assaltos, redobram os remessos, até que galgam á altura aonde a resistencia as levou, e de lá fatigadas e desfeitas em espuma, cáem no mar de d'onde saíram, no mar de onde eram, no mar que lhes déra a força, no mar em que se tornam.

«Os heroes são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade como ella largo, vasto, immenso, como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis, que o domesticam, e voltando sempre apesar da sua inquietação aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeito, e para conservar os quaes foi creado. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos, em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attrahem as nossas vistas pela lucta, que sobre elles se travára? Pedras de irregular conformação, sem bellezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo.»

no meio do silencio, contendo as iras dos centros com o olhar dominador, e as interrupções com o gesto imperioso, rompeu pela apostrophe, que vamos repetir:

«Entrou o prestito lugubre, e traz debaixo das togas o decreto da morte. Poucos momentos de vida restam á victima; em breve sobre o seu cadaver levantará um throno a tyrannia; mas tyrannia que será funesta a quem a lembrou, funesta a quem a proteger, funesta aos que tem de a exercitar.»

Garrett foi o unico ainda que se atreveo a tomar-lhe o passo. Tudo o mais emmudeceu entre o terror da anarchia, que visitava a cidade como um spectro durante a noite, e a admiração de uma eloquencia, que acabava de tocar a maior altura do arrojo tribunicio.

N'esta segunda lucta, se o cantor de Camões e D. Branca levou a palma, é forçoso dizer, que tambem nunca em Portugal outra voz, nem a sua mesmo tornou a achar o segredo da inspirada oração, que a musa de Demosthenes lhe dictou n'um momento de enthusiasmo.

Estes são os principaes monumentos da carreira do orador, que abonam o merecido conceito de José Estevão.

Soldado firme das suas idéas, e sobre tudo homem da sua época e do seu paiz, a pureza da vida, e o desinteresse dos actos responderam sempre ás insinuações dos que o accusavam, porque não os seguio. Para elle os partidos hoje não representam, nem podem representar o que se pedia hontem. O progresso, não como palavra, mas como principio, deve sem demora traduzir-se em factos. A quem concorrer para esta cruzada chama-lhe alliado, quem a contrariar, combate-o!

A sua divisa, honrosa, fecunda, e que não desmente as primeiras aspirações da sua joventude, é que tudo se ha de fazer pela nação e para a nação!

Permitta Deus que muitos a acceitem, e a saibam cumprir. Encerra-se n'isto todo o nosso futuro.

L. A. Rebello da Silva.

REVISTA CRITICA E LITTERARIA DE 1858. *

Falta-nos fallar dos livros que representam um valor real para muitas das necessidades positivas da sociedade, dos livros de indagação historica, de largos e fecundos intuitos moraes, de utilidade de ensino; dos livros, emfim, que nos trabalhos do pensamento dispõem os materiaes e firmam os fundamentos do vasto edificio intellectual. N'este sentido, a Academia Real das Sciencias publicou no anno findo duas boas obras que interessam á nossa historia, que são o *Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, e as *Lendas da India por Gaspar Corrêa*. Este ultimo trabalho, incumbido ao reconhecido zêlo e escrupulos do illustre collector, o sr. Rodrigo Felner, contém a historia da Asia. É um subsidio indispensavel para a nossa historia geral e prestado pelo testemunho e solicitude de um escriptor contemporaneo, como é Gaspar Corrêa, que antes de Fernão Lopes de Castanheda, começára a lançar os alicerces da historia da India. O *Quadro Elementar*, laborioso repositorio de documentos diplomaticos e politicos, levado até ao XV volume pelo defunto visconde de Santarem, é agora continuado pelo sr. Rebello da Silva com a paciencia e esforço de analyse que demanda uma d'estas obras. Mas a introducção, que o distincto academico põe na frente do volume, é talvez o trabalho mais importante da publicação. A invasão dos Philippes, inquerida e analysada

* Veja-se o numero antecedente.

nas suas causas remotas e complexas, abre caminho ao profundo analysta para uma bella dissertação historica, em que os reinados de D. João II, D. Manoel e D. João III, apperecem vistos á luz de uma critica segura, em todos os seus manejos de intriga palaciana, descriminando-se do seio d'estas trevas de enredos surdos e machinações traiçoeiras, os vultos principaes que na fidalguia e no clero concorreram para a decadencia e entrega de Portugal. Prova um grande conhecimento dos acontecimentos da época esta introducção, escripta com a lucidez e facilidade de exposição do verdadeiro estylo historico. E que grande virtude de sobriedade para a penna habituada a voar, caindo-lhe dos bicos os primores e matizes do idioma, restringir-se ás linhas severas d'este estylo, que participa do antigo pela sua simplicidade elegante e nobreza de periodo!

A este grupo de trabalhos de indagação e analyse vem juntar-se naturalmente o *Genio da Lingua Portugueza*, do sr. Francisco Evaristo Leoni, vasto trabalho em que o auctor accumulou os materiaes colhidos em longos annos de estudo e do trato intimo e reflectidó com os melhores escriptores nacionaes e estrangeiros. É uma obra indispensavel a todo o homem de letras. Se o primeiro livro de uma nação é o diccionario da sua lingua, como disse Volney, este é o segundo, porque ensina a lingua, inquerindo-lhe as suas razões philosophicas e tornando-lhe vulgares os seus mais occultos mysterios. O *Diccionario Bibliographico Portuguez*, do sr. Innocencio Francisco da Silva, apresenta-se tambem como um d'estes livros uteis, onde o erudito encontra, collegidos e catalogados, os resultados de fundas e laboriosas escavações. A obra do sr. Figanière, a *Bibliographia Historica Portugueza*, restringindo-se aos escriptores historicos, e a *Bibliotheca* de Barbosa Machado, parando n'uma época affastada, deram margem a que o sr. Innocencio prehenchesse agora com vantagem essa lacuna, aliás tão prejudicial para quem tivesse de consultar ou lançar alguns dos traços biographicos dos nossos escriptores dos ultimos tempos. O *Tratado de Metrificação*, do sr. Castilho, livro onde as seducções do estylo fluente, elegante e puro do poeta se casam com as atiladas reflexões do philosopho, completa este quadro de lucubrações de utilidade real para os elementos do ensino nas regiões da alta litteratura.

N'esta digressão pelos dominios escabrosos da philologia, toma um logar distincto a ultima obra do sr. José Silvestre Ribeiro, *O Dante e a Divina Comedia*. A litteratura italiana, com pena o dizemos, é pouco cultivada em Portugal. O grande poeta toscano, o pae da poesia moderna, não tinha nem um expositor, nem um

commentador entre nós. Dante abrange o seu seculo: a sua monumental trilogia é uma epopéa universal. A historia, a poesia e a sciencia do seu tempo, resume-as este poema admiravel. Porém o que mais assombra n'esta producção excepcional, é a perfeição da linguagem que, como muitas das prophecias politicas d'aquelle genio, que transcende os seculos futuros por uma virtude de previsão que realisa o *mens divinior* dos antigos, adevinha ella tambem todas as fórmas e alcança os primores de estylo, que o idioma italiano, ainda hoje depois de volvidas muitas eras, procura como o manancial mais copioso e puro em que se retempera, avigora e fecunda. Mas a difficuldade, como diz Villemain, é interpretar e reproduzir em lingua estranha uma tal perfeição, tão vivamente apreciada pelos nacionaes. Este trabalho tem sido uma das grandes fadigas dos glosadores e traductores. Para dar uma idéa clara d'esta vasta encyclopedia philosophica, historica e theologica, lembrou a admiração geral na Italia que se criassem cadeiras em muitas cidades, onde fosse explicada. Boccacio foi um dos philologos que occuparam a cadeira de Florença, constituida para esse fim. Depois, desde Piombino até ao padre Lombardi e desde o abbade Le Bassu até Rivasol e Artaud, os commentos, as notas illustrativas, as paraphrases, as dissertações multiplicaram-se a ponto que constituem hoje um ramo litterario que póde encher qualquer bibliotheca. E comtudo, no seio d'esta abundancia, d'esta superfluidade, digamol-o assim, por que muitos dos expositores e interpretes não fazem senão repetir-se e obscurecerem mais o texto; no meio d'esta babel escolastica e theologica, historica e critica, nós nada tinhamos senão a noticia vaga do auctor, fortificada por um ou outro estudo isolado da curiosidade de alguns raros eruditos.

O trabalho do sr. José Silvestre veiu portanto prehencher esta lacuna. *O Dante e a Divina Comedia* é mais uma obra didatica, dentro dos limites da philologia, do que uma d'essas enredadas e metaphysicas dissertações, que antes confundem que elucidam o homem de letras na indagação do pensamento e nexo da obra colossal do poeta toscano. Mas é por isso mesmo que o seu merito sobe de preço. Só o que desejamos é que o 2.º volume siga de perto o primeiro; e que este trabalho se complete, porque é um auxiliar valioso para aquelles que conhecem o parentesco intimo que a nossa poesia tem com os queixumes que o amor e a saudade arrancaram ao talento apaixonado de Petrarca, e que Tasso modelou na lyra.

Mas é impossivel fechar aqui sem indicar, com certo alvoroço misturado de contentamento, duas obras que estão em via de

publicação, e de ha muito reclamadas por grandes necessidades: referimo-nos ao *Sermonario* do sr. padre Malhão, e ao *Orador Sagrado*, collecção de bellos discursos que a modestia de um talento educado nos primores e inspiração das letras sacras deixa correr anonyma. Talvez nos fosse possivel, e até licito, levantar uma ponta do véo d'este anonymo, e o nosso acto seria para muitos credor de elogios, por que a critica n'estas indiscripções innocentes, não faria mais do que apontar um nome já bemquisto e quasi que presentido pelas sympathias de todos. Mas não; respeitemos este melindre de um sentimento delicado, de que só póde ser juiz a propria consciencia.

No *Orador Sagrado* tornam-se notaveis os discursos do *Juizo Final*, da *Fundação da Egreja*, do *Evangelho aos Pobres*, e *Sobre o Escandalo*. Entre nós a eloquencia do pulpito, como arma de persuasão para o cathequista, e complexo de preceitos para a arte da palavra apostolica, tinha fechado o seu curso sobre o grandioso monumento erguido por Vieira. Um ou outro sermão disperso, accusando mais a decadencia dos estudos ecclesiasticos, que os fulgores da luz viva do talento inspirado pelos dogmas do catholicismo, não nos aproximavam de sorte alguma d'esses triumphos do pulpito que depois de Bossuet, Massillon e Flechier, continuaram com gloria para a egreja Lacordaire e Ventura. O *Orador Sagrado* é um esforço com esse fim. Os mysterios da fé e as regras da moral evangelica, animando ou dirigindo o desenvolvimento de algumas das theses mais elevadas do christianismo, estendem o seu esplendor a varias d'estas orações, em que ha o vigor, mas ao mesmo tempo a doçura de uma crença fervorosa. A penna que os traça eleva-se pelos vôos de uma natureza ardente e pela força do enthusiasmo christão. Sem serem puramente theologicos, o que restringiria o seu influxo a um auditorio mui limitado, a fórma dialectica é quasi sempre a seguida, e decerto a melhor para um seculo em que é necessario fallar á rasão para realisar as conquistas do espirito. O *Orador Sagrado*, a considerar o atraso da eloquencia do pulpito, e as poucas luzes do nosso clero, é de certo um bom serviço feito á egreja lusitana, e talvez aos bons e lucidos instinctos do povo portuguez.

Mais duas palavras e concluiremos este trabalho, que já vae longo, e que todavia não faz senão indicar ou saudar de longe, e ao correr, as manifestações mais esplendidas do estudo e do talento, no decorrer de um anno. E sejam essas poucas palavras, que ha ainda a proferir, uma reverencia honrosa a um ramo de applicação, que, tão deslembrado das contemplações da critica, tão desauxiliado de um nobre e efficaz concurso de forças,

vae comtudo progredindo. Alludimos á pintura e á esculptura, entregues hoje aos esforços e inspirações de alguns mancebos talentosos, que estão, pouco a pouco e a braços com serias difficuldades, edificando um periodo de gloria para as artes em Portugal. O magnifico episodio do sr. Metrass, *A leitura dos Lusiadas* [1] é já uma composição vasta, bem concebida e delineada, em que ha a louvar a belleza das linhas, o estudo dos grupos e o effeito geral da sensação de assombro, que a leitura do nosso primeiro poema épico produz na physionomia dos cortezãos de D. Sebastião. O assumpto é grandioso e sympathico: tem effeito dramatico e revela estudo de época; e tudo realçado pela entoação geral do quadro, em que o artista ostenta a facilidade de um pincel facil e elegante. Ha uma tal suavidade, um sopro de frescura agreste, uma harmonia serena em toda aquella paisagem de Penha Verde, que o espectador, arrebatado pelo mesmo sentimento do poeta, tem vontade de exclamar:

> Oh! Cintra! oh! saudosissimo retiro,
> Onde se esquecem maguas!!..........
>
>
> Quem descansado á fresca sombra tua
> Sonhou senão venturas?!........

O pincel incansavel, e sempre agradavel do sr. Rodrigues, continua a provar-nos que se póde ser retratista apreciavel e pintor de merito. A ostentação da nobliarchia da fidalguia antiga havia tornado o retrato um ramo de pintura aprimorado, e até certo ponto apparatoso. As galerias de familia dos castellos feudaes, e os salões consagrados á recordação das physionomias venerandas dos avoengos, obrigaram a aristocracia britannica a chamar mestres celebres, como Holbein e Van Dyck. Em Portugal esta manifestação orgulhosa da nonbreza, segundo uns, ou preito pago á memoria dos antepassados, segundo outros, nunca passou de excepção. Galerias de familia completas, não as conhecemos. N'um ou n'outro solar derruido figuram os retratos gothicos d'este ou d'aquelle fundador de um ramo de nobreza, e de alguns de seus descendentes, mas isto alternado, incompleto, sem nenhumas das ostentações senhorís da vaidade e escrupulo da nobliarchia, que tanto alardeam ainda hoje nos velhos castellos que se erguem nas montanhas da Escossia e nas margens sombrias do Rheno. E sobretudo, esses pintores ele-

[1] Comprado por sua magestade o sr. D. Fernando para a sua galeria.

gantes, como Thomaz Lawrence e hoje Macnee e Grant, que souberam juntar ás tradições da escóla flamenga as graças e mimos da phantasia moderna, nunca os houve entre nós. Hoje o sr. Rodrigues representa este genero, genero que allia á similhança perfeita as ostentações e elegancias da moda. Presentemente raro é o salão da capital que não apresente algum dos seus trabalhos, que sobem de valor de dia para dia. Similhança que illude, graça caracteristica na attitude, frescura e mimo na carnação, velludos e setins que brilham, rendas que voam, joias e ornatos que scintillam, e isto tudo banhado na luz de uma atmosphera cambiante e frouxa, como a claridade crepuscular, eis os segredos e primores da sua palheta. Os retratos do fallecido patriarcha, o cardeal Guilherme, e o do arcebispo de Braga, o sr. Azevedo e Moura, reunem todas estas bellezas e qualidades.

O do sr. Gonçalves, joven cirurgião arrancado á vida e á estima dos seus amigos (que eram todos que o conheciam), pelos seus excessos de zêlo durante a fatal epidemia que ainda ha pouco assolou Lisboa, é tambem um trabalho primoroso, e que por ser feito apenas de memoria sobreleva o merito do artista, dolorosamente avivado pela saudade do amigo.

Um véo de lucto veio encher de tristeza os lentes da Academia das Bellas-Artes, com a morte prematura de um dos seus discipulos mais distinctos. Referimo-nos ao sr. Antonio José Patricio, pintor de genero, que ainda ha pouco chamára a attenção dos entendedores com a exposição de alguns quadros, onde se notavam com elogio os dotes do observador fino e chistoso de costumes populares, que mais tarde o collocariam, com vantagem, na carreira illustrada por Hogarth e Welkie. Mas parece que por um presentimento doloroso de seu fim proximo, o seu talento desabafára n'um instinctivo adeus ao mundo, produzindo o seu ultimo quadro, *A despedida á beira do mar!* Esta composição é já a previsão da alma que procura, em scenas analogas, a manifestação do sentimento que a consome, *A Tempestade*, concepção infinita talvez pela mesma ordem de idéas, completa a explicação do estado d'aquelle espirito, que via nas desordens da natureza a imagem das afflicções que se lhe debatiam no intimo.

Estes quadros, derradeira manifestação do seu talento apreciavel, foram comprados pelo sr. D. Fernando. O artista já não o soube: quando a compra se ultimava, já o sr. Patricio tinha deixado de existir para os seus amigos e para as artes. Lance a magoa e a saudade uma coroa de perpetuas sobre esta campa de um engenho tão malaventurado!

Os trabalhos do sr. Annunciação não são menos dignos de elogio. A *Ida para o trabalho*,[1] cuja estampa démos no primeiro numero da *Revista* e tres quadros de criação,[2] formam a sua collecção mais notavel, no anno findo. E que naturalidade, que matiz e viveza de pincel em todos aquelles episodios de aves! A estes devemos reunir o *Cão de gado*,[3] esforço felicissimo de imitação do natural, e uma *Vista de Sacavem*,[4] risonha paizagem de uma tinta suave e luminosa, em que o pintor ostenta os esplendores da sua imaginação, na vivacidade e harmonia de uma palheta rica de realces de sombra e luz. O quadro de *interior* do sr. Christino, a *Estalagem*,[5] em que os effeitos de uma grande força de luz dão relevo a toda a combinação da perspectiva, e o da *Fonte das lagrimas*,[6] poetica fonte que os amores de um principe, e os cantos de um bardo tornaram immortal, constituem em pintura as producções mais notaveis do anno de 1858.

O sr. Victor Bastos prosegue na sua carreira de progressos. A sua estatua, em dimensões colossaes, do general conde das Antas,[7] e um assombro para os intelligentes nos segredos da arte, a considerarem o pouco tempo que o artista tem de trato intimo com o cinzel. Tem a severidade e a elegancia de linhas dos bons modêlos, e o garbo e a impavidez marciaes do guerreiro distincto de que perpetuou o nome. Aquella capa descaída sobre os hombros, com a magestade que não exclue a singeleza, dá-lhe a grandeza e a simplicidade de uma estatua antiga. Mas a obra preciosa do sr. Bastos é o busto do fallecido conselheiro Fonseca Magalhães, um esforço de similhante e um primor de cinzel.[8]

Porém, este nome illustre leva-nos ao necrologio. Esta revista acaba como acabam todas as coisas do mundo, com a morte. E que morte! A morte de um estadista celebrado, e de um orador, cujos rasgos de ironia fina, todos moldados na grandeza da tribuna antiga, ainda revoam nas duas salas do parlamento! A vida dos homens notaveis é sempre annuviada de tempestades que a inveja e a calumnia, de mãos dadas, sopram sobre os seus dias de

[1] Tambem pertence ao sr. D. Fernando.

[2] Igualmente a sua magestade.

[3] Pertence ao sr. Estevão Palha.

[4] Comprado pelo habil facultativo o sr. Alves Branco.

[5] Pertence ao rei artista.

[6] Do mesmo senhor.

[7] Mandada fazer por uma commissão de amigos do finado para ser inaugurada no cemiterio dos Prazeres.

[8] Mandado fazer por seu filho o sr. Luiz do Rego.

maior gloria. É só quando a mão da morte arrebata estes vultos gigantes das scenas actuaes da politica, e que se lhes abrem as portas da posteridade, que a rasão publica, desassombrada do peso das ruins paixões, os avalia com justiça e lavra o seu panegyrico com verdade.

Triste condição do peito humano, que só em cima da lousa do sepulchro confessa as virtudes d'aquelles que ella nos encerra para sempre!

É no epitaphio que começa o biographia sincera dos grandes homens. Com o conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães aconteceu assim. Em sua vida, os odios pequenos e as malquerenças de partido ergueram muitas vezes armas traiçoeiras, que foram até ferir o ministro no mais intimo e sagrado de seus affectos de familia; mas depois que aquella grande luz se apagou, essas mesmas armas se viram em funeral, e em roda da lapida, ainda descerrada, não mais se ouviram senão vozes de dôr e de saudade.

O dia do enterro do distincto estadista foi para Lisboa de uma sensação profunda. Duas alas de concorrentes, em que se viam todas as classes populares, todas as gerarchias e condições, todos os partidos e sympathias, seguiam desde a igreja da Lapa até ao cemiterio dos Prazeres. Ahi, quando o féretro desceu á sepultura, os srs. Fontes Pereira de Mello e Casal Ribeiro, no meio de um silencio religioso, que era a expressão do sentimento de uma grande perda que não deixava respirar as magoas de amisade, resumiram em breve, mas eloquentes palavras, as dôres da sua saudade e os dotes do orador notavel e do ministro illustre. Desde este momento, o homem havia desapparecido e o estadista eminente começou de ser avaliado. Amigos e adversarios perceberam que da arena, ainda estremecida das convulsões das nossas discordias intestinas, tinha saído, e para sempre! o conciliador perspicaz, o homem de bom aviso e presciencia politica, o espirito emfim que comprehendia os progressos da sociedade, mas realisados fóra do antagonismo irritavel dos conflictos partidarios.

O conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães deixou um vácuo difficil de substituir. Homem dotado de uma alta rasão, intelligencia versada nos bons modêlos da antiguidade, antigo e esclarecido jornalista, possuindo em subido gráo os dotes repentistas da palavra, a sua perda é incalculavel. Como disse Talleyrand de Mirabeau: a sua cadeira no parlamento está vasia: enche-a apenas a memoria do seu immenso talento.

ANDRADE FERREIRA.

HISTORIA D'UM CASAMENTO

I

Era uma vez uma creatura d'essas que vem a este mundo fadadas para não serem coisa alguma, e que presumem ser o mundo o empecilho que as não deixa tomar posse dos altos destinos para que nasceram.

É escusado dizer o sexo da creatura.

Não conheci, nem me consta que haja mulher descontente do que é, imaginando-se victima de conspiração social, que lhe embarga o accesso a gloriosos destinos. A mulher tem chimeras, idealisa utopias, povôa de anjos o ar, recompõe o céo de mais lindas visões que Santa Thereza de Jesus e Mahomet; porém, de tudo isso, que a imaginativa do homem remeda no verso e desconhece na visão interior, a mulher—ainda aquella que não distingue a prosa do verso, melhor que mr. Jourdain—fórma um éden á volta do seu coração, e cria para esse éden um ente perfeitissimo que é o amor. Todas as maravilhas que sonha, todos os mundos que allumia com a lampada celestial de sua innocencia, todas as donosissimas creações em que traz doida de jubilo a phantasia, tudo isso é do seu amor, e para o seu amor o fez.

Se fatalmente, não ha paraiso sem pomo vedado, no paraiso immaterial da mulher, onde o amor se revê, soberano da creação, em tudo que o serve e incensa, o pomo vedado é o primeiro desengano. Chegado este, apaga-se a lampada da innocencia, in-

tenebrece-se a manhã da vida que promettia uma primavera infinita, abre-se um golphão de trevas debaixo de cada paço de Armida desmoronado, e a imaginação esvae-se-lhe como na alvorada o luzir tibio das estrellas. D'essa hora em diante ha um só brilho, triste como o reflexo de lavareda infernal, no coração da que fizera mundos da luz, que o senhor negára á face do sol, para vestir com ella a phantasia da mulher: esse triste reflexo é o gladio flammejante do anjo da descrença, que defende a entrada do coração ás sanctas esperanças, ás puras visualidades da innocencia.

É, pois, o idealisar da mulher uma feição, a mais bella e original feição do seu amor, e mais nada. Extincto este, a faculdade inventiva d'aquella morre de inanição. O positivismo reina absoluto nas ruinas de uma alma, que nem se quer recorda a florescencia do seu imperio. Nenhuma ambição pequena ousa renascer das cinzas de ambições grandiosas. Não ha compensação de miseravel egoismo que lhe reaccenda a cubiça dos mesquinhos thesouros d'esta vida desluzida e despoetisada.

O homem não é assim. Tem uma primavera, muito festão, muita fragrancia, mais ramalhetes que em festa de orago de aldeia. No centro d'esse jardim, colloca elle uma colmeia de virgens umas loiras, outras de ébano, outras de alabastro, virgens de páo, de pedra, de carne e osso, todas corpóreas porque a mais etherea imaginação de homem materialisa para entender, e para que a intendam.

Dissera o Sá de Miranda que poetas tudo punham em flores, e dos fructos nada havia que esperar. Duvido da sinceridade do doutor. É tradição que os melhores repolhos e cebolas do Minho cultivou-os elle na sua quinta da Tapada, e a mais feia mulher do norte lhe coube a elle em sorte, e a virtude sublime, que os biographos lhe dão á feia e avelhada consorte, é ter sido uma economica e zelosa administradora do cazal. Digam lá que os poetas tudo poem em flores!

O poeta, quero dizer, o que faz da sua vida de dois ou tres annos chronica em verso, é como o figurão que no dia 1.º de maio passeia as ruas de algumas villas de Traz-os-Montes, vestido de giestas floridas de amarello e branco, cantando «as maias» diante das adufas de rotulos, por onde a louçã mocinha da casa, lisonjeada nas trovas, lhe atira a moeda de cobre.

Ao declinar do sol, o florido «maio» despe as viçosas ramagens com sofrega impaciencia, chama a contas o thesoureiro das dadivas, e joga com elle o murro, na hypothese quasi sempre justa de que elle cumpriu indignamente o seu mandato. Liquidado o producto das trovas e das cortezias ramalhudas, o festeiro do mez

das flores, funde os vintens escassos n'uma bodega, e faz das giestas vassouras com que mimosea a mãe.

Encarreguem-se agora os apreciadores meticulosos de allegorias de compararem miudamente o poeta das trovas com o poeta das giestas. O phrenesi famelico com que este sacode os penachos e ramagem pendente dos hombros, e as gabellas apertadas na cintura, faz-me lembrar o que eu tenho visto, e espero continuar a ver, nos meus amigos poetas, chegada a hora da prosa, a hora tremebunda em que as leis do estomago insurgem contra as velleidades pulvéreas do espirito. O poeta, se não faz vassouras dos festões de jasmins e rosas com que enfeitava madonas e meduzas, alguem se encarrega de fazer prestadias todas essas flores em papel cujo aroma muitos leitores pela primeira vez aspiram, quando não é a manteiga inclusa que lhes encanta mais o olfacto.

E ao cantor, ao modesto cantor que se lhe dá d'isso?

A essa hora está elle já não em florescencia, mas sim em fructificação. «Será bom que os ultimos dias se passem em flores?» disse o Vieira n'um sermão de penitencia, quando os effluvios das flores eram visco á virtude das moças como o aroma da mandrágora, e o versista era, *ipso facto*, um manancial de peccados, uma tentação, um demonio.

N'esse tempo era o poeta mais poeta, ou o estomago menos estomago. Morriam a cantar como o rouxinol de Bernardim Ribeiro os que traziam o diapasão do céo. Aos vinte, aos quarenta, aos setenta annos, gemia sempre o amor chronico, o amor que resistia a uma dor sciatica, o amor que se envergonhava de viver no peito, paredes meias com a viscera ignobil, em que tu, leitor, e eu, o primeiro dos teus admiradores, capitalisamos os grandes creditos a haver de uma sociedade que duvidou da legitimidade das nossas pretenções.

Isto agora é melhor, acho eu.

Murcham as flores, e lourejam as messes. Despe-se a arvore das louçanias do aroma, e reveste-se dos engodos ao paladar. Desvanece-se dos horisontes da imaginação o seio afflante da mulher amada, e desenha-se a olho visto, a distancia palpavel, o espaldar de uma cadeira parlamentar, uma escrevaninha em secretaria de estado, ou alfandega, ou no funccionalismo ideal de uma repartição de policia.

Se a má fortuna se nos atravessa nas aspirações, entramos a bradar contra o mundo que nos não entende, contra a ingratidão das gerações que deixaram beber a cicuta a Socrates, a chave a Gilbert, a zurrapa franceza a Filinto Elisio, e o ar azul do céo azul com brizas azues a Lamartine, que pede ao mundo que lhe

pague as dividas, para desmentir, com grave damno dos outros poetas, que o poeta é de sua natureza insoluvel e inválido.

Com a sorte esquerda de Lamartine sempre diante dos olhos os Lamartines, fallidos antes de contrahirem dividas, sacrificam as Elviras na hecatomba do orçamento, e deixam-nas embora tredas e desleaes, em paz de consciencia, em quanto elles, esquecidos do seu diccionario de consoante do Candido Lusitano, vão vociferando em prosa villôa, prosa de correspondencia de jornal de opposição, contra uma patria que vê os seus Belisarios e Pachecos, os seus Homeros e Camões desmedrados e intanguidos, perecerem á mingua de uma verba.

Se a conseguem, se a patria envergonhada, ou aborrecida do impertinente berreiro dos filhos que lhe chamam mādrasta, os chama ao seu regaço, (o regaço da patria para o poeta estende-se desde o banco de amanuense de 2.ª classe de alfandega, até á poltrona ministerial) ainda assim, ha sempre um destino falseado para esses homens de condão asiago, tolhidos em sua carreira pela ignorancia das massas, pela mal-querença da inveja, pelo ciume dos estadistas encartados, pela estrella malefica, socia negra do genio e do merecimento em toda a parte.

Ora eu conheço um d'estes bodes expiatorios que os seculos immolam nas aras da iniquidade, borrifadas pelo sangue de Socrates, de Seneca, de Catão, de Cicero, de Malherbe, e dos outros que o leitor não comprehendido quizer encabeçar na sua colonia de martyres.

Chamava-lhe o mundo um exquisito; e eu que sou da escóla de Boileau, chamava-lhe um tolo, e denominando-o assim, praticava um acto de justiça e moralidade que espero me sirva para o desconto de algumas injustiças.

No artigo mulheres, era uma coisa impossivel João Nunes das Neves! A ser verdade o que dizia, só elle á sua parte fizera mais sanctas com o martyrio do seu desdem, que os tigres de Diocleciano e Nero. Só na letra *M* tinham morrido, dizia elle, cinco *poitrinarias*, e duas de congestão cerebral, e assim por diante desde o *A* até ao *X*, em que havia uma *Ximena*, da qual elle contava uma tragedia mais horrivel que o nome.

Conheci este homem a passear leites de jumenta em Braga. A enfermidade que lhe ameaçava os dias, n'essa época, era um «desfallecimento d'alma» complicada com azias de estomago, resultantes de indigestões causadas por insomnias, e estas insomnias procedentes de vigilias, e estas vigilias consequencias de aturadas meditações ácerca do seu destino. Era uma pathologia completa o sr. João Nunes; e o leite da asninha, quer fosse por sympathia

de indoles, quer por virtude medicatriz, compoz-lhe o estomago derrancado, e fel-o dormir. Diga-se, de passagem, que eu lucrei muito com este segundo beneficio.

«Qual é o meu destino? —dizia elle, batendo com tres dedos no osso frontal, e inviesando para o céo os olhos scismadores— Abri em minha alma um molde para a mulher, que deve encontrar-se comigo na face do globo, e o molde está vasio, e a mulher, impellida pelo furacão da desgraça que me açoita desde o berço, affastou-se de mim para sempre, e geme talvez como a rola solitaria no ramo secco da arvore da encosta. Tenho abraçado phantasmas nas minhas sedes calcinantes de Tantalo. Os meus labios abrasam. Quando rosso com elles os labios da mulher vejo-a debater-se nas angustias da peçonha que lhe côa as arterias. Anceios e tedios, phrenesis e paralysias, furias amorosas de Othello e friezas subitas de Saint-Preux, são e tem sido a alternativa da minha atribulada existencia. Qual será o meu destino?

Nunes fazia-me medo com estas explosões, porque eu ás vezes não sei distinguir entre tolo e doido, e confesso que tenho medo dos doidos. Não era caridade abandonal-o, mas pretextei motivo para deixar a completa cura d'este anjo cahido ao leite de jumenta.

Tres mezes depois, estava eu n'uma photographia do Porto, e vio-o entrar.

«Por cá?! — disse eu.

— Por cá, e por toda a parte, o Assavherus da lenda, o maldito dos homens...

«E das mulheres, não?

— Oh! essas...

E alongou os beiços com um ar de piedade, que queria dizer: «coitadinhas!»

«Vem retratar-se? — tornei eu.

— Passava, vi uma taboleta, subi, e retrato-me....

«Com bella phisionomia. O sr. Nunes parece-me bom agora.

— Sou um sepulchro branqueado por fóra e cheio de vermes e podridão.

«Pois o leite da jumenta...

— Mas a alma?

Receioso da estopada, furtei-me ao dialogo, mostrando-lhe em uma taboleta bonitas medalhas de varios tamanhos para retratos.

«Esta é linda — disse eu, apontando-lhe uma — um rosto de anjo enquadrado aqui, e pendente sobre o coração...

— De quem o tiver... disse elle, bambaleando a fronte sinistra, e carregada de electricidade.

Nunes encostou-se á mesa da taboleta, apoiou a fronte na palma da mão direita, e murmurou:

«A providencia será o acaso?... Veremos.

II

«A providencia será o acaso?» dissera João Nunes das Neves, e permanecêra silencioso por espaço de alguns segundos, rufando nos dentes incisivos do queixo superior com a unha do dedo pollegar, que se inclavinhava pelos outros, fazendo uma figa. Não era nada bonita a cara de Nunes com esta visagem. Acostumára-se elle a esta exquisitice de máo effeito esthetico. Todas as vezes que o espirito de Nunes, gravido de idéas, entrasse em dores parturientes d'algum grande axioma ou descobrimento psycologico, era certa uma figa, uma careta, e um rufo na dentadura esverdeada e anarchica.

«Sabe no que eu estava scismando? — disse elle encaracolando as guias do bigode.

— No insoluvel dos problemas da vida, como sempre, não é verdade?

«O sr. já estabeleceu principios theoricos de que tirasse, na vida pratica, as consequencias contidas n'esses principios?

— Não intendi bem...

«Quero dizer se alguma vez conseguiu chegar por onde toda a gente chega a um dado ponto do mappa-mundi moral.

— Olhe que ainda o não entendi sufficientemente sr. Nunes. V. S. esteve muito tempo nos mundos incorporeos, e está ainda fallando o idioma d'esses mundos defesos...

«Ao sr.? Isso é impossivel! O meu caro senhor é poeta, e romancista. Como poeta, tem obrigação de saber...

— Que uma decima tem dez versos, que o verso póde ter desde duas até treze syllabas, que o hendicassyllabo póde ser saphico e...

«Essa é a porção ignobil do poeta, permitta-me que lh'o diga. Eu fallo do arrobamento, do extasis, da etherisação, dos imponderaveis, da ave celestial do genio que se peza em suas azas rossando as nuvens, e perde da vista o baixo tremedal d'este desterro em que patinham os alarves felizes. Queria eu dizer-lhe que ha principios geraes com consequencias infalliveis para o commum da humanidade. Exceptuados ha, porém, d'esta regra, e estes são os grandes desgraçados, quando teimam em esperar a felicidade na estação em que o vulgo a espera. Vou dar-lhe um exemplo de stricta e rigorosa verdade. Qualquer homem,

resolvido a identificar-se na alma de uma mulher, a associar-se uma companheira para os serenos contentamentos da familia, a repartir com ella o pão de seu trabalho, e a poesia exuberante de seus thesouros ignorados e cerrados, o que faz?

— Offerece tudo isso á mulher que lhe parece ser a predestinada para dar e tomar o quinhão d'essa felicidade...

«Justamente. Das duas uma, ou a mulher traz de cima a predestinação, e as esperanças não tombam do seu pedestal, ou o tempo desluz a poesia que alluminára o homem, e a alma, fatigada de illusões, descança e revigora para outras.

— É claro.

«Ha homens, porém, que nem ao menos experimentaram o intervallo das illusões: homens que atiram o seu coração a uma pedra, como o ignaro semeador do evangelho, e querem que elle fructifique: homens contumazes que se torturam voluntariamente querendo forçar os olhos a verem na mulher a predestinação que elle não tem.

— Isso são doidos.

«Doidos, não; infelizes, carrascos immeritos de si e das victimas, almas penadas, que cumprem na terra a sentença de Tantalo, de Sisipho, de Prometheu, e das Danaides. Para estes não ha o que se chama a logica da vida, isto é, a cadeia de successos methodicamente derivados uns dos outros; ou pelo menos o bem-estar não procede do bem-pensar, nem a realidade se envasa nas mais verosimeis fórmas da theoria. Convencido ha pouco, d'esta verdade, por um d'esses subitos lampejos que visitam o homem trabalhado na averiguação do seu destino, vou tentar a derradeira experiencia, vou abraçar o absurdo, em que cria Santo Agostinho, o absurdo azar em que espero fazer, senão bom jogo, ao menos hei de obter um successo pelo menos egual aos que tenho obtido empregando o raciocinio, a meditação, o calculo, e a experiencia.

— O sr. Nunes acaba de criar alguma coisa, ou eu sou um tolo singular! Posso entrar no segredo da sua idéa, e até aproveital-a para mim, se dá licença?

«Venha cá o senhor. Eu volto as costas para todos estes retratos de mulheres que ahi estão n'essa fileira.

Referia-se João Nunes ás provas que o artista expozera, com permissão das senhoras retratadas.

«Veja-as o senhor, continuou elle, e eu raparei — Conhece-as?

— Conheço-as quasi todas.

«Devem estar ahi algumas solteiras.

— Conheço sete solteiras.

«Póde em poucas palavras, sem me dizer quem são, dar-me uma fugitiva idéa do porte de cada uma?

— Posso: são todas meninas honestas, algumas com bom patrimonio em dinheiro, e outras com melhor patrimonio em virtudes.

«Não lhe pergunto se são bonitas, porque é de presumir que o sejam, aliás não consentiriam a exposição. Agora, escolha de entre essas uma.

— Que escolha?! Já vejo que o systema não só é original, mas tambem agradavel: resta saber se a minha escolha depende do consentimento da escolhida.

«O sr. está gracejando, e eu digo-lhe com seriedade que escolha d'essas sete mulheres a que eu devo julgar desde este momento em diante a minha predestinada.

— Entendi agora... Se o meu amigo deixa ao meu arbitrio a sua felicidade, deixe-me examinal-as com a seriedade que o caso pede. O senhor gosta do rosto oval, ou redondo?

«Não me faça perguntas d'essas: eu não sei do que gosto. Hei de vel-a, quando a tiver acceitado da mão do acaso.

— Pois bem... está feita a escolha. Póde vel-a.

Nunes voltou-se com a mais comica seriedade; fitou-a menos de um segundo, e disse:

«Será esta.

— Conhece-a? — disse eu.

«Não.

— É filha de um pintor, diz-se que é mais illustrada que o vulgar das mulheres, tem tido uma vida irreprehensivel, e rejeitou a proposta de casamento com um lorpa dinheiroso, chegado no paquete do Brazil. Gosta deste typo?

«Não sei se gosto. Ha de ser minha mulher. Imagino já que a amo ha annos. O sr. é amigo do dono d'esta officina?

— Conheço-o.

«Poderá obter d'elle uma copia d'este retrato?

— Duvido, mas instarei.

Pedi ao artista que m'a concedesse sem receio de indiscripção. Recusou, dizendo que a menina retratada, se um dia soubesse que do seu *atelier* saíra cópia do retrato, sem expresso consentimento d'ella, não lhe perdoaria o abuso de confiança.

Communiquei a resposta a João Nunes, e elle disse serenamente: «Não importa.»

Sentou-se na cadeira, defronte da machina, e fez-se retratar escolhendo das medalhas, que examinára, a mais bonita e portatil.

No dia seguinte, enviou o seu retrato a Maria da Luz, que assim se chama a filha do pintor, com a seguinte carta:

«O homem que lhe escreve é o original d'essa cópia que vê, e até um original sem cópia possivel, se v. ex.ª o entender assim.

«Tenho trinta annos, e chamo-me João Nunes das Neves. Possuo sobejos bens de fortuna para ter sido até hoje desgraçado, porque, sob minha palavra de honra lhe juro, que nunca pude comprar um prazer, nem ainda soube enchugar uma lagrima com dinheiro, nem consolar as que o meu dinheiro faz chorar.

«Ando ha quinze annos atraz do amor. A minha historia é a dos passaros que depinicavam as uvas fantasticas de Apelles. Não sei o que é o amor, nem o sinto ainda. A borboleta, cansada de levar a spiral ás antheras da flor contrafeita, cáe desfallecida.

«Vi o seu retrato, e imaginei a felicidade. Não lhe digo que a amo. Offereco-lhe a minha vida que é mais alguma coisa.

«Se lhe são repulsivas as feições do homem que lhe escreve, rejeite-me; dê-me, porém, um ostracismo á parte do brasileiro que rejeitou ha pouco: protesto contra o favor de um companheiro de infortunio.

«V. Ex.ª cuida que está a contas com um doido. Sel-o-hei eu na verdade? Puro e perfeitissimo juizo dos anjos será esta doidice se por ella se chegar a discernir entre a desgraça da solidão e as alegrias da sociedade com uma amiga, mais desvellada que irmã, e mais extremosa que mãe. Deus insandece os que quer perder; é dito das Escripturas Santas; a mim quem sabe se indoidece para salvar-me!

«Não sei que mais lhe diga.

«Dou-lhe oito dias para responder ou para não responder.»

Uma hora depois, João Nunes recebia no seu hotel este bilhete:

«Vi-o ha cinco mezes em Braga. Perguntei o seu nome, e contaram-me parte da sua vida. Primeiro horrorisei-me, depois compadeci-me. Nenhum homem é por sua vontade infeliz e os espinhos, regados pelas lagrimas que faz verter, cercam-lhe a fronte de uma coroa que o não deixa descançar d'algum lado. Se não tem irmã, nem mãe, e quer uma amiga, dou-me a si, e acceito o titulo com que quizer sagrar esta alliança.

«Não digo alliança de infelizes, porque não tenho sido nem sou infeliz. A minha vida obscura é um remanso de agua lympida e morta, onde nunca chegou a vaga batida das tempestades.

«Está escripto que a vida é uma prova. Tem-me parecido que não para as pessoas contentes com sua sorte. Se está nas suas mãos o meu calix, acceito-o.

Maria da Luz.»

Vi esta carta na tarde d'esse mesmo dia. João Nunes denunciava um jubilo tão sincero que me obrigava a crer as maravilhas estupendas de que é capaz um exquisito. Curvei o joelho tambem ao absurdo. Cheguei até a persuadir-me de que o tolo tinha sido eu, sorrindo-me á sucapa da theoria, que expuz, da lavra d'elle, e com a qual ainda agora me não entendo bem.

A prespectiva d'esta singularidade de Nunes, que até então me parecêra a desgrenhada cabeça de um romance inverosimil, affigurava-se-me agora com tendencias para o mais mechanico corrente, prosaico, e plebeu dos desenlaces.

Esperava eu que Maria da Luz respondesse devolvendo-lhe carta e retrato, por algum dos irmãos, que se presavam de cavalheiros, e costumavam provar que o eram com logica de cana da India.

Esperava mais que o provinciano, causticado pela zombaria dos portuenses a mais dolorosa de todas, porque em parte alguma do mundo se insulta com um riso mais gallego e petulante, esperava, digo, que a desconcertada cabeça de João Nunes se desarranjasse de todo, ou a extravagancia fizesse crise, como se está vendo que faz em muita gente mais tola que elle.

Pasmado da direcção das coisas, por um triz que não fui a casa do photographo escolher uma das outras seis, e ensaiar por minha conta a apologia do absurdo. Dissuadiu-me da tentativa a certeza de que tinha sido infeliz com quantos absurdos quizera converter á logica da vida positiva.

Entretanto, João Nunes não sei que cartas escreveu e respostas teve: o certo, o sabido, o facto, cujos precedentes pouca gente sabe, é que o morgado do Reguengo das Toupeiras casou vinte e sete dias depois com a sr.ª D. Maria da Luz.

Se querem saber a vida intima de João Nunes, casado, refaçam-se de paciencia para ler a seguinte carta que elle me escreve, um anno depois:

«Meu amigo

«Pelo almocreve, que levou os presuntos, lhe escrevi, dando-lhe parte de que sou pai de um robusto rapaz, que, apenas conta um mez, e parece que tem oito! Minha mulher abateu um pouco da sadia nutrição que estava gosando; mas começa a restaurar as forças e cores salubres que adquiriu n'estes bons ares e com as puras aguas que por cá se bebem. Eu cuido da lavoira, vou muito á caça, e entertenho-me com o pequerrucho. A Maricas esta toda empregada na creação dos perús e dos patos. Manda-lhe ella perguntar se será possivel obterem-se amostras de algumas raridades galinaceas expostas na Exposição Agricola do anno passado. Tambem o incommodarei pedindo-lhe que saiba os

preços dos differentes arados expostos, e bem assim o preço actual da sêda em casulo, e por quanto poderei haver tres milheiros de amoreiras para plantação. Bem quizera haver um bacoro da raça dos cevados do Allen; não sei se é possivel o appetite. Tenciono mandar á exposição do anno seguinte uma excellente junta de bois barrozãos, creados em minha casa, e uma poldra portugueza que já tem quinze pollegadas e tres linhas. Não lhe roubo mais tempo. Recados da Maricas, e um abraço do seu

Nunes.»

«*P. S.* Que tal acha os presuntos? Diga-me se os de Lamego serão mais saborosos!?...»

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

AQUELLE DIA!

Jámais me ha de esquecer aquelle dia!
Do meigo outono a pallida folhagem
Inda os troncos do bosque revestia;
Sereno estava o céo, doce a bafagem,
De toda a natureza
Infinita saudade respirava;
Mas n'aquella tristeza
Feliz o coração se dilatava.

Feliz, ai! tão feliz que'inda á lembrança
D'esses dias de amor e de ventura,
De paz e de esperança,
Se anima, e vê sorrir na noite escura;
Um reflexo da estrella resplandente
Que uma vez lhe brilhou serena e pura.
Inda a sombria nevoa do presente
Se rarefaz, se esvae e se illumina
Tudo a seus olhos de uma luz divina.

Oh! tu lembras-te bem d'aquelle dia!
Nem o lento correr de tantos annos,
Nem as tardias horas que vieram
Depois, cheias de amargos desenganos,
O encanto desfizeram

Da inspirada, divina poesia,
Que elle continha em si, que elle nos deu,
E nós guardâmos como um dom do céo.

Era êrmo o logar: êrmo, mas bello;
Profunda a solidão de quando em quando
Escutava-se o cantico singelo
Da estrangeira avesinha, que buscando
O sol do nosso inverno,
A voz desfallecida ía soltando,
Com saudades do *ninho seu paterno*.

No extasi ideal do sentimento,
Tu erguias os olhos silenciosa
Para o sereno azul do firmamento;
E da bocca formosa
Reprimir um suspiro em vão tentavas...
E que n'esse momento,
Exhausta a escalla do prazer, anciosa,
Uma nota na dôr emfim buscavas!

Nas nossas almas existia um mundo
De indefinito amor;
Do pelago profundo,
Onde ruge o furor
Insano, concentrado, atroz, maldicto
D'esta cruenta guerra
Das ambições da terra,
Nem uma maldição, um som, um grito,
Nos vinha perturbar!
Era a amplidão do céo, a solidão da serra,
Ao longe a voz do mar!

Depois, como se a mão da Providencia
Inundasse meu ser n'aquelle instante
Da luz d'outra existencia,
Julguei ter visto a origem fulgurante
D'onde provêm a chamma,
D'este immortal amor que nos inflamma.

Á idéa então da morte
Sentia-me sorrir, porque na hora,
Que no-la désse a sorte,

Brilhava para nós serena e pura
Essa immortal aurora,
Que reluz nos umbraes da sepultura.
Iriam nossas almas,
Já livres de martyrio,
Colher as flores e mimosas palmas
Que vecejam no Empyrio!

...

...

...

Tudo emfim acabou! A noite escura
Envolvera em seu manto aquelle dia;
E de tanta poesia
Que resta para nós? — Uma saudade,
E a esperança que um dia essa ventura
Nossa outra vez será na eternidade!

Agosto de 1858.

BULHÃO PATO.

A BOM ENTENDEDOR, MEIA PALAVRA

PROVERBIO *

A scena é n'uma sala contigua ás salas do baile.

SCENA II.

O VISCONDE, A CONDESSA, A MARQUEZA.

MARQUEZA — Ainda estás aqui, condessa?

CONDESSA — Deixei-me ficar... conversando com o visconde.

MARQUEZA — Não me parece feliz a idéa! Já no baile se reparava na tua demora.

CONDESSA — Então que diziam?

MARQUEZA — Que ouvias com demasiada attenção os discursos do visconde.

CONDESSA — *(a meia voz)*. Talvez se não enganem!

MARQUEZA — *(do mesmo modo)*. Então para que serve uma tia? Dispõe de mim, e nunca esqueças que tudo se póde fazer, conseguindo salvar as apparencias.

VISCONDE — Até já, minhas senhoras *(retira-se)*.

SCENA III.

A CONDESSA, A MARQUEZA.

MARQUEZA — Não queres saber o que se dizia no baile a teu respeito?

CONDESSA — Quero, sim, minha tia.

MARQUEZA — A mocidade falta experiencia, e receio muito que as tuas leviandades te venham a comprometter algum dia. Pois

* Conclusão do numero antecedente.

sáes ao mesmo tempo que o visconde, demoras-te a fallar com elle, e não queres que as más linguas façam o seu officio?

CONDESSA — Seriam injustas comigo... Encontrei o visconde por acaso.

MARQUEZA — Acaso em que o mundo não acredita, porque é evidente que vivemos n'uma época absurda. Deram em suppôr rasoavel que as mulheres se sacrifiquem pelos homens, e por tanto não hão de achar extraordinario nem inverosimil que manifestes com ostentação a tua sympathia pelo visconde.

CONDESSA — Mas o que me aconselha agora, minha querida tia?

MARQUEZA — E proclamam-te por ahi uma mulher de espirito! Infeliz, serias tu, se não possuisses uma tia, que ainda teve o prazer de assistir aos grandes dias da monarchia legitima...

CONDESSA — E depois?

MARQUEZA — Querem por força que gostes do visconde? Pois converte o visconde em teu humilde adorador.

CONDESSA — E se elle amar outra mulher?

MARQUEZA — Isso é mais sério. Ama-o ella tambem?

CONDESSA — Penso que não.

MARQUEZA — E duvidas do teu triumpho? Viuva elegante, formosa e rica, invejada por tantas mulheres, quem é que te poderá resistir?

CONDESSA — Mas, minha tia...

MARQUEZA — Sê sincera comigo. Que idéa fazes do visconde?

CONDESSA — A mais favoravel. É uma excepção n'esta nossa sociedade que se affadiga em explorar minas, em construir caminhos de ferro, em fabricar barretes de algodão para salvar de constipações os maridos de saude melindrosa. Pois acreditará, minha tia, que nunca se propoz a deputado, que nunca quiz ser camarista para estar de pé dias inteiros, e que é da mais completa ignorancia em finanças, em economia politica, em todas essas sciencias inventadas para tormento dos homens de espirito e dos christãos velhos!

MARQUEZA — Começo a sympathisar com o teu visconde. Alcançarás n'elle um bom marido. Ha de acompanhar-te aos bailes sem se desculpar com os trabalhos da camara, e não terá enchaqueca e attaques de nervos em dia de theatro italiano. Acertas bem se o escolheres para consolação da tua viuvez.

CONDESSA — E se elle sentir horror ao casamento como dizem?

MARQUEZA — Terá elle dividas?

CONDESSA — É mais que provavel.

MARQUEZA — Mas se assim é, ha de dar parabens á sua fortuna. No meu tempo o casamento era um negocio de familia, hoje é

apenas uma operação commercial, um contracto synallagmatico e bilateral, como dizem os advogados. Os mercieiros que nos dominam fizeram do altar do hymineo um balcão, e reduziram o amor conjugal a uma *conta corrente*: não ha Romeo nem Antony que hesite em ir á igreja para escapar a uma prisão por dividas.

CONDESSA — A nossa situação é bem diversa. Sympathiso com elle, creio tambem que me não vê com indifferença, e, por tanto, será facil uma *cordeal entente*.

MARQUEZA — Condessinha, olha bem, não te apaixones. Dois esposos que chegam a converter-se em amantes, nada ha mais absurdo. O problema social no matrimonio é simples; toma-se um marido como hoje os periodiqueiros escolhem um editor responsavel, e deixam-se as exaltações amorosas para as novellas. Era este o systema que seguiamos, quando eramos moças, e nunca hão de voltar melhores tempos.

CONDESSA — Não o diz assim a historia.

MARQUEZA — Não falles de leve no que formalmente ignoras. Esses poetas de agua-doce, e esses philosophos de pouco mais ou menos, que namoravam as nossas criadas e a quem davamos ás vezes de jantar, pagaram os beneficios que de nós receberam propagando calumnias, e dizendo horrores contra a nossa vida e costumes... Olha que te deves reputar muito feliz por viveres n'este seculo insipido... Seculo em que os negreiros se tornaram principes e Amphitriões, e os usurarios em desconto dos seus peccados, dirigem as sociedades de beneficencia, e não fallam senão em caridade! Seculo, em que as mais honradas familias, a preço de uma chicara de chá verde, e de uma contradança, se tornam indirectamente cumplices dos maiores escandalos. De novo não ha senão camaras e orçamento: duas petas de que os nossos lacaios se ririam! Olha, menina, vou entrar no baile; espera-me aqui um momento. Manda embora a tua carroagem: irás na minha. Indo comigo, ninguem terá que dizer.

SCENA IV.

A CONDESSA SÓ.

Gosto de ouvir esta minha querida tia! Tudo lhe parece facil. Se o visconde não for o homem que supponho, havia de fazer uma bonita figura!

SCENA V.

A CONDESSA, O VISCONDE.

VISCONDE — Confesso-lhe, condessa, que venho irritado d'esse maldito baile. Se não houvesse ainda algumas pessoas amaveis

e espirituosas, como v. ex.ª, todos haviam de preferir os botequins e casas de jogo ás salas.

CONDESSA — Então o que lhe aconteceu?

VISCONDE — Sua tia fallou verdade. Atrevem-se a dizer que o nosso innocente encontro é nada menos que uma formal entrevista.

CONDESSA — Não é novidade para mim. Contava com isso. Mas que se lhe ha de fazer? Os maldizentes hão de a final cançar-se de fallar.

VISCONDE — Applaudo a estoica resignação da condessa. Mas nem por isso deixo de ficar magoado com tão absurdos rumores. Não será acaso permittido conversar com uma senhora formosa e elegante, ainda nossa prima, quando ella se retira de um baile por estar enfastiada? Querer-se-ha converter uma sala n'uma especie de taboleiro de bichos de seda, aonde só se vegete e coma, no mais profundo silencio?

CONDESSA — Ora diga-me, visconde, afflige-o muito o julgarem que me faz a côrte, e de que eu lh'a aceito?

VISCONDE — Seria isso para mim uma grande gloria. Mas se continuam taes boatos poderá ser que me veja obrigado a fazer visitas menos frequentes ao Eden aonde v. ex.ª habita.

CONDESSA — Agradam-lhe então as nossas modestas reuniões?

VISCONDE — Digo mais, tornaram-se um elemento essencial para a minha vida. Graças a Deus, nunca ali ouvi perguntar a quanto estavam cotadas as acções de nenhum caminho de ferro: não me apoquentaram a paciencia apresentando-me em severos algarismos o numero das caixas de opio com que a philantropica e puritana Inglaterra envenena a China, proclamando as excellencias do *free trade*. Para se escapar á representação de um melodrama insipido, para fugir ao aspecto tenebroso de uma *prima-donna* accommettida de inspiração, mas *sensa fiato*, para não ter que ler um d'esses magros *folhetins*, em que se faz alta esthetica, sem grammatica, o antidoto efficaz era ir passar algumas horas na companhia de v. ex.ª e dos seus amaveis convidados.

CONDESSA — Acaba de fazer um longo discurso, em que chegou, diga-se a verdade, quasi a ser eloquente, mas receio muito que elle se converta n'uma verdadeira oração funebre. Para os boatos calumniosos, o primeiro remedio é fechar a porta.

VISCONDE — Eis o que me tornaria inconsolavel. Nas suas salas estava-se no possivel paraiso que se póde encontrar cá na terra.

CONDESSA — Paraiso? Logo devia eu ser deusa. Qual das deusas? Juno?

VISCONDE — Juno! Juno, não, que era muito ciosa.

CONDESSA — Acaso seria tão lisongeiro, que me elevasse ás honras de Venus?

VISCONDE — Pelos attractivos, certamente o merecia. Mas Venus, como não ignora, se é o ideal da bellesa é tambem o typo da inconstancia!

CONDESSA — Nem mesmo Minerva?

VISCONDE — Pois acceitaria realmente o despacho? Uma dama tão fria, tão severa, que ha de ler naturalmente no Olympo o calculo differencial, e folhear uma taboa de logarithmos!

CONDESSA — Bravo, visconde! Deixa-me então uma divindade como certos ministros... sem pasta!

VISCONDE — Ria quanto quizer, condessa, o que lhe posso affirmar é que faria tudo para lhe evitar este desgosto.

CONDESSA — Que desgosto?

VISCONDE — O que se diz...

CONDESSA — Declaro-lhe, visconde, que se fosse mais vaidosa, podia offender-me.

VISCONDE — De que, condessa?

CONDESSA — Parece que o incommoda a idéa, de que o supponham namorado de mim!

VISCONDE — Pelo contrario; mas como nunca pensou n'isso...

CONDESSA — Ninguem póde lêr nos corações...

VISCONDE — A condessa tornou-se sceptica, segundo disse; eu ainda creio um pouco no amor. É um habito que nunca se perde de todo. Se eu tivesse a ousadia de lhe demonstrar a minima sombra de affecto, talvez que me riscasse do numero dos seus amigos.

CONDESSA — Admiro a sua innocencia... Acaba quasi de me fazer uma declaração.

VISCONDE — Pois fiz? Foi sem reparar. É verdade que n'isso sou partidario da tactica velha.

CONDESSA — Pois essa, diga-se o que se disser, é a melhor. Enfastiam-me os idyllios, e abomino os melodramas. Já passaram de moda os cupidos disparando settas, os pastores *sub tegmine fagi*, e as pastorinhas enfeitando com laços os timidos cordeirinhos... M. de Florian e Boucher já não resuscitam. Mas tambem não são para mim menos insupportaveis os Werthers, que se me apresentam com os cabellos em desordem, com o olhar profundo, desvairado e fatal: com os labios contrahidos em despreso da especie humana, e que me fallam no tedio profundo da vida, e nos mysterios do ser, e do não ser...

VISCONDE — Bem póde suppôr, condessa, que eu pouco me assemelho a um pastor da Arcadia, e que não me veio nunca á ca-

beça inspirar uma paixão byronianna. E todavia, parece-me que tenho respirado hoje n'uma atmosphera poetica e phantastica... E ha pouco, quando entrei no baile, vendo aquella menina...

CONDESSA — Que impressão lhe fez?

VISCONDE — Não digo que me parecesse velha, mas já não lhe encontrei aquelle viço de mocidade, que me captivava. É a influencia inevitavel de um barão. A velhice é talvez contagiosa como a peste. Dir-se-hia que a não vira ha muitos annos. O meu accesso ridiculo de ciume, ao contempla-la extasiada diante do barão, dissipou-se como por encanto. Senti o peito livre e desaffrontado.

CONDESSA — Não suppuz que a minha prophecia tão cedo se realisasse. Está curado: dou-lhe os meus sinceros parabens. Mas, segundo a minha pobre sciencia, um tão repentino desengano é quasi sempre symptoma de uma nova paixão...

VISCONDE — Nunca se engana, condessa: e como ha pouco me accusou do crime de uma quasi declaração, agora perdi o medo, vou fazer-lhe uma declaração digna dos aureos tempos do minuete da côrte.

CONDESSA — Ainda bem que me avisou! Vou prestar-lhe toda a attenção: mas peço-lhe que seja o menos eloquente que lhe for possivel.

VISCONDE — Direi o que realmente sinto.

CONDESSA — Mas como quer que acredite n'um affecto que se levanta de improviso, como os aguaceiros nos céos da America?

VISCONDE — Dura ha mais tempo do que parece á primeira vista. E se lh'o não confessei é porque não tinha a pretenção de eclypsar potencias tão poderosas como as do Norte...

CONDESSA — Olhe bem para mim, visconde. Repare que o outono da minha vida está perto.

VISCONDE — Sempre acreditei que a belleza é irmã gemea da mocidade, e que a elegancia e o espirito nunca abandonam as mulheres que uma vez reinaram.

CONDESSA — Confesso, visconde, que me sinto orgulhosa de o ouvir fallar como um poeta.

VISCONDE — Acredite, minha senhora, que a maior homenagem que um homem ás vezes presta a uma mulher, é fazendo a côrte a outra!

CONDESSA — Tremendo paradoxo!

VISCONDE — N'este caso, a pura verdade.

CONDESSA — E como não hesita o visconde em abdicar a sua liberdade de solteiro, vencendo o horror que lhe inspirava a vida conjugal?

VISCONDE — Quem se não tornará perjuro, e não mudará com gosto de opinião, podendo assim agradar a v. ex.ª?

SCENA VI.

A MARQUEZA, A CONDESSA, O VISCONDE.

MARQUEZA — Bem! muito bem! Vejo que estão de acordo!

CONDESSA — Certamente.

MARQUEZA — Estimo muito. Nada ha que enfraqueça mais o amor que as longas negociações preliminares.

VISCONDE — A proposito, o diplomata disse-me que só entregava o retrato com ordem expressa da condessa.

CONDESSA — Creio, visconde, que não recusará ao noivo, o que sem offensa podia recusar ao primo?

VISCONDE — (*beijando-lhe a mão*) Ah! querida condessa!

MARQUEZA — Meus queridos filhos, não lhes lanço a minha benção porque é coisa que já não está em moda desde o tempo de M. de Voltaire: não lhes canto uma aria, porque o amor de duas pessoas de espirito não é justo que acabe como uma opera-comica: digo apenas que fizeram bem seguindo o proverbio que diz: *A bom entendedor, meia palavra!*

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

UM MEZ EM CINTRA

FRAGMENTOS D'UM LIVRO

II

Não ha nada de que eu goste tanto como da conversa assim, no campo, tendo por tecto o azul escuro dos céos, por tapete as flores, rescendendo aromas voluptuosos e embriagantes, e por musica o grito dos passaros nocturnos, que atravessam rapidos o espaço por cima das nossas cabeças, ou o zumbido dos insectos que se escondem nas devêsas. *E assim* que se respira á vontade, passeando livremente, desligado como se está das insoffriveis etiquetas de um salão, em que se ha de guardar a mesma posição durante horas infinitas, e para ouvir o que? O artigo de fundo d'alguma gazeta, lido pelo capellão da casa, que se dedica geralmente á politica: ou então, o que é ainda muito peior, uma *romanza d'effeito* cantada pela menina, com olhares obrigados, para a visita de quem a receita annual fôr mais avultada.

N'este mundo *sublunar* as coisas com que embirro e quesilo mais, são inquestionavelmente, — com a etiqueta, com a contradança e com a *romanza*; em compensação gosto do *petit-point* e do *crochet (especie de cholera-morbùs* pela rapidez com que atacou esta metade do genero humano, a que se chama *bello-sexo)* porque na realidade, tanto um como outro são ás vezes serviçaes. Estabelecidas assim as minhas predilecções, e feita esta declaração, que o leitor perguntará porque e para que eu a fiz, continuo com a minha narração, de que me affastei sem saber como, o que prova que até nos meus pobres *escriptos* eu detesto a etiqueta.

Ao contrario de Sterne, que fez nascer o principal personagem do seu romance *Tristam Shandy* no penultimo capitulo, eu vou dar a conhecer a heroina d'esta minha narração logo no principio, descre-

vendo-a e retratando-a em primeiro logar. Como deveis imaginar é a viscondessa G... de quem já vos fallei, que vae occupar a minha penna e gastar uma porção do meu al-masso, o que me faz lembrar aquelles dois versos de Boileau:

Ecrive qui voudra. Chacun à ce métier
Peut perdre impunément de l'encre et du papier.

que como todos d'esse critico severo e inflexivel, são mordazes de despreso, para aquelles que começam a escrever e que não sabem que effeito produzirão os seus escriptos, e n'este caso confesso achar-me eu.

A viscondessa havia ter pouco mais ou menos trinta a trinta e cinco annos, apesar de pretender ainda aos vinte e oito, sem commetter n'isto um grande atrevimento, porque a sua pelle ainda se conservava lisa, macia e rosada, e o seu cabello completamente negro; os seus olhos de um brilho phosphorescente e magico, como o de duas estrellas em noite de verão, davam-lhe direito a essa pretenção que *par droit de conquête*, sobre esse velho feio e malcreado, chamado Tempo, ella queria guardar para com o seu sequito de admiradores, composto, na maior parte, de varias notabilidades politicas, alguns bonecos de Nuremberg, d'esses que se julgam cada um de per si o chefe da moda e da elegancia, e por ultimo (por que sempre colloco em ultimo logar aquelles com quem mais embirro) sete ou oito Lucullos (pela riqueza) ou Monte-Christos, aspirantes a conselheiros, e uma meia duzia de barões, com mais ou menos ridiculos, segundo a maior ou menor propensão para aquelle titulo.

A viscondessa comtudo não podia soffrer estes ultimos, e negava-lhes sempre a menor esperança, o que prova que a sua corda sensivel não eram os *cinco por cento*, e até me lembra perfeitamente que um dia fingindo eu que os defendia, respondeu-me apresentando-me uma pagina de um romance de Dumas, que tinha estado a folhear e em que eu li:

«A aristocracia de nascimento e a aristocracia de gloria são irmãs; a aristocracia de dinheiro não passa de uma bastarda.»

Olhei para a viscondessa um pouco em duvida sobre a sinceridade d'aquella revelação indirecta, n'este momento um criado annunciou o sr. conselheiro*** a viscondessa fez um gesto espontaneo de aborrecimento, e depois de um momento de hesitação respondeu ao criado:

—«Diga ao sr... que estou incommodada, que o não posso receber.

(Continúa) ANTONIO DE BREDERODE.

MÃE E FILHA

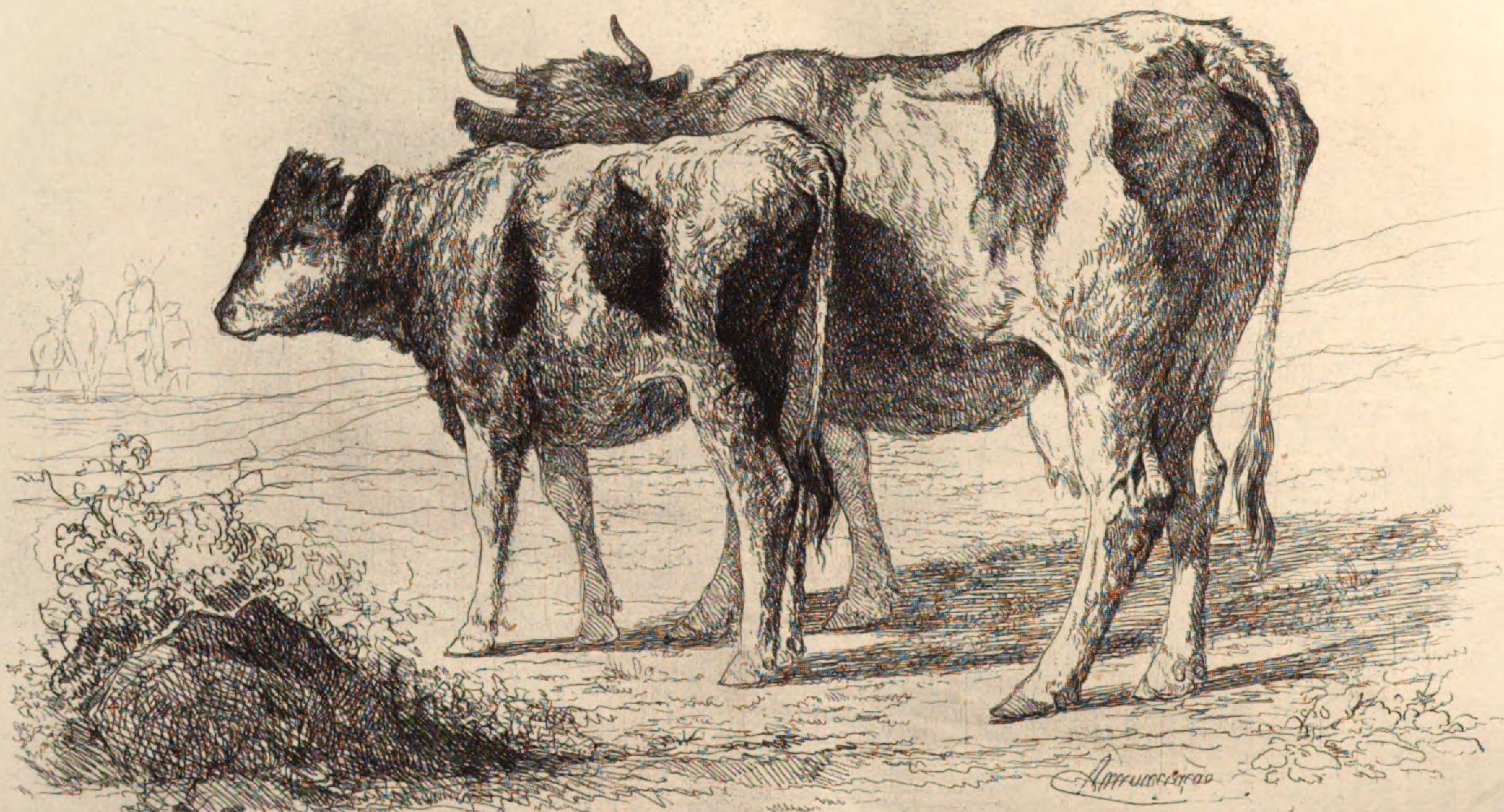
Os admiraveis e conhecidos dotes do sr. Annunciação sobresahem no quadro que tem este titulo, e que a nossa gravura reproduz quanto ao buril é possivel. O segredo da naturalidade está na fina, attenta, util, e, digamos, espirituosa observação das particularidades, d'onde resulta, n'um conjuncto bem disposto, aquella apparencia de vida em que a imitação nada esqueceu. Nos quadros do sr. Annunciação os animaes como que tem movimento, e o mesmo typo, repetido nas suas variantes, é sempre novo, porque é sempre diverso, e tem sempre que admirar.

Namoram e prendem os olhos estas tellas em que tudo é harmonia e parece respirar serenidade. Direis que rescende a fragancia nos campos, e nos horisontes vaporosos paira a suave e correcta poesia de um idyllio de Gessner. Vae-se com a vista o pensamento atraz dos grupos longinquos que são um dos maiores primores d'estas graciosas composições.

O merito supremo d'ellas, e que mais e melhor as realça, é, quanto a nós, aquelle sentimento profundo da natureza que fez a grandeza e o nome de Nicolau Poussin e Claudio Lorreno.

A *Mãe e a filha* denunciam-se pois logo. O olho desconfiado e inquieto bastaria para designar a filha, cujo caracter assomado e indole turbulenta se está ali revelando. A andadura tranquilla e a attitude vigilante teem tal cunho de solicitude que não seria preciso mais para distinguir a mãe, ainda que faltassem outros caracteristicos.

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.



Silencio Estampou

MÃE E FILHA.

UMA SESSÃO DE JURADOS

CASO DE SUPPOSTO INFANTICIDIO.

Está aberta a sessão. Um homem de physionomia agradavel e intelligente occupa a cadeira da presidencia. É ainda moço; quando muito terá quarenta annos. A energia do caracter traduz-se-lhe na palavra rapida, mas clara e sonora, sem gestos de severidade, tão communs nos que tem encanecido na judicatura. É o magistrado. O habito que veste e o logar onde está fazem-no reconhecer facilmente. Á sua direita está sentado um mancebo com ar nobre e garboso, mostrando pelas apparencias comprehender já bem a magestade das funcções que a lei lhes dá. No seu rosto expansivo e ao mesmo tempo grave, não se descobre o mais pequeno indicio de ruins paixões: veste tambem a becca. É o delegado do ministerio publico. Á direita d'elle está um homem que já viu desfolhar a flor da juventude: parece ancião pelas cãs que lhe cobrem a cabeça, pelas barbas quasi de todo brancas e pelas rugas do polido rosto. Não é velho todavia, supposto que o pareça. Esses indicios de senilidade deram-lhos os trabalhos da vida que ardua passou na mocidade, e os habitos de meditação em que de continuo a vae gastando. Foi soldado valente nas nosas luctas civis. Depois n'outras luctas se tem empenhado, que tem sido as do estudo. Quem é que fictando aquella physionomia não vê os sentimentos do pae de familia desvelado por seus filhos, do amigo sincero e dedicado, do cidadão probo e honrado? Quem deixará de ler n'aquella testa ampla e desaffrontada signaes de não vulgar talento? Quem não julgará da finura d'aquelle espirito pela correcção dos traços que lhe esboçam o rosto? As vistas penetrantes da alma traduzem-se-lhe na similhança singular que tem aquella cabeça com a da aguia. Mas essa finura e penetração não lhe servem para procurar os maís instinctos dos homens e para viver com elles em desconfiança. No alto d'aquelle craneo póde com facilidade descobrir o phrenologista os orgãos da veneração em amplo desenvolvimento. Brilha pela palavra e pela penna. Festejado sempre pelo povo como advogado nato dos infelizes, o dr. Bruschy tem adquirido merecida populari-

dade no exercicio das funcções da advocacia. Elle poderia occupar hoje uma das mais altas posições da nossa magistratura, se a causa porque combateu não tivesse expirado em Evora Monte, mas o dr. Bruschy havia mais tarde ambicionar outra gloria. É n'um paiz constitucional que podem medrar talentos como o seu.

Em frente do delegado do ministerio publico e do advogado senta-se em longa bancada o juiz da consciencia, o povo constitucional para exercer a mais nobre das prerogativas que conquistou nas suas luctas modernas. Ali o homem de letras, o negociante, o operario, o artista, em summa todas as classes vão fundir-se n'um só corpo moral, que pelo mesmo facto da sua diversidade imprimirá nas suas resoluções, o sêllo da independencia e da verdade.

Espectadores numerosos se tem apinhoado na sala da audiencia. Todos estão avidos de sensações; querem ver, querem ouvir todos o criminoso. Por triste e cruel que seja o espectaculo nunca lhe faltará concorrencia; e para scenas como aquella que era esperada ha sempre espectadores. O povo tem sempre os mesmos instinctos. Elle corre ainda hoje a ver julgar o criminoso e a ver-lhe rolar a cabeça no cadafalso, como corria no tempo de Nero para assistir aos horriveis espectaculos de carnificina, que distrahiam o povo romano. É uma tendencia esta, bem singular. Temos do homem melhor idéa, para a podermos explicar pela perversidade. Será o espirito de vingança que ali o leva? Será para protestar na presença de Deus contra os actos iniquos de perversos juizes? Talvez este motivo se tenha já dado excepcionalmente, mas esses exemplos vão longe... Será?... Que o diga quem melhor conhecer o coração humano.

O sentimento da justiça é a prova mais clara que se póde produzir da supremacia moral do homem; mas a necessidade d'ella é tambem um triste testimunho da nossa natureza. A exposição publica do crime, revelando todos os meios de que a perversidade se póde servir para conseguir seus fins, é uma condição necessaria, bem a reconhecemos, porque é preciso antes de tudo saber a verdade, muito embora tenha talvez de se desilludir aquelle que julga o homem um ente bom; mas a descripção de todas as suas premeditações, de todos os seus resultados, e ainda mais, a possibilidade d'elles, deixa no espirito recordações tristes e perigosas.

Quando o magistrado tem diante de si o criminoso que matou o seu similhante, quando esse criminoso mostra ainda as mãos tintas de sangue e a arma com que o feriu; quando todas as provas trazem o convencimento do crime ao espirito do juiz, póde ainda ser dolorosa a missão do magistrado, porque elle não vê mais do que o homem sobre o qual deve fazer caír o castigo, mas essa missão justifica-a a necessidcde, e eleva-a quasi á altura de um juizo de Deus a sociedade dos homens. Mas quando as acções que o magistrado tem de julgar são consequencia de uma organisação social, contra que se permitte que o philosopho proteste, é triste, muito triste que por ellas seja responsavel o que não é mais do que instrumento material. E de mais, a palavra crime não tem tido sempre a mesma significação. Julgamos com tudo mais supportavel para o espectador a narração de um acto de grande perversidade, do que a exposição do crime cujas raizes se confundem com as fragilidades humanas. Um aterra-nos pela ferocidade mas não nos aniquila; porém quando o crime

participa do asqueroso; quando a necessidade nos força a descobrir tudo quanto podemos ser, então a nossa energia sente-se abatida, e em logar do terror que nos podia inspirar um grande crime, mas que nos não tirava o dó pelo infeliz, sentimos o que quer que seja de similhante, de que temos pejo, e que nos obriga a retirar os olhos de um quadro de diante do qual não podemos estar por muito tempo, porque é espelho onde se reflectem imagens que nos repugnam.

Ainda que os tribunaes não tenham já aquellas exterioridades tristes e tenebrosas que tinham n'outro tempo, comtudo sempre diremos que não é medroso aquelle que sem um grande calefrio, entrar n'essas salas espaçosas e sem ornatos, para assistir ao julgamento de um réo. Desde a cara esqualida e necessitada do pobre official de diligencias até á do juiz, descobre-se o que quer que é de rigidez, que nos intimida. Chega-se quasi a desconhecer o amigo que ali vemos mettido dentro de uma opa negra, e a estranhar-lhe as frases que por habito tem affaveis e insinuantes. E todavia, cumpre que se diga que estas coisas não teem já o feio aspecto de outro tempo. Pelo menos, fóra d'aquelle logar, o juiz, o advogado, o representante do ministerio publico vivem com o seu similhante, riem e folgam, e tudo isso se póde fazer, tem-o a experiencia confirmado de sobejo, sem que no momento em que é preciso ser magistrado falte a gravidade necessaria, e sobretudo a rectidão e a humanidade.

Quem era pois aquelle cujos crimes o tribunal ía julgar? Os autos diziam um nome, dezasete annos, o temperamento, a constituição, a naturalidade e a morada. Basta-nos saber que era uma rapariga accusada de ter attentado contra a vida de seu proprio filho, lançando-o de uma janella abaixo, pouco depois de o ter dado á luz. No logar onde estavamos não lhe podiamos ver o rosto, esse espelho da alma onde muitas vezes se lêem sentimentos bem differentes d'aquelles que outras apparencias insinúam. A infeliz estava sentada e parecia vergar mais ao peso da vergonha do que ao do crime. Modesta e pobremente vestida com um vestido de chita e um chale que a cobria como se fosse lençol mortuario, escondia a cabeça n'um chapéo de palha a que serviam de ornato algumas flores já desbotadas, e do qual pendia tambem um véo preto que tapava o rosto sem lhe occultar de todo a pallidez. Fechava na mão um lenço de duvidosa côr e que a meudo approximava dos olhos sem já lh'os poder enxugar, porque as lagrimas o tinham ensopado. A respiração angustiosa facilmente podia ser observada nos movimentos do peito que anhelava com força; um tremor violento lhe agitava os membros, e a cabeça pendia para o chão, para onde provavelmente olhava, se antes não olhava para Deus e para a sua propria consciencia.

Quando o juiz mandou ler os autos, ordenou-lhe que levantasse o véo. Quasi que nos indignámos com aquella ordem barbara que deixava a infeliz em maior exposição ainda. Não censurámos o magistrado: elle que o fez foi porque provavelmente assim o exigiam as praticas do tribunal, entretanto quizeramos antes ver estas prejudicadas, mas respeitados os direitos do pudor. Se nos não enganamos, já lemos que os magistrados athenienses tinham por costume fazer cobrir o rosto á mulher que ia ser julgada, parece que com o fim de evitar as seducções da belleza que um dia na pessoa de Phirnea esteve a ponto de os corromper. Graças a Deus os nossos magistra-

dos, apesar de moços não temem essas seducções: entretanto desejaramos ver observado o costume de Athenas.

Não era difficil ver na physionomia de todo o tribunal indicios de commiseração pela desgraçada. O jury escutava com religiosa attenção a leitura dos autos na esperança de ouvir rasões que podessem absolver uma creança que a prostituição não tinha estragado, e que soffria n'aquelle logar maior pena do que o tribunal lhe podia impôr, se fosse criminosa, porque os homens não podem dar maior castigo do que é a anniquillação moral que resulta da accusação que nos faz a propria consciencia por faltas que o mundo suppõe irreparaveis. Ai de nós, se n'essas horas de suprema desgraça, a idéa de Deus não viesse consolar-nos.

Davam-se como provados nos autos os seguintes quesitos: — 1.º Que a ré tinha tido um filho — 2.º Que esse filho nascera vivo — 3.º Que sua mãe para occultar a sua vergonha o lançára da janella abaixo. Verificava-se pois o infanticidio prepetrado por aquella mesma em cujas entranhas se desenvolvêra o recem-nascido. Antes de chegarmos á analyse d'esta importante parte do processo, que foi o que nos moveu principalmente a tratarmos esta questão, vamos ainda entreter os nossos leitores, informando-os de algumas particularidades mais que observámos na sessão do jury.

Os peritos haviam procedido a um rigoroso exame com o fim de achar as provas physicas da maternidade. A sicencia prevalecendo-se na sua linguagem semi-barbara, mas comprehensivel, dava nos autos a descripção circumstanciada de todos esses signaes por onde se póde conhecer que uma mulher acaba de ter um filho Mais de um espectador abaixou os olhos com pejo, e nós deixamos de boamente cair um pano sobre essas provas, para evitar que os nossos leitores tenham as mesmas sensações. A mulher tinha tido um filho, os peritos tinham-no confirmado, ella não o negava Para que era pois a narração dos signaes physicos da maternidade para um juizo que os não podia avaliar? Para que se havia de revellar com tantas provas esse estado, que a mulher por mais perdida que esteja, tem sempre desejo de occultar? Que direito tem os homens, para publicar sem reconhecida necessidade, essas coisas a que a mulher liga, com rasão ou sem ella, os seus mais invenciveis escrupulos? Pois em logar de todas as attenções e respeitos a que a mulher tem direito só pelo facto de ser mulher, lá vae ser proferida pela bocca do escrivão e em plena assembléa a historia das suas fragilidades intimas! E não disseram mais porque mais não souberam. Não era o pejo que lhe embargaria a voz se podessem saber.

(Continúa.)

CHRONICA

No meio de tantas publicações aventureiras e ephemeras, a noticia de um livro é uma boa nova, porque é uma nova rara. E a raridade é ainda maior se o livro se distingue pela correcção e pelo espirito, qualidades que se não encontram a todos os momentos. N'este caso estão as *Scenas e phantasias do meu tempo*, que o sr. Lopes de Mendonça deu á estampa, e sahirão brevemente.

Os quadros dispersos pelas folhas volantes, que duram um dia e quasi não deixam memoria, são muitas vezes thesouros que os nossos talentos, impossibilitados de concentrar as suas faculdades, espargem com a irreflectida prodigalidade dos primeiros annos, descuidosa do proprio merito,

Colligil-os com sollicitude é um bom intento e uma obra previdente que o futuro agradecerá.

N'essas riquezas espalhadas ao acaso, nascidas de uma inspiração caprichosa, mas viva e original, como as circumstancias que a determinaram, está muita vez o cunho da individualidade, que depois amadureceu com o estudo, e se fortaleceu com a reflexão. Estes raios da aurora litteraria dos homens que tem exercido a acção e a influencia nas lettras patrias, quando vem a ser condensados tornam-se o primeiro fóco d'essa luz que allumia e aquece. É portanto para desejar que o exemplo do sr. Lopes de Mendonça tenha seguidores.

A proposito de livro, acode-nos aos bicos da penna o fallar d'outro que embora seja estrangeiro, é digno de menção pela celebridade que repentinamente conquistou. Talvez não conte mais de cinco mezes de publicidade, e já esgotou perto de vinte edições. Esse livro, dirá o leitor, deve ser uma maravilha, ou pelo menos, encerrar muita originalidade? Pois engana-se; o livro está bem escripto, mas o assumpto é trivial. A liberdade com que está conduzido é que desperta geralmente o interesse. Tem o attractivo supremo do escandalo, adoçado pela elegancia da fórma, e auctorisado por uma moralidade apparente. Aspira a provar que o amor é impossivel no adulterio, pedindo ao proprio adulterio a justificação. Só tres personagens, nem eram precisas mais, apparecem na *Fanny*, assim se chama o livro que o auctor intitulou estudo, e que para elle, unicamente foi aproveitavel, O marido é um homem vulgar, o amante um Antony zeloso, e a *Fanny*, uma mulher... de carne. Com taes elementos era facil ao auctor realisar a these.

A *Fanny* não chega a ser heroina nem sequer mulher de coração. O livro portanto hade durar o que dura um escandalo: discute-se e commenta-se oito dias e oito noites, como aconteceu nos salões de Pariz, e como hoje acontece nos salões de Lisboa. Depois d'esta rapida divagação, entremos nos theatros.

Em S. Carlos subiram á scena duas operas. o *Macbeth* e a *Luiza Miller*. A primeira agradou; a segunda fez *fiasco*, apesar da esmerada e brilhante interpretação que Mirate deu á *romanza* do segundo acto; mas os dilletantes não acham bastante, e com rasão, no desempenho de uma opera, uma *romanza* bem cantada. São tres horas de semsaboria por dez minutos de prazer. E, muita usura e o publico protesta, como protestou logo na primeira noite enterrando com uma pateada a *Luiza Miller*. O palco lhe seja leve.

Quanto ao *Macbeth*, não podemos dizer que a execução geral da opera foi completa, mas apresentou mais igualdade, sobresahindo vantajosamente M.me Tedesco e o barytono Cresci. O duetto do primeiro acto foi magistralmente cantado por estes dois artistas, provocou sempre os applausos espontaneos e freneticos que assignalam a verdadeira superioridade. E com estas linhas despede-se o chronista, como se despediu o publico da scena lyrica que findou a sua época, conservando apenas agradaveis impressões d'alguns trechos executados pór M.me Tedesco, Mirate, Neri-Baraldi e Cresci. Tudo o mais era tão mediocre que não só tirava o realce, mas prejudicava o effeito geral das partituras, que por isso não deixaram saudades aos dilletantes.

Finalmente, S. Carlos n'esta época estava reduzida a uma sala de concerto, onde se ía ouvir uma aria ou um duetto, porque se resumia a isto o attractivo de cada espectaculo.

A actriz Emilia realisou no theatro normal a primeira recita em benificio dos orphão desvalidos da febre amarella. O drama escolhido foi a *Dama das*

Camelias, o que equivale a dizer, que a artista obteve mais um valioso triumpho. O papel de Margarida Gauthier, é de certo uma das mais explendidas criações do seu reportorio, e cada vez que a resuscitar na scena, ha de promover o enthusiasmo que n'aquella noite electrisou a platéa.

Custa realmente ver um talento tão bello e vigoroso, e que tão relevantes serviços podia prestar á arte dramatica, affastado da nossa primeira scena, onde lhe competia estar, e onde era o desejo de todos que estivesse.

Os grandes talentos não devem annullar-se diante de pequenos caprichos. Para lh'os desvanecer, está em primeiro logar o amor da arte quando é verdadeiro e profundo; e em segundo, estão os applausos e bravos do publico que reclamam gratidão, embora sejam legitimamente conquistados.

Varios jornaes registaram o boato que ultimamente se espalhou de que o theatro normal ia ser concedido a uma empreza. Nunca acreditámos o boato, e ainda hoje conservamos a mesma incredulidade. Para a justificar basta a confiança que nos merece a illustração do governo actual, que de certo não praticaria um acto prejudicial ás letras e á arte, quando estas só auxiliadas e protegidas podem desenvolver-se e vigorar no nosso paiz.

Era impossivel que um ministerio formado na maioria de homens de elevada intelligencia e de reconhecido valor litterario, sanccionasse uma medida, que importaria nada menos do que privar a litteratura dramatica do unico estimulo e da unica protecção que lhe resta. Se ha defeitos na organisação, e ha-os, emendem-nos, mas não destruam, que é o que forçosamente havia de acontecer, entregando o theatro á industria e á especulação.

Reconhecemos que o theatro carece de reformas, e empenhamo-nos para que se lhe façam, mas sob a administração do governo, que é a quem compete a primeira scena nacional. Sempre o temos dito, e havemos de sustental-o.

A primeira reforma a tentar é a da lei, que do principio ao fim está crivada de defeitos, como esperamos provar, quando tratarmos largamente, e n'um artigo especial, esta questão que os limites acanhados de uma chronica não permittem sequer esboçar.

Estreou-se no theatro do Gymnasio a companhia hespanhola com a primeira representação de uma *zarzuela*, intitulada *Marina*. É composição do maestro Arieta, auctor da *Ildegonda*, e não desmente tão festejado nome. Toda a zarzuella está matizada de bellos e graciosos trechos. Quanto ao desempenho achamol-o regular na generalidade, cumprindo-nos todavia mencionar com louvor dois artistas os srs. José Gonzalez e Crescj. Foi este quem mais se distinguiu na *Marina*, interpretando com chiste e pouco vulgar naturalidade o papel de contra-mestre. Na parte musical, ainda a nosso ver, sobresáe mais, auxiliado por uma excellente voz de barytono que se presta ás exigencias da partitura. A canção final, que é talvez o trecho mais inspirado da *zarzuella*, foi cantada pelo sr. Crescj com toda a mestria e com a mais admiravel expressão. A melancolia attrahente que respira aquella canção, o sentimento que a realça tudo comprehendeu o apreciavel barytono, e tudo revelou. As palmas e os bravos prolongados que sempre o tem saudado n'aquelle momento confirmam o que avançamos.

O sr. Gonzalez tem uma voz sympathica de tenor, e em tudo que canta vê-se que os segredos da arte lhe são conhecidos.

Depois d'estes artistas resta-nos unicamente para citar a sr.ª Barrejon, como uma cantora regular de zarzuella. O timbre da voz é agradavel, e n'uma composição de menos vulto, ha de satisfazer mais ligeiramente.

E do baile a *Granadina*, o que diremos? Que é meia hora de continuo enthusiasmo. E como não ha de ser? Quem ha de fitar sem admiração a voluptuosa gentileza e a graciosa arrogancia da señora Medina? Quem ha de contemplar indifferentemente a correcção d'aquellas fórmas dignas do cinzel de Phidias e Praxiteles? E quando tudo principia a agitar-se, tomando as mais seductores e vaporosas posições, quem ha de ficar immovel?

Resumamos portanto, a duas palavras o elogio da señora Medina. Julgavamos conhecer a dança hespanhola e era engano; assim nol-o provou a eximia *bolera*.

ERNESTO BIESTER.



Antonio de Serpa

ANTONIO DE SERPA

Houve tempo em que nenhum homem, fosse qual fosse o seu talento, aptidão, ou superioridade, podia sequer pensar em commetter a ousadia de chegar aos primeiros logares da republica.

Nas épocas anteriores ao regimen constitucional eram estes logares exclusivo apanagio e privilegio de certas classes. Nos primeiros tempos do procelloso e incerto tirocinio constitucional a gerencia dos negocios enfeudou-se a umas dynastias d'estadista que se revesavam e alternavam com a regularidade de uma guarda que se rende. Era ainda o privilegio sob outra fórma. Era o legado d'elle que tinha ficado nos costumes. Fóra do circulo dos iniciados não tinha a patria salvação.

Todavia o absurdo era manifesto. Os annos caminham, as circumstancias variam, as forças gastam-se, as necessidades apertam e os homens envelhecem. Se tudo no mundo se renova, os estadistas hão de necessariamente renovar-se, e as fileiras rareadas dos que se impossibilitam ou succumbem, devem preencher-se com provadas e robustas capacidades.

Cada era politica tem os seus representantes e os seus agentes, o seu pensamento e os seus obreiros. Esta idéa tão simples como natural, custou muito, custou immenso a passar da theoria á pratica. Ninguem a contestava, mas ninguem queria applical-a. Era como um usofructo de que uma abusão de propriedade não con-

Bayerische Staatsbibliothek MÜNCHEN

sentia desapossar-se. Hoje fez-se insensivelmente uma grande revolução, uma das maiores que se tem realisado n'esta terra preguiçosa e ronceira. Um dia pela força inevitavel dos acontecimentos, pelo excesso de caducidade dos estadistas macrobios, o elemento juvenil appareceu á frente dos negocios, e a nova geração até aqui desherdada recebeu fóros de cidade nas altas regiões da governação.

Antonio de Serpa subio com a onda e foi elevado por ella, á alta fortuna politica em que ora o vemos. É d'este talento distincto da geração nova que vamos tentar a apreciação.

Antonio de Serpa, depois de haver terminado o seu curso de mathematica na universidade de Coimbra, veio a Lisboa frequentar a escóla do exercito e preparar-se para seguir a carreira militar, que encetára aos dezesete annos, assentando praça. Foi por este tempo que appareceu o jornal o *Pharol*, e com elle a revelação de duas esperançosas vocações que são hoje dois provados talentos. Antonio de Serpa e Latino Coelho eram os seus redactores. Nenhuma publicação feita n'aquella época escapou á véa sarcastica do primeiro, nem á ironia brilhante do segundo. Sentiam tão vigorosas as suas aspirações litterarias que provocavam a lucta, para conquistar legitimamente a sua elevação. Queriam ganhar os pontos no campo de batalha. E foi-lhes satisfeita a ambição, porque era baseada na justiça. Entraram soldados rasos para as columnas do *Pharol*, e sairam d'ali com as dragonas de officiaes. Ainda mais, o jornal que tão acerbo fôra quasi sempre na critica, acabou, deixando saudades, e a maioria dos criticados, seja dito em seu elogio, são actualmente os melhores amigos dos redactores.

Antonio de Serpa em 1848, entrou na cadeira de mathematica na escóla polytechnica, obtendo a preferencia n'um concurso brilhante. O homem de letras registou assim o seu diploma de homem de sciencia.

Pouco tardou a sua estréa como publicista, que teve logar com a fundação do jornal o *Paiz*. Logo nos primeiros artigos revelou Antonio de Serpa, que era aquella a mais explendida feição do seu talento. Principiava como muitos desejariam acabar.

N'aquelles ensaios, o futuro escriptor do *Portuguez* e da *Opinião* já ostentava as brilhantes qualidades que mais tarde haviam de completar a sua reputação de jornalista. A sua penna distingue-se pela lucidez com que tracta as questões, e pelo vigor com que maneja a polemica. Affeiçoado ao estudo penetra-se dos assumptos, antes de os discutir; e raros o igualam no sarcasmo quando o adversario o obriga a descer a esse campo.

Bayerische Staatsbibliothek MÜNCHEN

A poesia tambem inspirou um livro a Antonio de Serpa. N'esse livro ha mais sentimento do que imaginação. Lê-se com prazer, mas poucos trechos excitam enthusiasmo. O coração dicta-lhe a imagem; mas a phantasia não lh'a atêa. A alma do poeta apparece; mas não brilha a chamma que lh'a deve illuminar.

Registemos portanto aquellas paginas como primeiro desafogo de um talento que se sentia cheio de aspirações, ignorando ainda o verdadeiro trilho a seguir para o seu engrandecimento. Cumpria ao tempo dizer-lh'o, e disse-lh'o. Tentando a satyra, primou n'ella; e o logar que não pudéra grangear entre os nossos melhores poetas lyricos, soube conquistal-o como poeta satyro. E n'este genero, sem lisonja, ainda ninguem o igualou.

No theatro, as primeiras tentativas de Antonio de Serpa, subiram á scena guardando o auctor o incognito. Era a sua natural modestia que o levava a isso. Foi com a imitação da *Dalila*, de Octave Feuillet, que appareceu pela primeira vez o seu nome no cartaz. O drama teve um acolhimento dos mais lisongeiros que tem presenceado a scena nacional. Era um trabalho excellente e digno dos maiores elogios. Os explendores de estylo que todos reconhecem em Octave Feuillet, encontraram no imitador um bello interprete.

Aquelle triumpho animou-o a maior commettimento, escrevendo uma comedia original em tres actos *Casamento e Despacho*, que tambem foi á scena no theatro normal.

Sempre foi opinião nossa, arreigada e intima, que o theatro, deve ser a reproducção verdadeira dos costumes contemporaneos, da vida do nosso tempo, da sociedade actual, pintando assim uma época, que póde mais tarde servir á chronica, fazer-se por elle uma idéa completa, ou pelo menos approximativa, dos habitos e das tendencias do seculo, seguindo de perto os vestigios da historia social ou familiar, e reconstruindo-se pelo pensamento uma civilisação eclypsada. É este hoje o titulo de maior valia de Aristophanes e do theatro grego.

Molière retratou uma época inteira, deixando á França nas suas comedias, uma copia fiel dos marquezes, das preciosas ridiculas, dos medicos e dos tartufos do seculo de Luiz XVI.

Mais tarde, com um aspecto menos profundo e com um alcance mais restricto, tiveram os personagens de Lesage, de Regnard e Dancourt, rematando em Beaumarchais. E hoje em França, os ultimos successos alcançados por Angier, Dumas filho, Octave Feuillet e Ponsard firmam-nos na opinião que é esta a verdadeira escóla a seguir.

Antonio de Serpa, escrevendo o *Casamento e Despacho* obedeceu

á mesma idéa. A representação d'esta comedia foi esperada com impaciencia. Differentes opiniões circulavam a seu respeito, dispertando d'este modo a curiosidade geral. Poucas producções tem sido precedidas de egual prevenção, contra e a favor. Tanto o nome do auctor, como a idéa que diziam predominar na obra, motivaram o interesse de um designado circulo.

Correu que o intento do auctor era retratar a sociedade em que vivemos, sem lhe favorecer as côres. Traçar o quadro copiando do vivo e apresentando-o verdadeiro e despido de falsas galas. Todos se preoccupavam com os retratos e desejavam consultar a exactidão. A veia sarcastica e satyrica do auctor assustava os mais resolutos.

E afinal a comedia correspondeu á expectativa; os retratos ficaram excessivamente verdadeiros e desagradaram á maioria dos retratados que não eram bonitos. O auctor do *Casamento e Despacho* tinha estudado a sociedade, mas em vez de copial-a favorecendo-lhe as feições, como é geral fazer-se, daguerreotypou-a. A extrema similhança nem sempre agrada, e os daguerreotypos tem este contra.

No *Casamento e Despacho*, ha defeitos; mas estão explendidamente compensados pelas bellesas que encerra. A elegancia e verdade do dialogo, a puresa do estylo e o desenho de certas figuras, bastam para provar o alto merito do auctor. Antonio de Serpa sabe fulminar pela satyra e castigar pelo ridiculo; usou portanto d'estas duas armas com frequencia e quasi sempre com felicidade.

Em 1856, Antonio de Serpa, viu abrirem-se-lhe as portas do parlamento. É ahi na tribuna que vamos esboçar-lhe o perfil.

A sua presença é modesta e grave, não da gravidade postiça que muitos adoptam, mas d'aquella que nasce com o homem e que naturalmente se insinúa nos habitos e ademanes. Não é um rotulo falso; é um feitio individual. Vel-o na intimidade, é vel-o no mundo. Nos folguedos e prazeres da juventude não dissimula a idade. É rapaz como os mais.

O seu rosto é varonil; mas levemente anuveado de uma sombra de melancolia que lhe adoça a expressão. A fronte é bella e suave o olhar.

Quando a sua voz se levanta na tribuna, o auditorio cerca-o e escuta-o attento. Será porque Antonio de Serpa reuna os dotes e condições necessarios ao orador? Será porque os seus discursos ostentem os explendores de phrase, que recommendam os improvisos de José Estevão e Rebello da Silva? De certo, que não. Antonio de Serpa tem a cultura e o estudo, mas faltam-lhe as galas e louçanias do tribuno. A sua voz é fraca, o seu gesto acanhado,

e só pelo vigor da argumentação, pela solidez das doutrinas, pelo prestigio de um nome respeitado e estimado, provoca a curiosidade e captiva a attenção da camara. O ardor da convicção é que lhe anima a palavra, e o interesse que inspira nasce do apreço em que é tido o seu caracter.

Antonio de Serpa tem uma qualidade apreciavel e necessaria ao orador: a impassibilidade. Custa a crer, nos seus annos e com tão pequeno tirocinio parlamentar, como conserva a tranquillidade e presença d'espirito diante das mais violentas discussões, preparando logo a replica em que sabe ser energico, entrelaçando a ironia com a vehemencia.

O elevado conceito que a sua illustração e intelligencia mereceu logo que debutou na scena politica, é que o fez apontar á opinião publica para exercer o cargo eminente a que subiu em tão curta idade, e d'onde descobre o mais brilhante horisonte.

Bem se diz que os talentos adevinham, e para o provar, registaremos aqui umas linhas, escriptas por uma das primeiras reputações litterarias do nosso paiz, apreciando o debute parlamentar de Antonio de Serpa.

«A desaffectada eloquencia do orador em estreia, inspirada pela consciencia e pelo estudo, ganhou fóros de cidade, e o seu voto ficou immediatamente pesando nos concilios do povo, não só como o de um esperançoso mancebo, senão ainda como o de um homem que Deus talhou para estadista.»

A prophecia de Mendes Leal, que foi quem escreveu este trecho, realisou-se. Antonio de Serpa é hoje ministro das obras publicas. Tem aos hombros um difficil mas honroso encargo: justificar a nova geração.

Justificará.

O actos do ministro é que hão de responder.

ERNESTO BIESTER.

OS PHILOSOPHOS DA ÉPOCA E A POESIA DO CHRISTIANISMO.

Nos tempos de Voltaire o ser philosopho entrou em moda. Era o que nós diriamos hoje *ser elegante*. Dois ou tres tiros epigrammaticos disparados contra a religião, e algumas satyras feitas ás coisas mais sérias da vida, constituiam e annunciavam o philosopho voltaireano. A incredulidade d'aquella época, diz Lamartine, nascia da devassidão, em vez de resultar do exame. A independencia do pensamento era antes uma libertinagem de costumes, que uma conclusão do espirito. Na irreligião havia o vicio. É por isto que d'estes principios derivava, sem esforço, a ligeireza, a ironia, o sarcasmo, o desdem e muitas vezes o cynismo que sentiam no coração e nos labios estes apellidados apostolos da rasão. A sua tarefa tornou-se facil: começou pela zombaria das coisas santas, que só devem ser tocadas com respeito, e mesmo quando se attente contra ellas, e terminou por atacar os laços mais puros da familia e da sociedade.

No entanto, estes espiritos inquietos, incredulos por que eram ignorantes, e que achavam mais commodo mostrarem-se scepticos do que estudar a rasão das coisas, no que não faziam senão obedecer ás paixões de momento, ao desejo de destruir e á necessidade de innovar, ao odio, aos preconceitos e ao amor ás nove luzes, estes espiritos, repetimos, ainda comtudo se re-

commendavam pelo atrevimento das invectivas que desabafavam em infinitas manifestações, a que o talento da satyra e o arrojo das doutrinas innovadoras não eram alheios. Ouviam-se, senão com deleite, com uma especie de maravilha. A rasão talvez se indignasse diante dos seus paradoxos arremessados á face das instituições e dos homens, mas a imaginação acompanhava-os muitas vezes n'esses ataques audaciosos aos reis e ao sacerdocio, ás tradições e ás riquezas moraes dos povos; e se parava era apenas para deplorar, que forças tão vivas e brilhantes se não consagrassem a um fim mais util á felicidade da condição humana.

Essa época passou. A *Encyclopedia* cerrou as suas paginas e o tempo sepultou-a no esquecimento. Mas se a época passou, e se a *Encyclopedia* tem apenas hoje um logar de favor na livraria de algum bibliomaniaco, a impressão moral d'essas theorias reina ainda. E para desgraça não reina a parte mais nobre d'essas influencias, não reinam os principios que constituiam um corpo de doutrina, reina só o indifferentismo, o materialismo, reina o facto desacompanhado de toda a theoria, embora paradoxal, embora demolidora e sacrilega até que o proclamava então e que por isso o auctorisava de certo modo, pois sempre era uma causa explicando um effeito, e a acção buscando a protecção da intelligencia. Agora o philosopho voltaireano transfigurou-se no amigo exagerado dos commodos materiaes. Epicuro resumia o supremo bem nos prazeres da vida; mas, homem de genio e de imaginação, abrilhantava com os fulgores deslumbrantes e attractivos da fantasia os gôsos em que procurava embriagar os sentidos. Os festins dados a seus discipulos no famoso jardim de Athenas eram um modêlo de gosto para toda a Grecia.

Mas o nosso philosopho differe de tudo isto. O nosso philosopho começa por não ter imaginação; e é exactamente a todas essas flores risonhas e embalsamadas com que a poesia matisa de attractivos muitos dos laços do mundo moral, que elle declara guerra, porque não sente, nem aspira o seu perfume enebriante. Essas flores para elle são de mais. O seu olphato não o ferem as emanações suaves e delicadas, cuja impressão é a prova evidente da harmonia perfeita dos sentidos com as sensações. O nosso philosopho é epicurista, porque não vê no mundo senão materia; e é sceptico, porque as affinidades sublimes que prendem o mundo positivo ao mundo ideal e o povoam de mil entidades que enriquecem e exaltam a existencia, só lhe merecem o sarcasmo que se desata em sorrisos impios no *Candido* de Voltaire.

Os assumptos religiosos são a verdadeira pedra de toque d'esta especie de individuos. Voltaire — e mais foi proclamado o Moysés da incredulidade — Voltaire disse, que se não houvesse Deus seria mister creal-o. Tal é a necessidade de completar fóra dos attributos do mundo physico a unidade moral em que o homem possa achar um destino definitivo e uma recompensa, que aquelle vasto espirito, rasgando as trévas da impiedade, não póde esquivar-se a confessar esta grande verdade, principio absoluto da harmonia universal! Mas o nosso philosopho de agora não é tão exigente. Tomára elle não ter de pensar nos contratempos que as necessidades da vida lhe põem diante dos olhos, quanto mais preoccupar-se com outros que o possam atormentar além d'este valle de lagrimas. É por isto que, em materia de religião, elle repelle com supremo desdem tudo que seja a expressão ideal e poetica com que o povo reveste e torna perceptivel os mysterios das solemnidades religiosas. Esplendores do culto externo, cerimonias do rito, indicações liturgicas, invocações legendarias, pias crenças populares, tudo emfim que as tradições da igreja, as crenças do christianismo e a imaginação devota tem aggregado á celebração dos mysterios da Divindade e de seus santos, tudo a censura rasa e brutal dos tempos que vão correndo deseja banir e condemnar.

Chateaubriand escreveu no *Genio do Christianismo:* «É mister collocar em primeiro logar as *devoções populares* que consistem em certas crenças e certos ritos praticados pelo povo, sem serem ratificados, nem absolutamente proscriptos pela igreja Estas devoções não são senão harmonias da religião com a natureza. Quando o povo julga ouvir a voz dos mortos no sussurro dos ventos, quando falla dos fantasmas da noite, quando vae de romagem para allivio das suas culpas, é evidente que estas crenças resumem relações sympathicas entre algumas scenas naturaes, entre alguns dogmas sagrados e a miseria de nossos corações. Segue-se d'isto que quanto mais um culto encerra d'estas *devoções populares*, mais poetico é, porque a poesia funda-se sobre os impulsos da alma e os accidentes da natureza, envolvidos nas sombras do mysterio pela intervenção das idéas religiosas.»

«É nos grandes acontecimentos da vida, prosegue o mesmo escriptor n'outra parte, que as uzanças religiosas offerecem aos desgraçados as suas consolações. Eu fui uma vez testemunha de um naufragio. Ao saltarem á praia, os marinheiros despiram jalecas, e ficaram só com as calças e camisas molhadas. Na maior força da tormenta haviam feito um voto a Nossa

Senhora. Depois pozeram-se a caminho em procissão para uma capellinha de invocação de San'Thomaz. O capitão ía na frente, e o povo seguia a comitiva entoando com os naufragos o *Bemdito*. Um padre celebrou a missa e os marinheiros dependuraram os seus fatos, em *ex-voclo*, nas paredes da capella.»

Como é simples e insinuante toda esta descripção de uma devota crença, em que se revela a poesia dos homens do mar!

O christianismo possue uma certa poesia de alma, uma especie de imaginação que se aviva e fecunda com os impulsos do coração de que se não encontram traços em nenhuma outra religião. E são exactamente as bellezas affectuosas que emanam d'estas fontes, que lhe dão o caracter moral que tanto harmonisa com os sentimentos das classes que padecem, que são as mais pobres e populares. Despovoae a mente do povo d'estas suaves e santas ficções, d'estas poeticas e fervorosas lendas, que dão uma fórma consagrada e sympathica a muitos dos vôos da alma religiosa, impulsos em que o povo se reconhece, em que se sente palpitar e existir, tentae isso que será o mesmo que arrancar-lhe as crenças do intimo do peito, porque no povo apagar-lhe a imaginação é tanto como anullar-lhe a faculdade que mais lhe aviva e fortalece as suas convicções religiosas.

Diderot, que ninguem alcunhará de crendeiro ou fanatico, escrevia no seu *Ensaio sobre a Pintura* estas palavras, que tanto combinam com o que fica escripto: — Os absurdos rigoristas em religião, não conhecem o effeito das cerimonias publicas sobre o animo do povo. Nunca viram de certo a nossa adoração da cruz de Quinta feira Santa e o enthusiasmo da multidão na procissão de Corpus Cristi, enthusiasmo que me sonhorêa a mim proprio não poucas vezes. Nunca pude vêr aquellas longas fileiras de padres em vestes sacerdotaes, os mancebos acolytos vestidos de alvas sobrepellizes com os seus cintos azues, esparzindo flores diante do Santissimo; as turbas de povo que os precedem e seguem n'um silencio religioso; tantos homens com a fronte prostrada contra a terra; nunca pude ouvir aquelle canto grave e pathetico, entoado pelos padres e respondido pelas mil vozes do povo, de homens, de mulheres e crianças, sem que o coração se me apertasse de estranhas e vivas sensações, e as lagrimas me não rebentassem dos olhos! Ha n'aquelle apparato o que quer que é de mysterioso e melancolico! Conheço um padre protestante que estivera longo tempo em Roma, e que confessava, que jámais havia visto o soberano pontifice officiar na basilica de S. Pedro, rodeado dos cardeaes e de todas as pompas da prelatura romana, que se não tornasse catholico,

«Supprimi todos os symbolos sensiveis, continua Diderod, que o resto reduzir-se-ha bem depressa a uma confusão metaphysica, que tomará tantas fórmas estravagantes, quantas forem as cabeças que se metterem a explical-os.»

Ha n'estas palavras uma profunda verdade. O christianismo não póde prescendir dos seus symbolos, porque é n'estas representações externas que o instincto popular soletra e rastrea os segredos da religião. Sem estas fórmas sensiveis, sem estas praticas devotas, a que Chateaubriand chama com tanta poesia do coração *as harmonias da religião e da natureza*, o catholicismo seria uma doutrina puramente theologica, fóra da comprehensão universal. A fé crê sem exame; mas, se não vê com os olhos da rasão, vê com os olhos da imaginação, que, nas classes rudes, cumprem e penetram muitas vezes por uma força intuitiva mui adiante da reflexão. É por isto que o povo não conhece os mystérios da Redempção senão pelas solemnidades da Semana-santa, solemnidades que respiram a poesia grave e pathetica das tradições hebraicas. E da mesma sorte não conhece o Nascimento do Deus feito homem, senão pela festividade do Natal; assim como não comprehende a significação das sete semanas que Jesus consagrou á contemplação e á abstinencia, senão pela gravidade e recolhimento dos actos processionaes, pelas prédicas e orações que as celebram. É por isto que ignorando muitas vezes os votos piedosos, as obrigações tradicionaes, os intuitos christãos de varios jubileus e romarias, de varios cirios e commemorações, os solemnisa todavia e perpetua, pela sympathia que o attrahe para todos estes actos, que tanto se identificam com a sua indole, habito e tendencias. Sempre o symbolo representando o dogma, o emblema evidenciando a idéa, a fórma conhecida traduzindo a adoração instinctiva da Divindade.

E n'estas fórmas ha quasi sempre o caracter e o cunho nacional. E ha mais: ha até um vislumbre dramatico, porque esse vislumbre dramatico é a unção moral, são as affinidades da vida intima com as inspirações religiosas, é a expressão da individualidade pela qual uma nação se identifica n'este sublime e vasto consorcio dos seus instinctos com os principios da religião, com todos os vôos que a alma desprende, que as convicções interiores animam, que só a fé accende, e que a phantasia poetisa.

E é por esta rasão que vemos o christianismo rodeado de mil superstições originaes e pittorescas, de infinitas legendas, crenças, usanças e abusões até, que são como outras tantas flores com que o pensamento do povo adorna e evidenceia o que não

perceberia senão debaixo d'estas fórmas comprehensiveis. O que Victor Hugo escreve a respeito do grotesco trazido á arte moderna pela imaginação dos povos christãos, explica exactamente este pensamento, que é o mesmo, mas apenas desenvolvido pelo grande poeta n'uma direcção de idéas que se encaminham a conclusões exclusivamente litterarias. «No pensamento dos modernos, diz elle no seu celebrado prologo do *Cromwel*, o grotesco desempenha um immenso papel. Reina por toda a parte: de um lado cria o disforme e o horrivel; de outro, o comico e o truanesco. Junta em torno da religião *mil superstições originaes*, e em roda da poesia mil phantasias pittorescas. É este pensamento que esparge ás mãos cheias no ar, na agua, na terra e no fogo as meryadas de seres intermediarios que encontramos vivissimos nas tradições populares da idade-média. É este pensamento que faz voltear nas trevas a dança mysteriosa e horrenda do sabbado; que imagina cornos a Satanaz, que lhe dà pés de cabra e azas de morcego. E é igualmente este mesmo pensamento que, ora arremessa ao enfermo christão as medonhas figuras que o genio de Dante e de Milton invocára passados seculos; ora o povôa das fórmas ridiculas, que despertaram o talento de Callot, o Miguel Angelo do burlesco »

E assim é. São exactamente estas impressões, influindo a imaginação moderna, que teem creado, á sombra das idéas religiosas, uma poesia sua, que é simultaneamente a interpretação d'essas idéas religiosas e o seu culto. É no presepio que a tradição põe o Nascimento do Deus-Menino, rodeado das lendas dos pastores accordados pelo anjo, e dos reis magos guiados pela estrella que fulgia do oriente. A missa-do-gallo, os folares e consoadas, os descantes campestres e as festas da Epiphania, são egualmente outras tantas manifestações que completam e poetisam esta linda época festiva.

Nas outras celebrações da igreja e solemnidades do anno encontra-se o mesmo caracter. É sempre esta expressão do sentimento dramatico e a mesma feição popular. Nas scenas tremendas da Paixão, a par do apparato terrivel do calvario, dos accentos lugubres de Jeremias, predizendo a ruina de Jerusalem, e de todos os transes solemnes com que a poesia das tradições commemora a agonia do homem-Justo, encontra-se os desabafos da indole folgasã do povo, que recorda com o estampido de matracas a queda do templo, e enforca Judas Iscariote para punir a traição dos trinta dinheiros. O lucto dos fieis, a escuridão dos templos, a mudez dos campanarios, as peripecias da Alleluia, as boas-festas e os jubilos que succedem á tristeza

que ennegrece toda esta semana, consagrada ao grande drama da Redempção, formam o complemento d'esta solemnidade tradicional. Depois das folias do carnaval vem tambem a procissão da cinza, abrindo a época da meditação e da abstinencia, annunciada pelo terrivel *Memento homo* do farricouco que aponta para o pó das vaidades humanas. Aqui é a contemplação christã que se segue aos folguedos gentilicos: é a religião espiritualista que triumpha das tendencias sensuaes e desvairadas do homem mundano.

Na festividade de *Corpus Christi* tambem a mesma physionomia: o estado de S. Jorge, as antigas bandeiras dos officios, as basilicas, as charamellas e atabales das eras primitivas, caracterisam, n'um quadro nacional, este triumpho processional do Cordeiro Immaculado.

Nos monumentos ainda a mesma indole: as cathedraes povoa-as a imaginação christã de lendas e superstições; os cryptos enche-os de phantasmas; e os cemiterios de esconjuros, de feiticeiras, e multidões de larvas.

Emfim, o christianismo é uma religião que encontra muitas affinidades no espirito popular; e é essa uma das rasões da sua universalidade. «Eu amo as tradições, porque ellas são filhas da religião, e mães da poesia,» dizia ha pouco um dos primeiros genios contemporaneos. É este o nosso pensamento; e é por isso que nos opporemos a que vão despojando entre nós a religião catholica de todas as formulas exteriores, de todas as pompas e feições populares, que a tornam simultaneamente um culto do espirito e do coração, porque o christianismo é ao mesmo tempo a identificação da nossa historia moral, com as sublimes inspirações que constituem os seus dogmas.

O povo não é theologo, é apenas crente; e para crer ha mister de encontrar os symbolos, emblemas e personificações que fallem á sua imaginação. Muitas d'estas fórmas exteriores não as perfilha de certo o rito; mas, como não attentam contra o pensamento christão, antes são a sua manifestação evidenciada no objecto conhecido e sympathico ás propensões e instinctos populares, deixem subsistir tudo isso, porque se o aniquilarem irão abalar conjuntamente as bases das crenças no coração do povo.

ANDRADE FERREIRA.

UMA PAGINA SOLTA.

Houve no primeiro quarto d'este seculo um principe que era um homem. Nascêra com duas corôas, e morreu com a do martyrio, mais gloriosa do que ambas!

Este homem foi o imperador duque de Bragança, que implantou a liberdade de dois povos irmãos em dois hemisferios diversos!

As paixões, que eram da terra, desceram com elle ao sepulchro, arrefeceram na cinza, depurou-as a lapide que serve de pedestal á sua memoria. Só ficou d'elle a fama dos grandes feitos e das heroicas acções. Na penumbra dos monumentos não se vê senão o vulto magestoso do rei soldado, que fez do sceptro uma espada para conquistar as isempções de vastos territorios, e, ceifados os louros expirou á sombra d'elles.

Duas datas gloriosas allumiam, como pharoes da historia, o nome de D. Pedro. Não é preciso mais para illustrar uma vida e tornal-a memoravel diante da posteridade!

Em torno do imperador tem ido successivamente cahindo a geração que o acompanhou nas fadigas, nos lances, nos trabalhos e nas batalhas. A essa geração e ao seu chefe devemos o que somos hoje no concilio das nações livres. Mas a indifferença quasi tem apagado as lembranças, talvez para escusar a gratidão. Triste condição do tempo, ou do desamor humano!

No meio das luctas microscopicas, das transacções interesseiras

das choleras artificiaes, dos antagonismos pygmeus, das ciladas e ardís, das rivalidades e egoismos, das argucias e futilidades, brevemente esqueceremos aquelles homens que se cobriram de cans ao serviço de uma idéa, e a fizeram triumphar para nós á custa de grandes padecimentos, de grandes abnegações e de grandes sacrificios. Tão empenhados andâmos n'estas politicas de travessuras que nem sequer o respeito e o santo culto do passado nos faz voltar os olhos para esse tempo em que a fé se provava, como nos ultimos seculos de Roma, affrontando a morte nos seus aspectos mais terriveis — no exilio, no cadafalso, ou no campo! O sangue que ensopou a terra da patria, para servir de solido cimento á bandeira liberal, é ahi mais de uma vez escarnecido ou insultado á sombra d'ella, sem que o seu reflexo nos córe o rosto, de pejo ao menos, quando não seja de indignação!

Uns apoz outros se vão á sombra augusta, em que o Duque-imperador os precedeu, os restos mutilados da heroica phalange que o seguiu. Como que se retiram contristados a enfileirar-se em volta da grande sombra, para lhe fazerem a guarda d'honra da eternidade.

Quando nem um só houver, quem ha de contar as memorias d'essas eras, que deixâmos dispersar incuidosos, que abandonâmos á revelia dos odios, nós que desbaratamos a alma, a actividade e a intelligencia em folhas que não duram um dia, em leis que mal duram um mez? Quando, pela nossa vez, comparecemos diante de nossos paes, tornados nossos juizes, que contas lhe devemos dar da preciosa herança que nos legaram? Poderemos apresentar-nos na sua presença com a vergonha de nem sequer lhes termos colligido as tradições?

Não póde ser, não deve ser. Não seria d'este seculo, nem d'esta civilisação. É tempo ainda. Recolhamos todas as reliquias, e deixemos aos que vierem depois de nós a historia do periodo importante em que os fóros dos cidadãos foram fructo de uma epopéa fecunda em peripécias.

Herdámos com a trabalhada successão grandes fadigas ainda é verdade; mas deixaram-nos o remanso necessario para o agradecimento. É um dever.

Silencio agora em nome d'esse dever. Vai fallar na lingua das musas um dos veteranos companheiros do libertador. No seio do imperio, onde habita, não se esquece este. Não lhe esfriou o enthusiasmo com os annos e as lides. Descubramo-nos para ouvil-o. Quando os anciãos levantam a voz os moços inclinam-se, calam, e escutam. É um canto singelo e breve; mas vive ahi um sentimento profundo. É a commemoração de um dito, que foi a aurora de um

povo. É uma pagina solta, como inscrevemos á frente d'estas linhas; mas relata-a o proprio confidente do heroe, que soube intendel-o. Curvemo-nos e attendamos:

Á MEMORIA DE S. M. I. O SENHOR D. PEDRO I.

No dia 9 de Janeiro de 1859.

SONETO.

«Diga ao povo que fico.»

(9 *de Janeiro de* 1859)

Disseste que ficavas, e ficaste
Firme n'um posto incerto, e perigoso;
E dos lustros apoz fim revoltoso
Deu o teu plano o povo, que salvaste.

Pelo broquel a purpura trocaste;
Raio da guerra, ardeste magestoso,
Crescendo-te o explendor prestigioso,
Té que aos Céos, onde existes, te elevaste!

Votares-te ao Brazil tu bem quizeste,
A voz da ingratidão foi-te illosoria,
Deixaste a plaga, e de a deixar gemeste.

Findou-se a vida, e renovaste a gloria;
Teus restos são de Lysia, onde morreste,
E teu nome, SENHOR, pertence á Historia!

Quereis agora saber quem é o homem que em 1859, ao cabo de trinta e sete annos, tem assim presentes o grande nome e os grandes actos d'aquelle que tantos tem esquecido? É o Conselheiro JOÃO FERNANDES TAVARES, seu medico, seu companheiro e seu amigo, amigo seu e da liberdade. O throno constitucional deve-lhe em Portugal eminentes serviços e provada dedicação. Ha de certo entre nós quem o possa ainda certificar

Transcrevendo e publicando este soneto, queremos acatar duplamente o poeta e o homem.

A terra de Santa Cruz é propicia ao éstro e enflora as palmas. A inspiração vive ainda vigorosa, como se vê, no varão illustre, fami-

liar com tantos sucessos e tão cheio de licção e de experiencia. A sciencia das coisas e dos homens não mirrou ali — raro privilegio! — o frescor imaginativo.

Do solo vicejante do Brazil está como brotando e rescendendo a poesia. Exhala-se espontaneamente das descripções dos viajantes, desde Hans-Staden até Langsdorf, desde Rodrigues Ferreira até Southey e Saint-Hilaire. Um reflexo d'essa poesia local seria uma quasi emanação da natureza.

Esta porém, que tem na concisão a difficuldade, esta que irrompe da contemplação do passado e nasce no regaço da severa musa da historia, esta merece tanto maior aceitação e estima quanto é ao mesmo tempo uma commemoração e uma auctoridade.

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.

OUTRO CASAMENTO

I

O caso foi assim:

O sr. Macario Affonso fôra avisado por pessoa da visinhança que sua sobrinha Ignez namorava o filho de um boticario da terra.

Ora o sr. Macario, com quanto, em começos de vida, tivesse exercido em Villa Real de Traz-os-Montes as improductivas funcções de botiquineiro, herdára depois grandes cabedaes de um tio, e, trespassadas quatro garrafas de aguardente de cana e licor de canella, e meia duzia de chavenas sem pires e dois bules remendados com bico de lata e cintados de arame, conseguira casar com uma velha fidalga que tinha duas alimarias rompentes no brasão, e um passaro desconhecido no timbre.

D'esta fidalga é que era sobrinha D. Ignez, formosa e esbelta menina de desoito annos, nascida e educada em Lisboa, onde ficára orfã, e d'onde fôra enviada como pupila a sua tia D. Hermenigilda Picôa.

Macario Affonso tinha sido miliciano, sargento, creio eu, e adquirira renome de bravo, senão no fogo, póde affoitamente dizer-se bravo na agua, porque a sua façanha celebrada era ter atravessado o Douro a nado para ir levar ao general marquez d'Angeja um officio, quando a passagem na Regua estava guarnecida por guerrilhas do Silveira. Macario encarecia esta proeza

como Byron a sua identica do Hellesponto. A joven Clelia não se impavonára tanto por ter cortado a corrente do Tibre.

O façanhoso sargento não conhecia Byron nem Clelia. Era sincero e piramidalmente estupido. Esta invejavel qualidade tornára-o digno de enxertar-se no tronco illustrissimo de sua mulher, em quanto ao espirito. A questão de sangue é outra coisa. Este, philtrando atravez das sacas de peças herdadas, expurgára-se dos globulos plebeos, mechanicos, e até judaicos, pelos modos, que os praguentos da terra, affrontados pela riqueza soberba do sr. Macario, vingavam-se dizendo que de Bragança descera para Villa Real uma judia belfurinheira, cujo bisneto elle era.

Como quer que fosse, Macario Affonso zelava o decoro de sua casa, andava em cata de marido para Ignez, presumptiva herdeira de seus tios.

Já D. Hermenegilda pozera a mira no morgado de Lobrigos, que tinha no brazão quatro cabeças de turcos; Macario, porém, esmirilhando a prosapia do morgado, soubera que o quinto avô d'elle casára com a filha de um feitor de sua casa, e a terceira avó não lográra boa fama com o capellão da mesma.

Dizem que o sr. Macario Affonso, voltando d'estas averiguações, antes de communical-as a Hermenigilda, parára defronte de quatro retratos roidos dos avôs de sua mulher, que elle mandára restaurar (os retratos, digo, porque os feios cincoenta e sete annos de D. Hermenegilda não tinham restauração possivel) e dissera: «Nobres bispos e generaes, ainda que o vosso sangue me não corre nas veias, sou vosso neto pelo sacramento que me liga á mui nobre senhora D. Hermenigilda Picôa Salema Bernardes! Não temais que vossa neta e minha sobrinha Ignez borre a vossa linguagem!» E, dizendo isto, tirou os oculos verdes para limpar com o canhão da casaca duas lagrimas bogalhudas que se lhe penduravam da palpebra inferior.

Era necessario relatar estes episodios para dispor o leitor a imaginar de prompto qual seria a indignação de Macario Affonso, sabendo que o filho de um boticario se atrevia a erguer olhos sponsalicios para sua sobrinha. Afim de poupar a consorte a um insulto apopletico, não lh'o disse: soffreou a paixão iracunda até poder expandil-a n'um rasgo de justiça em que D. Hermenigilda se désse por desaffrontada.

As revelações eram cada vez mais aterradoras.

Dissera-lhe o sollicito visinho que, á uma hora da noite, vira sair um vulto do portão, e accrescentou que, seguindo o vulto, reconhecêra o filho do boticario.

Macario abafou ainda o rugido; mas desabafou provisoriamente

por um lance digno do final de um acto, como eu ainda não vi. Conduziu pela mão Ignez defronte dos retratos, estendeu o braço na attitude estatuaria dos prophetas, alongou o indicador na direcção de um dos dois bispos da lona, e resmuneou com ventriloqua e tetrica intonação: «Tenha vergonha D. Ignez Picôa Salema Bernardes! Tenha vergonha!»

D. Ignez fitou os bellos olhos de lustroso azeviche em Macario Affonso, e disse:

«O tio está doido?!»

II

Soára uma hora no relogio de S. Pedro.

A lua passava no céo serena e meiga, por estiva noite. A viração baloiçava com saudoso soido as copas das alamos e mimosas que sombreiam o pittoresco passeio dos villa-realenses. Ao longo do peitoril d'esse passeio ía e vinha Macario Affonso, com os olhos cravados sempre no portão da casa de sua mulher. Envolvia-se n'um capote de camelão de quatro cabeções. Derrubada sobre os olhos, a aba do chapéo projectava-lhe sobre o queixo inferior sombras sinistras. Um palmo acima do hombro sahia-lhe o castão amarello de um páo de choupa, que poderia ter seis pollegadas de circumferencia. Das arcadas profundas do peito do sr. Macario regorgitava, a espaços, um suspiro apertado e catharroso que remedava o piar dos mochos, que pareciam carpil-o das ruinas do proximo convento de S. Francisco.

Ao bater uma hora, Macario deu um sacão terrivel: é que vira avisinhar-se um vulto de sua casa. Sahiu do passeio, coseu-se com a parede, escondido pelo arvoredo; e, quando o clarão da lua cheia o delatou ao vulto que parára indeciso defronte da porta de Ignez, Macario Affonso deixou cahir o capote, e correu sobre o outro que parecia esperar a pé firme o remettimento furioso.

Era o filho do boticario um moço de melindrosa compleição, já nascido n'esta época de cinturas finas e lunetas, martyr do verniz das botas, ungido de macassar e *sêra-moustache*, inventor de uns pós com que o rosado das unhas se purpurea, e d'outros dentifricios com que o esmalte primitivo se conserva em todo o seu brilhante.

A primeira paulada apanhou-o de hombro a hombro; a segunda cahiu desamparada no chão, dez braças a traz do aligero pharmacopola. Era um fugir incrivel e unico na historia das retiradas felizes!

Macario Affonso recolhia, soberbo como Achilles á sua tenda,

e viu alguns objectos negrejando nas lages que o luar prateava: eram uma capa, o chapéo, e uma clavina-refe do destroçado amador de Ignez.

Apanhado o espolio, Macario Affonso subiu a escadaria, entrou pesado, hirto, e terrivel, como a estatua do commendador, no quarto de Ignez. A attribulada menina presenciára a aggressão brutal, no momento em que puchava subtilmente o trinco do portão. Fugindo espavorida ao som cavo que o elastico marmeleiro tirára das costas do seu bem. Ignez perdêra a frieza de espirito que inspira os expedientes, e fôra sentar-se, archejante e lacrimosa, n'uma cadeira do seu quarto. Ao vêr, porém, Macario, o odio restaurou-lhe o animo, e o escarlate da raiva tingiu-lhe o rosto que o temor impallidecêra.

«Que tem que fazer no meu quarto?!—exclamou ella.

— Vergonha das Picôas Salemas! —rugiu Macario, deixando cahir a troixa do fugitivo» Não lhe dou direito de me insultar!—replicou ella com lagrimas de colera;—O sr. Macario Affonso não me é nada. Se devo ser reprehendida, só posso sel-o por minha tia; e n'este quarto só entram senhoras e a minha criada.»

—N'este quarto, sr.ª D. Ignez, morreu sua visavó D. Thomasia Picôa, e sua avó D. Thereza Salema Bernardes, as duas mais nobilissimas fidalgas de Traz-os-Montes, honra e ornamento da sua linhagem, que teriam morrido de vergonha e pasmo se soubessem que uma sua neta havia de... Suffoca-me a vergonha! Tremo que este tecto desabe sobre a sua criminosa cabeça, raça degenerada!... Um boticario!... Um filho do Manoel das Alminhas! Oh vergonha!

E Macario Affonso escondêra o rosto entre as mãos como Agamemnon no sacrificio de Iphigenia.

Entretanto, D. Hermenigilda, acordada pela grita das imprecações, saltára fóra do leito, invergára um josésinho de castorina côr de café com leite, e, com a lamparina em punho, entrára no quarto de Ignez.

Hermenigilda ignorava os precedentes d'este conflicto. A primeira idéa que lhe alvoroçou o cerebro estremunhado, não é idéa que se diga, por que o ciume humano nunca inventou calumnia tamanha, deixou cahir a lamparina, e estacou, palerma e parva, como a estatua do idiotismo.

Sr.ª D. Hermenigilda—disse Macario—eu fiz quanto pude por que a sr.ª não soubesse que sua sobrinha, esquecida da sua geração, dava palestra a um mecanico sevandija, a um homem da plebe, a um...

«Falle baixo, Macario — acudiu Hermenegilda convulsa de pavor—falle baixo que não ouçam os servos esse escandalo! Que ouvi eu, oh céos! Estarei sonhando!?

— Não sonha, não! — tornou Macario, erguendo do chão a clavina e a capa—Está vingada, Hermenegilda. Seus avós devem ter abençoado a minha obra. O pelintrão está castigado!

«Que pelintrão!?— gaguejou a neta de D. Thomasia Picôa.

— O filho do Manoel das Alminha! — bradou solemne e sôturno Macario Affonso, escorchando debaixo do pé colossal a capa e o chapéo da victima.

D. Hermenigilda expediu do peito um ai agudo, e cahiu nos braços de Macario.

III

Rompia a aurora d'esse dia esquerdo.

Ignez fôra acordada do seu dormir febril pela chocalhada dos machos de uma liteira que parára á porta.

Em seguida entrára no quarto d'ella a criada particular sua, dizendo-lhe que a tia a mandava vestir-se para fazer uma curta jornada. Vestiu-se Ignez, alquebrada e sem conforto para a resistencia.

Depois veiu a tia, e disse-lhe com agastamento e colera:

«A menina vae hospedar-se n'uma casa a duas leguas de distancia de Villa Real, em quanto se prepára a sua entrada n'um convento de Lisboa, para onde vou participar ao conselho de familia as vergonhas que a senhora veiu trazer ao seio de uma familia sem mancha.

— Pois eu manchei a minha familia?! — disse Ignez com humildade.

«Ainda o pergunta!? Deixar-se amar do filho de um... oh! horror!

— Diga, diga, minha tia...

«Não me chame sua tia!...

— Não chamarei, não — redarguiu Ignez n'um impeto de vehemente colera — Se lhe chamar minha tia, serei forçada a julgar meu tio um homem que não foi boticario, mas foi... botiquineiro.

«Já fóra de minha casa!» berrou Hermenegilda, levando-lhe os punhos ao rosto.

— Lembro-lhe que meus pais nunca me bateram... — disse com ironica submissão Ignez.

«Ameaça-me?!

— Não a ameaço, digo-lhe sómente que as suas mãos nunca

mais me hão de tocar no rosto, e que muito tenho a agradecer a Deus em consentir que eu só fosse insultada pelas palavras do botiquineiro.

Hermenegilda estava epileptica: fazia caretas medonhas, e contursões de possessa. As criadas acudiram, e a prospera intervenção de uma pessoa estranha á familia evitou que a velha fidalga, ao recobrar-se dos paroxismos de colera, se atirasse á sobrinha com hydrophoba raiva.

Esta terceira pessoa era um padre, amigo da casa, que devia acompanhar Ignez ao seu destino.

A consternada orphã entrou na liteira com uma criada, que já o fôra de sua mãe. Ao lado da locomotiva, cavalgava o padre, cabisbaixo e triste, sorvendo pitadas umas apoz outras para espancar o somno, que, por vezes, o quizera precipitar do macho.

— Para onde vamos nós, sr. padre Custodio? — disse a criada pela janella da liteira.

«Vamos para onde Deus for servido lavar-nos. D'aqui a hora e meia já sabe para onde vamos.

— Mas estes sitios são tão tristes!... — replicou a criada. — Acho que nos levam para alguma montanha...

«Todos os logares são bons, quando a graça de Deus mora comnosco — tornou o agresso intervallando o dito com o silvo da pitada — Quer v. m.^e^ saber um remedio efficaz contra a curiosidade, sr.^a^ Anacleta? Reze as suas continhas, se as leva; e, se lhe esqueceram, eu empresto-lhe as minhas.

— Muito agradecida, sr. padre Custodio; se vamos para algum bosque solitario, não nos ha de faltar tempo de rezar.

«Pois ainda bem, e bom seria que na terra povoada tivessem rezado tambem, para não trazerem a cabeça no ar...

Isto era allusão clara e pungente a D. Ignez, que sahiu do turpor, dizendo:

— Falla comigo, sr. padre Custodio?

«Se lhe serviu a carapuça, menina, a culpa não é minha.

— Então entende o senhor que eu andava com a cabeça no ar?...

«Podera andar com ella pelo chão...» accrescenton a criada «Pelo chão devia muita gente, que eu cá sei, trazer as mãos...

— V. m.^e^ é mal-creada — redarguiu o padre.

«Parece que tambem lhe serviu agora a carapuça, sr. padre Custodio?» disse Ignez.

— Tenha juizo, menina. Lembre-se de quem é filha, e da vergonha que causou a toda a sua familia.

«Pois eu envergonhei a minha familia?

—Envergonhou, sim, e ultrajou-a aos olhos de Deus e da sociedade!

«Porque?!

—Faça-se de novas! Não se vexar de ser a namorada do filho do Alminhas, que está ali atraz da porta a pizar as drogas no almofariz!

«Pois a mulher que ama um homem que trabalha ultraja a sua familia aos olhos de Deus! Ó sr. padre Custodio, essa doutrina, se é a do Evangelho, é muito repugnante com a do Evangelho que me ensinou minha mãe. «Amai-vos uns aos outros» dizia-me ella, que era o espirito da lei de Jesus Christo.

—Ai! a minha ama a ensinar o padre-nosso ao vigario..., e acho eu que elle bem precisa de ser ensinado!...—disse a criada galhofando.

Padre Custodio, quadrupedemente ignorante, ficou confundido, tartamudeando algumas phrases sandias, que um tropeção do macho interrompeu. O desastre propiciou-lhe, em quanto ao espirito, o rompimento da questão que o embaraçava, mas foi fatal para a porção essencialissima n'este homem que era a barriga. A queda do macho foi uma queda a capricho, porque não ha excepção ás leis do equilibrio que o padre não realisasse. Caíndo, como é natural, a cavalgadura adiante do cavalleiro, é coisa absurda, porém certa, que o padre ficasse entallado de modo que a cabeça, horrivel de ver-se, imergia por entre as espaduas do macho, uma das pernas ficou arqueada na sela em fórma de retranca, e a outra, manifestando talvez a dôr da companheira, sacudia-se livre no ar, com mais destreza que a perna de um funambulo.

Gemia padre Custodio, e Ignez compadecida, sabendo que a meia legua de distancia estava a aldeia para onde iam, apeou-se da liteira com a criada, e fez que o gemebundo clerigo, comprimindo as entranhas deslocadas se sentasse dentro.

IV

Poucos passos adiante, sahiu-lhes ao encontro um galhardo moço, vestido de caçador, ladeado de uma matilha de cães.

Perguntou-lhe o liteireiro se ainda era longe a aldeia de Villa-Chan. O caçador respondeu, e perguntou que casa procuravam n'essa aldeia. Padre Custodio disse que era a casa do dom abbade de benedictinos fr. Antonio da Silveira.

«A essa casa pertenço eu» tornou o caçador. «Fr. Antonio é meu tio, e o sr. padre Custodio deve conhecer-me.

—Agora conheço perfeitamente, mas desculpe, que eu levo aqui o espinhaço quebrado de uma queda.

«Eu já estava maravilhado de ver esta senhora a pé...» disse respeitosamente o caçador «Visto que vão para minha casa, eu retrocedo, e farei quanto possa por tornar a v. ex.ª menos aborrecida a caminhada.

—Conhece essa menina, sr. Silveira?—disse o padre.

«Creio que é da casa das sr.as Picôas. Tenho-a visto algumas vezes, e até penso que já troquei com v. ex.ª algumas palavras, quando, ha hoje cinco annos, v. ex.ª vinha de Lisboa para a provincia. Talvez se recorde no desembarque do Vesuvio no Porto...

Ignez recordou-se, e corou ligeiramente.

Este corar tem uma historia de seis linhas.

Duarte da Silveira, o sobrinho do dom abbade, ouvira dizer a bordo do Vesuvio que a peregrina passageira ía para Villa-Real, onde tinha parentes. Contemplára-a embevecido durante a fugitiva hora que precedeu o desembarque. Tambem ella o observára com furtiva curiosidade. Quando Ignez por um relance de olhos se despedia, Duarte saltou no mesmo bote, e, a occultas das pessoas, que acompanhavam, poude dizer-lhe: «Sei que vae para uma terra muito triste.» —Não importa: —respondeu ella—de que me serviria uma terra alegre?!

Duarte da Silveira ía recordando este curto dialogo a D. Ignez em quanto o padre, applacadas as dôres, e emballado pelo movimento pendular da liteira, reatava o fio, cem vezes cortado, do somno.

D. Ignez, lisongeada pela memoria de Duarte, recebia affectuosamente o ar de melancholia que elle dava ás recordações d'aquelles rapidos instantes. O filho do pharmaceutico, se a visse n'esse momento, daria por malbaratadas as dôres que a essas horas estava soffrendo nas duas omoplatas, e costellas correspondentes. O proprio leitor a observal-a com os olhos da razão, julgal-a-ia capaz de immolar o filho do sr. Manoel das Alminhas, senão na hecatomba de seus illustres avós, ao menos áquellas saudosas palavras que o romanesco Silveira proferira com sentimental meiguice, cinco annos antes.

As mulheres, se não tivessem estas adoraveis exquisitices, pouco mais valeriam que os homens.

V

Chegaram a Villa-Chan.

Padre Custodio, em quanto D. Ignez era recebida pela mãe de Duarte, recolheu-se com o dom abbade, e fallou assim:

«Esta menina foi-me entregue para que eu a depositasse n'uma casa capaz em quanto se prepara em Lisboa a entrada n'um convento. Sua tia, a sr.ª Hermengilda Picôa, não a quer comsigo, porque se receia que ella faça um máo casamento com um pandilha de Villa Real. A casa de v. reverendissima é a mais digna que eu conheço d'este deposito, e por isso venho na certeza de que m'acceita por alguns dias, pedir-lhe que conserve esta menina até havermos de Lisboa as necessarias ordens.

O dom abbade reflectiu alguns segundos e disse:

«A que chama o padre Custodio *pandilha?*

—A que chamo eu...

«Sim: disse o senhor que esta menina queria casar com um *pandilha...*

—Sim... pandilha é uma coisa... como filho de boticario, ou coisa que o pareça...

«Ah! entendi... Esta menina queria casar com o filho de um boticario... Mas ha de haver vinte annos que, sendo eu rapaz, ía tomar umas orchatas e capilés ao botequim de um tal Macario, que se me não engano, é o actual marido da ex.ma sr.ª D. Hermenegilda Picôa...

—Isso é verdade—redarguiu o clerigo, mas v. reverendissima ha de saber que o sr. Macario Affonso herdou para mais de duzentos mil cruzados, em boas peças de duas caras, e o filho do Manoel das Alminhas não tem onde caia morto.

«Agora comprehendi cabalmente a distincção:—disse com fino sorriso o dom abbade.—Pois meu caro senhor José Custodio, eu sinto bastante que o sr. escolhesse a minha casa para tão precioso quanto melindroso deposito. A neta de avós tão preclaros ha de achar-se apertada entre estas paredes nuas de razes, e debaixo d'estes tectos de castanho. De mais a mais, o meu bom amigo e sr. padre Custodio sabe que eu tenho um sobrinho rapaz, e seria uma fatalidade que esta menina, confundindo-o um momento com o filho do boticario, o fizesse entrar na classe dos pandilhas, segundo a classificação do sr. padre Custodio.

—Pois sim; mas eu vou certissimo de que o meu amigo dom abbade, honrado e christão como é, não ha de consentir que seu sobrinho desinquiete a moça...

«Decerto, decerto...—replicou com um frouxo de riso dom Antonio da Silveira hei de fazer quanto em mim caiba para que a sr.ª D. Ignez não seja inquietada.—Vá o meu amigo seguro de que em minha casa não se pratica uma acção que não possa desde logo ser sabida por todo o mundo.

Sahiu o padre Custodio satisfeito da sua missão, e D. Ignez duas

horas depois que entrára na casa rustica de Villa Chan, dizia que, depois que seu pae lhe faltára, nunca tivera duas horas tão felizes.

A irmã de Antonio da Silveira era uma santa senhora, cheia de riquezas naturaes do coração, toda bondade e indulgencia, lida apenas no seu *Relicario Angelico* e *Retiro Espiritual*, cuidando muito no amanho da sua casa, e ralhando suavemente com o filho, porque este não entendia nem queria entender nada da lavoira.

Suspirára toda a vida por uma filha, e dizia que, amando tanto Duarte, ainda sentia na alma ternura para satisfazer as ambições da mais extremosa filha.

Agora vendo Ignez tão linda e carinhosa dizia, beijando-a; «se Deus assim me tivesse dado uma... ou se meu filho podesse um dia encontrar uma companheira comó a menina, haviamos de repartil-a pelo amor de nós ambos.»

Palavras eram estas que callavam muito no coração de Ignez, e arrasavam de mal escondidas lagrimas os olhos de Duarte.

VI

O sol envolvera-se na purpura doirada da orla occidental.

As pastoras entravam na aldeia, com as cantilenas de saudosa melancholia, para encurralarem os rebanhos.

Lá muito ao longe vinha aquelle triste gemer do carro, que em nossa lingua, creada nas cidades, não tem expressão bastante significativa.

As vaccas, jungidas ao apeiro, mugiam saudosas dos filhos que as chamavam das córtes.

Era a hora do amor, da esperança, da saudade. A hora em que os infelizes choram. A hora em que os máos se encontram e despedaçam. A hora em que o justo ergue as mãos ferverosas, e sauda MARIA pelas palavras do anjo da annunciação. A hora, emfim, mais querida dos poetas, poetas d'alma digo, dos bucolicos á força d'arte tem sido essa santa hora profanada com pieguices, com injoativas lamurias, e com máos versos.

Ignez e Duarte estavam sentados no degráo de pedra bruta que faz o pedestal de uma cruz no ponto mais alto da aldeia. A mãe de Duarte acabava de rezar as Ave-Marias, e ficára em mudo estasis, com as mãos cruzadas sobre o regaço, contemplando a estrella vesper. O dom abbade affagava entre os joelhos um corpulento cão de gado, que forcejava por lamber-lhe o rosto. Ao lado do venerando benedictino estava o breviario, que elle fechára pouco antes, acabada a reza de *Vesperas*.

Era profundo o silencio, quando Ignez, como fallando comsigo mesmo, murmurou:

«Sonhei uma vez a felicidade, e parece-me que era assim:»

E como se o arrependimento succedesse á phrase, Ignez n'um suspiro tremulo parecia querer mostrar que acordava repentinamente de um sonho.

O dom abbade olhou-a silencioso: declinou os olhos sobre sua cunhada, e disse:

«Ouvistes as palavras da tua amiga Anna?

—Ouvi... respondeu a mãe de Duarte sem tirar os olhos do céo—ouvi, e estava orando ao senhor que realisasse o sonho da minha Ignez...

«Da tua Ignez...—disse risonho o padre—como tu lhe chamas tua!

—E não sou?!—acudiu Ignez—Não quero outra mãe n'este mundo...Se ella morrer primeiro que eu, encontrarei duas no céo.

Duarte apertou com alvoroço a mão de Ignez, dizendo:

«Seremos então irmãos no céo?

Bemaventurado parentesco na presença do senhor—respondeu fr. Antonio.

E erguendo-se proseguiu:

«Vamos Duarte... Este ar da noite não faz bem á sr.ª D. Ignez. Hontem quando recolhemos pareceu-me que ella ia constipada.

—Mas a noite está tão linda...—redarguiu meigamente Ignez.

«Pois fiquemos mais um pouco—tornou fr. Antonio.

Sentava-se outra vez o padre, quando um criado o chamou, dizendo que viera uma carta de Villa Real.

Ignez estremeceu. Duarte encontrou os olhos perplexos d'ella, como perguntando-lhe o que o coração lhe dizia. «Será o segundo adeus para nunca mais? «disse Ignez, erguendo-se. Só elle a ouvira, e momentos depois, respondêra: «O que de nós se despedir primeiro, despede-se de um moribundo...»

VI

Era uma carta do padre Custodio, annunciando que, tres dias depois, viria buscar D. Ignez, para acompanhal-a a Lisboa, ao convento das commendadeiras.

O dom abbade leu a carta, e fechou-se no seu quarto. Duarte depois de reiteiradas supplicas, conseguiu entrar. O padre ainda tinha nos olhos residuos de lagrimas.

«Vem cá, Duarte;—disse elle com a voz abafada, tu amavas Ignez?

— Se amava?... pergunte-me se a amo, meu tio...
«Ignez sáe de nossa casa, passados tres dias.
— Veja que ouço sem empallidecer essa nova, meu tio.
«Que quer isso dizer?!
— Quer dizer que morro, quando Ignez sair d'entre nós. Meu tio conhece o meu caracter, e de certo me crê. Sou religioso, e a religião não me basta.
«Não sei nada do coração humano; mas penso que será uma paixão de phantasia a que lavra tão fundas raizes na alma, em menos de mez e meio. Não discuto. Chama Ignez, e tua mãe.
Entraram ambas, que se tinham abraçado na ancia da mesma suspeita.
Dom Antonio conservou-se silencioso alguns segundos.
«— Creio que adevinhamos, minha filha...
— Que adevinhastes? — interrogou o padre...
«Querem tirar-nos Ignez...
— Querem.
Ignez caiu de joelhos aos pés do dom abbade, exclamando: «Tenha compaixão de todos!
Não se aterre, Ignez—disse dom Antonio erguendo-a, e approximando-a da sua cadeira, com o braço cingido á cintura—Quer ser a esposa de meu sobrinho? Responda sem pejo, ou deixe-me ouvir a resposta do seu coração... quer. E tu Anna, sabes que não bastam os carinhos de um marido para a felicidade de uma mulher? É preciso que sejas mãe, e não sogra.
D. Anna saltou ao collo de Ignez, e abraçaram-se a chorar.
«Vai tu, Duarte—continuou o padre—faz apparelhar o teu cavallo, que has de partir esta noite para Braga. Eu vou escrever.
Era uma alegria louca a de toda aquella gente. Todos asseveravam que o não tinham dito, mas soube-se logo em toda a casa que a fidalga casava com o sr. Duarte. D. Anna queria sentar Ignez no regaço, Ignez queria erguer D. Anna no collo. Eram duas creanças, a rirem e a chorarem, vertendo o coração inteiro n'uma só palavra, furtando-se uma á outra nos beijos o complemento da phrase. Oh! como era linda aquella noite, as estrellas d'aquelle céo, o cantar d'aquellas aves, o murmurio d'aquella naturesa toda que parecia rir com ellas!

VII

Quarenta e oito horas depois, Duarte estava de volta de Braga, portador de uma licença do arcebispo para que qualquer parocho

podesse receber ao sacramento do matrimonio os contrahentes Duarte da Silveira, e D. Ignez Picôa Salema Bernardes.

Vestiu-se Ignez singelamente: ía de branco, duas rosas de todo o anno entre as tranças, um cinto com fivela na cintura, um todo de anjo, toda graça infantil do céo, que parecia voar para lá, sem deixar n'este mundo uma só penna das suas azas.

Ajoelharam ambos. As palavras sacramentaes dissera-as o coração; primeiro muitas vezes, milhares de vezes já Deos as devia ter abençoado.

Não sei dizer como foi aquelle dia todo. Do muito que a alma póde conter só uma pequena porção se exprime.

Ao cabo de tres dias, parou a liteira defronte da casa do dom abbade.

Padre Custodio apeou-se. Ignez foi recebel-o.

«Está preparada, menina?—disse elle, chilreando a pitada n'uma volata nazal.

—Para que?

«Para se recolher ás commendadeiras.

—Sabe-me dizer se ha lá commendadores?

«Que quer isso dizer?

—Que tenho de levar comigo meu marido.

«Seu marido!? isso é cassoada!

—Defina o facto como quizer. Se lhe apraz, diga á minha tia que é cassoada, mas diga-lhe primeiro que casei.

CONCLUSÃO

Padre Custodio teve a imprudencia de jantar, e beber á saude dos noivos.

D. Hermenigilda e Macario Affonso tiveram a fraqueza de fazer sua sobrinha herdeira, e de morrerem de amor pelos netos.

O filho do sr. Manoel das Alminhas... não querem saber? Casou-se com a filha do sr. Francisco Serieiro, e conta com grande orgulho ter levado uma formidavel lombada por causa da fidalga das Picôas. É onde póde chegar o orgulho de um tolo feliz!

Não pude averiguar mais nada a este respeito.

Camillo Castello Branco.

PALESTRA SCIENTIFICA

O aperfeiçoamento intellectual e material da sociedade está hoje incontestavelmente ligado com o progresso das sciencias que teem por objecto o estudo das coisas naturaes.

Da observação cuidadosa dos phenomenos do mundo physico nasce, por um lado, a justa admiração e o respeito pelas immutaveis leis de eterna sabedoria, e, pelo outro, a applicação racional das forças da natureza ao bem estar do homem. A religião e a sciencia.

Estes dois grandes resultados não se contrariam; harmonisam-se e reciprocamente se fortalecem. Tornar a vida commoda e agradavel, utilisando os meios que a natureza nos offerece, engrandecer a intelligencia pela comprehensão dos grandes acontecimentos do universo, é contentar e elevar o espirito, e na elevação e contentamento do espirito se nutrem os affectos benevolos para com os nossos companheiros n'este mundo, e a gratidão para com o sublime author da creação.

Penetrada d'estas verdades uma escóla moderna, a cuja frente se collocou Arâgo um dos homens mais eminentes do presente seculo, tem empregado contínuos exforços para divulgar por entre todas as classes os conhecimentos das coisas naturaes. A Inglaterra destingue-se n'este empenho, como em tudo o que tende a dilatar as conquistas da civilisação.

Diz-se geralmente que tão phylantropica tentativa tem por objecto popularisar a sciencia.

Mas póde e deve a sciencia tornar-se popular, vulgar e commum? É possivel, ou ao menos provavel, que o estudo das causas e dos effeitos naturaes se torne accessivel a todos os homens?

Será ainda vantajosa para o progresso da sciencia a participação do vulgo nos trabalhos scientificos?

Levantar e debater n'este momento questões, que tão intimamente se ligam com as de instrucção publica, não será inutil nem ocioso, por que a sua solução poderá influir sobre as reformas que se esperam entre nós n'este ramo, até hoje tão descuidado da publica administração.

São já bem patentes os receios de muitos sabios que na vulgarisação das sciencias descobrem inevitavel tendencia para o extremo positivismo; tendencia fatal que as desvia do caminho da verdade, á qual só chega seguro quem marcha despreoccupado e independente.

Arago, Dumas, Liebig, Babinet e Humbolt e outros sabios que tomaram a seu cargo divulgar e popularisar as conquistas do espirito humano, nunca tiveram, a meu ver, o intento de rebaixar as sciencias da alta posição a que as teem elevado os homens eminentes que as cultivaram e engrandeceram, e entre os quaes são elles mesmos, por certo, dos primeiros.

Vulgarisar e tornar populares os resultados uteis das sciencias, não é o mesmo que vulgarisar, tornar populares e triviaes as mesmas sciencias.

Explicar e tornar bem patentes as bellezas de um quadro ou de uma estatua, as proporções e harmonia das partes de um edificio, para que todas as comprehendam e apreciem, não é o mesmo do que revelar e ensinar a todos os processos, os preceitos, as combinações e os calculos difficeis que foram empregados pelas intelligencias superiores na producção d'aquellas maravilhas, e muito menos transmittir-lhe a inspiração e o genio creador com que o sopro de Deos bafeja unicamente os espiritos privilegiados.

Mas o estudo das sciencias, por mais elevado que seja tem sempre um fim util que as prende ao globo que habitamos; e atravez das mais sublimes abstracções apparece, mais ou menos distante, a applicação fatal aos usos da vida material ou intellectual.

Que os homens privilegiados pelas faculdades superiores do seu espirito olhem, atravez do firmamento, para os espaços infinitos em procura do Ente Supremo, que lhe não é dado vêr senão pela reflexão no espelho da sua propria intelligencia, que tentem descobrir e medir o harmonioso movimento dos astros, que investiguem os

processos seguidos pela natureza na formação dos seres que povoam o globo, que estudem as leis que regem as transformações da materia, ou que examinem as intimas relações da sociedade humana, a historia do progresso e decadencia dos povos, a indole, o caracter ou as obras dos homens, o seu estudo tende sempre a tornar mais perfeitas as condições da existencia social.

A intelligencia é um instrumento que foi confiado ao homem unica e expressamente para o seu proprio aperfeiçoamento.

O fim das sciencias é naturalmente utilitario; o seu ultimo resultado é a applicação dos descobrimentos humanos ao serviço da communidade. Todos os membros uteis da sociedade tomam parte, mais ou menos activa, n'esta obra de incessante progresso. E não resultará d'aqui necessariamente a vantagem e a conveniencia de patentear aos interessados as conquistas alcançadas pela sciencia em seu beneficio?

O regimen constitucional, o regimen de publicidade applicado aos interesses scientificos, é uma necessidade da presente época.

N'esta grande officina da sociedade humana todos teem a sua parte no trabalho, que reverte em beneficio commum; e para este trabalho, qualquer que elle seja, concorre sempre a intelligencia de cada um, porque o homem não se deve empregar como o vapor na machina, como a mola no relogio, nem como o vento nas vellas de um navio. A luz que Deos acendeu no espirito do homem, por frouxa que seja, não lhe é inutil para dirigir a força dos musculos, para moderar ou activar a acção, ou para reconhecer quando obteve o resultado que procurava.

A sciencia, que é a experiencia racionada, traça e desbrava o caminho que conduz ás regiões do util, mas o vulgo deve conhecer esse caminho, familiarisar-se com as balisas que lhe marcam a direcção, saber avaliar as difficuldades e os principios para vencer umas e evitar as outras, como o navegante, que sem inventar a bussola, nem haver traçado as cartas maritimas, que lhe indicam as costas, e as correntes das aguas e da atmosphera, precisa conhecer a nautica para com segurança precorrer os mares e demandar os portos.

A gerencia das coisas scientificas, o governo nas sciencias, pertencem incontestavelmemte aos sabios; mas o publico, a communidade tem o indisputavel direito de conhecer e comprehender o que os sabios teem feito em seu beneficio.

Assim como na politica o governo absoluto, inquisitorial e de segredo se acha condemnado para sempre, tambem a sciencia mysteriosa, hermetica, occulta e impenetravel perdeu já todo o seu prestigio.



Annunciação Pint. e Gravou

Silencio Estampou

Os governos, subsidiando os cursos publicos, as sociedades scientificas, patenteando as salas das suas sessões, e publicando pela imprensa os seus trabalhos; o jornalismo dando diariamente conta dos progressos e conquistas do espirito humano, todos prestam homenagem ao principio da publicidade.

Mas, repito ainda, vulgarisar os resultados obtidos pela sciencia, e vulgarisar a propria sciencia são coisas inteiramente differentes. A primeira deve e convém fazer-se, a segunda nem convém nem póde tentar-se.

Não póde, porque nem todas as intelligencias são aptas para o arduo, difficil, ainda que attractivo, lavor da sciencia. Não convém, porque, se todos fossem chamados a investigar, descutir e crear, lançariamos a anarchia no estudo, e veriamos reproduzidas no campo da sciencia as scenas lastimosas que observaram, quando sobre os depositos auriferos da California e da Australia se lançaram desenfreadas as turbas irreflectidas e insubordinadas dos ambiciosos da baixa esphera.

E comtudo estes symptomas de anarchia nos arraiaes da sciencia já se teem manifestado por vezes, em épocas menos ferteis de talentos elevados, quando mediocridades inquietas e pretenciosas, como acontece no governo dos estados, invadem as altas regiões, tomam assento das cadeiras curues, dictam a doutrina, e se julgam portentos, porque são arrogantes e não vêem superiores.

Isto acontece nas épocas de transição, em que o trabalho lento de modestos investigadores prepara laboriosamente os materiaes para a construcção de novos edificios cujo traçado e coordenação compete unicamente aos genios que de espaço a espaço a mão de Deos colloca entre os homens com os nomes de Archimedes, Kepler, Leibnitz e Newton, Lavoisser, e Laplace.

Na sociedade bem organisada todos teem seguramente igual direito aos beneficios da civilisação, porque a civilisação foi conquistada pelos esforços das gerações que successivamente teem recebido e transmittido a herança do primeiro homem intelligente, continúa e incessantemente acrescentada; mas nem todos teem igual aptidão para os diversos lavores de que se compõe o trabalho social.

Esta mesma desigualdade é uma lei providencial, que tende a manter em justo equilibrio as forças productoras da intelligencia humana.

O genio concebe e inventa; o talento desenvolve e aperfeiçôa; a força executa; e o bom juizo dirige a execução.

A divisão do trabalho não é de invenção humana, é um decreto da providencia. Para ser poeta, orador, ou sabio não basta o desejo

e educação apropriada, é necessario alguma coisa mais que vem de mais alto.

Para que serve então o querer popularisar e vulgarisar a sciencia, se a sciencia não póde ser cultivada com proveito senão por intelligencias privilegiadas?

Abri as portas do templo da sciencia, e que venham iniciar-se n'ella todos os que sentem em si o fogo sagrado que illumina a difficil vereda que conduz á acquisição das grandes verdades; sujeitem-se ás provas os corajosos e decididos, e d'entre elles escolhei para construir a falange dos sabios os que trouxerem por fiança idonea o talento de observação, a fina perspicacia, o discernimento critico, a força e aptidão para o trabalho, a independencia e firmeza na opinião e a consciencia do seu valor que dá a confiança para os grandes commettimentos.

A esses, e a esses unicamente, deve ser confiada a direcção das sciencias. Que não se desconsolem e humilhem os outros, que na sociedade ha logar para todos, e todos podem ser igualmenteuteis.

Para que um homem seja util como sabio, é necessario que elle conheça e comprehenda a extensão, as difficuldades, e a seriedade da sciencia, que a cultive e a pratique modesta e conscienciosamente.

Que um homem, pretencioso e de intelligencia vulgar, imagine, na sua louca presumpção, que comprehende as theorias difficeis de uma sciencia, só porque lh'as expozeram em linguagem trivial, ve-lo-heis ter-se em conta de sabio de sciencia barata, ufanar-se, como a gralha, com as penas emprestadas, tornando-se pedante insupportavel, e os pedantes scientificos são terrivel flagello na sociedade.

A profissão do verdadeiro sabio é um sacerdocio.

A crença intima na santidade d'este ministerio, a lealdade, a integridade, a boa fé, a sinceridade e a singeleza são qualidades tão indispensaveis nos sacerdotes da sciencia, como nos ministros da religião.

E seria rasóavel empreza o chamar todos os homens á sciencia activa ou ao sagrado ministerio da religião? A tentativa, além de absurda, e por isso impotente, traria comsigo gravissimos inconvenientes.

Se quizesseis fazer de todos os catholicos ministros da igreja, grande de seria o numero dos máos sacerdotes, e a religião catholica cedo se extinguiria. Tentai fazer sabios todos os homens, e vereis aniquilar-se a verdadeira sciencia.

Não é a profissão da sciencia que convém a todos os homens; não é a posse dos instrumentos pelos quaes se adquirem as verda-

des scientificas, é simplesmente o conhecimento positivo das coisas uteis e das verdades incontroversas, é o saber descriminar a verdade do erro, e applical-a aos usos da vida ou ao aperfeiçoamento das faculdades do espirito que utilisa ao maior numero.

Observar os phenomenos naturaes, descortinar o seu encadeamento e filiação, reconhecer as causas que os produzem, determinar a manifestação de outros, que sirvam a esclarecer os primeiros, enunciar-as questões, resolvel-as pelo calculo e pela experiencia, traduzir as formulas em todas as consequencias uteis, estabelecer finalmente a doutrina e indicar a applicação, tal é o mister do sabio.

O sabio investiga, descobre, verifica e ensina.

O homem instruido comprehende, aprende, e faz a applicação.

Eis-aqui dois campos cujas raias se acham naturalmente traçadas. N'um habitam os homens da sciencia que têem uma linguagem particular, precisa, breve e methodica. No outro estão os homens da sociedade e o vulgo, que fallam a linguagem commum, na qual os primeiros lhes devem transmittir os resultados praticos dos seus estudos e descobrimentos.

É assim que eu entendo a vulgarisação dos conhecimentos adquiridos pelas sciencias de observação, ou pelas sciencias physicas, e reduzidas a estes termos é de immensa vantagem, tanto pelo lado utilitario, como em relação ao aperfeiçoamento intellectual e moral da sociedade.

A traducção das verdades scientificas em linguagem vulgar não rebaixa a sciencia, nem lhe afrouxa o rigor, quando esta traducção se limita á exposição e explicação dos resultados obtidos, e á demonstração da idoneidade dos methodos.

É debaixo d'este ponto de vista que me decidi a entrar, nos seguintes artigos, em amigavel conversação com o publico sobre os descobrimentos mais interessantes de uma sciencia que, no presente seculo, tem assumido, a par da mechanica, uma importancia immensa nos progressos da civilisação.

J. Pimentel.

ASCENDIT AURORA!

(A JOSÉ MARIA DO CASAL RIBEIRO)

> La vit-on monter ou descendre?
> Où déposerons-nous sa cendre?
> Est-ce à la tombe? est-ce à l'autel?

I

Amigo! — Eu sei que pranto fundo e ardente
Te verte o coração no sanctuario
D'uma dôr e d'um tumulo recente!

Não levanto, profano e temerario,
O escuro véo que as sanctas cinzas cobre:
Só ajoelho a piedade ante o sudario.

Chora o rico saudoso, e grato o pobre,
Porque nunca inspirou a caridade
Em maior alma espirito mais nobre.

Em todos tens irmãos n'essa orphandade;
E para teu conforto, vê pendido
Na campa amada o archanjo da saudade.

Suspende-o, igual á Niobe, um sentido,
Como se o proprio alento ali perdesse,
Cortada a voz no intimo gemido.

Co'a fronte consternada, não parece
Lá dentro namorar um triste enlevo,
Que os olhos leva onde a vida esquece?

E ficará perenne, d'evo em evo,
Acatando as virtudes e a memoria
Da que entre prantos a cantar me atrevo.

É que a vida é passagem transitoria,
E só ha perduravel attractivo
No sepulchro onde fulge a eterna gloria!

Olha ao alto, e contempla redivivo
O affecto que te falta e te desvella:
Se o corpo, que era terra, jaz captivo,
A alma é livre, e o céo tem mais uma estrella!

II

Alva estrella de bonança,
Nas tempestades da vida
Fita-a bem, e resurgida
Sentirás n'alma a esperança.
Tu, que tanto a amaste, agora
O teu astro novo adora;
Adora em vez de chorar.
Olha-te ella, e está comtigo,
E por teu impulso, amigo,
Vê-se em ti continuar.

Entregue todo á saudade
Da que aos braços te fugiu,
Mal crês ainda que se abriu
Entre os dois a eternidade!
Mais que filho, absôrto amante
Longas horas n'um instante
Vam-se em tal contemplação!
Qual te foi, e qual a viste,
Tal a revês, êrmo e triste,
No espelho do coração.

Rebenta-te elle nos ais
Em que a dôr absorve o pranto...
Alma só tens para tanto,
Não tens olhos para mais!
N'esses martyrios supremos
Uma só idéa temos,
E uma só palavra: Deus!
A palavra, a idéa abraça:
Ao gemido que traspaça
Responde um ecco dos céos.

Ouve; escuta-o; que te diz?
Que és d'essa memoria o herdeiro,
E que te deves inteiro
Ao teu nome, e ao teu paiz!
Volve pois á liça aberta;
E esta mão, que a tua aperta,
E como sincera irmã
Se une ao crépe que te enlucta,
Hoje acceita: Póde a lucta
Separar-nos ámanhã.

Em 18 de Fevereiro de 1859.

J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

GALERIA DE NAVEGADORES CELEBRES

I

JOÃO ROSS

O seculo XIX, seculo de *interesses materiaes*, exclusivamente empenhado em applicar a *fins utilitarios* as descobertas e aperfeiçoamentos, operados em todos os ramos da sciencia nos ultimos cincoenta annos, apenas tem concedido um olhar de desdenhosa compaixão a certo numero de martyres que, isolados da sociedade e dos commodos da civilisação, soffrem resignados as mais crueis privações, arcam diariamente com os perigos de uma morte horrivel, só guiados pelo generoso pensamento de alargarem a escala dos conhecimentos humanos, sem utilidade immediata nem para elles nem para os seus conterraneos. Fallamos dos insaciaveis navegadores das regiões polares, dos valentes successores de Corte Real e Queiroz.

Ou se trate das explorações nos mares do polo-antarctico, ou das diligencias para descobrir a passagem noroeste por entre os gelos do arctico, o economista faz apenas duas perguntas frias e calculadas, que levam o desconforto ao espirito: *¡Por quê? para quê?*

E todavia, se era permittido contestar a utilidade das nave-

[1] Não seguimos a ordem chronologica n'esta collecção de esbocetos, nem pretendemos traçar as biographias de todos os navegadores celebres, mas tão sómente apresentar em relevo as principaes façanhas de alguns dos mais distinctos homens do mar.

gações austraes, pois que verificada a existencia de um continente antarctico, apenas ficava resolvida uma questão de geographia, sendo, como são, inhabeis para qualquer cultura aquellas estereis paragens; não succedia o mesmo com as expedições ao circulo polar-arctico, que tinham por fim abrir uma nova via ao commercio maritimo, navegando pelo norte em volta do continente americano, o que tornava muito mais curto o caminho da Europa para a China e Japão, para a contra-costa da America e ilhas do mar Pacifico, do que dobrando o cabo da Boa Esperança, ou o cabo de Horn. Infelizmente essa passagem procurada durante mais de tres seculos e meio, e encontrada emfim, no anno de 1853, pelo capitão Mac-Clure, está situada em tão alta latitude, que é de todo inutil para o commercio; antes porém de se alcançar a resolução do problema, não deviam cessar os trabalhos da navegação, embora clamassem contra os exforços da sciencia todos os utilitarios do mundo.

Hoje torna-se inutil qualquer nova exploração nos mares do polo-arctico; e se ainda a bandeira ingleza tremúla entre os gelos do norte é por que a generosa Gram-Bretanha não desiste de procurar Franklin, emquanto não tiver a mais cabal certeza de que deixou de existir aquelle seu corajoso filho!

O navegador de que vamos occupar-nos, João Ross, tambem curtiu longos dias de amargura nos gelos polares por occasião da segunda viagem que emprehendeu á procura da desejada passagem noroeste; e a falta de noticias suas durante muito tempo, fez acreditar em Inglaterra que o audaz marinheiro havia perecido n'aquelle horrivel desterro; mais feliz, porém, do que Franklin, poude tornar a ver o céo da patria, depois de quatro annos de exilio e de privações de todo o genero.

Sem se atemorisar com a lembrança dos seus predecessores, mortos nas regiões do eterno gelo, Ross saiu de Inglaterra para a sua primeira viagem polar em abril de 1818, commandando o navio *Isabel*, e levando ás suas ordens o *Alexandre*, capitaneado por Eduardo Parry, tão celebre depois em emprezas similhantes.

Ao cabo de longos dias de navegação, chegaram os dois navios á vista da Groenlandia, descoberta nove seculos antes pelos scandinavos; as suas tripulações communicaram frequentes vezes com os esquimaus, habitantes da ilha, que receberam amigavelmente os hospedes; e depois de alguma demora em differentes pontos da costa, ratificando os erros de longitude commettidos involuntariamente por Davis e Baffin, que não despunham dos mesmoa meios scientificos que Ross, passaram estes aventureiros além dos ultimos estabelecimentos dinamarquezes, e das

paragens mais septentrionaes até então frequentadas pelos baleiros; e descobriram, quasi na altura de 76 graus, alguns seres humanos que, de sobre o gelo, acenavam para os navios. Ross suppoz que fossem alguns pobres pescadores, arrojados para ali pela tormenta, mas logo que se approximou da terra viu, com pasmo, um ramo perdido da familia humana, que a geographia não suppunha existir em tão alta latitude!

Assustado com o movimento dos navios, que elles tomavam por gigantes animados, os indigenas d'este mundo desconhecido fugiam velozmente nos seus trenós, puxados por grandes cães: mas afinal convencidos por dadivas, voltaram a approximar-se das embarcações, porém sempre com terror, e perguntando-lhes: «Quem sois? D'onde vindes, do sol ou da lua?» Estes felizes esquimaus, separados do resto do mundo por altas montanhas, sempre cobertas de neve, e absolutamente ignorantes da arte da navegação, não conheciam as origens da sua tribu, e criam-se os unicos habitantes da terra! Ross deu a este logar o nome *Highlands arctiques* (Terras montanhosas do Arctico.)

Chegado o fim do mez de agosto, e começando o gelo a separar-se da terra, os esquimaus procuraram as suas cabanas do interior, e os navios velejaram para o sul, em busca do Estreito de Lancastre.

Com todo o panno largo, no meio das mais vivas demonstrações de alegria dos seus tripulantes, entraram os navios da expedição no desejado estreito, contando ter descoberto a passagem noroeste... mas, coisa inexplicavel! o valente marinheiro, tão forte na adversidade, mostrou-se fraco quando a fortuna lhe sorria! Perdeu a coragem quando estava a ponto de se cobrir de eterna gloria!

Pretextande enxergar terra pela prôa, que mais ninguem via; e por que não encontrava correntes de agua no estreito nem ondas impellidas do noroeste, nem troncos fluctuando sobre as vagas, concluiu o chefe da expedicção que não era aquella a passagem, e mandou virar de bordo, com geral espanto e indignação dos officiaes e marinheiros de ambos os navios.

Voltando a Inglaterra encontrou o descontentamento em todos os rostos pelo malogro da tentativa e prematuro regresso dos navios. Em quanto porém Franklin, Buchan, Richard, Parry, Beechey, e outros valentes navegadores, adiantavam o conhecimento das regiões arcticas, João Ross offerecia ao Almirantado um plano de descoberta, que elle proprio se propunha a executar, buscando a passagem noroeste pelo *Estreito do Principe Regente*; mas a sua offerta não foi acceita.

Porém um generoso inglez, M. Booth, promptificou-se a fazer todas as despezas da nova expedicção, e Ross viu-se nas circumstancias de lavar nobremente a nodoa que manchava o seu credito de marinheiro valente e emprehendedor.

Comprou em Liverpool o barco a vapor *Victoria*; convidou para seu immediato no commando o joven official de marinha Jaime Clark Ross, seu sobrinho; tomou mantimentos para mil dias de viagem, e largou do Tamisa no dia 23 de maio de 1829.

D'esta vez não houve irresoluções. Da Groelandia partiu Ross direito ao canal de Lancastre, e d'este ao Estreito do Pricipe Regente, continuando sempre a navegar para oeste, até que a ultima gota de agua do mar desappareceu sob o gelo no dia 8 de outubro, e o *Victoria* ficou prisioneiro das neves polares por onze mezes!

«Era uma perspectiva verdadeiramente horrivel (diz Ross na sua relação de viagem) aquelle quadro de uniformidade, de silencio e de morte.»

Quem se viu perdido nos desvios de inhospicia serra, em noite de tempestade; quem lutou com as vagas do oceano embravecido, dentro de fraco baixel, em dia de borrasca; quem ouviu sibilar a metralha, varrendo columnas inteiras, em hora de renhido combate: enxergou de perto o fantasma hediondo de morte dolorosa; mas não póde, ainda assim, avaliar o desconforto, a agonia do pobre viajante exilado nos gelos polares durante os longos mezes de rigoroso inverno!

Desde de novembro até agosto do seguinte anno o sol occultou-se de todo para a guarnição do *Victoria*, e apenas alguma aurora boreal illuminava com seus pallidos raios aquella triste solidão.

Em janeiro de 1830 appareceram perto do navio alguns esquimaus, muito trataveis, com quem a tripulação manteve as melhores relações de amisade; algumas mulheres acompanhavam aquelles selvagens, e posto que não fossem bonitas, agradaram em extremo aos inglezes, que não viam, ha muito, nenhuma creatura do sexo feminino.

No dia 17 de setembro viram-se livres do gelo, e o *Victoria* soltou as velas, entre os brados de inexprimivel alegria de todos os seus tripulantes.

Curta alegria foi aquella!...

Tinham apenas navegado tres milhas e o navio ficou de novo prisioneiro dos gelos.., por outro anno!

Os viajantes começavam a contar os dias, as semanas, os mezes de segundo inverno polar. O desalento apossou-se de alguns,

mas o capitão Ross empregou todos os exforços para lhes reanimar a coragem.

Só em abril do seguinte anno (1831) tornaram estes homens a ver alguem estranho áquelle microcosmo do navio *Victoria*. Tres esquimaus que vieram visital-os, attrahidos pela lembrança dos presentes recebidos no anno precedente.

Porém o capitão Ross teve um indisivel praser no dia 1.º de junho do mesmo anno, descobrindo o *polo magnetico*, que já fora assumpto de infructuosas pesquisas de Parry e Franklin. O nosso observador achou-se collocado sobre o polo magnetico, na costa sudoeste da Boothia-Felix e explica assim a alegria d'esse instante:

«Que se figure o leitor qual seria o grau da nossa satisfação. Perigos, fadigas passadas ou em perspectiva, tudo esqueceu. Parecia-nos que só restava voltar á patria, para sermos felizes o resto dos nossos dias.»

Ross acabava de destruir a falsa idéa, embalada por tantos seculos, de que o polo magnetico era uma montanha de ferro ou de iman. Nenhum signal particular caracterisa este ponto, nem mesmo, provavelmente, já hoje ali existirá a bandeira britannica, que o capitão Ross arvorou sobre um monte de pedras, tomando posse do logar em nome de Guilherme IV.

D'ahi a pouco terminou o segundo inverno; porém os gelos foram inexoraveis no pequeno verão (agosto e setembro) d'aquelle anno. O *Victoria* apenas mudou de posição algumas braças, e viu-se de novo encadeado; a sua guarnição resignou-se a passar terceiro inverno n'aquellas aterradoras paragens!

Chegado, porém, o mez de abril de 1832, os viajantes resolveram abandonar o navio, como unico meio de salvação pessoal, e então começou para elles uma serie de fadigas de outro genero, arrastando por cima da neve os escaleres que os deviam conduzir a algum logar de refugio, trenós com provisões, e outros objectos.

A despedida do navio teve logar definitivamente no dia 28 de maio. Oiçamos o velho capitão Ross descrever esse momento solemne:

«Bebemos, diz elle, o ultimo copo de *grog* para dizer adeus á nossa pobre embarcação. Era a primeira que eu tinha sido forçado a abandonar, depois de ter servido quarenta e dois annos, a bordo de trinta e seis navios differentes. Senti o que se sente ao despedir de um velho amigo...»

Só o homem do mar póde avaliar devidamente aquella suprema agonia!

No dia 1.° de julho estabelecia-se a guarnição do abandonado Victoria na ponta de *Fury*, aonde havia um deposito de mantimentos em latas, deixado ali pelos naufragos de outro navio com o fito de soccorrerem os que tivessem igual sorte n'aquellas estereis regiões.

Quarto inverno polar!... Ross e a sua gente construiram uma modesta habitação, para os resguardar das intemperies durante esse novo anno de degredo, depois de terem diligenciado, infructuosamente, ganhar a bahia de Baffin, nos raros dias que o mez de agosto deixou livres á navegação.

Finalmente em julho de 1833 abandonaram a ponta de *Fury*, e dirigiram-se para a bahia de *Batty*, luctando com todos os perigos e fadigas, em busca da salvação.

Já era tempo de que a Providencia olhasse por estes desgraçados!

Um canal livre de gelos se abre diante das suas pequenas embarcações: é a esperança que desponta no horisonte.

Este canal vae alargando para o norte: é a salvação que bruxulea mais longe.

A 25 de agosto, tendo passado o cabo nordeste da America, o cabo de York e a bahia do Almirantado, desembarcaram na costa, tanto para concertarem os barcos, como para descançarem.

Ás quatro horas da manhã seguinte accordou toda a expedicção ao grito de felicidade, soltado pelo marinheiro de vigia: «Uma vela!... uma vela!»

«Escaleres ao mar! Solta as velas! Rema! rema!»

A distancia diminue entre o navio e as embarcações de Ross... porém o vento é variavel, e vae acalmando.

«Outro navio ao norte!»... Viu os escaleres; vem sobre elles... Não! muda de rumo; desapparece.

«Nunca tinhamos passado um momento tão cruel, diz Ross no seu relatorio: ver-se entre dois navios, e cuidar que provavelmente não se alcançaria nenhum d'elles, era um supplicio de novo genero!»

Esta campanha polar termina por uma scena muito dramatica. Do navio salvador enxergaram os escaleres, e uma lancha largou de bordo immediatamente, e veio atracar á embarcação em que ía Ross.

«Perdeste sem duvida a vossa embarcação?» disse o official que vinha na lancha, apenas chegou á falla do escaler do capitão.

«Sim, respondeu Ross, e pedimos hospitalidade a vosso bordo. Como se chama o navio?

«*Isabel*, replica o official; é a embarcação que outr'ora foi commandada pelo capitão Ross.

«Tendes diante de vós esse mesmo Ross, torna o capitão, e os homens que me acompanham formavam a equipagem do *Victoria*.

A estas palavras, o official não dissimula a sua incredulidade, e affirma que Ross está morto ha dois annos.

Felizmente, não era difficil para este provar a sua identidade. A tripulação da *Isabel* recebeu com acclamações enthusiasticas o seu antigo commandante.

Aquelles homens, magros, cadavericos, com as barbas crescidas, sujos, rotos, transidos de fome, frio e fadigas, viam-se emfim entre os seus, e podiam nutrir bem fundadas esperanças de voltar á patria.

Que alegria!... Quem a teve nunca maior?

Costumados a dormir sobre o gelo, os regressados do polo não podiam costumar-se ás camas de bordo, que nem sempre peccam por excesso de brandura.

A 19 de outubro do mesmo anno, João Ross recebia em Londres as felicitações dos seus amigos e das sociedades scientificas; pouco depois uma gratificação de cinco mil libras sterlinas da parte do governo, e mais tarde o posto de contra-almirante.

Estava concluida a carreira de aventuras extraordinarias do velho marinheiro.

F. M. Bordalo.

CHRONICA

O acontecimento mais notavel do mez, foi o consorcio de s. alteza a serenissima senhora infanta D. Maria Anna com o principe Jorge de Saxonia. A vida espertou em Lisboa nos tres dias que duraram os festejos; todos elles attrahiram numerosa concorrencia. Na hora indicada para a ceremonia religiosa o largo das Necessidades estava apinhado de povo, que ia presenciar o que nós, como chronistas, vamos tentar descrever.

Quatro coches da casa real conduziram até ali o principe e a sua comitiva, formando a guarda de honra o regimento de lanceiros n.º 2.

S. alteza a senhora infanta D. Maria Anna, acompanhada de toda a familia real e seguida de um brilhante e luzido prestito, saio do paço pela porta principal e dirigiu-se para a capella, adornada para esse fim com a pompa e magnificencia devidas a tal solemnidade. Celebrou a cerimonia s. em.ª o sr. cardeal patriarcha e logo que a troca dos anneis nupciaes se effectuou, numerosas girandolas de foguetes subiram aos ares, correspondendo ao signal todas as fortalezas e navios surtos no Tejo.

Finda a solemnidade regressaram ao palacio, e das janellas assistiram ss. mm. e altezas á passagem em continencia da tropa.

No segundo dia s. m. el-rei o sr. D. Pedro V, s. m. el-rei D. Fernando, s. alteza o principe Jorge e sua augusta esposa a senhora infanta D. Maria Anna e toda a mais real familia, honraram com as suas presenças o theatro lyrico. Cantou-se o *Macbeth*.

A sociedade elegante guarnecia os camarotes, e o matiz brilhante das suas ricas e variadas toiletes davam á sala um aspecto explendido. Até a platéa perdeu a sua monotomia habitual, mesclada como se achava de muitas fardas e uniformes.

No terceiro e ultimo dia destinado aos festejos, houve parada.

A cavallaria e artilheria formaram no Terreiro do Paço, caçadores e infanteria em linha para a a rua do Ouro, voltando á praça de D. Pedro junto do theatro de D. Maria II, e indo terminar no principio da rua Augusta onde estava a guarda municipal.

S. m. el-rei D. Pedro v, s. m. el-rei D. Fernando, s. alteza o principe de Saxonia e s. alteza o sr. infante D. Luiz, percorreram toda a linha, seguidos de um numeroso estado maior, composto de generaes, officiaes superiores e outras patentes. Terminada a revista s. m. e todo o acompanhamento foi prostar-se debaixo da tribuna real armada nas janellas da secretaria do ministerio da fazenda, e d'ali vio desfillar em continencia toda a tropa, começando pelo regimento de cavellaria commandada pelo sr. infante D. João.

Á noite ss. mm. e altezas dignaram-se receber no paço as felicitações dos altos dignatarios do estado, e do corpo diplomatico e de toda a nobreza.

Mas em todas estas coroas festivas tecidas á augusta noiva havia uma flor que desabrochou mais viçosa ao desvanecer das outras. era a saudade. Cresceu e vigorou no dia 14, quando as corvetas *Bartholomeu Dias* e *Sagres*, levantaram ferro conduzindo a seu bordo a senhora infanta D. Maria Anna.

Que havemos, pois, acrescentar? Nada. A flor diz tudo.

..

..

Prosigmos agora na carreira aventurosa da chronica, entrando nos theatros,

No Gymnasio a companhia hespanhola, deu-nos ultimamente uma linda zarzuella, que tem chamado numerosa concorrencia e grangeado bastantes applausos. Intitula-se *El diablo en el poder*. Na musica ha por vezes originalidade, sendo o trecho mais digno de menção, o côro dos fidalgos no segundo acto. Está escripto com gosto e combinado com arte, traduzindo admiravelmente a situação.

Encerra tambem bellezas a aria do barytono no primeiro acto, e é cantada pelo sr. Cresej com expressão e sentimento. O duetto que se lhe segue de barytono e tenor produz bello effeito pelo relevo que apresenta.

Citando afinal o duetto de soprano e barytono no segundo acto, temos, a nosso vêr, registrado as melhores peças lyricas da zarzuella *El diablo en el poder*.

O libretto é de Camprodon, e faz honra ao auctor. A acção é delicadamente conduzida, e o dialogo está matizado de finos epigrammas.

Na execução Cresej satisfez quasi sempre ás exigencias do papel, mostrando comprehendel-o. A signora Barrejon revelou-se actriz de comedia, dando ess pirituosa intenção aos bellos ditos em que abunda a sua parte. Tambem noagradou devéras o sr. Pastor, tenor comico, pela naturalidade da sua declamação, que é tão chistosa, como desaffectada. Da signora Allú, diremos que não prejudicou o desempenho. Quanto aos mais são mediocridades que passam desappercebidas, tão desappercebidas como a voz do baixo.

No theatro normal teve logar o beneficio da actriz Gertrudes, com a primeira representação do drama original em tres actos *A expiação*, e da comedia em tres actos o *Legado do General*.

A *Expiação*, é uma lisongeira estrêa, que promette ao sr. Barros, seu auctor, um auspicioso futuro, continuando a cultivar com esmero a carreira que tão favoravelmente encetou.

Seguindo as tendencias da época e o exemplo da escóla moderna o sr. Barros traçou o plano do seu drama n'um quadro da actualidade. Desejando ser verdadeiro no desenho dos personagens, copiou os que mais familiares lhe haviam sido na sua mocidade, vivendo como tinha vivido ao lado delles. A acção começa portanto no quarto escolastico de tres estudantes de Coimbra. Um d'elles é extravagante, e as consequencias das suas extravagancias, levam-n'o a praticar n'uma situação desesperada, um d'estes actos que deshonram para sempre um homem. Falsifica uma firma. É na expiação d'este erro que se basêa o drama.

Embora seja vulgar o enredo geral da obra, revela todavia vocação e engenho dramatico. Algumas situações estão habilmente preparadas, e as scenas em que se desenvolvem escriptas com delicadeza e sentimento. Na *Expiação*, ha defeitos, mas notam-se tambem apreciaveis qualidades. Foi esta a impressão que nos causou a sua representação, e que repetimos agora franca e singelamente, como chronistas, nada mais.

No desempenho da *Expiação*, sobresaíu brilhantemente a sr.ª Manuela Rey. Teve bellos momentos de inspiração dramatica! As lagrimas que lhe cortavam a voz, senti-as no coração. Era tão verdadeira a commoção da actriz, como foram espontaneos os bravos enthusiasmados do publico. Todos os mais artistas esmeraram-se na execução dos seus papeis.

O *Legado do General*, é uma comedia vasada no molde hespanhol, e matizada de graciosas situações. Não apresenta novidade no enredo, mas a arte com que estão conduzidas as scenas e dispostas as situações, prende a curiosidade do espectador, e aviva-lhe o interesse.

A interpretação da comedia tambem concorreu para o feliz exito que obteve.

Agora duas palavras sobre o divertimento mais popular que, ainda hoje, existe entre nós e cujo prestigio n'estas ultimas semanas tem augmentado. Fallamos das corridas de toiros. É forçoso confessar que nenhum outro espectaculo desperta em Lisboa igual alvoroço. Aquellas girandolas de foguetes produzem um effeito inexplicavel, insensivelmente attrahem para ali os menos amadores.

A chegada dos tres irmãos Carmonas attrahiu granda concorrencia á praça do Campo de Santa Anna, na primeira tarde que foram bandarilhar. Todos os camarotes estavam guarnecidos de senhoras, e as trincheiras tanto da sombra como do sol apinhadas de espectadores. Quando terminou a corrida Antonio Carmona, por antonomazia *el gordito*, tinha mais partido na turba do que todas as nossas facções politicas juntas. E o enthusiasmo tem crescido sempre, para gloria do capinha e proveito do emprezario.

Antonio Carmona, como bandarilheiro, póde ter rivaes que o igualem, mas não que o excedam. É tão dextro como ligeiro, tão elegante como sympathico. Faz *sortes* admiraveis, mettendo as farpas com rara delicadeza e extrema graça. Perseguido pelos touros, zomba d'elles, excitando-os em vez de lhes fugir. É finalmente uma notabilidade no seu genero, e os applausos clamorosos e freneticos com que o publico sempre o festeja, registram-lhe o diploma.

Espera-se brevemente o principe de Galles, e ouvimos dizer, que os subditos inglezes, residentes em Lisboa, preparam-lhe uma sumptuosa recepção.

Antes de fecharmos a chronica demorar-nos-hemos um instante diante da gravura do sr. Annunciação, copia de um quadro pertencente á explendida e rica galeria d'el-rei o sr. D. Fernando. E o que seria da arte entre nós, se não fora a desvellada protecção do rei-artista? Deve-lhe a florescencia a que chegou, e que promette ainda desenvolver, á sombra unica de tão honroso patrocinio. N'aquella mesma galeria se observa o que deixamos dito, comparando os primeiros quadros dos pintores nacionaes com os ultimos. É esta prova que ha de ficar do quanto animou a arte.

O sr. Annunciação n'este quadro, que é *pendant* d'outro, quiz ensaiar um novo genero, pintando aves, e o pincel obedeceu-lhe com igual elegancia e naturalidade. Que vigor de clorido no matiz d'aquellas pennas! Que verdade nos mais leves toques!

Emfim, o que val o quadro póde ajuizar se pela gravura, isto é, quem conhecer a belleza das tintas que realçam a palheta do sr. Annunciação.

ERNESTO BIESTER.


Souza
Silencio Estampou.

CASAL RIBEIRO

O maior elogio do systema representativo e do regime liberal, é a facilidade, com que o talento póde subir ás mais altas regiões da administração e conquistar o poder na liça parlamentar, aberta a todos os systemas, a todas as condições, a todas as intelligencias de uma nação. É realmente lisongeiro para aquelles, que presam o talento acima de todas as qualidades, o contemplar como a opinião designa á escolha do soberano e indica nas combinações dos partidos, os nomes dos homens, que se illustraram na vida publica, e para quem as insignias do poder são apenas uma recompensa e não um favor de occasião.

Ha muitos, que julgam que na sociedade, organisada como está, é a fortuna, que decide das posições, o favor que reparte os officios, a predilecção que distribue os papeis no drama social. Segundo elles andam erradas as vocações, esquecidos os talentos, exaltadas as mediocridades, preteridas as virtudes, e desconhecidos os meritos pessoaes. Quantos escriptores ao entrarem na carreira da imprensa, quantos oradores juvenís ao seu primeiro assomo na tribuna, se julgam aggravados pelos seus concidadãos, que os não levantam aos primeiros postos da republica, e não caem reverentes diante das primeiras manifestações do talento, que irradia os seus reflexos matutinos? Quantos aristarcos da presente constituição da sociedade não tem soltado em expro-

bações ferinas a sua vaidade e o seu orgulho, porque sem se darem ao incommodo e ao trabalho, pediram logo desde a sua entrada na vida publica os primeiros logares na governança do paiz!

E comtudo a sociedade não está tão mal constituida como parece. Em Portugal, em toda a parte do mundo, a porta das grandes dignidades e dos elevados cargos publicos, está patente aos notaveis talentos que se illustram pela probidade e pelo trabalho. O seculo actual tem pago generosamente á intelligencia a divida, que deixaram em aberto a brutesa e a ingratidão dos seculos passados. Ha dois ou tres seculos Tasso podia ter um hospital por capitolio do seu genio; Camões a miseria por diadema; Galileu o carcere por apothéose. Ha dois ou tres seculos a ignorancia podia vencer o talento nas justas, em que o juiz era o favor ou o nascimento. Hoje não é felizmente assim. O talento ainda mesmo o que nasce da origem mais humilde, póde ascender ás mais eminentes posições e dominar com o prestigio da idéa e da palavra, as potencias decaidas, que outr'ora governaram despoticamente a sociedade.

Ainda as mediocridades se elevam, é verdade. Ainda a intriga vae adiante de muitas falsas reputações para lhes entregar as chaves do poder. Ainda as más paixões atapetam e tornam facil o caminho a alguns homens sem merecimento, a quem a fortuna perfilhou. Ainda a ignorancia está muitas vezes do alto das cadeiras curues assoberbando a sciencia verdadeira e modesta, relegada para as mais humildes funcções da sociedade. Mas se o acaso ainda tem a sua parte na distribuição dos cargos eminentes, o merecimento incontestavel tambem tomou logar na chancellaria, e pede algumas vezes os sêlos publicos para authenticar os diplomas, com que vae condecorar os seus predilectos. A justiça e o favor celebraram concordata para o provimento dos officios e para a distribuição das recompensas. O favor eleva ainda os seus filhos mais mimosos. Mas a justiça alcança logar honrado para os que o talento recommenda á admiração ou ao respeito do paiz.

A sociedade não póde impedir que se eleve ás primeiras dignidades a ignorancia, que adula, a mediania, que intriga, o servilismo, que rasteja, a incoherencia, que muda todos os dias as cores e as divisas de sua bandeira, o cynismo que tem sorrisos complacentes para todas as degradações dos poderosos e sobrecenhos austeros para todos os infortunios dos humildes. A escada tortuosa e impura, que leva do nada ao poder, ainda a sociedade a não poude, nem poderá talvez nunca inteiramente derrocar. Mas alarga-se, e exorna-se cada dia o caminho, ou-

tr'ora difficil, que conduz a honestidade intelligente, o talento probo e activo até ás mais eminentes estações da gerarchia official. A sociedade não tem força ainda para suster os mãos, quando levam á escala vista a cidadella do poder, mas está sufficientemente morigerada e culta para não impedir os bons de chegarem ao logar, aonde o merecimento ou a virtude os convidou.

O direito divino d'este seculo é o talento. E que realesa mais eminente, que realesa mais de Deus do que esta, cujo diadema é a luz esplendida e eterna, que emana da suprema intelligencia? Deos privilegiando alguns homens com o talento, que se distingue do commum, attribue-lhes sem duvida na sociedade uma funcção mais qualificada e mais nobre do que ao vulgo das vocações. Mas esta superioridade não humilha nem avassalla ninguem. É uma aristocracia, que se exerce em beneficio de todos, porque é da essencia da idéa e da palavra o tornar-se patrimonio universal. O morgado, que esta nobresa funda, não é para si. Disfructa-o a humanidade inteira. Os talentos eminentes não são mais do que os grandes repositorios, em que a Providencia reune as idéas generosas para as fazer cair d'ali em torrentes, que levam a todos os pontos da sociedade os fructos de uma nova civilisação.

É pelo direito do talento que José Maria do Casal Ribeiro toma hoje logar nos conselhos da corôa, e dirige n'uma das mais difficeis e enredadas repartições a alta administração do nosso paiz.

Nomeado ministro da fazenda pelo soberano, já de ha muito andava pela opinião designado e eleito para tão difficil e tão honrosa commissão. Antes que o decreto real lhe viesse conferir a effectividade do officio, já elle como que gosava d'estas honras publicas, que consistem em ter merecido um cargo pelo voto dos seus concidadãos.

José Maria do Casal Ribeiro é um d'estes homens, a quem a naturesa fadou para o tracto dos negocios publicos, destinando-o a figurar principalmente nas épocas normaes, em que é preciso fallar antes á rasão publica do que á imaginação popular, em que é necessario antes consolidar as grandes reformas pela execução do que traçal-as nos seus primeiros lineamentos. A sua faculdade preeminente é o juizo recto e seguro, com que aprecia as questões da administração e da economia. O que a meditação discerniu e formulou, expressa-o uma palavra fluente e correcta, que prende mais pela nervosa concisão do raciocinio do que pela asiatica profusão dos ornatos e arabescos de um estylo phantasioso.

Os grandes talentos não apparecem improvisamente na scena publica. Denuncia-os quasi desde o berço a natureza, e a natu-

tureza os vae seguindo e robustecendo, levando-os por successivas gradações até aos maiores esplendores do entendimento. Desde os mais tenros annos poderia um mediano observador, reconhecer no que é hoje ministro da fazenda, os dotes intellectuaes que enriquecidos e cultivados pelo estudo lhe valeram a sympathia e o respeito de todos os apreciadores imparciaes.

Na universidade de Coimbra, onde se graduou em direito, mostrou sempre pela sua applicação methodica aos estudos que seguia, pelo brilhantismo das suas licções e mais actos academicos, que não cursava ali um estudante vulgar d'aquelles, cuja gloriola ephemera tem por extremo capitolio a sala dos capellos. Era então a quadra pouco apropriada a estudos graves e seguidos. As turbações civis traziam os animos inquietos e revoltos. E a terra, onde em maior numero se congrega a mocidade estudiosa, não era a menos visitada das commoções populares, que por tantos annos fizeram da guerra civil, ora aberta, ora latente, o estado permanente do paiz.

É o estudo do direito a maior provação a que póde sujeitar-se um espirito superior e lucido. A jurisprudencia, que se póde chamar classica, e que tem sempre em maior gráo dominado nas escólas, é como que uma religião supersticiosa e intolerante, que assoberba o raciocinio pela argucia, e atormenta a sociedade moderna no potro archeologico das formulas romanas. Para o jurisconsulto fanatico a sociedade não póde desenvolver-se e transformar-se senão até onde lh'o consentem as constituições imperiaes, e quando muito as glossas de Bartholo e de Acursio. O mundo moderno é para elle apenas uma colonia romana, que não póde sem manifesta rebellião e lesa magestade, eleger novas condições legaes, accommodadas á civilisação, em que progride.

O direito, como sciencia de factos e tradições, enclausura na letra gelada das Pandectas os espiritos vulgares. E o talento, que percorreu os cinco annos do curso juridico, sem desluzir a sua elevação, sem perder a claridade, sem tornar monotona a locução e pesadamente sentenciosa a eloquencia, póde pedir as honras, que se decretam ás capacidades eminentes, porque saíu incolume d'este escolho aonde tem naufragado tantos entendimentos aproveitaveis.

Casal Ribeiro saíu com as honras e com os meritos de alumno distincto, e trazendo das escólas de Coimbra a erudição juridica, que póde ser util no governo e na reformação da sociedade, despresou toda esta sciencia perigosa e reaccionaria, que manda enfeudar a humanidade ao direito romano, e respeitar os praxis-

tas como oraculos do mundo. A similhança de Montesquieu, e dos jurisconsultos pensadores, acceitou do direito escripto o que elle encerra de exemplo e de illustração, e concedeu desde os seus primeiros annos á rasão e ao progresso a suprema faculdade de subordinar as leis ás necessidades publicas, e de adaptar a jurisprudencia á diversidade e á successão das phases sociaes.

Já durante a sua carreira universitaria, tivera multiplicadas occasiões de demonstrar a sua vocação para a vida publica e a sua devoção pela liberdade e civilisação do seu paiz. Fervoroso e enthusiasta, como todos os mancebos de talento, as discordias civís contaram-n'o como soldado popular desde os primeiros annos da sua adolescencia, seguindo sempre o bando, que defendia as justas liberdades e franquesas da nação. Aspirando sem duvida, pela confiança do talento, a desempenhar um dia as mais elevadas magistraturas no seu paiz; adestrou-se desde mui joven na escóla politica — infeliz, mas necessaria escóla — que dissensões lastimosas, mas fataes, abriam ao civismo da juventude liberal.

Desde a conclusão dos seus estudos até á época politica, que se chamou a *Regeneração*, o seu talento não esteve ocioso nem a sua reputação escureceu. Restituido a Lisboa, as suas eminentes qualidades intellectuaes denunciaram-n'o logo a todos como um d'aquelles, que mais depressa chegariam á influencia e ao poder. Era já notoria a agudesa do seu espirito, a penetração do seu juizo, a frequencia com que versava os bons livros, que iniciam nas sciencias difficeis do governo, a elegancia e facilidade dos seus escriptos, e a influencia e lucidez, com que orava nos assumptos, em que lhe cabia discorrer.

Accresciam a tão preciosos attributos da intelligencia, qualidades do animo, que servem para completar o homem publico. A vivacidade era temperada pela descripção, a facilidade da palavra pela maduresa do juizo. Era activo, energico, resoluto, difficil em formular opinião, pertinaz e intractavel em a defender, depois de formulada. Era egualmente feito para as laboriosas e pacientes investigações de gabinete, para as agitações da tribuna, para a polemica parlamentar ardente e estrepitosa, e para a controversia pausada e fria das sciencias economicas.

As eleições de 1851 levaram Casal Ribeiro á camara dos deputados, na primeira legislatura da *Regeneração*. Chegado ao parlamento, achou-se em face com as mais illustres reputações politicas do paiz, e viu diante de si uma arena, aonde exercitar os seus talentos. A camara tinha de julgar uma situação manifestamente revolucionaria. Os interesses politicos dividiam e retalhavam em parcialidades a assembléa. A fazenda publica chegára a este es-

tado, em que só a violencia dos expedientes póde conjurar o perigo e affastar para longe a bancarola. Casal Ribeiro estreou as duas armas de estadistas orando sobre as questões financeiras, que agitavam a camara n'aquelles tempos, e que trouxeram como consequencia justificada a sua dissolução. Antes d'aquelles debates memoraveis, fizera ouvir pela primeira vez a sua palavra, na discussão do acto addicional.

A primeira vez que um homem, novo, enexperiente e orgulhoso se approxima da tribuna para tentar os primeiros vôos, é um momento solemne da vida, e um horoscopo quasi infallivel de bons ou máos destinos. Quando uma favoravel reputação precede o orador e o recommenda, antes á expectação do que á benevolencia da assembléa, a tribuna é uma provação, que entibia os mais ousados.

Imaginae uma grande assembléa. Os seus membros arregimentados ordenadamente nas bancadas. Nas galerias a multidão curiosa e implacavel, que desdenha quasi a gravidade dos negocios para exigir um espectaculo, e que espera anciosa não um estadista, mas apenas um actor. No auditorio os amigos que exaggeram as faculdades do orador: os inimigos e os invejosos, que prophetisam uma catastrophe; os indifferentes, que esperam para julgar mais propensos á severidade que á brandura. Diante de vós os tachigraphos, cujas pennas vellozes são o daguerreotypo da palavra, e impassiveis e machinaes, como a camara obscura, imprimirão no papel o retrato da vossa belleza ou da vossa fealdade intellectual. Involvei toda esta scena em uma atmosphera de paixões politicas, porque estaes n'um parlamento e não n'uma academia. Dividi a assembléa em dois bandos, um dos quaes vos chamará herejo a cada uma das vossas preposições, um dos quaes vos interromperá a cada instante, e surrirá ironico, em quanto a vossa eloquencia se desprende nos vôos mais ousados, e negará a vossa sciencia, se sois sabio, a vossa facundia se sois discreto, o vossa engenho se sois primoroso no dizer; que vos chamará vão, quando fordes imaginoso, asiatico se fordes florído, e affectado, se á linguagem barbara e mestiça dos falladores vulgares substituirdes a dicção casta e vernacula do sonoro e opulento idioma portuguez.

Agora collocae ainda adiante do orador o mais severo e o mais complacente dos seus juizes, a imprensa quotidiana; dae-lhe por julgador a imprensa politica, que povôa de Ciceros o seu lado na camara, e proscrêve o talento do lado contrario; que vê Cursios desinteressados nas bancadas da sua parcialidade, e traidores, prestes a jogarem a sua patria, nas cadeiras dos seus

adversarios. Esperae que o jornal que vos é adverso, diga ámanhã que fostes infeliz e ôco no vosso argumentar, e que vos derrotou triumphantemente o pobre idiota, que a ordem da inscripção levou a tartamudear vulgaridades e solecismos em seguida á vossa oração parlamentar.

Com estas innumeraveis difficuldades, a tribuna é para os grandes talentos ou para os pobres de espirito. Os talentos triumphàm da parcialidade dos contrarios, das interrupções dos impertinentes, das criticas dos analphabetos, das excommunhões dos jornalistas, porque recebem da opinião, que vale mais que todos elles, a sancção authentica da sua vocação parlamentar. Os pobres de espirito, que declaram a grammatica ministerial, quando estão na opposição, á falta de auditorio, tem as proprias orelhas, com que se deliciam e se escutam, á falta de gloria tem a sua propria opinião, e nunca falta um periodista amigo e misericordioso, que prostituirá a solemnidade do seu officio para louvar um idiota ou canonisar um imbecil.

Das primeiras empresas parlamentares saíu logo vencedor o novo deputado Casal Ribeiro. As suas opiniões eram citadas com auctoridade em assumptos, de que só os financeiros jubilados se julgavam com direito a discursar. É este o signal e o caracter do talento eminente. Quando sae pela primeira vez a uma empresa, logo a assignala por um triumpho. Na guerra é Napoleão, que se revela aos primeiros assomos general. E Pitt e Robert Peel que da altura da tribuna, avassallam e conquistam desde a primeira oração, os bancos dos ministros. E ninguem ousa contestar a aspiração prophetica e arrogante da ambição, que apresenta ás multidões o talento por diploma.

A breve legislatura de 1851 foi notavel pela gravidade das questões, que no parlamento se debateram. O acto addicional á carta, a situação financeira do paiz, foram os dois grandes assumptos, sobre que versaram os debates mais seguidos ou mais tempestuosos. Na discussão do acto addicional fez a sua estreia o actual ministro da fazenda, e o deputado juvenil, apparecendo logo desde a sua primeira batalha parlamentar um adestrado luctador, justificou pela profundidade das suas idéas, pela firmeza dos seus juizos, pela sagacidade da sua dialectica, e pela facilidade e correcção da sua palavra, o vaticinio unanime, que o designava por um dos mais honrosos ornamentos da tribuna portugueza.

A fazenda publica estava confundida e enredada por tal fórma, ao começar a *Regeneração*, que o seu immediato melhoramento era a primeira condição de um governo, que aspirasse a

ser possivel, e, na dissonancia e variedade dos pareceres, só eram quasi unisonas as vozes dos partidos em confessar o desbarato da fazenda e em estremecer diante dos perigos eminentes da bancarota, desfecho, que parecia inevitavel a esta serie de expedientes ruinosos, que haviam desde a restauração illudido e palliado a penuria crescente do thesouro.

A historia da fazenda em Portugal era até então, de feito, a historia de todos os erros, de todos os vicios, de todos os desleixos, de todas as imprevidencias, e de todas as paixões reprehensiveis, que podem affligir e emmaranhar as finanças mais robustas e arriscar o erario mais poderoso. N'esta successão de achaques publicos e de remedios illusorios ou fraudulentos, todos os partidos tinham em boa consciencia, o seu quinhão de responsabilidade, e a sua nota de culpa perante o juizo imparcial.

As finanças da monarchia absoluta eram deploraveis desde muitos annos no paiz. O thesouro publico era a testemunha mais eloquente contra as fabuladas virtudes economicas do antigo regime em Portugal, que não fôra mais favorecido n'este ponto do que todas as velhas monarchias. A guerra civil, que por cinco annos retalhou as entranhas da nação, viera exacerbar as angustias de um erario empobrecido pela prodigalidade dos soberanos e pela decadencia progressiva da riqueza nacional. Dois exercitos, que vivem por tantos annos, levantando gente, e contribuições, pactuam no fim as condições da paz sobre o cadaver do paiz. Em quanto as victorias das armas constitucionaes acclamavam um principio novo e generoso, e abriam o sepulchro de uma antiga e viciosa instituição, íam onerando o futuro com um encargo, cuja perspectiva medonha, desapparecendo no fumo das batalhas, os animos fascinados pela liberdade mal podiam n'aquelles instantes perceber. A gloria foi sempre uma custosa mercadoria. E o absolutismo, similhante aos reis de certas tribus africanas, sepulta-se em toda a parte, enterrando comsigo no sarcophago a riqueza de muitas gerações.

A liberdade custou ainda mais cara do que as exequias do absolutismo. Não admira que assim acontecesse. Em toda a parte a alforria popular é dispendiosa. N'este processo em que o povo pleiteia os seus fóros contra os seus dominadores, é do seu sangue e da sua fazenda que saem as custas do letigio.

Em Portugal foi assim tambem. O imperador viera conquistar a patria, sem que tivesse thesouro, e encerrado dentro dos muros do Porto, teve por muito tempo soldados e martyres antes de achar contribuintes no paiz. Da ilha Terceira, donde a expedição aventurosa havia partido, não podia trazer pecu-

lio. Para alimentar a guerra não havia outra maneira senão empenhar o futuro em emprestimos, que, apezar de usurarios na apparencia, eram nas condições dos contrahentes, uma generosidade magnanima e arriscada nos banqueiros, que se prestavam a fazel-os. Todas as clausulas eram acceitaveis para quem, estreitado pelas oitenta mil baionetas do absolutismo, e pelos cem conhões das suas baterias de sitio, não tinha accordo nem conjunctura para estar confrontando algarismos e abrindo praça legal e economica para os emprestimos da gueraa.

Quando a guerra terminou, houve como ha sempre depois de uma grande batalha vencida, os regosijos da victoria e os enthusiasmos do triumpho. Mas o espectaculo era afflictivo. Era acabado o officio do soldado. Começava o encargo do estadista. Ora em Portugal sempre foi mais facil achar soldados animosos do que estadistas eminentes.

A liberdade estava plantada no paiz. Mas que lastimoso cortejo lhe fazia as honras no seu ingresso triumphal. Cinco annos de guerra, quer dizer, cinco annos de ocio para o trabalho util, cinco annos de campos talados, de povoações incendiadas, de industrias entorpecidas, cinco annos, em que uma guerra de exterminio sorvêra, com a sua proverbial voracidade a riqueza de muitas gerações futuras. O systema tributario da antiga monarchia, abolido pelas novas instituições, déra um golpe fundissimo nos recursos do thesouro. A divida publica subira de repente a proporções collossaes e ameaçadoras. As receitas do estado haviam baixado, as necessidades de uma nova civilisação haviam subido e reclamavam, como era de rasão, despezas consideravelmente superiores ás da velha monarchia. A divida nacional engolia uma grossa verba dos dinheiros publicos. O paiz, sangrado pela guerra, fugia diante do exactor, que lhe pedia a medo o mais que nunca amargo sacrificio do tributo.

Ás difficuldades inevitaveis, que da guerra se haviam originado para o thesouro, acresceram os encargos da má administração. O credito continuou a ser a fonte principal dos recursos publicos, e a divida cresceu notavelmente nos dois primeiros annos depois da restauração. Os homens de estado, que haviam sido excellentes para improvisar os recursos da guerra, eram inhabeis para recompor e organisar as finanças da paz. Perderam-se dois annos sem que nenhum dos homens de governo, nos ministerios que succediam no paiz, pensasse em reparar os damnos da guerra civil e em restituir ás finanças, esterilisadas pela revolução, a liberdade com que bastassem ao menos ás necessidades quotidianas do serviço publico.

O deficit crescente, *la carte à payer des révolutions*, na phrase pitoresca de Léon Faucher, ía sendo legado pelos governos, que expiravam aos governos que succediam. A revolução de setembro viveu de expedientes e de operações paliativas. O thesouro era um enfermo, condemnado a servir de paciente ás experiencias da ignorancia e da mais desastrosa economia. Sobre os appositos, firmados pela mão inesperta dos estadistas, que precediam, adaptavam-se os apparelhos, ideados pela ignorancia dos novos reformadores, e os charlatães, fraudulentos alguns d'elles, muitos outros de boa fé, evitavam expor aos olhos do paiz a ferida que roia as finanças da nação. A agiotagem servia e engrossava com todos os regimes. Com os maliciosos pactuava, aos innocentes illudia, e sempre realmente dominante em todas as situações, ora aristocratica e mal vista, ora plebêa e bem acceita, explorava a mina quasi exhausta do thesouro, invocando agora o throno e a carta, logo a revolução e a democracia. Inimigo multiforme e astucioso, que ora appareçia á cabeceira dos ministros segredando-lhe uma operação mixta, ora aconselhando-lhe um emprestimo ruinoso, e cavando indolente e descuidado na eminente bancarota, o tumulo das suas interesseiras prosperidades e das suas desalmadas especulações.

A regeneração, ao cabo de tantos annos de anarchia financeira, achava accumulados os erros dos seus antecessores.

Satisfazer aos servidores do estado os modestos honorarios das suas funcções era uma obrigação, fraudada pelos governos, que, sem força para tentar um golpe revolucionario, mas fatal, íam vasar indirectamente na bolsa da agiotagem, os salarios jà cruelmente cerceados dos funccionarios publicos. A divida sempre crescente pesava dobradamente no thesouro nacional, pela somma do capital, e pelos juros accumulados, que íam escrevendo de anno para anno em algarismos cada vez mais lastimosos o descredito financeiro do paiz. As receitas publicas, confiadas a uma administração sem coragem e sem principios de governo, mal bastavam a acudir ás necessidades mais urgentes do serviço, e ainda assim a fome chegava muitos vezes de rastos ao contador da agiotagem para lhe supplicar o pão escasso, repartido pela usura mais ferina.

Era precisa uma pausa de tantos desacertos. Era preciso que todos expiassem com a sua quota de sacrificios os erros das administrações, que haviam precedido. Era necessario que o thesouro não só pagasse os encargos do serviço ordinario, senão que se habilitasse a tentar as obras e as empresas, que a civilisação estava pedindo pelas vozes repetidas e clamorosas da opinião.

A questão de fazenda era a questão fundamental do governo, ao começar a regeneração. Os homens publicos, que de novo entravam na scena politica, àchavam naturalmente por assumpto obrigado das suas meditações e dos seus estudos, a questão da fazenda, e os problemas de fomento publico, intimamente com ella relacionados.

Casal Ribeiro, espirito reflexivo, estudioso, positivo e practico, revelou n'estas circumstancias, as suas predilecções especiaes. Ha no estudo das finanças duas faces distinctas, que separadas inteiramente deixam as questões por desatar; a sciencia dos factos, das *cifras*, como por um absurdo e desnecessario gallicismo, se alcunha, com ares de ostentação scientifica, o que toda a gente appellida chãmente algarismos ou numeros, no vocabulario trivial; e a sciencia dos principios e das theorias, porque se governa racional e progressivamente a fazenda de uma nação. Até á regeneração, a sciencia dos factos, considerados materialmente, tinha absorvido as attenções dos financeiros e dado a reputação a muitos homens encanecidos no esteril xadrez dos orçamentos. Citavam-se os estadistas mais peritos em dispor artisticamente as verbas, em simular receitas, em disfarçar despezas, e em offerecer com apparente certesa de um calculo infallivel, um saldo lisongeiro, contra o qual protestava o *deficit* mais tangivel, sem que os profanos podessem comtudo demonstrar racionalmente a sua deploravel existencia, attestada pela debilidade do thesouro. Os equilibristas mantinham entre os credulos o seu renome de peritos. Triste e delusoria sciencia, que merecia, talvez, como erudição arithmetica, as honras academicas, mas que á similhança dos doutores eruditos da comedia, deixava morrer o doente asphyxiado n'uma atmosphera de esteril erudição.

Com a regeneração as finanças enlaçaram-se mais intimamente com os estudos da economia politica. Desde 1848 a escóla economica engrossára na Europa as suas phalanges para resistir compacta e fortalecida ás invasões audazes, com que as seitas socialistas atacavam, com o prestigio da novidade, com a desesperança da miseria, com o talento sympathico da innovação, as velhas bases da sociedade. Da revolução franceza datam muitos dos mais brilhantes escriptores da economia politica, e os livros e opusculos de Bastiat, de Léon Faucher, de Dupuynode e de Garnier, de Blanqui, de Chevalier, de Coquelin, de Rossi, e de Wolowsky, dos eloquentes e discretos collaboradores do *Jornal dos Economistas* irrompiam em toda a parte na Europa, seguindo os dogmatistas do socialismo, para os contradizer e refutar.

A economia politica saíu em Portugal das aulas, onde vivia lon-

ge das agitações da vida politica, para entrar nas assembléas, em que se debatiam os grandes interesses da nação, e para os illucidar na imprensa, onde então começaram a figurar com distincção alguns dos mais brilhantes escriptores.

Casal Ribeiro foi d'entre os mancebos, o que mais copiosa e esmerada erudição economica trazia do gabinete ás controversias da tribuna. Versando meditadamente as theorias dos bons economistas não desdenhára a compulsar os documentos financeiros do paiz e decifrar nos seus emmaranhados commentarios os praxistas da fazenda nacional.

Reunia á sciencia theorica a investigação laboriosa dos factos. E seguindo os bons exemplos de Faucher, de Tegoborski, de Jacob, de Rossi e de Audiffret, apparecia na tribuna para, desprendido de todos os velhos preconceitos, mostrar aos antigos financeiros, que são os numeros os que devem obedecer á rasão, e não a sciencia que deve reconhecer o despotismo brutal dos algarismos.

O que Fontes adevinhára mais pela inspiração do homem de estado que pelo estudo do economista, o que elle aprendêra na escóla practica da necessidade, esclarecido pelo instincto do talento superior, Casal Ribeiro aprendêra-o na successão methodica dos estudos de gabinete.

Voltando á camara dos deputados na legislatura de 1852, depois de dissolvido o primeiro parlamento da regeneração, o joven deputado por Lisboa, emparelhou na tribuna, nos assumptos da fazenda, com o resoluto ministro, que então dirigia os negocios do thesouro. A sua auctoridade nos assumptos da fazenda foi crescendo de dia para dia e indicou-lhe naturalmente o posto eminente que devia occupar no primeiro ministerio, de que os seus amigos politicos o convidassem a formar parte.

Com a queda da regeneração, Casal Ribeiro deu a conhecer uma face do seu talento, que a sua condição de ministerial, lhe não havia deixado manifestar em toda a sua brilhante lucidez.

Enviado por um dos circulos de Lisboa nas eleições de 1856 a tomar logar nos bancos da opposição ao ministerio presidido pelo marquez de Loulé, a camara e o paiz poderam admirar a fecundidade dos recursos, com que Casal Ribeiro servia os interesses publicos da causa, que abraçava, e o gabinete temeu sempre no deputado por Lisboa um dos mais valentes adversarios, com quem tinha de conservar-se constantemente em precatada defensiva nas luctas parlamentares. Como opposicionista a sua palavra foi sempre energica, mas decorosa, e a camara respeitando o talento ennobrecido pela gravidade, honrou sempre na attenção, com que

o escutava, o merito superior de que deu sempre as provas mais brilhantes. Mais de uma vez o deputado por Lisboa, corrigindo os erros do gabinete nas mais graves questões de fazenda publica, fez vacillar os espiritos mais addictos ao ministerio, que oppugnava, vencendo na discussão os homens que com maior auctoridade influiam na maioria, pela sua cathegoria, pela sua reputação, e pela practica de largos annos, nos exercicios do ministerio e da tribuna.

Casal Ribeiro tem como orador o mesmo defeito de Thiers. É pequeno de vulto; mas resgata bem pela claresa do seu orgão, pela compostura da attitude, pela energica accentuação da sua palavra, o que a natureza lhe negou nas proporções da estatura. Quando começa a orar, um espectador estranho á sua reputação, enganar-se-ía no seu juizo a avalial-o pelas primeiras palavras proferidas. Com a mão no peito, a cabeça antes pendida que arrogante, as frases saem-lhe destacadas, com a gravidade solemne de quem está meditando o que profere. Pouco a pouco a voz toma corpo, o periodo sae-lhe esmerado e fluente, o *Deus in nobis* manifesta o seu dominio pelos reflexos, com que o talento resplandece na fronte, e se a paixão vem illuminar e aquecer os pausados raciocinios, em que é sempre eminente, a oração rasga os vôos da verdadeira eloquencia e deixa no auditorio a impressão da palavra que ao mesmo tempo vence a rasão pelo pensamento, e deleita pelo ornato a phantasia. No debate da questão *Charles et George* o juizo publico apreciou como um dos mais notaveis e bellos discursos o de Casal Ribeiro.

A sua eloquencia sem ser do genero grandioso e poetico, é comtudo correcta, sem affectação, e sem adornos exaggerados e superfluas sumptuosidades. A pausa, com que falla ordinariamente, para seguir os movimentos da reflexão, deixa-lhe tempo para modelar e compor a frase sem as incorrecções, que se observam nos oradores incitados pela imaginação e dominados pelo estro do improviso. Na replica extemporanea é sempre feliz, e o adversario que lhe lega a palavra na ordem da inscripção, não póde contar com um triumpho facil para as suas rasões ou para as suas invectivas.

São raros os homens de estado, que saibam alliar em Portugal a palavra oral e a palavra escripta. A maior parte dos ministros teem sido sempre na nossa terra homens, que não primavam pela facilidade e elegancia no escrever. Casal Ribeiro, demonstrou como jornalista, collaborando na *Civilisação*, os poderosos recursos, de que podia dispor se, vedando-lhe a palavra na tribuna, tivesse de vir combater os seus adversarios

n'esta arena mais vasta e menos ceremoniosa da publica opinião.

Crê-se vulgarmente que as suas faculdades o chamam antes á discussão do raciocinio do que ás expansões do sentimento e da paixão na imprensa e no parlamento. A face mais brilhante e mais visivel do seu talento é sem duvida o raciocinio. Mas a contemplação dos algarismos, e o estudo dos factos economicos não murcharam na sua intelligencia a phantasia, com que elle se inscreveu nos seus annos juvenís entre os cultores da poesia amena.

Os seus primeiros escriptos foram na ordem politica alguns pamphletos, notaveis pelo incisivo e nervoso da frase, e pela exaltação, desculpavel nos poucos annos, com que mancebos de engenho ousam, ao experimentar as suas armas litterarias, reptar a sociedade em peso, e saudar como a alvorada de uma nova civilisação, a luz mentirosa das doutrinas socialistas.

A vocação politica, que desde os mais verdes annos manifestou Casal Ribeiro, não lhe foi impedimento a que désse culto á poesia, em que os talentos bem organisados quasi sempre se deleitam, ao tentar os primeiros vôos litterarios. Muitos dos versos, que escreveu, quasi todos elles graves e pouco eivados do erotismo dominante, lhe davam direito a que pedisse logar honrado entre os poetas de melhor toada, e de feliz inspiração, se elle se não comprazesse em buscar antes a sua gloria nas justas ambições do parlamento e do gabinete.

Sem ser um genio, Casal Ribeiro é um d'estes talentos proveitosos e fecundos, que tem em si os recursos para a propria reputação e para o progresso e reformação do seu paiz. Na tribuna não lhe sorri a imaginação com o mesmo extremoso carinho, com que ella offerece prodiga a palheta do mais vigoroso colorido a José Estevão, ou a Rebello da Silva, que repartem hoje entre si, ainda que em diversas provincias, o principado da eloquencia parlamentar. Os seus quadros não são grandiosos, o seu desenho primoroso, as suas tintas deslumbrantes. Mas os seus discursos sem serem um exemplar de eloquencia antiga, não envergonham os bons modêlos da facundia, usada no tracto dos negocios positivos e habituaes de uma nação.

Chegado ha pouco á direcção das coisas publicas, o horoscopo dos seus destinos politicos é para elle, como para todos os homens de estado, difficil de tirar com segurança. A arte de governar exíge condições, que parecem á primeira vista incompativeis. N'ella, como na sciencia da guerra, os principios geraes tem de ser modificados por mil circumstancias difficeis de prever. Ha de o homem de estado saber as sciencias puras e phi-

losophicas do governo, os exemplos dos paizes melhor administrados, a historia politica das nações mais cultas, os vicios e abusõas administrativas e economicas do seu paiz, conhecer a fundo os seus recursos e possibilidades, avaliar as suas condições especiaes, ter o instincto com que se aprecia a opportunidade das medidas, a discrição com que se favorece a transacção dos interesses antagonistas, a prudencia com que se addia, a audacia com que se intenta, a timidez com que ás vezes se dissimula, e a temeridade com que nos grandes lances se confia em parte da fortuna o exito das empresas arriscadas.

Na vida parlamentar estuda-se o homem, que julga as acções politicas dos outros, amigos ou adversarios. Mas a tribuna, que revela o orador, levanta apenas metade do véo, que encobre o estadista. A tribuna patenteia o talento; só o gabinete denuncia o tacto de governar. Na duplice manifestação da actividade politica, — a palavra e a acção, — a acção retrata o ministro, a palavra apenas o orador.

Abril — 1859.

J. M. Latino Coelho.

BOSQUEJOS CRITICOS

INTRODUCÇÃO.

A critica, em Portugal, tem ainda graves prevenções contra si, e o motivo d'estas prevenções nasce todo do máo uso que se têm feito de uma das mais nobres e proveitosas funcções da rasão illustrada. Entre nós não existe de certo o genero de critica venal, que um notavel escriptor francez desenha com traços tão caracteristicos e epigrammaticos; critica que abre simultaneamente bazar de apothéoses e libellos na praça publica; que fustiga ou exalta o merito com a mesma superficialidade de exame, com igual elasticidade de consciencia com que corre a mostrar-se em todos os pontos onde julgue que deve erguer taboleta da sua importancia; que despresa, desdenhosa e insolente, as vocações nascentes, embora promettedoras de um porvir brilhante, e se curva, bajuladora e servil, ante as reputações feitas, e ainda mais, ante as falsas realezas erguidas nos escudos da admiração convencional; critica que não lê, que não aprofunda, que tem como desnecessario estudar longo tempo para assentar n'um alvitre, ou para fundamentar uma censura; que receia esperdiçar as faculdades mentaes na reflexão e na analyse, e que por isso avalia os livros, não pelas suas qualidades litterarias, não pela magnitude e elevação de suas idéas e pela utilidade de sua concepção, mas pela preponderancia social do seu auctor, pelas rasões de probabilidade de uma recompensa, pelos motivos de antipathia ou affecto que o recommendem á sua consideração pessoal.



Annunciação Pint. e Grav. Silencio Estampou.

Este genero de critica — com ufania o dizemos — não apparece n'esta terra, senão por excepção. É planta exotica que não vegeta desafogada com as condições do nosso sólo e influencias climatericas, e que, quando consegue brotar, a sua germinação não alcança larga área, porque a severidade da atmosphera que a rodeia a definha e enfeza antes que logre florescer e fructificar.

Mas se não existe entre nós esta especie de critica, existe outra que, sem ser tão indigna e aviltadora das superiores faculdades que elevam o homem á maior altura da sua intelligencia, se torna, comtudo, quasi tão nociva como a primeira, porque é igualmente injusta. Esta critica é a critica de camarilha, a critica de predilecção, a quasi geral entre os nossos escriptores; critica que se restringe a um circulo acanhado e comesinho, e que fórma um mundo seu e especial dos elementos da sua estima, das ligações da sua intimidade, das tendencias da sua sympathia; e que não vê nem sonha nada de notavel, nem sequer de esperançoso além dos horisontes d'esse mundo creado pelos habitos da conveniencia ou pelos laços da amisade; que não escuta, que não destingue sequer um ecco sympathico ou uma nota harmoniosa fóra d'essa orchestra de amigos e predilectos que executam alternamente a musica uns dos outros, e se applaudem reciprocamente dentro das eminencias que ergue a sua imaginação, as quaes os tem como circumscriptos a uma existencia convencional, dentro de cujos limites suppõe subsistir, resplandecente de gloria, o universo inteiro.

Um tal genero de critica, genero a que algum espirito epigrammatico, a exemplo de deputado provinciano que comprehenda só o paiz dentro das necessidades da sua aldeia, chamará critica de *campanario*, e a que nós nos obstinaremos em chamar critica de predilecção, um tal genero de critica produz os mais damnosos e deploraveis resultados.

A verdadeira critica é mister que seja não só illustrada mas proba, e assim realisada falta a estas duas condições essenciaes da sua natureza. A critica deve obedecer a um pensamento mais fecundo e nobre do que ás pequenissimas considerações de individuo para individuo, que se perdem de vista olhadas da altura donde unicamente se podem abranger os grandes quadros do progresso intellectual. A verdade, a idéa, o exemplo que a critica procura n'um livro não devem pertencer a nenhuma outra ordem d'estas considerações; este exemplo, esta verdade e esta idéa devem resumir grandes e valiosas theses de illustração ou de moralidade, que seja facil a todos os individuos negar ou reconhecer, examinando-as segundo as regras eternas do bello, e os nobres e puros dictames do coração humano.

Verdade é que a critica entre nós pecca n'estes excessos por igno-

rancia; mas, n'este caso, deixa de ser critica e é apenas uma opinião proclamada com mais ou menos pretenção, porque a verdadeira critica, isto é, o accordo harmonioso e esclarecido da intelligencia com as impressões vivas do bello, subentende-se sempre por uma alta rasão analytica.

Mas a reunião d'estes dotes não é facil nem trivial; e a necessidade de apparentar de aristarcho diante dos talentos humildes e de thuribulario no templo dos simideuses das letras, é sentida por muito animo obscuro, que só pisando os pequenos e incensando os grandes consegue ser visto, notado e admittido nos congressos solemnes, onde são promulgados os decretos de importancia litteraria.

Mas o desenvolvimento geral, que vai tendo certa ordem de conhecimentos em Portugal, é que já não tolera esta prepotencia bastarda. O progresso dos nossos talentos requer hoje mais consciencia de exame; exige-o e póde com elle. A critica de selecção, essa critica de *camaraderie*, que — diga-se a verdade — quasi não sáe os muros da capital, porque tem receio de emprehender largas digressões, porque os habitos de uma intimidade, de uma domesticidade quasi patriarchal a obrigam a contentar-se com o que se passa dentro da sua aldeia litteraria e a fazer d'ella a sua Athenas imaginaria, esta critica de selecção dá-nos assim o aspecto pequenino e infantil de um povo ainda em familia; ou, para melhor dizer, transporta as mesuras reciprocas e espartilhadas do viver provinciano para as regiões onde deve predominar unicamente a etiqueta da rasão esclarecida.

O chistoso dito de Sribe deve ficar só na sua comedia-satyra *Nous sommes une douzaine d'amis intimes, qui nous portons, qui nous soutenons, qui nous admirons; une société par admiration mutuelle.* Estes traços epigrammaticos com que com tanto chiste e verdade se retrata a sociedade politica e, até certo ponto, a sociedade dos homens de letras de nossos dias, é uma desauthoração que avilta ainda mais a estes ultimos, do que áquelles; porque a politica, a desprezivel Messalina da historia, é de si uma cortesã que não deixa a ninguem isempto da ruindade do seu contacto, uma vez attrahido ao seu cortejo pelo deslumbramento de suas seducções. As consciencias pervertidas que se consagram ao seu culto correm já o seu fado de farejar por todos os campos das theorias e especulações de partido, alcançando aqui um titulo a troco de uma abjecção e mais longe um lucro á custa do tedio de todos, sem que o mundo tome isto muito a peito, nem d'isso se resinta o engrandecimento dos nobres instinctos da humanidade; porque estas nobres faculdades tem em si uma força virtual, uma lei de impulso e progresso, que as faz prevalecer, mais tarde ou mais cedo, apesar de todos os opprobrios que man-

chem a dignidade dos homens e tentem resistir á illustração das sociedades.

Mas com os homens de letras não é assim. O incenso podre dos thuribularios de convenção confrange-lhes os pulmões. Os seus nobres espiritos desfallecem, e sentem amesquinharem-se-lhes os vôos, tendo de desdobrar as azas n'uma atmosphera viciada. Carecem de ar livre, do ar mais forte, mais vital e silvestre. É ahi que essas organisações robustecem e se completam. Nos climas temperados do louvor banal, nas estufas abafadiças das louvaminhas de reciprocidade convencional, o talento não passa de uma especie de sensitiva, que um sôpro mais forte dobra ou cresta. É necessario abandonar este genero de cultivo melindroso e artificial, se quizerem que as nossas letras, fóra e dentro do paiz, possam resistir aos abalos e contrariedades da opinião publica. Só assim se conseguirá que os nossos livros tenham um valor real, e que a censura litteraria seja uma coisa util. Instituir a critica largamente, abrangendo todos os pontos sem predilecção nem antipathia, apoiando-a n'um corpo de doutrina em que o conhecimento das theorias, o exame dos generos, e o estudo dos modêlos não seja um mero apparato de vã erudição, e isto partindo de um certo fundamento de moralidade, moralidade sem dogmatismo, mas recta, immediata, applicada, conseguir este resultado será de certo um serviço prestado á litteratura, e não só á litteratura senão á sociedade. D'esta sorte o critico tornar-se-ha o vingador e o panegyrista do escriptor distincto.

Ao mesmo tempo que se mostrará o apostolo, o cruzado dos bons principios, e o fiscal das leis do gosto, com o facho da erudicção n'uma das mãos e com a outra apontando as veredas dos triumphos legitimos, encaminhará os talentos transviados ou as vocações balbuciantes ás suas mais incontestaveis glorias.

E porque não havemos nós conseguir este resultado? Felizmente ainda contamos espiritos conscienciosos que se não podem amoldar a esta existencia de estufa, e que saltam por de cima dos Pyrinéos a que um certo numero de aristarchos circumscreveu o dominio das letras d'este paiz. E n'essas divagações, a que os levam as necessidades de seus estudos, ou as indagações de uma analyse sincera, teem conhecido que, não só n'esta parte do reino o talento desabroxa e floresce, mas, pelo contrario, que germina e fructifica por todos os pontos onde a meditação e o estudo o desenvolvem e amadurecem, e a censura esclarecida o dirige e proclama.

Nós protestamos—dizemol-o abertamente—contra esta especie de critica, que mais parece a formula obrigatoria de um compromisso de amigos, do que a apreciação justa e leal dos dotes do verdadeiro talento; e é por isto que não duvidamos passar das margens do Tejo

ás ribas do Douro, por que vemos lá meritos apreciaveis, alguns apenas annunciados em ligeiros tentames, bruxeleando ainda em frouxos lampejos, mas outros já com o vigor e individuação de uma physionomia caracteristica, e já revelada por elevadas concepções, que se recommendam pela idéa e pela fórma. Transporemos essas balizas de convenção e iremos saudar o engenho e a applicação onde os encontremos. Os nomes de Alexandre Braga, de Camillo Castello-Branco, de Soares de Passos, de Novaes, de Pinto Ribeiro e outros que seguem essas veredas de luz que conduzem ás creações sérias, já constituem de certo um empenho para com a critica, que tymbre na imparcialidade de seus juizos, por que d'essa imparcialidade deriva o maior e mais fecundo principio da sua importancia e illustração.

E realmente, como diz Villemain, que outro sentimento mais nobre, depois da honra de produzir bellezas originaes, que outra missão mais proficua nas letras, do que admirar com sinceridade, do que explicar as maravilhas do talento creador, augmentando-lhe assim o circulo das sympathias e perpetuando o nome de seus auctores?!

As obras já publicadas na capital do Minho tem direito a este exame. As producções d'aquella esperançosa cruzada de mancebos, que tão emprehendedora e energica se mostra em suas ambições de um futuro melhor, e que em todos os seus livros inflamma, com o calor vivissimo das grandes e nobres aspirações, os seus mais fugitivos vôos de fantasia, pedem que voltemos para aquelle ponto a attenção, e uma attenção indagadora e escrupulosa. Seria commetter uma injustiça e caír n'uma falta não o fazer. Os homens nunca poderão sentir nada de peior que a paixão da inveja ou da rivalidade mesquinha. Que males d'aqui nos não teem provindo?! Se algumas vezes uma alma altiva, reagindo pelo vigor da sua indignação justa, consegue subir pelo esforço que a devêra abater, quantas vezes outras menos audazes não succumbem, sentindo dobrar-se-lhes as azas diante do desdem de um acolhimento injusto!

O indifferentismo, armado dos seus sarcarmos, e, da mesma sorte, a inveja e a malevolencia, tem annuviado muitos astros, que, mais tarde seriam sóes, se um céo limpo de nuvens e tempestades os deixasse fulgir, quando ainda apenas começavam a descrever o seu gyro no immenso firmamento das idéas.

D'essas grandes injustiças, felizmente, não as temos visto praticar entre nós. Mas tambem é innegavel que os fructos do talento portuense, na sua maioria, não tem attrahido aquella attenção que mereciam da parte dos criticos da capital. Não será isto indifferença, não será tão pouco desleixo; mas como quer que appellidem o facto, a sua apparencia e consequencias não podem importar senão a injustiça. Aquella parte do paiz é para nós já uma gloria. Assim co-

mo o vigor e anciedade da vida economica e industrial despontam e se diffundem do norte do reino, tambem a effervescencia de toda uma vida litteraria se evidenceia para aquellas bandas, e com as suas tendencias e fogo de inspiração, com o seu peculio de sanctas e puras crenças, que são as crenças tradicionaes do amor e gloria do velho Portugal. Como n'um sacrario onde o genio da patria, foragido ante os cataclysmos das discordias civís, corresse a depositar as reliquias e symbolos dos grandes sentimentos nacionaes, assim, nas concepções de muitos d'aquelles mancebos poetas, as suas almas ardentes, apenas mitigadas pela saudade dos nossos bons tempos de gloria ou voando para futuras épocas de perfeição indefinida, evocam do esquecimento os vultos grandiosos da nossa historia e se inspiram dos sentimentos que dão azas de fogo á phantasia.

Estudal-os é um dever. Estudal-os-hemos nas suas demonstrações mais cabaes. Faremos d'elles uma galeria, onde analysaremos, physionomia por physionomia, feição por feição, aquelles que personifiquem melhor os generos de letras ali mais cultivados.

Entenda-se comtudo. O que vamos tentar não o inculcamos como trabalho cathegorico em materia de critica. A critica em Portugal, como já notámos, ainda lida com muitos defeitos e os vicios dos balbuciamentos da arte; e antes que assim não fôra, não seriamos nós o juiz competente para proferir sentenças irrevogaveis. O que projectamos é apenas uma exposição de quadros, onde, com algum esforço de analyse, com alguns traços criticos, indicaremos os defeitos e bellezas de um grupo litterario, que é nosso pela patria e pelas inspirações, e que todavia o não parece, tão desconhecido e arredado anda de nós.

(Continúa) ANDRADE FERREIRA.

INFAUSTAS AVENTURAS DE MESTRE MARÇAL ESTOURO, VICTIMA DE UMA PAIXÃO.

(Episodio de um livro inedito.)

I

DE COMO MESTRE MARÇAL TOMOU ESTADO.

Mestre Marçal, que mal apparecia dava alegrão ao rapasio e vadiagem, desde as portas da Alfófa até ao arco dos Escudeiros, era em 1622, um individuo esguio, sinuoso, escoreado, alluido e desengonçado, cujo esqueleto, mal cosido n'uma rede de musculos por uns restos de membrana fibrosa, dançava um bolero desregrado e perpetuo no amplo interior do corpete e calções de estamanha, que fluctuavam ironicamente pelos contornos angulosos d'aquella mumia ambulante. O arcabouço, equilibrado nos fusos a que elle por basofia chamava as suas pernas, tinha por bases dois pés que davam quatro, todos recortados de promontorios, e por cupula uma cara empastada em pergaminho, que podera servir ás descripções analyticas do proprio Flourens e ás mais minuciosas observações de osteologia comparada.

Por que successivas degradações chegára mestre Marçal a este extremo de tenuidade, de esvasiamento, de exhaustão, da quasi transparencia? Ensaiarei descrevel-o n'este breve epithome das suas desgraças. Aprenderá o mundo o que faz uma sina, o que póde um amor obstinado, e em que abysmos precipitam as cegueiras de um affecto contrariado e violento.

Começarei por assentar um facto que attesta (sinto declaral-o, mas força-me o dever do historiador veridico) que attesta, dizia, a pouca sensibilidade do seculo em que se passa esta instruc-

tiva historia, e a indifferença profunda com que o vulgo profano tractava as intimas dores e o coração inapreciado do meu heroe.

Os gaiatos do sitio, affeiçoados á onomatopéa como todos os gaiatos de todas as épocas, tinham-lhe posto por alcunha: «mestre Estouro».

O mestre não podia sahir á rua que o não seguisse um coro turbulento grunhindo, guinchando, latindo, chiando e ganindo-lhe uma acclamação burlesca, com taes variedades imitativas que abrangiam o diapasão completo do reino animal.

—«Lá vae mestre Estouro, lá vae mestre Estouro!»—vozeava a turba maltrapilha apenas o avistava, e investia atraz d'elle engrossando a cauda da sua popularidade alfamista.

Mestre Marçal porém ía seu caminho com a magestade dos graves infortunios, e só respondia com a silenciosa e magnanima superioridade que dá o costume das catastrophes, deixando berrar a mó dos garotos, como hoje em dia um estadista impavido, que leu Horacio em pequeno, deixa trovejar as tempestades parlamentares.

—Mas por que motivo chamavam os gaiatos a mestre Marçal «mestre Estouro?» perguntará o leitor admirado.

É justa a curiosidade, e para satisfazel-a principio a interessantissima narrativa, que é como se relata:

Mestre Marçal era natural de Lisboa, onde exercera em tempos felizes a profissão de fogueteiro, com tamanho applauso, que não havia festa ou romaria, um par de leguas em redondo, na qual se não invocasse o seu *valioso auxilio*, como se diz na actualidade.

Seja-me aqui permittida uma nova digressão. Presumo que o leitor intelligente percebeu agora a rasão por que o fogueteiro tinha o cognome significativo de «mestre Estouro.»

Feita esta observação indispensavel, prosigo e apuro os factos de que resa a chronica.

Desgraçadamente para mestre Marçal, o governo de Philippe III, na sua paternal solicitude, não gostava de ver os portuguezes a brincar com polvora, temendo decerto não se queimassem; e a lei de 9 de janeiro de 1610 deitou a perder o officio, a que o mestre, duzentos annos adiantado ao seculo em que vivia, chamava já modestamente a sua arte.

Como a corte de Castella estivesse continuamente sonhando revoltas, e receiasse ver sair de cada provincia um novo Prior do Crato, ordenava a tal lei[1] «que se não usasse de nenhuns fogos

[1] Textual.

«ou artificios nas festas de Santos, nem por outras occasiões, e «que nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, (calidade refere «o texto) que fosse, os podesse fazer, ou mandar fazer, ou lançar «sob pena de tres annos de degredo para Angola com baraço «e pregão, e vinte cruzados em dinheiro, etc. etc.

N'estas lastimosas circumstancias, já se vê, a sciencia pyrotechina de mestre Marçal, longe de lhe ser proveitosa, era-lhe causa de trances continuos.

Para desdita maior, mestre Marçal não era só fogueteiro por necessidade de ganhar a vida; era fogueteiro por indole, por gosto, por paixão, por espirito de artista. Nascêra com aquelle feitio. A manipulação da polvora, do carvão, do salitre, do enxofre e da limalha; o fabrico das rodas e estopins; o preparo de todas aquellas industrias era para elle uma necessidade da sua organisação. Tinha a bossa ou protuberancia da foguetividade, caracteristico este que tinha de escapar ao mesmo Gall.

Nos seus annos florescentes havia-o dotado a naturesa de uma rotundidade satisfactoria. Os desgostos produzidos, por aquella maldicta lei, tinham-lhe porém mirrado e dessecado as carnes, exercendo de dia para dia uma depressão sensivel na sua espessura. Em compensação, parecia ir ganhando proporcionalmente em comprimento.

Ao cabo de seis annos mestre Marçal não podia já tolerar a privação imposta por Sua Magestade Catholica, e exordiava o descobrimento do *spleen*. Esticava a olhos vistos, e alongava do mesmo modo.

Os sêus amigos, notando que passava da atrophia ao marasmo aconselharam-lhe distracções.

A Providencia, que vigia os Marçaes como qualquer outro mortal, proporcionou-lhe uma distracção.

Para ultimar o litigio, que havia oito annos trazia sobre umas geiras de terra no Alemtejo e um alfarrobal no Algarve, viera de Olhão sua patria a Lisboa a senhora Medéa Brandoa, viuva de um mercieiro e honrado commerciante de figos seccos. Tendo rematado com bom exito a demanda, quiz a sua boa ou má estrella que encontrasse um dia em Chellas o nosso ex-fogueteiro, que estava então nos seus vinte e cinco, e ainda não havia attingido a perfeição de diaphaneidade e longura a que estava predestinado.

A viuva, tendo conservado saudosas reminiscencias do primeiro matrimonio, pensava em deixar de o ser; e mestre Marçal, como dissemos, procurava distrahir-se.

Para encurtarmos preambulos, a senhora Medéa, inflammou-se.

Fôra o misero, depois da sua viuvez, o primeiro e unico homem que se lembrára de olhar para ella. Quanto ao mestre, no estado de resequimento progressivo em que ía, uma scentelha bastava para o pôr a arder.

Ao contacto d'esta chamma, o incendio latente da tia Brandoa desatou em labaredas.

Ficou logo evidente aos olhos menos perspicazes que o fogueteiro, aposentado por ordem superior, conquistára de um rasgo o coração, as geiras e o alfarrobal da senhora Medéa. O mestre podia dizer como Cesar: *veni, vidi, vici.*

A viuva não era affeiçoada ás moratorias e dilações. Tinhalhes tomado aversão declarada nos oito annos da demanda.

Ao cabo de um mez offerecia a sua mão ao futuro martyr. Ao cabo de tres semanas estavam casados. Ao cabo de oito dias mestre Marçal achava que a lei dos Philippes era uma amostra do paraiso em comparação do seu novo estado!

A senhora Medéa, que jurava frequentemente pela santa do seu nome, com grave escandalo de Agiologio Romano, resumia e verificava todas as furias do mythologico homonymo com que a haviam prendado na pia baptismal.

Foi esta uma extravagancia qualificativa, bem que prophetica, de que não pude achar explicação nas profiosas investigações e e numerosos codices d'onde extrahi e colligi mui veridica historia.

Peço indulgencia para o enxerto d'esta breve annotação, e ato o fio ao discurso.

As mais sanhudas imprecações da Medéa grega de Euripides, da Medéa latina de Séneca, e das tres Medéas francezas de Corneille, de Logouvé e Longepierre, eram amenidades bucolicas ao pé da phraseologia hirsuta e praguenta d'esta Medéa algarvia, que desbancava as suas predecessoras.

Amestrada pela experiencia do primeiro marido, colheu o infeliz Marçal por uma docilidade e submissão affectada, de que se indeminisou amplamente aos primeiros tres dias de consorio.

Mestre Marçal esteve a ponto de estalar como a sua melhor bomba. Não podendo estalar, continuou a emagrecer, coisa que espantou toda a gente.

Era claro como o dia que as distracções não lhe aproveitvam.

II

DE COMO MESTRE MARÇAL BUSCOU ESPAIRECER DOS SEUS PEZARES.

O ditoso fogueteiro, minado por novos dissabores, como vi-

mos, fôra apoucando, diminuindo e adelgaçando até chegar ao ideal, á perfeição, á esthetica do genero.

Não tendo achado no casamento o recreio e diversão de que tanto carecia, entrára de novo a scismar lembranças do passado. Mestre Marçal não comia, mestre Marçal não dormia, mestre Marçal esquivava-se á companhia de seus amigos, mestre Marçal finalmente ía-se tornando o spectro de si mesmo.

Os não iniciados diziam ao principio — que haviam de ser os encantos em segunda mão do que a civilisação gallicista chama hoje lua de mel, lua que para o triste era de fel. Mas o tempo decorria, e mestre Marçal a diluir-se, a rarefazer-se cada vez mais, prodigio que o fazia rivalisar com as sombras de Virgilio.

Mestre Marçal, infeliz no consorcio, acoutava-se mentalmente com desesperada saudade ao santuario das suas recordações artisticas, agravando magoas incuraveis.

Pelas festas do anno, correndo todos os riscos, (e não eram poucos!) da objurgatoria conjugal, o misero outhorgava-se o innocente desafogo de fabricar o seu valverde, ou bicha de rabiar, symbolo dos attractivos da sua cara e bem cara metade; e quando todos no bairro dormiam o somno do justo, calafetadas hermeticamente portas e janellas, saboreava o vedado regallo de escorvar e accender estas puerilidades pyrotechnicas no pavimento terreo da sua morada, que estava muito longe de ser um palacio.

Mestre Marçal, ou antes a senhora Medéa, porque era ella quem figurava em casa, morava no becco da Amargura,[1] sitio que perfeitamente quadrava com o seu estado, ao pé da rua de Jerusalem, como quem ía das portas da Alfôfa para a antiga freguezia de S. Bartholomeu intra-muros, ou Bartholameu, como diziam os contemporaneos do mestre.

Os habitantes d'aquella parte da cidade, que occupava approximadamente a área agora comprehendida entre a Costa do Castello e a rua de santa Luzia, em geral homens de trabalho, recolhiam cedo e tinham o somno pesado. Por consequencia

[1] O becco da Amargura existia realmente na época em que se passa a acção. No mesmo caso estão todas as outras designações que pertencem ao estudo physionomico de Lisboa no seculo XVII. Todas as indicações topographicas são authenticas, e podem verificar-se nas monographias, noticias, relações e documentos respectivos. Evitam-se as citações para cortar prolixidades. A idéa do auctor n'este esboço foi justamente esconder sob os ornatos da narrativa, e dissimular com o atractivo de uma ficção, mais ou menos aprazivel, a aridez das investigações archeologicas. Tentou arregaçar o véo já espesso de dois seculos sobre um perfil da velha capital, com as suas feições originaes, dando uma idéa da vida que então a animava.

pouco risco havia n'esta infracção das ordenanças, que para o desherdado tinha a irritante e ácre voluptuosidade das fruições reconditas.

Deus sabe todavia quantas exhortações, acompanhadas de gestos um tanto exaggerados, este momentaneo passatempo valia ao pobre de mestre Marçal.

Que era porém um valverde e uma bicha de rabiar para o artista cubiçoso de gloria, que tão alto alçava as suas aspirações como ao diante veremos? Os rudimentos e ingenuidades da arte na infancia mal podiam contentar um homem da tempera e da estiva de mestre Marçal.

Na occasião em que a desastrosa lei o colhêra no melhor das suas manipulações e das suas esperanças, mestre Marçal estava em vesperas de fazer uma revolução completa no systema dos foguetes.

Imagine-se o effeito d'aquelle embargo legal posto ás concepções de um grande engenho em vesperas de parto.

Quantos Marçaes não precipitam ainda hoje das alturas do poder as inconstancias politicas, justamente no instante em que íam salvar a patria depois de alguns annos de inuteis esforços!

O tempo, em vez de metigar a paixão do mestre, cada vez a exacerbava mais, exactamente como o genio da senhora Medéa. O illustre pyrotechnico perdeu por fim de todo a paciencia.

A famosa lei, como todas as leis, tinha degenerado pouco a pouco dos seus rigores primitivos. Eram já conhecidos varios exemplos de pequenas transgressões que haviam ficado impunes. Para dizer a verdade, fôra por falta de conhecimento cabal dos seus auctores. Indicava porém este accidente que se não devia considerar absolutamente impossivel escapar á implacabilidade das justiças de Sua Magestade Catholica.

Mestre Marçal deliberou insurrecionar-se tambem, sem pedir o beneplacito da consorte, já se sabe.

No dia em que tomou esta resolução, mestre Marçal pensou que envergonhára em heroicidade os Doze de Inglaterra, como na pessoa envergonhava o nome do seu Magriço.

O primeiro cuidado do mestre foi comprar clandestinamente uma porção rasoavel de polvora bombardeira, astutamente fraudada, que tratou de subtrahir á vigilancia perspicaz da senhora Medéa, muito mais maliciosa que a dos corregedores do crime.

Vencida esta difficuldade, que não era das somenos, começou com delicias a cogitar no que faria da sua polvora.

Mestre Marçal, como dissemos, presava sobre tudo a especia-

lidade do foguete, e esperava n'ella alcançar uma reputação verdadeiramente estrondosa.

Desde 1610 fôra este o unico periodo em que, na phrase do philosopho, «se sentíra viver.»

Os visinhos notavam-lhe um ar lepido e prasenteiro, que fez por momentos acreditar na sua viuvez. Até se lhe podiam descobrir tendencias nascentes para arredondar de novo.

A senhora Medéa scismava com esta insolita innovação; mas como elle cumpria os seus deveres conjugaes com irreprehensivel orthodoxia, e mesmo com certo addicionamento de boa vontade devido certamente á melhoria do estado moral, como não alludia sequer ao mais insignificante valverde, não se lhe podia pôr pécha.

A digna esposa do fogueteiro, que nem por isso andava menos desconfiada, pela primeira vez na sua vida tragava em segredo as conjecturas suspeitosas, esperando colher assim o delinquente em flagrante e desforrar-se por atacado.

Mestre Marçal entretanto ia amadurecendo o seu plano, e preparando disfarçadamente os meios de executal-o, com uma astucia digna das chancellarias em que se trata do equilibrio europeu.

Mestre Marçal, depois de luminosas meditações, concluíra que os simples foguetes de respostas, e mesmo os de lagrimas, eram a deshonra da arte, e que por tanto cumpria urgentemente dar um impulso serio e decisivo a este importante ramo dos conhecimentos humanos.

Como todos os espiritos superiores adevinhava outro seculo. Vivendo hoje, mestre Marçal era uma victima da ingratidão publica se não estivesse ao menos director de um instituto ou presidente de um centro.

Feitas cuidadosamente as suas ponderações, calculos e combinações, mestre Marçal suppoz ter achado a pedra phylosophal, o bezoar, a *ultima ratio* com tanta ancia procurada.

A ambição do mestre fôra sempre descobrir traças de fazer um foguete, que, não só estoirasse, mas se transformasse n'alguma coisa.

Ninguem póde imaginar com que desvello e ardor se encerrava no seu santuario afumado, e, saccando de uma bolsa de coiro, que tinha escondida em um sitio recatado, todos os ingredientes e petrechos necessarios, se punha a trabalhar na complicada cabeça do seu foguete modêlo. A cabeça é, como todos sabem, a parte essencial de um foguete. As horas de trabalho de mestre Marçal eram quando a senhora Medéa se ía a tratar das

suas compras, horas rendosas em que a afiada lingua da matrona se exercia á custa do proximo desde a visinhança até ao mercado.

Preparado tudo, e chegada a occasião propicia, um dia de hynverno, pelos fins da tarde, pouco antes de Trindades, mestre Marçal levantou-se do canto do lume, deu umas voltas pela casa em ar de quem não sabe como ha de matar o tempo, poz-se em bicos de pés para examinar assim por de mais uma gaiola appensa á parede, pegou na sua coróça para encobrir a exuberancia das algibeiras em que dissimulára o machinismo, e deu indicios de querer saír.

—«Aonde vaes?»—inquiriu a voz ágra e stridula da senhora Medéa, que o seguíra com os olhos, e observára com assombro aquelles desusados preparativos.

Havia muito que estas objecções estavam previstas.

Mestre Marçal respondeu com o ar mais candido d'este mundo:

—«Vou ao celleiro do tio Cosme buscar um selamim de alpista para o pintaroxo. Pobre animalsinho!»—accrescentou para servir de peroração sentimental e reforço suasorio.

A senhora Medéa tinha a mania das aves, talvez por gritarem tanto como ella; e o honrado fogueteiro, que dispozera tudo com uma sagacidade verdadeiramente satanica, atacava-a pelo seu fraco.

A carinhosa esposa do artista foi immediatamente verificar o facto; e, não achando um bago no comedouro, por que o precatado consorte tinha previamente despejado tudo na gamella do bácoro, respendeu em tom mais benigno e concessivo:

—«Não te demores.»

Com uma simpleza e boa fé de pastorinha de eggloga a senhora Medéa caíra innocentemente no laço. Aproveitou todavia a opportunidade para desaffogar a atrabilis inextinguivel, soltando, na solicitude da sua gerencia domestica, uma serie de exclamações admirativas e irritadas sobre a voracidade das aves caseiras.

Mestre Marçal, que tinha prolixamente meditado a indole da esposa e as artes de lograł-a, retorquiu com invejavel naturalidade, dando geitos de largar a coróça, como se não tivera o minimo empenho de saír.

—«Não, se não queres...»

Tanto bastava para que a senhora Medéa insistisse.

—«Pois não vês que o pobre do animal não tem nem um grão para a noite?

—«Tambem de noite para quê?

—«Para quê? Vejam lá o coração d'esta alimaria! Queres que morra de fome, desalmado?»—terminou a agastada matrona subindo uma oitava á ira.

Mestre Marçal curvou a cabeça com a resignação do costume, conchegou a coróça como victima da obediencia, levantou a aldrava, e saíu abafando nas abas do sombreiro um sorriso de Talleyrand!

Vencido este passo, que elle por boas rasões reputava o mais arduo, o resto parecia ao meu heroe uma empreza comparativamente facil.

Bem certo é o dictado: «o homem põe e Deus dispõe!»

Saíndo de casa com a feição mortificada e submissa de quem vae fazer um recado por condescendencia, mestre Marçal teve animo de seguir pelo becco sem apressar o passo, na attitude morosa que tinha adoptado na ultima parte do seu papel: receiava ainda, e não era sem motivo, que a espia conjugal o estivesse atalaiando.

Apenas dobrou a esquina foi uma verdadeira transfiguração. Caminhava expedito e agil como se a lei dos Philippes se houvera abrogado na véspera, ou o seu casamento tivera sido annullado com todas as solemnidades em boa e devida fórma.

III

DE COMO MESTRE MARÇAL SUBIU AO CALVARIO JULGANDO TREPAR AO CAPITOLIO

O honrado Mestre, livre de olheiros, e seguro de que por este lado o não estorvariam, tomou ás portas da Alfôfa, e ahi não faltou ao religioso dever de se encommendar á devota imagem de Santo Antonio, que ficava por cima das ditas portas, e representava o Santo no acto de livrar o pae da forca, pintura em azulejo de muito respeito e veneração, onde, por devoção particular do artista, o padroeiro de Lisboa figurava rodeado de frades da Companhia, antecipando a bagatella de duzentos e oitenta annos a introducção dos jesuitas.

O mestre, que não era versado em archeologias, não reparou no anachronismo, e desceu pela ingreme ladeira de S. Chrispim, que ficava quasi fronteira ás portas.

Chegando abaixo, embrenhou-se n'um labyrintho de viellas, de encruzilhadas, de alfurjas e beccos immundos, e desfechou no Rocio pela rua da Bitesga, que era n'aquelle tempo uma travessa enviusada e tortuosa toda em cotovellos e recantos.

Tomou então pela rua que ficava á esquerda do hospital de Todos-os-santos, situado, pouco mais ou menos, no terreno que hoje occupa o mercado da Praça da Figueira, e dirigiu-se ao convento de S. Domingos, contiguo ao dito hospital, a fazer sua venia e oração ao sancto do seu nome, que é, como todos sabem, especial advogado e protector dos que professam aquella arte peregrina, por cuja maior honra e explendor elle ía afrontar as penas dos contraventores, e a colera da senhora Medéa que lhes não ficava a dever nada.

Pelo caminho escurecêra de todo, como era indispensavel ás experiencias do mestre. Os frades estavam a Vesperas. Só se tivera insurdecido no paraiso, deixaria o sancto de ouvir a fervorosa oração do seu inspirado servo.

Saíndo de S. Domingos, mestre Marçal ladeou o palacio da Inquisição que tantas vicissitudes passou, onde hoje se levanta o theatro de D. Maria II, e entrou na rua de Valverde, titulo que o bom do fogueteiro, por uma interpretação que sabia aos trocadilhos do seu tempo, hoje chrismados em *calembourgs*, julgou do melhor agouro na sua empreza.

Caminhando e fazendo estas observações horoscopicas, mestre Marçal enfiou pela rua, agora calçada, do Duque, e deu finalmente comsigo em S. Roque, saíndo da cidade pelo postigo do Condestavel, e encaminhando-se ás terras da Cotovia e sitio da Valentona.

Tudo isto se passava á prima noite de um dia humido de septembro do citado anno de 1622 Por consequencia, muito erraria quem procurasse n'esta descripção a Lisboa moderna, tão mudada e tão diversa da Lisboa que então ainda quasi se limitava á antiga cidade de D. Fernando.

Este sitio da Valentona e Cotovia, cujos vestigios ainda ha poucos annos appareciam, e cuja ultima designação se conserva, ficavam n'aquella época em descampado, e prolongavam-se até ás immediações do ponto que actualmente se denomina o largo do Rato, onde, coisa de 80 annos depois, se fundou o convento de Nossa Senhora dos Remedios, da ordem trinitaria, theatro das proezas da celebre Madre Theresa de S. José.

Ainda em 1755, desde o alto da Cotovia até á travessa do Pombal, rua de S. Bento e Cardaes de Jesus, o terreno, em que presentemente se debruça uma grande parte da cidade alta, era quasi um ermo, retalhado em terras de semeadura, e geralmente applicado á cultura dos cereaes, com poucas casas, posto que entre ellas já avultasse o edificio occupado agora pela Imprensa Nacional, o convento dos Jesuitas recentemente devorado pelas cham-

mas, em que successivamente se estabeleceu o Collegio dos Nobres, a Academia de Marinha, e ultimamente a Escolla Polytechnica, e emfim as casas da Real Fabrica da seda concluidas em 1740.

Mestre Marçal, que se tinha previdentemente munido dos instrumentos necessarios, absorto no seu projecto, internou-se pelas terras, alegrando-se d'aquella soledade que n'outra qualquer occasião o houvera arripiado de terror.

Para remate de precaução tinha com antecedencia visitado e examinado o sitio, e sabia com o que poderia contar.

Aqui sou forçado a descer alguns furos á gravidade oratoria para não prejudicar a escrupulosa fidelidade da chronica. Conheço que é uma grande temeridade e o remorso maréa-me a audacia; mas já agora é impossivel fugir ás instancias da minuciosidade descriptiva a que me obriguei e ás necessidades didacticas do meu assumpto.

Apesar de todas estas precauções, realmente não sei como introduza na scena o termo, a idéa, o objecto por que me aperta a minha Clio investigadora. Indispensavel é elle; mas vae pôr n'uma braza a fidalguia da dicção, vae cobrir de lucto a austera dignidade e a engommada emphase da rhetorica schollar. Perdoae-me, offendidos manes de Empédocles, de Longino, de Hermogenes, de Dionysio de Harlicarnasso, de Photio e Quintillianno. Valei-me, reformadores do seculo de XVIII, que não temestes o odio da periphrase nem as revindictas do circumloquio, e principiastes a chamar as coisas pelos seus nomes. Inspirae-me, doutrinas de Jaucourt, desculpae-me exemplos de Boileau:

Rien n'est beau que le vrai...
J'appele un chat un chat...

De tudo isto careço para me escudar contra as maldições, que, d'além da Castallia improphanada, me vibram as colericas sombras dos arcades magestosos, justamente irritadas d'este attentado, d'esta trivialidade, d'este inaudito arrojo, d'esta plebeidade sem precedentes, com que ouso apresentar aos olhos e ouvidos do leitor delicado... um... um caniço!

Respiro emfim. Está vencida a difficuldade. Passei o meu Rubicon. A terrivel palavra, a que não pude achar substituição em muitas noites de insomnia, saiu-me dos bicos da penna sem m'os queimar. Louvado seja o estimulo providencial que m'a empurrou. Sem isso ficava eternamente impando com o negregado vocabulo embargado e represo. *Quia se sub silentio abscondit.*

Um caniço era com effeito o accessorio absolutamente preciso

para completar o maravilhoso foguete, escrupulosamente accommodado, com todas as suas pertenças, no vasto bolço dos largos calções de riço já calvo em partes.

Se mestre Marçal saísse de casa e atravessasse a cidade com um caniço na mão, não só provocaria da parte da senhora Medéa uma serie de perguntas a que lhe não seria facil responder, mas attrahiria duplicadas vaias dos gaiatos do bairro, e seus consocios, já demasiadamente propensos, como vimos, a celebrar o todo alagartado do illustre pyrotechnico com um luxo de epithetos que poderia admiravelmente enriquecer o vocabulario nacional.

Mestre Marçal tinha tambem acautellado esta difficuldade, e por aqui se verá como a sua previsão e prudencia se estendia ás infimas particularidades.

O terreno que se inclina para a actual praça da Alegria, era quasi todo coberto de hortas. Esta circumstancia, minima na apparencia, não escapára á sagacidade do mestre, porque o estro tudo aproveita, e tivera uma influencia decisiva na sua escolha. Havendo hortas necessariamente havia canaviaes. Examinando minuciosamente aquelle apreciado individuo da illustre familia das gramineas, o qual (ainda me lembra a tempo este incidente nobilario) já na mais remota antiguidade teve o singular privilegio de diffundir a orelhuda reputação do rei Midas, o mestre cortou o que lhe pareceu mais accommodado ao seu intento; em poucos minutos, com uma pericia e destreza que attestavam a assiduidade e o costume, estava despojado das folhas, e perfeitamente adaptado ao uso a que o destinára.

Mestre Marçal possuia a cauda do seu foguete.

Voltando ás terras solitarias, terminou o apparelho ajustando ao caniço já preparado o tubo conductor e a cabeça do artificio, onde se escondia ignorada a sua futura gloria. Um barbante unctuoso e enresinado solidificou em todas as suas partes o mechanismo exterior.

Com uma palpitação difficil de exprimir, mestre Marçal feriu lume e accendeu o morrão. Depois interrogou longamente a densidade das trevas, para verificar não assistisse algum curioso aos seus ensaios, não porque fosse inimigo da publicidade, mas porque a fatal ordenança acompanhava invisivel os varios actos do infractor, e a circumspecção, como temos observado, era um dos seus mais eminentes dotes.

O exame foi satisfactorio. Mestre Marçal podia-se julgar n'uma thebaida.

Disposto tudo, chegou ao tubo, cautelosamente escorvado, o lume do morrão, com a mão tremula de uma anciedade igual

á do auctor que vê approximar-se o quinto acto do primeiro drama, com elle o desenlace tão esperado e tão temido, e com o desenlace uma pateada de metter os tampos dentro, ou uma roda de palmas que ás vezes não vale mais.

O foguete subiu, descrevendo uma curva graciosa como um cometa caudato, e estoirou com as suas onze respostas, conturbando os eccos da visinhança desavezados de tal estrondo. Mas — oh! desgraça! — o artificio interior, a nova transformação, o *desideratum*, o X, a maravilha, com tanto amor preparada, ou por precipitação no arranjo, ou por má disposição nos estopins em vez de arder, foi ao longe sumir-se incognita entre os cómoros de terra de um campo alqueivado para cevada.

A estrella de mestre Marçal apagava-se nos adubos de um vegetal destinado a alimentar quadrupedes!

O estoiro das bombas no ar accordou então todos os terrores que a paixão lhe adormecêra na alma de artista. Mestre Marçal teve horror da sua audacia. O malogro de tantas esperanças acabára o enleio e confusão do infeliz. Mestre Marçal infringira as leis para se certificar do seu descobrimento, para penetrar novos mysterios para glorificar a arte e o mundo, e nem sequer podia fixar o seu espirito sobre os effeitos e resultados de um invento que tanto lhe promettia. Que desfecho!

O honrado mestre tinha perdido as azas de Icaro n'umas leivas humilimas, e a realidade apparecia-lhe tumida de belleguins e com um cardume de esbirros.

Immovel no logar em que tinha commettido o crime, compromettido nos seus deveres de cidadão, e ferido nas suas aspirações artisticas, só uma coisa podia arrancar mestre Marçal ao turpor causado pelos pungentes remorsos da sua acção e pelo *desapontamento* do seu *fiasco*: era a subita lembrança da colera da senhora Medéa, que se accumularia proporcionalmente áquella prolongada demora.

Quando esta idéa terrivel surgiu no cerebro abalado de mestre Marçal, a immobilidade do terror desatou n'uma furia ambulatoria, que lhe dava uns ares de familia com a Atalanta de Scyros ou o Mazzepa de Byron.

O amotinado bestunto de mestre Marçal, desencalçado da sua natural prudencia, não reflectia que, apesar da solidão do sitio, o seu foguete illegal podia ter sido ouvido, — a menos que uma surdez contagiosa não houvesse calafetado todos os ouvidos por aquellas cercanias, — e que, por consequencia, a precipitação da sua carreira, muito similhante a uma fuga, excitando as suspeitas, o denunciaria aos menos perspicazes.

Mestre Marçal desorientado galgou ao acaso as terras de pão e as hortas que se encadeavam na direcção da cidade baixa. Não estava ainda bem em si do sobresalto e do inesperado desenlace da sua obra. Com o desassocego e torvação que lhe infundia a perspectiva assustadora da senhora Medéa, endireitou pelas portas de santo Antão, scismando no modo mais facil de conjurar a tempestade domestica.

Como havia de elle, pobre delinquente, ralado de tantas angustias justificar a dilatada ausencia no tribunal inexorvel da assanhada esposa? Que pensaria ella? Qual seria a ultima peripecia d'aquelle dia nefasto?

Nada d'isto lembrára a mestre Marçal em quanto o incitavam os alvoroços da esperança e o enthusiasmo o inflammava. Com o desconforto do ruim exito, na hora aziaga do crime, affluiram-lhe em negro tropel ao cerebro escandecido todas as imagens terrificas, confirmando o bom senso do proverbio que diz: «um mal nunca vem só!»

A sagacidade e astucia, de que déra tão exuberantes provas nos anteloquios e preambulos da melindrosa operação haviam-lhe fugido com as suas illusões em debandada. Corria machinalmente desamparado de força e de invenção. O grande homem infeliz vergava sob o peso do infortunio, e perdêra até a consciencia do proprio valor na derrota de tão altos sonhos.

Moderando o passo pouco a pouco, não por calculo senão por cançasso, ía chegando defronte da egreja de S. Luiz dos Francezes, quando sentiu que um punho alentado lhe comprimia o hombro esquerdo com vigor mais que ordinario.

Mestre Marçal resfriou todo na sua consciencia de criminoso, e deu um pulo desmesurado procurando descortinar, por entre a cerração da noite, quem era o interruptor intempestivo do seu preoccupado regresso.

Só poude perceber um vulto embuçado até á barba em ampla capa escura, e um largo sombreiro carregado até aos olhos, e levemente inclinado diante d'elle em signal de cortezia.

O fogueteiro, que era mui urbano de seu natural, descarapuçou-se rasgadamente na presença d'esta affabilidade incognita.

—«Boas noites, mestre Marçal!»—disse uma voz aflautada e meliflua, d'estas que o vulgo designa com o epitheto caracteristico de «voz de sovelão.»

Mestre Marçal pasmou de encontrar conhecimentos n'um bairro tão distante do seu. Como porém nem a intonação nem a palavra inculcassem ameaça, correspondeu do melhor modo que poude, dizendo para o seu interlocutor:

—«Muito boas noites. A quem tenho eu a honra...?»

No mesmo ponto uma palmada, não menos possante no hombro direito, fez dar a mestre Marçal segundo pulo duas vezes maior que o primeiro, e coou-lhe um calafrio agudo pela espinha dorsal.

Outro vulto, perfeitamente igual ao antecedente, com a unica differença de parecer um tanto mais refeito e varonil, cortejava do lado opposto o attonito mestre, que se abysmava de surpresa em surpresa.

Uma nova cortezia, ainda mais amavel da parte do desconhecido, e ainda mais contricta da parte do mestre, foi permuttada entre este e aquelle.

—«Boas noites, mestre!»—disse tambem uma segunda voz, como se fizesse ecco á primeira, salvo a ser o tom mais cheio e a inflexão duplicadamente benigna.

(Continúa.)

J. DA S. MENDES LEAL JUNIOR.

O SINEIRO INVISIVEL.

LENDA

I

Na guerra eleva-se a gloria
Do turbilhão das batalhas.
Ao derrocar as muralhas
Das cidades, o canhão
Diz aos guerreiros indomitos,
Que o mundo celebra a fama
Do que mais sangue derrama,
Do que tem mais impia mão.

São da côr do sangue, fulgidas,
As vestes da gloria altiva:
Prende ao seu carro captiva,
Envolta em funebre véo,
A clemencia. Negras furias,
Com voz de bronze, ao futuro
Ensinam seu nome impuro,
Que os homens julgam do céo.

A gloria! Por ella os seculos
Tem visto os homens prostrados;
Dos tyrannos despiedados.
Cobardes tremendo, aos pés.

N'esse vão luctar mortifero
Das nações tudo é tristeza!
É para os máos a grandeza;
Para os povos o revez.

É o santo amor da patria
Pela gloria despresado;
A mão do rude soldado
As liberdades desfaz.
Foge a paz ao clamor funebre
Da batalha; espavorida,
A virtude cáe sem vida
Diante da força audaz.

Quando rebentando, subito
Incendio voraz, a guerra
Escravisa inteira a terra,
Os povos gemem de horror,
Pranteam, tristes, os miseros,
Ao céo pedindo piedade.
Vai de cidade em cidade
Correndo o frio pavôr.

Então altisonos canticos
Os guerreiros animosos
Repetem: e, temerosos,
Talam o mundo em tropel.
Desmantelando os imperios,
Devastando, dando a morte,
Cumprem, ás cegas, da sorte
Fera sentença cruel.

Correndo ao fatal estádio,
Qual genio da tempestade,
Póde co'a forte vontade
Vencer o conquistador.
Sobe do poder ao cumulo.
Ai d'elle! O poder despreza!
Quer vencer a natureza;
Quer ser do mundo senhor.

Como agonisante naufrago;
Pelas vagas envolvido,

Ora se julga perdido,
Ora crê já tomar pé;
Assim de grandezas avido,
Ora o temido soldado
Crê ter o mundo esmagado,
Ora em sustos perde a fé.

Vem por fim a morte gélida
Conquistador, conquistados,
Escravos, chefes, soldados,
Reduzir todos a pó:
E sobre os sepulchros tacitos
Lança o tempo o esquecimento.
Ao seu gastar, triste e lento,
Mal um nome escapa só!

II

Vinha coberto de gloria.
Seu nome está na memoria
Dos valentes, que a victoria
Souberam sempre ganhar.

É seu nome celebrado
Por todo o heroe soldado.
Seu nome ficou lembrado
A quem o viu pelejar.

Henrique vinha orgulhoso
Da guerra: porém saudoso,
No coração amoroso
Uma doce imagem traz.

Commetteu valentes feitos,
Rompeu inimigos peitos...
Seus pensamentos sujeitos
Libertar não ousa audaz.

Andou por distantes terras,
Por cidades, mares, serras;
Combateu em cruas guerras;
Mas seu amor não mudou.

Esqueceu-lhe a doce vida
Dos campos, a alegre lida,
O rio, o bosque, a ermida,
Mais namorado voltou.

De longe tem beldade
Mais poder, quando a saudade
Cria n'alma a soledade
No rumor da multidão:

Assim de longe é mais pura
A paixão; tem mais duçura,
Menos ardor, mais ternura,
Namorado coração.

Vem da guerra. Altivo, ousado,
Pensa o valente soldado
Ter seu nome eternisado
Com as façanhas, que fez.

Lembram-lhe os altos clamores,
Das batalhas os fragores,
As honras aos vencedores,
O triumphante pavez.

Vê branquejar lá no monte,
Vê no distante horisonte,
Pobre aldeia. Viva fonte
De prazer n'alma se abriu.

Em sonhos, seus verdes annos,
De amor os doces enganos,
Os bailes singelos, lhanos,
As festas, tudo elle viu.

«É tão bella a singeleza!
«—Pensou elle—a natureza
«Tem encantos, tem grandeza,
«Como as cidades não tem.

«É tudo aqui formusura,
«Tudo respira brandura:
«Deus, a terra, a creatura,
«Tudo se enlaça no bem.

«Sobre ruinas a morte
«Ergue, além, um throno ao forte;
«Aqui da cruenta sorte
«O grão poder nada val:

«Além, sangue a terra inquina,
«Aqui, a planta germina;
«Além a infamia domina;
«Aqui nunca entrou o mal.»

Ora a fronte, bella e nobre,
De fundas rugas se cobre;
E de Henrique mal se encobre
O torvo remorso atroz;

Ora lhe brinca um sorriso
Na bocca; em sonho indiciso
Vê formar-se um paraiso,
Em que amor tudo dispoz.

E da serra á branca aldeia
De chegar prestes anceia;
Armas, guerras, tudo odeia,
Só cogita em ser feliz.

Vê-se já co'a amante ao lado,
Vê-se de amigos cercado,
Brincando alegre no prado
Das flores sobre o matiz.

III

Era ingreme a serra, ao cimo
A branca aldeia ficava,
O rijo vento arrastava
As nuvens, escuro limo,
Que a tempestade formava.

Já no occaso o sol se apagava:
Caem as trevas no espaço,
Abatido Henrique e lasso

Quer subir á rude fraga:
Detem-no mortal cansaso.

Seu incerto pé, sem força,
Poisa tremulo no chão,
Tremenda, estranha illusão!
Para ir ao cimo se esforça
Da serra, mas sempre em vão.

Cresce a serra? Foge à aldeia?
Que mão de bronze a segura?
É de infernal desventura
O soldado triste preia?
É do demonio captura?

Caminha! E a serra immensa
Vai sempre, sempre crescendo,
As urzes lhe vão perdendo
Os passos. Na mata densa
Já vai o trilho perdendo.

E da selva na espessura,
Que opacas trevas enchiam,
Lobregas fórmas corriam;
Terror, espanto na escura
Serra infausta desparziam.

Os robles para os abismos
Inclinam-se, oscilam, tremem:
Da tormenta as furias temem.
Em convulsos paroxismos
As rochas estalam, fremem.

A tormenta em ira insana
Brame, ronca pelos ares;
O raio em vivos colares
Cinge as nuvens, quebra, aplana
Os basalticos pilares.

De fraga em fraga caindo,
Esses gigantes da serra,
Batem, pulam sobre a terra.
Ao longe o ecco, rugindo,
Solta um gemido que aterra.

Apalpa o vibrante sólo,
Roja-se a custo o soldado,
De horror, de susto enfiado,
Ergue as mãos ao negro pólo,
Que fulge, que trôa irado.

Nos silvos do vendaval
Crê ouvir ais repetidos,
Dos inimigos vencidos
Os eccos do fundo val
Crê trazerem-lhe os gemidos.

Surgindo, os feros remorsos
Do ar, do bosque, do monte,
Enchem o vago horisonte.
Henrique faz vãos esforços
Porque a vertigem affronte.

Caminha! E a serra immensa
Vae sempre, sempre crescendo.
As urzes lhe vão prendendo
Os passos. Na mata densa
Já vae o trilho perdendo.

J. DE ANDRADE CORVO.

PALESTRA SCIENTIFICA

I

Entre os homens que teem reflectido, por pouco que seja, sobre as causas da civilisação actual, não ha por certo um só que desconheça a vasta importancia da chimica moderna, o seu grande influxo e amplissima ascendencia sobre quasi todos os ramos das sciencias naturaes, e, principalmente, sobre o trabalho industrial, ou elle tenha por fim augmentar e aperfeiçoar as producções agricolas, ou transformar a materia inerte em coisas uteis.

Esta importancia e esta influencia deve-as a chimica ao trabalho e estudo incessante dos homens eminentes que a teem cultivado.

E, comtudo, esta e as outras sciencias não crearam a agricultura nem as artes industriaes, antes d'ellas nasceram.

Assim como os processos empiricos da geometria precederam as proposições demonstradas por inducção racional, tambem as artes chimicas crearam muitos e valiosos productos industriaes antes que a sciencia se constituisse sobre os principios rigorosos, que hoje a dominam.

Fabricou-se o vidro e a porcellana, reduziram-se os metaes, prepararam-se as cores e os medicamentos, adubou-se a terra, extrahiu-se o assucar, fez-se o vinho e d'elle se distillou o alcool, muito

antes de que os homens podessem contar a chimica entre as sciencias.

As observações fortuitas, as experiencias empiricas, as tentativas e inspirações felizes foram na verdade origem de muitos descobrimentos uteis, quando ainda as sciencias se não haviam constituido; mas a invenção e o trabalho moderno adquiriram um poder incomparavelmente superior, depois que as sciencias, inspiradas pela verdadeira philosophia, submettendo todos os factos ao rigor da analyse, fixaram os principios geraes e traçaram o caminho das investigações positivas.

Antigamente um processo era o segredo de um ou de poucos homens, que o exploravam em beneficio proprio, e avaramente o guardavam contra a curiosidade dos outros.

Hoje a sciencia não tem segredos, tem principios geraes, tem methodos rigorosos, tem preceitos definidos; e basta estabelecer claramente o problema, e propôr lucidamente a questão para que a sciencia, procedendo á investigação racional, seguindo a deducção logica dos principios incontroversos, chegue promptamente á resolução desejada, e adquira uma nova verdade, ou ensine um processo novo e efficaz.

Os empiricos procuravam a verdade unicamente pela experiencia, sem se preoccuparem de causas geraes, nem das leis que regem a materia nas suas multiplicadas evoluções. Para elles o phenomeno observado era tudo, e no conhecimento dos effeitos estava toda a sciencia.

A sciencia era então necessariamente uma collecção de factos observados e descriptos, no que tinham de mais apparente e material: collecção immensa, confusa, desordenada e inextricavel.

A sciencia moderna dirige principalmente a sua attenção para o descobrimento das leis que regulam o exercicio das forças sobre a materia, porque o conhecimento d'essas forças, e das leis que as regem, lhe dá a chave de todos os phenomenos. Para estes a experiencia não é senão o instrumento indispensavel da investigação, instrumento que se emprega como a algebra nas operações do calculo, e cujo exercicio está sujeito a rigorosas e implacaveis regras.

Interrogai um empirico sobre a possibilidade e modo de obter um resultado qualquer; não vos responderá sem consultar a experiencia, e procurar por meio de longas, numerosas, e talvez inuteis tentativas a solução do problema.

O sabio moderno, de um golpe de vista, consultando os principios geraes da sciencia, póde responder immediatamente sobre a possibilidade ou impossibilidade de alcançar o resultado desejado; e, governando a experiencia, chegará pelo caminho mais breve á acquisição da verdade procurada.

A chimica entrou rasgadamente, no fim do seculo passado, no caminho racional das investigações scientificas. Um grande genio a collocou sobre o rumo infallivel que a devia conduzir ás regiões da verdade, que muitos, antes d'elle, haviam inutilmente procurado. Lavoisier, pela direcção que imprimiu á chimica, fez d'ella uma sciencia universal e progressiva. A balança foi a sua bussola, e com este precioso e indispensavel instrumento navegam hoje seguros todos os infatigaveis exploradores, seguindo a derrota que elle lhes traçou.

A base, em que assenta todo o edificio da chimica moderna, é uma grande e immutavel verdade, que havia passado desappercebida a todos os sabios anteriores a Lavoisier — *Nada se perde, nem coisa alguma se cria.* — É este o pensamento predominante dos seus trabalhos scientificos. A materia não se destroe, nem se cria, muda de condições e de logar; transforma-se sim, mas continua a existir, e não cresce nem diminue. Lavoisier reconheceu esta importante e capital verdade, e, como diz Dumas, teve a intima e profunda convicção de que em todas as reacções a quantidade de materia empregada se encontra sempre nos productos, debaixo de outra fórma, sem duvida alguma, mas sempre com o mesmo peso. Assim concebeu a possibilidade de estabelecer a equação chimica, em que, pondo de um lado todos os materiaes empregados, e do outro todas as materias produzidas, haverá de um e outro lado peso igual.

A grande intelligencia d'aquelle genio não devia escapar o immenso partido que se póde tirar d'aquella verdade fundamental. Eis aqui como elle patenteia toda a sua idéa formulada no stylo vigoroso, claro, breve e preciso, como convém á sciencia, e que em Lavoisier revella o discipulo de Condillac.

Com effeito, diz elle, posso considerar as materias postas em presença e o resultado obtido, como uma equação algebrica; e suppondo successivamente cada um dos elementos d'esta equação desconhecido, posso tirar um valor e rectificar assim a experiencia.»

«Muitas vezes me aproveitei d'este methodo para corrigir os primeiros resultados das minhas experiencias, e para me guiar na escolha das precauções com que as devia recomeçar.»

Não exaggero, dizendo que toda a arte de experimentar, que á chimica dos nossos dias dá tão subido valor, se acha compendiada n'estas poucas, mas tão conceituosas, palavras do grande reformador.

A doutrina dos quatro elementos, que se attribuia a Aristoteles, e a physica escholastica exerceram por largos seculos inqualificavel tyrannia sobre os espiritos, coarctando a liberdade da invenção, agrilhoando o raciocinio, e impedindo que a chimica experimental se constituisse segura sobre as bases da verdadeira philosophia.

Paracelso atacou denodadamente esta oppressão escholastica; Becher continuou gloriosamente a campanha, e o seu commentador, o celebre Stahal, fundando a doutrina do phlogisto, apesar dos seus erros e desvarios, preparou o triumpho da verdadeira sciencia, alcançado finalmente por Lavoisier. Esta regeneração scientifica teve tambem os seus prophetas, o seu Baptista e o seu Messias.

O descobrimento do oxigenio e a theoria da combustão, fixaram o ponto de partida para a nova era da sciencia regenerada.

No ultimo quartel do seculo passado appareceram quasi que simultaneamente em scena tres homens eminentes, a cujos trabalhos deve hoje a chimica a gloria de se haver levantado triumphante a par das outras sciencias, patenteando ao mundo civilisado mais amplo caminho de progresso.

Schéele, Priestley, Lavoisier, trabalhando separadamente com fortuna e meios diversos, mas com energia igual, alcançaram durante a sua vida mais do que se podia esperar do esforço humano.

Schéele, descobrindo uma quantidade prodigiosa de corpos desconhecidos, pelos meios mais simples de uma analyse qualitativa extremamente delicada, preparou com rara habilidade e destresa os materiaes para a reforma da sciencia.

Priestley, empregando a exuberante actividade do seu original engenho no descobrimento e estudo da maior parte das substancias aeriformes, revelando a existencia e as principaes funcções do oxigenio, abriu, sem o saber, a porta das novas theorias por onde o genio de Lavoisier penetrou cheio de arrojo e confiança.

Lavoisier, illuminado pela brilhante luz de um talento raro e superior, lançou mão de todos os materiaes, que o estudo de tantos homens havia accumulado, e no meio da quasi inextricavel confusão de factos e doutrinas, soube apartar os erros das verdades, traçou com mão segura o sublime plano da reforma e constituiu a sciencia sobre as bases da rigorosa analyse ponderal, em que ainda hoje assenta, e da qual os seculos a não poderão derribar.

As sagradas escripturas dizem — Deus fez tudo por peso e medida — e Lavoisier, seguindo o pensamento do Creador, verificou pela balança que todas as obras da creação eram constituidas por justo peso; a balança foi o seu instrumento de predilecção, e á balança deve a chimica moderna todo o seu progresso.

A experiencia fundamental da grande revolução que devemos a Lavoisier, foi na realidade aquella pela qual elle verificou que os metaes, calcinando-se, augmentavam de peso pela fixação de uma parte de ar atmospherico.

O facto do augmento de peso que soffrem os metaes, quando se aquecem em presença do ar, era conhecido, mas a sua explicação

embaraçava e punha em torturas os sectarios da doutrina do phlogisto, porque elles consideravam os metaes, assim como todos os corpos combustiveis, compostos de uma terra ou cal, e do phlogisto, que no acto da calcinação, ou combustão, se libertava. O phlogisto era um ser de peso negativo, que em vez de ser attrahido para o centro da terra, como todas as outras substancias, tendia a desviar-se d'elle, tornando mais leves os corpos com que se combinava. Triste argucia de uma especulação puramente imaginaria.

Para se assenhorear de todas as condições da experiencia, e tirar d'esta todas as consequencias uteis, Lavoisier calcinou os metaes, e com especialidade o mercurio, em vasos fechados, onde um certo peso de metal se achava em presença de uma quantidade determinada de ar.

A experiencia mostrou, que, na calcinação, o metal, mudando de aspecto, augmentava de peso, em quanto o ar diminuia de volume; que a quantidade de metal calcinado era proporcional ao volume do ar contido nos vasos; que a parte do ar, que ficava depois da calcinação, era não só improprio para a continuar, mas havia perdido a faculdade de alimentar a respiração, e a de servir á combustão, asphixiando por isso os animaes e apagando o fogo dos corpos que, abrazados n'elle, se mergulhavam.

Deu Lavoisier a este residuo gazoso o nome de *azote;* palavra derivada do grego, e que indica que aquelle gaz é contrario á vida.

O metal calcinado perde o brilho, torna-se baço e terroso, e adquire uma côr que não tem relação com a do metal que lhe deu origem. Na combustão do mercurio, que foi aquella que serviu a Lavoisier para o estabelecimento da sua doutrina, o metal transforma-se n'uma substancia pulverulenta e rubra. Esta, sendo aquecida a uma temperatura superior áquella em que se fórma, converte-se novamente em metal e em gaz incolor similhante no aspecto ao ar.

Lavoisier viu que, pela simples acção do calor, a cal do mercurio, ou o oxido d'este metal, como hoje se diz, restituia aquella parte do ar, que havia absorvido e fixado durante a calcinação: mas notou que esta parte do ar differia essencialmente da que havia ficado como residuo. Em vez de apagar a combustão dos corpos e de asphixiar os animaes, activa extraordinariamente aquella, e para a respiração era um alimento fortissimo.

Este corpo era o *oxigenio*, o elemento mais importante de quantos a chimica tem descoberto. Priestley, Schéele e Lavoisier descobriram-o talvez ao mesmo tempo, porém só este ultimo revelou a grande importancia d'este descobrimento.

A experiencia que acabo de mencionar, foi a primeira analyse que

revelou ao mundo a composição do ar atmospherico, que até então se reputava elementar.

Eis aqui como Lavoisier discorre sobre os resultados da sua experiencia. — Reflectindo sobre as circumstancias d'esta experiencia, vê-se que o mercurio, combinando-se, absorve a parte salubre e respiravel do ar, ou, para fallar de uma maneira mais rigorosa, a base d'esta parte respiravel; que a porção do ar que fica é uma especie de mof te, incapaz de entreter a combustão e a respiração. O ar atmospherico é pois composto de dois fluidos elasticos, de natureza differente e por assim dizer opposta.»

Descoberta a composição do ar, reconhecidas a natureza e as funcções dos seus elementos em uma serie de estudos profundamente meditados, começou a grande revolução da chimica. Esta sciencia entrou então no campo das investigações racionaes.

A analyse e a synthese ficaram sendo os meios de estudo. A analyse ponderal e volumetria, isto é, a decomposição, separação e avaliação directa das partes constituintes dos corpos, para reconhecer e avaliar a sua composição; a synthese ou reunião das partes separadas, isto é, a recomposição para verificar a verdade e exactidão da analyse.

O exame das forças que actuam sobre a materia, das leis que regem estas forças, e das circumstancias ou condições especiaes, que modifiquem estas acções, completam o estudo; e a reunião de todos estes conhecimentos fornece então ás intelligencias superiores o estabelecimento das theorias ou explicações geraes, que constituem a philosophia da sciencia.

Tal é hoje a marcha da sciencia como Lavoisier a traçou nos seus immortaes estudos. Os novos descobrimentos teem certamente dilatado a sciencia n'uma escala prodigiosa; o inventario actual da chimica menciona tão extraordinario numero de riquezas, que, dar a cada especie um nome, que exprima as suas particulares condições, segundo as regras da nomenclatura classica, não é já difficuldade de pouco momento; as novas theorias e explicações dos factos, renovam-se, succedem-se, multiplicam-se como elles; mas o quadro da sciencia subsiste o mesmo como Lavoisier o traçou; o espirito de investigação segue a mesma vereda; o genio de Lavoisier está sempre presente.

A monographia do oxigenio composta por Lavoisier serviu de modêlo ás monographias do enxofre, do chloro e dos outros corpos analogos, que em trabalhos successivos, foram feitas pelos mais illustres chimicos d'este seculo.

Ao grande mestre da sciencia moderna competia fazer a historia do primeiro de todos os elementos, d'aquelle do qual depende a vida

e a morte dos seres organisados, d'essa parte mais complexa e sublime de toda a natureza; onde a suprema intelligencia se manifesta tão prodigiosa, e onde parece haver encadeado a élo que a prende a toda a creação.

Elemento essencial na constituição da atmosphera, da agua e dos mineraes que formam a crusta do globo, consideravel pela quantidade, importante pela energia da sua acção, o oxigenio concorreu poderosamente para a edificação do planeta em que habitamos, e é ainda hoje a grande causa das transformações da materia de que depende a vida, pois se perdesse a sua actividade, fixando-se permanentemente, o globo terrestre, como um cadaver inerte, seria arrebatado atravez dos espaços celestes unicamente pela força bruta da attracção universal.

Estas considerações sobre a importancia do oxigenio obrigam-me a traçar, nos proximos artigos, a sua historia e a da atmosphera em que elle representa o papel mais importante.

J. Pimentel.

CHRONICA

Lisboa principia já a emigrar para o campo; os salões fecham-se; nos theatros rarêam os espectadores, e a vida do Chiado acaba. Até ao inverno ficam addiadas as unicas distracções que existem na capital. São dois mezes de separação para amigos e conhecidos; separação que se effectua insensivelmente, que só a ausencia denuncia e que apenas se explica n'um abraço a sombra do arvoredo dos Pizões, ou n'um aperto de mão á borda do Tejo, no sitio das praias. Mas para a maioria resta a abertura de S. Carlos, onde se festejam mais reapparições do que novidades. O theatro lyrico vive entre nós da sociedade e para a sociedade. Os grupos que a formam e convivem nos differentes salões reunem-se ali todos. Ao pé do intimo está um indifferente, junto a uma sympathia uma antipathia, proximo de um amigo um inimigo, mas tudo quanto se conhece, se cumprimenta e se estima, guarnece aquelles camarotes e povôa aquella platéa. E para provar o que aventuramos, de que S. Carlos é além de theatro o salão de toda a nossa sociedade, reparem: ha um espectaculo attrahente e esplendido, como n'um baile affluem todos os convidados; ha uma representação vulgar e modesta concorrem apenas, como a uma *soiree*, os mais assiduos frequentadores. E não será a estes que a scena lyrica deve a sua existencia? Dizem que os nossos dilletantes são exigentes! E como não hão de sêl-o: Reparem que se exaggeram as exigencias, tambem exaggeram a protecção. A julgar por esta, a nossa sociedade é inquestionavelmente a mais artistica das sociedades da Europa, embora alguns o contestem, attribuindo o enthusiasmo pela scena lyrica, á moda. Enthusiasmo sincero ou moda, a arte lucra. É o que basta.

A época futura promette ser brilhantissima. Duas celebridades cantantes já foram escripturadas: a prima-dona Lotti e o tenor Fraschini. Consta-nos que a opera escolhida para debute d'aquella artista foi as *Vesperas Cicilianas*. Teremos finalmente occasião de ouvir esta partitura, cantada por um soprano, genero de voz para que o maestro a escrevêra.

Deixemos porém o futuro, e tratemos do presente, unica missão do chronista. Registar os acontecimentos do mez que findou, é o que nos cumpre fazer, e vamos encetar a tarefa.

Os salões fecharam-se, como dissemos, e na soiré de despedida de um delles, teve logar uma revelação que muito contribuiu para realçar o esplendor da festa, augmentando-lhe tão poderoso encanto, que dura ainda na recordação, e que só revivendo apagará a saudade. A revelação foi de uma voz privilegiada, que pela primeira vez se fez ouvir, e que a todos captivou. Ninguem suspeitava que a graciosa filha das Hespanhas juntava mais esse dote a tantos que a distinguiam. Agora, leitor, se quereis saber o nome haveis de adevinhal-o, e para vos illucidar esboçarei levemente um perfil, que será facil reconhecer sabendo do sangue que pula nas veias do original.

Não é a formosura da estatua que resplandece no seu rosto; é a formosura da animação que só certas mulheres conhecem e sabem revelar. Quando apparece n'uma sala, impera pela graça e elegancia; quando se recosta

n'um camarote fascina com os meneios e olhares. O cinzel de Phidias não modelou collo mais bello; nem mais linda mão se escondeu nunca sob uma luva do Baron.

A companhia de *zarzuela*, estreou-se em S. Carlos com a *Catalina* A novidade attrahiu nas primeiras recitas numerosas concorrencias, e o exito da *zarzuela* foi lisongeiro. A sr.ª Barrejon e ao sr. Crescj, cabem as honras da interpretação. A musica tem lindos trechos, mas não é igual, affastando-se quasi sempre do genero hespanhol, defeito que vamos notando nos compositores que temos ouvido. Vê-se que os maestros aspiram mais a seguir a escóla italiana, do que a continuar as tradições da sua. E é deveras para sentir, por que perde aquelle sainete, que era o seu mais brilhante caracteristico.

Conserva-se apenas a indole hespanhola na canção do barytono no segundo acto, que o sr. Crescj canta com expressão, e o publico applaude com enthusiasmo; assim como aos elegantes tambores que tão chistosa tornam a scena do exercicio.

No theatro normal subiu á scena, na noite do beneficio do actor Sargedas, o drama em quatro actos de Felicien Malefille, *As mães arrependidas*, Diversas razões contribuiram para que esta bella producção fosse friamente acolhida. Em primeiro logar, *As mães arrependidas*, não é um drama, só para dizer, é para crear. Do desempenho depende tudo. Encerra situações que passam desappercebidas, se não forem superiormente interpretadas. A lucta das duas mães não attingindo o sublime, fica ridicula. Alguns modernos Aristarchos chamaram indecente a esta scena, arvorando-se em defensores da moralidade! Se é immoral e digna da primeira scena portugueza o dialogo das *mães arrependidas*, como serão então classificados, pelos zelosos moralistas, os dialogos entre a *Tisbe* e *Catarina* no *Angelo*, de Victor Hugo, e entre *Marie Stuard* e a *Rainha Elisabeth*, no drama de Schiller. E todavia ambas estas peças foram representadas e agradaram sem que ninguem condemnasse as duas scenas. Todos se maravilharam, ouvindo-as interpretadas pelas duas primeiras e unicas actrizes dramaticas nacionaes.: Emilia e Soller, um grande talento e uma vigorosa intelligencia. Ha dramas que só podem representar-se existindo ambas no theatro, e nós sempre considerámos n'este caso as *Mães arrependidas*.

Temos agora a registar duas novas litterarias: a publicação de um livro por Lopes de Mendonça, e o primeiro volume do *Archivo Universal*, revista hebdomadaria, que findou a primeira serie da sua publicação, e que promette continuar, enriquecendo cada vez mais as suas paginas com artigos dos nossos melhores escriptores.

O livro de Lopes de Mendonça, é *Damião de Goes, e a Inquisição em Portugal*, trabalho esmerado e consciencioso, em que o distincto academico, mostra ser tão bom investigador como brilhante estylista.

Affirmam-nos que a celebre tragica Ristori, virá a Lisboa no proximo mez de setembro. Bemvinda seja.

A gravura que acompanha este numero é executada pelo sr. Annunciação, e cópia de um quadro seu, representando um dos sitios mais pittorescos da estrada de Sacavem.

ERNESTO BIESTER.


Souza gr.

MANOEL MARIA DA SILVA BRUSCHY

> «Si j'étais mêlé aux luttes poli-
> «tiques, je me réjouirais, je m'ho-
> «norerais de ne voir devant moi
> «que des adversaires fidèles à leur
> »passé et à leurs convictions.»
> JULES SIMON, *La Liberté.*

São os quadros em que se fixam os caracteres illustres como uns paineis de familia, que certificam a nobresa e a gerarchia de um povo. Tem cada um sua feição distincta, seu modo, seu trajo, sua attitude e apparencia variadissima; mas ha no complexo da galeria um ar de parentesco e uns visos de parecença, em que para logo se divisa com a genuidade da origem a grandeza que dá a primasia. Cinge este as vestes de prelado, aquelle o cossolête de cavalleiro, um a toga de juiz, outro a cugula de monge; e parece que a mesma galhardia os avantaja em auctoridade. Diversificam os emblemas das profissões; e na alteza do garbo não desdizem as figuras. Qual se encosta á ancora, qual empunha a penna, qual florea a lança, qual se adereça da palheta, do scopro, do cinzel, ou da esquadria; e é em todos similhante a ingénita dignidade, o bizarro porte, e a natural soberania com que Deus lhes assella a superioridade intellectual e moral, que é o secreto vinculo da sua genealogia.

Quando para estes Propyleos da historia entra algum d'esses homens, que pela eminencia da pessoa honram e glorificam uma nação, ninguem lhe pergunta o que é, senão o que val. Não é preciso inquirir-lhe a procedencia onde todos lhe reconhecem os merecimentos. Enrolam-se ante elle as insignias partidarias, porque basta para saudal-o o sufragio unanime que lhe deu o logar e as corôas.

O cidadão verdadeiramente distincto e prestante não é exclusivamente de nenhuma facção ou bando: é da humanidade pela intelligencia, é da patria pelo nome!

Se por suas prendas e acções se estrema e se levanta, que importa a parcialidade em que se alista? Este é de todos os cultos o mais isempto quando vem do coração e não vai além da consciencia. Esta é a primeira de todas as alforrias, porque é direito do pensamento e direito do sentimento, e nunca houve regimen que lograsse avassallar um nem outro. Essa ha de ser sempre a excellencia incontestavel dos foros ganhos pelo seculo á sociedade, que a mesma lei protege e escuda as lithurgias que a esconjuram, as tradições que a negam, as vontades que a impugnam e as paixões que a condemnam.

Ninguem receie que a justiça prejudique a liberdade. A condição essencial d'esta consiste em não admittir exclusões. Entre liberdade e justiça ha tal connexão, que se a justiça nem sempre é liberdade, a liberdade deve ser sempre justiça.

É em si mesmo o principio tanto força, tanto grandeza, e tanto virtude, que nem é possivel accommettel-o sem primeiro o confirmar. É força, porque na lucta se avigora; é grandeza, por que assim chega para sectarios como para antagonistas; é virtude, porque mais se realça onde mais o vituperam. A liberdade, que vem de Deos como a luz, deixaria de ser o que é, se não fôra para todos como é!

Seria conforme á justiça, seria conforme á liberdade, joeirar as opiniões para só por ellas apurar os meritos? A realeza do ingenho, por ser a mais visinha do céo, está acima das classificações humanas, menos que humanas, arbitrarias, que impoem excepção! Quem deu aos nossos juizos tal grau de certeza e infalibilidade que nos habilite a decidir e sentenciar? Quando e como nos communicou a Eterna Sabedoria o segredo da sua providencia?

Inspira-nos, guia-nos, aconselha-nos, impelle-nos uma fé sincera e profunda? Respeitêmol-a nos outros. O mobil é o mesmo; apenas a fórma é differente.

Em tantos mares que se dilatam, em tantas rochas que se aprumam, em tantas procellas que se sublevam não póde ser o pharol um só. Não bastaria a sua claridade, por mais aturada e intensa, para os que navegavam por tão encontrados rumos com a prôa em terras ainda ignotas.

A humanidade inteira caminha para um fim que não conhece movida por uma força que não explica. Aquelle fim é um enigma, esta força um mysterio. Quando o espirito audaz do seculo XVIII tentou levar a philosophia aos extremos da rasão explorando to-

dos os phenomenos do pensamento, inquirindo todas as leis da civilisação, investigando todas as phases do progresso, apenas chegou com os seus esforços a este desengano de vaidades: «Dieu seul connait le but et la route!» Como ha de pois o homem improvisar-se Deus, e na incerteza, no nevoeiro, na escuridade das conjecturas, bradar com segurança: «eis o caminho unico?»

Imaginae o nauta que entesta ao pego, e perdendo a terra de vista, se acha só entre dois infinitos. Dae-lhe ao baixel as mais robustas cavernas, as mais rijas amuradas, o mais solido arvoredo, as mais possantes machinas, e os mais destros tripulantes. Pensará esse que tanto lhe basta? Nem o mais endurecido e rude ousára tal insania. Bem sabe elle que está longe do porto a que o atrahe o desejo, e que até lá é mais das ondas e dos ventos que de si. Se o tufão redemoinha, e as trevas se condensam, e os abysmos se rasgam, e as aguas se encapellam em serras, e os elementos se desencadeam em furias, já póde ser que lhe não valha nem todo o seu animo, nem todo aquelle poder, nem toda a sciencia mundana. Irá aonde o levar a mão da tempestade. Com ter tantos instrumentos para tomar o sol, marcar as latitudes, subjeitar o tempo, e guir a derrota, nem por isso poderá ao certo prognosticar em que dia, em que hora, e em que enseada logrará ancorar-se. Póde ser forçado a arribar ás plagas em que menos cuidava. Póde alongar-se a regiões que nem previra. Póde pairar sem querer em inuteis singraduras. Póde sossobrar e subverter-se. Póde surgir e melhorar-se. Póde por mil modos livrar-se ou perder-se, sem nunca saber qual passo será o seu refugio, qual costa lhe dará o naufragio.

Pois se assim é n'estas viagens em que ha tantos roteiros para acautellar os baixos, indicar as correntes e avisar dos parceis, em que as nuvens nos ares e a arrebentação nos recifes advertem de longe o perigo, o que não será n'esse incertissimo pelago da humanidade onde tudo é tão vario, inconstante e duvidoso, que para cada um se nortear e marcar mais podem muitas vezes as circumstancias que a propria resolução?

É vulgar dizer-se que a sabedoria vive no presente, a mocidade no futuro, a decrepitude no passado. Nem sempre tem sido assim. Ha grandes e fortes intelligencias, que empenham todo o seu vigor, antes dos annos provectos, em reviver cousas que o tempo levou. José de Maistre nascia quando Voltaire expirava.

Muitas vezes dos mais ardentes impetos, e das mais juvenis aspirações, surge um pensamento grave, uma como saudade, que volve os olhos e a alma ao que já foi. Este instincto contemplativo n'uns é reflexão, n'outros faz-se bemquerença.

E que admira? Ha com effeito no aspecto das ruinas uma seducção que prende os sentidos, um enlevo que namora os espiritos. A solidão d'ellas convida, a sua melancholia atrahe, e são os corações generosos os que mais se deixam carear d'este sentimento mysterioso, que pouco a pouco se eleva ao affecto, do affecto sóbe á devoção, da devoção sublima-se ao sacrificio. N'essa altura, chamem-lhe embora superstição, põem aos pés o respeito. É paixão e é crença: tanto basta!

São as tradições uma poesia e uma religião, poesia pelas imagens que evocam, religião pelos acatamentos que inspiram. Ninguem, senão o ignaro ou o sceptico, o que nunca viveu ou o que já não vive em si mesmo, ninguem passa indifferente diante de um monumento, templo ou palacio, arcada ou mausoleu. Embora outros ritos, outras idéas, outras cousas, e outros homens, no movimento que é a a renovação, estejam invencivelmente chamando as attenções para novos primores e prodigios, ha de ali por maior força deter-se o coração e a memoria. E o mais singular atractivo está justamente na opposição da sua attitude, nos signaes da sua caduquez, na immovel magestade com que tem observado, austera testemunha, tantos seculos esvairem-se na sombra, tantas gerações desfazerem-se no pó.

De muito os medir e admirar chega-se a ver o que elles viram. Enchem-se os templos desertos, animam-se os palacios abandonados, repovoam-se as arcadas ermas, erguem-se dos mausoleus as sombras e as cinzas para se encorporarem e viverem. Ressurge á imaginação toda uma época tal como era, e para o que era. Tudo toma o seu logar na ordem em que existíra. É tão completa esta illusão, que se vos demoraes a visitar os raros e solitarios vestigios dos velhos Solares e esmantelladas Honras, que outr'ora dos visos das serras atalaiaram os burgos pendurados na encosta, a poucos passos quasi estranhaes não encontrar nos restos mutilados do adarve a esculca que ha seculos dorme á sombra do cruzeiro decrepito, e por vezes julgaes ver n'um vago reflexo luzir ao sol na unica quadrella inteira das muralhas dispersas o capello burnido dos antigos barões.

Não são só as magnificencias da antiguidade, é a mesma antiguidade que nos falla e nos domina. Na Acrópole de Athenas, entre as maravilhas de Ictino e Phidias, percorrendo o Parthenon, achar-vos-heis insensivelmente na Grecia de Pericles e eccoar-vos-ha no espirito a voz de Demósthenes. Na Heptanómida, entre as columnas truncadas de Memphis, achareis mais do que explendidos destroços, achareis a assombrosa civilisação egypciaca. Mas, do mesmo modo, ao sopé das antas rudes, dos

dholmen e cromlech abruptos, se vos levantará diante dos olhos com os barbaros mysterios dos druidas a raça agreste e dura dos Celtas nossos avós.

O mais culto ingenho será o mais subjeito a estas miragens, que repetidas se entranham na mente e se consubstanciam no individuo. Esse é o mais impressionavel por que é o mais sensivel. Esse é o que mais vê, por que é o que mais sabe, e aos olhos do corpo tem accrescidos os olhos longuissimos do intendimento illustrado. Esse mais facilmente se ha de namorar do austero encanto que respiram aquelles graves padrões, e do mystico iman de um mundo, tanto mais bello quanto mais depurado pela phantasia do que n'elle fôra tristemente humano.

Uma parte de ruina, uma parte de tradição, uma parte de monumento tem hoje a monarchia antiga. Os seus erros vão longe e cada vez se affastam mais. Os seus desastres desprendem-se das causas e commovem pelos effeitos. O seu infortunio solicita a indulgencia. Vai gradualmente ficando d'ella a poetica aureola, o saudoso crepusculo das cousas extinctas, que a rejuvenesce. Quanto mais recua na ordem dos tempos, mais se approxima no pendor de muitos espiritos a refazer-se novidade.

De certo a sociedade não retrocede. O ser collectivo, que se move pela força incontestavel das idéas, inclina a veneração, mas não detem a jornada diante de um affecto ou de um symbolo. Os moldes que são transmudam-se no que ha de ser, não se refundem no que foi. A successão é uma regra immutavel e geral do mundo. Estas predilecções são peculiares aos individuos e como ellas transitorias. Tanto o conhecem todos os que medem a vida politica dos povos com rasão despreoccupada, que, se foram chamados das abstracções irresponsavelmente hypotheticas ás espheras rigorosamente praticas, não quereriam, nem poderiam quando o quizessem, contrariar já os novos costumes e as novas necessidades. Arrastam estas os mais renitentes e absorvem os mais pertinazes. É tão poderosa e já tão caudal a corrente, que os mesmos sacerdotes de um dogma constitutivo essencialmente adverso, levados na onda, são quotidianos infractores do principio que parece inspiral-os. D'esta involuntaria transigencia se infere a irresistibilidade do impulso. É esta indubitavelmente aquella cauta lei da Providencia, que, segundo a bella phrase de Guizot: «emploie les siècles à élever toujours un plus grand nombre de «familles et d'individus à ces bienfaits de la liberté et de l'éga«lité légitimes, que, dans l'enfance de la société, la force avait «rendus le privilege de quelques uns.»

Sem embargo, comprehende-se que muitos homens, demorando

o passo para meditar na estancia devoluta, deem a vida em holocausto ao culto da idéa augusta que ali vaguea. Só o não intenderia quem fosse inaccessivel a todo o toque generoso.

E é ainda um elemento fecundante. O grande trabalho não cessa nem mingúa. A actividade social é a mesma. Esta reminiscencia, que aspira ao proselytismo, como que remata e completa a harmonia. Modera ella o ardor que em breve seria cançasso. Enfrea as impaciencias que se precepitariam por cegueira. Rege a temeridade dos espiritos, retemperando-os salutarmente nas duas cousas—que já Royer-Collard asseverava serem as que mais depressa se enfraqueciam e gastavam n'este seculo—o respeito na ordem moral, na ordem intellectual a attenção. Póde-se finalmente dizer que modifica o fogo dos desejos na piedade dos tumulos.

Ao pé de toda a cidade viva ha uma cidade morta. Na cidade viva o bulicio das ruas, o jorro das emprezas, o enxamear das turbas, a ancia do tráfego, a altercação dos interesses, a versatilidade da fortuna, o favor e a porfia de tantas lidas e lavores quasi não deixam vagar de discorrer. Na cidade morta, por que tudo em roda é já outro mundo, olha-se como de cima para as lastimas d'este, e mais de uma vez o que no concurso e apertão se nos representava grandeza, d'essa distancia parece-nos demencia. Ahi onde os pés se imprimem em cinzas, ande se ergue a cruz e o cypreste, onde se abraça a redempção e a morte, onde o infinito dá sombra ao finito, a placidez convida á paz, a soledade á cogitação, o silencio ao extase. Que se diria e pensaria se da Babylonia activa ninguem sahisse nunca a dilatar o coração por este ossuario dos avós tão cheio de advertencias?

Os que se desviam ou atrazam, para aguardar na mansão grave e triste o fim das tempestades, fortificando-se na oração e nas lagrimas, levam depois o gremio revolto, para o abonançar e reconfortar, um pouco d'aquellas confidencias do céo que se recebem nos degraus das campas. Este é tambem um serviço. Na voz do passado ha sempre licção e conselho!

Se o periodo efficaz de certas instituições declinou, é por que ha de ser eterna a verdade d'esta sentença, que o mesmo historiador e juiz da nobreza europea não duvidou estampar á frente do seu *Livro d'oiro:* «tout est condamné à avoir raison ou à disparaître.» Se ellas porém já não tem acção motriz, são ainda util consulta. Assimelham-se á arvore que já não dá fructo, mas ainda dá abrigo. Ficou-lhes a auctoridade da experiencia e um logar na chronica dos grandes cyclos civilisadores.

N'este ponto do transito é facil comtudo differirem os juizos.

Esse capitulo cerrado, que representa uma missão cumprida, esse recanto da vasta necropole humana, que é a valla da historia ou seja pelos inlevos da meditação, ou seja pelas seducções da poesia, ou seja ainda mais pela fé herdada, pelas influencias da educação, pelas sympathias da infancia, pelas predilecções da juventude, é para alguns, não já a pagina cheia, não já a lapida cahida, senão o santuario de uma fé inexhaurivel e de uma adoração perennal, como a dos primeiros neophytos da Egreja, que transformavam os crypos em capellas.

Naturalmente, no conceito d'esses a monarchia genuina ainda não deixou de ser, como na instituição primitiva aquella fórma patriarchal que tem a sua origem na familia. Os serviços de centralisação e unificação, que ella fez á sociedade chamando-a do isolamento inculto do feudalismo ás modernas congregações, devem constituir-lhe um titulo de perpetuidade. Ahi está a sua rasão de ser por que essa foi a sua missão providencial. A ancienidade, a posse e a gloria confirmaram-lhe com a triplice sagração a investidura de um dominio inalеanavel. Dés que tomou por alliados o tempo e o céo, o direito estabelecido pelo costume e o direito transmittido pela divindade, quem ousará disputar-lhe com exito a preeminencia e o senhorio? As maximas de Bonald são eternas. N'aquelle novo *fiat lux* parou o giro do mundo. As bases da existencia publica immobilisaram-se desmentindo todos os seculos anteriores.

A paixão, como se vê, exagera as conclusões. Esse é o caracter d'ella que facilmente pinta os desejos em realidades.

Qui amant, ipsi sibi somnia fingunt

Todo o extremo excessivo trasvaza um cahos em que as noções se confundem, como os rios que sahem do álveo e cobrem as sébes. Mas é imparcialidade dizer-se que, se volvemos os olhos ao magnifico espectaculo d'essas épocas decorridas, nada se póde ver mais proprio para embevecer a imaginação nem para conciliar o respeito, mormente depois da renascença, e, digamos, illuminura, com que as tem ultimamente exornado.

Aquelle José de Maistre, que já mostrámos em opposição a Voltaire, exordiava effectivamente nas faldas do Monte-Branco a restauração do principio exclusivo da auctoridade, quando o philosopho de Ferney, defronte d'elle, se inclinava lentamente ao tumulo, que ía ser o degrau da revolução. Mas a mesma auctoridade, com presumir-se immutavel, confessou involuntariamente o movimento. Na nova escóla, ou antes na escóla antiga remo-

çada, a auctoridade fez-se providencia, e a mesma fatalidade, que é o fundamento de toda a ordem absoluta, tornou-se benevola e prestante: «le genre humain peut être considéré comme un ar«bre qu'une main invisible taille sans relâche, qui va toujonrs *en «gagnant* sous la faux divine.»

Esta luz modificada diffunde ás perspectivas uma similhança d'aquella solemnidade que emanam as naves das cathedraes. Se os seus raios se condensam nasce d'elles uma theoria fulgurante, que, como todas as theorias, faz pouco dos factos, ou n'elles só respiga o que lhe convém.

Assim, o pensamento generoso das edades cavalleirosas sobresáe occultando a triste necessidade que o gerou. Assim, no brilhante arrojo das cruzadas as proezas da religião militante illustram aquelle longo periodo, realçando com a devoção e a gloria os resultados positivos da dupla elaboração social pela emancipação interna e pelas relações exteriores. Assim, a velha monarchia, magnificada por todos os modos em regiões ideaes, não acclama, não propaga, não recommenda senão os mais nobres principios e as mais graves auctoridades. Pelo texto do Exodo tira da excellencia da pessoa a rasão do privilegio: *«electis viris strenuis de cuncto Israel constituit eos principes* :» Pelo testimunho de Tacito deriva dos louros da patria a grandeza do soberano: *prin«cipes pro victoria pugnant, comites pro principe.»* E se alguma vez os fastos inexoraveis da humanidade lhe exprobam com a diviza de Clotario: *«sanguine sceptra rubent»*, responde com o moto de Henrique IV: *«salus victis»*. O systema em tal fórma exposto é mais que um systema, é uma inspiração. Não tem um tempo, não representa um élo. Confessa ascendencia, mas não admitte prole. É um evangelho para crer, para seguir, para reverenciar. É o compendio de todas as perfeições, o regimento de todos os estados, e o guia de todos os tempos. Ha-de ser, por que foi. É a predestinação da sabedoria. É como um sol moral!

O encarecimento repugna á rasão; mas a crença politica superexcitada pela adversidade vem muitas vezes até aqui, e vem com a exaltação e a sinceridade da crença religiosa. Em tal elevação, abraçaram-se ambas facilmente, por que distam pouco.

Se a primeira tem para a abonar a nobreza dos sacrificios, podem acatal-a os que mais divergem, e apontando para o oblato, clamar com franca admiração: eis ali um homem!

N'este caso está Manoel Maria da Silva Bruschy, homem deveras, homem na tempera e no juizo, na segurança da palavra e na rigidez do animo, homem dos seculos passados pela opinião como pela inteireza, mas homem do seu seculo pela illustração

como pela amenidade, e d'aquelles de quem dizia o nosso Sá de Miranda

De um peito aberto e limpo e fé lavada!

Para o avaliar basta vel-o. A physionomia retrata-lhe os dotes. O exterior responde ao interior. Tem no semblante a effigie do caracter. Olhae. Parece que Deus lhe rasgou aquella fronte espaçosa para os grandes pensamentos do infortunio, que lhe contornou aquella bocca firme para as energicas palavras do conflicto, que lhe accendeu aquelle vivo lume dos olhos contemplativos para lhe esclarecer a alma, que lhe talhou aquella nobre cabeça tanto para a erguer no perigo como para a inclinar no estudo, parece emfim que lhe imbebeu a serenidade no rosto para a boa e má ventura, e lhe assentou nos labios a affabilidade e a modestia para a benevola convivencia. O clarão da intelligencia superior, como um raio de sol n'uma paizagem severa, illumina-lhe esplendidamente a nervosa feição do estio viril, que as primeiras geadas avivam!

Os annos de Bruschy principiaram a viçar no meio das tempestades revolucionarias. O ferro da conquista na occupação franceza tinha arado a terra a que o tufão da grande procella europea despargira a semente dos modernos principios. Em quanto uma sociedade nova germinava occulta n'aquelles sulcos, a sociedade antiga, póde dizer-se, refugiava-se com a corte no continente americano, e levava ao Brazil a primeira idéa da independencia. Bruschy nasceu entre as preoccupações, os receios e os odios d'essa transmigração, que foi um funestissimo indicio da caducidade da antiga realeza. No berço o acalentaram os terrores d'aquella temerosa innovação, que arrancava pela raiz as dynastias, que aluia pela base os thronos, que sacudia ao chão as corôas como fructos maduros, e alguma vez com as corôas as cabeças. Napoleão era a espada de 93, a personificação d'esta monstruosidade pavorosa. A dictadura imperial não representava nenhuma das idéas de direito recebidas no mundo que se dissolvia. Para os legalistas significava o retrocesso aos tempos de anarchia e barbarie em que só a força dava o sceptro, e em que

Le premier qui fût roi fût un soldat heureux

Para os supersticiosos era como um anjo de Apocalipse, nuncio de exterminios, executor das vinganças celestes ou precursor do universal cataclysmo. Para os soberanos era um meteoro devorador. Para os povos um enigma terrivel.

As velhas monarchias, por toda a parte vacillantes, seguiam com o horror e a maldição o capitão victorioso, que no seculo XIX renovára a audacia de Promotheu, para acabar repetindo os seus tormentos. Mas ainda mais que o homem execravam e abominavam ellas as idéas que o tinham procreado. Ao redor d'aquelles thronos decrepitos e aterrados, por que lhes fugia o solo e se lhes derruiam as bases desconjunctadas, tudo era espanto e aversão. Eis as impressões de Bruschy na edade em que ellas são indeleveis. Á sombra, proxima do solio, maior era ainda a paixão e o enleio, e mais profundamente se haviam de gravar taes impressões n'uma imaginação virgem.

Aportando ao reino em 1821, Bruschy veiu achar a peripecias de uma lucta, que as doctrinas bebidas com o leite lhe qualificavam de sacrilega. Os artigos da sua fé eram postos em duvida. O que lhe haviam ensinado a acatar como dogma entrava inopinadamente em litigio, e a meude era julgado, ou antes jogado, pelas insurreições. A jurisprudencia das bayonetas appellava diante dos seus olhos para a ultima estancia dos campos de batalha. Era ahi que se decidiam as verdades da sua infancia!

Doloroso espectaculo para um animo crente, mas ao mesmo tempo vertiginosa atracção para um espirito juvenil e naturalmente ávido de novidades! Seja qual for a discordancia de opiniões e de escólas, a imparcialidade não póde recusar a estima a este nobre instincto de fidelidade, que, em ares tão varridos de vendavaes e n'um horisonte annuveado por taes borrascas, serve de estrella e de norte ao mancebo inexperiente.

A decada de 1820 a 1830 é um dos periodos mais notáveis e curiosos da nossa historia contemporanea.

A revolução de 24 de Agosto de 1820 tomára fogo com uma forte explosão do sentimento nacional, longamente humilhado e represo pela onerosa e já intempestiva dominação britannica. A regencia tornára-se instrumento docil nas mãos de Beresford, investido n'um proconsulado systematicamente hostil aos interesses portuguezes. A prolongada ausencia da corte déra á Inglaterra o duplo e immenso lucro de transferir o commercio do Brazil para mãos inglezas, e de conservar na metropole, até muito depois da paz, e tão realmente como antes d'ella, uma soberania directa, exercida com intuitos politicos infestos ao paiz por um general do governo britannico, á inteira disposição do qual tinham sido postas todas as forças portuguezas. Os homens esclarecidos viam com dor este excesso de pressão. O zêlo disciplinar da Inglaterra, ainda não saciado com o mercado vastissimo que nos subtrahira na America, tendia a reduzir-nos no continente á triste

situação de colonia militar de Gram-Bretanha. Com tal idéa sublevaram-se os antigos brios, em que ainda viçavam louros recentes; e a desgraçada tentativa de 1817 deu o primeiro indicio da impaciencia que violentamente lavrára nos espiritos. O supplicio horrivel que se lhe seguiu exacerbou os animos: ficou-os secretamente instigando a pena infamante inflingida ao infeliz Gomes Freire, com uma precipitação tanto mais suspeita quanto maiores eram os meritos da victima. A revolução do Porto foi o resultado d'este estado incomportavel. O alvoroço com que foi recebida e saudada do povo, sem obstaculo serio que então se lhe oppozesse, manifesta como ella andava já no pensamento e no coração.

O congresso que se reuniu e a constituição que saíu d'elle eram formulas diffundidas e acceitas. A revolução consagrou-as. Posto que o primeiro mobil fosse originariamente, como fica dito, a indignação contra um dominio estranho e gravoso, e contra uma subserviencia opprobriosa, o impulso estava dado e não era possivel parar.

Fôra porém milagrosa excepção se tal mudança como esta nas condições de um estado, e nas suas relações com o poder, se estabelecesse definitivamente sem porfias nem conflictos. O passado tinha ainda raizes profundas; o presente balbuciava. O congresso por timidez natural, por extranheza de uma situação nova para o paiz, ou por cegueiras de presumptuosa confiança, contentára-se com um vocabulario esteril, e não tratára de fazer corresponder em todo o circulo das instituições os factos ás idéas. Com esta imprevidencia ganharam animo os adversarios da nova ordem de cousas, que o primeiro lance como que fulminára. A recusa da rainha ao juramento da Constituição annunciou a conjuração latente, e, com alentar os mais desacoroçados, indicou aos menos timoratos onde estava o centro da resistencia. Do congresso saíra para as côrtes geraes uma facção arrogante, que, avassalando os ministros e enfraquecendo-lhes a acção e a auctoridade, involuntaria mas efficazmente auxiliava a reacção já poderosa. A politica exterior desfavorecia tambem estes primeiros ensaios do regimen liberal. Por um lado entibiava-os a entrada dos cem mil francezes do duque de Angoulême em Hespanha; pelo outro incitava as esperanças oppostas a revindicta da politica britannica d'esse tempo, que não perdoava á revolução a exoneração dada aos coroneis inglezes do commando dos regimentos portuguezes, nem a prohibição de desembarcar intimada a lord Beresford, quando voltava do Rio de Janeiro munido dos poderes exorbitantes que ali fôra extorquir, e que houvera a fraqueza de lhe conceder.

Os acontecimentos, em grande parte ainda tenebrosos, de 1823, 1824, 1826, e 1828, resultaram do antagonismo do novo e do velho espirito, cada vez mais irritado um contra o outro, até que a revolução franceza de 1830 mudou novamente todas as condiçoes de influencia externa. As contendas e as calamidades d'este periodo funesto fizeram mais do que prejudicar as pessoas, apoucaram e abateram o principio vital da monarchia antiga. A idéa que lhe disputava o logar triumphou nos factos, quando a mesma politica de reluctancia, que em 1823 desfez o primeiro codigo da revolução, foi obrigada a pactuar com esta, promettendo uma nova constituição e reconhecendo a diversidade dos tempos. A realeza nos proprios esforços que fazia para conservar todos os attributos de exclusivo imperio manifestava a sua impotencias enil. Mesclando-se nas conspirações, nas ciladas, nas alternativas, nas pugnas, nos delirios e nas catastrophes, descia do pedestal augusto a que a haviam exalçado os seculos, desataviava-se voluntariamente das mais preciosas insignias da superioridade moral, expunha a auctoridade aos baldões, e approximava-se demasiadamente com as paixões e as fraquezas da humanidade ao vulgo, que passa facilmente da adoração servil á insultante irrisão.

Desgraçadamente, os poderes constituidos são muitas vezes achacados d'aquelle imprudente pruido, a que o padre Manoel Bernardes com a sua natural propriedade chama: «fervenças do corpo que se não governam pela rasão.» A stricta letra das leis, letra muitas vezes morta ás suas mãos, e por isso exauthorada, é então o tardio e insufficiente refugio. Triste recurso quando para elle se appella na extremidade! Não só a rigidez intempestiva se faz suspeita; mas as leis, e sobretudo as leis de organisação politica, não podem ter por natureza a immobilidade. Devêra por isso andar sempre na memoria de todos os estadistas este preceito do velho Horacio eternamente applicavel como todas as verdades,

......Quid leges sine moribus
Vanæ proficiunt?

De um e outro lado haveria n'esta conjunctura, como ha sempre, interesses pessoaes acobertados com o pretexto do bem publico. Mas as consciencias firmes, que sinceramente accreditavam na excellencia relativa dos seus systemas, seguramente se honravam nas porfias que vinham do convencimento tendo por alvo a restauração da prosperidade nacional.

Entretanto, a transformação social operava-se irresistivelmente.

Se a linguagem é o espelho dos pensamentos, nas innovações da linguagem politica se íam successivamente reflectindo as cambiantes do espirito publico. No meio d'esta rapida metamorphose se desenvolveu a adolescencia estudiosa de Bruschy; e se do movimento politico só naturalmente lhe chegavam os eccos, eram estes por vezes tão estrepitosos, que por força lhe haviam de chamar a attenção. As suas crenças todavia não foram abaladas, antes por ventura se roboraram e fortaleceram na piedosa reverencia do culto que lhe fôra transmittido. Entre as agitações da opinião se exercitava domesticamente no difficil noviciado d'aquella fé contemplativa, que poem acima das instabilidades do mundo as inspirações e os affectos da educação.

Do ponto de vista philosophico muito certamente, se poderia discretear e discursar ácerca das doctrinas de que Bruschy tem sido inflexivel sectario. Não entra porém nem a cathechése nem a controversia no intuito d'estes esboços. Quando se quer apreciar a physionomia d'esses «intrepides theoristes d'une pensée,» como lhes chama Sainte-Beuve, abstrahe-se das discrepancias de opinião, e acceita-se o homem como elle é pelas causas que o influiram e pelas rasões que o determinaram.

De 1830 a 1831 teve logar a primeira apparição de Bruschy na Universidade de Coimbra. Foi apenas uma passagem. As mudanças politicas levaram-n'o em breve ao desterro, de que outros apenas regressavam. Triste exemplo das inconstancias da fortuna, e ainda mais das deploraveis alternativas da guerra civil, que os triumphos para uns são sempre infortunios para outros!

Mas o foragido da patria era peregrino da sciencia, e ahi onde parava não lhe consentia ociosidades a avidez do espirito sequioso. Com estas disposições o achâmos seguindo em França o curso da faculdade de medicina até 1837.

N'este anno porém a sua vida, já tão variada, entra subitamente por diverso e mais aventuroso caminho.

Em Hespanha estavam então as esperanças dos que tinham conservado a devoção do anterior regimen. Havia já mais de tres annos que uma lucta pertinaz atrahia para ali os olhos da Europa agitada de commoções successivas. O principio constitucional hesitava n'estas turbações, que eram como os estremecimentos consecutivos ao grande terremoto.

A abolição da lei sálica originára uma nova guerra de successão. Um mez depois da morte de Fernando VII, em 1833, a Biscaya estava insurrecionada. A perseverante Cantabria foi sempre ciosa das suas franquias territoriaes. *Cantabros indomitos ferre jugo.* Vivem ainda ali as tradições d'aquelles *homens bons* de outras eras

de quem escreve Escosura que «acudian facil y resueltamente a las armas.» A uniformidade nas instituições era pois essencialmente antipathica a um povo affeito a excepcionaes isempções.

Ateára o fogo mais um interesse municipal do que um sentimento verdadeiramente monarchico. Mas, n'aquellas singelas populações em que é omnipotente o costume, a tradição não separava das antigas prerogativas da sobrania a conservação d'estas immunidades como cousa que sempre lhe andára tão vinculada. Facil foi portanto confundir com a causa do principe que disputava uma herança, *rex futurus, rex venturus*, a causa do povo que zelava os seus privilegios locaes.

D. Carlos tinha um exercito, e a Hespanha tinha a sua Vandéa!

Era com effeito a Biscaya a Vandéa hespanhola, como o Algarve por aquella mesma época estava sendo a Vandéa portugueza. Tal a Vandéa se armára pelo seu culto, tal a Biscaya se sublevava pelos seus fóros. Se aquella se embuscava no labyrintho das suas mattas, entrincheirava-se esta nas fragosidades das suas serranias. Occultava na primeira cada silvado um inimigo, as brenhas na segunda abrolhavam-se de improvisos soldados. Reviviam os Charrete e os Bonchamps. O enthusiasmo e a fé eram iguaes em ambas. Em ambas teve a guerra um singular caracter de energica rusticidade. Em ambas foi muito tempo inefficaz a regularidade e a disciplina. Ali a insurreição, como Antêo, crescia em forças abraçando a terra. Era preciso um Hercules para suffocal-a sopezando-a nos braços.

Já hoje vemos a distancia esta portentosa contenda, e podemos julgal-a sem paixão. As memorias da heroicidade attenuam o horror do fratricidio!

Os esforços para comprimir o movimento são estimulos que o propagam. Santos-Ladron cahe fusillado nos fossos de Pamplona, e como incitados do seu sangue surgem, uns depois de outros, Merino, Cabanero, Orejita, os Tristanys, Gravet de Monschet, Llarch de Copons, o Cura de Dallo, e centenares de caudilhos, que o mesmo espirito anima. O incendio lavra pelo Aragão, das Asturias chega a alcançar a Galliza, communica-se a Valencia, e quasi ameaça Madrid. Ahi a froxidão natural de uma regencia, a divisão dos liberaes e as agitações dos *cummuneros* facilitam os progressos do principe pretendente. No proprio recinto do palacio, junto ao leito mortuario do rei que succumbíra, havia presagiado o antagonismo rancoroso das facções a sanguinosa aurora que alvorecia na Hespanha. Calamarde obstinára-se, Christina exacerbára-se. Zea-Bermudes sobrevem de Inglaterra chamado ao poder. O Estatuto não satisfaz as aspirações de um

grande número. A influencia ephemera do marquez de las Amarillas congrega um bando duvidoso, sem força para dominar, mas bastante para empecer. Finalmente, os homens que na côrte só pensam em mutuamente se derribar não teem tempo nem accordo para acudir ao perigo, que n'estas porfias se faz cada vez mais urgente.

O grito de: «viva el-rei neto» sôa nos muros de Elisondo. A derrota de Valdés nas Amezcuas abre o campo a D. Carlos. Este entra em Navarra. A ousadia e os talentos militares de Zumalacarreguy submettem-lhe uma parte consideravel do paiz e organisam-lhe forças respeitaveis. Se em 1835 lhe não foge a fortuna com a vida, a corôa das Hespanhas passa do berço de Izabel para a cabeça de seu tio.

O partido carlista porém, avantajado e robusto como está, não cede a um enfado da ventura. São já agora precisas longas campanhas. Não o esmoreceu a catastrophe. As operações proseguem sob outros chefes. Gomes, Eguia, Elio, Garcia, Maroto e o heroe de Morella dirigem as columnas e multiplicam as aggressões.

Mas esta guerra peleja-se no paiz que das charruas faz espadas. A bellicosa geração de 1811 transmittiu os seus espiritos á geração de 1833. O Empecinado e o Marquezito deixaram herdeiros. Mina e Riego tem discipulos. Os bandos e as partidas, que na pugna da independencia mereceram por seu ardente patriotismo a justiça da historia nas mais bellas paginas dos proprios generaes inimigos, brotam ali com brava espontaneidade das veigas, das selvas, dos casaes, das penhas, pela chan dos mattos e pela cúspide dos montes. Foy e Marmont saudal-os-hiam como antigos conhecimentos.

Ha só uma differença: o sentimento nacional tornou-se em furia partidaria. Os inimigos são do mesmo sangue, da mesma terra, da mesma creação, e amaldiçoam-se na mesma lingoa! Terrivel differença, que substitue á nobreza a impiedade!

Os christinos aprestam-se, oppoem-se, vagueam como os carlistas. Levanta-se povoação contra povoação, arma-se campanario contra campanario, embate-se troço contra troço. Cruzam-se com as evoluções estrategicas as excursões e as correrias. Aos cabos de miqueletes de D. Carlos correspondem do lado contrario El Pastor, Castagnon, Barnachea e Zurbano. A conter e rechassar os seus generaes accorrem sccessivamente Orâa, Espartero, Maiz, Narvaez, Rivero, Nogueras, o barão de Meer e o infeliz Leon. Travam-se as grandes operações e complica-se ao mesmo passo a pequena guerra. Por este modo a fortuna das armas alterna-se e equilibra-se mezes e annos de parte a parte.

Se por um lado os cruzeiros francezes e inglezes favorecem as operações dos christinos, se marcha de Portugal uma divisão auxilliar, e Evans assalaria outra, a santa alliança e as côrtes dos ducados italianos por sua parte auxiliam em todos os modos o principe pretendente. A revolução da Granja anima as suas emprezas, manifestando a perturbação que agita as regiões governativas de Madrid. A occupação de Cracovia pelas forças combinadas da Russia, Austria e Prussia fixa n'outro ponto a attenção dos gabinetes de Londres e Pariz. A mesma França distrahida pelo temerario commettimento de Strasburgo, e pelo recente attentado do regicida Meunier, successor e imitador de Alibaud e Fieschi, está sob a impressão do sobresalto. Em Portugal, Rachado e os dois Remechidos nas agruras de Monchique, e Baioa nas charnecas do Alemtejo, incitados do exemplo visinho, prolongam ainda as ultimas e desesperadas convulsões da lucta, que as discordias dos constitucionaes favorecem tambem.

Tal é a situação de Hespanha, e tal está de redor d'ella a Europa em 1837, quando Bruschy fechando os livros cinge a espada para ir quinhoar as temerosas contingencias, e as trabalhadas lides d'aquella continuada batalha. Faltava ainda á sua religião politica este baptismo do perigo, tão appetecido e tão sonhado dos que d'essa religião não fazem uma especulação mercantil. O mancebo seguia o natural pendor dos seus annos, das suas crenças, e dos seus brios. N'aquella idade feliz ainda os desenganos não teem arrefecido o ardor nem entibiado as aspirações.

Bruschy, militando no valente exercito de Navarra, só voltou a França com o intrepido e audacissimo Cabrera, o ultimo que abandonou o campo.

Os povos meridionaes levam sempre ao extremo as paixões e as virtudes. Como que o sol se lhes infiltra até ao coração. Em taes temperamentos não ha sacrificios parcimoniosos nem affectos prudentes. A dedicação vai muitas vezes até ao heroismo e a vingança até á ferocidade. A guerra n'estes povos, e sobre tudo a guerra civil, é uma serie de peripecias terriveis, uma prolongada alternativa de acções magnanimas e de represalias atrozes. A guerra de Hespanha era tudo isto, e era mais um mixto assombroso de inopinadas marchas, de subitos arrojos, de atrevidos movimentos, e de hardidas entreprezas.

N'estas campanhas, tão variadas de combates e de assedios, tão cortados de exterminios e de exicios, o esforço nos riscos, a constancia nos revezes, a abnegação nos trabalhos, a serenidade nos conflictos eram condições indispensaveis e prendas

quotidianas. Quem por ellas lograva distinguir-se tinha por força uma tempera de animo e uma energia de espirito muito acima do commum. Bruschy mereceu e alcançou essa distincção, e quando encostou as armas, depois de jogado o ultimo lance, levava n'ellas ainda verdes os louros. Enobrecendo assim o nome portuguez deu luzimento á patria, fosse qual fosse a divisa escolhida. Duplicava, sob a sua bandeira, as honras que outros seus conterraneos, nas fileiras oppostas, competindo em gentilezas de valor, tambem por sua parte não desdouravam.

Bastará contar um rasgo para se ver e avaliar como taes louros eram ganhos, e com que braveza os disputavam homens, que, para em tudo serem irmãos, até o eram na grandeza do esforço.

A estrella de D. Carlos, annuveada no espantoso combate da ponte de Luchana, que descercára Bilbáo, sempre fatal aos carlistas, fulgíra de novo em Morella. Cabrera operando sobre o Ebro levára a cabo assignalados feitos. Parecia d'aquelle lado acenar a fortuna. Convidado por ella, resolveu e effectuou o principe uma forte expedição composta da flôr do seu exercito. Bruschy fazia parte das tropas d'esta expedição no posto de alferes do 4.º batalhão do regimento de Castella.

Mal succedido no commettimento, D. Carlos foi obrigado a retroceder precipitadamente. Como emprehendesse a retirada para a Catalunha, apertando-o os inimigos na passagem do Cinca, afluente do Ebro, o batalhão de Bruschy sacrificou-se para proteger e salvar o exercito e o seu regio chefe. Tomando posição na margem aberta aos ataques de um inimigo vencedor, numeroso, e empenhado, como se póde suppor, em colher a expedição fugitiva, os novos Spartanos d'esta nova Thermopylas offerecem-se em voluntario holocausto sem mais esperança que a morte, emquanto na sua rectaguarda se cortam as pontes ou se obstruem os accessos. O batalhão de espaldas para o rio espera o inimigo com a resolução do stoicismo antigo. Ameudam-se contra aquelle inesperado baluarte de homens as cargas furiosas de infanteria e de cavallaria; accommettem-n'os, impellem-n'os, comprimem-n'os; involve-os um turbilhão de ferro e fogo; e elles impávidos, com as fileiras cruelmente rareadas, mas sempre com a mesma heroica firmeza; resistem sem afrôuxar. Parece cada um inspirado da sublime abnegação de Henrique de Larochejacquelein quando exclamava: «si j'avance, suivez-moi; si je recule, tuez-moi; si je meurs, vengez-moi.» Tem a historia poucos exemplos que se comparem com este, e o povo que os dá é um grande povo. Quando se narram taes feitos é a veneração quem entrega a palma aos martyres.

Os restos mutilados do immortal batalhão só descançam as armas, sobre quinhentos dos seus fóra de combate, quando não ha já um cartuxo!

Bruschy, apesar de ferido, conservára-se no seu posto. Uma derradeira carga de cavallaria arroja á orla do rio os pelotões que ainda estão de pé. O moço alferes, levado de roldão ante o irresistivel impulso, affasta-se de rosto para o inimigo, e cahe onde o chão lhe falta debaixo dos pés.

Luctando com a corrente e enfraquecido pela ferida é feito prisioneiro.

N'esta situação o perigo não é menos eminente. Todos sabem o que era ser prisioneiro então!

Estando no deposito, consta que dois alferes christinos tinham sido passados pelas armas á ordem de Cabrera, e resolve-se logo corresponder-lhe com atroz symetria. O *parcere subjectis* é ali pouco praticado. A occasião era opportuna. Ordena-se que entre os prisionesros carlistas sejam sorteados dois alferes. Bruschy, promovido em consequencia dos seus recentes e brilhantes serviços, é já áquelle tempo tenente. No deposito porém não lhe reconhecem a patente, e entra forçadamente na pavorosa loteria.

Trances d'estes mais se imaginam do que se descrevem. Cabe-lhe a sorte, isto é, tira da urna a morte, e a sua prisão converte-se em oratorio.

As execuções em Hespanha sempre foram summarias. Era ao menos uma consolação para os condemnados.

O pelotão que vem buscal-os para os fuzillar já lhes estancêa á porta. Era de tarde. Os dois companheiros d'armas e de supplicia, pela ultima vez, Deus sabe com que pensamentos, saudam o sol e o dia,—um dia sem sequencia de aurora na mais bella estação da vida. Esperam a cada momento a voz de marche com a eternidade em frente!

Arrastam-se horas apoz horas n'aquella agonia terrivel. Vae-se a tarde, passa a noite, adianta-se a manhã immediata. E o fatal pelotão sempre á porta! E os prisioneiros, antes os moribundos, penando as acerbas incertezas d'esta excruciante expectativa! Mal sabe como opprime o tempo quem nunca sentiu sobre si alguma dilação d'essas que pesam annos. Mal sabe como os momentos adormecem, e com elles se alonga a desesperação, quem nunca mediu essa anciosa impaciencia de um demorado tormento.

N'esta suprema angustia, o animo de Bruschy, conforme o conceito magnifico de Lucena: «de si se esforça em sua virtude involto.» A risonha placidez, que lhe é costume, não se altera. Encara aquella negra morte com tal hombriedade, que escurece

as bizarrias do campo de batalha. Nenhum terror póde já render a energia de uma alma superior a taes incertezas.

D'onde provinha a extranhissima delonga? Era um requinte de barbaridade? Não. Era um accidente propicio.

Quando já a execução estava determinada, verificou-se que os alferes christinos estavam incolumes, e que o fogoso Cabrera só ameaçava fuzilal-os se os prisioneiros do seu heroico batalhão fossem molestados. O general da rainha revogou immediatamente as severas ordens, que passára ao commandante do deposito.

O commandante porém não teve tempo de communicar aos agonisantes a sua miraculosa redempção. Uma tarde, uma noite, e uma manhã lhes protrahiu a horrivel duvida... por que se não podia interromper. Absorvia-o um cuidado que não consentia outros.

Estava jogando!

Era uma rasão essencialmente hespanhola. É sobre tudo um traço precioso de caracter individual. Póde ser tambem um indicio do gráo de indifferença a que havia chegado o apreço da vida!

As victorias de Ramales e Guardamino, a promessa de respeitar os foros, e uma serie de combates felizes deram aos generaes da rainha as chaves das provincias vascongadas, pacificando o Norte com o convenio de Vergara. Nem este golpe, nem o regresso de D. Carlos a França fizeram cahir as armas da mão a Cabrera. Persistindo contra todas as forças constitucionaes, prolongou ainda mezes a lucta, e não passou a fronteira senão depois de Morella capitular. Bruschy, tendo estado um anno preso em Saragoça, seguiu-o além dos Pyrenéos. A sua carreira militar, já tão distincta e auspiciosa, estava para sempre quebrada.

Tornando á patria, Bruschy perseguido de revezes, mas ainda mais incitado por elles, faz rosto á fortuna, e, encetando sem desanimar nova estrada, volta á universidade com o auxilio generoso da familia Palha, e ali frequenta o curso juridico.[1] N'esse curso, companheiro e émulo de muitos claros ingenhos, que o tornaram um dos mais memoraveis nos annaes universitarios,

[1] Citando esta circumstancia e esta familia, offendo provavelmente o recato das suas liberalidades; mas faço-o, devo dizel-o, para cumprir um preceito. Solicitando do sr. Bruschy algumas informações relativas aos factos da sua vida, uma só me quiz dar, mas essa exigindo-me expressamente que a mencionasse. Esta informação é a que se comprehende na circumstancia citada. O rasgo desenha o hamem. De si mesmo só guarda, e só divulga, o agradecimento. É tão trivial o contrario que similhantes exemplos consolam, e é obrigação não os occultar quando tanto abonam, e com tanta egualdade elevam, assim os que inspiram como os que possuem taes sentimentos. A singelesa d'esta nota, que em verdade cala mais do que diz, não deve offender os melindres de nenhuma modestia.

obteve a honra de ser premiado, — honra que a concorrencia de meritos tornava insigne, — merecendo com o premio o applauso de collegas, que á porfia o estimavam e presavam como a singular amigo.

Nos bancos onde se assentára como discipulo começára Bruschy a traçar e dispor uma obra de mestre. Acabando a formatura, deixou essa obra como monumento da sua superior capacidade e profunda applicação. Era isto em 1845. As *Annotações a Waldeck* mereceram para logo os elogios dos mais competentes jurisconsultos. A *Gazeta dos Tribunaes* d'esse anno, avaliando os meritos relevantes da obra, argue só a demasiada modestia com que o author, ao revez de muitos, procura no prologo deprímir a valia do seu trabalho. Na sua *Historia do Direito Romano* o doutor Henriques Secco inclue o nome de Bruschy na lista dos principaes romanistas portuguezes, dando ás *Annotações* a significativa qualificação de «preciosas.»

Como se tal prova ainda não bastasse para dar pregão do seu nome, Bruschy, tão conhecido e apreciado já dos homens especiaes, quiz a confirmação de um suffragio mais geral, vulgarisando em beneficio publico a sciencia que enthesourára. Em 1849 uma brilhante e estudiosa mocidade estabelecêra no Gremio Litterario cursos nocturnos, iniciativa honrosissima, que, se fora seguida com mais perseverança, podera ter produzido admiraveis resultados. Bruschy encarregou-se de leccionar um dos mais uteis e difficeis entre aquelles cursos, o de Historia do direito romano, que deixou maravilhados e saudosos quantos lograram ouvil-o.

Todos estarão ainda lembrados da impressão, que produziram n'um auditorio verdadeiramente selecto aquellas prelecções, em que parecia reflectir-se a magestade do assumpto. Viu-se então que talento ali estava. A phrase correcta e sobria do orador captivava sobre tudo pela alteza do pensamento e grave lucidez da dicção. A aridez da investigação não lhe apparecia na palavra fluente. A clara e methodica exposição das diversas épocas de codificação das leis romanas foi um agradavel surprehendimento para muitos, a quem só o nome das Institutas e das Pandectas arripiava de terror, e um secreto desgosto para alguns Heinecios mysteriosos, que affectavam ares sibyllinos quando alludiam a estes inaccessiveis arcanos. Com rasão um auctorisado escriptor chamou n'essa época a Bruschy «novo Flavio.» Nos desenvolvimentos das suas theses uma erudicção substancial alimentava a claridade do discurso, e facilitava de tal modo a comprehensão, que se tomava quasi por uma segunda revellação. A sciencia fazia-se humana.

Tudo o que respeita ao direito romano, se interessa o juriscon-

sulto como rasão escripta das modernas legislações, não menos interessa o historiador como lei viva do mundo antigo. Mais de uma vez este, como Gibbon, como Niebuhr, inquirindo nos codigos dos povos o segredo das sociedades mortas, descobre novas relações que illuminam os mais arduos theoremas. Bruschy, superior aos exclusivos schollares como verdadeiro filho do seu seculo, e comprehendendo estas verdades, assim no curso oral como na obra impressa mostrava-se d'aquella alta escóla de philosophia, que se apropria de todos os subsidios para encadear, diffundir e popularisar as idéas prestantes.

O official do exercito de Navarra fizera-se em pouco tempo escriptor, romanista e orador: applicava ao estudo a mesma constancia, a mesma energia de vontade, que nos campos lhe tinha grangeado os primeiros louvores, e que de Deus recebêra como um privilegio concedido a poucos.

Subindo á tribuna politica da imprensa, Bruschy tornou-se em breve um dos mais eximios publicistas do seu partido, como seria em litteratura um critico sagaz, se tentasse aperfeiçoar o que alguns ensaios seus auguraram, ou quizesse allumiar com os fortes estudos da boa arte a vereda que uma intuição apenas lhe apontára.

Não tem a republica, moral e materialmente, mais operoso, mais ágro, nem mais dessaborido officio do que esse de jornalista. As comparações mythologicas do tonel das Danaides e do rochedo de Sisypho, applicadas ás folhas periodicas, apezar de tão servidas, são sempre opportunas por que não as ha mais verdadeiras. Não se acha em similhante lida uma interrupção para repouso. Nunca a obra se completa, nunca a voragem se enche, nunca a roda se fixa. É cada dia uma nova pagina, cada anno um capitulo diverso. A chronica devora a vida, sem que a vida possa alcançar a chronica. Ha-de o jornalista estar sempre instruido e inspirado para intender em tanta variedade de assumptos, para replicar em tanta complicação de controversias. Ha de, como n'uma praça sitiada, acudir sempre á brecha. Ha de, como n'uma esgrima continua, aparar a cada momento os botes e as fintas. Ha de multiplicar as suas faculdades, forçar os seus instinctos, desflorir a sua imaginação. Ha de fazer do seu estyllo, embora lhe seja outra a indole, um instrumento rapido como o raio, incisivo como o ferro. Ha de sacrificar-se ao repente, fugir á meditação e ser escravo da celeridade. Ha de antecipadamente, scientemente, offerecer em holocausto á injustiça, á iniquidade, á paixão as qualidades do seu espirito e as da sua alma. Ha de metter no coração os impetos que lhe acodem á penna. Ha de disfarçar a febre que o queima. Ha de occultar como uma

vergonha os nobres estremecimentos da indignação generosa, para não dar á impudencia as armas do sarcasmo. Ha de, se é sincero, arrostar as ironias que lhe insultam a fé. Ha de, se é melindroso, expor-se aos vilipendios que lhe affrontam o decoro. Ha de emfim armar-se de insensibilidade contra o erro, contra a invectiva, contra a calumnia, contra a ignorancia e a perversidade.

E para que? Todo este trabalho, todo este afinco, todo este sacrificio, todas estas partes da propria vida tão de dentro arrancadas são espargidas n'uma folha que se desprende, voltêa um momento, e passa para sempre. O vento que a leva lhe apaga até a memoria. Amanhã nem ha já vestigios.

Com ser já de si tão ingrata e ingloria tarefa, ainda os abusos e desregramentos dos que a depravam a tornam sobre difficil dolorosa. Quando a liberdade é uma religião a imprensa é um sacerdocio. O escrupulo e a probidade, que não excluem a consciencia e a energia, são os seus naturaes attributos. Mas sob a invocação do principio salutar está muita vez a licenciosidade ignara e infrénne. A imprensa então faz-se um torpe soalheiro. Já não respeita nem o pudor da lingoa, nem a decencia da escripta, nem a dignidade da rasão, nem o sanctuario da familia. Não respeita nada por que se não respeita a si. Com a phrase ignobil, com o cynismo abjecto, com a allusão grosseira, com o ardil boçal, com a triste impunidade do desprezo, com a aleivosia e a ignominia envergonha o paiz e exauthora as instituições. Manchando as insignias das suas augustas funcções, faz-se corteză da plebe, faz-se aduladora dos infimos instinctos e dos invejosos rancores. Não ha mais vil lisonja nem mais brutal poder!

Por desgraça existe tambem ahi, ao pé da imprensa grave, esta imprensa bastarda, ou antes esta degeneração da imprensa, talvez para contraste providencial d'aquella. Ao jornalista consciencioso e crente duplica ella o sacrificio com o tedio que inspira, fortalecendo-lhe ao mesmo tempo os brios com os agastamentos que provoca. Com adversarios sem fé a contenda é sem honra. Desegual é o repto quando de um lado estão as armas do raciocinio e do outro as da perfidia. Não é uma lucta de opiniões, é uma têa de ciladas. Todavia o acre estimulo invalesce a vontade, que se retempera n'estas contrariedades, e sáe mais vigorosa á peleja.

Na sua já longa pratica da imprensa periodica, Bruschy passou de certo por todas estas phases e sondou todos estes escôlhos. Mas ahi tinha occasião de provar a inalterabilidade da sua fé, e não era preciso mais para lhe estimular o animo n'esta nova campanha.

É com effeito o jornalismo uma verdadeira milicia intellectual, muito similhante á outra na multiplicidade dos incidentes, na ra-

pidez das manobras, e na actividade dos movimentos. Bruschy achava ali os dois principaes elementos da sua anterior existencia e achava-os tomando na vida publica, do unico modo que a rigidez das suas crenças lhe permittia, o logar a que lhe davam incontestavel direito a capacidade e o caracter. Assim se fez homem de hoje pela logica dos factos. Posto que pertencesse a outra sociedade pelas tradições, era já d'esta pela sua parte de elaboração na obra commum do pensamento.

N'uma redacção collectiva não ha selecções, nem é possivel designar primazias. As individualidades desapparecem pela sua absorpção no corpo moral. A opinião comtudo attribuiu por muito tempo a Bruschy os artigos em que a subtileza conceituosa e a sisudeza da concepção sobresahia ao lavor dos adereços e ás louçanias do ornato. Deu-lhe ella por isso um logar entre os seus collegas, que, sem offuscar ninguem, muito contribuiu para lhe subir os creditos. Merecer tal suffragio, e em tal situação, basta para gloria.

Infelizmente, os desconcertos frequentes, e as difficuldades praticas dos nossos governos tem dado sobeja rasão ás criticas, facilitando a missão aos censores systematicos de um regimen muita vez illudido na execução. Por outro lado, os descomedimentos mutuamente diffamatorios dos antagonismos facciosos ministram armas quotidianas, tanto mais perigosas quanto maiores são os talentos que as aproveitam!

Voluntariamente affastado das espheras em que se exercem as mais legitimas ambições, circumscripto pela propria resolução aos limitados arrayaes de uma politica de abstenção, e já agora todo entregue ao Fôro, que lhe refloresce as palmas juridicas, Bruschy deve, não aos lances do acaso, como tantos, mas unicamente a si, á sua inabalavel perseverança, ao valor intrinseco dos seus méritos, o conceito universal, que o levanta aos olhos dos seus concidadãos de todas as opiniões.

Copiando S. Paulo dizia o nosso sentencioso Heitor Pinto: «ha no homem dois homens; um, o homem velho que trazemos de Adão segundo a carne; o outro, o homem novo que trazemos de Christo segundo o espirito» Vieyra completa a definição com o preceito: «os homens de bem hão de regular suas acções por duas leis, pela lei de Deus e pela lei de quem são.» Com antepor o homem que vem de Christo ao homem que vem de Adão, com meditar e applicar a lei de quem é, tal como é, e tal como o fez uma espiritualidade triumphante, chegou Bruschy a obter esta unanimidade de estimação e de apreço, que só elle parece ignorar, e que não é mais do que o natural tributo

do senso moral ao timbre que realça a lealdade, á lealdade que realça a intelligencia!

Tal distincção, a mais rara e invejavel, não a conferem os poderes officiaes, não a alcançam os patronos officiosos, não a rubríca a assignatura dos ministros, não a aluga um diploma complacente, não se consegue com a importunidade ou o favor, não depende de predilecções ou privanças. Os sêllos, que lhe dão a authenticidade, não ha opulencia que os compre, nem artificio que os imite. Esta é a mais preciosa, esta deve ser a mais estimada.

Para honra do nosso tempo confessemos que mais do que nunca é ella uma realidade e um titulo. Este seculo já não espera a hora da morte para começar a hora da justiça. Não falta com as coröas aonde são ligitimos os triumphos, e não se contenta com offerecer ás cinzas a impia irrisão de uma homenagem tardia. O mesmo antagonismo politico, tão cego e tão injusto, acaba quando a apreciação placida e séria principia, e já para alguns, — privilegio que d'antes só cabia aos potentados, — nos primeiros lineamentos da historia alvorecem os primeiros clarões da posteridade!

J. da S. Mendes Leal, Junior.

NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

Era talvez aqui a occasião de assentarmos em definir se esta quadra que vamos atravessando apresenta mostras de impulso ou de decadencia para as letras em Portugal, e se, por conseguinte, em quaesquer dos casos, os ramos de ensino agora creados, com o novo curso de instrucção superior, devem tomar a peito, ou apenas dirigir uma elaboração ardente e espontanea de talentos que, nas hesitações nascidas da sua propria exuberancia imaginativa, careçam sómente de methodo para darem nexo ás suas idéas e acertarem em produzir alguns dos monumentos que inculcam uma época como mais um capitulo para ajuntar á vasta encyclopedia das obras do espirito e da imaginação; ou se, indo nós declinando para um estado de apathia, será preciso convocar todas as forças e applicar os mais efficazes incentivos para nos despertar d'esse torpor, tão contrario ao desafôgo das aspirações generosas, como opposto aos vôos do engenho litterario.

A questão é grave e carece de ser aprofundada, mas para o fazer seria necessario inquerir-lhe e apontar-lhe as causas, e correr, n'uma detida analyse, factos e obras que determinam um miudo exame, o que nos desviaria para longe do ponto a que nos propozemos. No emtanto, sem desistirmos de tratar n'outro artigo d'este assumpto, com o desenvolvimento que reclama, diremos agora de passagem o que pensamos a este respeito.

É fóra de duvida que nós, como todos os povos, e principalmente os povos de uma ordem secundaria, obedecemos á influencia de uma lei geral. O temperamento litterario tem as suas épocas de adormecimento, como uma parte da escala vegetativa tem os seus periodos de hibernação. Portugal, como a França, como a Allemanha, como a Hespanha, a Inglaterra e a Italia, está talvez passando por um d'esses momentos de lento esforço de recomposição interior, em que os espiritos procuram no descanso obter e retemperar novas forças creadoras. É uma quadra, na apparencia de esterilidade, mas necessaria, porque é n'este estado de sopitamento que a energia intellectual, como as faculdades productivas da natureza organica, cóbra novos principios de vida, e se prepara, pela aggregação de elementos viçosos e robustos, para resurgir em mais fecundas e regeneradas producções.

Felizes as nações para quem estes intervallos são apenas periodicos, como tem acontecido com a França n'estes ultimos quatro seculos, desde o reinado de Francisco I até á reacção espiritualista, capitaneada por Chateaubriand.

Mas quando estas crises são o symptoma de uma enfermidade moral, então as nações, geladas dos membros a seiva generosa do heroismo e do genio, sentem o pensamento perder a franqueza e espontaneidade de seus movimentos, sem o que não ha nem transformações auspiciosas, nem progressos moraes, nem se illuminam e rasgam os formosos horisontes que convidam a phantasia poetica aos seus mais arrojados vôos.

Qual d'estas situações será aquella para que caminhamos rapido? A olhar as aves agoureiras, que nos esvoaçam em torno não seria duvidoso o prognostico. O seu triste piar annuncia de ha muito que o sol dos nossos destinos litterarios transpoz já as eminencias dos dominios ideaes.

Mas não aventuremos prophecias temerarias. Trata-se de um problema cuja solução abrange as tendencias universaes dos espiritos e a marcha geral da civilisação, que os subordina. A verdade é que a situação da nossa litteratura é a da Europa inteira. Phenomeno estranho! A sciencia progride; a cultura intellectual diffunde-se e systematisa-se; e a litteratura das nobres e fecundas concepções desfallece, e cáe das regiões puras da arte nos bazares commerciaes, onde veste as fórmas industriaes e mundanas do romance-folhetim, do melodrama analysta, ou do escripto inqualificavel, que pede emprestado a um scepticismo anão e piegas o que lhe recusa a musa das graciosas inspirações. O industrialismo, no impeto das suas vagas invasoras, domina a imaginação. Parece que os thesouros da phantasia tem de vasar as

suas riquezas nos moldes acanhados e prosaicos da industria moderna. Parece que os dominios do ideal recuam á medida que o alvião do cabouqueiro escarva das entranhas da terra o ferro de todas essas gigantescas e velozes machinas, que tendem a fazer do homem apenas mais uma roda do seu egoismo!

Entre as necessidades da imaginação e as necessidades da sciencia, haverá uma incompatibilidade tão determinada? Serão inconciliaveis os commodos da vida com os triumphos das letras? O desaprêço de Milton, a pobreza de Camões e a morte de Chatterton serão apenas um dos muitos e tristes episodios da miseria humana, ou serão o influxo de uma lei fatidica que tenha de perseguir e envergonhar os destinos da sociedade? Será condição do engenho poetico só poder vegetar no pólo opposto das maravilhas do conforto social? Será o sôpro da civilisação um tufão esterelisador para as balsamicas e aljofradas flores dos édens da poesia? Terá a alma do pensador solitario, n'esses arrobos de sublime lyrismo em que se compraz de devanear por espheras desconhecidas, de encontrar sempre a atmosphera pardacenta e suffocadora do fumo de mil fogões, cujos tubos deita fóra das janellas de seus palacios o commodista das cidades, o qual respira unicamente no ambiente temperado dos esplendidos salões? Será emfim permanente e invencivel, ou puramente occasional este antagonismo?

Não o ousamos affirmar; mas os factos, como uma ironia penosa, parecem banir toda a duvida. Ainda ha pouco, n'um luminoso escripto, ácerca da influencia que a guerra da Italia produziu nos animos, disse Eugenio Pelletan o seguinte: «Não posso deixar de confessar, que me parece ver n'uma parte da nação ir-se apagando o vigor do pensamento. Nenhum fogo intellectual, nenhuma inspiração elevada, nenhuma obra séria, nenhum desejo de acontecimento ou idéa nobre, nenhuma corrente magnetica emfim entre a palavra e o auditorio, entre a verdade e a multidão. As horas soam e passam, sem que deixem uma phrase sequer gravada na lembrança.»

E é este effectivamente o aspecto moral e litterario da época: uma frieza, uma indifferença glacial, que abate os animos, e só os deixa accordar para os estimulos da existencia facticia e convencional das sensações exaggeradas. Este seculo é materialista, não materialista por instinctos de impiedade, por que não tem força, nem estudo, nem resolução para entrar n'essas questões; esta mesma apathia o anniquilla para grandes arrojos; mas materialista, porque uma viciosa inclinação de habitos o torna sensualista.

Os resultados da imaginação são sempre os indicios demonstrativos d'estas quadras, em que as forças intellectuaes parecem exhaustas ou adormecidas; a litteratura desapparece, ou mostra apenas a vida pallida dos frouxos e intermittentes clarões do occaso do dia. A poesia, e a litteratura em geral, vão sentindo cada dia mais os effeitos da atmosphera de gelo que as rodeia. Podem dar-se phenomenos individuaes, mais ou menos radiosos, mas sem força de união, sem destino conhecido, sem harmonia, sem a virtude de poderem contrariar o impulso de decadencia, que é a expressão uuiversal. N'esses phenomenos ha brilhos incontestaveis de certo, mas solitarios e excentricos; illuminam, mas tambem compromettem uma época: e nos lampejos de genio que disparzem, se deixam antever destinos gloriosos, tambem denunciam gyros temerarios.

A physionomia geral da Europa culta é positiva: sente-se o sibilar rapido das locomotivas, e o fumo das machinas de vapor tolda o firmamento, onde o poeta quizera entrever as chimeras douradas do seu eterno e suave delirar. Tudo é grave, pesado e *util*, como este movimento economico e industrial. Carecida de azas para levantar vôos audazes, a litteratura rasteja, inquire, copía, explora e commercia. Os trabalhos de erudição, as reimpressões, as novellas ligeiras, as distracções de uma hora, as traducções por atacado, resumem os seus indicios de vitalidade. Em Inglaterra, as vastas e labóriosas typographias de Oxford fazem reimpressões de um luxo ostentoso, e a sociedade camdeniana publica uma serie interminavel de cartas, de memorias, de excerptos e antiqualhas escavados no museu britannico, como anecdotas, curiosidades, resto dos velhos tempos que o esquecimento, o pó das idades e o impulso de novas idéas e novas exigencias haviam posto de parte ha bastantes seculos.

A poesia, a mais intima e sublime revelação do ideal de um povo, está identificada por estreitos laços com certas épocas ardentes da vida das nações, e não é um vão systema, não é uma theoria caprichosamente architectada, senão um facto apoiado sobre a experiencia, que lhe abre e firma a quadra viva da sua efflorescencia. A estação porque estamos passando é a do inverno, para essas risonhas flores que desabrocham das almas enthusiasticas. A arte, nas suas manifestações mais puras e, por conseguinte, mais affastadas das imposições especuladoras das necessidades da existencia, retráe-se para o seu sacrario de marfim e ouro, onde só os filhos predilectos do estro a vêem e tratam, aguardando momentos mais propicios para as suas tentativas de regeneração intellectual.

A Inglaterra e os Estados-Unidos são exactamente os dois povos que evidenceam melhor este triumpho de um movimento positivo sobre uma phase litteraria que passou ou caíu em lethargia. Aquellas tremendas epopeias, cujos episodios de atrocidade sanguinaria e de phantastica e mimosa poesia primitiva, vegetam, se entrelaçam e florescem com as arvores gigantes das florestas do Novo-Mundo, haviam inspirado Cooper. Com os seus romances, grata mistura de poesia descriptiva e tradicções indigenas, desabroxára a mais esplendida aurora litteraria que póde brilhar á imaginação e sentimento patriotico de um povo que se constitue em sociedade. Mas este povo, como diz o auctor dos *Contemporains illustres*, que espirituosamente appellidaram um Hercules no berço, este povo que, apenas nascido dá ás velhas nações o primeiro exemplo de paiz que sabe governar-se por si mesmo, e á França o signal de uma revolução que fez o gyro da Europa; este povo adolescente que doma rios immensos como mares, que abate florestas de quinhentas leguas, que edifica cidades e fertilisa vastos desertos, este povo está longe de offerecer em litteratura uma vitalidade egual á sua vitalidade politica e industrial, diversas causas explicam a sua inferioridade n'este particular.

A primeira é de certo a falta de idioma proprio. Inglezes pela lingua, os Estados da União permanecem e permanecerão por muito tempo, pelo que diz respeito ás causas litterarias, tributarios da Inglaterra. E sobretudo os americanos inglezes são o povo mais activo, mas tambem o mais prosaico da terra. Arrastados por um movimento perpetuo de emprezas commerciaes, economicas e agricolas, só estimam a litteratura e as artes na razão directa da sua utilidade immediata. A New York, New Orleans e Washington possuem milhares de periodicos, grandes como lençoes, destinados a darem informações do que se passa no seio do movimento incrivel d'aquelles centros poderosissimos de commercio e população: produzem e consomem massas de tratados, de diccionarios technologicos, e não contam um historiador notavel, um philosopho, nem um poeta. Aquelle povo não trata de contemplar a natureza, trata de a vencer: não se occupa em admirar as suas maravilhas, mas de lhe arrancar os seus thesouros. Fenimore Cooper, e Washington Irving são os nomes mais notaveis da sua lista de escriptores. Ultimamente uma escriptora, miss Beecher Stowe, exprime notavelmente a feição d'esta sociedade unicamente preoccupada dos seus interesses politicos e commerciaes. A polemica da reforma social, os pleitos da emancipação das raças vieram ventilar-se nas paginas do romance. *A Cabana do pae Thomaz*, á parte os lances de uma fabula anima-

da de sentimento dramatico, e sympathica pelas suas aspirações generosas e humanitarias, resume o assumpto dos debates jornalisticos, e das querellas particulares da America do Norte nos ultimos annos.

Na Inglaterra actuam quasi as mesmas causas. O abalo que Scheridan Knowles e Byron deram por instantes ás imaginações, afroxou: Walter Scott, á similhança das suas lendas do velho paiz de Galles, surge na memoria dos eruditos como a lembrança de uma gloria patriotica: Wordsworth, Coleridge e Southey, com a sua escolla de poetas *lakistas*, adormeceram de todo na paz do tumulo; apenas uma ou outra inspiração solitaria, como a ondulação serena e prateada de seus lagos melancholicos de Westmoreland, vem quebrar a monotonia fastidiosa de algumas horas passadas nos wagons.

A poesia é hoje uma cousa tão rara em Inglaterra, que os bons versos podem-se apontar como uma raridade. O gosto voltou-se para os velhos contos, para as memorias (as memorias que são sempre a prova de decadencia de uma época), para as reliquias dos tempos idos, anecdotas, usos, vestuarios, vestigios archeologicos, supremo esforço de erudição com que a curiosidade entretem o espirito falho de imaginação. As investigações eruditas de Fraser Tytler e as narrativas pintorescas do quaker Howit, que ha pouco publicou dois volumes ácêrca dos campos de batalha, monumentos e antiguidades da Inglaterra, absorvem a attentão, conjuntamente com a correspondencia de Baillie, agora reimpressa. É n'esta correspondencia que figura, com uma verdade que palpita, a scena do julgamento de Strafford, ministro de Carlos I. «É ahi que é necessario vêr o verdadeiro Strafford, exclama um critico moderno, aquelle bello leão mettido em grades, aquella nobre presa agonisante, aquelle caracter de ferro, sobre o qual cahiam, para o dilacerarem, todos os abutres da lei, todas as raivas populares, advogados, juizes, oradores, cabeças de partido, e sobretudo Tym, o seu antigo amigo, aquelle que, depois de lhe ter roubado a amante, lhe disse um dia:—«Strafford, a tua cabeça é o bolo da partida!» Nem Hume, nem Smollet, nem Adolphus, nem Mackintosh reproduziram nunca esta scena de Westminster-Hall com a força penetrante da sua simplicidade historica. É porque o pincel da historia é sempre pallido. Os talentos formado no estudo de gabinete enganam-se sempre. Os homens e os acontecimentos são sempre mais feios e violentos do que aquelles os pintam.

Mas estas paginas, em que tumultuam os lances de atrocidade politica da Inglaterra descriptos com a poesia do sentimento, são

apenas agora reproduzidas, como são as obras de Fuller, Burton, Barrow, Taylor, prosadores inglezes do seculo XVII de um estylo original, eloquente e vigoroso; porque, como fica dito, no meio do silencio do genio creador, os antiquarios, os commentadores, os traductores e edictores são os unicos que dão signaes de vida litteraria. O romance, que teve as suas épocas de agrado e fina critica no tempo de Swift e Foë, de Goldsmith e Thompson, de Richardson e Eielding, cahira nas exaggerações melodramaticas e sinistras de Anna Radcliff, ou nas theorias de moral pratica de miss Edgeworth. *O Castello d'Alhlin, os mysterios de Udolpho, o italiano ou o confessionario dos penitentes negros*, e outras producções de arripiada e terrifica memoria, foram substituidas pelos quadros de lastimavel realidade da miseria das prisões, como os *Mysterios de Londres*, de Ainsworth. Os romances que se apartam d'este realismo repugnante (e é a maior parte), são apenas pequenas obras de exemplo e ensino, cujo fim é absolutamente moralisador, porque se destinam á educação práctica. D'isto ha bibliothecas em Inglaterra.

A litteratura dramatica acompanha esta rapida declinação. Os theatros inglezes copiam o peior da scena franceza actual, misturando-lhe a proverbial licença e despejo dos *gracejos britannicos*. Os melodramas e vaudevilles, ou operas-comicas, e os mimodramas, vistos em todos os theatros de Paris, dispertam deliciosas e geraes sensações na burguezia e no povo inglezes. Como excepção apparece alguma tentativa shakespereana, sem vida nem bom senso, como a tragedia de Stephenes, intitulada *Martinuzzi*, que o publico acolheu rindo primeiro e depois pateando.

Mas deixemos em paz o nome d'estes auctores, que nascem apenas para morrer dos excessos da sua vaidade ridicula. É a escuma inutil de uma litteratura fatigada que se apaga e desapparece. «Não é possivel determinar, dizem Edward Mayhew e A. Bunn, nos seus livros sobre a situação deploravel do theatro inglez, não é possivel perceber, senão que a arte dramatica em Inglaterra chegou ao seu ultimo periodo, que o publico pouco se lhe dá d'isso, que os homens de talento não sabem engendrar uma peça, que os actores e os homens da profissão não tem nem vislumbre de talento, e que é mister emfim pronunciar o *de profundis* sobre a grande musa de que Shakespeare fez a gloria.»

Ora em vista d'isto não nos lastimemos, porque o estado do nosso theatro ainda assim não é tão mesquinho.

A situação litteraria da Allemanha é completamente differente, sem comtudo a sua degeneração dos bons principios ser menor. Na Allemanha não se dá propriamente uma decadencia,

dá-se uma aberração. Os resultados caminham para pontos oppostos.

Aos escriptores da escóla que se proclama nova (a *joven Allemanha*), fallecem-lhe de certo os dotes de imaginação poderosa que fecundam uma época na apparencia esteril ou cansada; e, desvairados pelas leis obscuras de uma esthetica que não se estriba sobre factos nem sobre obras, a sua tarefa cifra-se em escogitarem theorias de arte para as pôrem em pratica. Os poetas em todas as suas manifestações, no poema, na tella e no marmore, embevecidos na abstracção d'estes principios difficeis e nebulosos, tornam-se espiritos enthusiastas que preferem o desvario á verdade, que o extraordinario seduz como se fôra o bello, e que, horrorisados da realidade, que appellidam de material e grosseira, se perdem nas regiões de um vago mysticismo e de uma symbologia pueril.

A Lessing, Klopstok e Wieland cabe a gloria de terem fundado a litteratura classica allemã. O genio de Lessing, diz Henrique Haine, resume e personifica, só por si, uma litteratura inteira. Os seus trabalhos philologicos, criticos e estheticos encontram unicamente rival nos trabalhos sobre artes de Winckelmann. Mas Goethe e Schiller prendem as imaginações com as suas obras, cujo estylo profundo se apropria intimamente á indole e pensamento dos allemães. O genio moderno, suffocado ainda por alguns annos pelo enthusiasmo da erudição antiga, manifesta-se a final no *Fausto*, no *Werther* e nos *Salteadores*. Schiller prende-se mais ao mundo que Goethe: o espirito do seu tempo domina-o; e é com enthusiasmo até que elle hasteia o estandarte dos novos principios. Schiller escreveu para as grandes idéas da revolução. Goethe, o pantheista, engolpha-se nas sensações individuaes, nos enlêvos da natureza e nas combinações profundas da arte. Depois vêem os irmãos Schlegel com a sua escóla, que é principalmente nas obras da arte catholica da edade-média, que escolhe os seus modêlos. Como no tempo em que a santidade dos mysterios do catholicismo preoccupava exclusivamente o espirito dos homens, e cujo dogma era ao mesmo tempo objecto das meditações dos doutores, do canto dos poetas e das composições dos artistas, assim a edade-média rasuscita na imaginação dos poetas allemães, inspirada pela saudade e attractivo das suas tradicções legendarias e crenças religiosas, evidenciando na fórma os excessos do espiritualismo e do sentimento ascetico.

O verdadeiro representante d'esta escóla, o primeiro bardo d'este impulso romantico, partido de Weimar e de Iena, e que se propaga para logo a Inglaterra, passando depois a França



Metrass inv. e grav.

Silenzi stampò

e fazendo em seguida o gyro da Europa, não foi Schiller nem Goëthe, foi Tiek. Uhland, chefe dos modernos *minnesingers* (bardos ou mais propriamente menestreis), como Justino Kerner e Gustavo Shwab, formam o grupo de talentos, que, inspirados junto dos castellos feudaes, que assombram as margens do Rheno, entoam no alaude romantico as baladas de outros tempos.

Esta escóla, que proclama o christianismo como a inspiração unica do genio moderno, toca a sua exageração, do que se segue a chamada escóla néo-gothica, com todos os seus excessos. A historia e a analyse d'estes excessos acham-se feitas com a vehemencia da veia sarcastica de Henrique Heine, na sua *Allemanha*; e Ottfrief Muller e Bœcke, os menestreis d'esta escóla, e Schelling, Hegel e Schlegel, os seus apostolos e doutores, não escapam aos epigrammas affiados do critico inexoravel.

Estes abusos do pensamento conduzem á combinação continua dos symbolos, e, como consequencia necessaria, á exageração e á obscuridade. Foi isto que fez escrever as palavras seguintes a mad. de Stael na sua *Allemanha*: — Apenas os artistas allemães sentem qualquer impressão, no mesmo instante deduzem d'essa impressão uma infinidade de idéas: encarecem desde logo o mysterio, mas é para o revellar; e não se póde alardear nenhum genero de originalidade que elles não curem de explicar immediatamente o como essa originalidade occorreu. Grande inconveniente de certo, sobre tudo para as artes em que tudo é sensação: é analysal-as antes de as sentir. Que se poderá dizer de bom, depois de se ter renunciado á analyse? Gozou-se do fructo da arvore da sciencia e a innocencia do talento ficou perdida.

Hoje em dia ainda esta observação parece mais verdadeira. A innocencia do talento está completamente perdida: em Allemanha o fructo do paraiso foi gostado, e por mais que as imaginações se affadigam em querer ostental-a, não fazem senão deixar entrever a lucta intima e penosa das tentações da serpente, segredadas ao ouvido da primeira mulher.

D'este numero affasta-se um pequeno grupo de escriptores moralistas, suave e sympathico grupo da Suissa allemã. Este grupo tem Jeremias Gotthelf á sua frente, que, á imitação de Voss, de Hebel, de Jung Stilling e Pestalozzi, os velhos e puros romancistas que em seus quadros singelos e populares se propunham sempre á rehabilitação do homem pelo dever, se propõe igualmente a inspirar ás classes pobres e laboriosas o amor do trabalho e os sentimentos fortalecedores de uma existencia desambiciosa e tranquilla.

Jeremias Gotthelf obdece n'isto a um elevado intuito moral,

que é combater a chamada *joven Allemanha*, especie de insurreição philosophica e litteraria, prégada pelos aventureiros e charlatães politicos, que arrebatados por idéas de reforma radical, lisongeiam os instinctos do povo, desvairando-o e perdendo-o.

Em summa, o desejo de exprimir as abstracções do pensamento, desejo inspirado em excesso pelo genio contemplativo dos philosophos allemães, é o defeito que se revella em todas as obras d'aquelle paiz.

Uma parte da Europa caíu n'uma lethargia, porque até dissereis que tem preguiça de pensar: é sensualista, porque parece se lhe extinguiu de todo a acção interior, e se sente, é unicamente as impressões externas. A Allemanha, pelo contrario, esquece-se do mundo e das comprehensões vulgares, e, se aproveita alguma coisa da terra, é só para lhe servir de meio intermediario, de symbolo, visto ser impossivel de outro modo revellar as concepções que não encontram fórma conhecida n'essas espheras infinitas, cuja harmonia nos escapa.

Swift, sem o pensar, fazia ha dois seculos o retrato e a critica dos modernos allemães, quando descrevia aquella celebre ilha fluctuante do *Gulliver*, onde seus habitantes, especie de lunaticos, viviam constantemente absorvidos nas observações da esphera celeste: era necessario, para serem revocados de tão profundo embevecimento ás considerações positivas d'este mundo sublunar, que uns servos armados de paus com bexigas na ponta lhes descarregassem fortes pancadas no rosto. Era então que despertavam; e ainda assim saíam de suas abstracções para perguntarem uns aos outros como estava a lua, ou como estava o sol!

(Continúa) ANDRADE FERREIRA.

AMOR E DUVIDA.

Quando essa pallida fronte
Por momento pensativa,
Cai ás vezes de repente,
E se amortece a luz viva
Que nos teus olhos resplende,
Sinto que est'alma se accende
De um fogo, de uma paixão,
Que me desvaira a rasão!

A terrivel incerteza,
Esta duvida constante,
Desapparece um instante!
Creio em ti: — foge a incerteza
Que todo o meu ser domina;
Torno á vida, e livre aspiro
N'um mundo que se illumina
Da encantada luz do amor!
Depois, se um flébil suspiro
Vem de teus labios á flor,
Oh! como então és amada!
Como tens aos pés rendida
Toda a força d'esta vida
Que por ninguem foi domada!

Mas é só por um instante!...
Volta depois a incerteza,
Quando assume o teu semblante,
Aquella glacial frieza,
Que desalenta, que opprime,
Que traz profunda tristeza,
E destroe quanto é sublime!

Um dia no firmamento
O sol vivido brilhava,
E a aragem com brando alento
Entre as ramas suspirava:
Era ali; n'aquelle val,
Que parece destinado,
Para esconder na espessura
Os segredos da ventura!
O coração agitado
N'esse instante te pulsava,
E uma tristeza mortal
O semblante te annuviava.
Allucinado buscava
A causa de onde nascia,
Quando um gesto, uma expressão
Me disse que eu só podia
Tirar-t'a do coração!
Sem mais ver, nem mais pensar
Com que delirio a teus pés
Me viste rendido então!...
Quem podia duvidar
Vendo a ingenua timidez
Do teu inspirado olhar?!
Os labios não revellaram
O que havia em nossas vidas,
Mas as vistas confundidas
Com que eloquencia fallaram!
Chegára a noite, no céo
Vi scintillar uma estrella;
Era brilhante, e era bella,
Mas um presagio mortal,
Um cruel presentimento
Me disse n'esse momento:
«Não fites os olhos n'ella,
Por que essa luz é fatal.

Ámanhã, espesso véo
De trevas ha de envolve-la;
E se de novo surgir
Será para te illudir!»

E esta duvida cruel,
Este constante hesitar,
Quem m'o póde terminar
Quem, senão um teu olhar?!

Julho—59

R. de Bulhão

INFAUSTAS AVENTURAS DE MESTRE MARÇAL ESTOURO, VICTIMA DE UMA PAIXÃO.

(Episodio de um livro inedito.)

IV

DE COMO MESTRE MARÇAL RECONHECEU QUE ERA O MAIS POPULAR HOMEM DO REINO.

Se já se tivesse inventado a *Lampada maravilhosa* e o seu author, o mestre cuidaria figurar nos contos phantasticos do bom mr. Galland.

—«Muito boas noites»—retorquiu elle repetindo-se machinalmente —«A quem tenho a honra de...?»

—«Sois um homem de prestimo e habilidade, mestre Marçal!»— acudiu o interlocutor da esquerda, sem se dignar responder á interrogação inquieta do honrado fogueteiro.

—«Mestre Marçal, sois um homem precioso»—atalhou o da direita encarecendo o elogio do seu companheiro.

—«Favores, favores, senhores meus»—tornou o mestre, estupido de admiração—«Mas a quem tenho eu... como tenho eu a honra...?» Mestre Marçal balbuciava como um camponio, que vem á cidade servir de testimunha n'uma causa crime.

—«Sois mais conhecido do que pensaes, mestre Marçal»—redarguiu o primeiro interlocutor.

—«Quem é que não conhece mestre Marçal!»—observou o segundo. Esta popularidade inquietava cada vez mais o mestre.

«Não vos demoreis por nossa causa»—continuou o primeiro.— «Acompanhar-vos-hemos.»

—«Como?»

—«Como se acompanha um homem. Ao lado, atraz, adiante, como quizerdes.»

— «É melhor ao lado» — interrompeu o segundo. — «Conversaremos.» Mestre Marçal não achou que responder.

— «Com que então,» — proseguiu, depois de breve espaço de silencio, o ultimo que fallára; — «Com que então, mestre Marçal, tinheis tão boas prendas e estaveis callado!»

Mestre Marçal procurou ler no rosto do seu forçado companheiro o sentido d'estas palavras. Era impossivel. Primeiro estava a noite; debaixo da noite o largo sombreiro; debaixo do sombreiro a capa negra do embuçado.

— «Ides açodado, mestre» — disse o vulto da voz aflautada.

— «Confesso que estão á minha espera» — respondeu mestre Marçal moderando o passo que machinalmente apressára.

— «Oh! temos tempo!» — acudiu o mais encorpado.

— «Temos tempo! De que?» — ponderou timidamente o fogueteiro, que não podia atinar com a plausibilidade d'esta ingerencia dos dois desconhecidos na sua companhia, nem com os motivos d'aquella expressão de communidade, que os seus interlocutores insinuavam na conversação.

— «De que?» — retorquio o da direita como admirado e quasi escandalisado.

— «É uma pergunta» — accrescentou o mestre em modos de desculpa.

— «De que? De acharmos o que procuramos.»

— «Mas que procuramos nós?» — exclamou o fogueteiro, tão completamente desnorteado, que já acceitava sem saber a locução collectiva.

— «Vindes de longe, e não nos heis dado pouco trabalho em vos seguir, mestre» — advertiu em fórma de commentario o primeiro embuçado.

— «Ah!» — murmurou para si mestre Marçal com a voz estrangulada de um presentimento funesto.

— «Ha muito que estudaes os artificios de fogo?» — acudiu o segundo vulto.

Mestre Marçal nem se atreveu a negar. Era evidente que o seu segredo estava descoberto. Passado o lance, custou-lhe a perceber como escapára d'elle.

— Por quem sois, meus senhores» — exclamou tranzido — «por quem sois, não me deiteis a perder!»

— «Perder-vos» — respondeu jogueteando com as palavras o primeiro embuçado, que parecia extremamente faceto e propenso ao motejo. — «Perder-vos! Pelo contrario: queremos... aproveitar-vos.»

O arrevesado e cruel trocadilho, que desafiára uma gargalhada em duetto, arripiou o mestre.

Caminhando alguns passos em silencio, o fogueteiro parou de re-

pente, e, dirigindo-se aos dois n'um tom plangente capaz de derreter penedos, disse-lhes juntando as mãos:

— «Pelo amor de Deus deixai-me ir para minha casa! Minha mulher espera-me, e...»

Não poude acabar. A imagem terrivel da senhora Medéa, surgindo do meio de tantas angustias, rematára a torvação ao infeliz com a lembrança do que seria a catastrophe caseira na presença de uma ausencia illimitada.

— «Vossa mulher!» — tornou o segundo embuçado. — «Devieis agradecer a Deus a demora que vos trouxesse distante de tal Eva.»

— «Que póde pedir meças á serpente» — atalhou o outro vulto epigrammatico, versado como se vê nos estudos da historia sacra.

Mestre Marçal reflectiu que os dois incognitos não só tinham seguido os seus passos, mas conheciam intimamente a sua vida.

— «Isso não, mestre Marçal» — continuou o que primeiro lhe retorquira. — «Pedi o que quizerdes. Tudo vos faremos. Menos largar-vos.»

Como o honrado mestre em taes apuros lhes não podia solicitar coisa que mais agradavel lhe fosse, não teve remedio senão conformar-se.

— «A vossa companhia é preciosa mestre Marçal» — proseguiu o outro embuçado, como para o consolar, não ficando atraz do seu companheiro em attenções. — «Não vos deixaremos, não. Ninguem sabe para o que está guardado, e bem certo é dizer-se que a fortuna é céga. Hoje na fama, amanhã na cama. Vá lá um homem fugir á sua sina! Assim, mestre, é vir comnosco, e o futuro a Deus pertence. Estaes com gente que sabe tratar, e fio-vos que ninguem vos molestará, nem vos heis de dar mal em nossa companhia. O vosso foguete, via-se que era peça acabada. Pelo dedo se conhece o gigante. Jurára que se ouviu a meia legua, e bofé que me alegrei de ouvil-o! Ha tanto que a gente anda desacostumada d'isto!»

Mestre Marçal não sabia o que pensasse. As ponderações philosophicas do seu ultimo interlocutor pareciam envolver um sentido duvidosamente significativo, que ora o ameaçava pavoroso como um auto do Santo Officio, ora lhe sorria aprazivel como uma esperança mysteriosa.

Conhecia que estava á mercê d'aquelles homens, mas os seus modos lhanos e cortezes começavam a dissipar-lhe as terrificas suspeitas que o haviam sobresaltado. As observações finaes do embuçado, que ultimamente fallára, lisongeando o seu amor proprio de artista, haviam-n'o singularmente impressionado. Em boa verdade a consciencia dizia-lhe que o recente desbarato das suas ambições não merecia os mal empregados e importunos elogios. Mas, por outro lado, segredava-lhe a vaidade que os profanos, não podendo adevinhar os mysterios da sua engenhosa concepção, e vendo n'aquella vulgar composição um

foguete como todos os foguetes, podiam assim mesmo admirar a perfeição relativa do artefacto.

—«Quem sabe»—dizia elle comsigo,—quem sabe se são alguns fidalgos, que souberam do meu prestimo e o desejam aproveitar para seus divertimentos e folgares?... Oh! lá isso não... a lei é... A lei!... Mas elles hão de sabel-a, e se assim mesmo querem, é por que lá terão modos de compor-se com as justiças de Sua Magestade... Com tanto que paguem bem, e me deem um bom terreiro, eu não seja mestre Marçal se lhes não armo uns arteficios de fogo tão novos e vistosos, como nenhum castelhano era capaz de fazer, nem o melhor bombardeiro de Flandres idear.

Arremeçada a estas alturas, a imaginação do mestre, que principiava a tingir-se de côr de rosa, não punha freio ás conjecturas.

—«E como elles me conhecem!—continuou nas divagações do soliloquio mental—«O que é um homem ser nomeado nas artes do seu officio! Não ha ninguem que não saiba.»

Mestre Marçal lamentava seriamente os inconvenientes da celebridade dando-se por victima da gloria.

—«Pois não tenho a mais pequena idéa d'estas vozes»—foi proseguindo como que a namorar-se mais e mais nas proprias cogitações. —«Não admira. Um homem não póde conhecer toda a gente, que se praz em serpes volantes, e rodas floridas, e as mais fabricas admiraveis que se podem apurar n'esta arte peregrina.

N'este arrojo da complacente phantasia do mestre, íam chegando á testada do terreiro de S. Domingos.

Mestre Marçal quiz enfiar pela Bitesga que era o seu caminho.

—«Por aqui»—disse o vulto mais robusto, tomando-lhe o braço e guiando-o para o lado do Rocio.

—«Mas para onde vamos nós, senhores meus?»—perguntou mestre Marçal renascendo-lhe instinctivos os terrores ainda mal esquecidos.

—«Vamos a casa de uma pessoa, que muito deseja travar conhecimento comvosco, mestre»—respondeu em tom quasi confidencial o embuçado que primeiro o saudára.

Mestre Marçal tornou com isto ás anteriores conclusões, e deu promoção geral ás suas esperanças.

Corrigindo as supposições com uma observação mais atenta e placida, assentou lá comsigo que os seus dois adjuntos eram escudeiros, e que os escudeiros o levavam a casa de um titular pelo menos.

Os receios da ordenança com todos os seus rigores, se não lhe desappareciam de todo, íam progressivamente declinando.

Mais socegado e desopprimido depois d'esta decisão, mestre Marçal deu a andar com desembaraço e confiança. A poucos passos olhava já para os companheiros com certo ar de protecção.

O mestre era d'aquelles caracteres, mui frequentes e notavelmente afortunados, que transformam sem hesitação em absolutas certezas as suggestões do seu bestunto, e convertem n'outros tantos infalliveis dogmas todos os disparates, que tiveram o privilegio e a fortuna de lhes rebentar do cerebro.

Atravessando o Rocio, os tres homens subiram ao Bairro alto, e pararam á porta de umas casas de boa apparencia, que faziam frente para a travessa da Cruz e esquina para a do Arcebispo, a qual corria paralella com a de Estevão Galhardo, ainda hoje existente, posto que mui diversa do que então era.

Mestre Marçal não viu apparato de serviçaes e pagens; mas, como lhe custasse a demolir tanto do pé para a mão o phantasioso edificio architectado pelos seus incuraveis desvanecimentos, pensou que naturalmente o queriam receber com recato e segredo, pois que, em todo o caso, o fim para que o buscavam sempre era melindroso.

O vulto mais baixo bateu, e uma velha escrava moura veiu abrir resmoneando.

Mestre Marçal e o outro embuçado ficaram fóra.

Passados instantes de breve conferencia, saío o embuçado que entrára e disse para o companheiro:

—«Vamos ao Pateo das Comedias.»

Sem mais observações, este ultimo travou novamente do braço ao fogueteiro, que nem idéa fazia do que era o Pateo das Comedias, e todos juntos desandaram o que tinham andado.

V

DE COMO MESTRE MARÇAL CONTINUOU A SUA PERIGRINAÇÃO NOCTURNA

O honrado mestre, cujas faculdades se íam de mais em mais conturbando com estas complicações, fluctuava entre nebulosas aprehensões e risonhas esperanças.

O Pateo das Comedias, onde se achava estabelecido o theatro publico, ficava para a rua dos Arcos, que desembocava na da Bitesga. Este theatro pertencia ao hospital de Todos os Santos, que era o seu empresario, por um privilegio especial confirmado em 1595 por Alvará de Philipe II.

Tanto que chegaram, o embuçado, que entrára antecedentemente nas casas da travessa da Cruz, separou-se do companheiro e sumiu-se n'um corredor tortuoso, que abria uma bocca de Adamastor ao canto do quadrilatero, cortado de algares e de charcos pouco odoriferos, que se chamava o Pateo. A luz mortiça e vesga de dois candis afumados, appensos ao lado anterior das humbreiras do portal estreito e baixo, como

que ainda mais realçava as trevas anteriores d'aquelle mysterioso sorvedouro. Fóra, no ambito do pateo, a escuridão era completa.

Mestre Marçal, inteiramente noviço n'estas regiões, e de todo ignorante dos seus costumes, não sabia o que pensasse de um burburinho de vozes que ouvia proximas, chilrando, rindo, e chacoteando n'umas pinhas invisiveis de gente galhofeira, com tal desenfado e petulancia, que a mesma seriedade do mestre sentiu as cócegas do riso contagioso.

De vez em quando saíam de um ou outro dos pequenos ajuntamentos alguns exploradores praticos nas difficuldades do piso, e, orientando o rumo pelas immediações dos recemchegados, passavam, por elles com uns: «oh! oh! ...» e uns «ah! ah! ...» extraordinariamente joviaes. Estas exclamações um tanto á queima roupa, em vez de offenderem o vulto que ficára em companhia do mestre Marçal, provocavam-lhe um sorriso malicioso, que este felizmente não podia ver. O mestre, cada vez mais afferrado ás suas conjecturas, attribuia com toda a modestia os monosyllabos admirativos, que lhe zumbiam aos ouvidos, á sua incomparavel popularidade.

Era comtudo evidente que só a presença, pelos modos respeitavel e respeitada, do seu accessor impedia que esta hilaridade vaga se convertesse n'uma applicação directa ao desditoso heroe.

O physico de mestre Marçal produzia o seu costumado effeito. Se os curiosos podessem n'aquelle momento adevinhar e entrar no mysterio das suas meditações não teriam menos que rir.

De repente, uma voz esganiçada em falsete, rebentando de uma fresta sobre o mestre, como um estilhaço lascado e cortante, despertou-o no melhor das suas chimeras.

—«Oh! oh! . . . ah! ah! . . .»—dizia a voz resumindo as diversas intonações de comico pasmo, que sussurravam cá em baixo em redor de mestre Marçal.—«Voto a Belzebuth que lobrigo ahi um entremez de carne e osso. . . de osso principalmente. Boas noites tio Longuinhos, ou como é a vossa graça. .. Tio Longuinhos heis de ser. .. Para aqui, tio. Bofé que nos estaes fazendo falta. Upa! Alçae-me uma d'essas ripas, e estaes cá em cima. Precisamos de uns espeques assim para representar o cavallo de Troya... ao natural. Upa, tio Longuinhos! Uma pernada, vamos. Sereis dos nossos. Talhado sois para isso. Por Gil Vicente e sua filha Paula Vicente, que déra eu todas as comedias novas, e até os autos e chacotas da moda antiga para vos ter comigo em cima das taboas! Fareis á maravilha o papel de Polyphemo entysicando de ciumes. Pois o D. Lançarote! . . . Temos cá tambem um manto de Plutão presidindo aos infernos, que vos irá á maravilha. Eh! eh! . . . Trepa, tio Longuinhos. Upa! . . .

Tu tambien, insigne palma,
Eres aqui forastera!»

Cantarolou para remate o interlocutor aereo, applicando em romance castelhano, lingoa vulgar no palco, á esguia pessoa do mestre, com visivel intenção de parodia, o popular moteto da palma, das velhas trovas do rei Abderrahman.

Tudo isto fôra emphaticamente recitado com tal volubilidade de palavras e tal variedade de inflexões, que não dava quasi logar á reflexão.

Mestre Marçal, posto que já familiarisado com todos os ápodos plebeus, como nunca na sua vida tivesse ouvido, disparado de um jacto, tal aggregado de coisas desusadas, exdruxulas, e absolutamente inintelligiveis para elle, ás primeiras palavras levantou a cabeça com o assombro de um homem que ouvisse um pintasilgo desfechar-lhe um discurso, e com o gesto attonito que provavelmente faria o propheta Balaão ao escutar as primeiras phrases da jumenta palreira. O resultado d'este movimento foi receber em cheio a saraivada da extravagante apostrophe.

Ficou atturdido.

Um côro de gargalhadas accolheu a eloquencia exuberante e luxuosa do orador inesperado.

—Calt'-te lá, farçante»—gritou debaixo o embuçado, que ficára com o fogueteiro, em tom mais complacente que irado.

No mesmo ponto as gargalhadas emudeceram. Quem já houvesse costumado os olhos á obscuridade, teria visto mergulhar uma cara travessa e vadia por detraz da apertada adufa que lhe servíra de tribuna.

Era o Gracioso da companhia.

Passado um quarto de hora, o outro embuçado voltou, e veiu ao encontro dos dois, que se lhe approximaram. Quando elle atravessava pela tarja vermelha e tremula, que a luz dos candis projectava á entrada do corredor, apezar da sua perturbação notára mestre Marçal que a ponta de uma comprida espada arregaçava a orla inferior da capa ao desconhecido.

— «São escudeiros» — concluiu para si, consolado de tudo, admirando tanto a perspicacia do seu espirito de observação como a sagacidade da sua previdencia.

Mestre Marçal, como se vê, estava disposto a reparar nas coisas com bons olhos. Para tirar outras inferencias seria necessario confessar a si mesmo a ridicula jactancia das suas imaginações, e a inopia dos seus juizos, e n'isso não concordava elle facilmente. Quanto a perceber aquella enfiada de mysterios era coisa de que já nem tractava.

Duas horas de pratica tinham-n'o familiarisado com os enigmas. Com pouco mais, seria capaz de decifrar á primeira vista, como Oedipo, todas as subtilezas dos gryphos thebanos, e travaria intimidades na álea das seiscentas sphinges do rei Amenophis.

— «Voltemos a casa» — disse o embuçado que descêra do corredor. — «Sahiu ha pouco de cá, e já estará quando chegarmos.»

Abalaram todos do pateo.

— «Até á vista, tio Longuinhos» — gritou da sua adufa a mesma voz, que pouco antes pozera em perigo a rasão vacillante do mestre.

— «Maldito! Tem pilhas de graça!» — observou sorrindo confidencialmente o vulto, que ainda não largára o braço ao fogueteiro.

— «Sabeis o que houve?» — disse para aquelle o seu companheiro.

— «O que houve?»

— «O Barbas pregou dois murros na Lacaia, que lhe pôz um inchaço em cada face, e a Lacaia rachou a cabeça ao Imperador com um pedaço de gruta dos jardins de Babylonia, que apanhou á mão.

— «Arrufos! Não dá nada de si, vereis» — ponderou sentenciosamente o outro.

— «Foi por isso que mandaram chamar Sua Mercê!»

— «E então?»

— «Está tudo accommodado. Não passou a mais.»

— «Não vol-o disse eu? Isto nunca rende coisa maior.»

O embuçado que entrára não perdêra o tempo. Esmiuçára em poucos minutos as mais recentes occorrencias do tablado, que ainda hoje não é isempto de casos analogos.

Mestre Marçal, para quem tudo aquillo era de todo o ponto novo e indecifravel, julgava-se n'um mundo phantastico ouvindo contar, com tal naturalidade como se fôra uma coisa trivial, a historia d'estas familiaridades entre lacaias e imperadores. Todas as suas idéas hierarchicas se abysmavam diante da narração d'aquellas anedoctas, que, pela fórma por que eram contadas, pareciam usuaes e correntes.

Mestre Marçal pensou que o mundo podia muito bem ter dado uma volta desde o seu casamento com a senhora Medéa.

Quiz certificar-se.

— «Perdoae» — observou cortezmente ao que referia o facto — «Pelo que oiço teremos brevemente execução.»

— «Uma execução!»

— «Certamente.»

— «Que execução?»

— «A execução da Lacaia.»

— «A execução da Lacaia! Mas como entendeis a execução da Lacaia, mestre Marçal?

— «Com baraço e pregão, e todo o mais do costume, coisa muito para se vêr e admirar, e para servir de exemplo e escarmento aos perversos.

A honrada indignação do mestre varrera-lhe a memoria do delicto

recente, que podia muito bem arrumal-o n'esta cathegoria reprovada. Abrindo os diques á facundia da sua virtude, proseguiu:

— «Presumo que não a esquartejarão por decencia. Como é pessoa do povo tambem não morrerá de garrote.»

— «Mas para para que hão de executar a Lacaia?

Os dois interlocutôres estavam em pólos oppostos: não podiam entender-se. O segundo embuçado ria maliciosamente nas dobras da sua capa traçada.

— «Porque hão de executar a Lacaia!» — ponderou mestre Marçal estupefacto da pergunta que era uma duvida.

— «Por que hão de executal-a, sim?» — retorquio já impaciente o companheiro.

— «Perguntaes-me por que hão de justiçar e executar a Lacaia!» — insistiu o mestre exconjurande-se. — «Porque? Pelo que fez!»

— «Mas o que fez não é de forca.»

— «Pois não é caso de forca um atrevimento d'aquelles? um crime de lesa magestade pelo menos? Em que tempos estamos!

A orthodoxia dos seus escrupulos insurgia-se contra esta indifferença do incognito companheiro, pouco mais ou menos como um confidente ministerial deplora o septicismo, que põe em duvida a absoluta e incomparavel superioridade dos seus amigos.

O embuçado replicou procurando o sentido das palavras do fogueteiro, como quem quer forçar o espirito a decifrar um enigma complicado.

— «Crime de lesa magestade! Qual crime?»

— «Pois ainda achaes pouco atrever-se uma lacaia, uma cuvilheira, penso... nem açafata de certo... a levantar a mão para um imperador... que eu não sei que imperador esteja agora cá na cidade... não ouvi ainda fallar... mas, como ainda ha pouco dissestes, foi aggravo a um imperador...»

— «Oh! oh! oh!..» — atalhou o embuçado menos prompto na comprehensão, percebendo a final, e fazendo a segunda á risada do companheiro, que já havia entrado na mente do mestre. — «Oh! oh! oh!... Sois um homem como não ha outro, mestre Marçal.»

— «Sou um homem como não ha outro! Porque?»

— «Sois. Descançae. Não haverá justiçados nem execução. Sinto dizervol-o: teremos de passar sem esse desenfado. O imperador e a lacaia lá se entendem.»

Esta conclusão extravagante derrotou de todo mestre Marçal. Suppõe-se com bons fundamentos que o illustre e desditoso pyrotechnico finalisou os seus dias sem apreciar bem aquella intelligencia e camaradagem entre tão humilde officio e tão excelsa gerarchia.

Feliz ignorancia, que seria hoje um enorme anachronismo!

N'isto chegavam de novo todos tres á casa da travessa da Cruz.

A escrava moura veio logo abrir, como se já os esperasse. Os dois embuçados entraram fazendo passar adiante o mestre, cortezia que este julgou o mais favoravel presagio.

Continúa

J. DA S. MENDES LEAL, JUNIOR.

COMMEMORAÇÃO

Já não dobram os sinos e o canhão já não ribomba. Passou o sequito funéreo, e o estandarte do castello fluctua no tope das ameias. A dôr, porém, dura ainda, como o luto e a tristeza não sahiu de todos os corações. Morreu a senhora D. Estephania, rainha de Portugal; morreu a esposa do senhor D. Pedro v!

Ha pouco mais de um anno, em logar de um lugrebe sahimento, que dos paços dos reis se dirigia á sua derradeira morada na terra, em logar do soturno estampido da artilheria soltando d'espaço a espaço o seu pregão de morte, viamos nós sulcarem magestosos as aguas do Tejo os navios portuguezes empavezados, conduzindo a Lisboa uma esposa para o rei, uma rainha para o reino, e uma extremosa mãe para todos!

E o canhão ribombava tambem n'esse dia, coma ha pouco ribombou! Mas então não era como agora, o signal da magoa publica; eram salvas festivas, que saudavam a noiva coroada. Então as armas não se inclinavam em funeral, o povo não trajava os crepes da orphandade, as lagrimas não corriam dolorosas por faces melancholicas; não, n'esse dia tudo era jubilos e contentamento, que eram aquelles esponsaes os do *Amigo do Povo*, o senhor rei D. Pedro.

As bandeiras desferidas ao vento, as flores espargidas pelo sollo as musicas entoando hymnos de alegria, os arcos vergados por festões, e grinaldas, todas as manifestações emfim de um sincero alvoroço eram

á porfia pordigalisadas d'alma, para commemorar a entrada em terras de Portugal da que então era tanta esperança!

E o povo acompanhava com rara espontaneidade o seu rei n'estas demonstrações de regosijo, porque o rei tinha com abnegação rarissima acompanhado o povo nos dias de provação e amargura. Pacto sacratissimo foi aquelle tacitamente concertado entre ambos. Não póde já haver alegria para um, que o outro não aquinhoe; já não póde haver para este dôr, que não custe lagrimas áquelle!

Foi por isso, que, n'um momento, de descuidosa e jovial a cidade se tornou penalisada e sombria, foi por isso que tudo se cobriu de luto, que os divertimentos esmoreceram, e as preces affluiram aos labios em que os sorrisos desmaiaram!

E para mais se entranhar a dôr, a primeira noticia da morte da senhora rainha D. Estephania não foi recebida como verdadeira, tanto doia o ser acreditada. A esperança, ultimo sentimento que se apaga no homem, não queria ainda n'esta conjunctura abandonar os affectos que a bondade conquistára. A anciedade do receio estremecia já os corações, e ainda a fé se não havia d'elles apartado.

O triste desengano cortou finalmente o tenue fio. Aquella esperança que brilhava nos olhos, aquella fé que se recatava no peito, morreram do golpe, e a consternação foi mais viva, mais sentida, e mais pungente!

Começaram os prantos, a dôr repartiu-se igual por todos, desceram os distinctivos funerarios do palacio do rei até ao albergue do pobre, porque o coração do pobre não podia desamparar n'este transe o coração do rei, companheiro seu, seu vigilante e benefico protector, na hora terrivel da adversidade.

Profundamente pesaroso foi o intervallo que decorreu entre o dia funestissimo, em que o espirito tão pouco da terra se desprendeu e voou ao céo, e o dia das derradeiras despedidas, em que os ultimos despojos da rainha atravessaram a cidade coberta de luto para irem repousar no jazigo da Dymnastia de Bragança.

Todos então de certo se lembraram de outro regio e funebre préstito, que, poucos annos antes, precorrêra as mesmas ruas para ir parar aos portaes do mesmo templo. N'esse, as vozes do povo e os cantos dos poetas celebraram o caso memoravel, quasi presagio, da pomba que pousou na corôa do feretro real.

N'este, a pomba faltou. Como não havia de faltar, se fôra a mesma pomba que despregára as azas?

A. DE BREDERODE.

CHRONICA

No mez que findou havia uma data que era a alegria de um povo e a esperança de um rei; agora perpetuou-se outra que enlutou o coração do primeiro e levou metade da alma ao segundo. Houve um dia de intervallo entre a saudação ao berço e a deploração no tumulo. Foi o ultimo aviso do céo de que o anjo revoava para o regaço de Deus. Symbolisou-se n'este espaço o que tinha sido aquella vida.

A commemoração de tão dolorosa e inopinada catastrophe já a fez no artigo que precede a chronica, um nosso amigo e collega; por isso nos limitamos a registal-a.

Resta-nos porém, mencionar um acto regio que a gratidão do monarcha dictou e que o coração do povo acolheu. A mão que se recusára á homenagem official, estende-se agradecida ao sentimento popular. A carta que em seguida transcrevemos é um abraço do homem-rei aos seus irmãos na dôr. Eil-a:

«Meu charo Duque. — São poucas as consolações e os lenitivos para dores «taes como a que n'este momento me persegue. É mais uma provação e «durissima, pela qual approuve á Providencia fazer-me passar.

«É raro ter conhecido a maioria das desgraças na idade aberta ás am«bições, e ás illusões de que aquellas costumam proceder. Resigno-me «com a minha sorte: cumprir o dever pelo que elle é, e não pelo que elle «póde valer.

«Para fazel-o sobra-me o exemplo da esposa que perdi quando começava a «apreciar o thesouro de que me foi dado gosar. Era um coração para a «terra e um espirito para o céo.

«Nos quatro annos do meu reinado, eu e os meus povos temos sido com«panheiros de infortunio. Diz-me a consciencia que nunca os abandonei. «Não me abandonem elles hoje, que procuro um conforto e quasi o não «encontro senão na religião que manda crer e esperar, e nas lagrimas, que se «confundem com as minhas.

«Queira o Duque transmittir a expressão do meu reconhecimento ás cor-«porações e aos individuos que nos dias lutuosos que acabam de transcorrer, «se lembram que no meio d'elles, ha alguem que padeceu e padece muito.

«Creia nos sentimentos de estima e de consideração com os quaes sou seu

— 21 de Julho de 1859. sincero affeiçoado»

D. Pedro.

Este documento ha de ficar historico val quanto mais se poderia dizer.

...

...

...

No mundo politico ha uma novidade importante a consignar: estão já em andamento dois concursos para caminhos de ferro. Um, o principal comprehende as linhas do norte e de leste; o outro a prolongação do das Vendas Novas por o interior do Alemtejo.

O contracto provisorio que diz respeito ao primeiro é indubitavelmente de quantos se tem apresentado o que offerece melhores vantagens e mais favoraveis condições. O ministro das obras publicas, Antonio de Serpa, com a sua administração firme, illustrada e laboriosa tem subido no conceito publico e a attenção geral acompanha os seus actos com o applauso merecido. Cortando por muitos abusos inveterados com verdadeira energia tem estabelecido praticas salutares que hão de ficar e de que o futuro ha de colher os resultados.

Tambem o monumento á memoria de D. Pedro IV foi devidamente lembrado pelo sr. Antonio de Serpa, nomeando uma commissão composta de individuos reconhecidamente habilitados, entre os quaes se notam dois artistas distinctos, o sr. J. P. de Sousa, professor de desenho na academia das bellas artes e o sr. Victor Bastos, esculptor. Ha portanto tudo a esperar dos membros que formam a commissão, e estamos certos que hão de confirmar a boa opinião que merecem geralmente.

Sabemos que o voto da maioria da commissão, é que a base da estatua seja uma columna, e attendendo á fórma da praça julgamos o mais acertado. Nenhuma outra poderá ostentar a grandeza e elegancia necessarias n'um terreno rodeado de edificios altos e quasi uniformes. Só a elevação lhe póde dar magnificencia.

Agora cumpre-nos tambem manifestar um voto, que o é igualmente de todos que prezam a gloria nacional, e que vendo a occasião de poder engrandecel-a se empenham no seu esplendor.

Raiou entre nós uma vocação poderosa para a esculptura, tornando-se logo segura e brilhante. É o condão divinatorio do genio. Não somos nós que o dizemos, são as suas obras: é a estatua do conde das Antas, é o busto de Rodrigo da Fonseca Magalhães. Taes documentos devem ser valiosas recommendações, as melhores e as unicas para a illustrada commissão attender. Deixem pois gravar um nome portuguez n'um monumento nacional, já que o temos digno de justificar a escolha, e serão duas glorias a perpetuar em vez de uma.

As deserções para o campo continuam sempre, e a semsaboria cresce diariamente em Lisboa. O theatro normal conserva-se aberto ás quintas feiras

e aos domingos; mas o publico parece consideral-o fechado. Representou-se ali a *Fada*, de Octave Feuillet, traduzida por Rebello da Silva, que é um primor litterario no original e que a traducção soube igualar. A interpretação foi esmerada, e se não obteve um exito brilhante foi por que o genero a que pertence a comedia, é pouco apreciado das nossas platéas.

Tivemos noticias de Cintra, que nos dizem estar devéras animada. Convive-se pouco; mas todas as tardes ha numerosa reunião em Sitiaes. Realçam, segundo ouvimos, o prestigio d'aquellas reuniões duas bellezas andaluzes e uma formosa amazona, que alliando a elegancia á dextreza, atravessa gallopando n'um fogoso corcel aquelle lindo campo, fazendo reviver na imaginação uma das mais deslumbrantes heroinas de Walter Scott.

A noticia de um livro é sempre rara entre nós, e de um bom livro para estudo ainda mais, por isso nos apressamos em annunciar aos nossos leitores que o eminente escriptor Rebello da Silva, já mandou para a Imprensa Nacional, parte de um volume da *Historia de Portugal*, começando na dynastia de Bragança, trabalho importante de que fôra ultimamente encarregado, e no qual estamos convencido ha de sustentar a elevada reputação que tão justamente adquiriu.

A vinda da Ristori realisa-se. Consta-nos que enviára ao ex.^mo^ Commissario Régio o repertorio das doze representações que tenciona dar no theatro de D. Maria II, e que encerra as seguintes tragedias: *Phedra*, *Medéa*, *Mirrha*, *Adrianna Lecouvreur*, e uma comedia *O marido zeloso*. É devéras para festejar a occasião de podermos admirar e applaudir uma das primeiras celebridades tragicas do seculo.

Mais um artista distincto illustra este numero da *Revista Contemporanea*. A estampa que hoje damos e que representa um *Episodio da degolação dos innocentes*, foi phantasiada e gravada pelo sr. Metrass, nome que pertence á esperançosa pleiada da nova geração, e um d'aquelles que melhor a tem sabido honrar.

Todos os que prezam as bellas artes no nosso paiz, ainda que poucos são infelizmente, conhecem o auctor dos quadros, *Camões na gruta de Macáu*, o *Juizo de Salomão* e a *Leitura dos Lusiadas*, e sabem que conquistou ligitimamente a reputação de que goza, cultivando o difficil genero de pintura historica, e enriquecendo pela valiosa escolha dos assumptos a galeria nacional.

É facil adevinhar no esboço que representamos, analysando a elegancia e suavidade dos traços que formam aquelles grupos o delicado pincel que animou as fórmas graciosas das duas mulheres que symbolisam e realçam os dois bellos quadros a *Leitura d'um romance* e o *Copo de Champanhe*. A voluptuosidade morbida de uma e a indolencia seductora da outra, foram admiravelmente caracterisadas n'aquellas sympathicas criações.

No *Episodio da degolação dos innocentes*, domina o terror, e vê-se que o esboço podia tornarr-se obra de valia, alargando-lhe o artista as dimensões, e dando-lhe o vivo colorido da sua palheta.

ERNESTO BIESTER.


Souza gr.

JOSÉ EDUARDO MAGALHÃES COUTINHO

Grande consolação é para o espirito, cansado de observar as luctas travadas no mundo pela cubiça, pela ambição e pela vaidade, o contemplar a serenidade de animo do homem que vive pela sciencia e para a sciencia: grande alegria é para o coração, que busca na sociedade a virtude, que procura a luz por entre as trevas d'essa corrupção assustadora, que a religião, a rasão e o progresso ainda não poderam extirpar, o encontrar no homem superior pela intelligencia, illustre pela sciencia, as nobres qualidades da alma, sem as quaes o talento não póde ser util á humanidade, nem contribuir efficazmente para a civilisação.

O estudo, e sobre tudo o estudo da natureza eleva o espirito, e quasi sempre desenvolve e robustece as mais puras e nobres virtudes. É impossivel ao sabio, que analysa a sublime harmonia do universo inteiro, que observa a pasmosa perfeição dos seres vivos, a gradual evolução do organismo sobre a terra, a perfeitissima combinação dos orgãos que, nos seres animados de todas as ordens desde o mais simples até aos mais complexos, contribuem para o mais impenetravel dos segredos da natureza, a vida; é impossivel ao sabio, que conhece as grandes creações do espirito humano, e contempla a marcha rapida para o progresso, que a humanidade faz pelos arrojos da imaginação, pela incansavel intensidade do estudo, pelo poder da vontade creadora dei-

xar de reconhecer a taes maravilhas uma causa infinitamente grande, eternamente perfeita. A contemplação da natureza conduz ao conhecimento de Deus; e este conhecimento á virtude e á fé no futuro aperfeiçoamento da humanidade. Quando o espirito se eleva por esta fórma acima das miserias mundanas, para buscar nas harmonias da natureza e nas grandezas do universo, nas creações sublimes do genio inspirado, o bello em toda a sua pureza, tudo no espirito caminha para a perfectibilidade. As paixões perdem os seus arrojos perigosos, a vontade de fazer o bem torna-se mais robusta, torna-se a alma magnanima para perdoar, terna para consolar os afflictos, persuasiva para aconselhar os fracos, grande e generosa para acudir e aliviar aos que padecem.

É pois certo que a vida intima, a historia do espirito dos homens de sciencia, singela quasi sempre, mas nem por isso destituida de interesse, merece tanto ser conhecida como a historia cheia de agitações e de luctas do homem publico. Aquelle, pela meditação, cria ou desenvolve as idéas, este, pela acção, muitas vezes as realisa outras a contraría; aquelle abre novos horisontes á sociedade, este encaminha-a para os pontos luminosos que brilham n'esses horisontes novamente descobertos, mas tambem muitas vezes a desvaira e perde. A sciencia e os seus cultores merecem n'este seculo, mais do que em nenhum outro, a estima e a gratidão da sociedade. Deixando as regiões vagas da theoria especulativa, e quasi sempre esteril, a sciencia mundanisou-se, sem nada perder da sua natureza: hoje a sciencia procura ser util, creando novas riquezas, descobrindo novos meios de estreitar os laços de fraternidade entre as nações, prolongando a vida e minorando os padecimentos dos homens pela hygiene e pela medicina. Pela analyse rigorosa dos factos, pela experimentação conscenciosa e incansavel, a sciencia tem tomado, n'este seculo sobre tudo, um caracter de gravidade que as theorias dos antigos sabios lhe não podiam dar, e ao mesmo passo tem-se vulgarisado, tem illustrado e enrequecido os povos.

Magalhães Coutinho é um d'esses homens notaveis pelo amor á sciencia, incansavel estudo, vasta instrucção, singelesa de caracter e não desmentida bondade, cuja historia deve ser conhecida por aquelles que presam e estimam o talento e a virtude.

Como chegou Magalhães Coutinho a occupar o primeiro logar entre os cirurgioes portuguezes? Quaes foram os seus primeiros passos na carreira das letras, e donde lhe veio aquelle amor, aquelle conhecimento dos bons escriptores gregos e latinos que é hoje tão raro já? Como se desenvolveu aquelle talento? como se

aperfeiçoou aquelle caracter? Elle proprio nos dá na interessante carta que teve a bondade de dirigir-nos a singela historia da sua vida, até á época em que, por meio de um concurso, subiu á cadeira de professor. Eis a carta:

Amigo Corvo.

Mais por te fazer a vontade do que por outra coisa, escrevi isso que ahi vae, que não sei que nome lhe possa dar.

Nasci em Evora, capital da provincia do Alemtejo, em 24 de Outubro de 1815. Meu pae, José Bernardo Magalhães Coutinho, era então alferes do regimento de cavallaria n.º 5. Fui muito doente em creança. Posso julgar mais porque tenho ouvido dizer a meus paes do que pelas minhas recordações d'esse tempo, que o meu temperamento exageradamente lymfatico, deu grandes receios de que podesse levar-me para alguma affecção tuberculosa. Se assim foi, parece-me que sou um bom exemplo de feliz transformação physica. Cedo principiei a aprender a ler. Minha mãe foi o primeiro mestre que tive: receiando ella que eu lhe tomasse a sua fórma de letra não quiz ensinar-me a escrever. Foi imitando alguns traslados que comecei a fazer os primeiros exercicios de escripta, mas sem direcção de pessoa alguma. Pelo que consegui n'este ramo, persuado-me que teria sido melhor que minha mãe não tivesse sido tão escrupulosa. Tinha sete para oito annos quando me mandaram para uma escóla de primeiras letras onde um mestre de feia catadura me fez decorar a grammatica portugueza de Lobato e muita doutrina christã pelo compendio da Diocese de Montpellier: a taboada e as quatro especies de contas em numeros inteiros e quebrados, tambem entraram na minha aprendisagem. Mal tinha aprendido estes rudimentos, ou antes bem mal aprendidos estavam ainda, que sahi de Evora para Torres Novas. Ali mandaram-me estudar latim com um padre, que, a julgal-o pelas remeniscencias que ainda hoje tenho, em grandes embaraços se deveria elle achar para entender o breviario. Mais de anno e meio levei com um methodo latino, que se me não engano era o de Antonio Felix, e com Sulpicio Severo e Eutropio. O meu mestre cada dia se mostrava mais enthusiasmado pelos meus progressos, porém eu na realidade não andava nem para traz nem para diante. A respeito da analyse grammatical jejuava com o bom do padre. Vieram por este tempo os acontecimentos politicos de 1828 para 1829, e eis-me de jornada para Lisboa na companhia de meu pae, que poucos dias de liberdade gosou na capital, porque o

poder da intendencia geral da policia receiou ver ameaçados os inauferiveis com a presença de um official, já desligado, por não ser affecto ao systema reinante. Meu pae foi preso, e eu para ahi fiquei não sei como, nem aonde. Por algum tempo não pensei em aulas: não deixei porém de ler. Os livros que possuia, além dos meus compendios, eram—uma Biblia, uma historia de Portugal por Laclede e um Camões. Estes volumes eram apenas aquelles que entravam na portatil bagagem do pobre official de cavallaria. Não sei quantas vezes os li. O que sei é que foram muitas; e sem pretenções te digo, amigo Corvo, que d'essas leituras que sósinho fazia tirei eu mais idéas, do que das tyrannias escolasticas com que até ali me tinham perseguido. A educação caseira e bisonha que tive nos primeiros annos, fez-me ter medo de Lisboa: só mais tarde e muito tarde lhe tomei o gosto: parece-me que esse medo me preservou de grandes eventualidades durante o tempo em que vivi quasi de todo desamparado, o que não durou muito. Antonio Maria do Couto, professor de grego encartado, e de tudo por curiosidade, recebeu-me para sua casa. Perguntando-me o que eu tinha estudado e ouvindo a reposta sincera que lhe dei, cuido que perdeu as esperanças de fazer de mim alguma coisa, vendo-me crescido já e sabendo tão pouco. Quiz-se desenganar comtudo. Levou-me á aula, mandou-me sentar e abrindo Tito Livio, logo no principio, disse-me que traduzisse. Qual traducção nem qual diabo! Era no prefacio que principia por aquellas palavras que nunca mais me esquecerão—*Facturusne operæ pretium sim, etc.* Que barulho que me fez este sim! Eu tinha a cabeça quente como um fogareiro, a garganta secca, e as arterias do pescoço batiam-me ao compasso como martellos de ferreiro. Nunca me tinha visto em tão grande aperto. Sr. Couto, disse eu com voz sumida, eu ainda não traduzi Tito Livio. Está bem, não se afflija: o periodo tem seu dente de coelho, é verdade, mas com tempo tudo se consegue. Pouco me consolou Couto com estas palavras, em quanto não pude rehabilitar-me fiquei mais casmurro do que um allemão. N'esse mesmo dia em que dei entrada em sua casa, mais como filho do que como discipulo, fui assistir á aula do latim onde ouvi traduzir o meu já conhecido Eutropio, e com elle Tito Livio e Virgilio. Couto não me passou lição: só me disse que fosse todos os dias á sua aula, que attendesse ás lições dos meus companheiros e que todo o tempo de que podesse dispor o aproveitasse estudando. Fiquei muito desconsolado com estas prescripções, porque me pareceram a expressão da pouca confiança que eu poderia ter inspirado. Não desanimei todavia, e cumpri religiosamente

o que Antonio Maria do Couto me ordenou. Alguns mezes se passaram sem que me fizesse a menor interrogação, quando finalmente n'um bello dia dirigindo-se a mim me diz : — Então, meu amigo, como vae isso? Tem aproveitado? Julgo que sim, lhe respondi eu. Pois então dê lição. Aonde? lhe perguntei eu. Abra esse Tito Livio ao acaso e traduza. Abri ao acaso e traduzi: depois fez-me analysar algumas orações; e repetindo a mesma coisa com Virgilio, esfregou as mãos com ar de contentamento e disse-me: Está bom; de hoje por diante fará aqui as minhas vezes de tarde, ensinando-me estes meninos, e apontava para os meus companheiros, quasi todos na verdade mais moços do que eu. Com esta graduação fiquei como se póde presumir. Ao passo que frequentava a aula de latim, ouvia tambem todos os dias os exercicios de francez. Estava já tão familiarisado com as aventuras de Telemaco e as fabulas de Lafontaine, que a toda a hora declamavam os meus companheiros, que já quasi sabia de cór tanto o livro de Fenélon como o do insigne fabulista. Um dia Antonio Maria do Couto fez-me no francez a mesma surpreza que me tinha feito no latim. Quem conhece a facilidade, que dá a pratica dos exercicios no estudo das linguas vivas, não se admira por certo que eu diga que estava desembaraçado. Entretanto, ainda n'aquelle tempo se não tinha vulgarisado muito este methodo de as estudar; e Antonio Maria do Couto que, pela sua incorrecta pronuncia de francez seria talvez reprovado n'um dos nossos lyceus d'hoje, conseguia todavia por esse methodo que adoptava, que todos os seus discipulos podessem em pouco tempo traduzir com desembaraço da lingua franceza. Quasi que eu já principiava a ter-me em grande conta, quando um dia me disse Couto—«meu amigo, isso que sabe não vale nada, é preciso estudar outras coisas. Vamos á logica, á historia, á rhetorica e ao grego.» Pois vamos, lhe disse eu com resolução. Mas quando eu pensava que havia estudar em primeiro logar uma d'estas disciplinas para passar para outra, eis que me vejo a braços com os compendios de todas ellas. Então Antonio Maria do Couto, prevendo as difficuldades com que eu estava, disse-me: —Não se admire. As faculdades do nosso espirito não esperam muito umas pelas outras para se desenvolverem. É preciso que o trabalho do estudo as vá aperfeiçoando quasi ao mesmo tempo. Demais, a cultura que se dá a uma tambem aproveita ás outras. Achei acertada a observação e promptifiquei-me para os meus novos estudos, continuando sempre com as aulas de latim e francez. Couto não era um sabio, mas era talvez mais do que isso; porque tinha boa intelligencia e muito espirito d'ordem. As suas lições de

logica eram exemplarmente feitas para conduzir a mocidade n'este estudo. A sua linguagem era clara, e sabia pôr se tanto ao nivel de seus discipulos, que pouco perdiam do que elle dizia. Mas se até aqui tinhamos admirado os dotes de preceptor que Couto possuia, no grego achámol-o um homem profundo e erudito. Tive gosto pelo estudo da lingua grega, e mais de uma vez Couto me lisongeou o amor proprio em presença de muitos dos meus condiscipulos, alguns dos quaes devem aos seus talentos e aos bons estudos que fizeram a consideração que a patria lhes tem dado. Deus me livre de que por estas palavras me supponham vaidoso. São recordações da mocidade. Se a ellas dou algum incenso, é peccado de que devo ser absolvido, mesmo porque poucos haverá que lhes não dêem o mesmo culto.

Tinhamos chegado a 1831. As perseguições politicas tinham tocado o seu auge. O governo preparando-se para a guerra civil, procedia a um rigoroso recrutamento. Eu tinha 16 para 17 annos e corpo bastante para tomar altura n'uma companhia de granadeiros. Comecei a receiar que me obrigassem a sentar praça, vida para que me não chamava a vocação, mórmente n'aquella época em que teria de combater as minhas crenças, porque já tinha crenças: tinham-as infiltrado no coração a orphandade em que me via e as scenas de carnificina que regalavam a brutalidade dos canibaes da época; tinham-as inspirado o estudo e a religião. A tudo isto chega já bem a comprehensão dos dezaseis annos.

Antonio Maria do Couto, vendo-me n'estes receios, chamou-me um dia e disse-me que me matriculasse na Escóla Régia de Cirurgia. Fez-me o elogio da profissão cirurgica que ouvi com pouco enthusiasmo, porque as minhas idéas eram de ir para a universidade de Coimbra frequentar o curso de Direito. Vá para o hospital, me disse elle, e se não gostar da vida, a todo o tempo a póde deixar para seguir a que quizer. Do que se trata agora é de evitar que o façam soldado. Seria para mim um desgosto muito grande, e ainda maior para seu pae. Não fiz mais reflexão. D'ahi a poucos dias apresentei-lhe a minha matricula da escóla que me isentava do recrutamento. Frequentei a aula de anatomia em 1831, e a de materia medica em 1832. Estudei pouco tanto n'uma como n'outra. A inquietação em que trazia o espirito pelas desgraças da minha familia, e a necessidade em que me via de continuar com os meus exercicios de latim e de grego, tiravam-me o tempo de estudar. Cheguei mesmo a ter o conceito de mau estudante entre os meus condiscipulos.

Havia pouco tempo que me tinha matriculado no 3.º anno da escóla, quando se proclamou em Lisboa a Carta Constitucional e

a legitimidade da Senhora D. Maria II. O dia 24 de Julho de 1833 deve ainda hoje lembrar muito áquelles que tinham então já cabeça para pensar e coração para sentir. Uns se lembram ainda d'esse dia como o da origem dos seus infortunios; outros o festejam como causa de bons successos. Felizmente não sou dos primeiros. Se me perguntassem n'aquelle dia se tudo quanto via era bom, dizia que sim, porque a allucinação era grande. No momento em que se gosa da suprema felicidade não lembra o que geme. Para que venham sentimentos que mais se liguem com a reflexão carece-se de pausa. D'esse dia por diante senti-me reviver. A minha familia reuniu-se logo toda. Depois tratou-se de fixar as coisas domesticas, como era natural, e julgou-se de conveniencia que eu continuasse o curso da Escóla de Cirurgia. Parece-me que foi acertada aquella resolução. Era preciso porém interromper os estudos por algum tempo. A mocidade de Lisboa correu toda a alistar-se nos batalhões, e eu fui tambem. Pouco tempo servi com as armas na mão. Logo depois da acção do dia 5 de Setembro de 1834, fui requisitado pelo cirurgião-mór Lourenço Felix Sardinha, director do hospital militar da Estrella, afim de o ajudar no tratamento dos feridos. Applicar os appositos, e servir de enfermeiro, velando pelos doentes, foram as funcções em que me empregaram. Não sabia fazer mais; mas fil-o com dedicação tanto a amigos como a inimigos. A attenção respeitosa que todos davam ao cirurgião-mór, os sentimeatos de reconhecimento e de amisade que lhe rendiam aquelles a quem tinha acudido, deram-me pela primeira vez idéa sublime da profissão que elle exercia. Juro que, se n'aquella occasião me tivessem dado a escolher uma posição social, todas sacrificava á de cirurgião.

Mesmo em presença de todas as perturbações da época fomos chamados a fazer acto do 3.º anno. O governo de então tinha outras idéas a respeito dos cursos academicos, que não tiveram os que depois vieram. Amigo Corvo, vou-te contar agora um episodio que parece fóra de proposito, mas que o não é; porque ainda agora sinto toda a influencia que tem na direcção que dei ao meu estudo. No dia 24 de Julho de 1833 tinha saído das prisões da Cova da Moura, onde estava julgado por crimes politicos, Manoel Maria Barbas, que tinha sido estudante da Escóla Cirurgica e que não tinha ainda acabado o curso. Apenas foi solto, este homem veiu matricular-se na escóla para continuar o curso. Reunia elle as boas qualidades intellectuaes improbo trabalho de estudo, e uma propensão para exercer despotismo sobre os seus condiscipulos, como nunca vi em ninguem. A sua ironia, quando se dirigia a um companheiro que julgava inferior a si, era verda-

deiramente infernal. Tenho ainda hoje presente aquelle caracter, como conservo as recordações de alguns typos de Hoffman, Goethe e Byron. Talento correspondente ao seu estudo não possuia elle, porque seria um homem muito notavel da época, se o possuisse. O que é certo é, que este homem me incommodava por um modo incrivel. Comecei a estudar, mais por causa d'elle do que por causa de meus mestres, ou do meu futuro. Como te disse já, eu tinha estudado pouco para a aula de anatomia e de materia medica, e para me pôr em dia na aula de clinica cirurgica, que era o 4.º anno, precisava estudar tudo. Assim o fiz. Parece-me que nunca estudei tanto. Ahi vivem ainda muitos dos meus condiscipulos que não deixarão de confessar a admiração que lhes causou a minha metamorphose. Eu só me não admirava d'ella. Se elles soubessem as feridas que Manoel Maria Barbas me fazia no amor proprio tambem se não admiravam. O trabalho trouxe-me porém grandes compensações. No fim do 4.º anno já Manoel Maria Barbas me não parecia o temeroso Golias que tanto me tinha assustado. De todas as materias que tornei a estudar e que deviam constituir a armadura contra o meu gigante, a anatomia foi aquella a que mais me dediquei, não só por ser a que menos sabia, mas tambem por ser aquella porque realmente tinha mais gosto. O que é verdade, é que nunca mais a deixei de todo, mesmo para a não esquecer. Não ha estudo algum no curso da Escóla mais capaz de levar longe a nossa intelligencia do que o anatomico. Quem sabe anatomia sabe por força toda a cirurgia. Affirmo-te, amigo Corvo, que apesar dos melhoramentos que as escólas medico-cirurgicas teem tido de 1836 para cá, ainda ha que fazer no que respeita á organisação de estudos práticos, principalmente anatomicos.

Em 1836 acabei o curso e tirei carta.

Em 1837 acompanhei o marechal Saldanha ao Chão da Feira. Para esta digressão militar houve motivo alheio ás minhas opiniões politicas, que não eram n'aquella occasião as mesmas porque combatia o illustre marechal. O conflicto de 28 de Agosto d'esse anno entre as forças que o marechal commandava e as do conde de Bomfim, deu occasião ás primeiras operações cirurgicas que pratiquei. O primeiro ferido que operei foi o conde de Villa Real. Uma balla de artilheria lhe tinha levado o membro inferior direito a pequena distancia da verilha. Os estragos eram grandes. Uma amputação immediata estava indicada. Não hesitei. Pouco pessoal, falta de torquinete, maus instrumentos, nada d'isso me embaraçou. O que era urgente era não deixar passar o momento da indicação sem operar. Pratiquei a amputação, a qual teve

o melhor resultado que eu podia esperar. Todavia ainda me lembra a commoção que experimentei n'aquelle acto. Não me esquecem facilmente estas impressões. Tem-me succedido uma coisa notavel na minha vida prática, e que eu attribuo mais á minha boa estrella do que a outra qualquer circumstancia. Nunca deixei de ser feliz nas mais graves operações que tenho praticado pela primeira vez.

Cheguei depois a Lisboa em fins de 1837.—Estava pois cirurgião e devia começar a auferir interesses da profissão. O plano que se podia seguir logo para chegar a esse resultado era ir estabelecer-me fóra de Lisboa, em alguma terra pequena, onde os ricos proprietarios não deixariam de retribuir-me o trabalho com os moios de trigo de partido, os patos, os perus e varias pitanças mais, e assim iria formando um capitalsinho que podesse dar nas vistas de algum lavrador honrado que, para me dar todas as provas de estima, me daria a presada filha que me faria inteiramente feliz tornando-me esteio de longa prole. Quanto ás necessidades do espirito tambem não deixaria de achar remedio para ellas nas conversações *instructivas* com o prior da freguezia e o boticario. Depois tinha tambem a leitura dos jornaes, com seus dias de atrazo, já se sabe, graças á facilidade das communicações; e, se quizesse, poderia servir tambem os amigos politicos fazendo ir á urna o eleitor seduzido pelas minhas influencias. Tive horror a tanta felicidade. O que me fez desprezar esta bemaventurança foi o estudo dos seus effeitos em alguns condiscipulos talentosos, que se conformaram com este modo de viver. Ainda hoje observo muitos exemplos d'estes. Parece incrivel, mas é verdade, como o talento se amesquinha no goso d'essa bemaventurança que repudiei. Para a transformação ser completa, até nas apparencias physicas se revella. É para ver como esse mancebo airoso e esbelto que foi para a provincia fazer fortuna, vem de lá no fim de uns poucos de annos. Emfim, tudo tem suas excepções, mas a regra geral é esta.

Como me deliberei a ficar em Lisboa resolvi habilitar-me para concorrer aos logares do magisterio na escóla. Fui explicador de anatomia e comecei nova vida de estudo, frequentando os cursos de chimica, physica, botanica e zoologia. Como a primeira reforma da escóla veio em 1836, depois de eu ter concluido o curso, era claro que teria de ver-me muito inferior aos alumnos que viessem depois. Ora, tendo aspirado ao professorato, sempre me pareceu conveniente que eu preenchesse as faltas que tinha nos meus estudos. Foi o que fiz do melhor modo que pude. Estes ultimos estudos fil-os eu com muita irregularidade. Se podesse tor-

nar a traz vinte e cinco annos, juro-te amigo Corvo, que havia de aproveitar mais do que tenho aproveitado. Já se sabe que era preciso que ficasse com algumas recordações do presente.

Finalmente cheguei a ser lente da escóla Medico-Cirurgica, que era o alvo de todas as minhas diligencias. Agora, amigo Corvo, desculpa que me cale. Falei do rapaz porque morreu: agora é perigoso continuar: temo a parcialidade.

P. S.—Não seria melhor que deixasses o projecto que fizeste a meu respeito? N'esta observação que te faço não deves estranhar, senão o vir em post-scriptum.

Teu amigo pelo coração

José Eduardo Magalhães Coutinho.

Lisboa 7 de junho de 1859.

A meditação amadureceu o entendimento, a desgraça fortificou o animo e elevou o coração de Magalhães Coutinho, logo nos primeiros annos da juventude; d'ahi lhe veio aquelle ardor no estudo, aquella emulação no trabalho, e aquelle desejo de adquirir conhecimentos, que o tornaram um professor distincto, e um habilissimo cirurgião. A narração singela dos seus primeiros passos na carreira das letras e das sciencias, das alegrias, dos sustos, das esperanças e das tristezas que primeiro lhe agitaram o espirito, é bastante para que se lhe possa apreciar o caracter, mas não basta para que se possa avaliar o seu elevado merecimento.

Na cadeira de professor, Magalhães Coutinho tem a palavra fluente; a sua exposição é clara e simples, ornada com muita riqueza de erudição, mostrando sempre um conhecimento seguro da historia da sciencia, do seu estado actual e das suas applicações. Os discipulos escutam-no com attenção, porque estão certos de que as lições de um tal mestre valem mais do que longas horas de estudo nos livros, e porque a vivacidade da expressão, a animação da physionomia, a convicção e quasi enthusiasmo com que o estimavel professor falla da sciencia captivam a sympathia e seduzem ainda os espirito mais preguiçosos.

Á cabeceira dos doentes, e sobre tudo nos casos graves em que é preciso tomar uma resolução prompta e energica, Magalhães Coutinho, usando de todos os recursos da sua muita sciencia, re-

cordando os numerosos factos cirurgicos que a sua longa practica lhe tem dado occasião de observar, animado pelo vivo desejo de dar alivio aos que padecem, e cheio de justa confiança na sua pericia de operador, adopta sem hesitar o alvitre mais prudente para salvar a vida dos enfermos, poupando-lhes quanto possivel as grandes mutilações, ou as operações muito violentas. Adoptada uma resolução, o operador promptamente a executa, com a certeza, a perfeição, a segurança de um cirurgião que não desconhece nenhum dos preceitos da arte das operações.

É n'esses dias de angustia, de miseria, e de horror, em que as epidemias devastadoras assolam as cidades; quando o pavor faz tremer ainda os de animo mais forte, quando a vida da sociedade como que pára paralisada pelo susto, quando os vinculos do sangue e do amor se quebram muitas vezes por exagerado medo da morte, quando os ricos fogem espavoridos, e os pobres esperam não com resignação senão com terror a sua hora extrema; é n'esses dias de infinita dor, de ancia e desesperação que é nobre e sublime a missão do medico. Para o medico não ha então nem repouso, nem liberdade; o medico não é de si, é da sociedade. Dia e noite assistindo aos paroxismos da dôr, á agonia dos moribundos, ora no lugubre recinto dos hospitaes, ora á cabeceira do amigo ou do parente, o medico precisa ter, n'essas épocas funestas em que a morte devasta a população, uma força de animo sobrehumana: é um heroismo que não recebe em premio nem as honras do triumpho, nem as palmas da gloria, mas que tem uma recompensa mais suave e mais pura; as bençãos dos desgraçados. Recompensa para tão nobres sacrificios não a devem os medicos procurar senão na satisfação que sente a consciencia do homem que cumpriu um dever, e, cumprindo-o, salvou a vida ou aliviou os padecimentos dos seus similhantes.

Durante os dois flagellos de cholera e de febre amarella, que n'estes ultimos annos assolaram Lisboa, Magalhães Coutinho mostrou a sua força de animo e bondade de coração, consagrando todas as horas do dia e da noite ao tratamento dos enfermos nos hospitaes, e ao estudo das causas que podiam provocar na capital o desenvolvimento de tão terriveis epidemias, e dos meios de melhorar o estado da salubridade publica. Magalhães Coutinho é muito irregular no trabalho; ora tem uma incansavel actividade, ora abandona tudo, para se concentrar na leitura, e cuidar nas flores do seu jardim, cuja historia natural elle conhece como bom botanico que é: nos tempos, porém, de desgraça publica abandona as suas innocentes diversões, para se consagrar todo ao serviço da humanidade.

Um dos deveres dos homens de sciencia é communicarem aos estudiosos o resultado das suas observações, das suas meditações e estudos: a sciencia é uma vasta creação da intelligencia e da observação, que só pelos esforços simultaneos de todos os que a cultivam póde progredir e engrandecer-se. Com intelligencia superior, com profundos conhecimentos em todas as sciencias cujo conjuncto constitue a medicina, com a prática de uma longa e variada clinica, tendo executado numerosas e felizes operações, e sendo dotado de um caracter mais propenso á concentração do que á vida buliçosa da sociedade, Magalhães Coutinho poderia ter já publicado uteis escriptos, se não fosse a falta de incentivo que ha no nosso pobre paiz para qualquer trabalho sério em sciencia. Não podemos deixar comtudo de lamentar que elle tenha privado a litteratura medica portugueza, infelizmente tão pobre, dos trabalhos com que facilmente a poderia illustrar. O numero dos seus escriptos, não está em proporção com os recursos da sua intelligencia; nem por elles póde vêr-se quanto é notavel o seu espirito de observação, e lucida a maneira por que elle aprecia os factos.

É preciso que o corpo medico portuguez, em que ha homens verdadeiramente distinctos, se faça conhecer na Europa pelos seus trabalhos. Não basta absorver avidamente instrucção pela leitura, é preciso colligir observações, comparal-as, discutil-as, analysal-as com a gravidade e rigôr que a sciencia hoje exige, e enriquecer assim os annaes da medicina, consquistando ao mesmo passo para o corpo medico portuguez o logar que elle tem direito de ambicionar na Europa. A homens como Magalhães Coutinho compete dar o exemplo: outros desejosos de adquirir gloriosa reputação, sabel-o-hão imitar.

Magalhães Coutinho está hoje na época da vida mais apropriada para os trabalhos scientificos. As paixões da mocidade começam a amortecer-se, a meditação e o estudo a tornarem-se uma necessidade, a rasão attingiu o maior vigor, os estudos que successivamente se fizeram e os vastos conhecimentos adquiridos harmonisaram-se, combinaram-se em justa proporção para formarem uma só sciencia de todas as sciencias: a intelligencia está preparada para observar, para comparar os factos, para descobrir a verdade, para a revellar. O dever do homem de sciencia é não desperdiçar a riqueza que tanto custou a adquirir: essa riqueza não lhe pertence a elle só, é tambem da humanidade, que tem ido accumulando de seculo em seculo os thesouros, onde todos vão buscar a instrucção, onde todos vão fortalecer e engrandecer o espirito.

J. DE ANDRADE CORVO.

NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

(Continuação)

N'este quadro das tendencias geraes da litteratura na Europa, a França apresenta um completo contraste com a Allemanha. O pensamento allemão idialisa tudo, e este systema, levado ao excesso, dá em resultado, na philosophia, as nebulosas abstracções da metaphisica kantista, e nas artes, as abstruosas distincções de uma exthetica que se perde nas regiões vagas do mysticismo e do pantheismo. A França, pelo contrario: todas as propensões do seu espirito, todas as fórmas versateis e inconsistentes da sua sociedade, todo o invasor e universal desenvolvimento da sua industria concorre, directa e indirectamente, para reduzir as obras litterarias ás exigencias positivas de uma necessidade da vida. A França lê e lê muito, mas nas horas rapidas e distrahidas, nos intervallos breves e interrompidos dos prazeres de uma existencia toda exterior, leviana, vertiginosa e facticia.

Considerando-se estas duas propensões do espirito dos dois povos tão adversas e excessivas, uma materialista, outra espiritualista, dir-se ha que a proximidade da França da Allemanha não é um simples accidente geographico senão um forte capricho da historia: ha porventura um intuito providencial n'esta approximação: centro e exemplo do vasto movimento intellectual do mundo nos ultimos tempos, as duas nações, tão distantes na indole litteraria e artistica, quem nos diz que não sejam chamadas a approximarem-se, para, com o combate constante d'esta

approximação, corrigirem o excesso de suas tendencias oppostas, dispertando d'este modo a idéa do justo equillibrio, que é a lei universal de todas as perduraveis creações do espirito e da arte?!

Mas a França hoje vae mais além: a França, a seu pesar, aporfia em fazer da litteratura um ramo exclusivamente commercial, e as condições de uma industria, cujo fim é explorar as aberrações do gosto, são as suas unicas e tyrannicas leis. E para chegar a tão lastimavel resultado conjurára-se não só a frivolidade da época que, prosaica e utilitaria, procurava no livro só uma diversão momentanea de qualquer ordem de idéas mais positivas, mas os proprios acontecimentos, que está acima da influencia e comprehensão dos homens o poder definil-os e explical-os. Os grandes escriptores que, na Restauração e em 1830, haviam aberto uma época gloriosa á França, tem ido morrendo, ou abatidos pela idade e pelos males da patria, tem deposto a penna e encostado a lyra, ficando-se, tristes e sós, a contemplarem as ruinas das discordias intestinas, cujos estragos, todavia, ainda allumiam dos reflexos puros da sua gloria. A musa das inspirações patrioticas, dos maguados e elegiacos queixumes, das energicas e sympathicas aspirações, perdeu muitos dos seus cultores mais queridos e celebrados. Na sua base veem-se negrejar tres corôas de louro, enlutadas de palmas de cypreste. Cazimiro Delavigne, o cantor vigoroso e inspirado das *Messeniennes*, Lamenais o eloquente apostolo dos queixumes do povo, e Alfredo de Musset, o imaginoso e natural poeta dos *Contes d'Espagne et d'Italie*, já não existem. Mais longe o busto de Chateaubriand, o pontifice da nova religião litteraria, tendo a seu lado a imagem serena e risonha de Béranger, o cantor das glorias e das alegrias da França, repousam n'este elysio de espiritos escolhidos. No romance o mesmo: Frederico Soulié, Balzac e Eugenio Sue tambem já não são da França, senão no nome litterario que, pela saudade, os lembra eternamente á memoria de seus compatriotas. Alexandre Dumas pae parece exhausto; e George Sand fechou o circulo das suas dissertações philosophicas sobre os desconcertos da sociedade.

Ainda resta uma phalange illustre, que per si faria a gloria de um seculo; mas, astros que descreveram já de todo o seu circulo no immenso firmamento dos pensamentos grandiosos, talentos contrariados pelos desgostos das crises publicas, ou luzeiros que as borrascas da vida apagaram apenas manifestados os primeiros lampejos, essa phalange está dispersa e tem-lhe esfriado os nobres impulsos que accende a energia dos annos florescentes e a marcha harmoniosa dos acontecimentos da sociedade. Victor Hugo,

deixado nas asperezas do exilio, solta invectivas sublimes, mas invectivas em que trasborda o azedume do pamphletario; e só depois de um forçado e longo silencio imposto á sua lyra de oiro evoca as impressões da mocidade no seu livro das *Contemplações*. N'esse livro porém brilham raras inspirações recentes. A *Legenda dos seculos*, obra publicada ha pouco, talvez prophecia desoladora do desterrado que volve á patria, será o canto do cysne que accorda, gorgeia, e expira?!

Lamartine, esse genio das harmonias do mundo moral, tornou-se historiador e critico. As suas historias da Grecia e da Russia e o *Curso familiar de litteratura*, são inquestionavelmente a decadencia sublime de um tatento que se debate com as contrariedades de uma desdita lamentavel. Até este espirito eminente tão elevado, tão ideal e puro, cede á fatal torrente da litteratura industrial!

No theatro, Ponsard tenta debalde na tragedia elevar a scena aos gloriosos dias de Corneille e Racine: Dumas filho, pelos admiraveis instinctos de uma observação fina e verdadeira, é dos poucos que conseguem apartar-se dos excessos da escóla realista: e Julio Sandeau, Octavio Feuillet, e Emilio Augier, pelo seu espirito profundo e pela naturalidado de um dialogo elegante e delicado, resgatam apenas a arte dos insultos de uma chusma de escriptores, que armam á ignorancia e visiualidade das platéas.

Na critica o progresso é immenso: Villemain, Sainte-Beuve, Saint Mar-Gerardin, Ampère e Nisard são illustrações que só por si caracterisam e recommendam uma época. Mas este mesmo desenvolvimento exuberante e universal da critica qualifica uma quadra de decadencia. A critica renasce sempre após os annos de espontanea e resplandecente expansão litteraria. Quando a litteratura grega fecha o cyclo brilhante dos seus primeiros genios, é que apparece Longino; e Quintilliano e Laharpe tornam-se unicamente dictadores do gosto e da arte quando expiram de todo os seculos de Augusto e de Luiz XIV.

É verdade que a França, apezar das alternativas da historia e dos infortunios dos tempos, e ainda mesmo sob o influxo da monarchia, do federalismo, do episcopado, da anarchia, do terror, ou do despotismo militar; subjeita a toda esta variedade de governos e instituições, tem affrouxado, mas nunca perdido complatamente o equilibrio que lhe concede de direito o sceptro nos dominios da phantasia. Nunca succumbiu á lethargia que abysma costumes e leis, presente e futuro no sepulchro das nações. É um corpo cuja agilidade multiplica a força, e que a suppre pela energia dos recursos, quando o seu impulso natural parece en-

fraquecer de todo; e essa actividade voltou-se agora para outro lado; e uma industria litteraria substitue a litteratura da inspiração.

Na Italia e na Hespanha as causas da decandencia litteraria são quasi communs. A historia dos principaes escriptores italianos e hespanhoes é a historia das perseguições politicas e dos magestosos quadros de lucta liberal. Mas este mesmo espectaculo das revoluções, e os seus revezes e triumphos, inspiraram, engrandeceram e fortificaram as idéas dos dois povos, e é d'este conflicto que irrompem as inspirações patrioticas que accendem o estro dos poetas das duas peninsulas. Monti, Ugo Foscolo, Manzoni, Sismondi, e Silvio Pellico são os chefes d'este grande movimento que, instigado pela oppressão austriaca, e fermentado no exilio e nos carceres de Spielberg, rebentou depois nos formosos poemas do *Promotheu*, *i Sepolcri*, *Carmagnola*, e *Francesca di Rimini*.

Mas o patriarcha d'esta escóla foi Alfieri: Alfieri é o primeiro poeta revolucionario da Italia moderna. Homem de convicções profundas, patriota ardente, inimigo desabrido do despotismo, Alfieri é, na phrase de mad. de Stael, o escriptor de que cada uma das obras tragicas deve ser contada como uma bella acção. É tal o seu desejo de emancipação da patria que exagera este nobre e fecundo sentimento n'um odio a tudo que seja estrangeiro, a ponto de despresar os proprios modêlos do theatro francez. As suas tragedias (*Philipe II*, a *Conjuração de Pazzi*, *Polinice*, *Bruto*, *Agis)* tem todas, mais ou menos, uma intenção politica. N'estas composições o genio da liberdade solta muitos dos seus mais audaciosos vôos, e a tragedia, uma das mais nobres producções do talento poetico, é convertida n'uma magnifica invocação aos dogmas da independencia nacional. Foi n'esta estrada que Alfieri caminhou a par dos profundos pensadores italianos do seu tempo, Vico, Filangieri e Beccaria, separando-se d'estes generosos mas tranquillos espiritos, pelo fogo de seus arrebatamentos.

Reanimada por este genio poderoso, a Italia viu surgir a legião de novos poetas que notamos, a que ainda se podem juntar Pindemonte, Pepoli, Joseppe Revere e Turrotti. Infelizmente a paixão patriotica, que fôra a chamma viva que ateára e fecundára as imaginações, foi tambem o sentimento hyperbolico que inspirou aos primeiros escriptores as apostrophes sanguinarias da Nemesis das vindictas politicas. Nicolini, que pelas suas estrêas, *Edipo*, *Temisto*, e os *Sete de Tebas*, parecia tender unicamente para os modêlos gregos, com a sua tragedia *Nabucho* alistou-se de uma maneira deliberada e aggressiva na guerra de allu-



EL-REY D. FERNANDO DES. Mello gr.

sões sediciosas, de que o *Ajax* de Ugo Foscolo havia dado o popularissimo exemplo. N'esta peça figuram, debaixo de nomes assyrios, Pio VII, Napoleão, Carnot, Maria Luiza e Caulaincourt. Depois d'isto Nicolini entrou n'uma lucta aberta e violenta contra os aggressores da Italia, convertendo cada uma das suas tragedias n'um appêllo directo aos sentimentos da liberdade. D'isto nasce que o genio poetico apenas recorre ás diversas fórmas da arte como a um pretexto para desafogar os seus odios, e que a tyrannia dos oppressores recorre a todos os meios de pressão, afim de suffocar os nobres protestos de uma nacionalidade opprimida. Felice Romani e Bon, apezar dos rasgos brilhantes do seu apreciavel talento lyrico, já não fazem senão accommodar aos theatros da Italia os dramas francezes, ou reduzir ao quadro das composições musicas um ou outro assumpto dramatico da antiga historia italiana.

Mas — diz um critico contemporaneo — a Italia ainda depois de tão acerbos e longos infortunios, se mostra de certo joven e fecunda. Não poderá ella, nação a quem não faltou n'outras eras nenhum genero de gloria, não poderá ella ainda um dia encontrar os portentosos dons do seu genio?!

Parece-nos que já esteve mais longe o futuro auspicioso d'esta generosa aspiração.

Na Hespanha o drama politico tem ligado a todas as suas peripecias a historia dos seus poetas e escriptores: ou, para melhor dizer, a ascensão esplendida de seus vôos ideaes tem encontrado alma e inspiração ardente nos transes afflictivos ou victoriosos das convulsões civis. As revoluções litterarias são apenas um corolario das revoluções politicas, e a historia do Occidente e Meio-Dia da Europa, n'estes ultimos cincoenta annos, assaz o prova com documentos irrecusaveis.

Depois de ter visto raiar dias gloriosos para as letras, e de haver influido com os seus poetas e escriptos no grande movimento dos espiritos do seculo XVI, como a Italia o fizera no seculo antecedente, a Hespanha perdeu de todo o viço da originalidade, procurando debalde retemperar as forças perdidas das suas inspirações nativas na imitação das obras francezas. A exaltação da fé religiosa, o amor ao maravilhoso, os impulsos irresistiveis para o espiritualismo, a cavalheirosa heroicidade dos sentimentos, o arrôjo e desassombro de uma aventureira phantasia, que não só inflammava as idéas, mas exaltava os proprios factos, eram estes os elementos naturaes da litteratura hespanhola, elementos que estimulando e fecundando o genio creador de seus poetas, transpareciam igualmente em todas as manifestações pomposas da sua

sociedade. Era principalmente pelo influxo communicativo da imaginação que predominavam as composições hespanholas. Mas este influxo, cerrados e obscurecidos os horisontes ideaes onde a imaginação solta as azas, esmoreceu e perdeu o condão de suave e attractiva magia, que tão universal tornára o seu imperio. A Hespanha perdêra o seu immenso dominio politico, e descêra á condição de nação de segunda classe. Carlos v, como Luiz xiv, as personificações mais assombrosas da monarchia absoluta, legára o esplendor do seu poder a Philippe ii. Mas, decorridos annos, quando a Hespanha perdeu Portugal e os Paizes-Baixos, o fanatismo religioso completou esta serie de destruições. A inquisição, acabando a obra funesta da adversidade politica, gelou nos animos a energia e espontaneidade do pensamento, e atou os vôos á phantasia poetica. A imaginação dos hespanhoes, comprimida nos seus movimentos, sem os nobres e brilhantes estimulos que dão livre desafogo ao pensamento, estimulos sem os quaes não ha nem concepções audaciosas, nem impulsos de progresso moral ou intellectual, desfallece falha de assumptos grandiosos que a incitem e encendeiem, e fulge apenas de um brilho nublado nos alambicados trocadilhos de uma litteratura affeminada. Gongora foi o monarcha d'esta escóla que fez do estylo poetico uma especie de filigrana de subtilezas metaphoricas, e em que as perluxidades rhetoricas se enlabyrintham nos aguçados conceitos metaphysicos. A esta invasão do chamado *estylo culto* oppoz-se Ignacio de Louzan com a sua poetica, em que promulgou os preceitos do theatro francez. Mas os excessos de Gongora não acharam um freio na imitação de Racine e Corneille, que, pelo seu lado, tambem se tornou um excesso, pois chegou a tal ponto que os hespanhoes representaram no seu theatro todo o reportorio de Molière, traduzindo até as proprias peças que os poetas francezes haviam copiado dos auctores castelhanos, como o *Cid*, imitado por Corneille de Guillen de Castro.

N'este estado de decadencia apparece Moratin; mas Moratin não é um talento que possa personificar uma restauração, nem no theatro onde mais directamente influe com a sua *Comedia nueva o el cafe* e a *Mogigata*. A restauração litteraria, para a Hespanha, começou depois da guerra da independencia, e foi um dos homens não só denodados nos campos de batalha, mas nas luctas politicas, que abriu o exemplo, com escriptos de pura inspiração nacional, de reanimar a litteratura hespanhola, depurando-a das enxertias estrangeiras. O duque de Rivas foi este homem: junto d'elle surdiram Martinez de la Roza, Alcala Galliano, Pastor Dias, que animados das idéas de emancipação li-

beral, transmittiram estes puros e ardentes sentimentos de nacionalidade ás obras litterarias. O *Móro esposito* prova que o duque de Rivas é, na esphera das idéas e da inspiração, um membro d'essa illustre familia de genios, que, quasi nos mesmos annos e impellidos pela mesma corrente de impressões, teve representantes em todos os pontos da Europa culta: Byron, Manzoni, Victor Hugo, Almeida Garrett são irmãos, pela genealogia ideal e alteza de porte, de D. Garcia Saavedra. O seu *don Alvaro*, representado em 1835, fez exultar de orgulho o patriotismo hespanhol. Depois raiaram annos fecundos para a litteratura: Espronceda, Mora, Zorrilla, Avellaneda deram realce á poesia lyrica e ao poema epico; e Gil y Zurate, Garcia Gutierez, Hartzenbusch e Breton de los Herreros resuscitaram na scena a comedia nacional e o drama, dando-lhes a indole e physionomia que lhes communicam a indole da historia.

Mas este impulso, nascido da explosão dos principios politicos, affrouxou com a nova direcção que tomaram as idéas. As discordias internas preoccuparam os espiritos e a politica empenhou os primeiros talentos nas suas deploraveis e estereis luctas. As doutrinas da escóla nova acharam proselytos faceis e diffundiram-se triumphantemente; mas os seus representantes desappareceram ou confundiram-se por detraz dos periodicos nas polemicas politicas. As esperanças, que de repente se accenderam, desvaneceram-se depressa. Apenas um ou outro nome illustre dos antigos, como um ecco harmonioso, a que se juntaram os esforços de Rubi e Lopes Ayala, concorrem actualmente para a litteratura hespanhola de todo não cahir n'essas publicações de fluctuação quotidiana ephemera, que mais accusam as pretenções do que a seiva do verdadeiro talento litterario de uma época.

ANDRADE FERREIRA.

(Continúa)

PALESTRAS SCIENTIFICAS

Principiarei por fallar do oxigenio e do ar athmospherico, em cuja composição encontramos aquelle corpo, e aonde elle exerce funcções tão importantes, que nenhumas outras podem ser para nós de maior interesse, porque d'ellas depende immediatamente a nossa vida e bem estar.

Mas o que é o oxigenio em relação á materia de que o mundo foi constituido? Será um elemento, um corpo simples e diverso de todos os outros na sua essencia, como geralmente o consideram os chimicos?

E podemos nós acreditar com toda a segurança que existem na realidade corpos simples ou elementares?

Não é ainda permittido á sciencia da presente época, apesar dos seus grandes progressos, explicar, com os documentos na mão, como é que a materia cosmica, espalhada pelo espaço desde o origem das coisas, se condensou gradualmente e se converteu n'essa immensidade de corpos celestes, n'esses astros que povoam e abrilhantam o universo.

Mas á nossa imaginação, emanada como a propria materia do grande poder creador, e auxiliada pelas conquistas da sciencia, é facil conceber como saiu do cáhos o maravilhoso edificio de toda a creação.

Interessantes questões de elevada phylosophia, e de cuja solução depende a grande theoria da architectura do universo, se levantam n'este momento para serem largamente debatidas pelos homens da sciencia,

mas que tarde serão resolvidas, se as não cobrir eternamente o espesso véo de invencivel duvida.

A ambiciosa imaginação do homem desperta a curiosidade e traça um immenso ponto de interrogação sobre a cosmogonia do universo; mas a intelligencia, que tem de afferir a resposta na implacavel balança da rasão, vê continuamente oscilar-lhe o fiel, e quasi que desespera de o ver fixar no traço infallivel que marca o equilibrio e nos dá a certeza.

Quando pelo pensamento nos transportamos á origem das coisas, com o intuito de descortinar os processos seguidos pelo Creador na construcção do universo, uma questão se apresenta logo, que não podendo ser directamente resolvida, nos leva para o campo das hypotheses, onde a imaginação nos desvaira muitas vezes. Esta primeira questão é a que se refere á unidade ou multiplicidade da materia e da força.

Com uma força unica e uma só materia podia a Intelligencia Suprema construir e conservar o maravilhoso edificio do universo; mas se esta hypothese seduz pela simplicidade, a contraria póde ainda ser verdadeira e mais proxima está dos limites da nossa observação.

A materia, ao sahir das mãos do Creador, podia muito bem ser uma unica e identica por toda a immensidade illimitada do espaço infinito; mas coisa alguma se oppõe a que o Poder Supremo do universo creasse logo, desde o principio das coisas, differentes especies de materia, diversos elementos, como aquelles que a chimica admitte na constituição dos corpos.

Tambem o movimento e a actividade, em que a materia entrou desde o primeiro dia da creação, ou que a agitava no tumulto organisador do cáhos podia ser produzido por uma unica força, cujos effeitos são tão permanentes como a materia, mas que modificando-se, se manifesta pelos caracteres particulares da gravitação universal, da attracção molecular, da electricidade, do magnetismo, do calorico e da luz, mas tambem coisa alguma se oppõe a que todas estas manifestações, ou parte d'ellas, sejam devidas a forças originariamente diversas.

A physica e a chimica, auxiliadas pela mechanica, ou a sciencia, que apesar das divisões arbitrarias a que a teem sujeitado, não é senão uma, empenham-se actualmente na resolução d'estas questões.

Pelo que toca á unidade da materia, como poderá chegar a chimica a esclarecer as duvidas que a agitam? Será pedindo á analyse que desdobre a materia dos corpos até chegar ao ultimo limite da composição material ou á simplicidade absoluta? Mas aqui não devemos perder de vista que o experimentador nunca póde dizer que attingiu o limite absoluto, porque os meios de que elle póde dispor são evidentemente restrictos, ainda que poderosos.

A analyse, armada de instrumentos e forças de ordem muito supe-

rior á d'aquelles que hoje possue, póde um dia chegar, em relação ao planeta que habitamos, a reduzir os 62 elementos, hoje admittidos, a uma unica especie de materia, e com ella poderá tambem a synthese reproduzir a innumera variedade de corpos que constituem o globo. Mas além dos confins da terra não póde a chimica ter a pretenção de resolver experimentalmente esta duvida eterna, a não ser sobre as pequenas massas que dos espaços planetarios se reunem á terra em fórma de areolithes.

Por longo tempo vagou entre os philosophos a doutrina dos quatro elementos. A terra, a agua, o ar e o fogo eram geralmente admittidos como os constituintes de todas as coisas; mas esta opinião transmittida pelos escolasticos até quasi ao fim do ultimo seculo, talvez não fosse a verdadeira traducção das idéas dos antigos philosophos, e com justo fundamento se póde suppôr, que elles quizeram figurar apenas pela expressão de *elementos,* os estados de solido, liquido, gaz e a combustão ou o impetuoso movimento da materia que se manifesta pelo fogo.

Parece que Empedocles partira da combustão da madeira para estabelecer os seus quatro elementos; e na verdade, quando os vegetaes se queimam, deixam a cinza que representa a terra, ardendo em fogo emittem os vapores da agua, que o frio condensa, e o gaz acido carbonico, que na apparencia se confunde com ar.

Os alchimicos addicionaram á lista dos elementos de Empedocles o mercurio, o enxofre e o sal. Nicolau Le Fevre admittia como elementos; o *phlegma* ou agua, o *espirito* ou mercurio; o *enxofre*, o oleo, o sal e a terra; e assim como os philosophos gregos concebiam a existencia de um fluido tenuissimo, que enchia o espaço do universo, e que designaram com o nome de *ether*, tambem Le Fevre julgou necessario admittir um elemento de outra ordem, a que chamou *espirito universal*, que emanava dos astros, debaixo da fórma de luz; que se corporificava no ar, e produzia quasi todos os phenomenos observados nos mineraes, nas plantas e nos animaes. Veiu depois o *phlogisto*, trazido pelas opiniões de Stahl, augmentar o numero dos elementos hypotheticos ou apparentes; e sobre todos elles as idéas continuaram a ser demasiadamente incertas e de nenhum modo claras.

Lavoisier, estabelecendo os principios rigorosos da analyse, lançou por terra todas essas phantasmagorias de uma sciencia incompleta, inexacta e pretenciosa. Não inventou elle os elementos, mas classificou os corpos conhecidos pela chimica, e estabeleceu a distincção verdadeira entre simples e compostos, traçando desde então para a sciencia um programma racional de que ainda esta se não afastou.

A sua theoria não tem a pretenção de dar os resultados da analyse como os ultimos limites da natureza. N'ella um corpo reputa-se simples quando é refractario a todos os meios e agentes de decomposição;

a sua simplicidade ou elementariedade é relativa aos meios e esforços empregados para o decompor. Os discipulos da escóla de Lavoisier, que foram além d'estas idéas, e que tomaram a simplicidade dos elementos como absoluta, peccaram contra a boa logica.

No discurso preliminar do seu tratado elementar de chimica, Lavoisier mostra a mais prudente reserva sobre este ponto, como se póde ver do seguinte passo:

«Tudo o que se póde dizer sobre o numero e natureza dos elemen-«tos, limita-se, na minha opinião, a discussão puramente mataphysi-«ca: são problemas indeterminados que nos propomos resolver, que «são susceptiveis de uma infinidade de soluções, mas a respeito das «quaes é muito provavel que nenhuma em particular esteja de ac-«cordo com a natureza. Contentar-me-hei pois em dizer que se pelo «nome de elementos julgamos designar as moleculas simples e in-«divisiveis que compõem os corpos, é provavel que não as conhe-«çamos: mas se pelo contrario unimos ao nome de elementos ou de «principios dos corpos a idéa do ultimo termo a que póde chegar a «analyse, todas as substancias, que ainda não podemos decompor por «meio algum, são para nós elementos; sem comtudo poder assegurar «que estes corpos que olhamos como simples, não sejam effectivamente «compostos de dois ou maior numero de principios, mas porque não «se separando estes principios, ou antes não tendo nós meios de os «separar, actuam a nosso respeito á maneira de corpos simples e não «devemos suppor que são compostos senão desde que as experiencias «e observações nos derem d'isso a prova.»

Na lista, que elle nos deixou dos corpos, que reputava elementares, vemos 26 dos que ainda como taes se consideram, sem fallar da luz e o do calorico que a physica moderna não acceita como substancias materiaes, e outros que os progressos successivos da sciencia demonstraram ser compostos. N'esta lista entram os metaes então conhecidos, e os radicaes não metallicos a cuja frente se encontra o oxigenio.

Todos sabem que a lista dos corpos simples ou elementares foi consideravelmente augmentada desde o principio d'este seculo até aos nossos dias, elevando-se o seu numero até 64, ou pelo menos a 62, que hoje são admittidos como inteiramente distinctos.

Um chimico inglez o Dr. Prout imaginou haver descoberto entre os pesos dos diversos corpos elementares, que entram nas reacções, uma relação numerica muito simples, que o levou a concluir que todos elles eram multiplos do peso do hydrogenio, o mais leve de todos os elementos. A consequencia immediata d'este facto seria que todos os corpos elementares resultavam da condensação mais ou menos completa do hydrogenio. O hydrogenio era n'esta hypothese a materia unica reduzida á extrema simplicidade.

Berselius um dos maiores analystas do presente seculo, parece, segundo a opinião do sr. Dumas, ter morrido na convicção de que os elementos simples da chimica mineral eram seres distinctos, independentes uns dos outros, e cujas moleculas nada tinham entre si de commum, senão a sua fixidez, a sua immutabilidade, a sua eternidade.

Eu não creio que Berselius tenha, em parte alguma dos seus escriptos, deixado consignada uma opinião tão absoluta. O systema que adoptou para a contagem dos equivalentes não é prova sufficiente de que a sua opinião fosse contraria á unidade da materia cosmica.

Seja porém como fôr, hoje em dia acham-se frente a frente duas opiniões distinctas, duas theorias diversas e oppostas. Uma, que não quer ultrapassar os limites da experiencia, admitte a simplicidade dos elementos da chimica moderna; a outra, considerando o limitado poder dos nossos meios analyticos, presume com rasão, que ha alguma coisa mais além do que actualmente vemos, e suspeita com bons fundamentos que a hypothese da unidade da materia é a verdadeira e procura demonstral-a.

A primeira theoria pertence á chimica conservadora, a segunda á chimica progressiva.

Qual d'ellas triumphará? Ninguem o póde dizer.

A theoria, que admitte a diversidade dos elementos, tem por si os resultados practicos e palpaveis da analyse chimica.

Aquella que considera uma unica materia cosmica como origem de todos os corpos, está de accordo com um grande principio philosophico—a simplicidade das causas para a multiplicidade dos effeitos—e é auxiliada pelas doutrinas e pelas observações modernas da physica e da astronomia, sem que a geologia a possa desmentir.

É natural que nunca os homens possam escrever a historia da formação do mundo; mas, tomando por balisas os grandes descobrimentos das sciencias physicas, podem figurar na sua imaginação o plano adoptado pelo Supremo Architecto do Universo na construcção do maravilhoso edificio da natureza.

A materia cosmica ou primordial podia, no principio das coisas acharse uniformemente espalhada por todo o espaço; as forças a que o creador a submetteu actuaram sobre ella, e a materia começou a condensar-se em varios pontos d'este campo infinito que chamamos o universo; constituiram-se então as agglomerações pouco definidas da materia, similhantes ás nublosas não resoluveis, que os astronomos nos mostram ainda hoje nos espaços celestes, e que podem ser astros em via de formação. Uma agglomeração mais completa da materia, uma condensação mais poderosa do elemento estellar constituio os astros. Esta agglomeração ou condensação gradual da materia cosmica, podia então dar origem a diversos corpos ou substancias como aquellas que no nosso

planeta observamos. N'este caso esses corpos seriam systemas moleculares definidos, por forças desconhecidas até hoje, e por isso figurando em relações aos nossos meios, como se foram verdadeiros elementos.

Se a analyse tivesse demonstrado a veracidade da relação entre o equivalente do hydrogenio e os dos outros elementos, como o Dr. Prout a havia concebido, poderiamos então com grande plausibilidade suppôr, que o hydrogenio era essa materia elementar de todos os corpos. As experiencias mais rigorosas que se tem empregado na determinação dos pezos equivalentes dos corpos simples da chimica actual, mostram que nem todos se conformam com aquella hypothese; porém os ultimos trabalhos e estudos do sr. Dumas fazem vêr que, se alguns equivalentes não são multiplos do equivalente do hydrogenio, todavia o são de $^1/_2$ ou $^1/_4$ d'esse equivalente. Então é licito suppôr, sem incorrer em absurdo, que a materia primordial e elementar é uma substancia desconhecida, cujos atomos ou moleculas pezam a quarta parte da molecula do hydrogenio, ou por outra que um atomo ou molecula do hydrogenio se formou pela condensação de quatro meleculas d'essa materia primordial.

Não levarei mais longe esta discussão, que aqui não póde ser tratada com a clareza necessaria e a que teem direito os leitores d'este jornal. Contento-me apenas em indicar as duvidas e as suspeitas, que hoje grassam no campo da sciencia, sobre a simplicidade absoluta dos corpos que a chimica admitte como elementares.

O oxigenio será um elemento, um corpo simples no absoluto rigor da expressão? A esta pergunta, que apresentei no principio d'este artigo, ninguem podéra responder com sufficiente auctoridade. Os que exposam a theoria da unidade da materia cosmica, respondem negativamente, mas não podem exhibir as provas positivas da sua asserção. Os que admittem a polyelementariedade, respondem que o oxigenio é um corpo simples por que a chimica o não póde decompôr; mas a chimica de hoje não é a chimica de amanhã, como os homens d'este seculo já não são os mesmos do seculo passado. O que não alcançou o emprestimo de Kepler, obteve-o a analyse de Newton. O que Stahl não poude ver, demonstrou-o evidentemente Lavoisier, e Lavoisier apesar do seu grande genio não viu tudo, por que os seus successores teem enrequecido prodigiosamente o inventario da chimica.

Simples ou composto, o que é verdade, é que para nós o oxigenio é um corpo distincto de todos os outros, dotado de qualidades caracteristicas e de grande energia, e actividade chimica e que por isso as suas funcções na ordem material do mundo são das mais importantes.

A experiencia de Lavoisier, que citei no artigo antecedente, aquella

experiencia fundamental que foi a primeira manifestação das tendencias da chimica moderna, mostrou claramente que o ar atmospherico era na sua essencia composto de dois corpos gazosos de natureza diversa. Um, indifferente aos metaes, sem tendencia alguma para se combinar com elles, incapaz de servir á respiração e improprio para alimentar a combustão; n'elle os animaes morrem asphixiados e a luz de uma vela immediatamente se apaga. Este é o *azote*. O outro, ou espontaneamente ou auxiliado pelo calor, entra em combinação com os metaes e com elles constitue compostos particulares e diversos dos proprios metaes: com o mercurio, que é liquido e brilhante, fórma uma substancia solida, rubra na côr, pulverulenta na fórma e baça no aspecto, que a medicina emprega em varios casos: com o chumbo produz o massicote e o azarcão de que as artes se servem: com o ferro dá origem á ferrugem, que destroe os utensilios e instrumentos d'aquelle metal tão util como vulgar; finalmente, unida a cada um dos outros metaes, produz substancias muito diversas pelas suas qualidades e applicações. Este é o *oxigenio*.

Se mergulharmos no ar privado do oxigenio um pavio acceso, vel-o-hemos apagar-se immediatamente. Se pelo contrario o mergulharmos no oxigenio, arderá com extrema violencia; o proprio ferro, reduzido a fio delgado, e tendo na extremidade uma pequena porção de isca accesa, sendo introduzido em um frasco cheio de oxigenio, incendeia-se facilmente e arde com grande vivacidade, derramando brilhante luz, que exparge vivas centelhas em todas as direcções.

Se tambem n'uma porção de ar, que não contenha oxigenio, introduzirmos um animal vivo, dentro em pouco vel-o-hemos caír morto; mas se antes de expirar o transportarmos para um espaço cheio de oxigenio novamente recuperará a vida, activando-se a respiração por tal modo que parece redobrar; e tão activa se torna esta funcção, que os orgãos respiratorios entram n'um estado inflammatorio a que o animal não póde resistir por muito tempo, acabando por succumbir, para assim dizer, ao excesso da vida.

Para separar de entre si o oxigenio e o azote do ar, Lavoisier fixou o primeiro d'elles ao mercurio e do composto produzido separou aquelle gaz pela acção de um forte aquecimento.

Os chimicos hoje não carecem de empregar o mercurio para obter o oxigenio: muitos corpos nos podem servir para o alcançarmos por meios simples e pouco dispendiosos, de modo que a preparação do oxigenio é hoje operação de pouco momento.

A quantidade de oxigenio que existe no globo é immensa e quasi incalculavel. Mais de uma quinta parte do ar que circunda a terra é de oxigenio. A agua do mar, a dos rios e das fontes, toda a que circula pela terra, toda a que, nas regiões polares e nas montanhas elevadas,

existe congelada, toda a que no estado de gaz se move no vasto campo da atmosphera, em vapores invisiveis ou em nuvens, d'onde se desprendem as chuvas e as neves, toda ella contém mais de 88 por 100 de oxigenio.

Na parte solida do globo a quantidade d'este principio não póde ser inferior áquella que entra na constituição do ar e da agua, antes a deve exceder, se attendermos ao seu estado de condensação. As rochas calcareas que constituem a maxima parte das formações stratificadas da terra, contém 50 por 100 de oxigenio. Os granitos, os prophyros, os basaltos e todas as rochas siliciosas, as areias, os barros e argilas encerram uma porção incalculavel de oxigenio. Finalmente na constituição dos seres vivos, nas plantas e nos animaes que povoam a superficie da terra, ou vivem mergulhados nas aguas, entra ainda aquelle principio em notavel proporção.

Quantidade tão prodigiosa de um elemento, dotado de energia tão efficaz, ou, como dizem os chimicos, de tão fortes afinidades devia necessariamente representar na formação do nosso planeta, e provavelmente na ordem dos outros corpos celestes, um dos mais importantes papeis, senão o mais consideravel.

(Continúa)

J. PIMENTEL.

INFAUSTAS AVENTURAS DE MESTRE MARÇAL ESTOURO, VICTIMA DE UMA PAIXÃO.

(Episodio de um livro inedito.)

VI

DE COMO MESTRE MARÇAL VEIU A ACHAR NAS CASAS DA RUA DA CRUZ A EXPLICAÇÃO D'AQUELLES MYSTERIOS.

Guiado pelos seus companheiros, o mestre entrou n'uma especie de ante-salla. Ao canto da casa havia uma mesa pequena, coberta até aos pés de baeta verde usada, com guarnições de galão amarello. No topo, entre rumas de papeis, estava assentado um homem trajando de preto. A luz, posta sobre a mesa, deixava na penumbra o resto do aposento, dando-lhe em cheio no rosto, e fazendo contrastar um semblante florido e prasenteiro com o escuro da casa e o negror das vestes.

Mestre Marçal chegou-se entre os dois embuçados, obedecendo ás prescripções d'estes.

O homem, que estava á mesa, fitou no fogueteiro uns olhos claros e vivos. Depois de folhear um quaderno, perguntou-lhe:

— «Sois vós mestre Marçal?»

— «Marçal sou para vos servir, e mestre não me permitte a minha modestia dizel-o; mas, com a ajuda de Deus e do seu santo padroeiro, muitos vol-o dirão.

— «Sei, sei.»

O homem escreveu o que quer que fosse, e continuou:

— «Natural?»

— «Natural...como?»

— «Natural... d'onde?»

— «Ah!... Natural d'esta cidade, meu senhor.»

Mestre Marçal não via a precisão de lhe averiguarem a naturalidade.

— «Edade?»

— «Quarenta e quatro annos. Hei de fazel-os para o S. João que vem.»

— «De vossa profissão fogueteiro?»

— «Quando havia fogueteiros» — observou malignamente o mestre.

O homem sorriu.

— «E de vosso estado, casado?»

— «Casado, é verdade.»

Mestre Marçal suspirou este «é verdade» como quem diz: «desgraçadamente.»

O homem tornou a sorrir.

— «Prompto» — disse terminando expeditamente a sua escripta; e, abrindo a porta que lhe ficava ao lado, foi para dentro.

Passados momentos voltou e disse a mestre Marçal:

— «Podeis entrar.»

Mestre Marçal tinha tomado a prudente resolução de já se não admirar de nenhuma occorrencia, por mais disparatada que lhe parecesse.

A salla que se seguia, e onde o mestre foi introduzido pelo individuo das perguntas, ficando fóra os dois homens de capa, pouco desdizia da mobilia da outra e pouco se lhe avantajava.

As janellas sem colgaduras. De friso a friso das hombreiras, nas paredes lateraes, longos renques de prateleiras de pinho da terra, vergando ao peso de grossos manuscriptos, atados com guitas ou nastros vermelhos. De rosto para a porta de entrada, e corrida com o fundo da casa, uma estante de guaiáco torneada arrebentando de folios veneraveis. A outra mesa, mais vasta e mais aceadamente coberta do que a antecedente, outro homem, de escuro como o primeiro, estava como elle sentado á mesa. Uma cadeira de espaldas, de couro de Flandes, com ornatos em relevo e pregaria amarella, indicava a preeminencia da pessoa.

O homem era uma creaturinha de sessenta a setenta annos, ainda fresco e bem disposto, todo elle viveza e movimento. Não tinha nos modos nem no aspecto a menor apparencia de severidade. O olhar impenetravel era porém tão frio e tão agudo, que se sentia cortar. Tinha a cabeça já branca, o rosto vermelho e mãos femininas.

— «Chegae-vos, mestre Marçal» — disse o homemsinho ao fogueteiro n'um tom benigno e paternal, que dilatou a este as esperanças e lhe restaurou as alegrias.

Depois, dirigindo a palavra ao introductor, accrescentou:

— «Verificastes ser o proprio?»

— «Verifiquei» — tornou o interpellado com toda a prolixidade das locuções formalistas. — «O proprio é por sua mesma declaração e confissão.»

— «Sim, meu senhor» — confirmou o mestre, que já se via festejado e favorecido. Sou eu, mestre Marçal, fogueteiro... no meu tempo... para tudo o que poder servir a Sua Mercê.

— «Já por vezes haveis fabricado em vossa casa alguns arteficios de fogo, que tendes lá mesmo deitado, não?»

Mestre Marçal, que viu n'esta pergunta, que era uma verdadeira affirmativa, a rasão da sua popularidade, e talvez a origem da sua fortuna, respondeu com o desdem da superioridade.

— «Aquillo não foi nada. Um desenfado apenas. Se visseis...»

O homunculo franziu o sobrôlho espesso e grisalho e atalhou:

— «Ah! não foi nada!»

Esta interrupção fez reflectir mestre Marçal. Como se podia ter sabido um segredo, que elle julgava tão recatado e occulto?

Estando porém convencido plenamente da inutilidade de dissimular com uma pessoa em quem via, mais que um protector, um admirador, quiz sómente esclarecer as suas duvidas:

— «Como soube Sua Mercê?» — inquiriu entre a curiosidade e o mysterio.

— «Nós sabemos tudo» — acudiu laconicamente o homunculo.

Depois continuou:

— «Esta noite, depois de Trindades, fostes ás terras da Cotovia...»

— «Experimentar um foguete» — respondeu mestre Marçal, sem deixar concluir a phrase, e já a cem leguas das ordenanças — «É certo. Mas não pense Sua Mercê que era um foguete como os outros.»

— «Ah! não era!»

— «Não era, posto que o parecesse... Sua Mercê assim mesmo gostou?

— «Pois não havia de gostar! Digo-vos que estou maravilhado.»

Mestre Marçal esfregou as mãos.

— «Se soubesseis, meu senhor, que arteficio novo e estupendo eu tinha ali preparado? Havia de assombrar tudo.»

— «Dizeis, mestre?»

— «Digo que assombraria toda a gente.»

— «Com que então havieis preparado um arteficio, que havia de assombrar tudo! E como entendeis assombrar?» — ponderou o homunculo, recostando-se, cruzando os braços n'uma attitude de apparente indolencia, e por entre as palpebras meio cerradas vibrando dois raios sobre o fogueteiro desprevenido.

Este respondeu candidamente:

— «Assombrar... de admiração!»

— «Ah!» — articulou o interrogante com uma inflexão lenta e meditativa.

— «Falhou» — redarguiu o mestre. — «Toda a gente se póde enganar uma vez» — accrescentou philosophicamente.

— «Não só uma vez, senão duas vezes, mestre Marçal.»

— «Duas não seria facil» — tornou este como quem está perfeitamente seguro de si.

— Estaes então disposto a tentar de novo o lance!»

Mestre Marçal, cuidando ver n'esta provocação um indirecto convite a maior franquesa, olhou em torno com ar de precaução, approximou-se da mesa, e disse em voz baixa para o homunculo:

— «Se achasse alguem de vulto que se quizesse utilisar do meu prestimo, assim para coisa de maior, veria, veria então Sua Mercê, ou Sua... que eu não sei com quem estou fallando...»

— «Já vejo que estaes com boas tenções, mestre Marçal. E com effeito não vos disseram ainda em presença de quem estaes?»

Mestre Marçal olhou interrogativamente para o individuo que o introduzira; e, como este não respondesse, replicou balbuciando:

— «Não, senhor meu: nada me disseram pelo caminho. Mas eu penso... creio... Em todo o caso, aqui estou prompto para o que me ordenarem.»

— «Sinto dizer-vol-o, mestre Marçal, estaes prompto para entrar na cadea do Tronco, aonde vos mando já conduzir.»

— «É o senhor corregedor do crime» — observou officiosamente o outro sujeito de negro, que era o escrivão da correição, com uma obsequiosidade de modos, que n'outra occasião teria penhorado infinitamente mestre Marçal. Em tal momento porém todos os lenitivos se tornavam inuteis e todas as civilidades absolutamente superfluas. O desmaio das suas phantasias era completo, e o desengano da sua situação era terrivel.

— «Misericordia!» — bradou o misero, vergadas as pernas como dois parenthesis.

E caíu de joelhos, fechando as mãos na cabeça, como se um raio lhe houvesse estoirado em cima!

VII

DA INFLUENCIA QUE TEVE A LINGUA DA SENHORA MEDÉA NO DESTINO DE MESTRE MARÇAL

Quando, defronte de S. Luiz dos francezes, fôra interceptado pelos dois embuçados, mestre Marçal teve suas suspeitas do que podia ser, e deve-se dizer que uns longes d'ellas lhe tinham por vezes visitado a

imaginação assombrada nos varios incidentes d'aquella noite funesta.

Uma circumstancia grave lhe dissipára porém o terror e lhe afugentára as imagens tétricas, confirmando-o successivamente na commoda novella, que havia forjado para seu uso. Fôra esta circumstancia a perfeita urbanidade, que, por um acaso feliz e sempre raro, achára nos quatro individuos com quem houvera de lidar.

Ignorando o mundo, mestre Marçal fazia do tracto social das justiças d'el-rei a idéa mais pavorosa e menos favoravel que era possivel conceber-se. Como, até ao dia malfadado em que a paixão da arte o levára a commetter o primeiro delicto, nunca tivera dares nem tomares com ella, o honrado fogueteiro figurava-a lá comsigo de um desenho medonho e pintava-a com as mais negras cores. No seu conceito um beleguim era inevitavelmente um ógre, um meirinho uma harpia, e um juiz a cabeça de Medusa.

Estas comparações, bem intendido, não as fazia mestre Marçal, que não era assaz versado nas chronicas de Iornandes e Amiano-Marcelino para ter familiaridades com o genuino sentido das temerosas ficções da edade media, e que difficilmente citaria a proposito os mythos gregos, não possuindo na interpretação d'elles, segundo todas as probabilidades, a sagacidade erudita do abbade Banier. Similhantes imagens são apenas uma traça do author para exprimir a ascendente intensidade do horror do mestre, medida pelas differentes graduações da gerarchia judicial.

A affabilidade e os bons termos eram aos seus olhos qualidades absolutamente imcompativeis com os homens d'aquella classe. Não lhe era possivel imaginal-os senão arripiados de modos, hirsutos de figura, e ferozes de instinctos.

A fallar a verdade mestre Marçal não errava de todo. As relações ordinarias da justiça com as pessoas da sua condição eram effectivamente muito pouco benevolas e apraziveis. O carinho não era o fraco dos homens de lei, e menos ainda na sequella dos honrados malsins de todas as ordens. Se ainda hoje as conjecturas do mestre não vão muito longe da realidade, póde suppor-se o que havia de ser n'aquella época.

Toda a regra porém tem excepção.

Mestre Marçal tinha tido a phenomenal ventura de acertar com quatro excepções, ou antes com a excepção de um corregedor do crime, systematicamente obsequioso de palavras, que á sua imagem e similhança affizera, como é costume, todos os subordinados.

É verdade que não estava mais adiantado por isso. O corregedor era polido como o aço, mas duro como elle.

Desde que mestre Marçal, illudido pelas apparencias, assentára de si para si que os dois mysteriosos desconhecidos não podiam pertencer

á justiça, peitado de outras idéas, e vencido do demonio da ambição e da vaidade, esquecêra de todo, não só a sua usual circumspecção, senão as mais triviaes suggestões da prudencia. Serenado o sobresalto das primeiras surprezas pela blandicia dos diversos interlocutores, estes haviam-lhe naturalmente parecido outros tantos confidentes.

Imagine-se pois qual seria a sua stupefacção e atordimento ao ouvir estas palavras, tão pouco esperadas:

— «É o senhor corregedor do crime!»

Quanto ao modo porque a justiça estava já tão bem informada a seu respeito, era a coisa mais simples d'este mundo.

Tendo por aquelles tempos, como já foi relatado, occorrido contra as ordennanças prohibitivas algumas infracções, cujos authores haviam ficado ignorados, o governo de Castella, temendo que do resfriamento da léi se seguisse o seu descredito, e do descredito abusos perigosos, havia com grande urgencia recommendado para Lisboa a maior vigilancia e rigor.

Em consequencia d'estas recommendações, o regedor das justiças passára as ordens competentes aos tribunaes, e aos dois corregedores do crime, que então possuia Lisboa, os quaes corregedores tinham jurisdicção e alçada para prender e processar no recinto da cidade, e cinco leguas em redondo, que era o termo.

Dos corregedores o apertado aviso passára ao meirinho, e aos onze alcaides, que faziam a policia da cidade.

Descendo na escalla, cada alcaide tinha-o igualmente transmittido aos doze homens, oito de chuça, e quatro de capa e espada, que a lei e o uso lhe attribuiam para exercicio das suas funcções.

Um dos ultimos era visinho de mestre Marçal, que, vivendo retirado e desgostoso, não só ignorava o seu tracto, mas nem sequer uma vez lhe fallára, e portanto mal podia conhecel-o.

A mulher d'este homem, a proposito de uma franga pedrez, tivera grandes desavenças e ralhos com a senhora Medéa, a qual na fórma do seu louvavel costume a brindára com um diluvio de sotaques e improperios, que pareciam o artigo de fundo de um oraculo de moralidade n'estes tempos de civilisação.

Entre outras injurias grossas chamara-lhe: «velha desdentada.» Como a respeitavel matrona passava com effeito dos cincoenta, e, em consequencia de uma constipação nos queixos, tinha só seis dentes, em mau estado de servir, e em peior de se apresentar, o tiro dera em cheio, e a digna esposa do beleguim nunca mais perdoára tão desabrida affronta.

Não contente com uma imprudencia, que a indispunha com as justiças, a senhora Medéa tivera a notavel inconsideração de ir contar a outra visinha, — em segredo já se vê, — que o seu Marçal queimára

uma duzia de valverdes em dia de Anno Bom; isto com muitos queixumes do perigo de um incendio, e dos desperdicios d'aquelle homem, que era a sua desgraça.

Affectando receios, que dando ao marido ares de verdugo a prendavam com uma solicitude exemplar, rematou pedindo encarecidamente que não dissesse nada a ninguem, o que a discreta creatura lhe affiançou com um sem numero de juras, muito parecidas com pragas.

A visinha, temendo criar bolor na lingua, julgou que um caso d'esta importancia não devia ella monopolisal-o; e foi em continente segredar a uma sua comadre, paredes meias, que mestre Marçal fazia o desproposito de deitar todos os mezes duas duzias de morteiros em casa, e era um bargante que dava cabo de quanto tinha a pobresinha da mulher.

Quando a nova se approximou ao fim do becco, dizia-se ao ouvido que o dissoluto e valdevinos do visinho Marçal punha por portas aquella boa alma da tia Medéa, porque tinha o sestro extravagante de deitar todas as semanas um fogo de vistas no pateo.

Ao sol posto d'esse dia, o honrado pyrotechnico, sem o saber, gozava no sitio a reputação de uma indole intractavel e de um perdulario insigne, em quanto a amoravel consorte era tida na conta de um modêlo de mansidão e virtudes, victima da sua abnegação conjugal — com tal arte soubera ella aproveitar a occasião para insinuar sacrificios que não fazia, e com tanta efficacia a auxilliava o espirito palreiro da respeitavel corporação das mexeriqueiras, que em todos os tempos, e em todas as classes teve sempre os seus valores entendidos.

De visinha em visinha, e de porta em porta, chegára a noticia á mulher do beleguim. A mulher do beleguim foi logo communical-a ao marido. O marido, que era um homem prudente, ponderou que se não devia accreditar senão metade do que se dizia, e preveniu immediatamente o seu alcaide.

D'ahi por diante mestre Marçal tornára-se o alvo de uma vigilancia presistente e activa.

A sahida do mestre a horas desusadas, e para longe do bairro, dera nos olhos ao visinho beleguim, que o espreitava quotidianamente. Seguio-o por tanto com as precauções do officio.

Ao Rocio, encontrára um confrade da mesma esquadra, e agregara-o a si communicando-lhe a empreza. Feito isto, não lhes escapára o menor movimento do desditoso Marçal, que as suas preoccupações cegavam, e que, mesmo no seu estado normal, nunca poderia competir em astucia com os experimentados agarradores, quanto mais avantajar-se-lhes de fórma que podesse precaver-se d'elles. O mestre, seguido com obstinação e recato, nem dera por isso.

O que os dois beleguins tinham visto constituia um cumulo de pro-

vas sufficiente para se apoderarem da pessoa do contraventor. A ingenuidade das suas confissões confirmára tudo sem trabalho.

O corregedor do crime, em cujas mãos mestre Marçal cahira, era um homem, que, apesar do seu modo affavel e adocicado, tinha um masso de processos no logar em que os outros teem o coração. A sua constante ambição punha o fito em chegar, o mais depressa que podesse, a Desembargador dos Agravos, com assento na Casa da Supplicação, logar eminente e pingue, que era a terra da promissão para a magistratura da época.

Anhellando lograr este fim, tão desejado como arduo de attingir, nada lhe custava, e todo o seu empenho era assignalar-se por algum serviço importante. O corregedor conhecia o espirito suspeitoso e desconfiado da governança de Castella. Se alcançasse pôr o dedo n'alguma boa conspiração, ou mesmo n'um simulacro d'ella, tinha como certo o abreviar consideravelmente a distancia, que ainda o affastava do termo das suas aspirações.

Costumado quasi exclusivamente a lidar com as artes e manhas dos criminosos endurecidos, não pudéra acreditar que a miraculosa simplesa de mestre Marçal fosse coisa natural, e proviesse unicamente do acanhamento da sua penetração. Comprazia-se em planear sobre a vulgar occorrencia, que tivera logar com o fogueteiro, um problema judicial, cuja solução lhe daria creditos de homem sagaz e zeloso, e o poria em bons termos com o Conde Duque, ministro omnipotente. Em todo o caso sempre attestava o seu desvello pela integridade d'aquella lei, que tamanha attenção estava merecendo á côrte.

O juiz sem querer, igualava-se mentalmente com o réo pela secreta inspiração d'um desejo análogo nos differentes gráus da respectiva cubiça.

N'esta disposição o corregedor resolveu-se a continuar o interrogatorio, fitando no pobre de mestre Marçal uns olhos, que pareciam trespassal-o.

Ebrio de terror, o primeiro impulso do fogueteiro mal tornou um pouco a si, foi abraçal-o pelos pés, exclamando n'um tom de angustia tão pathetica e verdadeira, que lhe apagava o ridiculo da figura e commoveria o mais duro coração.

— «Senhor corregedor não me desgraceis! Senhor corregedor, era uma experiencia, não era mais que uma experiencia. Como não desculpareis, senhor corrogedor, se com isto nasci e com isto me creei! Era já a profissão de meu pae. Nunca tive outra. Era a minha enchada; e estava tão costumado que não podia passar sem ella. Foi o demonio que me cegou. Mas eu protesto-vos que nunca mais, nunca por nunca ser, tornarei a bulir n'um bago de polvora. Senhor Corregedor, amerceae-vos de um pobre, que é a primeira vez que passa por esta desgraça, e por estas vergonhas! Senhor Corregedor!...»

Mestre Marçal não sabia que era mais facil mudar os celebres Paços de Corte Real para a Trafaria do que abalar aquella alma petrificada. Um tigre perdoaria; elle regosijava-se.

VIII

DE COMO MESTRE MARÇAL, VERIFICANDO O SEGREDO DO SEU ARTEFICIO, DESCUBRIU A FINAL QUE UM FOGUETE SE PODIA TRANSFORMAR N'UMA CARAVELLA

O Corregedor, se não tinha uma conspiração, possuia um infractor. Não o dera por uma moradia em Palacio.

Por unica resposta, estendeu o braço e entregou a lei fatal ao escrivão da correição.

— «Lede» — disse em tom imperioso e terminante.

O escrivão leu da primeira á ultima syllaba.

Era escusado: mestre Marçal sabia-a de cór.

— «Mas, senhor Corregedor, se não foi por mal!» — murmurou o fogueteiro com um abafador na garganta entaboada.

— «Tendes um modo de evitar maior pena» — proseguiu o inflexivel magistrado.

— «Que modo, senhor Corregedor?» — tornou ancioso o infeliz, erguendo-se e respirando como o naufrago que deita a mão a uma prancha.

— «Confessar quem são os outros.»

— «Sua Mercê diz...?»

— «Digo que revelleis o nome dos vossos cumplices.»

— «Cumplices! De que?»

Mestre Marçal, não podia accreditar que fossem necessarios cumplices para fabricar os seus productos.

— «Com que fim vos fostes a lançar um foguete ás terras da Cotovia?»

— «Com o fim de experimentar um novo artefício de minha invenção.»

— «E que artefício era?

— «Uma transformação. Não sahiu bem d'esta vez; mas...»

Mestre Marçal, nas incorregiveis cegueiras da sua paixão dominante, ía a dizer:

— «Mas para a outra melhor será.»

Um gesto expressivo do Corregedor embainhou-lhe a palavra imprudente seccando-lhe a bocca.

— «Ou este homem é um mentecapto» — pensou aquelle — «ou é o mais fino conspirador, que jámais cahiu em mãos da justiça.»

Custando-lhe porém a desistir das complicações, que os homens de

lei se prazem em enredar na phantasia, e não se resolvendo ainda a perder totalmente a esperança de um tenebroso processo, como aquelles a que o amor da argucia inclina as predilecções forenses, continuou em voz alta:

— «Assim, presistis em vossas negativas e absurdas desculpas? Não tendes cumplices!»

Mestre Marçal daria tudo, até a senhora Medéa, principalmente a senhora Medéa, para ter um cumplice! mas, por mais que fizesse, não podia achar senão a cumplicidade de uma ponta de barbante, que do bolso lhe pendia accusadora, resto do que lhe servira para dispôr a malaventurada machina.

Uma denegação muda foi a sua unica replica.

— «A prisão o fará fallar, se é o que supponho» — reflectiu comsigo o corregedor — «Se é só o que parece, já temos em quem punir a infracção.»

O bom do Corregedor, com a mira nos seus particulares intentos, o que prova que a sordidez do interesse não é de hoje, não tractava tanto de averiguar a importancia do crime como de colher sem muito escrupulo uma entidade criminosa.

— «Bem!» — proseguiu dirigindo-se ao escrivão — «Levem-n'o á cadêa do Tronco: ficará incommunicavel.»

— «Senhor Corregedor!...» — bradou o triste, pondo as mãos e erguendo-as ao céo no derradeiro e supremo esforço da tribulação.

O Corregedor inexoravel fez um signal. O escrivão abriu a porta, e entregou o prezo aos dois homens de capa, que esperavam na ante-sala.

Mais morto que vivo, mestre Marçal sahiu machinalmente com elles.

As ruas estavam já desertas. Os habitantes da cidade recolhiam cedo n'aquella época. O transito nocturno era subjeito aos mais graves inconvenientes. Apenas algumas raras andas, ou liteiras, de damas principaes, precedidas de um escravo que allumiava o caminho, e ladeadas dos pagens e homens de cavallo correspondentes á sua qualidade e gerarchia conforme as regias provisões, atravessavam a passo lento as ladeiras tortuosas que vinham dar ao valle do Tejo; apenas algum embuçado bem precavido, escondendo igualmente o rosto e as tenções, perpassava preoccupado e rapido, ou se cozia com as esquinas topando os capas do alcaide.

Estes silencios e estes vultos lobregos apertavam ainda mais o coração de mestre Marçal.

Torneando a rua dos Escudeiros, e passando a freguezia de S. Nicolau, os companheiros do mestre, que já a este pareciam de muito menos agradavel convivencia, entraram com o preso no Terreiro do Paço pela porta do Arco dos Barrotes, e seguiram por de traz do Palacio Real e pela porta do Arco das Pazes.

Os motejos dos arcabuzeiros da guarda do Paço acompanharam o pobre fogueteiro até quasi ao torreão novo da Casa da India, d'onde os capas o levaram ao outro lado pela porta dos Armazens, dirigindo-se depois á Tanoaria e enfiando pela porta dos Cubertos até o encerrarem na prisão do Tronco, enxovia destinada aos malfeitores, situada na rua denominada tambem dos Cubertos, que ficava pouco mais ou menos, fronteira ao local, onde hoje existe o Arsenal da Marinha.

Quando mestre Marçal sentiu ranger os gonzos de ferro, correr os pesados ferrolhos e cerrar sobre elle as grades grossissimas, pensou que o fechavam n'um sepulchro. Quando ouviu as pragas, os brados, as vociferações, os alaridos, as blasphemias, que lá íam por dentro cuidou que dava a sua entrada no inferno.

Felizmente, o espirito mobil do mestre não conservava por muito tempo a intensidade das sensações.

Pela madrugada mestre Marçal adormeceu dizendo comsigo, que, a final, inferno por inferno, o de sua casa não era muito preferivel. Como o mestre seguia a philosophia, muito catholica e discreta, de que tudo quanto Deus faz é pelo melhor, consolava-se com a idéa de ter assim evitado as verrinas conjugaes, que elle via erguerem-se ameaçadoras, com um «continuar-se-ha» eterno.

Ao outro dia, mal accordou, o primeiro «Deus vos salve», que de longe lhe soou na masmorra, foi a voz retumbante da senhora Medéa, a quem a mulher do beleguim fôra officiosamente prevenir, com apparente esquecimento das passadas affrontas, para saborear pessoalmente, a vingança, que é o prazer dos deuses e das visinhas tarameleiras.

A senhora Medéa, da banda de fóra das grades, desfazia-se em imprecações contra o parvo do marido, que, por culpa sua, dizia ella, estava entre ferros de El-rei, regalando ao mesmo tempo de uma apostrophe furibunda os guardas, que, sob o pretexto de se achar incommunicavel o preso, não a deixavam entrar para despejar na propria cara do mestre o mais que lhe sobrava para dizer áquelle homem!

— «Então porque não hei-de entrar?»

— «Já se vos disse, mulher.»

— «Mulher!... Vede lá como fallaes.»

— «Mulher ou diabo, para nós é o mesmo.»

— «Atrevidos! Villões desbragados! Almas de chinello! Perros judeus!«

Um dos guardas, que se divertia particularmente com aquella furia inexhaurivel de epitethos, tornou-lhe com todo o serio de uma contricção sincera:

— «Perdoae... Diabo não: era levantar-lhe um aleive.»

Esta conclusão acabou de assanhar a matrona.

— «Sempre quero ver» — clamava ella com esgares tremendos, rôxa de colera, n'um falsete hydrophobo, — «sempre quero ver se uma mulher honesta não ha de fallar a seu marido, para desafogar ao menos... Ai! que homem, santa do meu nome! que homem! É os meus peccados, eu sempre o disse! Mal haja a hora em que tive a desgraça de consentir em dar-lhe o «sim»... Que leis são estas que separam os casados e mettem uma rolha na bocca á gente!... Ai! Nossa Senhora dos Remedios, que remedio terá a minha triste vida! Quem me havia de a mim dizer no tempo do meu Malaquias, que me trouxe sempre tão estimada, que havia de chegar ainda a estes vexames!»

Este chorado Malaquias era o defunto mercieiro, o primeiro marido, que lhe dava uma sova todos os oito dias.

A senhora Medéa no paroxismo da desesperação fincou o punho no lado com gesto provocador, fiando-se na impunidade do sexo.

O dialogo terminou como só podia terminar, pegando-lhe os guardas por um braço, e mesmo pelos dois braços, de um modo que não tinha nada de cortez, e pondo-a na rua á força. Na rua a berraria foi tal, que os habitantes do bairro chegaram todos á janella.

Mestre Marçal n'esta conjunctura bemdisse a invenção dos segredos, e glorificou os rigores da justiça, que lhe pareceram então o cumulo da benevolencia!

As primeiras aventuras do mestre terminam aqui. A paixão pyrotechnica, paixão original entre todas, sendo a verdadeira origem dos seus dissabores domesticos, levara-o, como se vê, até onde o podia levar.

Dizem que os superiores affectos tem todos o seu calvario. Mestre Marçal, em prova da grandeza infeliz da sua bemquerença, teve dois calvarios — o ninho da esposa, e o ergastulto dos facinorosos.

Pensando bem não sabia qual era peior!

O empenho do Corregedor do crime, incansavel em esmiuçar a sua conspiração, fez jazer o mestre mais de um anno encarcerado. Desenganadas com custo de que o foguete perturbador não fôra signal de perigosos attentados, e reconhecendo por fim que o supposto conjurado era, quando muito, um monomaniaco, resolveram as justiças d'el-rei dar-lhe destino.

Dignando-se attender á prisão que já padecêra, tiveram a benignidade de lhe commutar a pena de degredo para Angola em degredo para o Brazil.

Como acontecesse partir o capitão-mór de Pernambuco, aproveitou-se a opportunidade de enviar para ali alguns degredados, entre os quaes mestre Marçal teve a honra de figurar!

Mal pôz pé no convez do navio, como á claridade de um novo e subito *fiat lux*, terminaram todas as suas duvidas ácêrca do desgraçado ar-

teficio, que, um anno antes, fôra perder-se sem baptismo n'umas leivas de cevada.

Estava desenganado. O famoso foguete tinha tido effectivamente uma verdadeira metamorphose. Achava-se convertido na caravella, em que ía, contra sua vontade, demandar as terras de Santa Cruz.

N'esta extremidade, uma coisa consolava mestre Marçal de todos os transtornos e infortunios. Era a sua providencial separação da senhora Medéa.

O mestre tinha a malícia de pensar que, só por si, esta circumstancia compensava, e, feitas bem as contas, excedia muito os desastres, que lhe grangeára aquelle amor da arte, não comprehendido no seu tempo.

..

Se chego a conseguir alguns ocios, talvez me tente ainda a ordenar os inauditos e prodigiosos casos, que no novo mundo illustraram os meritos e o nome do mestre desterrado, levantando a sua pessoa até á celsitude do solio. Esses sim, que foram lances de contar. Mais dia menos dia não resisto de certo ao desejo, dado que as singularidades physicas e moraes do meu chão e sincero Marçal Estouro não tenham enfadado demasiadamente o leitor.

J. da S. Mendes Leal, Junior.

GEORGINA

(Fragmento de um poema)

I

Historias tristes de amores
Não as devem ler donzellas;
Por que embora tenham flores,
Nem sempre são das singelas
Que devem ornar as frontes
De candidas virgens bellas.

Aqui n'este conto ha beijos;
Protestos; juras; mentiras:
E freneticos desejos
Saciados á luz pallida
Da lua;—que vê saudosa,
Entre protestos amantes,
Tornar-se a pudica rosa
Menos rosa do que d'antes!

A tempo avizei donzellas,
E se no conto ha peccado...
Quizera ser o culpado
Tendo cumplices tão bellas.

II

Por não começar mentindo,
Eu direi que Georgina
Nunca foi a heroina
D'este meu singelo conto;
E se não, vejam; o nome
Bem nos indica a verdade
Segura, prudente, lisa;
Deixemos pois ao Tamisa
Ter a gloria toda, inteira,
Do nome da feiticeira.

Mas como tambem a lua
É coisa que os bons inglezes
Apanham por poucas vezes
Na sua patria: bem certa
Póde ficar a leitora,
Que se de fóra foi vindo
O nome de Georgina,
Os seus ardentes amores,
As suas queixas primeiras,
Foram nascidas na terra
Das formosas larangeiras.

III

Vamos agora á pintura
Da mais gentil creatura
Que os meus olhos nunca viram.
Eu sei que se fosse a votos
Pôr o retrato ás leitoras,
Havia de haver senhoras
Tão crentes nos seus espelhos,
Que n'esta questão alheia
A vaidades e caprichos,
Não podendo chamar feia
A quem Deos fizéra linda;
A poriam na berlinda
Por tudo... por ser *coquette*...
(Em portuguez presumida)
E trinta mil peccaditos,
Que todas tem... e que todas
Chamam nas outras defeitos,
Mas em si acham bonitos.

IV

Georgina era inda nova,
Não tanto que a amendoeira
Não tivesse já florido
Vinte vezes, e morrido,
Quando passou de solteira
A ter grilhões de marido.

Casada! Pois é casada
A sonsa da Georgina,
E tenta ser heroina
D'uma lenda apaixonada!
Porque não?... Saiba a leitora
(Se dou n'isto novidade)
Que a mulher que se enamora,
Seja solteira, ou casada,
Tanto sobe no conceito
De poetas, e pintores,
Que deixa de ser do mundo
Para ser só dos amores.

V

Era na quadra florida
Em que na verde campina
Rebenta alegre a bonina,
E sorri branca açucena,
A brisa fresca da tarde
Na superficie serena
Das aguas corria mansa;
E a lua, n'um céo bordado
De milhões de mil estrellas,
Desprendia enfeitiçada.
Um vago quê de tristesa
Que o coração namorado
Da travêssa Georgina
Em desejos nunca findos
Mas saudosos traduzia.

VI

Que funda melancholia
Tem aquelles olhos bellos!
E como os soltos cabellos
Lhe vem realçar a alvura
Da fronte fresca e mimosa;

Onde tudo é formosura,
Desde o leve côr de rosa
Que lhe tinge a face pura;
Até ao sorriso breve
Que nos labios tem ainda,
Porque viu... Fecha a janella.
E passado pouco tempo,
De joelhos aos pés d'Ella,
Ardentes juras se ouviam
De moço airoso e bem posto,
Que já no pallido rosto
Sem palavras lhe dizia,
O que com beijos de fogo
Provar-lhe cubiçaria!...

VII

Eu bem disse que o peccado
No conto não tardaria;
E que um beijo, apenas dado,
O certo signal seria
De que um marido enganado
Ao amante afortunado
Seus direitos cederia.
Pois deu-se o beijo!... E quem sabe
Entender a poesia
Que tem um beijo fremente,
Longo, lascivo, imprudente;
Entenderá como Paulo
Nos braços de Georgina,
Nem a dizer o que sente
A seus pés convulso atina,
Nem a fugir resoluto
Á sua encantada sina
Se atreve o feliz amante!

Deixemos os dois ainda
N'aquelle suave enleio,
Em que entre amor e receio,
E só por amor guiados
Se juram amor... n'um beijo.

VIII

Por entre murtas e rosas,
Um riacho cristallino
Vai murmurando seu hymno,

No verde jardim que cerca
Essa vivenda encantada,
Aonde a morrer de amores
Foi Georgina fadada!

O saudoso astro da noite
Brilha n'um céo estrellado,
E o rouxinol amoroso
Inda gorgeia queixoso
D'entre a ramagem da selva.
Fôfos tapetes de relva
Estão dizendo «ternura».
E convidando á ventura
Dois amantes, que o destino
Ali conduzisse á hora,
Em que toda a natureza
Vive folga e se enamora.

Foi pois n'um jardim florido,
Entre os arômas das flores,
E ao som do cantar festivo
Dos volateis amadores,
Que os dois felizes amantes
Juraram os seus amores!

IX

Dar conta aqui dos protestos,
E das juras, e dos beijos,
E de muitos mais desejos
Que por cumprir lhes ficaram
Áquellas almas ardentes;
Nem a leitora ouvira
Contal-os a sangue frio,
Nem eu talvez poderia
Descrevel-os com verdade.

Pare aqui por hoje o conto,
E com a noite serena
Que já disse que fazia,
Póde a leitora sem medo
Seguir Paulo e Georgina,
Que por eacantadas horas,
Entre alamedas frondosas
De madre-silva e de murta,
Para dizer o que sentem
Só acham... a noite curta!

L. A. Palmeirim.

CHRONICA

É sob a impressão que nos causou a analyse da gravura com que hoje brindamos os assignantes da *Revista Contemporanea*, que vamos encetar a chronica. O desenho é dadiva de um rei que o sabe ser e de um artista que o é. Assignando ali o seu nome legitimou mais uma vez a dupla corôa que cinge a fronte. Como se lhe não bastassem as acções attesta-o igualmente nas obras. Patrocina a arte tão desvelladamente como a cultiva. O esmero e a correcção que se notam no pequeno quadro que illustra este numero justificam plenamente o que dizemos. Não ha que receiar a lisonja quando ha direito ao louvor. É este o caso e por isso apontamos para o trabalho, e temos o convencimento que val quanto poderiamos accrescentar. Limitamos portanto a nossa apreciação em dizer ao leitor: veja—e estamos certos que ha de admirar,

O prestigio merecido e brilhante que S. M. El-rei D. Fernando tem conquistado entre nós, pela valiosa protecção que tem dado ás bellas artes, só teve rival na historia moderna durante a vida do duque de Orleans. O que foi para a França aquelle principe, tem sido para Portugal El-Rei D. Fernando. Folheando as paginas de uma vida encontram-se a cada instante iguaes na outra. S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, sabe tão bem o nome de todos os artistas portuguezes, como o duque de Orleans conhecia os dos seus compatriotas. Vêde os quartos d'El-Rei no palacio das Necessidades e examinae as descripções dos quadros do principe real nas Tulherias. A primeira tentativa do pintor é ali que foi encontrar protecção e estimulos. Annunciação, Metrass, Victor Bastos, Sousa, Christino e Rezende, esta nova pleiada de esperançosos talentos, devem-lhe tudo, devem-lhe as esperanças e a gloria, como ao duque de Orleans as deveram Ingres, Ary Scheffer, Eugène Delacroix, Antonin Moine, Aimé Chenavard, Jules Dupré, Marilhat e Luiz Cabat.

É ainda a S. M. El-Rei D. Fernando que nós devemos o apresentar illustrando o nosso jornal mais um artista que se estrêa como muitos desejariam acabar. S. M. El-Rei adevinhou-lhe a vocação, porque as sabe adevinhar, e para o animar pediu-lhe que gravasse aquelle desenho que elle havia feito no album de S. A. o Principe de Saxe. É escusado dizer como o sr. Francisco de Mello venceu a difficuldade; a delicadeza e o mimo com que está feita a gravura bastam para lhe denunciar o merito. É facil prophetisar-lhe um logar entre os melhores gravadores, continuando a cultivar tão esmeradamente aquelle mesmo trabalho.

No mundo litterario temos alguns acontecimentos a mencionar, sendo o primeiro a publicação de um drama do sr. Mendes Leal, intitulado *Alva Estrella*. A acção da peça basêa-se nas cruentes rivalidades de familia, frequentes nas eras rudes em que só a força era lei, situação que entre nós se caracterisa até ao seculo XIII, acompanhando a nascença e desenvolvimento da monarchia. Não é difficil prevêr as situações dramaticas que devem existir na obra conhecendo-lhe a idéa fundamental. A *Alva Estrella* é portanto um drama de bello effeito realçado por um brilhante estylo.

A *Revista de Lisboa*, jornal de theatros, tambem appareceu ultimamente enriquecida com artigos das pennas finamente aparadas dos srs. Mendes Leal e Palmeirim, e segundo ouvimos, pouco tardará que os srs. Latino Coelho, Bulhão Pato e mais outros escriptores distinctos, tomem parte na collaboração d'aquelle jornal.

O sr. Olloqui, consul hespanhol em Lisboa, desejando prestar homenagem á memoria do primeiro vulto litterario portuguez que teve este seculo, fez uma versão castelhana da obra prima do nosso theatro nacional, *Frei Luiz de Sousa*. É um trabalho consciencioso que honra o traductor pelas difficuldades com que tinha a luctar para conseguir aproximar-se linsongeiramente do estylo do original. Se, por vezes o distanceou, houve outras, segundo ouvimos a auctoridades competentes, em que soube traduzil-o com a singelesa e elevação devidas. É deveras para sentir que a versão do *Frei Luiz de Sousa*, não esteja á venda, pois consta-nos que a intenção do sr. Olloqui é só de brindar com tão valioso trabalho os seus amigos.

Espera-se brevemente a publicação de um novo jornal litterario, no Porto, intitulado *O Atheneu*. Entre os seus redactores principaes lêmos o nome do sr. Camillo Castello Branco; julgamo-o sufficiente para recommendar a publicação.

No Campo de Sant'Anna teve logar uma brilhante corrida de toiros, executada por amadores e a beneficio dos indigentes das ilhas de S. Jorge e Pico. Nos camarotes via-se a maioria do mundo elegante que regressou das praias e de Cintra, para animar com a sua presença os destemidos curiosos. As trincheiras estavam apinhadas de espectadores. Principiou a corrida e o enthusiasmo manifestou-se logo, crescendo sempre até ao fim.

Eram cavalleiros os srs. conde de Vimioso e Frederico Ferreira Pinto. Ambos montados em garbosos e bem ajaezados cavallos, fizeram as cortezias do estylo, ostentando a maior elegancia e segundo as melhores regras de equitação.

O merecido e geral renome que o sr. conde de Vimioso tem sabido conquistar, como o mais denodado e mais perfeito cavalleiro, foi mais uma vez justificado, pela galharda e pericia com que picou todos os toiros que lhe haviam sido designados.

O sr. Frederico Ferreira Pinto que era a primeira vez que se apresentava na praça como cavalleiro, fez uma estrêa brilhante. Procurava com arte o toiro, conseguindo bellas sortes, que sabia aproveitar com sangue frio e a preceito.

Que diremos agora do sr. Frederico Pereira Nunes? Que é um capinha completo, alliando a destreza á elegancia, o arrojo á presença de espirito, finalmente é um capinha que ha de pôr um par de bandarilhas ao lado de *Carmona*, e as trincheiras hão de applaudil-o com igual estrepito. N'alguns *recortes* que fez com o capa o sr. conde de Vidigueira tambem manifestou vocação.

O sr. D. João de Menezes, a cavallo, e no seu trajo de abogão tambem picou um toiro com aquella pujança e denodo que todos lhe reconhecem. Executou algumas sortes felizes que dispertaram geraes applausos.

Resta-nos fallar dos homens de forcado. O valor e coragem incarnaram-se n'aquelle grupo de homens do principio ao fim da corrida. Firmes no seu posto, todas as vezes que os toiros tentaram investil-os, foram sempre repellidos sem que um só d'elles arredasse pé do logar competente. O sr. Luiz Forjaz que commandava este troço de valentes, como bom official foi

o primeiro a sair á frente do inimigo, excitando d'este modo o brio dos soldados. Fez portanto a primeira pega, abrindo assim um exemplo que foi admiravelmente seguido pelos srs. Luiz Lobo, Celestino, Forrest e Manoel da Gama.

O sr. Antonio Luiz d'Oliveira que era moço do curro tambem fez uma bella *péga de cara.*

O publico victoriou continuamente a dextresa e valentia dos amadores, e retirou-se contente e satisfeito do que vira e com immensos desejos de tornar a vêr.

Lisboa animou-se repentinamente, banindo a semsaboria em que vegetava, e começando a rir e a folgar. A transição foi tão rapida que pareceu coisa de magia. E foi;—operou o milagre um grande magico, um magico nunca visto, o maior magico do mundo! Dizer o seu nome é escusado, pórque já todos sabem. Ouve-se pronunciar ao cruzar uma esquina, ao entrar n'uma loja, ao sair de uma platéa, ao approximar da mesa de um botequim; ouve-se discutil-o no salão do rico e na casa do pobre, no gabinete do Gremio e na Praça do Commercio, na barca dos banhos e na estação dos caminhos de ferro, no Passeio Publico e na lage do Terreiro do Paço; ouve-se ainda mais longe, ouve-se nas Praias, em Cintra, no Lumiar e Bemfica. Herrmann! Herrmann! e Herrmann! é o nome que gira em todas as boccas, que faz o assumpto de todas as palestras, que promove as mais renhidas discussões, que excita o maior interesse, que disperta geral curiosidade.

Dizem-se taes maravilhas, contam-se tamanhas façanhas, apregoam-se tantas proezas, que uns duvidam; outros riem-se, alguns zombam e muitos regeitam. E damos rasão a todos, porque o preceito de S. Thomé nunca foi mais bem cabido do que n'estes casos. É preciso ver para crer o que faz o demonio do magico que se não é o proprio Belzebuth deve ser, pelo menos irmão d'elle. E a prova é que Herrmann não é d'estes magicos que só executa prodigios no theatro a luz da rampa e rodeado de preparativos. Á luz do dia na praça da Figueira, fez elle coisas do arco da velha; cortou a cabeça a um pombo e deitou-o depois a voar; e extrahiu libras e mais libras de dentro de uma duzia d'ovos que comprou á primeira vendedeira.

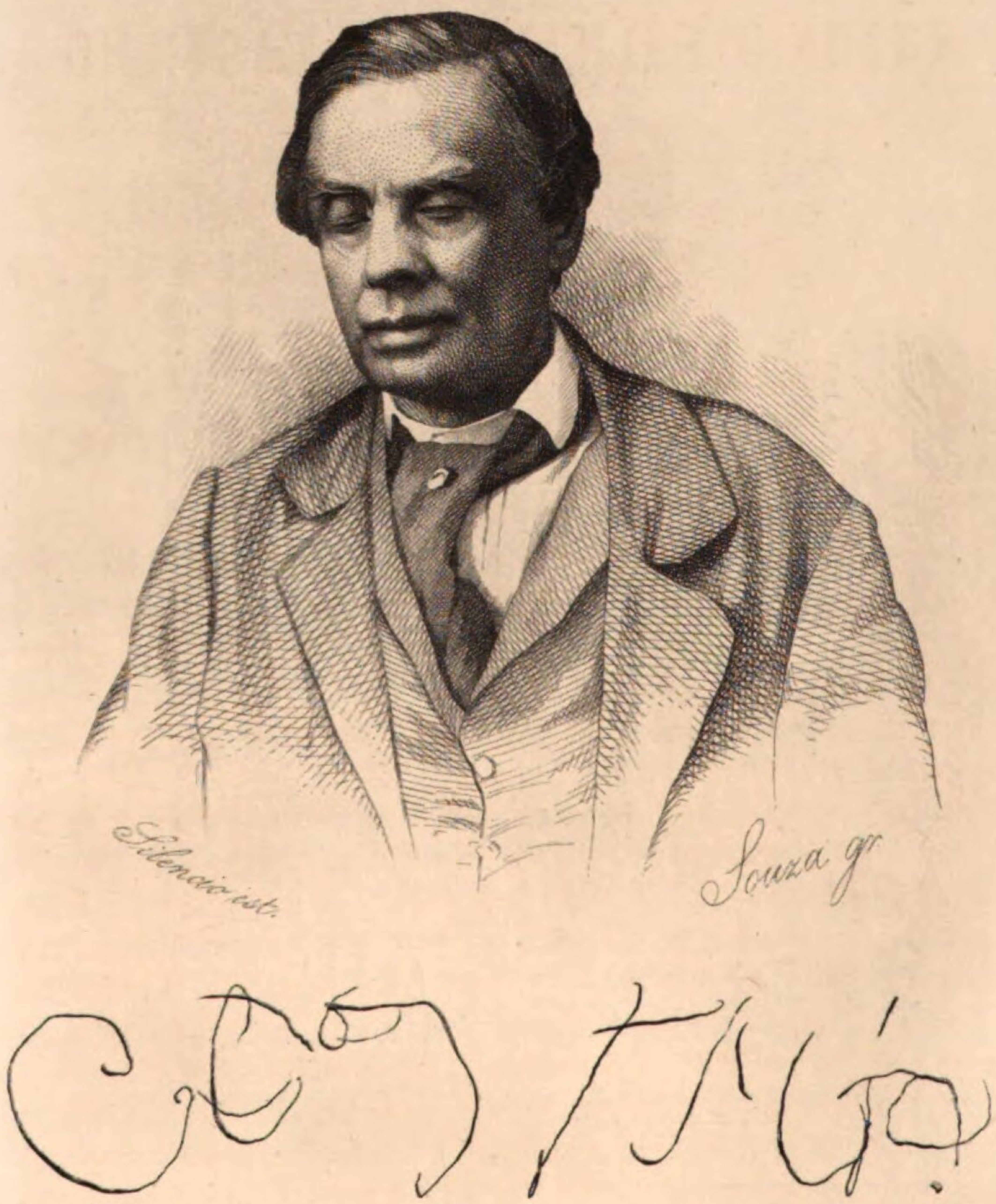
Mas no que Herrmann se revella eximio, prodigioso, admiravel e fabuloso, é com um baralho de cartas na mão. Foi n'uma *soirée* que teve logar em Cintra que assistimos pela primeira vez, ás suas inacreditaveis *bruxarias*. Estava ali reunida a flor da nossa sociedade elegante e algumas das nossas illustrações litterarias e politicas. A noite passou-se rapidamente e sob o dominio constante de um ponto de admiração!

As cincoenta e duas cartas de um baralho nas mãos de Herrmann são para os seus dedos cincoenta e duas téclas que elle percorre e maneja com uma presteza miraculosa. O impossivel parece que não existe para elle quando depende das cartas. Narrar o que elle fez seria longo e ocioso para os que não viram; ninguem acreditava. Julgamol-os para nós. Por isso limitamo-nos a dizer: quem ainda não viu Herrmann, nada viu, e quando tiver occasião de o ver, póde abrir a bocca, mas deve esquecer-se que tem cabeça, se tiver dó de si, porque é mais facil elle adevinhar tudo, do que adevinhal-o a elle.

Presenceámos tambem n'aquella noite uma scena de magnetismo que a curiosidade dos assistentes reclamou, prestando-se á experiencia a filha do immortal cantor de Camões. Era a descrença da donzella quem lhe excitava o empenho; só perderia a duvida conhecendo a sensação. E todavia Herrmann triumphou. Desde aquelle momento todos foram unanimes em proclamal-o verdadeiro Cagliostro, titulo que justifica completamente, porque além de ser um eminente prestigiador mostra-se um perfeito cavalheiro e um distincto cortezão.

A sua apparição no theatro é vivamente desejada. N'essa noite S. Carlos terá uma enchente extraordinaria e o publico ha de ficar surprehendido ainda depois enthusiasmado.

Ernesto Biester.


Silencio ist.
Souza gr.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Do Capitolio á rocha Tarpeia não dista mais que um passo: disse um grande poeta da tribuna. Tem-n'o repetido mil vezes a multidão, como a expressão concisa das rapidas vicissitudes da gloria e da ignominia.

Do sublime ao ridiculo não dista mais que um passo. Disse-o um poeta nos campos de batalha, e tem-n'o repetido mil vezes as multidões, cifrando na gravidade d'este conceito a antithese das maiores grandezas e das maiores degradações.

Ambos aquelles aphorismos se enlaçam para definir a poesia. A poesia é a grandeza e o nada; o universo e o atomo; a gloria e a humilhação; o triumpho e o martyrio; o genio e a loucura.

Singular manifestação da intelligencia é a poesia, que tão contrarios são sobre ella os juizos da humanidade. Platão coróa-a de myrthos, e fecha-lhe no rosto as portas da sua cidade. A Roma christã muitos seculos depois decreta-lhe o solio e a purpura nos triumphos do Tasso. Escrava e perseguida hoje; ámanhã senhora e venerada. Hoje desdenhada por vã; ámanhã reverenciada por varonil. Hoje desterrada para entre os rusticos, com a flauta pastoral de Theocryto; ámanhã, posta á frente dos exercitos, e das povoações enthusiastas com a tuba guerreira, de Tyrtêo ou com a lyra jovial de Béranger.

O que é a poesia?

Para os antigos é um deus que vibra no intimo d'alma as cordas do estro juvenil. *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo.*

Para os modernos é uma lucta em que o espirito, rompendo as cadêas da humanidade, esvoaça para o infinito.

A poesia é o protesto eloquente do sentimento, que afirma a immortalidade, contra a sensação, que celebra a apotheose da carne.

Nenhum poeta póde ser materialista nem atheo. Lucrecio crê, poeta, quando philosopho, duvida. Anacreonte é espiritualista nos proprios delirios de Lyêo.

O poeta é o Titão mythologico, que sobrepoem as montanhas ás montanhas para chegar até Deus.

Só ha duas sublimes manifestações da intelligencia humana. Por ellas o intendimento é genio, e o genio parece volver á divindade. São a poesia, e o calculo. Só o geometra e o poeta comprehendem verdadeiramente a Deus, porque o imitam. O geometra mede o universo, o poeta canta-o. Ambos o refazem pela harmonia e pelo numero. O poeta adevinha-o, o geometra demonstra-o. O geometra acha o espaço e as suas fórmas. O poeta entorna-lhe na amplidão torrentes de luz e ondas de perfumes. E como se confundem nas suas fronteiras estas duas poderosas faculdades, que parecem ao vulgo intractaveis e hostís; a phantasia e a abstracção! Como se enleiam e fraternisam! Como folgam no mesmo campo, como se extasiam em iguaes contemplações, como vão tantas vezes, irmãs e socias, roubar a Jupiter o fogo de Prometheu! O céo é para ambas um enlevo; a terra para ambas um thesouro; o mar para ambas um espectaculo. O infinito e a harmonia são-lhes meditação commum. Sobre o poema de Milton irradía, deslumbrante de esplendores, a imagem sublime do Creador. No fim do livro de Newton apparece Deus, conclusão sublime d'este admiravel syllogismo, que se chama o universo.

Poeta e geometra, irmãos no destino, enfeixa-os ás vezes a plebe materialista na mesma excumunhão, e humilha-os a turba, que tumultúa no fóro e no mercado, com os mesmos apodos e sainetes. Véda-lhes as magistraturas e os officios da republica, e julgando desacatal-os, estreita-lhes os caminhos da terra e do presente a elles, que tem patentes e esperançosos os caminhos da immensidade e da gloria. É um poeta! É um geometra! são duas sentenças que significam a incapacidade para os negocios prosaicos da vida material.

Uma vez o grande conquistador moderno quiz honrar, como cos-

tumava, o genio dos sabios, não chamando-os apenas aos logares honorificos e rendosos do imperio, senão ao maior e mais trabalhoso officio do estado. Appeteceu-lhe vêr como executaria as leis caducas em tres palmos de terra o que dictava por esse tempo as leis eternas á immensidade dos espaços. Chamou Laplace e fêl-o secretario d'estado. Ao cabo de poucos mezes acharam-lhe na pasta dos negocios, em vez de expediente, os manuscriptos da theoria da lua. Motejaram os praguentos da distracção do sabio. Mais de um obscuro scriba riria a bom rir da negligencia do ministro, e altearia os hombros para se medir com o geometra francez e a si proprio decretar-se primazias de entendimento. Napoleão commentou a anecdota com os seus marechaes. Mas se o imperador escreveu com a espada alguns capitulos de uma historia, que d'aqui a alguns mil annos será apenas uma letra na inscripção dos seculos, Laplace escreveu no céo um livro, que terá para sempre o mesmo valôr; se Napoleão cingio a fronte de uma luz, agora esplendida, e que será no futuro um crepusculo indeciso, Laplace circundou o seu laurel de uma luz, que terá sempre a novidade de uma aurora.

Chateaubriand passou rapido pelo poder, como entre dois oasis floridos se atravessa correndo o Sahara. Luzio e apagou-se depressa. As turbas disseram maliciosamente. É um poeta! mas o seu tumulo, affagado pelas aguas do Oceano nas costas da velha Armorica, será para os vindouros uma romagem, emquanto ninguem saberá onde repousam as cinzas, já hoje quasi esquecidas, de Villèle.

Trazem os poetas comsigo este condão, quando nascem. Custa-lhes a caminhar na terra, mas é-lhes facil o caminho para a verdadeira gloria. Tardios na fortuna agora, velozes na reputação para a posteridade. Vêdes aquelle velho veneravel, tunica em desalinho, rôtas as sandalias, bordão de peregrino na mão? Pasmam-lhe em redor as mulheres, que o escutam, esquecem os seus mesteres os homens que o rodeiam. Canta, inspira-se. Do espirito d'elle aos espiritos que o cercam formam o genio e o enthusiasmo uma cadeia de sensações communs. É Homero, que solta um hymno a Jupiter, ou declama, com a accentuação heroica, a temerosa batalha de Achilles e de Heitor.

Agamemnon é um nome, Nestor um mytho, mas Homero é uma gloria. Tanto foi o poder de uma lyra vibrada pelas mãos de um mendigo inspiradissimo.

Quantos reis encheram a terra com a fama dos seus triumphos, emquanto Homero votava a estranhos lares as offerendas, que não podia sagrar aos seus? Quantos dominadores arrogantes as-

sombraram com a sua chlamyde a extensão de imperios collossaes, emquanto o vate hellenico não podia medir com a sua sombra um só palmo de terra, que fosse d'elle? Elles grandes, poderosos, senhores, reverenciados e temidos. Elle pequeno, desvallido, hospede, e recebido por esmola na humildade das choupanas. Elles encastellando pyramides sobre pyramides, com alicerces de ossadas, para salvarem o nome do diluvio inexoravel dos tempos. Elle, descuidoso, assentado á beira dos regatos obscuros, luzindo a magestade da sua miseria ao sol esplendido da Achaia, pagando com trovas o pão da hospitalidade popular, e cunhando em medalhas indestructiveis o seu busto para a immortalidade.

Os grandes morrem duas vezes, uma para o mundo, a outra para a memoria. Elle, morrendo; ergueu-se, estatua immortal da sua propria gloria, sobre o pedestal dos seus canticos divinos.

Perguntae a esses grandes homens de um dia, a esses, a quem a fortuna dá em applausos ephemeros a parodia sarcastica da gloria, perguntae-lhes se quereriam ser poetas e trocar pela lyra sem adornos as insignias da suprema potestade? Até da pergunta haveriam de sorrir. Perguntae-o a esses, que se crêem Cesares, porque a fortuna lhes ageitou nos hombros a veste imperatoria. Perguntae-o a esses, que na tribuna alcançaram os loiros faceis e communs de uma eloquencia, que após si não deixa rastro. Perguntae-o a esses, a quem vulgares talentos alcançam n'um dia as eminencias do poder. Perguntae-o áquelles, a quem a complacencia docil dos amigos e a instabilidade dos sectarios decretam n'um dia triumphos e no outro excecrações. Se elles se trocariam por um poeta! Se elles não julgam vinculada a si com mais seguros grilhões a memoria dos posteros! Se elles trocariam uma oração das suas por um poema inteiro!

A humanidade é leviana, mas é justa. Os seus erros ella mesma os corrige e os expia! Decretam os homens em vida os maiores triumphos aos que menos os merecem. As gerações, que succedem revogam porém, sem piedade as sentenças dos contemporaneos. Na Grecia e em Roma mais corôas e mais acclamações tinha um athleta dos jogos olympicos ou um gladiador do circo, do que um poeta admiravel. Hoje o enthusiasmo é no theatro para os cantores de uma noite, no senado para os oradores de um dia, no *fórum* para dictadores de um mez. A gloria será ámanhã para os poetas, para os artistas, para os sabios, para os grandes bemfeitores da humanidade. Aos que enlevam ou seduzem um momento, demos-lhe o enthusiasmo, que é a douradura falsa da gloria, demos-lhe as palmas e os applausos, que são a immortalidade fingida, demos-lhe a apotheose dos jornaes, que é a divin-

dade de um dia. Os grandes poetas cantem, esperem e morram. Deixem passar junto de si, nos seus carros triumphaes as mediocridades brilhantes, as cantoras que envelhecem, os tenores que definham, os oradores, que empallidecem, os estadistas, que vão perder-se no occaso. Deixem passar a procissão solemne das reputações da praça publica, deixem luzir ao sol as venezas e as gram-cruzes, as purpuras e os loiros. É o grande prestito, é o lugubre epigramma, em que o pincel de Holbein escreveu o epitaphio das glorias feitiças. É a dança da morte, que desfila. Ámanhã os imperadores serão um tumulo, os ministros um écco, os poderosos um nada. E a gloria virá tomar pela mão o verdadeiro genio, chamal-o do seu cantinho na lareira humilde, enxugar-lhe as lagrimas, coroar-lhe a fronte, pronunciar-lhe festiva o *io triumphe* da verdadeira immortalidade.

Por isso os grandes poetas não podem ter biographia. Viver para elles é sentir e cantar. A narrativa da sua vida terá apenas dois capitulos: a poesia e o amor. Viver, para outros homens são as facções, em que se mesclaram, as discordias, em que foram parte, os exilios, que padeceram, as magistraturas que geriram, as victorias que alcançaram. A historia de um poeta são tres palavras —nasceu, cantou, morreu. Da vida do Dante quem sabe os odios, que lhe votaram, os desterros, que o levaram longe da patria, os officios, que lhe incumbiram? Quem cura hoje de saber em qual das parcialidades Guelpha ou Ghibelina, se inscreveu o sombrio cantor do inferno? Quem sabe que elle assistiu á batalha de Campaldino? Quem sabe que foi embaixador junto do papa? A sua vida inteira é o seu poema. E basta elle só para a sua gloria.

Quem foi Virgilio para a vida publica? Um ocioso. Elle mesmo o diz, na transparente allusão á munificencia de Augusto.

Deus nobis hæc otia fecit.

Quem foi Homero? Um peregrino inspirado, que talvez nunca assistio como cidadão ás assembléas democraticas da sua patria.

Quem é Castilho? Para a posteridade, que o ha de julgar, é primeiro que tudo, mais do que tudo um poeta, um poeta, quando canta, e um poeta quando ensina e se affadiga por diffundir a instrucção entre os humildes.

Antonio Feliciano de Castilho nasceu quasi com o seculo, n'aquelles annos, que entre o cerrar do XVIII e o alvorocer do nosso, deram a luz a tantos homens illustres, que nas letras, na sciencia e no governo, vieram a ser os Hugo, os Lamartine, os Guizot da França, em Portugal os Garrett, e os Rodrigo da Fonseca. Cor-

rendo já o seculo presente, nasceu Castilho em Lisboa, na rua de S. Roque, n'uma casa, que fica fronteira á egreja da Misericordia. Foi seu pae o doutor José Feliciano de Castilho, lente de prima da faculdade de medicina, medico da camara de el-rei D. João VI. Foi sua mãe a sr.ª D. Domicilia Maxima de Castilho, senhora que ainda hoje na idade provecta, manifesta a viveza do seu engenho e deixa ver, octogenaria, quaes seriam na idade florente, os dotes do seu espirito. Teve o poeta na sua ascendencia um precursor do seu talento na pessoa de um seu avô do mesmo nome, o chanceller Antonio de Castilho, tambem poeta e chronista das nossas glorias.

Logo ao amanhecer da vida lhe foi adverso o mundo, como se o berço tivesse de o avisar das tempestades, que o haviam de saltear no decurso d'ella. Como muitos homens illustres pelo engenho, Castilho luctou na infancia com a debilidade de uma compleição, que parecia incompativel com o trabalho.

Ou a negligencia da ama, que o nutria, ou acaso desculpavel, as letras patrias estiveram a perder um poeta, que as devia para sempre accrescentar com todos os esplendores do seu talento. Uma queda perigosissima ia-lhe custando a vida, aindas nas fachas infantis. Uma fractura do sterno foi a lesão que então lhe poude descubrir a medicina, mas a organisação toda padeceu a tal ponto, com o desastre, que até aos cinco annos se julgou quasi milagre o haver triumphado das enfermidades, que o prostravam. Aos cinco annos uma d'estas revoluções organicas, que na ordem physica, como na moral, tornam a eminente destruição em renascença, e a crescente debilidade em inesperado vigor, se começou de operar no poeta ainda infantil. A medicina, que era para o poeta, amiga domestica, accrescentava com o affecto paternal o que a sciencia póde ser de salvadora, cuidou solicita em aproveitar o ensejo para que o pobre menino, que havia de ser um grande homem, recuperasse a já quasi desesperada robustez.

Decidiram os paes leval-o para o campo, nas cercanias de Lisboa, para que a amenidade dos ares operasse a cura, em que a só medicina parecia ser inefficaz.

Eil-o, o nosso poeta a deixar Lisboa, para ir pela primeira vez folgar entre arvoredos, e libar os primeiros gosos, tão predilectos seus, da remansada vida rural.

Havia então no Paço do Lumiar uma quinta, que chamavam do *boticario*, provavelmente porque algum dos herbolarios sabios d'antigos tempos a havia comprado e embellecido com o fructo das suas economias, ou antes regado com as aguas ferteis dos seus preparados magistraes, convertidos em genuinas peças de

oiro. Chamavam-lhe tambem a *quinta do principe*, porque ali residira ou a honrára com os seus passeios, um descendente da casa de Bragança. E por fortuna crescêra no vulgo a auctoridade d'este ultimo cognome, porque era o sitio por tal maneira encantador, que merecia bem o desterrarem-lhe da sombra dos seus olmedos e da frescura aprazivel das suas cascatas a prosaica recordação do velho pharmacopóla.

N'aquelle delicioso retirosinho travou o poeta a sua batalha decisiva contra a doença, que o andava ainda diuturnamente experimentando, e ali foram os seus primeiros amores com a natureza, á qual o poeta consagrou desde os primeiros annos a feição mais predilecta dos seus amenissimos cantares.

Era ali Castilho um pequenino Millevoix. Se não fôra a descuidosa e innocente confiança dos cinco annos, como lhe não seria dolorosa a antithese entre o vigor da vegetação, a vida multiforme da natureza, a renovação esplendida da terra, e a lenta desorganisação, em que o espirito, ardente já talvez n'aquelle tempo, requeimava o barro debil, que o não podia subjugar!

Mas o infantil poeta brincava com a natureza, que elle via, que elle adorava, que elle comprehendia pelos sentidos, como haveria depois de a tactear, de adevinhar, de quasi a crear de novo, quando as trevas lhe velassem quasi eternamente os olhos, em uma segunda e mais afflictiva provação.

Era como se a vida fosse para elle tão larga, como eram extensas as campinas, que se desenrolavam, correndo em plainos, colleando em oiteirosinhos, desde a abençoada vivenda do Lumiar. Era a quinta onde vivia um epilogosinho da ridente natureza na formosa estação, que decorria. Circundada de arvoredo, era a casa, d'onde os olhos se podiam espreguiçar á tôa, até os recortes phantasiosos, que desenhava a curva do horisonte. Aqui alamedas umbrosas e viridantes. Ali cascatas e lagosinhos, a cuja borda contemplar o crystal das aguas e phantasiar nayades gentis. Acolá recessos e penetraes de ramagem enflorada, onde simular colloquios com as nymphas mais sociaveis. A aerea phalange de todas as mais poeticas figuras que inventou a mythologia pagan podia voltear ali, evocada pela imaginação opulenta do poeta, se, como nós o acreditamos, o genio tem já na infancia a confusa e vaga representação da poesia. Mais ao longe a nora, com este indefinivel canto, que no seu ranger monotono tem o que quer que seja de grave melancholia. Depois as culturas n'aquella quadra do anno, em que ellas são uma festa de Ceres, em que as pavêas, colhidas e amontoadas, são o emblema do consorcio fecundo entre o trabalho e a natureza, entre o homem e a mãe

commum. Acima de tudo isto o céo azul ethereo de Lisboa o sol estivo em Portugal; as duas mais formosas manifestações da vida e da creação.

Este era o theatro, estas as decorações magnificentes, risonhas. O actor uma creança, a quem aquellas pompas podiam ser, no sentido receio dos seus, as nuncias traiçoeiras de um sepulchro.

Era a quinta, onde o poeta vivia, propriedade de um parente seu, que a habitava. Com uma prima sua, creancinha tambem, dividia a doçura dos seus folguedos. E foi tal a persuasão, a que chegaram os parentes de que o poeta ia sendo consumido por uma phtysica, que á jovial companheira das suas excursões campestres lhe vedavam muitas vezes a sociedade, temerosos de que não viesse tambem a padecer pelo contagio a enfermidade, que no seu doloroso, mas arriscado diagnostico, suppunham irremediavelmente declarada.

Do Paço do Lumiar, podemos dizel-o sem hyperbole, data a primeira luz da poesia para Castilho. É inutil referir que era ali ainda totalmente ignorante das primeiras letras. Nem sabia talvez para que servissem os grossos infolios, que na livraria paterna, lhe faziam muitas vezes nas furtivas incursões ao sacrario da sciencia, o officio de pedestaes, com grave sacrilegio e escandalo de Hippocrates e Boehrave. Se o sabia, era talvez quando a velha Escolastica, sua creada, e como diriamos hoje *bona* privilegiada, assestando doutoralmente uns oculos de classica estructura, rosnando beatamente e adubando de syllabas o latim da ladainha, com a obesa chanternidade de um prebendado, e subjugando a espaços os folhos rebellados da touca matronal, folheava gravemente o devocionario; em quanto o seu pupillo, a um canto da sala de jantar, junto de uma janella, d'onde se descobria a paisagem, comia sobriamente o seu jantarinho, adubado naturalmente de conselhos dieteticos e moraes da boa velha.

No paço do Lumiar foi a primeira Arcadia de Castilho. As primeiras impressões ficam sempre a determinar ás vezes a vocação. Se as protuberancias de Gall e Spurzheim podem justificar o seu influxo no destino do homem, os primeiros espectaculos, que nos affectam, são muitas vezes as premissas da vida inteira. O poeta não sabia que o era, e que os havia no mundo. Mas era-o já sem duvida latente, indeciso. O cahos do entendimento começava a ordenar-se ainda lento e hesitante nas suas evoluções. O *fiat lux* foi aquelle viver do estio, aquelle padecer da enfermidade, aquella tristeza morbida, ás vezes doce, que tinge a alma sem de todo a escurecer, aquelle apparato da natureza esplendente e vivida, aquellas arvores annosas, agitando a coma, aquellas aguas

a murmurar, aquelles cordeirinhos a esconder-se ao pôr do sol por detraz da ultima collina, aquelles moinhos enfileirados nos visos, aquelles bois jungidos, obedecendo á agreste cantilena do lavrador, aquelle fumar das casinhas rusticas, alvejando ao longe ao ultimo crepusculo, por entre os arvoredos da campina.

D'estas primeiras scenas da natureza campesina, d'este espectaculo da vida rural, nascêra a inclinação com que o poeta revellou depois o seu talento, votando-o á musa de Theocrito e de Virgilio.

D'este amenissimo eremeterio do Lumiar ha reminescencias e allusões no *Poema das Flores*, primeira creação, ainda até hoje inedita, com que o poeta auspiciou o seu engenho, e temperou a lyra para tomar depois logar preeminente entre os arcades, que se despediam já, cedendo o campo á irrupção poetica do norte.

O inverno seccava e despia as arvores e intimava o regresso aos conchegos da corte. Eis o nosso poeta em Lisboa já sensivelmente melhorado da sua enfermidade.

Aos cinco annos de idade foi Castilho aprender as primeiras letras. Do jugo suave da senhora Escolastica passou o poeta para a tutella litteraria da senhora Catharina do Rego, que na rua da Barroca presidia a uma escóla de meninas, supprindo pela severidade com que tomava no sentido litteral a sua profissão, o que podesse haver de imperfeito na sua doutrina. D'aqui data o primeiro horror, com que o poeta contemplou na escóla da infancia um calvario de iniquidades. Aqui nasceram as primeiras impressões em que o poeta-philosopho ainda creança previa já talvez, pelo sentimento, o que depois, em beneficio da puericia, chegou a realisar pela meditação.

Mas a escóla da senhora Catharina era o paraiso terreal, se a compararmos com a que depois lhe succedeu na primeira educação de Castilho. A mestra ao menos era mulher, e o pedantismo escolastico ainda ás vezes deixa logar para que um vislumbre de benevolencia e de amor tempere, n'um coração feminil, os rigores do pedagogo. A mulher não esquece os instinctos amoraveis do seu sexo, ainda mesmo quando a lei e o costume lhe poem nas mãos uma férula e a transformam em carnifice de innocentes.

Do governo monarchico da senhora Catharina do Rego, passou Castilho para a dominação friamente despotica de mestre Eusebio, que tinha escóla na rua da Atalaya. Mestre Eusebio era um homem de annos já maduros, que engrandecia a austera magestade do seu officio pela obesidade da sua pessoa, em quanto diminuia a veneração publica pela extravagancia do seu trajar. Sentado no seu pretorio, atapetada a calva com um barrete de

pelle de lontra, oculos redondos seguros pela pressão na ponta do nariz, deixava cair em pregas artisticas, como se fosse a pretexta de um personagem consular, o seu chambre de ramagem, sob cujas orlas appareciam como uma provocação ás leis sumptuarias e ao bom gosto as vastas pantuflas de marroquim amarello que lhe tornavam os pés desmesurados e medonhos.

Mestre Eusebio era como a maior parte dos pedagogos do seu tempo, continuados infelizmente nos nossos dias, acerrimo sectario da mais feroz pedagogia. A sua philosophia era singela como o seu lenço de Alcobaça estendido quasi sempre e formado em batalha entre o favorito Madureira e a caixa, em cuja tampa as tres graças, pintadas em papelão, escondiam a nudez n'uma crusta de simonte. Disputaram os philosophos sobre quaes são as fontes dos nossos conhecimentos. Inutil e lastimosa controversia! Mestre Eusebio era dogmatico e decisivo na questão. A origem das idéas era palmatoria. Tal era o principio simplicissimo, d'onde mestre Eusebio, tão avaro de theorias como munificente em palmatoadas, menos transsundente que Pestalozzi ou Feuerbach deriva ao mesmo tempo a educação e a philosophia. Mestre Eusebio deixou milhares de successores na sua doutrina. Mas em Castilho—mal o sonhára o pedagogo nas vesperas da invasão franceza—deixava um perseguidor incansavel d'aquella seita e um apostolo eloquente da educação pela intelligencia e pelo amor.

Sob a direcção de mestre Eusebio alcançou o poeta as primeiras noções do ler e do escrever; mas o que ficou sabendo com evidencia, para não mais o deslembrar, foi a improficuidade dos methodos brutaes, que fazem da aula uma hecatombe, e da férula um argumento irrespondivel.

Andando nas primeiras letras o veio saltear uma dolorosa enfermidade. A um sarampo, a principio benigno, succedeu uma erupção, que se foi complicando com uma inflammação dos olhos. Incharam-lhe as palpebras pela parte interior, de modo que era impossivel descerral-as e receber a menor porção de luz. Multiplicaram-se as juntas e os esforços da medicina, que tão de casa tinha o poeta, pelo pae e pelos collegas. Com as juntas e pareceres os desenganos. O poeta perdeu inteiramente a vista. Parecia não haver a principio lesão alguma nos orgãos da visão. Annos depois melhorou o poeta da primeira inflammação. Mas a cornea quasi de todo se havia tornado opaca. O olho direito estava para sempre condemnado á escuridão. No esquerdo alguns pequeninos espaços ainda transparentes permittiam o accesso a alguma luz. Desde então Castilho teve quasi defesos á sensação os mais ricos thesouros da natureza. Distinguindo as côres, per-

cebendo os objectos, quando os examina a curtissima distancia, ficava-lhe ainda luz bastante para lastimar o perdido esplendor com que ainda havia pouco a festejava. Cantor da natureza, cantor da luz, pintor e corolista felicissimo e brilhante, ficava-lhe para desenhar e colorir os seus amenissimos paineis, a palheta preparada nos primeiros annos da infancia. Era como se a Rafael lhe tivessem apenas concedido para immortalisar o seu nome as tintas que lhe sobrassem das loges do Vaticano. Singular paradoxo da vocação poetica! Milton perdendo a vista, levanta-se da terra, que é toda trevas para elle, até ao céo, onde refulge a luz intellectual e traça nas sombras da sua vida a pintura esplendida do Paraiso. Milton porém, tinha contemplado muitos annos o universo radiante. A Castilho mostra-lhe a natureza as suas cores, os seus matizes, os seus esplendores, as harmonias da sua luz, deixa-lhe ver o verde esmaltado dos seus arvoredos e das suas campinas, o azul diaphano das suas aguas remansadas, o verde escuro do Oceano, o ceruleo dos ares do estio, a côr plumbea de um céo brumoso, e depois cerrando-lhe de improviso e para sempre o panorama, dá-lhe com a vocação o pincel e diz-lhe. «Retrata-me se pódes. Dá-me nos teus versos as minhas paisagens mais ridentes, e variadas. Dá-me o lourejar das espigas, as tintas suavissimas da aurora, as côres saudosas do crepusculo, os reflexos melancholicos da lua e innunda em torrentes de luz o phantasioso desenho dos teus poemas.» Pediu a natureza o impossivel quasi. Castilho porém acceitou o repto e saíu laureado com a victoria. Irrefragavel demonstração de que o universo inteiro existe retratado em miniatura n'um perfeito entendimento!

A doença, que privára Castilho da perfeição da vista, acabou de operar a revolução, que no seu organismo se começára logo nos seus primeiros annos. Estava agora robusto e saudavel como depois tem sido sempre. Agora lhe dava a natureza as forças para o trabalho, quando lhe tirava o mais poderoso instrumento da educação intellectual. Agora o engenho a sós comsigo, livre das importunações externas dos sentidos, como que recatado em seu sacrario, crescia ardendo por desatar-se em manifestações poeticas. Era ainda precoce a idade para a poesia. O poeta, antes de cinzelar artificiosamente os periodos e de revellar as fórmas intelligiveis, devia tactear as fórmas physicas, e passar pelo escopro antes de vibrar a lyra.

Queria a natureza experimental-o com um milagre do engenho. Aporfiava por fazer crer a todos que é para os talentos a visão uma superfluidade e a luz uma pompa vã.

Vejamos como dispoz as coisas para o provar.

Contava Castilho entre os amigos de sua casa ao celebre estatuario Joaquim Machado de Castro, auctor da estatua equestre de el-rei D. José I. Era já o esculptor por aquelles tempos mui entrado em annos, mas ainda laborioso e deligente. Assistia ao Thesouro Velho. A casa tinha o que quer que fosse de solemne e antiquario. Era uma habitação do antigo regimen, decorada de pannos de arraz, onde as imagens dos heroes da Iliada pareciam á luz indicisa dos aposentos, saltar da tela, para vir terminar no meio d'elles, as suas homericas pelejas. Ali levavam muitas vezes o futuro poeta, como se fôra uma gloria nascente, que ía a receber a benção de uma gloria moribunda. Estava o decrepito esculptor no seu gabinete, cercado de livros e de gravuras, ora desenhando, ora escrevendo, ora deixando aquelle pequeno santuario para ir visitar a aula e a officina de esculptura, que tinha estabelecida no andar terreo da propria habitação. Celebrava o velho o engenho precoce de Castilho e lastimava não poder ensinar-lhe como aos irmãos as suas artes predilectas do desenho. Tinha Joaquim Machado por ajudante na escóla, que regia, o esculptor Faustino. Festejava o ajudante as disposições precoces em que já se revellava no poeta o amor das artes. Dáva-lhe ás vezes, para que brincando os affeiçoasse, alguns pedaços de cêra plastica, com que os imaginarios costumam esboçar as suas obras, para corrigir em vulto os desenhos, que idearam. Começou Castilho a tomar nas mãos, mais do que inespertas, desajudadas da visão, os pedacinhos de cêra, e a moldal-as em pequeninos esbocetos. Saíu-se bem com as primeiras tentativas que pelo commum abortam em monstrosinhos plasticos nas mãos da infancia ignorante. Elevou-se a maiores vôos o poeta. Pelo tacto foi estudando a rude anatomia, que em tal idade lhe era permittido descobrir, com as mãos foi observando a musculatura no proprio corpo, e errando agora, emendando logo, tentando sempre, não desanimando nunca, aquecendo com o fogo do estro a cêra, que não podia illuminar com a vista, alcançou cinzelar uma estatueta, que representava um geniosinho, um amor, o que quer que era de infantil e de poetico. Caíu a obra nas mãos do grande mestre. Imagine-se o alvoroço, com que a receberia. Uma creança, sem luz, tentava n'um brinco pueril, os caminhos de Canova e de Thorwaldsen. Aqui foram os encarecimentos e enthusiasmos do ancião, aqui os louvores ao que se lhe affigurava um milagre do engenho, aqui as prophecias, com que promettia ao futuro cantor da *Primavera* um logar distincto na galeria dos Phidias e dos Miguel-Angelos. Do que lhe parecia prodigio de talento, deixou Machado honrosissima e authentica

recordação n'um papel, escripto e firmado pelo seu proprio punho. Existe o documento em poder do agraciado. A elle, e ao episodio que lhe deu occasião, allude Castilho em uma nota das *Escavações poeticas*, que publicou, já quando a fama do seu nome tomára logar preeminente nos fastos litterarios de Portugal.

Perdida quasi inteiramente a vista do poeta, julgaram os paes serem perdidas as esperanças de o aproveitar para a mais singela educação, quanto mais para o officio litterario e gloria sua e da nação. Era um invalido, a quem a affeição paterna destinava o abrigo da familia. As honras, os cargos e as dignidades era sonhal-as e promovel-as para os irmãos, que já denunciavam na puericia talentos tambem distinctos, e que fariam depois da familia uma especie de academia. Era tempo de mandar os irmãos do poeta a cursar humanidades. Começaram, como é uso, pelo latim, que se ensinava então nos *Geraes*, especie de lyceu irregular e incompleto, que por aquelles tempos havia ao Cunhal das Bollas, na rua da Rosa. Ali professava as letras latinas José Peixoto do Valle, erudito e supersticioso cultor das antiguidades romanas. Era um homem já adiantado em annos. Quem o visse no alto da sua cadeira magistral, com os cabellos brancos n'uma desordem classica e estudada, fazendo repercutir nas paredes da aula publica as allocuções de Tito Livio, vibradas por uma voz grave e magestosa, quasi inspirado a dois mil annos de distancia pelos sentimentos e pelas grandezas da republica, julgaria ver representada ali a romana magestade, imaginaria ouvir a entonação eloquente de Menenio Agrippa, evocando do Monte Sacro á cidade eterna a plebe offendida e revoltada. José Peixoto tinha o corpo no Bairro Alto, prosaico e desconsolador theatro para heroicas attitudes, mas o espirito vagueava-lhe senhoril e triumphante no fôro, ou no senado. Mais zeloso do nome quiritario de que os Fabios e os Scipiões, chegava porventura a tomar a turba embelle e infantil, que o escutava, pelo povo-rei, congregado em centurias no campo de Marte para deferir o consolado a Paulo Emilio ou a Pompeo. Para elle Roma havia cerrado o cyclo inteiro das mais esplendidas e opulentas civilisações. Depois de Roma os barbaros duravam ainda no seculo, em que elle vivia. A missão da humanidade era venerar nos codices latinos as unicas reliquias preciosas da antiga senhora do universo. *O Felix qui poluit rerum cognoscere causas* tinha no seu juizo litteral applicação aos que podiam comprehender e interpretar nos originaes romanos os unicos prodigios verdadeiros do engenho e da phantasia. Ajudava a José Peixoto no seu fanatismo latinista a memoria prodigiosa, que soube enriquecer com a mais sele-

cta erudição. Elle só valia a bibliotheca de Fabricio. Os trechos da mais grave ou da mais amena poesia latina, saiam-lhe sonoros e fluentes na magestosa declamação.

Da aula do latim voltaram no primeiro dia os irmãos de Castilho, trazendo para decorar a costumada lição de *musa, musæ*. Perguntou-lhes o poeta o que haviam elles de estudar n'aquelle dia. Disseram-lhe que os primeiros nominativos. Redargúe Castilho que, se lh'os lessem mui de prompto os tomaria de memoria. Duvidaram os irmãos da façanha de quem se propunha aprender latim sem poder com os proprios olhos estudar. Recresceu-lhe o animo com a objecção. E já n'esse dia mostrou para quanto era a sua agudesa e retentiva. No dia seguinte pediu ao pae que o deixasse ir á escóla com os irmãos. Cedeu o pae, como quem condescendia com um desejo inoffensivo, mas inutil. Vôa á escóla. Dão os alumnos a lição. Offerece-se Castilho para ser dos primeiros a responder. A ponto são as suas respostas. José Peixoto affaga a esperança de um novo e tão singular alumno, que por seu alvedrio, sendo creança e dispensado de cursar escólas, as vinha buscar por vocação. Depressa entrou Castilho, não como proletario, senão como patricio, n'aquella modesta Roma litteraria, aonde havia subir depressa quasi ao officio e honra de dictador.

Um mestre enthusiasta, um discipulo poeta, que mais se podia desejar para que fosse estreita e cordial a ligação?

É hoje moda desdenharem os litteratos e principalmente os poetas, que se presam de originaes, a convivencia familiar com as musas classicas. Era então exactamente opposta a tendencia dos espiritos. Hoje cobre-se e doura-se a negligente ignorancia dos thesouros antigos com a opulencia exaggerada das modernas creações. Então avultava-se a penuria da invenção para sujeitar os engenhos mais audazes ao jugo de Horacio e dar-lhes a todos moradía de escudeiros no Parnasso da velha gentilidade.

O latim que devia ser um estudo e um exemplo, era então um culto e uma superstição. Hoje é um atheismo commodo, que dispensa os poetas de estudar. No regrado justo-meio reside agora a verdade da questão. E de feito, que exemplares e que modêlos de gosto, de correcção, de atticismo, de eloquencia, de dicção e colorido não perderam os que deixaram virgens os codices da antiguidade? Duas faces tem a verdadeira poesia. Uma, intellectual, sensivel a outra. Uma ideal, formal a segunda. A esculptura, por assim dizer a modelação, o relevo, o cinzelado da poesia tocaram a extrema perfeição na antiguidade. O pensamento christão anima o poema actual. Mas a fórma, para que elle brilhe, ha de rastrear de perto o exemplar antigo. Assim como o Moysés

de Miguel Angelo excedendo-o de toda a magestade do Sinay, e de toda a gloria biblica, segue de perto, no desenho material, as linhas classicas do Jupiter de Phidias.

Da estreita convivencia com o mestre erudito e enthusiasta, nasceu em Castilho o ardor, com que elle desde os mais verdes annos conversou familiarmente as musas latinas. É porventura ao influxo, que no seu animo exerceu o já hoje obscuro José Peixoto, que se devem em principio as mimosas traducções, que dos poetas da idade aurea temos já hoje recebido da penna de Castilho. Os seus primeiros tentames de poesia saíram, como era uso no antigo ensino classico, moldados pelas normas virgilianas: exercicio perigoso para mediocres engenhos, porque os póde facilmente transviar para o pedantismo; fecundo e illustrativo para poetas verdadeiros, que hão de mais tarde subjugar e affeiçoar um idioma, nascido do latim.

Nos Geraes do Bairro Alto aprendeu Castilho a rhetorica com Maximiano Pedro d'Araujo Ribeiro, que ali a professava, com tanto esplendor e eloquencia, quanta é possivel em mestres de oratoria, quasi sempre opulentos de exemplares, e pobrissimos de engenho e de invenção. Era Maximiano um cultor apaixonado do velho Quintiliano, bom humanista e achacado da enfermidade de fazer versos, ora originaes, ora versões de escriptores da antiguidade. Traduziu Persio e Juvenal Calculava rhetoricamente os seus enthusiasmos em odes pindaricas, de que ficou pouca memoria. Escrevia comedias da propria lavra, de que não resta hoje recordação no theatro nacional. Era Castilho o seu discipulo amado, como aquelle, em quem reluziam mais visiveis lumes de poesia. A Castilho tomava por confidente dos seus desafogos metricos, e a elle o elegia por auditorio o Pindaro ephemero do Cunhal das Bollas. Tinha por Cicero um amor que raiava em adoração. Ás bellezas nativas, que um simples mortal póde achar desprevenido nos discursos do celeberrimo orador, juntava Maximiano perfeições, que elle proprio esquadrinhava, calumniando de sublimes as expressões mais triviaes e familiares, que o orador escrevêra sem pretenção.

A estes tempos de vida litteraria pertencem os primeiros versos portuguezes de Castilho. Andando no latim, verteu em metrificação vernacula o episodio da *Inveja das Metamorphoses*, o qual lhe foi dado como thema pelo mestre. Tendo lido a vida do padre Balthasar da Encarnação, piedoso fundador do conventinho da Boa-morte, saudou a memoria do veneravel ancião n'um soneto que começa:

Debaixo d'esta rocha tosca e dura
No centro d'uma lapa escura e fria, etc.

Em que se percebe já, a despeito da profusão dos epithetos, a cadente harmonia da sua correcta versificação. Eram-lhe já por estes tempos as musas complacentes, e com natural e fluente improvisação denunciava a viveza e promptidão do seu engenho. Volumes e volumes de poesias compoz e collegio n'estes annos de primeiro tirocinio Seguia n'ellas o sabor e o estylo de Camões. As eclogas eram o producto mais espontaneo e predilecto da sua fertil imaginação. Era Camões emprestando as suas tintas ás saudosas reminiscencias do Paço do Lumiar. Quasi todas estas primicias litterarias as consumiram as chammas, ao começar o poeta, com intentos de maior seriedade, segundo e mais brilhante periodo da sua vida intellectual.

(Continua).

J. M. Latino Coelho.

NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

(Continuação)

Por um phenomeno difficil de explicar, sendo a historia de Portugal dos ultimos tempos a historia quasi commum das luctas civís da Peninsula hispanica, a nossa litteratura esquiva-se a esta influencia e caminha em regiões affastadas dos acontecimentos politicos. O talento poetico inspira-se no grande movimento de independencia nacional que reage contra o despotismo militar do primeiro capitão do seculo, mas inspira-se no que esse movimento tem de mais puro e ideal para effectuar, dentro das espheras da arte, o triumpho do genio da litteratura nacional, suffocado e confundido até ahi nas ruinas das tradições gloriosas da patria.

O peso da espada de Napoleão, com avassallar os imperios, tinha como comprimidas e suffocadas as nobres ambições da nacionalidade dos povos. Nos raros e breves intervallos de reflexão que a vida dos campos de batalha deixava ao soldado, o pensamento d'este volvia-se para a patria, e não poucas vezes a saudade lhe vinha pintar na imaginação, com as cores attractivas e sympathicas dos objectos ausentes e que se julgam perdidos para sempre, os logares queridos da sua infancia, os contos singelos com que a tradição popular lhe exaltára o espirito e os monumentos gloriosos que o haviam habituado a ver dentro das montanhas extremas do seu paiz os padrões da

sua independencia e os titulos venerandos da sua historia, e isto tudo banhado da luz suave do affecto de familia, porque havia sido ao fogo do lar domestico e no seio dos castos e doces enlevos da adolescencia que o pobre soldado havia ouvido estas revelações da boa de sua mãe n'essas horas que tão ledas e rapidas nos parecem, vista já a distancia, d'entre os tumultos e desgostos da vida dos trinta annos.

Foi de certo este sentimento a melhor fonte de inspirações para o auctor da *Dona Branca* e do *Camões*. Não foi a paixão politica que inflammou o estro do poeta e dardejou os seus raios n'essas vehementes allusões de que as *Messeniennes* de Delavigne, o *Loduvico Sforza* de Nicolini, e o *Don Alvaro* do duque de Rivas foram o esforço sublime: em Almeida-Garrett o poeta, ascendendo em raptos de lyrico enthusiasmo, perdeu de vista o politico. A sua musa, como indignada de haver cedido por instantes ás idéas do tempo no *Catão*, e cingido a chlamyde tragica, sob a qual mal se disfarçam as fogosas apostrophes de emancipação liberal, largou o punhal das vindictas tribuniceas, e correu a inspirar-se nas lendas da nossa historia. A lembrança da terra natal avivada pelas agruras, e injustiças do exilio, e idealisada pelo sôpro romantico que partira d'além do Rheno e accendêra a imaginação de Byron e dos poetas da França, conseguiu desencantar do seu espirito os thesouros de uma litteratura nacional nos activos e fecundos instinctos, e ainda mais nacional na fórma singela e popular, que é como bafejada pela doce melancholia do genio da poesia peninsular.

Antes de Almeida-Garrett já Filinto Elyseo annunciára este desejo de renovação litteraria; e é facil de perceber em todas as suas obras, ainda mais o espirito de que a phrase sarcastica e ferina, affiando o epigramma que retalha as carnes dos *francelhos*, que mais ignorantes que irreverentes para com bellezas que desconheciam, desaccatavam os foros da lingua, e com elles os nobres titulos da nacionalidade.

Esta tendencia, que entre nós se manifestou no começo d'este seculo, pelo desejo exagerado de moldar principalmente nas obras do theatro francez todos os nossos trabalhos do mesmo genero, o que produziu a familia interminavel das *Electras, Osmias* e *Sophonisbas*, era ainda um resultado do dominio dos chamados preceitos classicos do tempo de Racine e Boileau, a que o conde de Ericeira, e os seus academicos, curando de estimular o gosto das boas letras, haviam aberto ampla porta; preceitos que, revivendo em França na época do Directorio, tomaram as dimensões piegas de uma nova renascença grega, a ponto de depois se desenvolverem e caracterisarem a litteratura do impe-

rio. O *Méléagre* de Lemercier, o *Marius à Minturnes* de Jony, o *Pyrrhus* de Lehoc e o *Hector* de Lucio Lancivel, completam a prova d'esta imitação pallida dos classicos.

Mas em Portugal os effeitos d'esta influencia estranha não foram longe, como não foram os de nenhuma outra influencia litteraria, a não ser a que nos trouxe a Hespanha, nos fins do seculo XVI, com a usurpação dos Filippes. N'essa época, com o predominio politico, entraram de envolta nos animos, já abastardados por uma serie de causas cujo desenvolvimento não vem para aqui, os tresvarios da escóla de Gongora e as depravadas subtilezas do cultanismo. O genio da poesia nacional, como presentindo o largo periodo de olvido a que seria votado, havia soltado os seus ultimos lamentos de despedida nos sentidos cantos do *Affonso o africano* de Quebedo, e na maviosa e dolorida narrativa do *Naufragio de Sepulveda*, de Corte Real. Depois d'isso nada mais se ouvira de verdadeiramente portuguez, nem no sentimento, nem na linguagem. As diversas manifestações da arte, da arte filha genuina do sentimento peninsular, mixto da influencia christã e das tradições cavalleirosas da edade-media e das lendas arabes jaziam opprimidas e despresadas pela tyrannia estulta das doutrinas da litteratura mythologica, doutrinas sem raizes no nosso solo, nem comprehensiveis, nem acolhidas no animo do povo. Que sabia o povo de Jupiter com o seu Olympo, e de Venus, a lasciva e formosa esposa de Vulcano? A vista esplendida do firmamento, nas horas da magestade silenciosa da noite, dava mais azas á imaginação poetica, do que toda a comitiva impudica das divindades pagãs de Hesiodo e Homero. O brado do auctor de *Dona Branca*:

> Aureos numes d'Ascreu, ficções risonhas
> Da culta Grecia amavel.....................
> ..
> teu culto abjuro,
> Tuas aras profanas renuncio;
> Professei outra fé, sigo outro rito;

esta abjuração do grande poeta era a voz instinctiva da nação. Por isso o movimento de renovação litteraria, que succedeu a este longo periodo de subjeição e entorpecimento para os vôos da phantasia, apresenta-se como um movimento instigado pelos incentivos da arte nacional que, cansada de tal estado de escravidão, quebrou as prisões das theorias classicas e tratou de colligir e atar de novo as suas tradições.

Mas todo este impulso teve um tardio e difficil movimento pro-

gressivo em Portugal; e foi só passados annos, depois da revolução liberal de 1833, e de se ter apagado o fogo dos odios politicos, que os animos, respirando n'uma atmosphera já desannuviada das tempestades partidarias, sentiram pullular em si os germens da renovação litteraria, a que a revolução, irrompendo n'uma parte da Europa, havia preparado o caminho ás suas tendencias predilectas. A *Harpa do crente*, a *Voz do Propheta*, a *Noite do Castello*, os *Ciumes do Bardo*, a *Baroneza de Gaya* foram as tentativas e os triumphos das novas inspirações. O sentimento vivo das tradições legendarias, a que empresta uns tons elegiacos a natural melancholia do genio da poesia peninsular tornou-se em geral a alma e a expressão d'estes poemas, que acharam na historia ou nos vôos da phantasia poetica as suas ficções e os seus personagens. Depois veio o grande acontecimento litterario, appareceu no theatro o *Gil Vicente* que abriu nova vereda, e porventura a mais larga e triumphal, a uma legião de mancebos que acharam na scena o campo fecundo das suas estrêas dramaticas.

O *Gil Vicente*, o *Panorama*, a *Revista Universal* e o *Trovador* são os padrões que, em épocas differentes e patenteando esforços de consagração distincta, inauguraram comtudo o mesmo pensamento, posto lhe marcassem a partida de pontos diversos e mais ou menos aplanados já pelos progressos intellectuaes. Cada uma d'estas obras resume o epilogo de um grande periodo litterario para nós.

O *Gil Vicente*, reproduzindo a côrte de um reinado glorioso, entrelaça o nascimeuto da comedia nacional com o alvorocer da poesia lyrica nos vultos de dois grandes poetas. É uma lição e um incentivo; e é principalmente o drama que se filia na escóla que illumina a historia com a vehemencia e rasgos ideaes da paixão moderna. O nosso theatro moderno começa n'este exemplo.

Ao nome de Almeida-Garrett veem depois ajuntar-se os de Alexandre Herculano, Mendes Leal, Abranches, Pereira da Cunha, Cascaes, Lacerda, Feyjo, e outros. Os *Dois Renegados*, o *Captivo de Fez*, o *Fronteiro de Africa*, a *Brazia Parda*, a *Rainha e a aventureira*, os *Dois Campeões*, dramas, uns modelados pelos grupos severos da historia, mas idealisada pelas liberdades da phantasia, resumem este quadro de inspiração, estudo e applauso para a nossa scena.

O *Panorama* é o primeiro centro litterario que se constitue: o seu pendão, é o das novas doutrinas; e os seus soldados uma phalange de mancebos que mal despontam para as letras, mas arrojados nos commettimentos. O sr. Alexandre Herculano é o

Nestor e ao mesmo tempo o Ulysses d'esta guerra em que não ha Troyas para cercar nem demollir, mas em que ha velhas ruinas de preconceitos litterarios que importa derrocar, e monumentos de inspirações novas que é mister erguer. O romance, a poesia, as excavações historicas, a critica amena, as lendas populares, os estudos archeologicos, tudo figura nas paginas d'este vasto repositorio, que muito concorreu para os progressos da litteratura nacional.

A *Revista Universal*, cujo plano é já mais vasto e encyclopedico, porque reune aos agrados das letras os melhoramentos industriaes e economicos, fórma o segundo passo no desenvolvimento das idéas e dos factos, que influe para a illustração dos nossos talentos n'esta era. Á sua frente figura o nome illustre do sr. Antonio Feliciano de Castilho.

Depois apparece o *Trovador*, parnaso moderno de ardente e inspirado trovar; mas parnaso, não, que essa pleyada de talentosos mancebos, correndo a agrupar-se em torno do archanjo da poesia nacional,

> Quebra *os* numes de Ascreu, Musas despreza,
> Renega as antigas leis, descrê do Olympo.

Abjura as ficções risonhas da Grecia; por crença só quer o Eterno.

> O mundo por altar, os céos por templo.

E que thesouros de phantasia, e que fogo vivido de crenças puras não fulge n'aquellas paginas palpitantes ainda do enthusiasmo das energicas e ferverosas convicções da nova doutrina! A oração melancholica da tarde, os extasis frementes da manhã, as bellezas mysteriosas da noite a furto allumiadas por meigo olhar da lua, as serenas consolações da oração, os aromas enebriantes do balsamo da esperança, as iras do ciume n'um peito de vinte annos, os beijos frementes dos labios apaixonados na selva ao despedir do dia, a voz dos bosques, os gemidos da torrente, sobras vagas do crepusculo, todos estes hymnos da natureza, todos estes brados do coração virgem, todos estes raptos da imaginação em fogo, todos estes arrebatamentos de voluptuoso e suavissimo lyrismo tem um ecco, uma nota, um cantor e uma harpa n'aquelle côro de almas bafejadas pelo genio das ferventes e sinceras inspirações. É d'este enthusiastico certame que saem os nomes bemquistos ás letras de João de Lemos, Rodrigues Cordeiro, Serpa, Pereira da Cunha, Lima, Palha, e Couto Monteiro.

Mas depois seguem-se tempos esteries para a litteratura. As dissensões dos partidos rebentam de novo, e o jornalismo politico attrahe e absorve os talentos. Um grande numero dos mais eminentes campeões d'esta cruzada passa para os diversos campos da politica pratica. Alguns ha que, ou por lhes repugnar a refrega accesa da polemica jornalistica ou por pouco maduros para se darem á discussão dos negocios publicos, se recusaram a entrar n'esta peleja de todos os dias e de todas as horas, em que as paixões se desvirtuam e o talento sente esfriar os raios mais vibrantes e refulgentes; e d'esta abstenção mais de uma obra saíu, em que a critica teve que applaudir. Mas a verdade é que o impulso havia affrouxado, e que o sol dos esplendidos dias declinava para o seu poente. Na poesia ainda algumas vocações já consagradas, como Mendes Leal, João de Lemos, Soares de Passos, Alexandre Braga, Palmeirim e outros, mostraram conservar-se fieis ás suas musas, soltando de tempos a tempos algumas notas do vago e sonoroso hymno de harmonias que lhes vibra lá nos intimos d'alma. Mas a critica, essa segunda phase das épocas litterarias, tomando possse dos espiritos, veio mostrar que a quadra dos espontaneos e ingenitos arrebatamentos deixava o logar á quadra da analyse e da reflexão. Era a puberdade que seguia a adolescencia.

O talento não se podia esquivar a esta lei geral de florescencia e fructificação. Mas as arvores enfrondecem, florecem e fructificam para, depois de se appropriarem novas substancias nutritivas, ostentarem renovada seiva em virentes prodigios de vegetação. Com os espiritos, porém, não acontece assim: uma vez amadurecidos, a idade dos fructos não torna á das flores. O circulo fatal fecha-se para não mais rodar: e essa gradação, que se passa no individuo, transparece igualmente no complexo de uma geração litteraria e caracterisa-a, quando não acudam novas vocações a supprirem os logares que o talento, na sua acção progressiva de amadurecimento, vai deixando na escalla das impressões juvenís.

Um ligeiro exame da elaboração por que tem passado o espirito de quatro dos nossos primeiros engenhos, exemplifica este facto melhor que todas as dissertações. No auctor da *Primavera* brotam meigas e inspiradas as impressões da mocidade nos rhythmos amenos do *Amor e Melancholia*: depois, como um complemento de talento poetico, que jura no altar do culto romantico, apparecem a *Noite do Castello* e os *Ciumes do Bardo*. Vem em seguida a traducção das *Metamorphoses* e de outros modêlos da antiguidade. Aqui é já o philologo e a poesia erudita que se manifestam.

Completa o quadro o *Methodo portuguez* e o *Tratado da Metrificação*, onde o pedagogo pede já apenas ao poeta os segredos da arte, o fogo das convicções e os encantos do estylo.

Isto que aconteceu com o sr. Castilho dá-se com o sr. Herculano. A *Harpa do Crente*, a época das crenças que o ardor das aspirações religiosas alimenta, antecipa-se ao *Monasticon* e ao livro das *Lendas*, periodo em que o viço poetico se desenvolve já ao sol do pensamento historico; e estas duas phases do talento do illustre escriptor, como que preludiam já o competidor de Niebuhr e Guizot, que se revella de todo no celebrado monumento da *Historia de Portugal*.

Os srs. Rebello da Silva e Mendes Leal cedem á mesma serie de influencias. A aurora litteraria desabroxa para elles em dois themas exagerados pelas côres vivas da phantasia estimulada pelos instinctos da exaltação litteraria da época: *Os Dois Renegados* e o *Rausso por Homezio*. A imaginação, n'estes quadros, enlucta-se, mas resplende atravez das trevas da nova escóla, porque a virtude da ascensão maravilhosa do talento transporta os auctores acima das fórmas convencionaes e hyperbolicas do tempo. Depois, n'um os *Fastos da Igreja*, e, no outro, a *Historia do Oriente*, indicam a maturação dos dois espiritos. Hoje philologos, criticos e academicos, desempenham-se dos graves encargos de um trabalho de investigação e analyse: Rebello da Silva escreve a *Historia da Restaçuraão de* 1640, e Mendes Leal completa o quadro dos nossos descobrimentos maritimos, começado pelo finado visconde de Santarem.

Taes modificações nada fazem perder aos talentos do seu valor intrinseco; são valores reaes que substituem outros valores reaes. Póde até dizer-se que absolutamente avaliado o poeta, o homem de imaginação, val de certo menos que o philosopho, o historiador ou o pedagogo; porque os progressos da sociedade dependem mais d'estes que d'aquelle. Mas, nas differentes idades caracteristicas do talento, a poesia é a mocidade, e um seculo sem poesia é um seculo sem as alegrias e os verdores dos primeiros annos. Não tem primavera. O sol das illusões não doura a alma de seus vivos e formosos raios, raios que se apagam talvez não poucas vezes no seio do firmamento, mas que outras tambem se concentram em focos de luz no céo das esperanças indefinidas. É talvez um viver de chimeras; mas ao mundo, tirando-lhe esses enlêvos de suave cogitar, o que fica? Ficam as cinzas das gerações passadas, amassadas com as lagrimas das gerações presentes, como diz Chateaubriand.

Esta transformação individual é a transformação que caracteri-

sa a presente quadra. O estudos severos absorvem hoje os altos espiritos, e a poesia desfalece. Um ou outro livro de versos, de sentidos e inspirados versos, mas impressões dos primeiros annos, vozes da alma no alvorocer da vida, embevecimentos contemplativos, suscitados pelo magestoso silencio das scenas da natureza, como por exemplo os dois volumes *Flores e Amores* e *Religião e Patria*, de João de Lemos, ou as *Poesias* de Soares de Passos, ou os *Canticos* de Mendes Leal, e os *Cantos matutinos* de Gomes de Amorim; um ou outro livro d'estes, repetimos, ainda que publicados ha pouco, resumem, em geral, as impressões, que o publico já havia apreciado, revelladas em varios tempos e em differentes publicações periodicas. São a expressão de outra época que já passou.

A verdadeira poesia despediu-se de nós. A época não a inspira, nem a aclimata. Entenda-se por poesia a elevada e original poesia, porque as rapidas estancias, as strophes elegiacas, os impulsos de um lyrismo imitativo, nunca hão de fallecer a um idioma cujo rhythmo e a um povo cujas propensões se combinam e cazam, se póde dizer até, com as disposições mais constantes do proprio espirito popular. A alegria e a dôr, no peito portuguez, encontram naturalmente o molde poetico.

No theatro e no romance a decadencia ainda é mais decisiva. A arte dramatica affasta-se das espheras onde encontrava em melhores tempos a sua verdadeira e fecunda expressão. Como em França, os excessos da escóla realista especulam com os grosseiros instinctos populares, e as leis da industria são os unicos oraculos escutados n'estes generos litterarios. Camillo Castello Branco resgata-se pelos fulgurosos rasgos do seu talento, e pelas verdades de uma observação profunda dos vicios do genero, que a sociedade que o rodeia contribuiria para lhe affeiar, se não fôra a elevação do seu engenho incontestavel. Finalmente nunca no seio da litteratura usual e da critica activa se mostrou uma deficiencia mais completa de escriptores conceituosos, instruidos, conscienciosos, como hoje se nota. O proprio jornalismo politico parece deixar já entrever as sombras do occaso.

Este é effectivamente o estado da nossa litteratura, e o estado das influencias que aliás e legitimamente a poderiam e deviam animar.

(Continúa.)

ANDRADE FERREIRA.

FADARIO DOMESTICO E POLITICO

DE

JOÃO GRAINHA

I

Comecemos pelo principio. João Grainha em pequeno era fechado como uma porta, e guloso como uma freira velha. O pai, honrado bacalhoeiro á Ribeira Velha, e ainda então remediado de bens da fortuna, desejava, como elle dizia, pôr o rapaz a aprender para doutor, e tiral-o da lufa-lufa do balcão, para que o achava demasiado franzino. N'este louvavel intuito vestio o rapaz de novo, e ajustou com o gallego que servia a loja, de o levar e trazer da escóla por mais doze vintens mensaes, e a condição verbal de lhe pagar os barrís de agua no inverno como se fosse em agosto. Feito este accordo previo encommendou a um alfarrabista seu visinho, uma *Cartilha do Mestre Ignacio*, umas *Fabulas de Esopo*, e um *Thesouro de Meninos*, tudo em segunda mão. Tomadas estas sensatas disposições, o nosso bacalhoeiro sahiu uma bella manhã da pucilga, e foi-se ter com o mestre que morava á esquina da mesma rua, tinha sido servente dos frades Cruzios, e passava no bairro por ser homem temente a Deus, desembaraçado em fazer contas de cabeça, e um habil paleographo de toda a caixeirada do sitio. A entrevista foi solemne, e ao mesmo tempo communicativa. O mestre, timorato em casos de consciencia, teimava em que não podia receber mais discipulos; que tinha as suas turmas completas, e não lhe sobravam os decoriões habilitados para o substituir, se por ventura o rheumatico apertasse com elle para o tempo humido. O bacalhoeiro estava pasmado de tamanha inteireza, e pedindo a Deus, lá

com os seus botões, que não extinguisse com o seu interlocutor a raça dos portuguezes sinceros. O simonte é uma especie de cadeia magnetica. A primeira pitada offerecida pelo bacalhoeiro achou o pedagogo insensivel; a segunda tornou-o loquaz; a terceira encontrou-o de braços abertos para tudo quanto o logista quizesse d'elle!

Feitos os ultimos ajustes, começou João Grainha a frequentar a escóla, e a passar desde logo entre o rapazío por ser o mais bronco dos discipulos de mestre Nicolau. Tres annos andou o nosso futuro patriota ás marradas na cartilha, dando sincas hereticas nas obras de misericordia, e sendo de uma prodigalidade sem exemplo nos nove-fóra. O bacalhoeiro pedia paternalmente a mestre Nicolau que lhe mandasse ao menos as orelhas do filho, mas o mestre escusava-se d'esta inquisitorial encommenda, dizendo que a intelligencia era uma dadiva do céo, e que nem todos podiam ser aguias. Contar as grosas de palmatoadas que João Grainha levou até chegar a perceber os motivos por que o corvo se deixára embair pela raposa, a ponto de largar o queijo do bico, seria tentar o impossivel. Finalmente chegou o dia em que mestre Nicolau, sempre inspirado pela consciencia, entendeu dever participar ao bacalhoeiro que já não tinha nada que ensinar a seu filho! É preciso que o leitor saiba que mestre e discipulo eram dignos um do outro, e que João Grainha saíu da escóla dando syllabadas de fazer arripiar um mouco, e escrevendo um bastardinho tal que envergonharia um cabo de policia se tivesse de dar com elle a parte de um roubo ao regedor da sua freguezia. Foi com estes robustos preliminares que o discipulo de mestre Nicolau deu a sua entrada no latim, deixando o bacalhoeiro convencido de que seu filho poderia limpamente ajudar á missa dentro em seis mezes, e ler em pouco tempo sem gaguejar o—*In hoc signo vinces*—de um cruzado novo. O homem põe, e Deus dispõe. Passou-se um anno, de natal a natal, e ainda João Grainha não sabia os nominativos salteados, e cada vez que olhava para a grammatica latina abria uma bocca capaz de engolir um *Magnum Lexicum*. O bacalhoeiro desculpava-se dizendo que o rapaz saía á mãe, injuria que a pobre mulher tragava para não acirrar o mau humor do marido.

Quando João Grainha acabou os seus preparatorios no lyceu, andava já o bacalhoeiro com os pés para a cova, e um pouco arrastado de fortuna, por ter naufragado um navio que lhe vinha consignado a elle com não sabemos com quantos milheiros de costados de bacalhau. Ainda assim, fez um esforço, e mandou o rapaz para Coimbra. É inutil dizer que João Grainha passava pela Fonte das Lagrimas e pelo Penedo da Saudade, como um burriqueiro da Outra-Banda passa pelas calçadas de Cacilhas até á Cova da Piedade. Antipoda das tradições poeticas e romanescas o nosso caloiro preferia uma boa posta de lampreia, comida n'uma es-

talagem, ao que elle na sua linguagem carrascan chamava «boatos» a respeito de Ignez de Castro. Entalado entre uma magra mesada e os appetites de um estomago de ferro, João Grainha entendeu dever engrossar os seus cabedaes nas espeluncas, jogando sempre contra o rei por espirito de republicanismo, e ficando diariamente sem real de seu. Os condiscipulos tinham-lhe posto por alcunha o *Batota*, e não havia bernardice academica de que o não fizessem editor responsavel. O bacalhoeiro cada vez mais apertado de meios, quasi que só lhe mandava *novas da sua saude*, fraco estimulo para tão positiva constituição como era a d'aquelle bastardo de Minerva. Dizem que a necessidade é inimiga da virtude, e assim o provou João Grainha nos ultimos annos da sua formatura, sendo o flagello das bolsas dos novatos, e fazendo-se uma especie de recebedor de sizas, apesar dos conselhos da mãe lhe pedia sempre n'um *post scriptum* das cartas do marido que fosse *manso de caracter e lhano de condicção*. João Grainha, surdo a tão evangelicas exortações, era o Attila da universidade, o que lhe valeu um bom par de favas pretas nas informações finaes sobre costumes, com que no correr do tempo lhe atiraram mais de uma vez á cara os seus inimigos politicos.

Como não ha ruim que não tenha ventura, João Grainha apanhou tres perdões d'acto em cinco annos, e saíu de Coimbra trazendo a sua carta de bacharel-formado, mas myope como uma toupeira, e ignorando os elementos mais rudimentaes do direito natural. Montado no seu machinho (ainda então não havia a mala-posta, sobrescripto do nosso tempo á posteridade!) João Grainha disse do alto de um franjado albardão o seu ultimo adeus á Lusa-Athenas, trazendo comsigo toda a sua fortuna como o philosopho grego, e feliz por se ver livre das garras dos seus implacaveis credores.

A entrada de João Grainha na casa paterna foi pathetica como a de Ulyses na sua querida Ithaca. A mãe não podia crêr que o filho, neto e bisneto de bacalhoeiros, fosse um doutor. Abençoava mentalmente a memoria de mestre Nicolau, que fôra o primeiro a abrir-lhe as portas da sciencia, resmungando por entre os dentes quantas orações sabia pelo eterno descanço do servente dos frades Cruzios. A visinhança enchia os modestos aposentos do bacalhoeiro, que, sentado n'uma pilha de papeis de embrulho, recebia as felicitações dos amigos com a benevolencia propria de pae do primeiro grande homem da sua dynastia. Quando a familia ficou só, a mãe a pretexto de lhe conchegar o collete, metteu-lhe surrateiramente na algibeira dois dobrões de cinco moedas. Eram todas as economias da pobre velha no longo espaço de sessenta janeiros!

A primeira idéa de João Grainha, depois d'esta bisarria materna, foi uma espelunca; mas addiou para mais tarde a resolução do emprego

que havia de fazer de tão subida quantia, não conhecendo ainda bem o terreno que pisava. Ao outro dia, ainda a manhã estava em casa de Christo, já o bacalhoeiro rondava a porta do quarto do bacharel desejando assistir ao despertar de um sabio. Mas, ou pirraça de um engenho fóra do vulgar, ou moedeira da jornada da vespera, dava meio dia na Conceição-Velha, e João Grainha dormia ainda como um bemaventurado! O bacalhoeiro dava tratos ao juizo para conciliar tamanha mandrice com tão prematura gloria, e concluia por applaudir a veracidade do proverbio que diz —que nem por muito madrugar se amanhece mais cêdo.

II

Temos João Grainha orphão, e senhor dos modicos haveres que o honrado bacalhoeiro deixára por sua morte, afóra uma deixa á Santa Casa da Misericordia (tardia reparação de algum peccadilho amoroso da edade viril) e não sei quantas duzias de moedas a um compadre que tinha estabelecido na cidade de Pinhel.

Solto João Grainha das pêas de familia, começou o nosso heroe a fazer os seus calculos, e vendo-se sem clientes nem protectores, entendeu que já não era cedo para pensar no futuro, e, depois de muito scismar, resolveu-se a tentar no matrimonio um arrimo ás subsequentes eventualidades da vida.

O acaso, musa de todos os tolos, proporcionou a João Grainha a occasião que elle ambicionava para entabolar as suas relações amorosas. N'uma varanda corrida de um quinto andar á Mouraria, morava, com uma tia quasi macrobia, a senhora D. Maria da Annunciada, filha de um antigo capitão da extincta brigada, de marinha, mulher desenxovalhada de porte, mas de uma ignorancia hereditaria. Sem mais parentes do que a tia velha com quem vivia, receiava ver-se desamparada de um dia para outro, e considerava tambem o casamento como a sua unica taboa de salvação. A visinhança tinha-lhe conhecido os seus vinte e tantos namoros, e dizia que ella estivera vae não vae a estreitar os sagrados vinculos com um boticario que morava defronte, projecto que se desmanchára, porque segundo elle affirmava, D. Maria da Annunciada andava sempre presa a dois carrinhos, e até havia já quem lhe rosnasse do credito. João Grainha, alcunhado maliciosamente pelo boticario João XIV, era, se dermos fé ao epigramma, o decimo-quarto João que D. Maria da Annunciada olhava sem desprazer, tendo sido o proprio boticario o decimo, e o seu aprendiz o decimo primeiro.

Esta chronologia dos Jões era sabida pelo pretendente, mas fatalista em todas as suas coisas, confiava dos seus attractivos pessoaes a emenda do caracter leviano da sua requestada.

A primeira epistola de João Grainha a D. Maria, foi copiada por um rascunho que benevolamente lhe fizera um antigo condiscipulo, desaffogado poeta d'albuns, e que andava ainda preso á mythologia como o caracol á casca. Citavam-se n'ella os amores fabulosos de todos os deuses, e a constancia excepcional d'algumas deusas. Esta carta, que subira ao seu destino por um cordel n'uma tempestuosa noite de janeiro, produziu no animo romanesco de D. Maria um d'estes choques electricos que decidem para sempre da vida de uma mulher. Nunca ninguem lhe escrevera tão bonitas coisas em frases tão nublosas; nunca até então houvera quem lhe pintasse o amor com tamanho, e tão decisivo enthusiasmo! D. Maria da Annunciada tinha achado o seu homem!

A resposta, como o leitor bem deve suppor, não se fez esperar. Oito dias depois lia João Grainha a carta,

> Onde a mão adoravel foi lançando,
> Com penna de perum letra amarella.

Uma piedosa visinha, que estudára o amor nos romances eroticos de Pigault Lebrum, fôra a incumbida por D. Maria da Annunciada de corresponder aos voos alterosos do bacharel-poeta-d'albuns. Apezar do muito uso que D. Maria tinha do estylo epistolar, julgara-se d'esta vez inferior a si mesma, e por isso encarregára cabeça mais desempoeirada da ardua tarefa de se corresponder com um homem, que, na frase das duas amigas, era capaz de deitar agua ás mãos ao mais pintado!

A carta de D. Maria da Annunciada, copiada, e recopiada umas poucas de vezes, resava assim:

Meu adoravel anjo.

«As vossas preciosas letras fizeram no meu *esprito* uma impressão «que, *oxalá* queira Deus não seja para *tromento* d'esta que vos ama «com todo o amor de que uma mulher é capaz. Se a sua pessoa *ma-«traiçoasse* não haveria para mim mais descanço sobre a terra, nem «alegria para este coração que é todo vosso. Espero que as suas ten-«ções sejam ao *bomfim*... quero dizer na minha, ao matrimonio. Mi-«nha tia é uma senhora que não gosta de namoricos, mas *que* não se «importa *que* me escrevam no *bom sentido*. Mostrei-lhe a vossa carta «e foi ella *que* me disse, *que* lhe parecia que o senhor *m'amava*. Seja «constante, e creia no muito affecto da sua muito, e muito do co-«ração

M. d'A.

P. S. Desculpe-me não pôr o meu nome todo por inteiro, mas não duvide por isso do meu amor. Sempre sua.

Maria d'Annunciada.

Esta carta, fructo das locubrações das duas amigas, foi tida por João Grainha, senão por um exemplar d'orthographia, pelo menos como uma prova da muita candura de espirito de D. Maria, e do seu verdadeiro amor. Uma unica duvida porém o atormentava ainda, e lhe tirava o somno. Tinha toda a certeza que D. Maria não vivia do ar, mas fora-lhe impossivel até então descobrir quaes eram os seus rendimentos provaveis, e o seu positivismo revoltava-se contra a idéa de um casamento que não fosse escorado por algumas inscripções da Junta do Credito Publico. N'esta alternativa, resolveu-se a não responder á carta de D. Maria, em quanto não averiguasse a grande questão metallica que o trazia suspenso entre o amor e o interesse, decidido ao celibato, se por ventura o capitão da extincta brigada não tivesse deixado á filha algumas economias para viver com a dignidade de mulher de um bacharel-formado. Lembrou-se primeiro de interrogar o agoadeiro que servia a casa, mas pensando mais reflectidamente, aventurou-se a pedir ao recebedor das decimas da freguezia que lhe confiasse os livros do lançamento, para, dizia elle, requerer contra o imposto com o que o tinham indevidamente sobrecarregado na ultima collecta. O resultado correspondeu ás esperanças de João Grainha. D. Maria da Annunciada tinha um rendimento annual de quinhentos mil réis em predios urbanos, e morrendo a tia, podia herdar no Alemtejo uns baldios que segundo lhe diziam da provincia, bem arroteados davam para os amanhos nos cinco primeiros annos, e para consideraveis melhorias nos dois annos seguintes. Estas duas descobertas encheram de jubilo a João Grainha, e fortificaram-no cabalmente na idéa das suas proximas nupcias. Apesar de uma carta anonyma em que lhe pintavam D. Maria da Annunciada como um catavento, deixando-o até por umas maldosas reticencias suspeitar da sua honestidade, a idéa dos taes baldios do Alemtejo tinham tornado João Grainha de um estoicismo digno dos melhores tempos das antigas republicas.

De uma elasticidade de consciencia que só achava rival no cynismo dos seus juizos sobre a probidade alheia, o nosso heroe escreveu a D. Maria da Annunciada uma carta em que lhe jurava por tudo quanto havia sagrado que a sua felicidade só dependia de um «sim» d'aquella que soubera vencer a firme resolução em que sempre estivera de morrer solteiro. A pintura da vida domestica era quasi bucolica n'aquelle longo arrasoado de mentiras, e a descripção das tribulações mundanas feita com uma velhacaria jesuitica capaz de seduzir o proprio Santo Igna-

cio, se elle não fechasse os ouvidos ás suggestões hypocritas de João Grainha.

D. Maria da Annunciada cahiu das nuvens ao ler a encyclica do bacharel, e não se fartava de comparar-lhe o estylo nervoso com as deluidas pieguices que lhe escrevera o boticario, e as brutalidades mavorcias que lhe dirigira um alferes de infanteria, que durante seis mezes lhe rondára a porta com uma pontualidade digno de um posto d'acesso. Para encurtar razões, e seguirmos desafrontados esta historia, passarei por alto todos os incidentes que occorreram até que D. Maria da Annunciada se resolveu a acceitar o appellido de Grainha, acontecimento que teve logar n'uma quinta feira, dez de março de 1835, dia de S. Melitão, e dos seus trinta e nove companheiros de martyrio.

L. A. Palmeirim.

(Continúa)

O SINEIRO INVISIVEL[1]

Lenda

IV

Pelos ventos impellido;
Ou lançado pelo raio;
Ou no vasto escuro manto
Da tormenta conduzido:
Ou, por terrivel encanto
De um genio mau, em desmaio
Suspensa a vida, arrastado:
Ou, a castigo fatal
Por Deus sendo condemnado
Por crimes que commettera
Nas guerras, o das vinganças
Anjo inimigo do mal
O levasse, Henrique achou-se,
Quando todas as esp'ranças
Perdêra de se vêr salvo,
No cimo do monte calvo
Ingreme, aspero, escabroso.
Ergue a aldêa tristemente
Seu campanario singelo
Para os áres, que fulgente
Cortava em vivo listello
O raio subitamente.

[1] Continuado do n.º 4.

Era a aldêa como morta,
Imobil, muda, deserta:
Parecia em cada porta,
De pé co'a fronte involvida
Na mortalha, um negro espectro
Estar com mão resequida
Escrevendo, triste, irado:
«Aqui, a morte ha passado!
«Aqui, acabou a vida!»

O soldado treme, hesita.
Duvida serem aquelles
Os encantados logares
Aonde da infancia a dita
Gosára em breves folgares.
Duvida... mas vê ali
Á luz veloz do relampago
Aquella casa singela
Que brinca, floresce, ri
Entre as outras, que é mais bella
Do que quantas ha na aldêa,
Onde vive a formusura,
— Se inda vivo! — que a ventura
Outr'ora dar-lhe sabia.
O amor de novo se atêa,
Quasi renasce a alegria;
Espera, deseja, esfria,
Quer, não quer á bella estancia
Chegar-se. Venceu o susto.
Tremulo affasta-se, ai triste!
Affasta-se em pranto, a custo.
N'alma pungindo-lhe existe
Cruel saudade da infancia.

Se a amante buscar não ousa,
Quer ao menos o soldado
Ter um final desengano,
Conhecer o incerto fado.
Estará já sob a lousa
Da velha avó o cadaver?
E da morte o escuro arcano
Terá já finalisado
Essa longa vida aspada
Pela dôr? — Corre ancioso
Á cabana, onde nascêra,
Henrique; triste, arruinada
Cabana, pobre moimento

De seu passado ditoso.
Bate na porta tres vezes
Com mão trémula: um momento
Julgou ouvir lugubres ais
Responderem-lhe: era o vento,
Era o vento e nada mais.
Outra vez bate. Murmura
De dentro fraca voz: — «Donde
«Vem o estrangeiro na extrema
Hora má da natureza?»
— «Quando «o soldado responde»
«O céo com tanta fereza
«Parece querer o mundo
«Destruir, um estrangeiro
«Pede afouto gasalhado.»
— «E não lhe será negado
«N'esta cabana, onde habita
«O luto.» — Pia agoureiro
Noitibó, em quanto lenta
A triste, pobre cabana
Abre a velha ao viageiro.

Pobre da velha, coitada
Cegou, cegaram-n'a os prantos,
A sua alma atribulada
Esqueceu os longos cantos
Com que a infancia acalentára
De seu neto: esqueceu tudo
Quanto a vida lhe encantára
Outr'ora. De Henrique a falla
Ouve, e tem o esp'rito mudo:
Gellado o coração cala.

Sentou-se ao pé da lareira
O soldado: baga a baga
Corre-lhe o pranto na face.
Com mão incerta a fogueira
Busca atear, depois olha
Em torno de si, e affaga
Com a vista a humilde casa.
A Deus pede que lhe apraza
Refazer a antiga vida,
Onde innocente elle colha
A bella, fragrante flôr,
Pelos anjos produzida,
Que os homens chamam amor.

— «Podeis, senhora dizer»
Henrique tremendo hesita
Ao perguntar «se inda existe
«A formosa Margarita?»
— «Não vos posso responder,
«Que ha tempos da aldêa ausente
«Anda já.» — «Ausente a pura
«Margarita?» — «Sim. A ingrata
«Que pagou amor, ternura
«Com traição — ai, desditoso
«Henrique! quando voltares
«Da guerra, se a não achares
«Que dor sentirás! — penoso
«É dizel-o, essa que o mundo
«Cria candida, innocente
«Como as virgens, que no céo
«Deus escuta eternamente,
«Fugiu...» — «Só?» — «Não» — «Que homem louco
«Ousou roubal-a? que infame
«Um crime tal commetteu?
E, dizendo, um grito rouco
Henrique solta do peito.
Lugubre a velha prosegue
— «É n'esta aldêa sabido
«Que ha um terrivel sineiro;
«Dizem uns de feio aspeito,
«Uns ser negro, outros vermelho,
«Os velhos de mais conselho
«Dizem não ser conhecido
«O sineiro mysterioso.
«Esse espirito agoureiro,
«Quando um caso doloroso
«De deshonra, morte, ruina,
«Tem n'aldêa succedido,
«De noite, sempre invisivel,
«Á torre do presbiterio
«Sóbe; os sinos — caso incrivel! —
«Tange tão suavemente,
«Tal harmonia divina
«D'elles tira, tal mysterio
«De saudade os sons espalham
«Pelos ares, que se enluta
«A alma de quem os escuta:
«Sobem em tumulto á mente
«Os pensamentos em lucta
«Como vago effluvio ethereo.
«Terror, vertigens, espanto,

«Saudades, sustos e pranto
«Causa, por estranho encanto,
«Dos sinos a voz plangente.»
— «Do fantastico sineiro
«Porque assim fallais agora?»
— «Uma noite a aldêa em susto
«Accordou. Tropel medonho
«Nas ruas se ouviu primeiro;
«Depois gemidos, clamores,
«Prantos, gritos. N'aquella hora,
«Um vertiginoso sonho
«O monte, gigante adusto,
«Agitou. Frios terrores
«Encheram, vibrando, as trevas;
«Sangue, chammas espalharam
«Pela aldêa as furias sevas
«De soldados sem piedade.
«Emfim os brados passaram,
«Ficou tudo em soledade.
«Tres vezes então na torre
«Tocam funebres os sinos.
«Gemebunda, em sons mofinos
«Das bronzeas fauces lhe corre
«Uma agoureira elegia...»
«O soldado então exclama:
— «E quando raiou o dia?»
— «Então» a velha replica»
«A devoradora chamma
«Cem cabanas consumido
«Havia; e d'entre as donzellas
«Pallidas, frias de mêdo,
«Tinha desapparecido
«A mais bella entre as mais bellas,
«Margarita...» Mudo, quedo
Ficou Henrique, um instante
No seu coração de amante
A vida se suspendeu.
— «Estrangeiro, longes terras
«Tendes corrido: nas guerras
«Talvez visseis um soldado,
«Que n'esta aldêa nasceu:
«Por nome Henrique.» — «Coitado!»
Responde Henrique «morreu.»

(Continúa)

J. DE ANDRADE CORVO.


fec 1859
à Lisbonne

A GRAVURA DE S. M. EL-REI O SENHOR D. FERNANDO.

As artes e as sciencias dominam hoje o mundo. É d'ellas que vive é por ellas que se exalta. São duas realezas: lavram na pedra os seus brazões, firmam nos inventos o seu poder, registram nos livros a sua valia, ostentam na electricidade o seu esplendor, e enfloram diariamente na arvore genealogica das nações mais alguns ramos para a sua elevação. Á sua sombra engrandece o universo e caminham os homens. Mais um tronco que rebenta a cada nova investigação; mais algumas folhas que desabrocham a cada triumpho. Do céo lhe orvalha a seiva que lhe dá vida; seiva que circula nos espiritos para florescer no mundo.

Todas as realezas da terra, que aspiram e pretendem conquistar o suffragio dos povos e os louvores futuros da historia acatam a outra, porque reconhecem n'ella o unico e verdadeiro direito divino. Diante da realeza da intelligencia toda a humanidade se prostra. O rei e o operario, o soldado e o poeta, o sacerdote e o artista, todos elles podem disputar o logar ao pé d'aquelle throno, e o ultimo na jerarchia póde vencer o primeiro na grandeza. O privilegio de que deriva aquella eminencia dá-o Deus.

Napoleão escrevendo com a espada algumas paginas gloriosas não foi maior do que Luiz XIV auxiliando e protegendo os escriptores que illustraram a sua época. Para a gloria os marechaes das letras valeram bem os marechaes das armas. As espadas d'estes volvendo ás bainhas perderam o brilho com que deslumbraram instantes a terra; os escriptos d'aquelles que ficaram nos livros alumiam ainda hoje.

Em Portugal ha um homem que cinge uma corôa e pensa assim. Pensa!... Faz mais, prova-o. Inclinemo-nos pois diante d'esta gloria que nos dá. É tão nossa como d'elle. Honra o monarcha e o paiz.

Ahi tem o exemplo do que avançamos. Ahi está a obra que confirma as nossas palavras. Appellidaram-n'o rei-artista e elle aceitou o titulo entrelaçando o nome de artista com o regio cognome. Sumiu as prerogativas reaes para se alistar na republica das artes.

E é o artista que vamos apreciar.

No ultimo numero da *Revista Contemporanea* era só um desenho que tinhamos a registrar; d'esta vez é tudo — o artista foi mais longe: — desenhou e gravou. E vê-se bem, admirando a estampa que hoje adorna e realça o nosso jornal, que a mão que traçou a gravura está affeita a estes trabalhos e que os executa com rara facilidade e segurança. Ha viveza n'aquellas linhas, suavidade nos contornos, espontaneidade no esboço. Ha ainda mais; — ha verdadeira individualidade nas suas gravuras. São caracteristicas e tem um cunho original.

A que temos agora a honra de apresentar aos nossos assignantes pertence a uma collecção de vinte desenhos, a maioria d'elles gravados, que formam um album dos costumes de differentes épocas. Dois estudos cifrou o real artista n'esta tentativa e tão consciencioso foi n'um como esmerado no outro.

Ernesto Biester.

A SOCIEDADE E OS BAILES

Se não se tivessem inventado os bailes, os casamentos seriam menos frequentes. A proclamação d'esta verdade, que ninguem de boa fé póde contestar, deve tornar menos odioso para os paes de familia as reuniões aonde se dança a polka, e se bebem algumas chavenas de chá-verde, com acompanhamento de musica instrumental.

Os bailes são além d'isso um meio aprazivel de approximar os dois sexos, e de resolver muitos problemas de sentimento. Acaso uma mulher, com o rosto envolvido do classico lenço branco, embrulhada n'um chaile que lhe occulta as formas delicadas, e dissimulando a voz n'um esganiçado falsete, póde merecer a sympathia de qualquer terno amador quando já se não usa namorar de escarrinho?

Os barbaros do Oriente possuem *basares* aonde como verdadeiros brutos, que são, e hão de continuar a ser, escolhem mulheres para o harem como n'um mercado publico se procuram bois para a lavoura. A civilisação que vive pelo espirito e que soube emancipar a mulher encontrou expedientes de outro genero, para contribuir legalmente para a multiplicação da especie, e para o cruzamento das raças.

Henrique IV que era grande apaixonado do bello sexo perguntando a Gabriella d'Estreés por onde se entrava para o seu quarto, teve por resposta —«pela porta da igreja.»— Pois na sociedade moderna póde

dizer-se que a entrada para o matrimonio é muitas vezes a porta de um salão aonde se dança.

Esta regra todavia, não é infallivel, e as excepções são numerosas. Encontra-se ás vezes um marido n'uma excursão ao campo: na missa das almas, no visitar das igrejas, durante a semana santa, no theatro, e para os que pertencem a essas classes de excelsa genealogia, ha os contractos feudaes e diplomaticos, pelos quaes duas creaturas infesadas e escrofulosas vão produzir uma progenie phtisica ou idiota com applauso das suas illustrissimas familias.

O casamento póde ás vezes ser um acto de desespero: um remedio violento para escapar á molestia dos *diabos asues*, que Mr. Alfred de Vigney descobriu no seu *Stello*: o meio de satisfazer credores importunos escolhendo o mais insupportavel de todos, que é aquelle com quem temos de viver toda a vida: e depois quantos homens ha que não se sentem attrahidos pelas doçuras mysteriosas da *lua de mel*, e teem curiosidade de se verem ao espelho com o pittoresco *bonnet de nuit* da canção de Béranger?

Ora um baile não é só uma agradavel distracção, um exercicio hygienico, um meio de consumo, um pretexto para desenvolver os musculos, uma especie de culto aos instrumentos de sopro e de corda, é principalmente a estrada que nos approxima da porta da igreja, e das aras sacrosantas do hymineo (velho estyllo!)

Á luz d'esta idéa, a contradança é um exercicio parlamentar, a polka uma perigosa seducção, e a walsa um preludio fascinador das delicias que o amor nos promette!

É por isso talvez que alguns escriptores maliciosos affirmam que o pudor foge dos bailes, e d'essas reuniões eiradas, aonde a sociedade toma chá, murmura do proximo e joga o *whist*, que segundo Talleyrand, é a mais agradavel distracção para os velhos.

Ha homens que sem se assimilharem aos Othellos nem na côr, nem na ferocidade se sentem trespassados de furioso ciume. A esses aconselho que não penetrem nas salas de um baile. A innocencia recua espavorida, aos esplendidos clarões dos lustres e bicos de gaz. Qual é a virgem reservada e timida que não tenha apertado n'uma walsa a mão de seu par? Que não mostre a avidos olhos as torneadas linhas de uma perna tentadora, subindo para a sua carroagem? Que não offereça distrahida uma rosa meia desfolhada do seu ramalhete? Que não chegue a receber o beijo de um primo, chegando de uma viagem, beijo traidor que devia ser dado sobre a face, e que acertou por engano mui perto dos labios?

E as espaduas nuas que tremulam palpitam aos giros de uma walsa vertiginosa! e os seios que as rendas mal encobrem n'um *degote* aventuroso! E os braços que accendem os desejos, e que cingem o par,

quando os sons da musica nos embriagam, o ar recende de gratos aromas, e a respiração se torna apressada, pelas fadigas de tão suave movimento!

Um baile começa a estar animado (é a phrase do costume) das tres horas em diante. As mulheres casadas desejam retirar-se, as solteiras triumpham.

Digno de admiração é então esse sexo gentil, que tantos poetas, nos seus mentirosos versos, denominaram sexo fragil. Grande illusão na verdade! Que homem, poderia mover-se horas a fio sem se despentear? Que sylpho ou duende dançaria walsas interminaveis, sem cair esfalfado e desfallecido? Que folego de gigante sustentaria um *cotillon*, que continua, continua cada vez mais phrenetico, até que os clarões do dia que desponta venham annunciar que o baile expirou?

As peripecias de um baile pouco variam. As salas abrem-se ordinariamente ás nove horas. Reina então uma frieza geral. Propagam-se por contagio os abrimentos de bocca: veem-se algumas creaturas escabeceando a um canto: certos curiosos pucham pelo relogio, arrependendo-se de ter chegado tão cedo. Os que esperam uma certa e determinada pessoa, olham para a porta, suspiram, ouvem com impaciencia o rodar das carroagens, e quando toca a campainha, sentem movimentos precipitados no coração.

Até á meia noite dança-se pouco, e de má vontade: as senhoras examinam minuciosamente o *toilette* das suas rivaes, para se espraiarem na critica do dia seguinte: e o capitalista, descalça a luva para mostrar os anneis que deslumbram pelo brilho dos diamantes e pedras preciosas.

Depois da meia noite o baile anima-se. Os noivos estabelecem-se n'um logar reservado, e congregam o velho amar em todos os modos e tempos. Os maridos começam a estar impacientes. As duras horas e a retirada das familias que receiam dores de enxaqueca por se deitarem tarde. Ouve-se o sussurrar do beijo de despedida: sibilam os adeus esganiçados e penetrantes: os dedos estalam no mavioso e apertado *Shake-hands*.

Caso notavel; são as velhas que com maior denodo affrontam as inclemencias de um baile. É a providencia que favorece as boas causas! Sem a paciente coragem das veneraveis matronas, como poderiam apparecer as moças?

E as mulheres casadas, cuja idade ainda não ultrapassou as terriveis fronteiras dos trinta annos? O maior numero diga-se em louvor do seculo, vão unicamente para se divertir. Uma minoria bem numerosa para *coquitear*, e atormentarem o proximo com longos commenta-

rios sobre metaphysica de sentimento. Algumas finalmente impellidas por essa fatal curiosidade que perdeu nossa mãe Eva: digo isto, porque houve já um erudito curioso que assim explicou a allegoria da serpente e do pomo prohibido: a serpente era apenas um janota da côrte infernal. Eva uma grande enfastiada do matrimonio, e Adão o primeiro marido infeliz.

Esta classificação, apesar de pouco complicada só se refere ao pequeno reino das que possuem algum espirito, das que podem fallar n'um baile. Reino cujos limites, como os do principado do Monaco, a vista mais curta facilmente abrange.

Ha um sem numero de senhoras que vão á sociedade, que reduzem toda a sua prosa a um phtisico monosyllabo: affinado em todos os tons: «Sim! Acha! É verdade! foste! nunca despendem um periodo completo, e resistem com um certo talento, a toda a tentativa de communicação parlamentar.

—Minha senhora, serei indiscreto se perguntar a V. Ex.ª porque se tem conservado tão triste durante o baile?—Eu!—É o que leio na sua interessante phisionomia!—Acha?—Algum pensamento lhe preoccupa o espirito!—Ora essa!—A tristeza nunca se apodera de nós sem graves motivos.—Eu sei!

Felizes os maridos que tendo casado com creaturas, que quasi se approximam na intelligencia a uma couve-flor, alcançam a sublime prerogativa de só serem correspondidos por mimica.

Nos bailes antes do marido ha o homem amavel: é o verdadeiro leão das salas: as mulheres adoram-no: olham-no com um olhar mavioso quando elle guarda os ramalhetes explica a posição dos pares, concerta o leque, e sabe escolher um *optimo-vis-à-vis:* e ainda é a sua voz que chama as carroagens, é o seu braço que serve de cabide aos chailes e ás camalhas. Condescendente, enfatuado, insignificante, mas *serviçal,* é um insupportavel massador para os homens de espirito, mas um heroe para a sociedade elegante.

E o que é a sociedade? Em Pariz, em Lisboa, em Londres, em Madrid, é exactamente a mesma coisa. São reuniões aonde figuram e dançam duzentas ou trezentas pessoas, para dizerem semsaborias que não interessam a quem as ouve nem mesmo a quem as diz, pela simples razão de que as pessoas que a frequentam, que vão á sociedade, não se conhecem umas ás outras. Em dez bailes, em quatro ou cinco visitas, graves e ceremoniosas é impossivel que as pessoas se communiquem de modo que possam contrahir relações.

Nunca pude comprehender como é que um marido se atreve a ir a um baile, quando não tem filhas para casar.

Um marido não dança, e se dança, é-lhe expressamente prohibido de dançar com sua mulher. Sombrio e cabisbaixo consola-se olhando

para o relogio, ou apostando *á maior de espadas* n'uma mesa de *whist*. Mas não ha infortunio que não tenha a sua compensação.

Uma mulher por mais honesta não deixa de ouvir pelo menos uma meia declaração durante o baile. É claro que com ella só póde ganhar o marido. Renascem, na intimidade, os saudosos dias da lua de mel. Desponta a aurora: gorgeam os passaros: a natureza rejuvenesce aos effluvios de um amor exuberante: os deuses sorriem no Olympo!

LOPES DE MENDONÇA.

UM MEZ EM CINTRA

Fragmentos d'um livro

III

O meu conhecimento com a Viscondessa, foi occasionado por um desastre que lhe aconteceu indo para Cintra. Encontrei-a na Charneca sentada em uma pedra, esperando fleugmaticamente que os seus criados arranjassem o caleche, que não sei porque *desintelligencia* entre o cocheiro e os cavallos, se tinha quebrado pouco adiante de Rio de Mouro. A Viscondessa tinha então um album em cima dos joelhos, e aproveitava o tempo em desenhar a vista da serra de Cintra; comtudo, a paciencia necessaria para isso depressa se lhe gastou e quando eu passava a cavallo, fechou ella o album com enfado, e atirando-o para dentro do caleche, começou a passear na estrada a passos agitados. Confesso que se não tivesse reparado logo para os seus olhos negros e bem fendidos, e para as suas fartas e negras madeixas de cabello, eu juraria *in petto* que era uma d'essas muitas *ladys* inglezas, que peregrinam pelo mundo inteiro, com o classico e indispensavel album e por causa de quem eu me não teria incommodado, ainda mesmo que visse que ella teria que estar ali todo o dia, soffrendo um sol quasi equinoxial e um ataque de *spleen* incuravel. Como não era assim, apeei-me do cavallo, atei as redeas a umas pedras, e fui com o modo mais sério, e o sorriso mais amavel que poude arranjar, offerecer-lhe os meus serviços e pedir desculpa se por acaso commettia n'isto uma ousadia. A Viscondessa agradeceu-me com toda a amabilidade e accei-

tou o meu prestimo, se por acaso me não fizesse transtorno o demorar a minha chegada a Cintra. Como bem pódes imaginar, amigo leitor, comecei logo a querer mostrar a minha dedicação, procurando ajudar os creados no concerto do caleche; comtudo em pouco tempo vi, que era quasi impossivel tiral-o d'ali sem algum arranjo mais completo.

Dei parte á Viscondessa, e amaldiçoei o momento em que me tinha lembrado de ir a cavallo, e de não fazer a jornada em algum vehiculo que eu poderia então pôr á sua disposição. N'esse momento já me tinham impressionado, a gentileza e os attractivos da Viscondessa. Não sei porquê, e contra o meu costume, estava n'aquelle dia como os heróes dos romances de Scudéry, apaixonando-me á primeira vista. Propuz-lhe fazer o resto do caminho em burros, o que acceitou; mas segundo creio, era aquelle um dia fatal para a Viscondessa: não poude achar nenhuns que nos quizessem alugar. Estavamos n'uma posição assaz critica, e confesso francamente que já não sabia de que modo arranjar alguma conducção, quando a Viscondessa indo buscar o seu chapéo de sol, que estava no caleche, me perguntou:

— «Está costumado a andar a pé?

— «Muito, minha senhora, e no campo, é como gosto mais de passear.

— «Está resolvido a dar um passeio acompanhando-me até Cintra?

— «De certo e até agradeço á minha boa estrella o proporcionar-me occasião de ter o prazer de acompanhar a V. Ex.ª

— «Não exagere a amabilidade que se arrisca a não o acreditar, e n'esse caso não lhe acceito a companhia, obrigando-o a continuar o caminho no seu cavallo.

Como deveis suppor calei-me logo, porque temia que assim me acontecesse; a Viscondessa deu as suas ordens aos creados, e eu mandei um rapaz a Cintra no cavallo, o mais depressa que fosse possivel, a alugar uns burros que nos deviam vir buscar ao caminho. Depois d'isto feito, offereci o braço á Viscondessa que apoiando-se n'elle, começou a caminhar com aquella *nonchalense*, com aquelle andar pausado, languido e indolente, se assim se póde chamar, que lhe é conhecido. Estremecia cada vez que sentia a pressão do seu braço delicadamente *potelé*, ou quando encontrava os seus olhos, que por acaso e descuidosamente se volviam para mim. Em meia hora tinha-me apaixonado loucamente, tinha seguido o dito de Cezar — *cheguei* — *vi*, e ambicionava acabal-o — completal-o á risca, com o — *venci*.

A mulher é um mysterio, tem dito toda a gente, o que não impede que seja uma grande verdade, a mulher é um mysterio, repetia eu comigo mesmo, quando me lembrava que a Viscondessa se tinha assim entregue a mim, conhecendo-me só de me vêr nos bailes e nos theatros. É verdade que eu não sou nenhum Lugarto, todavia... todavia a

Viscondessa tinha rasão. Havia meia hora que n'estas cogitações se passava o tempo, caminhando e sem dar uma palavra á Viscondessa que tambem ia distraída, e que talvez por ceremonia ou amabilidade rompeu o silencio.

— «Com effeito, creio que vem muito aborrecido, ainda me não dirigiu a palavra depois que começamos a andar.

— «Peço desculpa, minha senhora, não é por aborrecimento que me tenho conservado calado, mas sim por não a querer distrair, quando talvez se ia deleitando com a vista das bellezas do campo, com esse panorama que se desenrola diante de nós, com o gorgeio dos rouxinoes ou com o aroma das florinhas; era eu que imaginando talvez que se tivesse mesmo esquecido de que ia acompanhada, não queria fazel-a tornar á realidade, que não tem n'este momento muitos attractivos para V. Ex.ª, por isso que tem por programma quasi infallivel, uma legua de caminho a pé. Além d'isso, tenho vindo penalisado, por não poder offerecer-lhe algum meio de conducção, que lhe minorasse o incommodo que vae ter.

— «Se era essa a rasão que me priva de o ouvir, cessou agora, pois vejo uma nuvem de poeira, que segundo creio nos annuncia a approximação dos burros que teve a bondade de mandar buscar, e que nos devem conduzir ao Victor.

A Viscondessa tinha rasão: d'ahi a poucos minutos sentava-a eu n'um burro, e montando eu em outro, partimos para Cintra, tal e qual como dois honrados burguezes que fossem aproveitar o domingo, comendo os *rabiolli* do Escoveiro, no Campo Grande, ou o *pato com arroz* do Ezequiel no Dá fundo.

ANTONIO DE BREDERODE.

(Continúa)

CHRONICA

Ristori, a grande tragica, está entre nós. Saudemol-a com um bravo intimo. É o mais a que podemos aspirar. Nunca a nossa penna de chronista nos pareceu tão mal aparada. Nunca sentimos tanto para dizer,—e nunca tivemos maior difficuldade em expressal-o. Agita-nos a expressão e debalde tentamos transformal-a em palavras. A poesia transmittida na contemplação esváe-se ao formular a idéa. É que o coração faz-se poeta ouvindo-a e illude-nos. Resignemo-nos pois, a este cruel desengano e narremos singela e toscamente o nosso juiso.

Juiso!...... alto lá: digamos antes a nossa apreciação, e já não é pouco.

Juiso, póde fazel-o um poeta que a descreveu, e outro, que sabemos, a vae cantar. Uma pagina brilhante que inspirou e um bello hymno que ha de accordar.

E mesmo uma apreciação, despretenciosa e franca, como havemos de fazel-a quando medimos o vulto que temos diante dos olhos, e quando observamos o dominio que exerce sobre mais vigorosas e reconhecidas intelligencias? Basta-nos citar um exemplo. Ha muitos; mas este val por quasi todos.

No nosso paiz, pobre de muita coisa, mas ainda assim, rico de talentos, o que não duvidamos aventurar, escudados com a opinião do visconde de Almeida Garrett, que escreveu no prologo de um dos seus melhores livros:—«n'esta terra ha mais talento e menos cultivação que em paiz nenhum da «Europa;»—no nosso paiz, repetimos, existe um homem, considerado e estimado como um dos seus mais vastos engenhos, que nunca ninguem viu exaltado senão na tribuna, quando uma crença se lhe arreiga no espirito e que recebe d'elle a inspiração, defendendo-a com todo o calor e energia de sua alma elevada, pois este homem diante de Ristori estremeceu e enthusiasmou-se. Pela primeira vez na sua vida, dizia elle, que tinha sentido arrebatar-se. Vimol-o dar palmas e soltar bravos estrepitosos como o mais abalisado *claqueur* do nosso theatro lyrico. Era um mundo novo que se lhe abria diante dos olhos,—a da verdeira arte. Tinha-a entrevisto, tinha-a adevinhada nos vôos brilhantes da sua phantasia, e extasiava-se fitando-a ali no seu completo explendor. O primeiro orador portuguez encontrava resumido na grande tragica, o seu mais bello ideal. Era o imperio da palavra ligitimado sobre um dos seus melhores representantes.

«Agora comprehendo exclamava elle na primeira noite que ouviu a Ris«tori, porque eu assisti até hoje, impassivel e quasi indifferente a tantas «ovações artisticas, é porque já presentia que havia de presenciar esta ul-

«tima e sublime revellação da arte.» Era o presentimento do genio. O que sonhára realisou-se.

E aquelle espirito inquieto, como quasi todos os espiritos superiores, que nunca subordinou verdadeiramente a attenção a coisa alguma, nas recitas da eminente tragica torna-se outro, escutando-a tranquillo e silencioso, enlevado e commovido.

E a apreciação da Ristori que nos prometteu, dirá talvez o leitor, não principia ainda?

Já principiou. É tudo isto. N'aquella forte impressão manifesta-se brilhantemente o poder do seu genio, portanto descrevendo-a, tributámos a nosso vêr a melhor homenagem á artista.

Feita esta declaração preventiva, admiremos agora isoladamente a tragica e façamos um esboço da nossa admiração.

Adelaide Ristori nasceu para ser elevada ao pedestal a que subiu e a naturesa preparou desde logo a estatua. Mais tarde a centelha do genio animou-a e a musa da tragedia surgiu. Era uma mulher tornou-se um typo; era uma visão e fez-se realidade. Hoje *Medéa*, ámanhã *Judith;* agora *Camma* logo *Fedra*; n'um dia *Maria Stuart*, no outro *Myrrha*. E todas estas grandes figuras da mythologia e da historia fallam pela sua bocca, vivem na sua época e reproduzem as suas paixões.

Em cada personagem não ha um movimento que não seja verdadeiro, não ha uma attitude que não seja exacta, não ha um gesto que não seja adequado.

Na estatuaria e na pintura estudou os modêlos, e conseguiu igualal-os, senão excedel-os porque as cópias respiram as duas vidas; a que imprime o talento e a que empresta o Creador.

Na phisionomia de Ristori ha,—permitta-se-nos a expressão—uma multiplicidade de phisionomias. Toma a que quer, retrata a que imagina. A paixão com que se identifica é que transluz nas suas feições. A transição é rapida, e a mudança completa. O amor e o odio, a ironia e o ciume, o despreso e a alegria, o enthusiasmo e a loucura, tudo exprime e tudo com egual verdade.

A voz presta-se-lhe egualmente com prodigiosa facilidade a todas as cambiantes exigidas na declamação. Tem o condão supremo de avassallar o publico com uma palavra, porque no modo de a proferir lhe vae accordar um sentimento de indignação ou de sympathia. É bella nos lances patheticos, é sublime nas apostrophes violentas. Illumina-se-lhe o rosto, flammejam-lhe os olhos, domina com o gesto e prostra com a palavra. É admiravel e esplendida n'estes momentos!

O pouco espaço que nos ficou d'esta vez para a chronica priva-nos de podermos analysar nenhuma das tragedias que a eminente tragica tem desempenhado até hoje; mas no proximo numero contamos resgatar esta falta.

Faremos portanto ponto por hoje n'este assumpto, limitando-nos a accrescentar que damos os parabens a nós mesmos e a todos os que prezam as letras e prestam culto á arte, pela revellação que devem á visita da Ristori; e ao paiz por haver recebido tão illustre hospeda.

No mundo litterario ha só a mencionar a apparição da *Galeria Artistica*, que já publicou dois numeros, sendo o primeiro a biographia da nossa excellente actriz Delfina; e o segundo a do actor Isidoro espirituosamente escripta, pelo actual folhetinista da *Revolução de Setembro*, o sr. Julio Cesar Machado. Foi uma boa acquisição para o jornal.

No theatro normal nada tem subido á scena que mereça a attenção da critica.

No Gymnasio representaram-se *Os Filhos dos Trabalhos*, do sr. Cesar de Lacerda. Tiveram lisongeiro acolhimento.

Em S. Carlos a Lotti e o Fraschini enthusiasmaram os dilletantes. A voz da primeira é um prodigio, e o canto do segundo é magistral.

Para a chronica seguinte aventuraremos o nosso juiso.

D'esta vez somos obrigados a rematar aqui; mas dizendo desde já, bravo Lotti e bravo Fraschini.

ERNESTO BIESTER.



Silencio sc.

ADELAIDE RISTORI

Grande ousadia levantar voz perante Ristori, ainda que em effigie. Maior atrevimento sair das turbas para levar corôa a quem tantas tem aos pés quem a não vê senão pelos ouvidos, quem do seu merecimento só presenciou metade, a outra metade teve de a adevinhar, ou pelo vaticinio poetico, ou pelos calculos das correlações e das harmonias; sim; por um fragmento de leão se recompõe um leão; pelo vestibulo de um templo em ruinas se inteira o sanctuario, com suas festas e ceremonias, esplendores e fragancias.

Leitores da *Revista Contemporanea*, que applaudís Ristori todas as noites, mais vezes e melhor com o silencio, com o terror, e com as lagrimas, do que não com as palmas, com os gritos, e com as chuvas de flores, socegae; eu não venho interprete vosso; venho interprete de mim mesmo; tão pouco aspiro ao impossivel de accrescentar a gloria d'ella; procuro só que no porvir se não ignore que, tendo-nos encontrado no mesmo ponto do tempo e do espaço ella e eu, o poeta e a poesia, a poesia não passou para proseguir no seu giro luminoso, sem que o poeta a saudasse.

Esta, que tendes a ventura de estar contemplando, é para vós Adelaide Ristori; para mim Ristori unicamente. A vossa falta-lhe ainda um laurel; a minha tem já um resplendor.

Na vossa ouve-se um nome de mulher, que a aparenta com o commum da humanidade, com a terra, com a morte, com o esquecimento; a minha poderia chamar-se Melpomene; viva desfructa a immortalidade das filhas da memoria; a Grecia, que deu a Sapho o titulo de musa decima, proclamaria a estas com as honras de primeira.

¿ Que me importa a historia d'essa vossa Adelaide? ¿ a obscuridade do seu berço, que ella transformou em throno? ¿ que desde que principiou a articular até aos doze annos revelasse já nos theatros em papeis infantís a energia do seu futuro talento, como na lua, que desponta duvidosa por entre as mattas de um monte apartado se adevinha o astro, que dentro em pouco elevado ao zenith tem de senhorear inaccessivel, pleno, e sympathico todo o hemisferio? Eu não pergunto ao fructo opímo pela flôr de que brotou; nem á Amazona que triumpha, pelos brinquedos já fortes da sua infancia. Ristori não teve, não poude ter infancia; essa menina que chamais Adelaide, morreu, e não era ella.

¿ Que me fallais de haver tido por mestra a afamada Carlota Marchioni, e ouvido de sua bocca a desinvejosa prophecia: *Serás rainha da scena?* Ristori é sim a rainha da scena, mas a sua arte ninguem lh'a ensinou, porque ninguem a tinha: inventou-a ella, se já a não trazia germinalmente no seu composto.

Incareceis que aos dezassete annos já occupava a melhor metade do carro triumphal de Amalia Bettini; ¿ quem pensa hoje em Amalia Bettini? que aos dezoito annos eclipsava Antonia Roberti, a tragica de Parma; que dos dezanove aos vinte tres remoçava, ou antes fazia ouvir pela primeira vez as obras primas do velho Goldini: *Gli innamorati* — *Zelinda e Lindoro* — e la *Locandiera;* que foi creadora com Fortis, Nota, Giacometti, Marenco, e Gherardi del Testa, de *Le cuore ed arte* — da *Lusinghiera* — da *Fera* — da *Elisabetta regina d'Inghilterra* — da *Piccarda Donati* — e de *Il regno d'Adelaide,* ¿ Que significa tudo isso ao pé das nossas impressões de hontem e de hoje?

Tirae-me diante sobre tudo essa historia dos seus amores e consorcio com o marquez Capranica del Grillo; romance formoso, historia formosa, mas capitulos intruzos na existencia de quem é mais que uma simples mulher.

Passo é esse da sua biografia, que faz estremecer ao verdadeiro devoto da arte. A Vestal das Musas deixa apagar na ara a chamma estrondosa e explendida que dia e noite alimentava com perfumes; coroada de rosas troca o templo em que a sua voz devia resoar como um hymno perpetuo, pelos mirtaes voluptuosos; as adorações universaes, pelos deleites concentrados e obscuros com

um só ente da sua escolha. Desce do theatro, da região encantada dos deuses, dos heroes, dos sonhos, e da poesia, para a vulgaridade das aristocracias 'num palacio.

A Europa e o mundo estiveram ahi a pique de perdel-a para sempre.

Bem haja a piedade do seu coração! Jaz, esmagado de dividas, perdido, sem refugio, sem esperança, um antigo amigo: Pisanti, Pisanti o empresario. A que o amor rebaixára de actriz a Marqueza de Marqueza resurge actriz pela caridade.

Com aquelle gesto, com aquelle tom irresistivel que lhe conheceis, intima silencio aos preconceitos, ás murmurações talvez; reascende á scena; crescera ainda na solidão; a ternura feliz e a consciencia ufana, lhe redobraram forças; estes ares, mais seus que os dos salões de arrazes e doirados, a estão reflorindo; representa; arrebata; assombra. Em tres noites de triumpho a mendiga sublime fundiu com o oiro publico a chave que abre ao ancião preso por crime de indigente as portas surdas do seu carcere.

A Adelaide egoista, innamorada, mulher, resigne-se emfim, Deus louvado, a desapparecer absorvida e olvidada no vulto fatal e solemne da Ristori.

A Italia sua mãe e mãe das artes, encantada lhe supplica em nome d'ellas a não defraude por mais tempo dos floridos loiros que a Providencia lhe deu a cultivar; d'estes loiros pacificos e abençoados, com que a antiga rainha do mundo se distrae, se se não consola dos que outr'ora lhe cingia o deus da guerra seu avô. Á voz de tal mãe não ha resistir; não ha falsear um horoscopo tão evidentemente escripto nos céos. Ristori regressa ao templo em que abrira os olhos para nunca mais o desamparar; reanima com centuplicada viveza o fogo santo, que, ausente ella, esmorecera, e entre os seus esplendores fica avultando, como que já involta n'uma aureola sobre-humana.

Ainda um eclipse; mas passageiro e que será o ultimo: Ristori está em Roma. Roma geme cercada e combatida pelos descendentes dos Gallos, d'esses Gallos, que ha dois mil duzentos e trinta e oito annos a afrontavam tambem, capitaneados por Brenno. O céo de Roma é fumo e relampagos; os cantares festivos immudeceram sob os trovões dos obuzes; as granadas e bombas chovem e estoiram sobre os edificios e as ruinas, por entre os collossos e os monumentos; o terror abraçou a liberdade.

¿Que fará Ristori n'estes momentos de suprema angustia? O grande drama dos destinos da patria apagou as tragedias fabulosas; *sunt lacrime rerum*; ¿que fará?

Já lá vão os dias em que o esforço de uma Clelia podia tentar alguma coisa a prol da terra commum, e os dias mais antigos de Judith, d'essa Judith cuja alma passou inteira para a sua (o verdadeiro genio e a heroicidade mutuamente se assimilam). Esses dias de hombridade feminil já lá vão. A Pallas adorada outr'ora n'este solo caiu ha muito do pedestal.

¿Que fará pois com que prove o seu amor de italiana ao seu paiz attribulado?

Veste o habito das irmãs da caridade. A mão que nos fará estremecer brandindo alternadamente a espada de Gedeão, de Holofernes, e de Henrique VIII, vae curar compassiva e melindrosa os feridos dos hospitaes, de todas as casas da cidade as mais povoadas agora depois dos templos.

Ristori é religiosa; profundamente religiosa; religiosa na crença e nos costumes; não podia deixar de o ser com a alma tão aberta de todas as partes á inspiração. Prodigalisa aos enfermos balsamos, consolos, vigilias; aos indigentes esmolas; aos altares lagrimas e supplicas pela patria; ao seu grande coração forças e esperanças; ás suas romanas exemplo; e admiração a todos.

Mas a guerra passou, e com ella o seu nobre papel na tragedia real. O theatro reivendica e reassume a sua preza e a sua soberana; a sua sacerdotisa e a sua deusa.

D'ahi ávante correm-lhe ininterruptos os triumphos. A maior parte da Europa a admira.

Apostola da arte, abrazada da lingua de fogo que vem do alto, falla um idioma, e todos os povos a comprehendem.

Falta-lhe a ultima sagração; Pariz a pontifice do gosto, lh'a confere; confere-lh'a pelos bravos tempestuosos de toda a sua população, pela voz dos seus primeiros escriptores e poetas, pelos pregões infinitos da sua imprensa; confirma-lh'a com a presença e com a fuga da divina Rachel, que só assim perderia o seu titulo de incomparavel. A França militar venceu, pouco ha, a Roma; agora é a Italia artistica a vencer Paris, com enthusiasmo da propria vencida.

Que assombroso concurso de elementos e circumstancias não era necessario para se constituir, para se consumar esta potencia tão real, que ainda não encontrou um só rebelde? Tudo lhe depararam a ponto, e prodigas, a natureza, a fortuna, a Providencia.

Filha de artistas, abriu os olhos na terra das artes; lá 'nessa Italia que educa para o bello pela vista, pelo ouvido, por cada passo 'num solo composto de cinzas de heroes e de cidades; lá onde as almas tem relações occultas com os volcões, e sentem

ainda, com os murmurinhos do mar por entre os fremitos dos pomares floridos em banho de luar de prata, cantar sereias invisiveis.

Imbalaram-na ao som da poesia e da musica.

Coube-lhe a mais harmoniosa de todas as linguas, na qual se espelha de longe o antigo grego, de perto o antigo romano, e que, mais romana que nenhuma outra, domina ainda pela sua suavidade temperada de energia. Alladas chamou Homero ás palavras; ás palavras italianas chamaria alladas e cantoras como as andorinhas.

Balbuciou e brincou já entre artistas, aprendendo a compor-se desde os primeiros annos perante o espelho do tremendo publico.

As que a podiam detestar como futura vencedora, amaram-na, e serviram-na, applaudem-na e amam-na.

O seu corpo saiu moldado pelo das estatuas divinas.

.... *Veteres heroidas equas*

lhe teria dito o seu conterraneo auctor da *Arte de amar* e dos *Amores*.

Et vera incessu patuit dea...

accrescentaria Virgilio.

Ao escultural das fórmas accresceu-lhe a prompta, a extrema a omnimoda impressionabilidade do aspecto; esses cambiantes exteriores da alma, que vós todos encareceis como espectaculo nunca visto, e que eu vejo, eu tambem, no meu espirito; isso que é para a linguagem o que a linguagem é para o pensamento.

Depois, ou antes, ou a par, a sensibilidade do coração semeado e florido de todos os affectos; o relance de aguia no perceber; o instincto de observação; a necessidade da perfeição no minimo como no maximo; essa especie de sibaritismo das indoles extremadas, que, se na cama de rosas se lhe dobrou uma folha, já perde o socego; o instantaneo e tenaz da memoria; a voz, sem deixar de ser feminil, forte e magestosa como a estatura, variavel em infinita escala, como os gestos, desde o grito agudo do alvoroço, no amor feliz, até ao estertor gelado e cavernoso.

Depois o cultivo pratico, e em todos os sentidos, e até involuntario, d'estas preciosas faculdades, pela estatuaria e pela pintura, que representam a natureza de eleição, a reflectem para o espectador, e como quer que seja o conformam á sua imagem.

Depois, a abundancia de modêlos vivos em todas as classes; porque desde a obscuridade em que desabrochou, até ao esplendor maximo das côrtes onde subiu, não houve grão, em que o destino, como um pedagogo já benigno, já severo, a não levasse

para experimentar e aprender o mundo em todas as suas condições, a existencia em todas as suas phases. Não houve prazer nem dôr, desanimação nem enthusiasmo, que lhe não desse a provar: foi humilde; foi pobre; foi opulenta; calumniada; cingida de loiros; amante contrariada; amante saudosa; amante vencedora; amante afortunada; esposa; mãe; mãe de quatro filhos: dois para o céo, dois para si, todos para a inspirarem: aquelles, se tivesse de representar Niobe; estes, Andromaca; uns e outros, Medéa.

Depois, as viagens com todas as suas commoções; no mar as tempestades; na terra os salteadores, nas capitaes as ovações; a vida nómada e prestigiosa dos Arions e Orpheus derramando delicias, colhendo dos loireiros fructos de oiro, e observando, como os Ulisses e os Anacharsis, a physionomia e o caracter particular de cada povo; cada povo é o commentario vivo da sua historia; elle só o que explica a sua tragedia, o seu drama, a sua comedia.

¿É tudo? infinito parece já, mas não é ainda tudo.

Cada um d'estes componentes da perfeição de Ristori da sua biografia se colhe, ou se alcança pelo bom discurso; mas quem poderia, senão ella (e nem talvez ella propria) dar conta fiel dos dias, das noites, dos annos, da vida de trabalhos, que mysteriosa e a sós emprehendeu e consumou sobre si mesma; ella o barro, ella o Prometheu, e ella o fogo!

Quando bem se pensa em que Demosthenes levou annos a domar as rebeldias da palavra, para um dia vir a domar com ella as assembléas tumultuarias de Athenas; quando vêmos Virgilio, depois de ter aperfeiçoado por tantos annos um poema expirar desesperado da perfeição; quando ouvimos a Appelles: *Pinto pouco e de vagar porque pinto para a eternidade*; e agora contemplamos tantos modêlos perfeitissimos (que já orçam por setenta!), tão diversos, tão complicados, tão difficeis, fundidos todos e acabados por uma só mão, que immenso estudo não supporemos andar ahi, casado com a organisação mais estupenda!

Esta mulher fez indispensavelmente muito mais que estudar a historia, a philosophia, a poesia; que observar a vida patente á superficie da humanidade. Fez mais que interrogar de perto no fundo das suas respectivas jaulas a insania e a furia dos alienados, a languidez dos enfermos, as angustias dos agonisantes, os remorsos e as raivas dos presos, a consternação dos asylados, as angustias dos indigentes, as penas mal disfarçadas dos anjos caidos no opprobrio, e o horror do patibulo; tudo obras vivas de impreterivel ensinamento para a sua arte.

No silencio da noite, e em quanto as outras ou dormem ou velam, umas para o jogo, outras para a dança, outras para a conversação, outras para o amor, outras para os filhos, outras para a tarefa que as alimenta e as intretem; quantas vezes não andará esta em espirito, ingolfando-se, por fatal necessidade do seu ser e da sua sorte, nos abysmos d'onde os Shakespeares e os Hugos vão arrancar monstros e perolas, e reascendem á luz pallidos e sobre-humanos, moribundos e divinos!

Afortunado o que não acredita n'estas noites de febre, de delirio, de prophecia, de creação e destruição; noites como as das feiticeiras, que ao lume azul de uma mão de finado fazem surdir thesoiros; noites em que, sob uma apparente immobilidade, o espirito se revolve no corpo, como o alchimista no seu laboratorio, a pedir a toda a natureza o segredo do metal rei, e o do elexir de longa vida. Tres vezes feliz o que ri d'estes martyres da arte!

Quando ella assim estuda (porque jurarei que ella estuda assim); quando indoidece diante de um espelho, actriz e platéa para si mesma; quando escuta as suas palavras, e as contrapeza, oiro e fio, a periodo e periodo, e a syllaba e syllaba, com o affecto da sua heroina, com o affecto que tem dentro; que objecto para estudo de actores, de oradores, de pintores, de estatuarios, e de poetas principalmente, não seria esse seu estudo! Mas esse é o livro dos sete sellos do genio; a Sibilla que o escreve queima-o antes de morrer. Estes fructos da sciencia colhe-os por entre espinhos e para si quem póde; mas não os dá, não os póde dar, não lh'os saberiam receber nem talvez a outrem se lograram. O talento produz para todos, mas sabe só para si; avaro do seu segredo, prodigo de tudo mais. Dá a lembrar a arvore alterosa, metade a verdejar, a florir, a fructear, a espargir sombras, deleites, musicas; mas a outra metade, de que tudo isso se cria, mergulhada, esquecida, calcada sob a terra, a agenciar, ao perto, ao longe, pelo tenebroso, pelo duro, pelo frio, os fluidos invisiveis de que se alimenta a robustez d'aquelle tronco, a pompa d'aquelles ramos, a alegria d'aquellas flores, a suavidade d'aquelles fructos, o encantamento harmonico d'aquelle todo.

¿Sabemos nós ao applaudirmos esta Ristori, que de vezes não estaremos festejando tormentos que ella curtiu bem reaes para nos incantar?

A gloria compra-se e custa caro. Por baixo do manto de purpura está muitas vezes o flagellado; mais de uma coróa de loiro tem encoberto frontes que as lides primeiro incaneceram, depois devastaram até das cãs. Dae a esmola da compaixão aos gloriosos.

Aqui tendes, se me não engano, o raro complexo de felicidades, e amarguras, de graças originaes, e de virtudes adquiridas, sem o qual este fenomeno chamado Ristori se não explicaria: fenomeno sim, e não mulher; tanto assim, que o sentimento que ella inspira não é nos homens o amor, nem nas mulheres o ciume ou a inveja; é em todos uma especie de adoração.

Aqui tendes porque ella percorre os Estados da Europa, e percorrerá os de todo o mundo, como rainha que visita as suas provincias; porque a musica se não atreve a intrometter-se, nem momentaneamente, nas solemnidades dos seus sacrificios theatraes; porque as cidades a esperam com alvoroço, e a ficam recordando vangloriosas.

Ahi tendes porque os poetas se inspiram d'ella, para ella compõem, e a ella dedicam os seus poemas; porque a imprensa lhe tece um hymno perene e universal, e a critica, essa escrava insultadora de todos os triumphos ainda não achou que lhe reprehender, senão a excessiva perfeição, a verdade absoluta na expressão dos horrores e terrores naturaes,

Ahi tendes porque a mocidade estudiosa das cidades por onde atravessa lhe dá serenatas, e as companhias theatraes corôas.

Aqui tendes porque os reis até as rainhas a convidam, a hospedam a regalam, lhe escrevem, lhe apertam a mão, e se ella lhes pede a salvação de um condemnado, o algoz atonito sente escapar-lhes da mão a sua victima.

¿Que mais realisaria a lyra fabulosa dos antigos tempos?!

O que somos obrigados a acreditar de Ristori porque o presenciamos, e de que os nossos netos surrirão por ventura, revela-nos em parte o sentido de alguns mithos.

¿Querereis, vindoiros, vós outros a quem inviamos o seu retrato, querereis conhecer a força, a magia, d'este genio? Ristori ressuscitou a tragedia, ou antes Ristori foi o Pigmalião d'esta poesia estatua, que ficará de pé no meio d'esta litteratura, tão diversa em tudo, emquanto subsistir a fada que a evocou.

A tragedia e Ristori morreram no mesmo dia.

17 de Novembro de 1859.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

(Continuação)

Tinha cursado os estudos menores, terminando-os pela philosophia, estudada sob o magisterio do padre Fr. José d'Almeida Drake, no convento de Jesus, da ordem terceira da penitencia, seminario de tantos varões illustres em letras e piedade. Havia demonstrado aos mais incredulos que podia arcar ainda com maiores e mais difficeis locubrações.

Era nos principios d'este seculo ainda rara a instrucção das linguas vivas e havia-se quasi como uma prenda de summo apreço o conhecimento do francez. A nossa republica das letras desdenhava ainda quasi por barbaras as linguas neo-latinas, e os mais doutos eram não poucas vezes totalmente ignorantes das modernas litteraturas. Era então suspeita a França, a sua linguagem e os seus escriptos, que se affiguravam aos ordeiros d'aquelle tempo os fachos perfidos, que com a apparencia de allumiarem, íam antes incendiando a velha Europa. Saber francez era um principio de suspeição para o santo officio e para a policia, e habilitação essencial para jacobino, segundo os preconceitos d'aquella época. Era licito odiar os tyrannos em latim, expulsal-os de Roma com as imprecações de Tito Livio, amar a liberdade com a terminação inoffensiva das escólas, e declinar sonoramente a palavra povo na innocente agitação dos nominativos. Era permittido deplorar a decadencia da republica, e marcar na face os despotas com o

ferro quente das nervosas objurgações de Cornelio Tacito, mas era um perigo saudar em francez a magestade da razão, e os familiares do santo officio, e os esbirros da intendencia registavam no livro negro os assiduos leitores de Voltaire e de Rousseau.

Por fortuna trouxera a revolução a Portugal alguns emigrados francezes, que fugiam então ás aguias, ou aos açores de Napoleão; uns d'elles legionarios fugitivos da desbaratada democracia, exules outros por não haverem renegado a realeza de São Luiz. A casa de Castilho viera parar um d'estes emigrados, não sei a qual dos bandos vencidos pertencia. Era M. Barnois. Ali o agasalharam como o sabe fazer, melhor do que ninguem a estrangeiros desvalidos, a portugueza hospitalidade, sempre aberta ao infortunio, e tantas vezes calumniada e ferida em troca de cordeal sinceridade. Com M. Barnois aprendeu Castilho a lingua franceza, e das conversações domesticas nasceu a facilidade e gosto parisiense, com que falla este idioma. Era por aquelles tempos a casa paterna uma pequenina, mas instructiva academia. Era um pae sabedor e erudito, e muitos filhos, todos elles de engenho já cultivado em tenros annos. Á mesa se discretava e discutia, e cada reunião familiar e intima era um colloquio litterario, em que aproveitava o entendimento e se estreitavam pela communhão das letras os laços do sangue e da affeição. Ardia então a Europa nas guerras memoraveis do imperio, e Bonaparte, que é para nós um heroe e um dogma, era n'aquelles tempos um homem e uma questão. Vivia-se junto d'elle e os heroes, vistos face a face, á similhança das pyramides do Egypto, aterram mas não admiram. Era para vêr como o honrado cathedratico da faculdade de medicina, reunia os filhos em redor de si, como se presidira a um congresso europeo. Vinha a *Gazetta de Lisboa*, satisfação quasi exclusiva da ardente curiosidade nacional. Commentavam-se as novas, figuravam-se as marchas, consultavam-se os mappas, rectificava-se a geographia, invadiam-se os territorios, defendiam-se os estados, inquiria-se a historia das nações. Dispunha o grave professor uma similhança de concursos, em que havia premios para os vencedores, animando pela emulação o gosto litterario e o desejo do saber nos juvenís herdeiros do seu nome.

Por este tempo travou Castilho relações com um distincto erudito portuguez, Antonio Ribeiro dos Santos, bibliothecario mór e academico, homem de boas letras, de que deixou memoria honrada em vastas obras de erudição, e em poemas de maior arteficio e esmero que de originalidade e melodia. Era um velho de tracto sincero e facil, que se aprazia de honrar e accolher os engenhos nascentes e esperançosos. Typo quasi perdido d'estes lit-

teratos graves e sisudos, que buscavam no estado ecclesiastico a abastada commodidade de uma vida regrada e exemplar para poderem soltos de cuidados vagar á leitura e á meditação e hospedarem bisarramente as suas musas favoritas. Morava na rua do Sacramento á Lapa; eleito com descripção o sitio pelo socego e amenidade. Tinha a casa um jardim, que realçava a commoda tranquilidade d'aquelle erimiterio litterario. No meio do horto erguia-se em pavilhão a livraria, opulenta de selectas edições. Presidindo áquelle congresso mudo de venerandos escriptores, erguia-se um Apollo de marmore, emblema do gosto classico, familiar ao ancião. Ali entrára Castilho a visital-o, e a ouvir oraculos seus como se fôra elle o grão-sacerdote do Deus auricrinito. Ali conversava a lyra já cansada com o pelectro juvenil. Ali recitava Castilho as suas composições, e ouvia as criticas benevolas do velho e os conselhos da experiencia e da rasão. Nas notas da *Primavera* deixou Castilho memorada esta sua proveitosa intimidade com Antonio Ribeiro dos Santos.

Com outro não menos erudito academico entrou Castilho por aquelles tempos em agradavel frequencia. Era Fr. Joaquim de Santa Clara, arcebispo de Evora, que então residia no convento da Estrellinha, da sua ordem benedictina. E pelo apreço que então merecia a homens, já proceres nas letras do seu tempo, se póde ajuizar quanto promettia o engenho do poeta, ao qual velhos eruditos, constituidos em altas dignidades sociaes e litterarias, consentiam que na sua presença vestisse antes de tempo a toga viril.

Depois de larga enfermidade, que a depozera do governo do reino, veiu a fallecer em 1816, a rainha D. Maria I. Afinaram os vates as suas lyras para prantearem a morte da soberana. Quiz tambem Castilho ser das justas e saiu com o seu *Epicedio*, primeiro poema seu, que viu a luz. Era ainda frouxa revelação de originalidade, mas era já documento irrefragavel de estro feliz e de valente metrificação. Andava então revolta a republica litteraria em Portugal, aonde aporfiavam alguns mais arrogantes e temerarios por levantar-se com a dictadura e senhorio. Um sobrelevava aos demais em jactancia e ambição. Era o padre José Agostinho de Macedo. Saíam a disputar-lhe o passo alguns émulos insoffridos e implacaveis, sobresaindo entre elles Pato Moniz, o sarcastico e mordecissimo escriptor da *Agostinheida*. José Agostinho cerrava de perto com a phalange embravecida dos seus aristarchos e detractatores. Tinha para as oppugnar e se defender estabelecida uma folha semanal, que intitulava o *Espectador portuguez*. Esta era a tranqueira, com que se acobertava para disparar os

seus dardos invenenados contra os seus inexoraveis perseguidores. Pato Moniz era a victima obrigada de todos os numeros do semanario. Havia sempre em cada um d'elles um artigo, onde os epigrammas e as insolencias da mais cruel personalidade deixavam em carne viva a reputação litteraria do desgraçado antagonista. Serviam-lhe de fecho constante os dois infelicissimos versos, de burlesca recordação, que Pato Moniz inserira n'uma ode sua ás victorias do exercito anglo-luso:

São provas do que digo
Rolliça, Badajoz, Pombal, Rodrigo

O miserrimo auctor teve o infortunio de fazer uma boa acção em versos, que pouco se erguiam acima de ruins. Compoz um epicedio á morte da rainha. Aqui foi para José Agostinho o soltar do açoite para flagellar sem piedade o seu obstinado contendor. Para humilhar Pato Moniz, lançava-lhe feiamente em rosto que uma creança, como era Castilho, lhe viesse dar no mesmo assumpto lições de poesia a elle, que era velho e experimentado no officio, mas incorrigivel nos seus erros e desprimores. O elogio em José Agostinho era moeda rara. Quando o concedia, contrariava a sua vocação e cedia vencido diante da verdade ou do engenho incontestavel. Imagine-se o effeito de um elogio d'estes n'uma creança-auctor. O algoz das reputações assignando diploma de immortalidade! O Atila dos poetas, o que não perdoára a Camões, conferindo o direito de cidade a um cantor, que apenas se revelava! Castilho foi agradecer o louvor. Foi agradavel a recepção, com que o acolheu o feroz dictador do Forno do Tijollo. Multiplicaram-se as visitas e estreitou-se em pouco o commercio litterario. Era José Agostinho, apesar de todos os seus defeitos, um vasto repositorio de erudição. Prosador negligente, plebeo, e desalinhado e frequentes vezes escurril, mais insolente do que epigrammatico, e antes chocarreiro do que faceto, era comtudo mais castiço e commedido nos seus poemas. Havia alguns annos que vertêra a *Thebaida* de Stacio em portuguez e dera o poema a Bocage para que lh'o hovesse de corrigir. Teve-o Bocage em seu poder por algum tempo. Um dia José Agostinho mandou uma preta, que o servia, pelo manuscripto a casa de Bocage, encommendando-lhe que á volta passasse pelo alfayate, em busca de uns calções, que lhe dera a fazer, ou — mais provavel ainda — a remendar. Foi-se a preta ao desempenho da sua missão poetica e vestiaria. Conchegou os rollos de papel no avental, accommodou junto do Stacio os calções do padre, e d'esta confraternidade for-

çada entre uns calções e um poema, resultou perder no caminho os seis primeiros livros da *Thebaida*, que vinham n'um folheto separado. Eloquente de improperios e bordada de biliosas imprecações deveu ser a allocução dirigida á preta sexagenaria pelo auctor do *Oriente*; mas a perda ficou irreparavel. José Agostinho desmaiou diante da empresa de completar a truncada trasladação. A proposito em Castilho lhe deparava o destino um latinista já profundo e um poeta já quasi laureado, para lhe resarcir, fazendo a nova traducção, o damno da serva perdularia. Instou-o com sinceros encarecimentos do quanto era asado para a tarefa. Não acceitou Castilho a proposição; mas já não era pequeno testemunho do seu merito o pretender quem se julgava principe das letras, e pelo menos era tyranno de sua republica, investir no officio do seu tenente o mancebo, que apenas provára as armas n'um recontro.

Dos modestos *geraes* da rua da Rosa voemos com o poeta até os geraes magnificos de Coimbra. E quando digo *voemos*, fique entendendo o leitor que é apenas o vôo da narrativa, porque a viagem verdadeira e historica foi, n'aquelles tempos, quasi heroicos e mythologicos para o transporte, a proverbial e lenta peregrinação dos estudantes no classico muar. Deixamos de referir aqui as honras antecipadas, com que o poeta, apenas entrado na adolescencia, foi saudado emphaticamente pelo hyperbolico arrieiro, e por elle condecorado, segundo a praxe do tempo, com o — para caloiro, — bem soante appellido de doutor, sem previo juramento nem propina. Que era n'aquelles tempos o grau academico o só tratamento, em que a urbanidade dos almocreves infringia a pragmatica real, depois tão barbaramente democratisada, quando as circulares eleitoraes juntaram a *senhoria* ao direito de votar, e as philarmonicas associaram a *excellencia* ao culto cavalheiresco do sexo amavel, sem inquirições nem escrupulos de genealogia.

Estamos na ponte da velha Coimbra. Temos á direita a couraça de Lisboa. Á esquerda a calçada com os seus especieiros e mercadores. A uma parte a sciencia e a abstracção. A outra parte o facto e a mercancia. D'um lado os doutores, os athenienses da cidade, e do outro, segundo a opprobriosa expressão da aristocracia academica, os ilotas e os *futricas*. D'um lado a Minerva, idealista e melancolica. Do outro o Mercurio *realista* e jovial.

Estamos em 1817 ou 1818. Coimbra estava então no auge do seu indisputado senhorio litterario. Reinava sem rival na educação superior da juventude. Não era então como hoje, em que a revolução dos tempos e das idéas, nos permitte a nós, pobres ci-

dadãos, que aprendemos a cartilha entre a arcabuseria das guerras civís, o tomarmos logar, para uns elevado, mediocre para outros, nas letras e na republica sem o chrisma da velha universidade.

Coimbra era a chancellaria do talento. D'ali saíam em torrentes caudaes os candidatos a todos os officios rendosos da igreja, e da republica, e ali íam os mimosos do engenho poetico, como ás justas do proprio Apollo, a provar suas armas e galhardia. A revolução despoetisou as instituições antigas. Feliz e admiravel prosa, que proscreveu com a mesma sem ceremonia a poesia das conclusões magnas e da inquisição de Coimbra, a poesia do cancellario e a da censura prévia, e confundiu no mesmo nivel materialista a poesia milliflua dos oiteiros e a poesia sinistra do algoz. Coimbra hoje é uma blasphemia, um sacrilegio, um crime de lesa magestade em Minerva. É Paris, é Babylonia; é a Roma de Heliogabalo, é a metropole do sensualismo revolucionario, se a comparamos na sua regrada e burgueza simplicidade municipal com a Coimbra academica e monastica dos annos anteriores á revolução de 20.

Coimbra tem hoje eleições, philarmonicas, montepios, jornaes, deputados, mala-posta, estadistas, associações fraternaes, e institutos. A academia é hoje um accidente. Era n'aquelles tempos a propria substancia da cidade. Hoje ha n'ella cidadãos. Então era uma povoação de habitos talares, um grande convento benedictino, uma congregação de doutos, aonde os claustros eram as praças e as ruas.

Em cima, como um castello-rouqueiro, erguia-se assoberbando a povoação, a torre da universidade. O suserano, o bispo-conde reitor, dominava na cidade, cercado dos seus altos-dignatarios, dos seus maceiros e mestre de ceremonias, dos seus *verdeaes*, lictores do consulado universitario, dos seus juizes conservadores, dos seus meirinhos, dos seus doutores, dos seus famulos, da sua numerosa cleresia. Em redor da universidade as casas das ordens religiosas, e os collegios seculares, circumdavam a *alma Mater*, como uma prole obediente e affectuosa, que se comprazia na veneranda ancianidade da sua commum progenitora. Em volta de todos estes laboratorios espirituaes a cidade burgueza, representando a funcção humilde de ucharia e de refeitorio para todo este convento collossal. Em cima a aristocracia da sciencia atirando desdenhosamente á plebe os despojos do seu festim. No fim de tudo a inquisição para realçar os toques principaes d'aquelle painel. Ao lado da academia, que é a palestra da rasão, os anto officio, que era o thermometro da fé. Junto da universidade, onde a

sciencia indiscreta toca nos seus vôos com a heresia, a inquisição, que as podia censurar e corrigir. Junto á fabrica de idéas, o sello do santo officio para evitar o contrabando intellectual.

Imaginae o que seria então Coimbra. Ideai-a n'um grande dia de primavera. O Mondego retratando no seu espelho de prata o *Ó da ponte*, e orlando com o verde dos censeizaes as margens sinuosas. A casaria da cidade a trepar pelo declivio, dividida em degraus de amphitheatro. Do massiço das edificações surgem aqui e acolá as torres das egrejas, com as suas cruzes florescentes e as suas agulhas de mais arrogante projecção. Pelo rio os barcos á vela a perderem-se na volta dos meandros. Além os campos ridentes do Mondego, estendidos como um tapiz de arvoredos e de searas. Nas ruas os sotanas negras dos clerigos, as capas dos estudantes, a sirguilha das serventes, os habitos variegados dos monges de varias religiões, o retinir dos guizos nos machos de liteira, os chapéos derrubados dos arrieiros, as vestes burguezas dos mesteiraes, o trajo dos camponezes, o uniforme extravagante dos archeiros, e no meio de tudo isto sua excellencia reverendissima, o bispo de Coimbra, conde d'Arganil, senhor de Coja, do conselho de el-rei *meu senhor*, reitor reformador da universidade, atravessando gravemente a rua da Sophia para ir a Santa Cruz, no seu coche de estado tirado por quatro urcos.

Agora entornemos por cima d'esta cidade meio-monastica, meio-burgueza a chuva de oiro das tradições guerreiras e poeticas. Façamos voltar nos ares aos sons confusos e perdidos de tantas lyras, dedilhadas á sombra verdejante do Mondego. Figuremo-nos que ainda esvoaça á luz indicisa do crepusculo a tunica resplandecente da amorosa Ignez de Castro. Ponhamos hombro a hombro, mirando-se desdenhosos, os reis e os heroes, que tiveram a Coimbra por theatro das suas façanhas. Façamos desfilar á hora das visões os espiritos saudosos de Attaces, e de Sisnando. Dividamos o campo ás justas sanguinolentas dos almogavares musulmanos e das turmas irresistiveis da cavallaria christã. E ao longe contemplemos a quinta das Lagrimas, poema tacito de amoraveis melancolias, e discorramos com o inspirado Comões, com o ameno Bernardim, com o grave Antonio Ferreira, que trasladam o côro das Camenas para as margens do Permesso portuguez.

Ahi temos a Coimbra d'aquelles tempos, cidade de poesia e de decretaes, de amores puros e phantasticos e de galanteios prosaicos e plebeus, de cultos enthusiastas á religião ridente dos augures e de beatas superstições á religião sombria dos inquisidores, cidade ao mesmo tempo austera e jovial, aonde as serven-

tes andam acotovelando as musas, e as musas surrindo maliciosas ao roçarem com a fimbria transparente na estamanha dos monges e no capello dos doutores; cidade, aonde Justiniano e Hippocrates, Pedro Lombardo e Cavalleiro traçaram choréas caprichosas com Tibullo e Anacreonte; cidade, onde os homens adormecem pastores e arcades, embalados ao som das harpas eolias penduradas nos salgueiros, e accordam prelados e desembargadores, ao temeroso baquear das illusões.

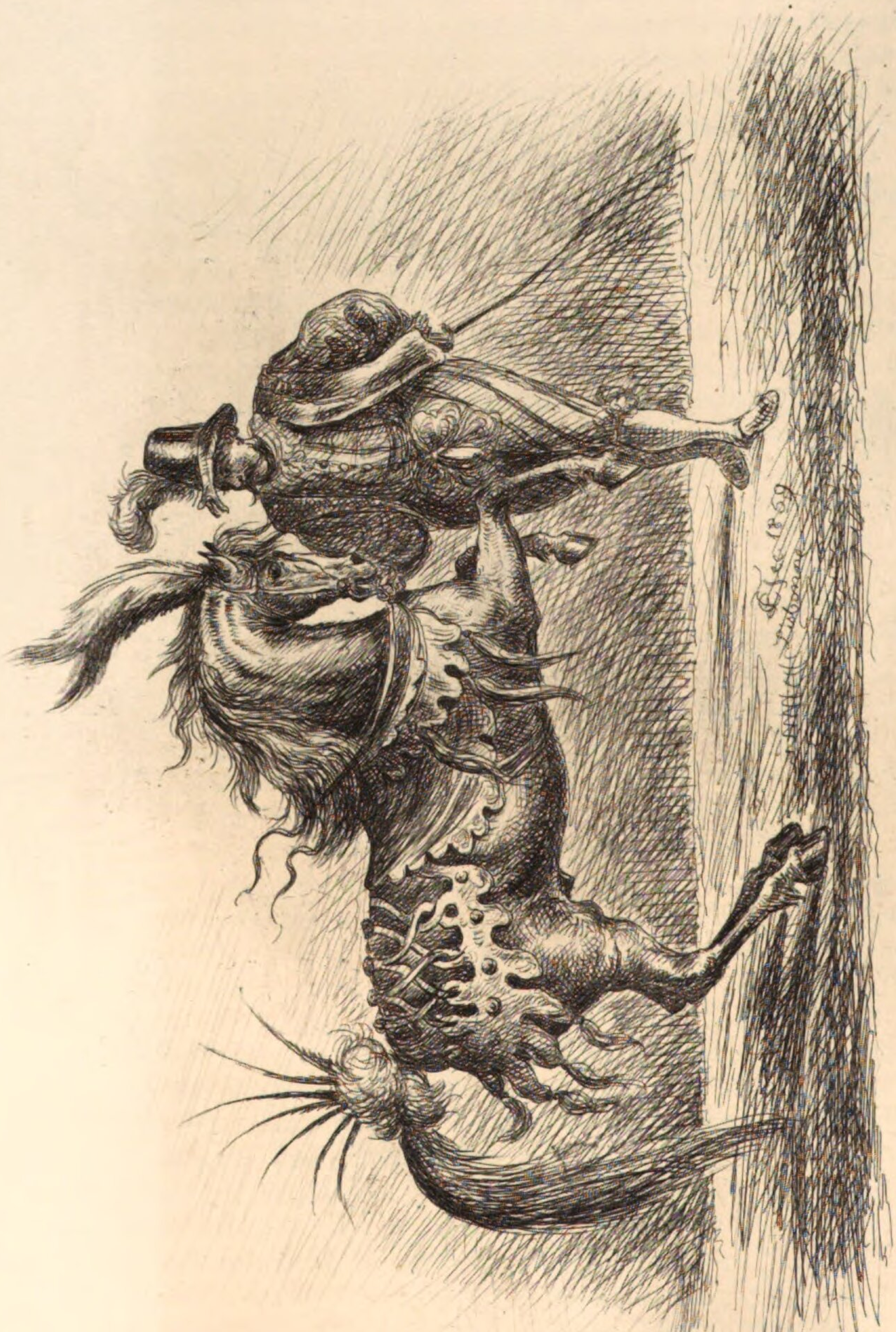
É esta a Coimbra a que somos chegados agora com o nosso poeta Castilho. Levemol-o ao *pateo*, que assim se chamava então em estylo de prosaica familiaridade o proprio alcaçar de Apollo, o collegio, onde se professavam as humanidades e letras amenas. Ali fez o poeta os seus exames preparatorios, e de quem já de Lisboa ía amigo e familiar dos escriptores da velha latinidade, não ha que dizer qual foi o resultado dos exames. Sairam brilhantes e auspiciosos para a carreira litteraria do mancebo.

Que sciencias entraria a cursar na universidade? As sciencias do poeta, se as ali houvera, e se com ellas se podesse bater a moeda prosaica para os usos da vida e se como a banca ou o pretorio do legista, a receita do physico, e o baculo ou a murça do theologo, dessem direito a talhar dourado no festim da humanidade.

Se a providencia lhe não houvera annuveado os olhos, seguira o poeta,—juramol-o quasi—as sciencias naturaes. Enfeitiçara-o a botanica, para o levar comsigo a herborisar pelos campos seus dilectos, e, para lhe ensinar os amores castissimos das pudibundas hervasinhas. Fascinára-o a zoologia para o guiar na região onde esvoaçam as borboletas, e para o deixar errante nas selvas primitivas, onde as aves aos milhares pompêam ao sol dos tropicos o iris da sua plumagem deslumbrante, e celebram as suas innocentes alegrias no concento harmonioso dos seus gorgeios. Tomara-o nas azas a curiosa astronomia para o soltar depois attonito, cortado de admiração e de terror no infinito dos espaços estellares, e para segredar-lhe amiga o hymno magestoso do Creador. Convidára-o a tenebrosa geologia a descer ao seio da serra, a conversar e inquirir os gnomos, a decifrar nas formações do globo as strophes sublimes d'esta ode magnifica de pedra, e colligir nos restos pateontologicos as folhas dispersas da biblia da terra, e a genese mysteriosa da creação animal

J. M. Latino Coelho.

(Continua).



O NOVO CURSO SUPERIOR DE LETRAS

(Continuação)

Tal é o aspecto geral da Europa, tanto dentro dos limites das inspirações litterarias, como das proprias influencias moraes. Portugal como fica apontado, reflecte uma parte d'este aspecto; e são circumstancias exteriores e geraes que teem contribuido de certo para este effeito, porque a onda do industrialismo, que se tem exaggerado com o excesso da civilisação material, em tudo pertende achar uma *commodidade*, um regalo ou um *proveito;* mas, por desgraça, causas, que não vem para aqui inquerir nem tão pouco exprobrar, mas que derivam exclusivamente do nosso triste estado social e politico, concorrem em grande parte, talvez na maxima parte, para a indifferença e esterilidade dos animos, por que as flores da phantasia só desabroxam e viçam n'uma atmosphera desanuviada de ruins paixões. Infelizmente não succede assim. O ar que respiramos é o ar infeccionado das cubiças torpes dos interesses materiaes. Os verdadeiros poetas da época são os empresarios das vias ferreas; e os themas mais predilectos dos livros e dos dramas de hoje, o cynico inventario das miserias em que vegeta uma sociedade devassa; porque essa sociedade, por um desequilibrio das leis do gosto e das regras da moral, recreia-se, como as cidades corruptas dos tempos biblicos, em contemplar e reproduzir a imagem das proprias depravações.

No seio de um tal ambiente moral não é possivel nem aspi-

rações nobres, nem vôos audaciosos do engenho poetico, nem concepções que resumam e personifiquem a excellencia de um grande pensamento. A imaginação encolhe as azas, e sente que não tem horisontes por onde espaireça, nem perspectivas grandiosas que lhe suscitem imagens altivas e imponentes. A vida torna-se machinal; e o homem proclama a omnipotencia do estomago como lei unica para chegar a todas as soluções que concluam pela posse de mais um goso do seu viver de verdadeiro sybarita. Os Sejanos, os Sardanapalos e Verres são os exemplos e as personificações do seculo, mas personificações e exemplos que a raça d'agora amesquinha, porque nem ainda mesmo n'estas paixões condemnaveis é capaz de assumir as proporções grandiosas, que projectaram tamanha sombra atravez da historia.

Reduzida a estes termos, a existencia perde o seu ideal, e chega ao triste e árido positivismo, em que nem os praseres mais grosseiros e torpes arrancam o espirito do homem dos abysmos da apathia. É n'estes casos, em que a sociedade se consome ruida de um desalento interior que nos fecha os olhos para todas as luzes da esperança divina e humana, é n'estes casos que apparecem os Manfredos e os Faustos, mas Faustos e Manfredos de lastimaveis dimensões Não ha litteratura, nem ha poesia, porque não ha o accordo da phantasia com o coração, que é a harmonia sublime que fórma o verdadeiro poeta.

É exactamente n'este estado em que nós nos achamos; e consolemo-nos porque é tambem esta a situação da Europa. Mas triste consolação! Temos companheiros, e muitos, n'esta desventura: porém deixará ella de ser tamanha por ser maior?! Não, de certo. A decadencia das letras é sempre verdadeiro mal, porque é symptoma, e já o effeito, de uma completa decadencia moral. A indifferença, a lethargia profunda e lethal que sepulta os espiritos, é a imagem e a consequencia da corrupção dos costumes. Perdida a pureza d'estes, empallidece o ideal d'aquelles. Sem os energicos impulsos de fogo intimo, porque os apagou a atmosphera de gêlo que nos rodeia, nem os fortes incitamentos da sociedade exterior, porque só os accendem os magnificos quadros de progresso real de um paiz que caminhe em todas as direcções da ventura publica, que ha a esperar do futuro?

Triste mysterio, que talvez o não seja já para muitos que conhecem a historia, e queiram regular os nossos destinos pelas suas lições!

Mas affastemos esses sinistros vaticinios, e conjuremos o mal, se é possivel. Talvez a quadra, para nós, seja unicamente de so-

pitamente: talvez seja um d'estes periodos de descanso, como já notámos, em que os talentos se appropriam novas riquezas de producção, para depois as ostentarem, e inaugurarem uma época de florescencia. E n'este caso, o incentivo é o exemplo, a diffusão das luzes, o bom e acertado methodo na sua propaganda, e sobretudo a escolha dos apostolos e evangelistas, póde só conseguir os resultados desejaveis. É por estas razões que festejamos com alvoroço a creação n'esta conjunctura, de um instituto de letras, cujo plano vasto abrange a historia do espirito humano, nos seus capitulos mais distinctos da critica, da philologia, dos acontecimentos universaes das nações, e dos quadros da nossa existencia nacional. O *Curso superior de letras*, instituido pelo Sr. D. Pedro V, póde ser um acontecimento que influa directamente para accordar do lethargo as imaginações, e apontar-lhes diversos caminhos de honroso certame e triumpho intellectual.

Mas é necessario fallar claro. A tarefa do *Curso superior* é ardua. As circumstancias peculiares da actualidade, conforme as indicamos com verdade, tornam a sua missão um apostolado, em que os novos apostolos não devem só colligir as suas forças e saber, senão as da propria consciencia. Não deverá ser unicamente uma propaganda, mas uma exhortação. insistente, convicta, systematica, ferverosa; e amena principalmente pela regularidade dos methodos e encantos da palavra, disfarçando-se n'essa amenidade, com os attractivos que levam a escondidos thesouros, a força irresistivel que vá pouco a pouco attrahindo os espiritos, mais ou menos dispostos aos pontos escabrosos da cabal e verdadeira sciencia litteraria.

Este curso foi dividido em tres cadeiras: a cadeira de litteratura antiga, dada ao sr. Vial; a cadeira de litteratura patria e moderna em geral, provida no sr. Castilho; e a cadeira de historia nacional, ajudicada ao sr. Rebello da Silva. Este concurso de intelligencias tão benemeritas das nossas letras basta para nos assegurar de que a missão, por mais ampla que a deliniem as exigencias da quadra que atravessamos, será comprehendida, e todas as suas difficuldades combatidas com empenho e illustração.

Permitta-se-nos, porém, algumas ponderações ácerca do systema que deverá seguir-se no desenvolvimento do programma dos differentes estudos. Não aventamos estas ponderações como preceitos, mas como alvitres, que, quando mesmo se intenda não deverem ser adoptados, nunca os poderão julgar inopportunos. Seja a cadeira do sr. Vial, a da litteratura antiga, a primeira que chame os nossos reparos.

Esta cadeira deve inevitavelmente abranger um vasto quadro litterario. O systema de lycéo, isto é a analyse exclusivamente technica, é impossivel que seja a adoptada pelo illustre professor na série das diversas licções, salvo quando um maior desenvolvimento philologico careça da exposição d'estes exemplos elementares, como de pontos de partida para chegar aos grandes resultados da critica. Com a *Odyssea* e a *Eneida* na mão já se não satisfazem hoje as exigencias de um curso de litteratura antiga. São esses os limites do mero ensino escolar que, n'uma cadeira, como na do sr. Vial, devem de ser ampliados, abrangendo a larga esphera das influencias litterarias de uma época, dentro da qual se apresentam, como exemplos de aperfeiçoamento de um ramo litterario, como symptomas da marcha da illustração, ou como a personificação mais caracteristica e universal do genio litterario de um povo, as obras que consubstanciam os periodos mais brilhantes das letras. Este genero de critica, como diz Nisard, é uma nova fórma da historia, debaixo do seu aspecto litterario. As revoluções do espirito, as alternativas do gosto, e os livros mais celebres são os acontecimentos, e os escriptores os heroes. Mostra-se n'este complexo a influencia das sociedades sobre os escriptores, e dos escriptores sobre as sociedades. Esta critica esboça, ou antes pinta a grandes traços, do que analysa e individua. As circumstancias peculiares não figuram senão pela luz que derramam sobre os acontecimentos geraes. Os homens são indicados n'este conjuncto pelas suas feições notaveis. A admiração não encontra de certo n'este quadro as bellezas especiaes da historia, mas encontra a historia das grandes transformações do espirito humano, traduzidas em fórmas poeticas e litterarias. A honra da creação d'esta escóla pertence a Villemain. Foi elle que soube alliar a critica á historia e á philosophia. As suas licções, que hoje são livros de todos lidos e louvados, depois de haverem sido admiraveis improvisações, provaram, que o talento de pintar, de expôr, de extrahir um ensino proficuo e esclarecido do passado, pertence tanto ao philosopho e ao moralista, como ao critico, porque o critico póde e deve ser tudo isto; e que o exame dos diversos genios da antiguidade não deve ter uma applicação reservada á psychologia.

É d'este estudo que tem nascido de certo gosto acrisolado das verdadeiras apreciações litterarias, e a sensibilidade viva e facil, despertada em nós pelas obras de incontestavel engenho poetico. E a razão é porque, por este systema, a superioridade e illustração de um critico tornam um livro o objecto de um exame, a que se associa o retrato de um escriptor e a pintura do secu-

lo, de que o homem apreciado fôra a alma, a luz ou a personificação. Luthero, Descartes, e Voltaire offerecem o exemplo.

É este o methodo adoptado até hoje na Allemanha, em França, na Belgica e Inglaterra, em todos os cursos philosophicos e litterarios, por Herder, Michelet, Ampère, Fauriel, Jouffroy, Cousin, Niebuhr, Walkemaer e outros professores distinctissimos cujo exemplo o sr. Vial não deixará de seguir.

Os quadros restrictos da litteratura grega e latina não podem ser unicamente o assumpto abrangido n'este curso. No espaço que naturalmente abrangem estes quadros, extremam-se tres periodos distinctos da litteratura: comprehendem os dois primeiros os tempos florescentes da civilisação grega, desde Solon até os Ptolomeus, e á época brilhante e verdadeiramente classica dos romanos desde Cicero até Trajano. O terceiro periodo é encetado por Adriano e fecha-o Justiniano.

Mas outras influencias e outras origens litterarias vem agrupar-se, nos seus resultados, ao genio litterario e poetico d'estes dois grandes povos, e seria impossivel deixar de apontar e seguir a sua apparição e desenvolvimento, quando queiram apresentar-se nas suas relações philologicas e philosophicas, os acidentes e progressos da illustração. A grande lucta da antiguidade com o christianismo, despontando nas catacumbas e glorificada no throno dos Cezares; a influencia exercida pela religião que refulge da Asia e se communica á Europa, e a effervescencia dos impulsos de enthusiasmo ao ouvir as lendas orientaes que penetraram simultaneamente na Grecia e em Roma, todo este grandioso complexo de inspirações que foram depois a fonte de varias litteraturas, convém que seja exposto e analysado de um modo claro e vivo. Esta tarefa é difficil, ninguem o ignora, porque para desenhar esta lucta dos oppostos systemas philosophicos do Oriente, e desdobrar aos olhos do auditorio o quadro das tradições asiaticas, é indispensavel fallar de nações cuja litteratura desappareceu, como a dos egypcios, e de povos cujas producções litterarias remontam aos tempos primitivos, como a dos antigos persas e dos hebreus, cujos livros santos abrangem a sua litteratura e a sua arte poetica. Os mesmos indios, que possuem uma litteratura rica de thesouros de imaginação e sentimento, e que tão desconhecida é de nós ou se a conhecemos é de fontes impuras e incertas, não podem da mesma sorte deixar de figurar n'um vasto plano em que hajam de se investigar e seguir, na sua acção influenciadora, as origens que lhe imprimiram caracter.

Mas estes trabalhos estão na maxima parte feitos; e se são novos para os individuos que apenas exploram os dominios da erudi-

ção, não o são de certo para o sr. Vial. A obra de Herder das relações da poesia allemã com a poesia dos povos orientaes; os trabalhos de Fauriel sobre os cantos populares da Grecia; o livro de Lowth *De sacra poesi hebræorum prælectiones*; e a *Historia da litteratura antiga* de Schlegel, abrangem todas estas questões.

Alguns traços sobre a eloquencia christã não nos parece um trabalho alheio a este curso, e o serviço feito ao pulpito e ao clero seria grande: Villemain, no seu magnifico *Curso de litteratura*, apresenta este quadro, que tão assombrosas proporções toma no quarto seculo, a grande época da egreja primitiva e a idade de oiro na litteratura christã. A viva linguagem dos oradores do christianismo, as suas controversias e enthusiasmo, resumem em si de uma maneira indirecta, os ultimos tempos da civilisação grega e do poder romano, épocas que é impossivel deixar de esboçar com o vigor da lucta travada entre o polytheismo e a lei nova, sem alludir aos padres da egreja, que, por um milagre da fé que os allumiava, florescem exactamente quando a decadencia dos costumes, e com ella, a decadencia litteraria se torna um acontecimento universal. Este periodo fórma um dos mais caracteristicos capitulos da historia das letras latinas.

A cadeira do sr. Vial julgamol-a talvez a de maior responsabilidade, porque resume mais serios empenhos. Os chamados estudos classicos é evidente que teem sido descuidados entre nós; as proprias tendencias da educação moderna, naturalmente polytechnicas, não parecem abraçal-os com a confiança e enthusiasmo que tanto exaltaram o espirito de outros tempos. É por isto que o sr. Vial tem de se occorrer a todos os attractivos de uma exposição amena e illustrativa, exposição em que a parte didatica do seu curso se insinue pelo influxo das largas idéas da critica que sabe casar a analyse dos grandes livros com os principios do gosto, não esquecendo de buscar as relações philosophicas que fazem apparecer os genios consagrados, como Homero, Virgilio ou Ovidio, não como meros auctores dos *Fastos*, da *Eneida* e da *Iliada*, mas como vultos grandiosos que resumem uma edade florescente, uma feição distincta da historia do espirito humano, ou um aspecto notavel de que a investigação erudita póde e deve occupar-se.

A cadeira da litteratura moderna não a concebemos em proporções mais acanhadas: fazel-o seria menospresar o engenho eminente a que foi confiada, o qual só nos deve admiração e estima.

O ensino da litteratura moderna, diz-se o fim d'esta cadeira, e com especialidade o da litteratura patria. Mas que é a littera-

tura moderna? Entender-se-ha por litteratura moderna as obras publicadas de agora? o periodo chamado romantico que abre com a revolução liberal de ha trinta annos? ou tudo que decorre do seculo dezaseis para cá, magnifico movimento de actividade intellectual que, inaugurado com os impulsos da renascença, produziu o grande seculo litterario dos Medices para a Italia; á Hespanha o seculo de Lopo de Veiga, Calderon e Cervantes; á França os dois reinados de Francisco I e Luiz XVI; á Inglaterra o seculo de Izabel; e a Portugal o de D. Manuel? Será esta serie de quadras climatericas e florescentes para as letras, o que intitulam litteratura moderna, por opposição ás outras edades litterarias que se lhe antecederam com o nome de idade-media e seculo de Pericles e de Augusto?

No nosso entender este ensino deve resumir um pouco de todas estas origens e de todas estas influencias. A litteratura moderna é inquestionavelmente a renovação romantica, que, estimulada pelos instinctos de nacionalidade opprimida pelas ambições tyrannicas do despotismo militar, e desvirtuada pelo influxo academico das regras classicas, se manifestou por fim em Allemanha com Goethe e Schiller, em França com Lamartine e Victor Hugo, em Italia com Manzoni e Silvio Pelico, em Inglaterra com Walter Scott e Byron, em Hespanha com o duque de Ribas, e em Portugal com o visconde d'Almeida Garrett. É portanto este grande movimento de reacção do genio poetico das nações, que repelle as fórmas litterarias dos antigos que repugnam á sua indole popular, que importa explicar e expor. Para o conseguir, é indispensavel remontar ás fontes da inspiração moderna. A civilisação grega e romana, o christianismo e os costumes germanicos são as tres origens da sociedade moderna, e as influencias caracteristicas da sua litteratura. São estas pois as fontes de que deve tratar-se. Mas a litteratura da idade-media conserva um caracter duplo; ha n'ella uma litteratura latina christã, commum a toda a Europa, cujo fim era talvez a conservação e extensão dos conhecimentos recebidos da antiguidade; e uma litteratura poetica, suggerida pela lingua nacional peculiar a cada povo. E é por isto que os esforços dos homens notaveis, que primeiro protegeram o desenvolvimento intellectual da Europa, como Theodorico, rei dos godos, Carlos Magno, e Alfredo o grande de Inglaterra, tiveram por fim dois objectos: conservar intacta e tornar geralmente util a herança de todos os conhecimentos que se possuia na lingua latina; e formar o idioma nacional, e com elle desenvolver o genio nativo de seus povos, conservando, por consequencia, os seus monumentos poeticos.

Este quadro de variadas perspectivas, atravez do qual desabroxa, como flor silvestre, mas de attractivos e agradabilissimos perfumes, a poesia creadora e nacional da idade-media, flor poetica que tem do lyrio a pureza e os arrobamentos de um sentimento mystico, e da saudade as melancholicas imagens das tradições legendarias; este quadro, repetimos, apresenta-se cheio de encantos para nós, homens da Peninsula Iberica, cujo genio de poesia tanto se identifica com todo este sentir idealisado por suaves ficções de amor e mysticismo.

Este sentimento da natureza, particular aos povos do Norte, diz Schlegel, que por um lado subsistiu na antiga tradicão e até no proprio christianismo, e que por outro penetrou nas idéas e costumes dos allemães, resume o manancial d'onde brotou a nova torrente de inspirações dos povos occidentaes.

Mas depois com a queda do imperio do Oriente veio a renascença classica. Este grande movimento intellectual, que até certo ponto poderia regular as impressões do genio poetico da idade-media, prestando-lhe toda a cultura da civilisação grega e romana, levado á exageração, suffocou, pelo contrario, os seus nativos impulsos, inaugurando em Italia, e depois nas demais nações que seguiram este exemplo de perto, a imitação dos monumentos litterarios antigos, como a unica fórma de producção perfeita e admissivel.

D'esta especie de contagio não permaneceram livres os dois maiores poetas epicos modernos, Camões e Tasso, que se inspirariam n'uma esphera mais illimitada de idéas de liberdade e bellezas poeticas, se o molde virgiliano e as regras aristotelicas da poesia heroica, sempre presentes na memoria dos escriptores do tempo, lhes não houvessem tolhido os vôos.

A falta não era da litteratura antiga, mas do máo uso que fez d'ella desde logo o espirito de seita. Não se limitaram a introduzir de novo a mythologia e a lingua latina, escreve um critico notavel, e a fazer muitas vezes uma applicação inconveniente aos assumptos modernos e christãos; fizeram mais; a muitos escriptores não lhes parecia assás elegante fallar de Deos como de uma só pessoa, e se exprimiam a tal respeito como se fossem os antigos, que diziam: Os deuses. Os usos e costumes sociaes dos antigos, foram da mesma sorte imitados, ou antes macaqueados em Italia com um enthusiasmo insensato. Póde dizer-se que alguns individuos tinham concebido a idéa de introduzir de novo, não só a constituição politica, e o espirito e fórmas litterarias, senão a propria religião dos antigos.

Esta desnaturação de costumes e leis do pensamento poetico,

e do culto das tradições nacionaes, contra a qual sempre protestaram de um modo indirecto a Hespanha e a Inglaterra, ostentando o seu genio nacional em Lopo da Veiga e Shakespeare, em Calderon e Milton, foi que preparou a reacção romantica, que em Allemanha se manifestou mais absolutamente nos fins do seculo XVIII, e logo depois em França e no resto da Europa. É de então que data esse protesto solemne, inflammado por diversas manifestações de fogo poetico, mas unanimes no pensamento unico de revindicação nacional. A musa melancholica da poesia peninsular e o nome tutelar das puras tradições patrioticas, deram as mãos n'este raiar esplendido de uma nova época litteraria para os povos do Occidente, e do Meio-dia da Europa; e viram-se surgir do seio d'estes clarões, a par do *Don Carlos* e dos *Salteadores* de Schiller, as *Harmonias* de Lamartine e as *Orientaes* de Victor Hugo; e não muito depois dos dramas de Manzoni, *Adelchi* e *Carmagnola*, a *Dona Branca* e o *Moro Esposito;* assim como n'outra esphera de inspirações mais serenas haviam já apparecido a *Messiada* e o *Genio do Christianismo*.

Eis o grande quadro, quadro de incrivel esplendor intellectual, em que duas escólas poeticas pleteiam os seus foros, preeminencias e sympathias, o qual o benemerito professor da cadeira da litteratura moderna não deixará de desdobrar ante os olhos do seu auditorio com a habilidade que todos lhe reconhecem.

No tocante á litteratura patria, os serviços que o sr. Castilho nos póde fazer a todos nós, são incalculaveis. Quem melhor do que elle conhece seus thesouros, e lhe sabe aquilatar o valor e encarecer a valia?! E comtudo, nós não temos nada d'isto ordenado debaixo de um pensamento critico e synthetico. A historia da litteratura portugueza está por fazer. Nunca a verdadeira philologia, nem a alta critica, apoiando-se nos trabalhos d'aquella, volveu para ahi as suas vistas, afim de formar um d'esses vastos atheneos, como os possuem os allemães, os francezes e os inglezes, onde os amantes das boas letras contemplam e estudam os seus escriptores mais eminentes, e conhecem ao mesmo tempo, por assim dizer, a sua geanologia e phisionomia litterarias. Temos o *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes* de José Maria da Costa e Silva, mas esse trabalho, pouco seguro nas averiguações biographicas, e cujas apreciações nem sempre foram o resultado de uma fina e desassombrada analyse, apenas lança os alicerces para tão vasta fabrica, como é uma historia litteraria. O *Parnazo Luzitano*, repositorio de excerptos dos nossos escriptores, e ainda assim es-

casso e deficiente, não póde nutrir de certo a presumpção de ser senão aquillo que é: um ramilhete dos primores da poesia portugueza. É por isto que, n'este ponto tudo esperamos do sr. Castilho, porque tudo póde e deve fazer-nos.

Falta-nos ainda fallar da cadeira da historia patria e universal, que completa o curso creado por el-rei. Esta cadeira, que denominam assim, custa-nos a separal-a da outra, que o governo entendeu dever aggregar ás tres instituidas, e a que pôz o nome de cadeira de *historia universal philosophica*. Ora na historia universal philosophica, ou não philosophica, não póde deixar de apparecer, com profunda averiguação e desenvolvimento, a historia patria, assim como as prelecções na cadeira de historia patria e universal, não se reduzirão de certo a uma narrativa singela dos reinados dos nossos reis. D'isto segue-se, que ambas as cadeiras hão de ser de historia patria e universal, e ao mesmo tempo de apreciação philosophica, o que importa dizer que uma e outra são quasi a mesma coisa.

Não nos parece isto acertado. A cadeira creada por el-rei, para se affastar da outra de historia geral, e constituir um ensino distincto, definido e independente, releva que se circumscreva á nossa historia unicamente. E quando dizemos circumscreva deve inferir-se que fallamos do pensamento inicial; por que sabido é que a maneira de tratar hoje a historia que, n'este caso, não póde ser senão o methodo synchronostico, leva inevitavelmente a parallelos e apreciações de acontecimentos geraes, onde o fio da investigação vae buscar ou firmar a origem de factos e instituições que só depois de assim inquiridos podem ser caracterisados nos seus effeitos. Mas esta maneira de avaliar a historia fica á liberdade do professor, que bastará dizer que é o sr. Rebello da Silva, para assegurar que o systema adoptado ha de ser o mais competente.

As duas outras cadeiras com que o governo julgou dever completar o Curso superior de letras, são a cadeira de historia universal philosophica, a que já nos referimos, e a cadeira de philosophia. Guardaremos para um artigo especial o que temos a dizer sobre esta ultima.

Em resumo, o Curso superior de letras é um pensamento fecundo; e não é por sair da esphera elevada d'onde saíu que o elogiamos, mas porque, seja qualquer que fôr o estado das nossas tendencias litterarias, a sua realisação, estudando-se attentamente o espirito da época e adaptando-lhe com zêlo, tino e criterio os methodos de ensino proprio, deve ser de proficuo alcance para o incremento do gosto das letras e

apuro das faculdades criticas, pelo que respeita á historia e á philosophia.

Mas para que este Curso se torne um facto util, e os seus effeitos se diffundam, é indispensavel que façam d'elle uma habilitação superior. Não deve ser dos bancos do Curso superior que saiam os alumnos para os outros institutos de instrucção; deve ser, pelo contrario, das escólas superiores e das universidades que venham sentar-se os discipulos nos bancos do Curso superior de letras. Esta é que é a sua natureza. O seu complexo de estudos é uma superfetação de conhecimentos, que não são indispenveis ao medico, ao legista, ao economista, ou polytechnico; mas são estudos que, juntos a estes ramos especiaes, engrandecem muito a sua esphera propria, e chamam os individuos que os cultivem ao centro commum das sciencias moraes e das profundas noções criticas, o que torna o homem apto para todas as questões racionaes e philologicas, depurando-lhe as fontes da imaginação e do estylo.

Esta é a natureza do Curso superior de letras.

Andrade Ferreira.

PALESTRAS SCIENTIFICAS

III

É actualmente, e será por longo tempo, segredo imprescrutavel o processo seguido pela natureza na condensação da materia cosmica ou primitiva, que deu origem á formação dos corpos elementares, com que foi constituido o edificio do mundo nas primeiras épocas da creação.

Nem mesmo podemos dizer se esse primeiro trabalho da constituição elementar continua ainda por esses interminaveis espaços do Universo.

Ninguem nos póde asseverar que a materia immensamente tenue da cauda dos cometas se encontra já no mesmo estado de condensação, que constitue os corpos elementares do nosso systema planetario.

Para resolver uma similhante questão, é impossivel a experiencia, e a observação é impotente.

Mas supposta já a existencia d'esses elementos, em frente uns dos outros, n'esse combate organisador, a que se deu o nome de cahos, o oxigenio, tão abundante, tão energico, tão apto para se unir aos outros elementos, devia exercer superior influencia na formação dos materiaes com que se constituiu o mundo actual.

A parte sólida do nosso globo, até onde nos é permittido observal-a é principalmente constituida por combinações do oxigenio com os outros elementos.

A cal, a silica, a alumina, a magnesia, o oxido de ferro, o acido

sulfurico, o acido carbonico e outros muitos corpos são as combinações do oxigenio que formam a maxima parte das rochas e das terras que constituem a parte solida do globo. A parte liquida, a agua, que occupa os tres quartos da superficie do nosso planeta, é ainda um oxido; é a combinação do oxigenio com o hydrogenio.

Além de todo esse oxigenio, preso nas multiplicadas combinações a que nos referimos, ficou livre uma grande quantidade para ulteriores acções, formando para assim dizer uma poderosa reserva no ar atmospherico, á custa da qual se mantém a vida dos seres organisados.

Este ar atmospherico, em que nós vivemos, é talvez o resto da nebulosa, em cujo centro a terra se formou pela fixação successiva dos seus diversos elementos, dos quaes restam apenas, em liberdade, e no estado normalmente gasoso, o oxigenio e o azote, que a constituem em toda a sua extensão, mas que, no decurso dos tempos, virão talvez a fixar-se, extinguindo-se então a vida actual, como em outros astros que já não possuem atmosphera.

Ninguem poderá affirmar, com profunda convicção, que o estado actual das coisas será permanente, e que, pelo que respeita á economia do globo terrestre, entrámos finalmente em um periodo interminavel de perpetua estabilidade.

Estudando attentamente os phenomenos atmosphericos, investigando todas as relações que nos é possivel descobrir entre os seres organisados e a terra, a agua e o ar, em que elles vivem, não podemos adquirir provas convincentes da permanencia infinita do estado actual de coisas; o que podemos alcançar é uma quasi certeza da larga duração das presentes condições, que asseguram á especie humana a conservação do seu dominio sobre a terra ainda talvez por myriades de seculos. Muito exagerada seria a nossa ambição se nos não contentassemos com tão largo imperio para tão fraca dynastia.

A organisação da materia e a vida, este modo de ser, ainda hoje mysterioso para a sciencia, estabeleceu-se na parte extrema do globo, que é banhada pelas aguas e pela atmosphera e só até onde penetram o ar, a luz e o calôr do sol.

Os seres organisados, em quanto se consideram unicamente debaixo do ponto de vista material, são evidentemente dependencias da atmosphera da terra. Os elementos que os constituem são quasi exclusivamente os mesmos de que o ar se compõe.

Ainda que a maxima parte da atmosphera seja constituida pela mistura do azote e do oxigenio, sempre n'ella encontramos, até ás alturas que nos são accessiveis, outros corpos gasosos, cuja importancia é consideravel na economia da natureza, mas que não avultam pela sua quantidade em relação á massa d'aquelles dois elementos.

Estes corpos são a agua, o ammoniaco, e os ocidos carbonico e azo-

tico, cujos elementos são o oxigenio, o hydrogenio, o azote e o carbonio, isto é, os mesmos que constituem a quasi totalidade dos seres organisados, e a que só teremos de accrescentar algumas outras, mas poucas, substancias que a parte sólida do globo lhes fornece. Taes são: a potassa, a sóda, a cal, a silica, o oxido de ferro, o chloro, o enxofre e o phosphoro.

N'uma das suas mais bellas producções scientificas reuniu e condensou o sr. Dumas as doutrinas modernas sobre as relações que ligam os seres organisados á atmosphera em que vivem.

Estas doutrinas são hoje materia corrente, elementar e sabida de todos os que se occupam do estudo das coisas naturaes, e por isso mesmo não vem fóra de proposito o apresental-as n'este logar em quadro muito resumido; até porque d'ellas pertendo tirar uma consequencia a meu vêr nova, e tendente a corroborar uma hypothese que ha pouco enunciei expressamente de passagem.

Os animaes e os vegetaes acham-se ligados por um mutuo systema de dependencia que não póde quebrar-se sem prejuizo de ambos.

Não é necessario reflectir muito profundamente sobre o modo de existir dos seres organisados para reconhecer a verdade d'esta asserção.

As plantas vivem á custa dos principios contidos no ar atmospherico, e de outros que tiram do sólo e com os quaes constituem os seus tecidos, os liquidos que os banham e toda a materia que n'elles se contém.

Comparae a arvore frondosa com a semente, que lhe deu origem, e dizei d'onde veio a materia que a constitue? Se a vossa investigação fôr sabiamente dirigida, achareis na atmosphera, que a banha, e no sólo, a que se fixa, todos os elementos que entram na sua composição.

Organisando assim a materia, tirada do ar e do sólo, preparam as plantas o alimento dos animaes herbivoros.

Este alimento serve aos animaes para um duplo fim. Parte d'elle, sendo queimado no apparelho respiratorio, sustenta o calôr de que os animaes carecem para o exercicio das suas funcções, como nas machinas modernas se queima o combustivel, que, pelo intermedio do vapor serve á producção da força e do trabalho. A outra parte é assimilada pelos orgãos do animal, e serve, como material de construcção, para o seu crescimento, incorporando-se successivamente nos seus tecidos.

Esta ultima porção da materia vegetal, convertida pela assimilação em materia animal nos orgãos dos herbivoros, serve a seu turno de alimento aos animaes carnivoros, que tambem queimam parte d'ella no apparelho respiratorio, para produzir calôr, e assimilam a outra parte em quanto crescem.

Da natureza morta, do reino mineral, isto é, do ar e da terra, vieram os elementos que o reino vegetal organisou, e que os animaes consumiram, restituindo-os outra vez á atmosphera e á terra.

Estes elementos são, como já disse, na sua quasi totalidade, o carbonio, o hydrogenio, o azote e o oxigenio. As plantas receberam-os no estado de acido carbonico, de agua, e de ammoniaco; os animaes restituem-no outra vez debaixo da fórma de acido carbonico, de agua e de ammoniaco.

Os outros elementos não atmosphericos, que, durante a sua vida, os vegetaes tiram do solo, para constituir parte dos seus tecidos, para elle voltam depois da morte dos mesmos vegetaes, ou depois que os animaes destruiram, para se alimentarem, as materias organicas em que elles se achavam, expulsando a parte inutil ou já desnecessaria á sua existencia.

Assim do reino animal, considerado no seu todo, se escapa constantemente, pelo facto da destruição das materias que lhe serviram de alimento, o acido carbonico, o vapor da agua, o azote e o ammoniaco.

Por outra parte as plantas, durante a sua vida normal, decompõe o acido carbonico, apoderando-se do carbonio, e libertando o oxigenio: nas mesmas circumstancias decompõe a agua, para se apoderarem do hydrogenio, exhalando o oxigenio, e finalmente se apropriam do azote, já directamente, já no estado de ammoniaco, ou de acido azotico, e assim funccionam no sentido inverso dos animaes.

Os animaes, diz o sr. Dumas, são verdadeiros apparelhos de combustão, e os vegetaes são verdadeiros apparelhos de reducção.

Os animaes queimando as materias organicas, que os vegetaes formaram, mandam para a atmosphera a agua, o acido carbonico, o azote e o ammoniaco.

Os vegetaes apoderam-se d'estes corpos e com elles constituem a materia organica.

O que uns tiram do ar, restituem-lhe os outros. «Considerando assim as coisas debaixo do ponto de vista mais elevado da physica do globo, podia dizer-se que, pelo que respeita aos seus elementos verdadeiramente organicos, as plantas e os animaes derivam do ar, e não são mais do que o ar condensado; e para fazer-se uma justa idéa da constituição da atmosphera nas épocas que precederam o apparecimento dos primeiros seres á superficie do globo, seria necessario restituir ao ar, pelo calculo, todo o acido carbonico, agua e azote, de cujos elementos as plantas e os animaes se apropriaram.» Tal é a conclusão do sr. Dumas.

Á vista das doutrinas que acabei de expôr; que tem o assentimento commum, por que são a traducção dos factos observados, é incontestavel que os animaes e os vegetaes teem poderosa influencia na constituição da atmosphera da terra, e, se admitissimos por um momento

que as acções contrarias, que uns e outros exercem sobre ella, se equilibram, poderiamos então acreditar que as condições actuaes se prolongariam indefinidamente, sem a intervenção de outras causas. Porém o que a historia da terra nos auctorisa a acreditar, é que os vegetaes e animaes, apesar do antagonismo do seu trabalho, fornecem constantemente á massa inerte do globo, ao reino animal e morto, uma porção de materia tirada á circulação atmospherica, e que, accumulando-se continua e fatalmente, ha de acabar por immobilisar os elementos que hoje constituem o ar, e que são os do organismo.

Assim, mais tarde ou mais cedo, a organisação e a vida teem de desapparecer da terra, e o globo será então um vasto cemiterio.

Afigura-se-me que os seres organisados e vivos estão incumbidos de terminar a condensação e fixação da materia cosmica e primitiva que começou talvez a agregar-se pelo resfriamento.

A natureza parece que se está servindo dos seres vivos para tornar impossivel a vida actual.

O estudo dos geologos e paleontologos sobre os restos fosseis do organismo das antigas eras do globo, conduz logicamente a admittir que a constituição da atmosphera, d'esses tempos tão remotos, era bem differente da actual.

Nos immensos depositos do carvão mineral, que hoje alimentam a industria humana, e n'aquelles, talvez ainda muito mais consideraveis, que nós ignoramos ou que se acham cobertos com as aguas dos oceanos, está incontestavelmente solidificada uma boa parte da atmosphera d'essas épocas.

A prodigiosa accumulação d'essa materia azotada, que já os habitantes primitivos do Perú empregavam, antes do descobrimento da America pelos europeus, no adubo das terras, e que nós conhecemos hoje com o nome de guano e do qual se faz um commercio immenso, é tambem um notavel exemplo da fixação da materia pelo trabalho dos seres organisados. O guano é, como já ninguem o ignora, o escremento que as aves aquaticas tem depositado, durante milhares de seculos, sobre os rochedos escalvados dos ilhotes do Pacifico e de outros mares, e que se acha consolidado como se fôra uma rocha.

As formações calcareas, que constituem a mais larga porção da crusta do globo, são vastos cemiterios da organisação antiga, onde os despojos dos seres, outr'ora organisados, prendem necessariamente parte do ambiente em cujo seio viveram.

Os animaes que morrem, as plantas que deixam de viver, ainda que restituem ao ar a maior parte dos elementos que d'elle receberam para se constituir e alimentar, immobilisam sempre uma outra parte, subtrahindo-a á circulação, e esta immobilisação, crescendo de seculo em seculo, augmentando, ainda que lentamente, a materia fixa, ha de

acabar por modificar as condições de existencia dos seres organisados que mais tarde vierem, por que a composição da atmosphera deixará de ser a mesma que hoje é.

Deus não conta pelos calendarios dos homens, e, no quadrante da eternidade, por onde se regulam os grandes trabalhos da natureza, milhões de seculos occupam menos espaço que os segundos nos relogios dos homens.

J. PIMENTEL.

(Continúa.)

FADARIO DOMESTICO E POLITICO

DE

JOÃO GRAINHA

III

Os acontecimentos politicos de 36, chamaram João Grainha ás fileiras da guarda nacional, e em seguida a todos os conventiculos patrioticos da época. Especie de jacobino em espectativa, tinha a palavra sanguinaria de um magarefe, quando fallava com algum botafogo seu amigo; e a indolencia ascetica do cenobita, se por ventura se via forçado a manifestar o seu voto diante de alguem que elle suppunha de opiniões moderadas. O seu pseudonymo nas chafaricas era Scevola, mas todos o tinham por incapaz de soffrer uma simples arranhadura pela firmeza dos seus principios politicos, quanto mais crer-lhe a patriotica constancia do heroe a quem uzurpára o nome. As suas guinadas oratorias nas choças eram sempre ouvidas entre assovios, apesar do tom plangente das suas homilias, dos esgares estudados da sua physionomia, e de uma voz cavernosa como do antro de salteadores. Os seus associados chamavam-lhe por escarneo o Marat da Mouraria, gracejo que o fazia arrepiar de medo, lembrando-se do tragico fim d'aquelle energumeno, e dos juizos posthumos da historia. Não obstante o interesse de tal modo o aguilhoava, que os mais credulos chegaram por momentos a ter fé nas campanudas diatribes do zote, e nas arrogantes quichotadas da sua requentada eloquencia. Um dia foi bastante para derrocar o castello de cartas que João Grainha levantára

com a paciencia astuta da formiga, e a compostura comica de um andador das almas. Divorciado do bulicio das armas por indole, profissão e calculo, quiz o demo que o tambor da guarda nacional tocasse a rebate, exactamente quando o nosso orador acabava uma fogosa arenga, em que incommodára todos os tribunos da antiga Roma, jurando salvar a patria, ou morrer na empreza de a remir do jugo dos devoristas. Apenas porém a patria pareceu lembrar-se do seu prestimo, exigindo-lhe pela voz do tambor civico o cumprimento da sua palavra, João Grainha, timido como uma lebre, fugiu engasgado ainda por uma invocação aos manes dos Graccos, e foi esconder-se na mais segura trapeira que encontrou no caminho, não podendo, dizia o tartufo, ver correr o sangue dos seus concidadãos em proveito de meia duzia de ambiciosos. Este acto, o unico expontaneo em toda a vida do nosso heroe, deu logar á que um caricaturista zombeteiro d'aquelle tempo o retratasse sentado á lareira, levantando as malhas de umas piugas, emquanto que dois nedios maltezes lhe brincavam aos pés com os novellos, e a lenha estalia e crepitava no fogo. A caricatura tinha por baixo esta divisa: Metamorphose inesperada de Scevola-Grainha!

Coberto de ridiculo, o nosso heroe tentou ainda rehabilitar-se fazendo um discurso ouriçado de citações, que podia levar por titulo—a apologia do medo. Mas mau é dizer-se que o cão é damnado: o prestigio do bacharel esvaíra-se como fumo, deixando apenas no animo das pessoas que o conheciam uma d'estas vagas impressões, que se póde traduzir por despreso, ou quando menos por dó. Os negocios domesticos de João Grainha corriam, quasi pelo mesmo tempo, o peior possivel. A mulher conseguira detestal-o cordealmente, e, em rixas e altercações, passavam aquellas duas boas almas a maior parte do dia. Os ciumes que o bacharel trazia accumulados, destampavam agora, e não sem fundamento, em mutuas e severas recriminações, que D. Maria da Annunciada apimentava com um sorriso sardonico capaz de fazer desesperar um santo. Apesar de se ter mudado tres vezes de casa em menos de um anno, o nosso patriota encontrava sempre um visinho ocioso, ou complacente, que se encarregava de lhe namorar a mulher nas proprias barbas, alardeando da benevola correspondencia que, diziam os peralvilhos, encontravam na cara metade de João Grainha. O ultimo requestador, na época a que nos referimos, era um quebradiço caixeiro de um armazem de modas, um d'estes valdevinos sem eira nem geira, que os paes atiram para o mostrador de uma loja, como um cambista se desfaz por escrupulo de moeda que não tem o peso da lei. O tempo que lhe sobrava de medir bareges, punha-se o nosso Adonis estatelado na porta do armazem, n'este commercio franco de sorrisos e olhares, indicio quasi seguro de prospera navegação pelos mares bonançosos do amor.

Por cumulo de desgraça o serviço da guarda nacional tornava-se de dia para dia mais pesado, obrigando João Grainha a largas e repetidas ausencias, que o caixeiro aproveitava ás escancaras, seguro de ter o argos preso no serviço da patria. Um mexeriqueiro officioso, ou talvez algum pretendente infeliz de D. Maria da Annunciada, foi quem ateiou esta vez o incendio na marralheira consciencia do bacharel, pregando-lhe na porta um pasquim, denuncia caustica e desapiedada das suas infelicidades domesticas. João Grainha attribuiu primeiro este aviso a inimisades politicas, mas, procedendo a um minucioso inquerito, em breve alcançou o convencimento de que não eram gratuitas as phrases asperrimas do seu anonymo informador. O dia em que João Grainha obteve esta certeza foi tragico como uma tirada de Corneille, salvo as maneiras burguezas da nova D. Ximena, e o estylo campanudo do seu accusador. A cada baforada da honra do patriota, respondia placidamente D. Maria da Annunciada enumerando os seus haveres, e atirando-lhe á cara com todos os epigrammas que ella tivera a condescendencia de ouvir, já depois de casada, da propria bocca do boticario, a respeito de seu marido.

João Grainha que não ignorava a procedencia dos sarcasmos com que sua mulher o mimoseava, não sabia a quem pedir contas do seu mal, se ao espirituoso manipulador de tisanas, se ao pintalegrete seu actual visinho, origem momentanea da sua comica situação domestica. N'esta alternativa, resolveu-se a deixar ambos em paz, e a extravasar a bilis em pomposas diatribes contra a sua cara metade, que o ouvia com a complacencia descuidada, com que uma creança vê mover-se um titere de feira. João Grainha estava pagando as suas tropelias academicas n'este pleito caseiro, em que D. Maria da Annunciada era testemunha, juiz, e carrasco. Se mestre Nicolau resuscitasse, e visse o seu discipulo assim saccudido pela lingua viperina d'uma mulher, é possivel que se esquecesse da sua natural mansidão para dar ao seu ex-pupillo um conselho á altura da dignidade viril enxovalhada pelos beliscões de D. Maria da Annunciada. Mas mestre Nicolau dormia o seu ultimo somno na valla dos *Prazeres*, e o nosso heroe não era homem para os lances extremos! Depois de madura reflexão calhou João Grainha em invectivar as grandes cidades como focos de desmoralisação, e, escudado d'este logar commum, resolveu-se a partir para a provincia, onde esperava ser rei na terra dos cegos, recomeçando, longe das vistas dos seus correligionarios, novo e mais desassombrado tyrocinio politico.

Amadurecida esta idéa, com a pachorra com que ellas amadurecem nas cabeças-bogalhos, o nosso heroe pretextando uma vistoria ás suas herdades do Alemtejo, annunciou na vespera da partida a sua mulher que já tinha allugado uma liteira (não se esqueça o leitor que n'esse

tempo ainda não era moda fallar nas *commodidades materiaes do paiz)* e que era irrevogavel a sua resolução de abandonar Lisboa. D. Maria da Annunciada mediu-o com o olhar seguro com que o lobo intimidou o cordeiro do apologo, mas, ou curiosidade de mudar de terra, ou desejo de se descartar do caixeiro que punha cartazes das suas boas fortunas, respondeu-lhe seccamente que tanto se lhe dava viver aqui como acolá, e que só sentia vêr-se para sempre ligada ao homem mais marrafão de que ella tinha conhecimento.

João Grainha engoliu a injuria, como quem já estava avesado a ellas regosijando-se interiormente de ter obtido sem mais polemicas o resultado dos seus planos. O bacharel que como todos os parvos, não dava ponto sem nó, fingiu convencer-se que a mulher estava devéras deixado dos namoricos que a traziam de pasto pelas linguas do mundo e, afivelando a mascara de Jorge Dandin, desbastou quanto poude a natural rudesa para mostrar a D. Maria da Annunciada o quanto era grato ao seu desprendimento das tentações da côrte. Ella, que o conhecia como os seus dedos, acceitou o papel que lhe distribuiam na farça, compoz o rosto como Dalila antes da tosquiadella mestra que pregou em Samsão, e deixou-se ir á tona dos acontecimentos sem confiar no piloto, mas antevendo as futuras prosperidades do marido, prognosticadas por uma mulher de virtude que ella consultára sobre o fadario politico de João Grainha.

O dia da partida chegou finalmente. Uma falua atracada na Ribeira Nova, esperava, como a nau de Alexandre, levar a seu bordo os destinos da patria até Aldêa-Gallega, aonde os desencontrados solevancos da liteira haviam começar a moer os ossos dos dois conjuges, e a inspirar ao futuro deputado as primeiras idéas da viação accelerada. Uma maçã suggeriu a Newton a theoria da gravitação, não é muito que um braço desmanchado pelo balancear d'uma liteira inspirasse ao nosso bacharel a idéa da mala-posta, a da reforma do chorrião, e, a mais luminosa de todas estas, a da abolição radical da caleça. Em quanto pela cabeça do bacharel se cruzavam todos estes planos gigantescos de melhoramentos materiaes, D. Maria da Annunciada chegava a Arroiollos moida como uma salada, dando ais pungentes a cada cortesia dos machos, e maldizendo a hora em que vira e conhecêra João Grainha. O caixeiro que era uma especie de observatorio de tudo o que se passava em casa do bacharel, deu logo no outro dia de madrugada pela falta dos dois viajantes, e foi sem pasmo que leu nos jornaes o seguinte annuncio; «João Grainha, bacharel formado em direito pela «Universidade de Coimbra, tendo de ausentar-se temporariamente da «capital, offerece o seu pouco prestimo aos amigos que n'ella deixa, «confessando-se eternamente grato ás muitas provas de benevolencia «que recebeu de todas as classes da sociedade.»

Um jornal ordeiro, que tinha a ingenuidade de crer João Grainha um demagogo, escreveu no seu noticiario o seguinte:

QUE VÁ PARA ONDE NÃO FAÇA PERCA

«Sahiu hontem d'esta capital o jacobino João Grainha, dizem-nos «pessoas bem informadas que com a idéa de revolucionar o Alemtejo «em sentido republicano. O terrorista conta com valiosos auxilios pe«cuniarios de capitalistas d'aqui. Deus salve a nação dos manejos dos «anarchistas!»

Quando este jornal chegou ás mãos de João Grainha estava-lhe o barbeiro da terra deitando duzia e meia de sanguesugas por ordem do medico!

(*Continua*)

L. A. PALMEIRIM.

A NAU S. BENTO

1553-54

Quem hoje ler no *Theatro tragico-maritimo* que a nau *S. Bento*, de Sua Alteza, era a maior e melhor que havia na carreira da India, em meiado do seculo XVI, custar-lhe-ha a convencer-se de que esse grande navio do tempo de nossos gloriosos avós não passava de um imperfeito arremêdo de qualquer pequena galeota hollandeza da actualidade. Pois é exacto. Superior, sem duvida, ás barcas portuguezas de *cincoenta toneis*, em que Bartholomeu Dias e Lopo Infante foram passar o Cabo das Tormentas, e ainda ás embarcações de Colombo que descobriram as Antilhas, cujo porte era inferior a *cem toneladas*, a nau *S. Bento* poderia hoje servir de lancha, não dizemos já ao *Leviathan*, mas ao *Himalaya*, ou ainda a outros menos colossaes vapores da Gran-Bretanha ou dos Estados-Unidos.

Não lhe valeu porém a sua fama de então, como agora não valem as proporções gigantescas dos celebrados monstros maritimos, para escapar á furia das ondas, e ainda mais aos traiçoeiros recifes de mal assombrada costa.

Em 1553 foi destinada a nau *S. Bento* para capitania da armada que na monção d'esse anno devia passar á India com tropa e mercadorias, e tomou o seu commando, como capitão-mór da frota, um fidalgo muito estimado na côrte, e diz-se que perito nas coisas de mar, que havia nome Fernão Alvares Cabral, talvez descendente do feliz descobridor do Brasil.

Compunha-se a esquadra de cinco naus, que estavam de verga de alto no Téjo já em fins do mez de fevereiro; porém uma d'ellas, a *S. Antonio*, capitaneada por D. Manoel de Menezes, foi presa das chammas, estando á carga em frente de Belem. As outras quatro sairam a barra em domingo de Ramos, 24 de março do mesmo anno, e sob tão maus auspicios para gente supersticiosa, como era a do mar n'aquelles tempos, foram seguindo juntas a derrota do oriente, até que successivos temporaes as separaram violentamente, seguindo cada uma o seu rumo em busca da salvação.

A differentes pontos arribaram a *Santa Maria da Barca* que capitaneava Ruy Pereira da Camara, a *Conceição* confiada ao mando de Belchior de Sousa, e a *Santa Maria do Loreto*, commandada por D. Payo de Noronha; só a capitania *S. Bento*, graças á coragem de Fernão Alvares, e á experiencia do seu piloto Diogo Garcia o castelhano, dobrou o cabo da Boa Esperança, mas sendo já tarde para embocar o canal de Moçambique, lançou-se por fóra da ilha de Madagascar, e com inaudito trabalho e constante perigo foi surgir na barra de Goa, depois de muitos mezes de enfadonha viagem.

Entre os passageiros d'esta nau, moços cavalleiros que íam procurar fortuna aos palmares da India, distinguiu o capitão um mancebo de vinte e oito annos de edade, já privado do olho direito nas guerras de Africa, que andava sempre entregue a profunda melancholia, e com apparencias de uma honesta pobreza; movido de sympathia pelo obscuro soldado, offereceu-se o bondoso Fernão Alvares a repartir com elle o seu não mui avultado peculio, para que podesse voltar ao reino na mesma nau, fruindo os consideraveis ganhos de uma carregação de pimenta comprada em Cochim, e escapando d'est'arte ás intrigas da India que não poupavam dissabores a todo o caracter nobre.

As lagrimas correram pelas faces do joven guerreiro encontrando em um estranho o protector que debalde procurára entre os conhecidos e os que se diziam amigos seus, porém recusou a offerta, sem altivez, antes com mostras de sincera gratidão, e accrescentou:

«Ao sair do Téjo, e lançando pela ultima vez o olhar sobre a terra em que nasci, exclamei como Scipião Africano: *Ingrata patria, non possidebis ossa mea!*... Pobre, perseguido pelos grandes, mal-visto na côrte... que iria eu buscar de novo a Lisboa?... Os meus sonhos de amor esvaeceram-se ante a alvorada de um tenebroso dia... ambições não as tenho... só me resta o desejo da vingança... vingar-me-hei da ingratidão da patria.

«Da patria!? atalhou Fernão Alvares, com assombro.

«Da patria, repetiu com sorriso melancholico o moço guerreiro; mas descançae, que ha de ser nobremente; com a generosidade de um bom filho, posto que engeitado por desnaturada mãe.»

Este dialogo tinha logar a bordo da nau no momento de irem para terra os passageiros. Vendo Fernão Alvares que não podia vencer a repugnancia do mancebo em voltar ao reino, sacou da algibeira um livrinho de lembranças que sempre o acompanhava, e apresentou-o ao pobre soldado para que inscrevesse ali o seu nome. O capitão suppunhà ter no precioso manuscripto as assignaturas dos maiores homens da época, mas enganava-se; agora é que ía possuir um authographo do mais illustre portuguez d'aquelle e de todos os tempos!... O soldado escrevêra modestamente no fim da ultima pagina: *Luiz de Camões, escudeiro.*

Não voltando ao reino na nau *S. Bento*, o futuro cantor das glorias portuguezas, escapava ao naufragio, e talvez á morte, que nos privaria do immortal poema dos *Lusiadas;* outro naufragio, porém, o esperava na costa de Camboja, mas então já estava escripto esse immorredoiro livro, e a coragem do seu auctor poude salval-o das aguas.

Deixando em Goa o desditoso e afamado cantor, acompanhemos a Cochim o não menos infeliz Cabral na desafortunada nau *S. Bento*, que por se avantajar em grandeza, fortaleza e bondade a todas as mais que n'aquella monção partiam para o reino, era a mais procurada pelos carregadores, e por isso recebeu mais carga do que rasoavelmente devia admittir, o que foi principio da sua desaventura, como diz uma testemunha ocular que nos deixou a narração d'esta viagem, naufragio, e trabalhos subsequentes.

Em uma quinta feira, primeiro dia de fevereiro do anno 1554, desaferraram da barra de Cochim cinco naus portuguezas, que compunham a armada destinada ao reino n'aquella monção, sob o commando superior do capitão mór Fernão Alvares Cabral. Uma só d'estas embarcações chegou a salvamento a Lisboa: foi a nau *S. Thomé*, de que era capitão e dono Jorge de Sousa. Outra, a *Serveira*, arribou á India. A *S. Thiago* e a *Barrileira* perderam-se não se sabe como, nem aonde; e a *S. Bento*, depois de infinitos trabalhos, de alijar a mor parte do seu riquissimo carregamento, varou em terra na boca do rio do Infante, ao norte do Cabo da Boa Esperança, fazendo-se em pedaços, e sumindo comsigo na voragem das ondas grande parte da sua tripulação e passageiros.

Fernão Alvares, depois de larga peregrinação pelos inhospitos sertões da Africa, foi morrer afogado no rio de Santa Luzia, não longe do logar que presenciára dois annos antes a tragedia de Sepulveda, e que d'ahi a mais alguns seria testemunha do lastimoso fim de D. Paula de Lima.

Perto do Cabo Tormentorio, immortalisado pelos versos de Camões, acabou aquella afamada nau *S. Bento*, que levára o grande poeta á India. É de crer que, sobre o chapitéo d'esse navio, enxergando o fa-

moso promontorio, Luiz de Camões traçasse o sublime episodio do Adamastor, a maior das bellezas poeticas d'entre tantas que os *Lusiadas* encerram. Admira como deixou de commemorar nos seus versos tão notavel coincidencia, que tambem não achámos mencionada em nenhum dos seus commentadores e biographos! Ahi fica pois esta lembrança para ser aproveitada por algum futuro cantor do grande épico, já que escapou ás investigações do illustre Garrett.

F. M. Bordalo.

O SINEIRO INVISIVEL[1]

Lenda

V

Que vibração sonora nos espaços
Oscilando passou, entre os rugidos
Da féra tempestade?
É suspiro da noite, lamentando
O ropouso perdido? São gemidos
D'algum genio do mal, que os membros lassos
Deixou cair sem força,
Não podendo vencer o vento irado?
É do nauta o lamento angustiado
Com as vagas luctando em hora extrema?
Ou suspiro talvez de harpa fantastica
Entre as folhas occulta
De bosque bravo e denso?
Ou é d'alma penada, só, inulta
O queixar longo, o suspirar amargo?
Ou n'essa região, alta, suprema,
O sussurro será profundo, immenso
D'astros que eternos giram pelo largo
Espaço illimitado?
Que vibração sonora por extenso

[1] Continuado do n.° 7.

Monte vôou, e foi arrebatada
Pelo bulcão ardente?
—Outra vez passa, triste melancolico
Mysterioso o som. A voz sonora,
A bronzea voz, é mais distincta agora.
É som de sinos; grave, e tristemente,
A terra o ar se encheu na fatal hora
De subito pavôr, convulso medo.

Henrique estava só; fronte abatida,
Amortecidos olhos, face pallida
Melancolico gesto. A luz incerta
Nas paredes, no chão da casa esquallida
Mil phantasmas formava; dando vida
Á cabana deserta.
Na mente do soldado, desvairada,
Vagos sonhos pairavam:
Ora surge, de flores coroada,
A bella Margarida, sobre rosas
Correndo qual ligeira e branca fada:
Ora sangrentos, barbaros guerreiros
Sobre a pallida virgem se lançavam;
Com mãos impuras, torpes, venenosas,
D'alvas flores a c'rôa lhe arrancavam:
Ora em roda lhe brincam os ligeiros
Annos da infancia, a confundir coréas
Em turbilhão risonho;
Ora, sinistros, os remorsos passam
E esses tenros infantes logo enlaçam
Nos duros braços com furôr medonho.
Solta na mente, a louca phantasia
Corre veloz o reino extravagante
Dos sonhos multiformes
E, batendo a fulgente aza possante,
Váe larvas levantando, entes uniformes.

Que vibração sonora nos espaços
Oscilando passou, entre os rugidos
Da féra tempestade?
Henrique attento escuta. Uma saudade
O som do bronze n'alma lhe accordára.
Um instante suffoca os seus gemidos
Para melhor pensar em seus prazeres.
Aquelle som trouxera a imagem cara
Da mão perdida ao filho triste.—Foge
O som incerto e vago.
Ficam sós os rugidos da tormenta,

— Como em noite de lua alva e serena,
Diafanos vapores sobre um lago
Se formam, socegado; e a brisa lenta
Lhes váe contornos dando; assim n'um raio
Da roixa luz da lampada, pequena
Neblina appareceu, e pouco a pouco
Crescendo, em vulto branco
De gentil fórma se tornou. Desmato
Irresistivel os sentidos tolhe
De Henrique: treme, esfria, quasi louco
Cáe em terra o soldado.
— «É ella!» brada emfim. O rosto esconde
E não ousa mover-se de assustado.
«É ella, é Margarida!»
Não é da terra a voz que lhe responde:
É com som de sinos mui distantes
De sinos de cristal — «Tua alma afflicta
«Eu venho consolar, n'estes instantes
«Em que livre inda sou. Attento escuta.»
E proseguí d'esta arte. — «Ingrata, certo,
Eu comtigo, não fui. Em féra lucta
Ora acabei a vida,
«Para salvar ao menos a candura
«D'esta alma sempre tua. Este degredo
«Da terra eu vou deixar, que desprendida
«Estou já da pesada e sempre dura
«Cadeia que os viventes prende ao mundo.
«N'este instante em que já, sem ser da terra
«Meu ser se não perdeu no eterno arcano,
«Curto instante em que ás almas concedido
«É de aos vivos mostrar-se a faculdade,
«Eu quiz vir revelar-te que da guerra
«Fui victima innocente. Assim perdida
«Para amor, para ti, para a saudade,
Tão doce a quem espera!
«Rudes soldados pela aldêa entraram
«Em noite de finados, noite aziaga:
«Entre chammas, gemidos, me arrancaram
«D'essa placida casa onde estivera
Tantos annos ditosa.
«Como a flor arrancada pela vaga,
«No meio da voraz, féra tormenta,
»E na rocha quebrada, e de viçosa
«Que estava d'antes posta sobre a plaga,
«Se torna em morta planta, assim eu, triste!
«Por turbilhão de guerra temerosa
«Fui arrastada: agora só existe

«Da que era viva ha pouco, bella, e pura,
«Cadaver insepulto.»
Callou-se a voz. Henrique assim murmura,
Entre soluços: — «Nessa noite infunda
«Puz sacrilega mão sobre os altares,
«E sangue derramei no sacro templo.
«Foi castigo, meu Deus, d'essa execranda,
«Abominavel culpa. Se a piedade,
«Se o divino perdão baixar clemente
«Sobre crimes tão negros, as cruezas
«Da louca humanidade
«Serão taes, que das feras as brutezas
«Poderão por virtudes ser tomadas.
«Condemnado serei eternamente.»
A voz então ao longe, em som plangente
— «Adeus!» clama «por toda a eternidade»
«Adeus!» Os olhos ergue Henrique em pranto!
Mas não vê já o vaporoso vulto.
Era quebrado o encanto.
Da morte o grão segredo fica occulto.

Sons de sinos, mais tristes que gemidos,
Ao longe, Henrique, ao longe ouvia vibrar,
Era um hymno de lugubre saudade.
A vibração sonora, enchendo o ar,
Oscilando passou entre os rugidos
Da féra tempestade.

VI

Foi aquella noite a ultima
Do valente heróe soldado:
E de seu nome illustrado
O mundo já se esqueceu.
Este entre os outros fortissimo,
Mais que os outros glorioso,
Teve o fim mais desditoso;
Abandonado morreu.

Crueis remorsos o espirito
Lhe rasgaram sem piedade;
Peso de horrivel saudade
Lhe esmagou a alma sem dó.
Eis o soldado sacrilego
Já sepultado na terra,
Eis o vencedor na guerra
Reduzido a frio pó.

Não se levantam pyramedes
Sobre a humilde sepultura;
Nem o pranto da ternura
Sobre ella se derramou;
Nem se ergueram sacros canticos...
Porém no sino agoureiro
Esse invisivel sineiro
Por alta noite tocou.

1859 **J. D'ANDRADE CORVO.**

CHRONICA

Era ainda á Ristori que pertenciam as paginas da chronica que vamos encetar. Tributámos-lhe a homenagem da cortezia, saudámol-a depois com um brado de admiração, restava-nos agora confirmar-lhe os triumphos analysando as tragedias do seu repertorio. Tinhamos feito esta ultima promessa aos nossos leitores, deviamos cumpril-a. Mas é-nos impossivel. A razão julgamos escusado dizer-lh'a. Adevinharam-n'a de certo já. Denunciou-lh'a a primeira folha que lêrem do jornal. Ali o apreciador está á altura da apreciada, e n'aquelle juizo ha duas glorias; uma para a insigne tragica, outra para nós. A d'ella está na inspiração que deu ao poeta; a nossa está no poeta. Vejam o retrato que fez de Ristori, e digam se não é uma obra prima? Não achou porventura ali a estatua animada da musa da tragedia moderna pintor que lhe reproduzisse a imagem com igual correcção nas linhas e com tão grandiosas proporções? O vigor esplendido d'aquellas tintas não valerá o gracioso relevo do marmore? Se é modêlo a estatua, não será tambem modêlo a pintura? Não revestem ambas a fórma classica? Não anima ambas a centelha do genio?

Que maior e mais glorioso trophéo podia deixar a Ristori em Portugal para a recordar no futuro? As melhores perolas da nossa lingua e os mais bellos diamantes que lhe podem esmaltar o estylo, não ficam ali engastados em oiro portuguez de lei?

Finalmente a ultima palavra sobre a Ristori, disse-a Castilho.

Agradecer-lhe o valioso trabalho com que honrou e illustrou o nosso jornal, é só o que nos resta fazer.

Dir-lhe-hemos pois: obrigado poeta por nós e pelas letras patrias. Taes paginas são a gloria de uma litteratura.

Antes porém de sairmos do theatro italiano é dever nosso mencionar um artista distincto que fazia parte da companhia. Referimo-nos ao sr. Majeroni. É um interprete consciencioso e esmerado, reunindo ao talento a cultivação. Vê-se que estuda os caracteres que desempenha e que trata de reproduzil-os exactos. No trajar é modêlo e na caracterisação verdadeiro. São excellentes copias os seus personagens. Assim nol-o provou *Holofernes, Macbeth,* o *Conde d'Essex* e *Camões.* O modelo para este ultimo foi o quadro do sr. Metrass. Logo que o vimos o reconhecemos.

Remataremos este assumpto citando mais uma homenagem prestada á Ristori. Foi a traducção em verso dos *Ultimos momentos de Camões*, que lhe dedicou Mendes Leal. Duas noites de trabalho e de vigilias, custou ao traductor a obra.

Fortalecia-lhe a inspiração a idéa de pagar um tributo á rainha da arte; alteava-lhe a imagem e encendia-lhe o estro o êmpenho de satisfazer uma promessa do talento ao talento. Ristori ia recitar, como recitou, a poesia de Mendes Leal *Ave Cesar*, e aquella interpretação maravilhosa que de certo tão plenamente correspondeu á concepção do poeta, reclamava da parte d'este uma demonstração de igual valia. Deu-lh'a n'um improviso, provando-lhe que a lingua de Camões não cede á do Dante. D'esta vez venceu-a.

A proposito da companhia de declamação italiana acodem-nos naturalmente algumas considerações sobre a primeira scena portugueza. Ninguem faz mais justiça do que nós, á boa vontade e ao zêlo do ex.^{mo} commissario regio na administração dos theatros; ninguem reconhece melhor os serviços prestados por s. ex.^{a}, serviços que hão de ser confessados mais tarde quando a auctoridade desapparecer e só as obras ficarem; ninguem aprecia tão devidamente as difficuldades com que tem luctado e os esforços que tem empregado para as vencer; mas assim como dizemos tudo isto, e estamos promptos a proval-o, tambem não duvidamos, no dia em que errou, apontar-lhe o erro. Temos a certeza de que não houve intenção da sua parte, levaram-n'o a commettel-o, illudindo-o, e a sua boa fé e lisura fizeram-n'o cumplice. Mas as consequencias existem e são prejudiciaes á arte.

A historia do nosso theatro é singela e curta. No nosso paiz nunca se crearam actores, fizeram-se elles. A sua escóla foi a pratica, o seu estimulo a vocação. Por isso a nossa scena nacional está longe do que devêra ser. Ali só tem trilhado até hoje o talento e a inspiração do artista, nada mais. Todos os outros predicados que o completam faltam-lhe.

É esta, e só esta, e educação artistica das actrizes Emilia, Soller e Delfina e dos actores Epifanio, Rosa, Tasso e Theodorico. Tudo mais deveram ao seu talento confirmado em difficeis e brilhantes interpretações. Os seus diplomas foram lavrados pelo publico. E é d'estes artistas que o theatro tem sempre vivido e vivia ainda ultimamente. E podem contar que por emquanto não os substituem. Não os ha iguaes, nem vêmos escóla nem mestre para os formar.

A ausencia da actriz Emilia foi já uma grande perda para a scena nacional tornando impossivel o desempenho de valiosas composições, e agora a da actriz Soller fechou ao drama as portas do theatro. Era a isto que não podiamos evitar a censura. Se o rotulo de normal sempre foi deslocado n'aquelle edificio como ficará n'esta occasião em que o auctor dramatico, que tiver algum amor á sua obra, não póde ir fazel-a representar!

Sentimos deveras que o ex.^{mo} commissario regio se deixasse collocar n'esta má situação, que a ninguem aproveita, nem aos proprios que a promoveram, julgando exaltar a mediocridade affastando o verdadeiro merecimento.

O theatro portuguez está sem primeira actriz dramatica. Podem invental-a; mas os auctores e o publico é que não reconhecem.

Ali os elementos contrarios são tantos que fariam desanimar e esmorecer

os mais resolutos, como sabemos que está esmorecido e desanimado o mesmo commissario.

E tem razão. Não ha responsabilidade possivel onde todos se empenham em compromettel-a. Não se póde caminhar direito encontrando-se a cada passo um tropeço, e um tropeço collocado de proposito para esse fim.

Façamos ponto senão o assumpto é vasto e o espaço pequeno para o que temos ainda a noticiar.

Entremos já em S. Carlos repetindo os bravos á Lotti e ao Fraschini com que fechámos a chronica anterior. O enthusiasmo dura ainda, e ha de durar por que são artistas para o prolongarem toda a época. É o voto geral da platéa que os recebe maravilhada e os applaude freneticamente a cada trecho.

O exito do *Rigoletto*, não desmereceu do *Trovador*. Os applausos que conquistaram n'este, colheram-os n'aquelle. A superioridade que manifestaram no segundo, confirmaram-a no primeiro.

Lotti é a cantora predilecta do publico. As manifestações de agrado augmentam sempre, e n'estas ultimas noites tem sido brindada com lindos ramos de flores. Reune a uma physionomia sympathica uma elegante figura, um porte modesto a uma presença senhoril. Quanto á voz é um prodigio: suave, harmoniosa, sonora e vibrante. Vai direita ao coração, impressiona, enleva e arrebata. Sabe tambem orvalhal-a de lagrimas como animal-a de enthusiasmo. Interprete fiel e conscienciosa na musica de Verdi executa-a como o maestro a escrevêra, sem lhe introduzir falsos arabescos e ornamentações que só alteram e muitas vezes prejudicam as partituras. Similhantes expedientes são bons para quando já não ha voz para executar as operas como o auctor as imaginára.

Fraschini é um excellente cantor, profundamente iniciado em todos os segredos da sua arte. É possivel igualal-o em mestria, mas não excedel-o.

M.^{me} Tedesco fez-nos ouvir pela primeira vez a parte da Zingara no *Trovador*, e depois reappareceu-nos na *Lucrecia Borgia*. Em consequencia do procedimento que a distincta cantora tinha tido com a administração negando-se a cantar sem causa justificada, e com o publico que se julga acima dos caprichos das *primas-donas*, foi recebida logo que appareceu em scena com uma pateada. Em seguida a cantora foi cantinuamente applaudida como merecia.

Em toda esta questão o ex.^{mo} commissario regio procedeu legalmente. Os medicos do theatro attestavam que m.^{me} Tedesco estava boa. Era a elles que devia acreditar. No que se praticou depois, seguiu a opinião do advogado do mesmo theatro. Tambem me parece que fez o que devia. Que motivos de queixa ha pois contra elle? Nenhum a não ser a prudencia que teve e a imparcialidade que desejou provar.

E as maiores iras quem as levantou? Um pobre adverbio que tinha a inconveniencia de ser o mais verdadeiro!

Mais uma gravura de S. M. El-rei o Sr. D. Fernando illustra hoje o nosso jornal. Pertence á collecção a que alludimos no artigo. O talento do artista é tão fertil como é prodigo o coração do rei. Não falla bem alto a collaboração com que nos honra e o patriotismo que esta nos dá?

ERNESTO BIESTER.



Luiz Augusto Rebello da Silva.

Mendes est.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

Quem passasse em alguma das noites do inverno de 1838 pela rua da Atalaya, não poderia deixar de fazer reparo no primeiro andar de um predio de acanhada e singela frontaria, que ainda hoje lá existe, porque atravez das vidraças das janellas do primeiro andar d'esse predio veria uma illuminação desusada, e poder-se-hia dizer até esplendida, a attender á parcimonia de luz que habitualmente bruxeleia nas pequenas casas d'aquella rua do interior do Bairro-Alto. Vozes acaloradas, como de homens que apostrophavam, ou que ensaiassem as diversas entoações declamatorias de um empolado sermão, soavam de dentro, sendo não poucas vezes interrompidas ou abafadas pela clamorosa algazarra de muitos individuos, que todos disputavam, ao que parecia de fóra.

A estranheza da scena, e uma luz que soluçava mortiça n'uma enferrujada lanterna de folha, na escada, e que como que convidava a subir, dizendo-nos que a funcção era publica e a entrada franca, tudo isto picava a curiosidade ao caminhante, e o incitava por fim a subir. Chegado a cima, via uma pequena sala disposta á maneira de parlamento. A presidencia occupava o tôpo da casa: renques de bancos, collocados como na platéa de um theatrinho particular, enchiam o resto da sala, deixando apenas uma estreitissima nesga de espaço para a *galeria publica* (nem isso faltava!), que eram duas fileiras de assentos de pinho, os quaes ficavam logo á entrada da porta principal, para maior commodidade do visitante estranho que concorresse a presenciar estas polemicas oraes em miniatura, comparadas com o que então já se passava nas nossas assembléas politicas.

Uma multidão de individuos occupava os logares todos. No meio, de pé, via-se o orador, bracejando com energico e intimativo accionado; e se nem sempre prendia o auditorio pelos primores oratorios de uma eloquencia já auctorisada pelos seus triumphos, nunca mais arrojados themas, nem arremettidos com mais temeraria e reformadora philosophia o curioso depararia em logar nenhum de discussão.

Esta casa era o berço da Sociedade Phylomatica, sociedade que depois tanto floresceu, abrangendo no seu gremio toda a nossa mocidade letrada de então. As questões que lá se ventilavam eram nada menos do que a *influencia da civilisação na historia*; *a reacção romantica e os effeitos da litteratura no occidente da Europa*, etc.; e os mancebos oradores que primavam n'estas controversias, exercitando já as forças de uma palavra que depois se tornou o ornamento e esplendor da tribuna parlamentar, ou de algumas cadeiras scientificas, eram muitos, como Thomaz de Carvalho, Vieira de Carvalho, Andrade Corvo, e entre estes Luiz Augusto Rebello da Silva.

Rebello da Silva tinha a este tempo 17 annos: os seus estudos reduziam-se ainda aos simples preparatorios que um moço d'esta idade costuma ter apenas adquirido, embora o amor ás letras o chame já para o terreno difficil das altas questões philologicas. No entanto, não foi difficil de perceber n'elle desde logo o homem de intelligencia profunda, o espirito vasto, que na ascensão virtual do proprio talento, encontraria as concepções mais elevadas, e os fulgores de uma eloquencia imaginosa e abundante, com que podesse dar uma fórma pomposa ás flores da sua phantasia.

E que época de fogo para as imaginações não foi esta em que os primeiros arreboes de uma aurora litteraria começavam de manifestar-se e fulgir! O movimento poetico, que rebentou com a restauração em França, trazendo á sua frente Chataubriand, mad. de Stael, Lamartine e Victor Hugo, foi só por este tempo que evidenciou os seu effeitos em Portugal. A guerra civil, terminada em 1834, havia-lhe suffocado muitos dos seus mais nativos e fogosos intuitos: mas tambem fôra o triumpho dos principios liberaes que trouxera a manifestação das novas doutrinas litterarias. Almeida-Garrett, o poeta soldado, o exilado no seio da *princeza altiva das armadas*, no *coito da foragida liberdade*, como elle chama á nobre Albion no *Camões*, inspirára-se de todo este movimento que então trazia em fermentação as imaginações em França e Inglaterra. Este movimento, excitado pelo ancioso desejo de elevar o ideal da natureza humana, abatido e aviltado pelo despotismo das glorias militares de Napoleão; este conjuncto de

doutrinas diversas, mixto de aspirações religiosas, de recordações do passado, das singelas e nativas tradições que haviam desferido o vôo das poeticas e melancolicas ribas do Rheno, como um sopro espiritualista das raças do Norte que invadisse e viesse purificar a atmosphera morna e viciada dos povos do Meio-dia e Occidente da Europa; todos estes principios, todas estas impressões, todas estas exigencias moraes e intellectuaes crearam uma escóla de innovadores ardentes, como Manzoni, Ugo Foscolo e Silvio Pellico em Italia, Walter Scott e Byron em Inglaterra, Victor Hugo, George Sand e Alfredo de Musset em França, e o duque de Ribas em Hespanha. O auctor da *Dona Branca*, que já sentia em si a alma e o fogo d'esta familia ideal, correu a alistar-se em torno do estandarte de tão grande revolução litteraria. O impulso dado foi communicativo; e a *Harpa do Crente* éccoou dentro em pouco, vibrando em sons propheticos as ferverosas e tristes endeixas que só sabe inspirar a tristeza suave do genio da poesia peninsular. A *Isabel* e o *Espectro*, poemas de José Maria da Costa e Silva, assim como *A Noite do Castello* e os *Ciumes de Bardo*, são tambem inspirações da mesma musa. Acceitando a doutrina de que as artes devem de ser a expressão das intimas e verdadeiras impressões da alma, e sentindo inflammar-se-lhes a imaginação com a leitura das melhores obras de Goethe e Schiller, com os poemas de Byron e com os romances de Walter Scott, todos estes homens distinctos instinctivamente se colligaram n'esta cruzada, esforçando-se por imprimir á litteratura patria um cunho de nacionalidade que havia perdido desde os fins do seculo XVI. «O genio da poesia nacional (dissemos já n'outra parte), como presentindo o largo periodo de olvido a que seria votado, havia soltado os seus ultimos lamentos de despedida nos sentidos cantos do *Affonso o africano*, de Quebedo, e na maviosa e dolorida narrativa do *Naufragio de Sepulveda*, de Corte Real. Depois d'isto nada mais se ouvira de verdadeiramente portuguez, nem no sentimento, nem na linguagem. As diversas manifestações da arte, da arte filha genuina do sentimento peninsular, mixto da influencia christã e das tradições cavalleirosas da idade-média e das lendas arabes, jaziam opprimidas e despresadas pela tyrannia das doutrinas da litteratura mythologica, doutrinas sem rasão de ser para nós, nações educadas nos principios de uma religião espiritualista, nem comprehensiveis, nem accolhidas no animo do povo. Que sabia o povo de Jupiter com o seu Olympo, e de Venus, a lasciva e formosa esposa de Vulcano? A vista esplendida do firmamento, nas horas da magestade silenciosa da noite, dava mais azas á imaginação

poetica, do que toda a comitiva impudica das divindades pagãs de Hesiodo e Homero.»

Mas esta quadra do dominio classico passou. O *Genio do Christianismo*, *René*, *Faust*, o *Child-Harold*, *as Orientaes* e as *Harmonias*, inspirações sopradas de diversos pontos e illuminando almas que despediam vôos para horisontes bem oppostos, mas que todas reagiam, com a audacia de um pensamento que devassa novos segredos á arte e os divulga, contra o dogmatismo das regras antigas, foram as producções que fundaram a nova escóla, que lhe servira de modêlo, que accenderam o estro aos novos escriptores, e que não poucas vezes tambem os desvairaram por essas veredas ingremes e apertadas de precipicios, que têem, de um lado, a imitação servil que absorve toda a individualidade, e do outro o pruvido da originalidade, que leva á exaggeração e ao ridiculo.

É impossivel negar que a reacção romantica rasgou novos horisontes e encheu de luz e de vida perspectivas, que os preceitos da litteratura antiga, levados á obstinação de systema absoluto para todas as fórmas do pensamento, conservavam envolvidas n'um véo denso, que só mãos audazes se abalançaram a descerrar. Lamartine elevou a poesia ás regiões do espiritualismo e do amor, mas do amor que se purifica na propria intensidade das chammas que o accendem; em quanto que Victor Hugo a penetrou dos esplendores e da sonoridade do mundo exterior. Mas tambem é innegavel que esta reacção trouxe comsigo os seus effeitos, como sequito natural que acompanha sempre tal natureza de acontecimentos. A exaggeração, que se manifestou nos espiritos, reflectiu-se no mesmo instante em todas as obras. A impressão estranha das theorias innovadoras; o deslumbramento que se seguia, como um phenomeno natural, á apparição dos novos astros que surgiam nos horisontes da arte; o receio de ainda se mostrar subjeição aos dictames da velha escóla, tudo isto levou as idéas a uma tal anarchia, que se tornou manifesta, como um effeito necessario d'esta causa, a hesitação nos primeiros passos dados nas sendas que o arrojo reformador acabava de abrir e franquear aos talentos que ambicionavam uma estrêa nos differentes dominios da litteratura.

E d'estas origens deriva a agitação febril, nasceu a ambição desmedida, as lastimaveis e singularissimas pretenções de originalidade, que se patentearam em muitas producções inconsistentes e exaggeradas.

Comtudo, foi esta uma época de enthusiasmo e quasi que de delirio; mas do nobre e solemne delirio que solta azas de fogo em desmesurados arrebatamentos, e que só é delirio porque a

imaginação vôa para alturas de regiões até ahi desconhecidas; delirio a que Voltaire chamou *diable au corps*, e os antigos *sacra furia*. Havia vida, havia impulsos de resolução generosa, havia ardentes e fervidos incentivos a que obedeciam espontaneos os espiritos, inflammados pela atmosphera de fogo das novas inspirações. Publicava-se um livro e a critica (a critica d'esse tempo que era benevola e enthusiasta tambem, que era a primeira a occolher e a proclamar todas as tentativas e a preparar logar para todos os talentos); publicava-se um livro, repetimos, e a critica apressava-se a annuncial-a, a encarecel-a, a rodeal-a de prestigio e bom nome, de leitores e de radiosos e fecundos destinos. Era uma litteratura *amiga*, sim, mas cujos pensamentos, cujos nobres e ardentes instinctos, cujas ambições justificaveis e que convergiam todas para um mesmo e glorioso fim, que era a inauguração de uma nova e esplendida éra litteraria, se animavam e inspiravam do unico sentimento que póde inspirar as grandes revoluções do espirito humano. Esse sentimento era o amor das nossas coisas; amor excitado pelo movimento intellectual que acabava de gyrar uma parte da Europa, mas que entre nós se converteu n'um desejo constante e geral de fazer resuscitar as nossas tradições patrioticas e os melhores modêlos da litteratura nacional. Basta citar aqui uma parte do prefacio dos editores do *Auto de Gil Vicente*, applaudissimo drama que appareceu então como a primeira e mais valiosa pedra do nosso theatro moderno, para se julgar do enthusiasmo com que se recebiam acontecimentos d'esta ordem. «A apparição d'este drama (dizem os editores) fez uma época na historia de Portugal. D'então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver theatro portuguez. Toda Lisboa foi á Rua dos Condes applaudir *Gil Vicente*; todos os jovens escriptores quizeram imitar o *Gil Vicente*. Toda a imprensa periodica celebrou este acontecimento nacional com enthusiasmo Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as acclamações geraes.»

Agora ouçamos o proprio auctor, e seja elle que nos diga quaes os sentimentos que o animavam n'esta quadra de tanta vida e esperanças para as nossas letras—«O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro — seu fundador Gil Vicente—seu primeiro protector el-rei D. Manuel—aquella grande época, aquella grande gloria—de tudo isto se fez o drama.» Eis como se exprimiu o visconde d'Almeida-Garrett. Era um nobre e fecundo pensamento que desabroxava ao sol de uma esplendida éra litteraria. Em roda tudo refulgiam esperanças, luz e vida.

Esta época não vae longe; apenas teem decorrido vinte e tantos

annos; e comtudo, comparados os seus nobres e ardentes impulsos de enthusiasmo, o movimento, o calor, o fogo que impellia e estimulava então os espiritos, com a frieza, com a apathia e quasi com o desapego de tudo e de todos que hoje resfria as almas e lhes encolhe as azas para todos os vôos de largo e audacioso alcance, como distantes se nos affiguram todos esses acontecimentos! Parece tudo isso uma illusão dos sentidos, ou um jogo de optica que nos surja diante dos olhos. Os mancebos d'esse tempo são apenas hoje homens feitos, e todavia são elles os proprios que se recordam com o sorrir nos labios, mas com o amargo sorrir que sente um espinho de saudade pungir o coração, d'esses dias de exaltação e embriaguez, em que o triumpho de um drama, em que a estrêa de um livrinho de versos era o mais applaudido e almejado acontecimento que aquelles animos ainda juvenís poderiam desejar.

Mas esta reacção teve os seus excessos, e os seus devanéos, como todas as reacções. O desejo de resuscitar a idade-media com todos os seus castellos e castellãs, arnezes e morriões, adarves e pontes-levadiças; com as suas cathedraes gothicas e ogivas de vidros de côres; criptos povoados de espectros e tradições legendarias que no culto popular tinham a sua crença poetica e litteraria, todas estas inspirações tristes e sinistras enluctaram as imaginações. A estas predilecções, que não foram outra coisa senão a resurreição d'este genero de litteratura, veiu ajuntar-se o gosto exaggerado da historia patria, mas aberta nos proprios capitulos, em que as sevicias e flagicios dos senhores feudaes davam assumpto ás imaginações romanescas para crear perseguições, captiveiros e phantasmas em todos os palacios senhoriaes, e em todas as torres que, a dependurarem-se das fragas das serranias, derrocadas e meio escondidas em pontos e matagaes, ainda mais tenebrosas se tornavam, escondidas pela superstição de povo nos mysterios romanescos e tenebrosos da escuridão dos seculos. A historia de Inglaterra romanciada por Walter Scott, a *Notre Dame de Pariz* e os romances historicos de Alexandre Dumas inspiraram ao illustre auctor do *Eurico* a *Abobada* e o *Mestre Gil*, estudos em que as tradições legendarias reassumiram as feições que só a profunda investigação archeologica sabe recompor e animar. O genio litterario dos nossos mancebos escriptores despertou e accendeu-se em emulação a este chamamento feito pela auctoridade de um nome, constelado pelos prestigios do talento e do saber, e ainda mais pelos fulgores dos triumphos que tão patrioticas e inspiradas paginas acabavam de conquistar. E o sr. Alexandre Herculano, como o visconde d'Almeida-Garrett, não foram unicamente um exemplo e um modêlo para a mocidade estudiosa que então al-

vorecia para as letras; um e outro foram os mestres, os chefes de uma escóla, pela solicitude com que ora accudiam á vocação que se via entregue apenas aos seus esforços vacillantes, ora proclamavam com a sua palavra auctorisada os talentos já provados em auspiciosas tentativas. Rebello da Silva foi um dos discipulos mais distinctos d'esta escóla. No *Cosmorama litterario*, jornal da Sociedade Escolastico-Phylomatica, já elle tinha ensaiado alguns generos, sobresaindo o romance historico a *Tomada de Ceuta*. Mas a sua verdadeira estrêa, n'esta especialidade, deve de considerar-se o *Ráusso por Homisio*, publicado na *Revista Universal* de 1842 e 1843. Basta attentar no titulo d'esta obra, para perceber logo que se trata de um estudo historico levado aos estremos das investigações da archeologia. Effectivamente, o gosto exagerado das lendas e costumes da idade-media, época que o movimento romantico, com todas as predilecções da sua indole, havia contraposto ao predominio das influencias classicas, obrigára a imaginação dos romancistas e dramaturgos a voar pelas regiões enubladas do passado, fazendo consistir o principal merito das suas producções na reproducção exacta d'esses costumes semi-gothicos, costumes a que o brial recamado da cavallaria, esforçando-se pelo envolver no fulgor das instituições da gentileza militar, não conseguia esconder-lhes todavia a ferocidade dos instinctos trazidos das leis sanguinarias das tradições guerreiras da velha Germania. Tudo isto apparece e tudo isto transpira do *Ráusso por Homisio*. Os codices do seculo XIV e do seculo XV, o amor das ruinas recommendadas pela superstição popular, e isto tudo esclarecido por Ducange, por Viterbo e Montfancon, tornára-se as fontes de inspiração e de ensino n'estas obras em que o poeta abatia as azas da phantasia diante dos escruplos do antiquario.

Vieram depois tempos de critica mais atilada e de mais fino e acrysolado gosto, e esta nuvem, que entenebrecia os espiritos, dissipou-se, deixando ver amplos e radiosos horisontes. O estudo da historia não esqueceu; mas não foi inculcada só uma unica época como thema absoluto para todas as fórmas da arte; o talento percorreu muitas outras e saltou até para fóra dos proprios limites da historia, consultando com mais acêrto suas tendencias e aptidões. O *Odio velho não cansa*, novella historica tambem de Rebello da Silva, figura ainda como trabalho que pertence á ordem de idéas de que fallámos; mas a *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, e sobretudo a *Mocidade de D. João V*. apresentam-nos já um novo aspecto tanto pelos instinctos que se manifestam, como pelas influencias a que cedem.

A *Ultima corrida de touros em Salvaterra* é apenas um episodio do

reinado de D. José I, que serve como de quadro á deploravel morte do conde dos Arcos, desventurado mancebo que no auge dos extremos da gentileza fidalga d'aquellas éras, achou termo a seus dias n'um combate de touros. Mas com que mão de mestre se não amplia e illumina este pequeno episodio, fazendo-o tomar as proporções rapidas, mas profundas, do esbôço de uma época historica! Como a descripção do brilhante concurso de espectadores na praça de Salvaterra nos apresenta, em vulto, animada de physionomia e de vida, a côrte d'aquelles tempos e os seus entretimentos, em que a polidez dos costumes trazidos pelos usos galantes e senhorís dos reinados de Luiz XIV e Luiz XV, ainda não amenisavam de todo a ferocidade dos instinctos peninsulares, que pediam á gentileza cavalleirosa dos torneios da idade-média a auctoridade de seu valor para se conservarem ainda como um dos distinctivos do arrojo e pericia da nossa nobreza! Com que garbo o extremado cavalleiro não percorre a praça, obrigando o fogoso ginete a executar todas as manobras em que a arte equestre o educára! Como depois o combate se trava, o interesse recresce, e a catastrophe se prepara! Por fim como lhe põem o remate as tintas vagas e sinistras com que Rebello da Silva pinta o terror dos espectadores, quasi que agourado pelo traje de lucto que vestia o joven conde dos Arcos, o *cavalleiro terno e galanteador*, na phrase expressiva de romancista, que tão romanesco nos torna este fidalgo com os tons magicos do seu pincel opulento de colorido!

Depois, como nos apparece essa figura veneranda e grandiosa do velho Marquez de Marialva, que esquecido dos annos, e com o sentimento da vingança tingindo-lhe o rosto das sombras da morte, pede ao rei licença para vingar seu filho!

Como tudo estremece, no anciar concentrado de uma dôr muda, á vista do aspecto sinistro do ancião! Não se ouve um som articulado. Parece que um peso enorme confrange o peito a todos os espectadores, gellando-lhes a palavra nos labios!

O assombro é a espressão de todas as physionomias!

O velho marquez caminha para o cadaver do conde, que jaz estirado na praça; ergue sobre elle a espada, como que jurando não a tornar a embainhar sem o ter vingado.

Em seguida espera impavido e ameaçador o touro no centro da arena; faz-lhe a sorte com a galhardia audaz dos annos juvenís: o animal corre, investe, e depois estaca e vacilla: a terrivel espada como o raio vingador, crava-se-lhe no centro das espaduas ao som dos clamores que irrompem de todos os angulos do amphitheatro.

Este triste incidente termina, vendo-se o marquez de Pombal que assoma na tribuna do rei. O secretario de D. José I viera de Lisboa communicar ao monarcha a declaração de guerra que acabava de nos fazer a Hespanha em nome do seu soberano. De costas viradas para os espectadores, e com as sombras da indignação carregando-lhe o rosto, a figura elevada e magestosa de Sebastião José de Carvalho apparecia ali como a censura ácre d'aquelles lastimaveis acontecimentos. Era a imagem da civilisação que surgia no centro de tão sanguinario e atroz espectaculo, para o condemnar e banir.

E como a pena de Rebello da Silva descreve toda esta successão de transes alternadamente festivos e angustiosos! Parece que a praça real de Salvaterra se desenrola diante de nossos olhos com todo o bulicio faustoso d'aquella festa nacional! Erguem-se vivos os personagens d'esse episodio que finalisou por um dos mais infaustos dramas da época. É um primor de estylo descriptivo. As reflexões do historiador e do critico ampliam consideravelmente a moldura do quadro: é apenas um acontecimento, mas no centro de uma grande época; e essa grande época resume-a o escriptor, pelo seu miraculoso talento synthetico, nos traços geraes que tão naturalmente nos dão a physionomia completa e exacta de um reinado.

A *Ultima corrida de touros em Salvaterra* foi trazida e publicada pela *Patrie:* e mereceu-o, porque a lingua portugueza, nem mesmo outro qualquer idioma, possue muitas d'estas paginas, onde se casam tão espontaneamente tres das maiores qualidades do verdadeiro escriptor: a faculdade descriptiva, que, como o pincel de Rembrandt, enche de vida, de relêvo e de luz as menores combinações de um vasto plano: o instincto da observação, que não deixa escapar ao caracter um traço que o indique, ao coração um gemido que o denuncie, ao espirito um desabafo que o patenteie: e a alta concepção da idéa que alevanta todos os factos da historia, todas as particularidades da vida exterior, todos os variados phenomenos do nosso ser moral á esphera dos grandes pensamentos, e que vendo tudo de uma grande altura póde voar pelos espaços illimitados onde é dado deparar com as affinidades, que são as verdadeiras harmonias do mundo moral e philosophico.

Estas tres condições entram poderosamente na composição do talento de Rebello da Silva, e a individualidade do seu estylo é o resultado symetrico e maravilhosamente equilibrado d'este complexo de dotes. Da elevação da idéa nasce espontanea a magnificencia da imagem; e esta inspira-se da verdade do espirito ana-

lytico, que observa, molda e dá vulto aos objectos, abrilhantando-os ao mesmo tempo da riquesa de tintas, cujos segredos se encontram unicamente na palheta dos grandes coloristas.

A *Mocidade de D. João V* é já uma obra de vastas proporções, porque abrange as mais occultas e poderosas relações politicas de um reinado, reinado ainda grande pelo seu poder, e pelo seu esplendor; porque D. Pedro II, com cuja morte fecha o romance, apesar de já declinar rapido para o estado de decadencia moral a que a interferencia absoluta do clero nos negocios publicos o levára a elle e aos interesses do reino, deixa comtudo ainda após si os elementos para se poder reconstruir uma época que, pelos rasgos da munificencia real e fausto de uma côrte rica, senhoril e galante, dá a lembrar os contemporaneos esplendores da côrte de Luiz XIV, a quem D. João V tomou mais de uma vez por modêlo e por émulo. O convento de Mafra, a capella de S. João em S. Roque, e o aqueducto das Aguas-Livres, são obra de um só reinado e todas ellas do Augusto portuguez.

Mas a *Mocidade de D. João V*, como estudo historico, como pretexto para desdobrar grandes e variadas galas de erudição, como galeria de typos, como observação e critica de caracteres, como amplo thema emfim para as largas considerações do historiador, do politico e do moralista, é um livro que encerra paginas em que brilham todos estes dotes; mas como romance, como fabula em que a imaginação improvisa um lance da vida, ou o aproveita, se o depara feito, e o enriquece, o multiplica, o desenvolve, o accrescenta, o rodeia de episodios, sem lhe quebrar o fio do interesse, antes augmentando-lh'o com os accidentes que occorrem sempre a agrupar-se em torno de todas as scenas da existencia, assim considerada a obra de Rebello da Silva faltam-lhe as condições essenciaes do romance. O plano não é largamente concebido, e a sua urdidura é frouxa, e intermeada de accidentes, como o capitulo do desafio do poeta, que, senão são estranhos de todo ao pensamento do livro, como pintura de época, lhe retardam a acção e addiem o desenlace, sem excitarem mais interesse ao leitor, como escripto de imaginação. Vê-se que a *Mocidade* fôra escripta aos *quadros*, para uma publicação periodica, e que não foi a natureza da publicação semanal que dividiu o romance, depois já de feito, mas o romance que acompanhou a publicação, nascendo dividido como ella. D'este escrever interrompido, e subjeito a capitulos, que o auctor desejava de certo emoldurar nos termos de interesse que devem acompanhar fragmentos que se lêem com tantos dias de intervallo, e que por isso mesmo obrigam a fazer de cada capitulo uma especie de painel sobre

si, nasceu porventura a quebra ou frouxidão da contextura geral que devêra ligar todo o remance.

Ha talvez outra falta na *Mocidade de D. João V*, que não terá escapado ao critico perspicaz, que é a falta de sentimento. O capitulo das *Tres Graças*, com rasão gabado como analyse do coração feminino, como conjuncto delicado e gracioso de tres retractos, cujo mimo de toque e realce de feições tanto o approximaria de um d'esses brincos de Poussin, se elle podesse dar falla e vida ás suas creações; como colloquio intimo de confidencias femininas é mais uma dissertação em que domina a metaphysica do sentimento, do que o sentir e pulsar do coração de tres donzellas. Thereza, Catharina e Cecilia discreteam ácerca das diversas theses do amor, como o fariam as discipulas de M[elle] Scudéri, quando os impulsos do peito juvenil eram debatidos e regulados, n'um formulario invariavel, pelas Climenas e Phylamintas dos bons tempos do salão Rambouillet.

O que a *Mocidade de D. João V* é, sobretudo, é um magnifico quadro historico, alegrado, a intervallos de episodios facetos em que os dotes satyricos do escriptor despedem todas as setas do genio sarcastico de Rabelais, mas onde a concepção grandiosa de alguns caracteres ergue o pensamento ás considerações elevadas da historia e da politica. Os lances dramaticos que ligam as principaes figuras são apenas o pretexto para as trazer aos differentes planos do quadro e agrupal-as. D'entre estas figuras surge, como a primeira, o padre Ventura, magestoso vulto que realisa o ideal da Companhia de Jesus, como a instituiu Ignacio de Loyola. Não é o jesuita vulgar, o jesuita historico, arguido e vituperado; não é o Rodin de Eugenio Sue, que pratica *até o bem*, para chegar aos interesses positivos e ignobeis da ordem; é a figura grandiosa de Miguel Angelo Tamburini, geral da Companhia de Jesus, que explica no conselho secreto o vasto plano que abrangia todas as influencias da época; plano que, animado e dirigido pela congregação dos homens que só a intelligencia, a dedicação, a supremacia social e um sigillo enquebrantavel reuniam n'um vasto e occulto poder, alcançaria chegar a dominar os thronos e os povos, sem offensa para nenhum e verdadeira exaltação do pensamento que operasse obra tão universal. Era esta o sonho do *Quinto Imperio*, não o das trovas sabasticas, mas o das ambiciosas concepções d'aquelles Hercules, que trabalhavam sempre, de noite, de dia, no confissionario, na intimidade da familia, na catechese longiqua e arriscada dos certões da America, na missão arriscada entre barbaros ou entre indifferentes, para chegar a tão suspirado fim.

O colloquio que este homem eminente tem por ultimo com

D. João v, já então rei, completa de todo a idéa grandiosa que se poderia e deveria ter d'aquella ordem, se ella obedecesse ao estatuto que lhe deixou o seu fundador; se não fossem homens ambiciosos que a pervertessem; e se principalmente a houvessem entendido e praticado como a entende e explica Rebello da Silva no seu livro. Quando não fosse outro o merito da obra, bastaria esta creação, e, por detraz d'ella, a idéa magestosa de reconstrucção social que se infere do que nos diz o padre Ventura dos intuitos e esforços da Companhia, para se apreciar, não o padre Ventura, nem a Companhia, mas o escriptor eminente, que pela força de uma alta intelligencia conseguiu dar auctoridade, prestigio e sympathia a coisas e a homens que tão decahidos andam no conceito universal. É este um grande merito de Rebello da Silva.

Mas não são estas as unicas creações notaveis da *Mocidade*, porque junto do geral dos jesuitas fez o auctor apparecer, e no mesmo plano, o secretario das Mercês de D. Pedro ii, Diogo de Mendonça Côrte-Real, homem notavel que se distinguiu na historia politica do tempo, e não só na habilidade e consummada experiencia com que dirigia os negocios do Estado nas suas relações interiores, senão em tudo que respeitava ás difficuldades diplomaticas da época, chegando a ser celebrado pela sua sagacidade entre os diplomatas de Luiz xiv e Luiz xv. N'este personagem subsiste um grande estudo historico de certo, e de subida valia; mas talvez quem bem o inquerir e analysar achará no celebrado ministro de D. Pedro ii e de D. João v, não raros nem inequivocos traços de uma phisionomia notavel, que a historia contemporanea já registou de certo, e que a todos nós lembra ainda com saudade. Entre um e outro havia por ventura similhança completa, e foi talvez d'esse accordo que saiu tão vivo e perfeito aquelle personagem, porque só da inferencia das memorias e opusculos do tempo não se reconstruem e levantam vultos tão acabados. A musa da comedia não inventa; colhe os ridiculos, e n'elles exprime os defeitos da sociedade, flagellando-os. Como o fogo da estatua de Pygmalião, anima só o que já tem fórmas conhecidas. Diogo de Mendonça não é outra coisa senão um personagem da grande comedia politica d'aquelles tempos; e para saír perfeito, ou tinha de ser conhecido ou copiado, porque as illações são impotentes para tamanhos resultados.

Em roda d'estas figuras, que resumem o pensamento philosophico do romance, e atam as principaes molas da sua acção, vêem-se as figuras burlescas do commendador Telles, erudito de sala, que sabe da existencia das pyramides do Egypto, porque ha estampas que as reproduzem; o antiquario Abbade Silva, cujo conhe-

cimento dos segredos da archeologia não vae muito além da decifração dos caracteres de quaesquer codices ou lapidas, que um menos máo latinista leia correctamente; o beato Thomé das Chagas, e a senhora Perpetua das Dores, comitiva de typos comicos que o espirito de Scarron anima e o lapis de Chan exaggera com os seus rasgos malignos e grutescos, d'entre os quaes sae, como uma excepção, que a custo se escapa d'estas influencias da comedia, a figura agradavel e galharda de Jeronymo Guerreiro, amante e militar, transparecendo-lhe na phisionomia turbulenta o fogo e a resolução de qualquer d'estas alternativas porque tem passado a sua existencia.

Emfim, Rebello da Silva, não é um romancista de imaginação nem de sentimento; mas, espirito fino e satyrico, occupa de certo o primeiro logar entre nós como escriptor da escóla de Sterne, Chamisso e Swift. Observador perspicaz, a ponto muitas vezes de tocar a minucia; habil em colher em flagrante os ridiculos da sociedade; imaginoso e facil na narrativa, genero em que ostenta todos os thesouros de uma erudição sempre viva e opportuna, assim como as gallas do idioma, que elle conhece e adopta a todos os generos como poucos; propendendo com instinctiva facilidade para o faceto, mas sabendo-se precaver a tempo contra essas tentações do genio malevolo da satyra, quando a gravidade do assumpto o põe acima dos chascos da inspiração comica, reunidos emfim e dotado com todas estas qualidades, Rebello da Silva deve ser tido principalmente como um pensador e um critico. Vê-se no acinte com que flagella certos personagens, que é inexoravel contra os nescios, e tem rasão, porque é a peior praga que Deus deitou ao mundo. É ordinariamente com a espada de dois gumes do motejo afiado na ironia, que entra n'estas pelejas. Rabellais, Cervantes e Molière são os monarchas d'este genero, e Rebello da Silva, que tanto os tem estudado, que tanto os trata e decora, não póde deixar de os seguir, mui principalmente quando as tendencias do seu espirito caminham provocadas pelos sorrisos malevolos do demonio da analyse, e os objectos para que lhe aponta o dedo do Satanaz do grutesco são algumas d'estas creaturas que enchem o mundo dos seus ridiculos e da sua insufficiencia,

Mas, caso notavel: Rebello da Silva encerra em si duas entidades completamente oppostas, quando se analysa n'elle o jornalista e o orador politico: o jornalista, encontra-se muitas vezes com o verrinario; e o deputado jámais sae dos limites naturaes da questão dos principios, para disparar as invectivas pessoaes que ultimamente tanto se cruzam nos parlamentos modernos. É este de certo um dos phenomenos do seu espirito. Isto não quer

dizer que Rebello da Silva tenha sido um escriptor politico que só maneje as armas da aggressão; e que o devam unicamente considerar como uma penna aparada para o pamphleto, ou fecunda em diatribes; mas tendo militado desde 1840 na opposição, d'onde raras vezes saíu, o seu estylo inspirou-se de certo da violencia que as desintelligencias partidarias tem levado ás diversas parcerias politicas.

No entanto, é preciso dizel-o, e com louvor para Rebello da Silva, sobre tudo n'estes tempos em que a consciencia do homem publico é thermometro que se eleva ou abaixa debaixo unicamente do influxo do ambiente governativo: foi sempre no campo moderado, e como defensor dos bons principios constitucionaes, que o temos visto militar. Escrevendo de comêço n'alguns jornaes, tomou por fim a redacção da *Carta*, como primeiro redactor, em companhia de Mendes Leal e Silva Tullio; e em 1852 escreveu quasi só o jornal a *Imprensa*. Em qualquer d'estas folhas se mostrou o publicista notavel, que largos e profiados estudos em administração e economia politica haviam preparado, e que o conhecimento da historia fecundára. Todos se recordam ainda dos bellos artigos que a impressão de momento fazia accudir á sua penna; porque Rebello da Silva, sobretudo na vida jornalistica, poucas vezes escrevia que não fosse com essa rapidez admiravel que só conhecem aquelles que tratam de perto com as exigencias quotidianas do jornalismo politico. Esta fecundidade é um dos distinctivos do seu talento, tão facil e espontaneo em moldar-se na fórma que o assumpto lhe determina. Porém, esta facilidade n'elle não é sómente um resultado de vivacidade de imaginação e dos dotes repentistas que todos lhe reconhecem; porque Rebello da Silva não é dos escriptores que tomam a penna, e se entregam com ousadia temeraria aos acasos da inspiração. Esses escriptores, que, como a aguia, contam mais com as azas do que com a cabeça, se muitas vezes arrancam vôos como a rainha dos ares, que fendem o espaço e vão buscar apenas pouso no cimo de erguidas penedias, outras tambem se sentem sem tino nem norte envolvidos na escuridão do primeiro nevoeiro que paira na atmosphera. Rebello da Silva não improvisa, escreve com incrivel, com admiravel velocidade; e escreve assim, porque n'elle a idéa já está elaborada e condensada na sua fórma mais concisa e facil. O manifestal-a é apenas um processo, que effectua sem esforço.

D'estas suas polemicas jornalisticas ficou na memoria de todos mais de um escripto notavel. As questões de direito publico e de fazenda acharam sempre n'elle um escriptor, que á lucidez da ex-

posição juntava o conhecimento exacto e cabal das materias de que tratava. N'outro genero tornaram-se celebradas as analyses das camaras, publicadas diariamente no periodico a *Imprensa*, apreciações feitas ao correr da penna, e em que esta se trocava muitas vezes pelo stylete de Juvenal, indo ferir de morte os Hortensios certanejos que então, como em todos os tempos, infestavam a tribuna parlamentar.

Rebello da Silva, ainda mesmo entregue ás tarefas da politica, que em espiritos menos fecundos esterilisam sempre o ideal e atam os vôos a tudo que não seja rastejar no terreno das questões positivas, conservou sempre o seu logar mais ou menos activo na imprensa litteraria. Foi n'um d'estes intervallos mais desoccupados, que elle deu a lume os *Fastos da Igreja*, obra que promettia mais larga duração, e que, com pesar para os amadores das letras sacras, ficou só no primeiro seculo do christianismo. Os trabalhos da critica devem-lhe porém bastante; e pena é que a *Memoria sobre Elmano*, magistral dissertação que precede a ultima edição das obras de Bocage, assim como a erudita collecção de artigos ácerca dos *Poetas da Arcadia*, não fossem seguidos de outros escriptos do mesmo genero, com que muito ganharia a historia da nossa litteratura e a philologia em geral. Poucos, como Rebello, aquilatam melhor o valor de qualquer obra, e lhe notam as bellezas e os defeitos. Sem excluir a analyse, antes partindo d'ella, e da mais profunda, para chegar aos resultados da apreciação geral, o seu talento, naturalmente propenso ás consubstanciações syntheticas, como todos os talentos altamente espiritualistas, e por isso generalisadores, levanta os themas litterarios a uma grande altura, e é d'essas regiões que os desenvolve e aprecia, genero de critica em que ha de Villemain e Guizot, mas em que ha ainda mais d'aquelle que d'este, porque esta sorte de critica, mais ideal que de uma rigorosa deducção scientifica, foge de toda a fórma de ensino e solta vôos, a que a sensibilidade e os arrebatamentos da phantasia impellem o pensamento, quando o ferem algumas das fórmas do bello.

Como orador, Rebello da Silva é uma das palavras mais correctas e inspiradas da nossa tribuna. Antes de chegar ao parlamento, o seu tyrocinio oratorio havia já sido longo e auspiciado. Vimol-o, mancebo de 17 annos, começar n'esses ensaios de discussão na Sociedade Escolastico-Phylomatica para ir progressivamente conquistando creditos e triumphos, até chegar á arena politica, onde os largos horisontes dos debates parlamentares lhes offereceram o ambito, o ar, e o fogo a todos os arrojos do seu verbo audaz.

Foi em 1846 a primeira legislatura de que fez parte. A sua estreia era desejada por todos que lhe conheciam os recursos do talento oratorio O assumpto porém, em que primeiro medio as forças, foi n'um assumpto arido e pouco sympathico, porque foi no grande debate que se levantou ácerca das eleições do Algarve: mas a amenidade que conseguiu dar-lhe, salgando-o até de chistosas allusões, prenderam logo a camara toda á palavra fluente, illuminada de imagens, agudá e penetrante de conceito. A imprensa festejou a sua apparição, e os certames politicos contaram com um athleta de mais, que promettia ser tão destro nas evoluções estrategicas da controversia, como nas investidas temerarias da opposição aggressiva. Já versado nos negocios publicos pela sua assiduidade no jornalismo, todas as questões lhe pareceram familiares, discutindo com facilidade as economicas e mostrando raro cabedal de conhecimentos nas administrativas.

Mas como orador, Rebello da Silva, pela sua indole, pelas suas tendencias, pelos rasgos do seu espirito e pelos arrojos da phantasia, que lhe refulge na phrase e illumina a idéa, é ainda mais um orador academico, que um orador politico. Vê-se que aquelle bello talento, educado no estudo dos bons exemplares da antiguidade e contemporaneos, rico de todas as louçanias que vestem o pensamento das fórmas mais opulentas e attractivas, talento tão inclinado a ampliar em grandes theses todas as questões, e a vestil-as das flores de uma imaginação viçosa, risonha e perfumada; vê-se que talento assim o não creou Deus para voar entre os matagaes das argucias sillogistas da falsa-fé partidaria, e ainda menos para perder o viço e a flor na aridez dos problemas economicos e financeiros. Percorre esse terreno, e com segurança e arrojo, porque a aguia tão bem corta os pequenos espaços, como vôa pelas grandes alturas; mas a critica lamenta que forças tão possantes e esmeradas se percam n'outros commettimentos que não aquelles para que a Providencia as fortaleceu. Lamartine, em França, e Almeida-Garrett, em Portugal, são os dois representantes d'esta, diriamos escóla oratoria se tivesse discipulos e lhe fosse dado grangear seguidores; mas não é facil; e Rebello da Silva, imitando estes dois principes da tribuna, patenteia mais uma vocação especial do que segue os preceitos de tão grandes modêlos.

Um dos grandes triumphos oratorios de Rebello da Silva, o maior talvez pelo quadro de circumstancias que o rodeava, foi o seu discurso a respeito do Acto Addicional em 1852. Militava então na opposição, e no banco dos ministros sentavam-se homens da craveira de Rodrigo da Fonseca Magalhães, do duque de



Saldanha, de Antonio Luiz de Seabra, e do visconde d'Almeida-Garrett. Este gabinete, que resumia as celebridades que as letras patrias, os triumphos do fôro, os louros da victoria, e as magnificencias da oratoria parlamentar apresentavam de mais illustre na scena da politica, tudo isto estava em frente do deputado Rebello da Silva. Em roda grupava-se-lhe uma camara, que, sem acinte, nem desaire para nenhuma parcialidade, podemos com segurança classificar como o mais selecto e illustrado congresso nacional, que nunca o voto publico trouxe a S. Bento. Acabava de orar o auctor de *D. Branca*. A sombra que este grande vulto projectava sobre todos que se lhe approximavam, quando se erguia para fallar ou para escrever, era sempre immensa. Na tribuna, como nos dominios da poesia, os thesouros do seu saber e as pompas da imaginação, florejavam-lhe dos labios, deixando todos suspensos e attrahidos. Foi debaixo de uma d'estas impressões que Rebello da Silva se levantou para responder ao visconde d'Almeida Garrett. O joven deputado tinha-o ouvido, como o resto da camara, e isso bastava para lhe arrebatar todos os sentidos e fazer esquecer o papel de antagonista. E Rebello da Silva era um dos mais sinceros e enthusiasticos admiradores do visconde; mas o debate havia-o empenhado, e era mister sair-se com honra do empenho. E saíu.

Rebello da Silva levantou-se, e inclinando-se com respeito diante do chefe da nossa litteratura moderna, soltou algumas palavras de exordio, que foram o bastante para attrahir em roda de si a camara toda. Galerias e deputados, tudo se tornou de repente presa da tensão geral, que concentrou n'um só todos os sentimentos. Foi um certame que exaltou a tribuna portugueza, honrando ao mesmo tempo os dois contendores.

Ainda me lembro d'essa sessão, uma das mais notaveis do nosso parlamento. Os deputados todos, attrahidos, haviam descido dos seus logares, e cingiam o orador como de um circulo de admiração, permanecendo em torno d'elle. Os applausos não conheciam nem direita nem esquerda da camara: havia só o enthusiasmo que dominava as imaginações, e que coroava, nas palavras do talentoso deputado, o publicista e o orador.

E quem diria que decorridos tres annos apenas a mesma voz havia de soltar-se sobre a campa do grande poeta, para lamentar tão irremediavel perda! Foi talvez um dos momentos de mais viva angustia para o coração do amigo e do discipulo: mas a solemnidade do concurso, a agonia que fundo cavára os seios de alma, as sombras da eternidade que já envolviam o nobre finado, dando-lhe mais fulgor á auréola de que a posteridade cercára

o seu nome, todo este conjuncto de circumstancias tristes, mas que arrebatavam a phantasia para as regiões do mysterio e da contemplação, feriram a sensibilidade e a imaginação de Rebello da Silva, as duas mais poderosas e dominantes faculdades do seu talento de orador. Nunca a saudade do amigo arrancára mais sublime vôo á melancholica e solemne eloquencia dos tumulos! N'aquella dôr houve uma sublimidade sem esforço, porque gemeu no fundo da alma, antes que o talento a tomasse nas azas douradas da inspiração.

Rebello da Silva é actualmente membro do Conselho Superior de Instrucção Publica, logar onde póde fazer valiosos serviços á instrucção e ás letras. A Academia das Sciencias honra-se de o contar no seu gremio já ha annos, e os trabalhos que essa corporação lhe tem incumbido mostra o alto conceito em que tem as suas forças e os seus bons desejos. *O quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, começado pelo visconde de Santarem, é um d'estes trabalhos que o distincto academico vae proseguindo, precedendo os volumes de luminosos prefacios em que algumas das épocas da nossa historia, devassadas com segurança de uma analyse conscienciosa, nos patenteiam muitos dos segredos dos seus principaes acontecimentos.

Da Imprensa Nacional está tambem para sair a lume a *Historia da Restauração de* 1640, obra para que o laborioso escriptor já havia colhido materiaes em diversas épocas, e que agora conseguirá publicar, com applauso dos apreciadores dos livros de verdadeira utilidade.

Actualmente Rebello da Silva foi escolhido por Sua Magestade, o Senhor D. Pedro V, para tomar conta da cadeira de historia patria, no Curso superior de letras, que este principe, com o zêlo e amor litterario que todos n'elle admiram, creou ha pouco, e que em breves dias começará as suas prelecções. Os seus conhecimentos especiaes n'este grupo das sciencias moraes e politicas, já attestados em tantos documentos, dão-nos um seguro abono do quanto poderá valer o seu auxilio n'este curso. É n'estes trabalhos de exclusiva analyse critica, e em que os seus conhecimentos historicos tanto nos podem aproveitar, que o quizeramos ver sempre concentrado. A politica, como uma nuvem negra que por vezes tem passado por diante d'aquella brilhante imaginação, tem-no roubado ás letras em diversas

épocas, mas agora, empenhado em tão grandes compromissos, e vendo diante de si um futuro de gloria, mas de grave e impreterivel responsabilidade, é de suppor que as suas vistas se dirijam unicamente para este ponto, que póde ser, que ha de ser—affiançamos-lh'o—um dos seus mais esplendidos horisontes de reputação litteraria.

J. M. D'ANDRADE FERREIRA.

OUTRO CASAMENTO

Ora, eu te conto, meu caro Biester, a mirifica historia de outro casamento. Se, quando vieres ao Porto, quizeres indagar a veracidade do conto, eu te levarei ás fontes de auctoridade, n'este e quejandos escandalos, se é que devem chamar-se escandalos umas cambalhotas que a dignidade humana dá n'este circo de volatins.

Vinte annos ha que a cidade eterna tinha, pelo muito, oito elegantes.

O peralta, o casquilho, o petimetre, antes da nobilitação do bacalhoeiro, nunca poderam apégar n'este burgo. O raro fidalgo de stirpe seria namoradiço, femieiro, e até immoral, se quizerem; mas era-o lá com a parentela. A burguezia modesta ignorava os costumes da raça heraldica, porque primos e primas, com resguardo lá se desinfastiavam dos tedios da ociosidade no recesso de seus solares, de theor e geito que o escandalo não coava dos reposteiros.

Com o elegante improvisado não acontecia assim. A emancipação das costumeiras plebeas fizera-se com estrondo. O rapaz indinheirado achou-se de repente senhor do campo, onde, por espaço de seculos, as flores da virtude tinham viçado e amarellecido desapercebidas como boninas da serra que o montanhez despreza. Os avós do elegante haviam considerado a mulher como femea do homem simplesmente; o neto, porém, aquecido ao sol d'este seculo, intendeu que a mulher era um luxo da civilisação.

Civilisar-se o coração de subito, nascerem aspirações para o ideal

imprevisto da mulher, em homens que pareciam herdar a bruteza avoenga, é isso coisa de prodigio, que os mais illuminados explicam pela idéa do progresso universal. Contestam outros aquelle parecer, negando o progresso da materia inerte, cuja vitalidade em alguns individuos se manifesta sómente na sobre-posição de camadas de adiposas. Eu de mim, espectador indeciso d'estes e d'outros phenomenos, faço o que fazia o padre Antonio Vieira, em presença dos disparates do seu tempo: *admiro-me.*

O certo é que a methamorphose se operou, não só no espirito, se não que na materia. Fórmas lerdas e desasadas, corpos desairados, denunciantes d'uma genealogia plebea, apresentaram-se finos de cintura, mimosos de mão e pé, e em tudo de raça fina. O desbaste do joanête hereditario é coisa de milagre. Para os peraltas do Porto, ha vinte annos, o verniz das botas e o colete de barbas, e o cinto afivellado, deviam de ser mais excruciantes que o leito de ferro do famigerado salteador da Attica. Primeiro que as carnes fôfas á custa de apertamentos distillassem os succos atoicinhados, cruas deviam de ser as angustias da natureza entalada.

Asseveram-me que algum elegante de 1836 conseguira desmaiar o escarlate nativo do rosto por meio de jejuns e insomnias.

As damas liam n'esse tempo soffregamente os romances de Arlincourt, cujos portogonistas eram pallidos e arganazes. Era moda então ser pallido; porém a gorda natureza do Porto avermelhava a nediez facial de seus filhos como se exultasse em mangal-os. D'uma geração de Sanchos fez-se artificiosamente uma prole de Quichotes. Silenos a gerarem Cupidos, era por de mais! A disparidade do ventrudo e mazorral progenitor com o aprumo, magresa e entezamento do producto filial, era coisa de pasmar. Tal d'este havia ahi, que, no auge de sua injuriosa vaidade, chegou a julgar-se descendencia equivoca d'aquellas que meramente se legitimam no *pater is est quem nuptiæ demonstrant.*

Januario Ferraz era, em 1839, um dos oito abutres que pairavam sobre as avesinhas incautas d'este ninho de virtudes, chamado Porto. Em quanto o honrado e laborioso pae, de barrete e sapato d'ourelo, labutava e moirejava, nos armazens, a vida suja de mercador de azeite e sumagre, por grosso, Januario, com o subsidio monetario que a mãe lhe dava, e as sangrias extraordinarias á gaveta paterna, passeava de cavallo as ruas da cidade, e n'algumas, tres e quatro vezes, puchava do lencinho branco para assegurar ás desveladas victimas, por meio do simulado defluxo nazal, que as amava ainda.

Nomear uma por uma as candidas pombas que sairam depenadas

das garras d'este milhafre, seria desgraçar muita senhora honesta no conceito de seus maridos. Já agora é caridade deixal-as fechar os olhos sem que vejam os olhos do mundo abertos. Se invelhecerem com a sua virtude sempre moça e pura como as estrellas; se até hoje, no arcano de sua consciencia, poderem sempre rir e pasmar da credulidade publica; se, incorreadas e feias, até ao terror, lhes resta, como desafogo, a faculdade de encarecerem as virtudes do seu tempo, e invectivarem o despejo da geração nova, deixal-as lá. Seria barbaro prazer assoalhar culpas, em si pequenas, mas de funestos resultados para a moralisação das filhas, tambem impollutas da maledicencia publica. A respeito d'estas, bom é que d'aqui a vinte annos, o chronista dos leões nossos contemporaneos, guarde a circumspecção e decoro litterario que se lhe dá como exemplo n'este romancinho.

Januario Ferraz, ao fim de tres annos de vida airada e escandalosa, conseguíra derruir a robusta compleição do pae. A pouco e pouco os boatos da libertinagem do elegante, chegaram aos ouvidos do atterrado velho. Baldadas as reprehensões e ameaças de José João Ferraz, e os rogos de sua santa mulher, a sr.ª Maria Antonia, Januario fôra expulso de casa n'um momento de justificada colera. O azeiteiro pensára morrer, quando um credor de oitocentos mil réis se lhe apresentou, queixando-se da deshonrada palavra de seu filho.

Januario em poucos mezes, esgotou os expedientes de que tirava recursos para sustentar a vadiagem opulenta com que embellecava sorrisos das meninas casadoiras, e a complacencia d'alguns paes menos escrupulosos, sendo já n'essa época ave rara um pae escrupuloso n'esta terra, se o pretendente da filha abonava suas devassidões com uma presumptiva herança.

Achou-se Januario quasi pobre, e em risco de ser despedido da hospedaria em que vivia com cavallo e creados. Instancias e supplicas pessoaes tinham encontrado contumaz e inabalavel a indignação do pae. A boa Maria Antonia já se havia desfeito do ultimo coração de oiro, que trouxera no seu inchoval de noiva, e que já fôra de sua mãe, a sr.ª Antonia Maria do Reguengo, rica lavradeira de Santo Thyrso. Suspeita a seu marido, achava sempre fechadas as gavetas, e o dinheiro para as frugaes despezas da cosinha era-lhe dado e ratinhado todos os dias para que ella não podesse cercear alguns vintens em favor do filho perdulario.

Chegado a este extremo, Januario Ferraz, antes de vender o cavallo, despedir os creados, e retirar-se para o Brazil, onde tinha um tio materno, tentou eleger d'entre as suas namoradas uma que lhe merecesse por seu dote e formosura o sacrificio de casar-se.

Tarde alvitrára o imprudente peralta este meio salvador. Era já publica a expulsão da casa paterna, e dizia-se que o velho Ferraz,

rancoroso até á crueldade, tractava de passar em vida todos os seus haveres, a uma filha já casada com outro azeiteiro muito sordido e avaro. Portanto, o desacreditado moço foi rejeitado pelos paes da primeira esposa que elegêra. Restavam-lhe ainda sete em que escolher. Despediram-no seis. Já desesperado, bateu á porta da setima.

Era esta uma das que elle cathalogára na lista das suas apaixonadas sem consequencias sérias. A mãe d'esta menina, e de mais quatro solteiras todas, em virtude da sua diminuta legitima paterna, era uma viuva de sessenta e dois annos.

Foi Januario Ferraz pedir a D. Caetana Mendes sua filha Jacintha. Respondeu a mãe que sua filha estava ás ordens do pretendente, se ella quizesse cazar; mas logo disse que a legitima paterna de cada filha não excedia a dois mil cruzados. Espantou-se Januario da pequenez do dote. Redarguiu D. Caetana que se não espantasse, porque era ella viuva a senhora de quasi toda a casa, em virtude de condições estipuladas na sua escriptura dotal e testamento de seu defuncto marido, vindo ella por consequencia a poder alienar, se suas filhas lhe não fizessem a vontade, o melhor de cem mil cruzados.

Ficou terrificado Januario.

Oitocentos mil réis mal chegariam para elle pagar um oitavo de suas dividas. Podia contar com vinte mil cruzados no futuro, por morte da sogra; a sogra, porém, ostentava pujança de vida capaz de fazer morrer de desesperação um herdeiro. O que fôra pretendido de tantas mulheres saiu da sala da viuva com o espirito aniquilado, e as avenidas da esperança fechadas e escuras.

Tomou a definitiva resolução de vender o cavallo, e fugir para o Rio de Janeiro. N'estes arranjos andava o lastimavel moço, quando a desgraça lhe quiz accrescentar os seus obsequios.

Jacinta, sabedora de que elle a fôra pedir, mas ignorante da resposta que déra a mãe, conjecturou que Januario fôra despedido, e resolveu dar ao seu amador uma extraordinaria prova de amor e coragem, fugindo de casa, e procurando-o na hospedaria.

Eram 9 horas de uma noite de Janeiro, quando Januario foi sacudido de uma especie de lethargia em que o deixára o meditar no seu destino acerbo.

Abriu-se a porta do seu quarto, e assomou Jacintha. Ergueu-se elle com turvado aspecto, e antes de desatar a lingua da surpreza, Jacintha apertava-o nos braços com fervente enthusiasmo.

«Aqui estou — disse ella convulsiva de ternura e susto — aqui me tens, Januario; sou tua esposa contra a vontade de minha cruel mãe. Eu esperei sempre que tu cumprisses a tua palavra e te condoesses das minhas lagrimas. Fiz-te a injustiça de suppor que me abandonavas, depois de me teres levado ao esquecimento de tudo o que mais

vale n'uma senhora bem nascida e educada. Perdoa-me a injustiça que te fiz.»

Januario queria dizer alguma coisa; mas Jacintha não tomava folego, nem lhe desencadiava os braços do pescoço.

«A mãe queria a minha desgraça — continuou ella — depois que tu saiste, eu pedi á mana Eduarda que a sondasse para saber que resposta ella daria. A mana veiu dizer-me que a mãe te havia tratado de modo que tu saiste da sala sem dizer palavra. Estive quasi a ir ter com ella e contar-lhe a nossa vida, imaginando que a confissão da minha culpa a tornaria digna do nome de mãe. Não pude, porque tu não imaginas como ella se infurece! Receiei que me moesse o corpo com pancadas, e me fechasse a pão e agua n'um quarto, como já fez á mana Francisquinha, quando ella fugiu cuidando que ia casar com um malvado que a tornou a entregar passados dias...

— É o que te ha de acontecer tambem a ti, minha pobre Jacintha; mas irás immediatamente; serei mais nobre que o outro — atalhou Januario.

Jacinta desprendeu-se de um sacão impetuoso, e recuou.

— Que dizes tu! ? — exclamou ella, caindo extenuada sobre o canapé.

— Digo-te, infeliz, que não podes ser minha mulher.

«Porque?

— Porque não tenho com que possa sustentar-me a mim, e menos o terei com que sustentar decentemente minha mulher.

«Isso é impossivel, Januario!

— É tão possivel, Jacintha, que eu trato de apurar algumas moedas com que possa transportar-me para o Brazil.

«Mas tu disseste-me n'esta carta duas horas antes de me ir pedir, que...

Jacinta tirou da algibeira um masso de cartas, e de entre estas uma que abriu e leu em tom entre ironico e lagrimoso:

«Vais ser minha esposa, Jacintha amada. Vou finalmente desmentir o conceito injusto que de mim fazias, assacando-me a calumnia de que eu aspirava a mulher rica, e teria a infamia de te immolar ao dinheiro, a ti, minha unica paixão, que cegamente te entregastes ao meu cavalheirismo. Quero provar-te de que não procuro riquezas, porque as despreso. É o teu coração opulento de affectos nobres que eu preciso para a minha felicidade; é...

— Não leias mais — interrompeu Januario com azedume e talvez colera — não leias mais, que eu sei perfeitamente o que escrevi.

«Pois se sabes... como podes dizer-me que eu torno a entrar solteira em casa de minha mãe?!

— Porque menti. Imagina que empobreci depois que recebeste esse papel. Imagina que é fementida essa carta. Imagina o que quizeres,

mas recolhe-te quanto antes a tua casa, por que não é possivel dares outra saida á imprudencia que commetteste, sem me consultares.

Jacintha ergueu-se subitamente, para ajoelhar aos pés de Januario, exclamando:

«O' meu querido amigo, não me deixes assim entregue aos maus tractos que eu vou soffrer. Olha que minha mãe mata-me, Januario! Se me não queres para esposa, decide do meu destino, que eu accei-to tudo, tudo, menos perder-te, e talvez perder a vida.

A situação do filho do azeiteiro era realmente desconsolada! Não sabemos se o pungiam mais as clamorosas lagrimas da pobre meni-na, se a vergonha propria! Aquella carta fôra escripta na certeza de que a mãe de Jacinta dotaria liberalmente a filha, e, tambem não sa-bemos porque tolice, o homem quizera sustentar aos olhos da sup-posta noiva um desinteresse fatuo e parvo.

Jacintha, alentada pelo silencio de Januario, tirou do coração affli-cto novas supplicas, qual d'ellas mais piedosa. Julgava tel-o movido á compaixão, quando elle, aferrado á ultima taboa de salvação, lhe disse:

«Lembra-me uma coisa. Poderás ainda ser minha mulher, se annui-res ao que vou propor-te.

—Annuo, annuo a tudo que mandares, se não fôr entrar em minha casa.

«Pois é isso justamente o que é preciso que faças. Não te afflijas, minha amiga, escuta. Vaes para casa, e confessas a tua mãe a culpa que te ha de salvar. Ella de certo não quer a tua deshonra; provavelmente chama-me, e annue ás propostas que eu lhe fizer. Tua mãe dá-te oi-tocentos mil réis que é a tua legitima paterna; e eu farei que ella te adiante por conta da tua futura herança mais alguns mil cruzados. Sem isso não posso nem devo associar-te á minha pobreza. O arre-pendimento viria ao mesmo tempo para ambos nós. A miseria mata o amor, e prejudica as melhores intenções... Que respondes, meu anjo?

—Eu respondo que tenho de morrer sem ti, já me não importa que minha mãe seja o meu algoz. Offereço-te o sacrificio da minha vida. Sinto-me com forças para perdel-a na tortura lenta. Oxalá que este sa-crificio diminua os teus soffrimentos. Nada espero de minha mãe. Se ella souber que eu sou culpada de uma falta, que só posso resgatar com dinheiro, essa mulher egoista que odeia as filhas, por que são mais novas que ella, lança-me á rua, e manda-me trilhar livremente a carreira do crime. Não sahirei ainda que ella me repulse. Morrerei com uma só falta de que me absolve a consciencia. Para que eu morra basta-me só a terrivel idéa de que posso ser segunda vez culpada.

Jacinta irrompeu n'um chorar cortado de gemidos. Januario, mais torturado que compassivo, apertou-a ao seio, e articulou duas palavras que não exprimiam nada do seu pensamento.

«Pobre mulher!

—Pobre mulher!—repetiu ella, sorrindo o riso que doe mais que as lagrimas.—Aqui está o que é a compaixão dos homens! O que os indifferentes dirão de mim, quando souberem a minha desgraça, é o que tu dizes, Januario!... *Pobre mulher!...* com que piedoso desprezo me tractas!...

A scena continuava assim violenta de recriminações, quando á hombreira da porta appareceu a mãe de Jacintha com um creado ao lado.

A desolada menina ergueu-se hirta e convulsa. Januario fez uma machinal cortezia a D. Caetana que não podia fallar, affogante de raiva e cansaço.

«Este successo triste...—balbuciou Januario duas vezes, e não disse mais nada.

A velha deu um passo para dentro do quarto, e regougou com voz rouca e tremula.

—Eu logo vi que esta mulher perdida estava aqui. Estás bem aviada comigo, minha menina...

Jacinta ergueu os olhos do chão, e relanceou-os pelo rosto de Januario.

—Já para casa—continuou a mãe, cerrando os punhos.—Lá é que se fazem as contas. Tenho mais vergonha do que teria se viesse aqui altercar n'uma estalagem.

E voltando-se de face, e formidavelmente feia, para o pallido seductor, continuou:

—O senhor não tem culpa; podia perseguil-o, mas esteja descansado que o não persigo. Os homens quando encontram d'estas mulheres...

«Lembre-se que é sua filha—atalhou Januario.

—É verdade, sr.ª D. Caetana—disse o creado—lembre-se que é sua filha.

—Pois por que é minha filha—replicou a furia, sacudindo vertiginosamente os braços,—é que eu a hei de castigar como já foi castigada outra, que está hoje curada dos attaques d'amor.

«Eu não tenho duvida em ser marido da sr.ª D. Jacintha—disse Januario.

—Não duvido; mas eu é que tenho duvida em dar-lhe hoje o consentimento. Antes de hontem, quando o senhor m'a pediu, dava-lh'a com os dois mil cruzados que ella tem; hoje, se a quizer, ha de disputar-m'a por justiça.

«Disputarei, sendo necessario, porém, se eu tiver de invocar a justiça n'este caso, hei de invocal-a tambem contra as violencias que a senhora praticar contra esta menina. A sr.ª D. Caetana ignora talvez que ha leis que punem o abuso da auctoridade que os pais exercem sobre os filhos?

— Como quizer — disse affoutamente a velha — vamos, Jacintha.

«Eu vou acompanhal-as — disse Januario, tomando o chapéo. — Espero que v. ex.ª não rejeite esta prova de consideração que dou á mãe e á filha.

D. Caetana não acceitou nem despresou a etiqueta. Januario, já na rua, offereceu o braço á velha, e a velha acceitou depois hesitando um pouco, o braço do cavalheiro! Desde a Batalha até á rua Formosa não trocaram uma palavra. Quando se ía fechar a porta da residencia da viuva, esta com ares affectuosos, disse:

— Não o mando subir, sem ter pensado mais de vagar a respeito d'este acontecimeuto. Espero que ainda nos vejamos com mais socego, sr. Januario.

«V. ex.ª promette-me não dar máos tractos a sua infeliz filha? disse Januario com brandura.

— Prometto esquecer-me de que sou mãe, e lembrar-me-hei de que v. s.ª é um cavalheiro.

Ora o fraco de D. Caetana Mendes era o darem-lhe excellencia, e o braço, quando esse braço não era o de algum seu conhecido de infancia, que parava na rua para fornecer os dedos e o nariz de simonte. Dos menores de quarenta annos, que a tractavam com confiança, muitos se haviam abalançado a uma declaração, movidos pelos cem mil cruzados limpos e seccos que faziam supportavel a distancia; mas esses muitos calculistas sordidos, ao approximarem-se de D. Caetana, esmoreciam, por que tudo o que a antiguidade inventou de feio e medonho a respeito das parcas eram dotes angelicos comparado ao deforme carão d'esta zombaria da natureza.

D. Caetana, viuva aos cincoenta e quatro annos, consumira os oito da disponabilidade em aspirações cuja pudicicia não ouso gabar; porém, o anjo da virtude não poderia tanto como ella conjurar os impetos deshonestos do peccado. Quatro mulheres assim explicariam exuberantemente a prevaricação de duas cidades que a ira de Jehova incinerou com chuva de fogo.

Estão as sensiveis leitoras anciosas por saberem que flagellos inflingiu a descaroada velha á pobre menina. Vão admirar-se do poder do amor no coração de D. Caetana. Do amor?! sim, minhas incredulas senhoras, do amor. Pois não sabem que a velha ficou apaixonada por Januario desde que este lhe foi pedir a filha? Não sabem que o contacto do braço robusto do galhardo moço lhe coou um suavissimo calor que, chegado ao coração, se converteu em chamma, e a chamma em conflagração geral d'aquelles velhos tecidos que ardiam como alcatrão no peito calcinado de Caetana?

Foi, pois, o amor que amolleceu as rijas fibras d'aquelle furioso temperamento. Jacintha foi esconder-se no seu quarto, e, ao menor

rumor que ouvia, toda ella era uma convulsão. Passou-se a noite, e o dia seguinte sem que a mãe a procurasse. Na manhã do segundo dia, Jacintha foi chamada ao quarto de sua mãe.

«Resolvi que entrasses n'um convento por alguns mezes com uma creada—disse a velha entre affavel e imperiosa.—Estás resolvida a obedecer a tua mãe?

— Obedeço — disse Jacintha contendo uma explosão de lagrimas.

«Passados alguns mezes virás para a companhia de tuas irmãs, e terás a minha estima e o meu amor, como até aqui. Hoje arranja-se a licença para a tua entrada em Santa Clara, ámanhã irei lá comtigo recommendar-te á prelada.

Jacintha, pensando no seu destino, acceitou com satisfação o convento. Se Januario não queria ou não podia ser seu marido, era-lhe mil vezes mais toleravel a solidão do claustro para choral-o, em comparação dos tormentos que a esperavam na companhia de sua mãe.

Recolhida ao convento, Jacintha escreveu uma carta a Januario. Era um adeus até ao dia final. Não affirmo; mas alguem me disse que o filho do implacavel azeiteiro fôra procurar D. Caetana com a intenção de a fulminar com epithetos acerados pela raiva. Outros, porém, explicaram a visita do elegante fallido á viuva em consequencia de uma carta que ella lhe escrevêra, pedindo-lhe um encontro em que se dariam reciprocas explicações do procedimento de ambos.

É certo que Januario Ferraz foi a casa da viuva Mendes, dois dias depois de inclausurada Jacintha. Esta visita, duvidosamente interpretada pela opinião publica, foi seguida de outra, e outras, com grande espanto das irmãs de Jacintha, que eram sempre despedidas da sala, quando Januario se annunciava.

Operou-se uma admiravel reforma nos haveres de Januario, de subito, quando ninguem sabia explicar a fonte da receita. É certo que o azeiteiro continuava inexoravel. Os credores antigos davam como insoluveis os seus creditos. O cavallo continuava a ser offerecido. O dono do hotel perseguia com incansavel impertinencia o hospede fallido. E de repente, Januario Ferraz appareceu com um bonito tylburi, uma parelha de orças, camarote de assignatura no theatro italiano, e a maior parte das dividas pagas.

Este afflictivo estado de duvida não podia sustentar-se sem matar de impaciencia os velhos amigos de Januario que elle abandonára, por que os vira desapparecer nos dias do infortunio.

Ao cabo de dois mezes, estava Januario Ferraz festejando os annos de uma actriz em alegre banquete na Ponte da Pedra, quando se viu apear uma figura impossivel de uma carroagem. Os boleeiros que haviam conduzido o rancho festival á Ponte da Pedra, riam com toda a expansão da sua justificada alegria, quando viram a mulher que apeava da

sege. Esta mulher entrou na loja da estalagem, e perguntou se estava ali no jantar um sujeito chamado Januario Ferraz. Como lhe respondessem affirmativamente, a velha mandou dizer ao conviva que estava ali sua mulher a procural-o.

Januario perdeu as côres escarlates do champagne em ebulição, e desceu tropego as escadas.

Era D. Caetana Mendes que o procurava, para lançar-lhe em rosto a sua infidelidade.

Rompeu-se, pois, o sigylo n'esse dia. Januario havia casado clandestinamente dois mezes antes com D. Caetana. As razões que elle inventára para ser secreta a ignominia, não as sei eu. Talvez a vergonha. Lamento-o e desculpo-o. A velha tragou longo tempo o calix das infidelidades. Quando porém lhe disseram que o seu Januario disbaratava dinheiro mysterioso em orgias de comicas, D. Caetana deixou rebentar a postema do ciume que lhe gangrenava as entranhas. Descobriu-se então uma infamia que só a necessidade póde absolver.

Conclusão.

São decorridos dezanove annos. D. Caetana ainda vive com 83 annos; ainda ama, e quer ser amada. Quando suspeita alguma veleidade do marido, ainda lhe resmunga, chammejando pelos olhos linguas de ciumento fogo:

«Januario, lembra-te que temos direitos eguaes...... Depois, não te queixes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A Luiz Augusto Rebello da Silva dedica esta humilde tentativa o seu amigo de coração

Bulhão Pato.

LELIA

PRIMEIRO CANTO

I

O POETA

Musa, o dia rompeu chuvoso e frio,
Eu não tenho um real, nem tu tão pouco,
Que és pobre como Job; por conseguinte
Que havemos de fazer?

A MUSA

Ficar em casa,
Discutindo as miserias d'este mundo.
Apras-te a idéa? Vamos, meu poeta,
Em que estás a pensar?

O POETA

N'uma aventura.

A MUSA

Não se póde contar?

O POETA

De certo póde.

A MUSA

N'esse caso approxima-te do lume,
Accende este charuto, e principia.

O POETA

Ha dois annos, um dia ou mais exacto,
Uma noite em que a lua resvalava
No firmamento azul, em que os modilhos
Do inspirado cantor da primavera
D'entre a balseira em flor se desprendiam;
Achava-me aspirando a branda aragem
Sentado no portal de uma vivenda
De modesta apparencia, e collocada
N'um sitio encantador. — N'aquella noite,
De que me hei de lembrar eternamente,
Tinham vindo esperar-me de emboscada!
Alguns contrabandistas do parnaso,
D'entre os quaes destacava a face livida
De certo esguio e pesaroso vate
Por quem tu tens notavel sympathia.
Fugi! elles ficaram declamando
As primeiras estrophes de uma nenia!

Vinha rompendo abril: como já disse,
Sereno estava o céo, doce a bafagem,
E a rosa, a favorita, a bella noiva,
Por quem o rouxinol desde a alvorada
Solta a voz em prodigios de harmonia,
Corando abria o pudibundo seio
Aos doces carmes do adorado amante.

Passado pouco tempo esta cabeça
Começara a enredar-se em mil chimeras.
De repente uma voz sonora e fresca
Murmurou junto a mim. Era tão simples
Tão suave, tão meiga a melodia,
Tão infantil a voz! Voltei os olhos,
E descobri um vulto na janella.
Que figura ideal! alta, mas fragil,
Como astesinha de um arbusto novo.
A innocencia e virtude respiravam
N'aquelle rosto candido e formoso.
N'uma das mãos firmada a fronte timida,
E na outra a madeixa loura escura
Que vinha em pittoresco desalinho

Espargir-se nos hombros de alabastro.
Como o cantor da selva que inspirado
Improvisava no florido bosque,
Cantava ella tambem; ave innocente,
Juntava mais um trilo ao hymno eterno,
Que aos pés de Deus a natureza erguia.
Oh! quão feliz seria quem no mundo
Alcançasse as primicias d'aquella alma!
Lembrei-me de as colher, e decidi-me
A apparecer-lhe no seguinte dia.
Com effeito assim fiz.
Era sol posto:
Cansada de correr pela campina,
Tinha vindo sentar-se pensativa
Nos degraus de uma cruz que se elevava
No adro estreito de modesta ermida.
Chegava emfim ess'hora em que saudosa
A mente se dilata em magos sonhos,
Hora em que alma absorta em gostos intimos
Perde a consciencia do exterior da vida.
Diversas nuvemsinhas esmaltavam
Para o lado do poente o firmamento.
O bronze deu signal d'*Ave-Maria.*
Ella ergueu-se, e depois firmando os joelhos
Sobre os degraus da cruz, soltou dos labios
A singela oração; passado instantes,
A pomba estremeceu, mas de alegria.
A viva chamma de amoroso affecto
Brilhou no puro azul d'aquelles olhos,
Quando nos meus attentos se fitaram,
E um sorriso de angelica ternura
Entreabrira os seus labios purpurinos.
Eu peguei-lhe nas mãos alvas de neve,
Que estremeciam apertando as minhas,
E murmurei mansinho estas palavras:

«Sim, sou eu que tu tens visto,
Tanta vez n'aquelles sonhos
Bellos, candidos, risonhos,
Da tua edade infantil.
És minha. Sou teu. A vida
Para nós vae ser agora,
Mais alegre do que a aurora,
Mais florida do que Abril!

Oh que longas confidencias
Nos esperam n'estes prados,

Que dias tão descuidados,
Que instantes de tanto amor!
Buscando ao crescer do dia
Entre o bosque a sombra densa,
Sentindo a alegria immensa
Do sol, do campo, e da flor!

És minha: do céo proveiu
O poder que a ti me prende,
Mas diverso fogo accende
O teu e meu coração:
Tu no mundo és a innocencia,
Eu sou na terra a poesia,
Tu dás-me a tua alegria,
Eu dou-te a minha paixão!

Dou-te as sombras da tristeza
Que vão tão bem a teu rosto,
Como as sombras do sol posto
Á rosa agreste do val.
Recebes n'um meigo abraço
Meu profundo sentimento,
E dás-me o contentamento
Do teu seio virginal.

Indisivel praser brilhou nas faces
Da ingenua virgem, quando ouviu as fallas
Que ha pouco proferí, e com ternura
Disse cravando em mim seus olhos bellos:
— «Orphã de paes, só tenho n'este mundo
«Apenas uma irmã; nós habitamos
«N'aquella casa que d'aqui se avista
«Entre a verdura d'esse val ameno.
«Já mil vezes em sonhos encantados
«Eu ouvi tua voz, vi tua imagem.
«Agora em fim és meu e para sempre.
Não é verdade — dize?» — perguntava
Com extremo, firmando-se ao meu braço.

Os pallidos clarões do astro saudoso
Despontavam no céo; por entre as ramas
A aragem sussurrava brandamente,
E o rouxinol occulto nas balseiras
Soltava algumas rapidas volatas,
Exp'rimentando a voz que dentro em pouco
Iria improvisar o hymno da noite.

Caminhámos ao longo da alameda
Que terminava em frente da vivenda
Onde Lelia (era este o nome d'ella)
Passára os dias da ditosa infancia.
Á entrada do portal dei de repente
Com a vista no pallido semblante
De uma bella mulher. Comprimentei-a.
Ergueu-se e veiu a nós sorrindo alegre.
—«É Julia, minha irmã»—disse-me Lelia.
Segundei um rasgado comprimento,
A que ella respondeu com a gentilesa
De uma antiga marqueza da Regencia.
Convidou-me a subir eu dei-lhe o braço,
E acceitei promptamente este convite,
No que fiz um chapado disparate!

(Continúa.) BULHÃO PATO.

UMA VIAGEM

De como o auctor procura seduzir o publico defendendo a sua obra, que elle *não* julga immortal. — Exposição do assumpto feita com leves ares de mau humor. — Desdem mais scientifico que sincero do auctor por todas as grandezas da terra. — Nova maneira de considerar uma *mala-posta.* — Especimen dos colloquios ouvidos pelo auctor n'essas viaturas *maravilhosas.* — O que é em geral uma *cama* e quaes são as suas funcções em estalagem portugueza. — Memoria descriptiva sobre os attributos de um cavallo de aluguer. — Perfil de um almocreve. — Profundas considerações que não profundam coisa nenhuma. — Incommodidades, perigos, terrores. — Entrada em Aveiro. — Termo da peregrinação.

Est quoddam prodire tenus, si non datur ultra
HORACIO

Ha mezes, leitor, que nós emprehendemos e executámos, o que não é raro nem meritorio, (nem por tal o inculcamos) uma digressão de *torista,* de *amador*, ou (como melhor soar ao ouvido severo da musa do Lacio) desde as viçosas margens do Mondego, essa espiral de prata que abraça e fertilisa em seus resplendentes circuitos e meandros uma das zonas mais privilegiadas do nosso reino, até aos aridos plainos do *Sardão*, fronteira que extremava até ha pouco o reinado de duas civilisações, senão antagonistas, pelo menos mui diversamente cotadas no mercado da opinião, que o tem tambem como qualquer outra mercadoria, que se fabrica, vende, afere e consome.

Via-se ainda n'essas épocas nada remotas, e que estão mui longe de se afundarem na noite dos tempos, predominar, unico e despotico, com toda a sua côrte de manhas e tradições de coreographica memoria, o cavallo de almocreve symbolisando o tarduo progresso d'esses povos quasi bisonhos e primitivos, em quanto do lado opposto na zona mais contigua da capital, já se notava a pesada *caleça*, e o pesadissimo *churrião*, *amastodontes* do movimento, caracterisando um estadio mais avançado na genesis do progresso, e até já a *meteorica mala-posta,* esse infinito da perfeição mecanica no crêr d'aquelles que medem o *incommensuravel* pela curteza de suas vistas, ou ousam julgar do util pelo acanhado de suas aspirações.

Bem sei, leitor, que me *proponho* (É o verbo fatal da actualidade)

uma tarefa desesperada, senão impossivel, procurando relatar-te as bellezas de um passeio, que as não teve, que foi apenas longo de alguns miseros e acanhados kilometros, que é tão ermo de interessé, como vasio de accidentes, e sobretudo que se acha manifestamente em opposição com esse grandioso e campanudo, que tanto apraz e deleita o espirito das innocentes maiorias.

Ouvir fallar de uma triste digressão desde Coimbra até ás lagôas da paludosa *Aveiro*, deve equivaler, para quem tiver de uso e costume o executar em sua casa longas viagens de circumnavegação em volta do mundo, a escutar as tenues melodias de um instrumento pobre e sem recursos, quando se sabe, quando se tem a persuação de saber, julgar *à priori* e magistralmente da musica considerada na sua mais lata e esplendida manifestação — da musica que entoam os genios das florestas, da musica que se escuta nas longas solidões dos desertos, da musica ao mesmo tempo terrivel e imponente dos oceanos, e em fim d'essa inefavel e sublime musica dos céos, onde cada astro vibrando em uma eterna e sempre rithmada oscillação, forma um instrumento componente d'essa maravilhosa orchestra, que tanto nos assombra. Ou tambem, se quizerdes, o trocar as seductoras miragens de uma grande viagem ás Indias que se não fez, que nunca se fará pelas importunas trivialidades de um passeio quasi hygienico ao *horto domestico*, donde apenas se podem recolher, como trophéo e testemunho da viagem realisada, algumas raras florinhas de um perfume mui circumscripto ou contestavel.

Vejo portanto, leitor que has de rir a bom rir d'este meu empenho, que te parecerá microscopico visto ao canudo da tua luneta de grande alcance; e persuadido tu mesmo de que és grande, por uma especie de reacção illusoria da vista sobre o espirito, desdenharás, compassivo d'estas pobres bagatellas que de nada partem, a nada miram, e a nada attingem. Porém enganas-te, leitor, porque não ha assumptos grandes nem pequenos, senão assumptos bons ou máos. Pertencemos ainda a esta escóla, onde o bom e o máo é que estabelece e fixa o valor das coisas e das pessoas. E depois quando se é tão pequeno como o homem não se tem o menor direito para achar pequeno seja o que fôr. E visto que vou no caminho de destruir vaidades e aniquilar pretenções que podem ser attentatoria dos intuitos da Divindade, revelar-te-hei aqui de passagem leitor, um magnifico corollario da sciencia dos astros, que é ao mesmo tempo luz, e moral, o que oxalá possa ser tambem ensino, e conforto para o teu espirito; e cujo ennunciado consiste: — Em que o homem e todos e tudo que com elle habita este grande globo denominado *terra* onde se labora um *indicifravel* mysterio, é considerado pela sciencia, como um ponto, uma sombra, um nada em vista do metro por onde se medem e contrapesam os infinitos

mundos que decoram a pagina mais religiosa e sublime do livro da creação. Vá lá ter vaidades, leitor, depois de haver adquirido este grande convencimento! E sobretudo vá ser impio ou atheu, se pudér! E perseguiam d'antes a sciencia, como inimiga irreconciliavel da fé! O que deviam era perseguir a ignorancia; porque essa foi e será de todos os tempos a promotora irresponsavel e unica dos grandes erros e impiedade *em todas as religiões*. Fôra para ver que a obra de Deus não podesse supportar a critica do homem, ou que a luz do sol dos soes houvesse acaso de ser offuscada com o tenue clarão do fogaz pyrilampo, que tal é a nossa imagem! O que é certo é que quando se logra attingir este elevado ponto de sciencia do mundo, que importa uma verdadeira revellação para o homem, faz rir tudo que por ahi se alcunha de *Grandezas* ou *Poderes* da terra. Os Cezares, Fredericos e Napoleões, esses assombros, terrores, flagellos, esperanças e divindades de cada época, e de cada povo, não passam de ser, vistos á luz d'esta sublime philosophia, privilegiados grãos de poeira que o raio do sol alumia um instante, para os abandonar depois ao nada que eram, e ao nada em que volvem.

Conheço os teus gostos e predilecções, leitor, porque pertenço á mesma familia. É para mim ponto de fé que preferirias gostoso a uma pinturinha de *genero* simples, desataviada, e innocente como esta promette ser, um grande quadro historico, dramatico, narrativa de mil peripecias, entretecida de lances felizes e calculados, de surprezas trazidas *ad hoc*, de castellos a perder-se na prespectiva aeria, de bandidos de olhar dardejante, de amores sempre funestos e fataes; de catastrophes sempre propinquas, de heroismos sempre faceis, e emfim de toda essa alchimia de ingredientes litterarios, com que a falsa arte, e raro a verdadeira, tem de uso servir-se para embair a sensibilidade, ou estimular o interesse dos que ignoram como se manipula no gabinete a emoção para os outros.

Nada d'isto, amigo, porque somos conscienciosos. A nossa tela, comquanto pobre, não possuirá falsos adornos, nem coloridos de theatro. Será a verdade na sua primittiva nudez; e se esta houver de incorrer no teu desagrado, fica-te sempre livre o recurso que Rosseau aconselhava contra os escriptos maus ou fastidiosos—*Rendons-les courts, en ne les lisant point*.

É uma grande verdade, e todavia um phenomeno physiologico a explicar ainda, o gráo de excitação que em nós produz o facto do movimento, quando levado a umas certas proporções. Dissereis que uma alma nova se gera subito no homem, e que por tal arte o transforma e exalta, que não é raro ver o mesmo individuo, sob o influxo d'este estranho principio, desconfiar da sua propria identidade, escutar-se com espanto, olhar-se com admiração, e até estar quasi a ponto de incorrer no grande

perigo de discutir *subjectivamente* o tremendo ponto philosophico do *eu* e não *eu*, esse que tanto delicia e obscurece a nebulosa musa do *norte*. Movendo-se, o homem sente-se outro; e a alma de todos os dias, inquilino permanente, e representante official do seu valor no publico, muitas vezes se inquieta com estas perturbações de uma physionomia, que a ella só cumpre sustentar e defender. D'aqui vem o serem as narrativas dos viajantes quasi sempre feridas do arrojo, petulancia e phantasia; e tambem d'aqui se deriva a necessidade de applicar invariavelmente a esses relatorios concebidos e elaborados em instantes anormaes, o que se denomina em sciencia practica os *coefficientes de correcção* que importam para a philosophia, o abater os arrojos da doutrina, ou tornar admissiveis os devanêos do espirito. Em todo o caso sirva-nos este preambulo de resalva contra todas as liberdades que possamos acaso permittir-nos no decurso d'estas peregrinações, que vamos emprehender pelo paiz.

Do largo de Santa Cruz de Coimbra parte-se para o Sardão, em uma machina denominada *mala-posta*, e prefaz-se esse trajecto no lapso de tempo de algumas horas. Eis o facto.

Porém o que é essa *maravilha* que em linguagem de homens se chama *mala-posta*, que foi primeiro mytho, depois aspiração, mais tarde esperança, e hoje é realidade; que tanto deu que fazer a governos e governados, que trouxe em sobresalto o espirito publico, que fez gemer os prélos antes de fazer gemer os viajantes, e que emfim é a inveja dos que a não gosam, e o jubilos dos que a possuem?

Será habitação, jangada, navio, carroagem, solipede, dromedario, ou o que? Terá existencia tangivel, real, palpavel, ou será apenas uma concepção, um gnomo, um trasgo, uma phantasia, uma visualidade, um sonho? Arrastar-se-ha como os reptís, andará como os quadrupedes, nadará como os peixes, ou voará como a aves? Nada d'isso. A *mala-posta* tem sido calumniada até agora, e sobre tudo tem sido mal comprehendida. A *mala-posta* é apenas uma photographia, um retrato. Meio termo entre a caleça e o comboy das linhas ferreas, ella é a imagem fiel d'essa classe da sociedade denominada *classe média*. Similhante em tudo ao seu espirito, ambições e arrojos de civilisação, a *mala-posta* é ao mesmo tempo o retrato e o orgulho d'essa grande familia, que vive entalada entre o nobre e o plebeu, e que suppondo ser util a ambos, é apenas util a si. Para o verdadeiro *burguez*, o que não sabe mentir á sua origem e tradições, o caminho de ferro é uma especulação, que se póde e deve explorar, mas que significando um *jacobinismo* da mecanica, ou uma *anarchia* de movimento, jámais poderá alliar-se com os habitos ordeiros da sua vida chã e estavel.

Não acontece o mesmo com a *bonacheirona* da *mala-posta*, a qual

com os seus ares quasi academicos, e visos de bom porte e costumes é a mais propria para inspirar confiança e estima a esses amphybios da sociedade.

Tambem preparae-vos, charo leitor, se tambem fordes viajante, o que é uma hypothese de accumulação, boa de prevêr para ouvirdes até á saciedade cansados hymnos laudatorios, á similhança do chá de Tolentino, sobre as inauditas, miraculosas, insubstituiveis vantagens da tal machina, ou o que seja, sobre tudo o que se tem inventado, ou ainda possa vir a inventar-se. É uma tal obsecação de elogios que vos indispõe logo contra a tão decantada maravilha dos tempos *modernos*, como elles dizem: «Que bella coisa! Guagueja d'além um fôfo mar-«chante estorcendo-se a custo no duro leito da tal ambulancia *inimi-«tavel.* É a extrema commodidade!! E a segurança? Redargue outro, «deixando entrever por detraz do enthusiasmo fingido, a falsa costella «do potrão verdadeiro. E o governo como andou avisado no estabe-«lecimento d'estes carros, que são de *triumpho* para elle. Diz um «terceiro que se suppõe politico e gracioso, e que váe assim infiltrando «na opinião publica (como elle deve dizer) a phrazezinha que lhe ficou, «trabalhosa, da leitura de algum jornalico da vespora.» O quarto viajante é o escriptor; e a respeito d'esse, guardaremos as reservas que a boa amisade nos aconselha.

Porém já as torres da egreja do Sardão se desenham no horisonte, já d'elle se desprendem, logo avultam, mais tarde crescem e emfim chegaram, e nós somos entrados na villa, que não é o mesmo que entrar no paraiso, a não ser pelo primitivo do seu aspecto, ou pela triste nudez da sua *unica* rua.

Ora é forçoso pernoitar no Sardão, sob pena de se ir para os bosques, como um fauno, seduzir a lua com descantes, ou esperar inteiriçado o primeiro beijo da aurora, o que póde ser poetico para muitos; porém commodo? Que o digam elles! Mas dormir no Sardão o que affirmamos nós?

Quanto póde o estylo e as convenções recebidas!!

É facto que o publico assegura, e as maiorias attestam que se dorme no Sardão como em qualquer outra parte do reino; e que até muito se dorme ahi e de ha muito tempo; e como não seja prudente ir de encontro á opinião das maiorias, para não ferir a susceptibilidade dos principios, tambem nós affirmaremos que o Sardão é uma terra essencialmente narcotica e dormente. Porém quereis saber, leitor, o que se entende por uma cama n'essa terra abençoada, onde a curiosidade, ou antes a *mala-posta* nos levou?

Imaginae uma especie de monumento sinistro, erigido a custo no interior de uma alcova sombria, quadrado, folhudo, e por tal arte solemne e ameaçador, que vos géra logo um indisivel instincto de

affastamento, em logar de vos attrair e convidar, como era, como devia ser, a sua principal missão.

Quem não conhece estas grandes machinas caseiras, que fizeram outr'ora as delicias dos nossos avós, que foram como os berços da monarchia, e representam as arcas de alliança das familias que se perpetuaram?

O modo de funccionar de uma cama no Sardão, e provavelmente de muitas outras que se acham dispersas pelas estalagens do reino, era o seguinte.

Deitava-se a victima na tal *eça*, que ao vêl-a, dir-se-hia um monumento sério, e sem *caprichos*, e de repente quando menos o esperava, ao menor geito, á mais inoffensiva liberdade de movimento, eis o instrumento destinado á benefica paz do somno, a transformar-se por um jogo de equilibrios difficeis *(que oxalá fossem impossiveis)* em um instrumento acustico, especie de orgão desafinado e rouquenho, que vos acompanha implacavel e gemebundo durante toda a consumção da noite. Resulta d'aqui, em virtude d'esta mutação de scena, nada calculada, nem prevista, que o viajante acha-se inexperadamente a passar a noite n'um theatrinho lyrico da aldeia, esperando-a consumir na paz de um somno reparador e salutar.

Accresce ainda no *louvavel* intuito de proporcionar ao hospede a maior cópia de distracções possivel, o paramentar-se o tal *harmonico* como se fôra uma mumia do Egypto, de infinitas fachas de renda, e cascatas de folhinhos em differentes andares e de differentes debuxos, que vem pôr o complemento logico a este lyrismo de tortura. E como se a gente dormisse abraçado com um estojo de engenheiro. Pela manhã achamo-nos com uma triangulação completa no rosto, figurando então o nariz de pyramide principal n'esta carta improvisada. Deita-se a victima na boa fé suppondo ao menos possuir a propriedade do seu nome, váe se não quando, acha-se pela manhã *roubado* e escarnecido, porque de José que era, ou podia ser, vê-se reduzido a um Lazaro, em que fica. (Não confundir Lazaro com lazarista).

Póde-se realmente vir passar uma noite com gosto a uma paragem como a do Sardão, tão rica de boas condições e commodos.

Quando se tem a fortuna de *acordar vivo*: admira-se tanto engenho consumido no absurdo, e parte-se a toda a pressa para a cidade de Aveiro, se é para Aveiro que o viajante se destina.

De Aveiro ao Sardão vão tres leguas bem medidas, quer dizer *mal medidas*, leguas de *cogulo*, que recordam a bizarria de nossos maiores. A partida matinal de um viajante de uma terra pequena, affecta sempre os ares de um acontecimento *local*. Accorda a povoação em peso para dar fé e saber do caso, vem logo os syndicos e sabichões da terra (essas *potestades eleitoraes*, como hoje se diria), inteirar-se da figura,

maneiras, procedencia e destino do que vae partir. Não tardam em seguida os reparos, as ironias mal encobertas, os conselhos d'arromba, as interrogações maliciosas, e emfim todo um interrogatorio, a que ninguem se póde eximir, sob pena de incorrer no desagrado da povoação, e de ter de força de espaçar por algumas horas a projectada partida; porque taes embaraços se urdem n'essa maçonaria improvisada, contra os mais inoffensivos desejos do *orgulhoso estrangeiro*, que elle sente em breve a necessidade de transigir de bom animo com estes vicios de campanario, a que mais tarde a luz da civilisação ha de levar remedio, se o levar. Aluguei dois *cavallos*. Sorri ao *povo* esse grande martyr da... eloquencia dos ambiciosos, ou dos pascacios, e parti para Aveiro.—Mas fallemos dos cavallos, antes de fallar da partida.

Em geral um cavallo de almocreve é uma fera inhospita, suspeita, bisonha, d'olhar tristonho e atravessado, mal disposto *à priori* contra a entidade=cavalleiro=e sempre apparelhado, (mesmo quando o não está) para o combater por todos os meios que lhe suggere a sua moral, que póde valer talvez a de muitos publicistas, que para ahi fazem quotidianamente de evangelisadores do povo.

Diz a sciencia que esta *solipede* conta apenas sete *caninos*, e que demais, é *herbivoro*; pois o cavallo de almocreve parece zombar d'estas pretenciosas affirmações da sciencia, ostentando a miudo uma dupla bateria d'estes aggressivos instrumentos, similhando uma nesga de Gibraltar; e de dar ares nada equivocos de apetecer uma *coxa* do cavalleiro, para lhe servir *d'hors d'œuvre* á sua alimentação official e *scientifica*.

A tactica do cavallo de almocreve reduz-se em geral a dois *aphorismos* principaes, a que elle obedece invariavelmente, e isto em todas as zonas e sempre, e em todas as circumstancias em que se acha; porque o cavallo de almocreve tem physionomia propria e immutavel que jámais desmente. 1.° Impedir que o cavalleiro o monte. 2.° Desfazer-se d'elle, derribal-o, fazel-o emfim caír do poder, quando já montado.

É claro que os seus meios de guerra tem de variar segundo a phase em que se acha a questão. É assim que no rompimento das hostilidades, o cavallo lança mão d'esses feios expedientes *mahometanos*, de que nos fallam com tanta simplesa e espanto os nossos visinhos peninsulares, na queixa que vem de formular á Europa ácerca dos máos costumes da mauritana gente. O cavallo morde ou tenta morder o cavalleiro, porque esta tactica comprehende-se no formulario do seu programma. Vel-o-heis tambem avançar, ladear, recuar, pôr-se em pé, emfim agitar-se em todos os sentidos do espaço, procurando evitar por todos os modos, que o cavalleiro... em perspectiva, ache alguma coisa de seguro em que se *estribar*. É n'este conflicto tambem que os estribos, *de uso de páo*, estimulam freneticamente os flancos do animal, dando o rufar inces-

sante d'estas grandes castanholas uma na outra, um certo colorido marcial a este primeiro reconhecimento dos dois inimigos. O cavallo defende assim a todo o transe a invasão das suas *costas*, como se fôra um *insular-orgulhoso*. Porém, uma vez transpostas as fronteiras, por qualquer surpreza ou manobra feliz do cavalleiro, começa então a segunda phase da guerra, que é de um caracter e fórma absolutamente dissimilhantes, porque se a primeira se póde dizer uma *guerra de invasão*; a segunda é uma guerra toda *social*; por quanto é a lucta do que está debaixo contra o que está de cima, ou a resistencia do opprimido contra o oppressor. É por isso que esta posição, que se não recommenda por lisongeira, é um estudo, e tambem um perigo; uma occasião para philosophias, e tambem um bom ensejo para quedas. As guerras *sociaes* trazem ordinariamente comsigo estes perigos das quédas, que nem sempre deixam de ser desastrosas. Aviso aos socialistas... O cavallo muda pois de tactica, e o cavalleiro precisa tambem de se ter seguro na sua *sella*, afim de não caír n'algum logro do inimigo. Todo o governo é impossivel n'esta conjunctura. A lei e ordem que é n'este caso o *freio*, e dizem muitos que é sempre, sáe pela *barra* fóra, e fica-se logo em perfeita anarchia.

Para melhor attentar contra a estabilidade do cavalleiro, o cavallo faz prodigios de desequilibrio. É então que elle traça no ar com as extremidades posteriores cabalisticos signaes, que devem importar protestos eloquentes, á moda dos de muita gente, contra a iniqua tyrannia do homem rei. Tambem não é raro vêl-o n'estas occasiões, procurar por uma argucia d'estylo levar á *parede* o adversario, entalando-o entre as duas pontas de uma terrivel dylemma, ou *perna quebrada*, ou *cavalleiro a baixo*. Uma especie de abaixo o ministerio, como por ahi se diz todos os dias, o que demonstra que a tactica de opposição é mais do instincto, que do juizo.

Vêl-o-eis tambem recurvar-se em arco de flexa sobre a coxa do cavalleiro, procurando eliminal-a, afim de conseguir por este methodo analytico o desfazer-se do todo, desfazendo-se de cada uma das partes. Não será estranho vêl-o estorcer-se como um indemoninhado, saltar como um clonwe, metter os *pés* pelas *mãos* como um jornalista mercenario, correr e parar subito, como se o instincto de vingança lhe ministrasse lições de physica: e ceder emfim, não convencido, que as *bestas* não se convencem; porém vencido pela força, que é a suprema, e talvez a unica rasão, para os animaes ferozes.

Tal é a physiologia de um cavallo de almocreve, no *Sardão* como em qualquer outro logar, como em toda a latitude; porque o cavallo de almocreve tem *caratcer*, que o singularisa e distingue. O meu cavallo era elegante e brioso; porém tinha as prendas que vimos de lhe reconhecer; e o outro, conductor do almocreve e da minha bagagem, com

quanto lhe fosse identico no *moral*, não se lhe similhava no physico porque era pequeno, felpudo, muscoloso e sombrio. Via-se logo que era um cavallo de baixa estirpe, mais tartaro que arabe. Tinha a nota de ingrato e de comilão na terra, porém obedecia como um recruta á chibata do almocreve, que fazia de rigoroso sargento n'esta escóla de ensino. Era este almocreve um primor, uma joia, um typo perfeito e completo d'essa curiosa familia de almocreves que tende a extinguir-se. Tinha elle feito do trajecto entre o Sardão e Aveiro a sua *especialidade* (como hoje se diz em linguagem culta) além de possuir outras, que não memoraremos agora; e era por isso, que não cessava de preludiar a miudo, e com proficencia sobre o thema da estrada que elle suppunha sua, como o arabe suppõe seu o deserto. Era um *especialista* com todos os vicios d'essa apreciavel qualidade. Ai bellas! O senhor póde ir por aqui ou por ali como bem lhe aprouver. Obrigado meu povo, respondia eu; mas por onde é melhor e mais perto, se faz favor. Ai bellas! Tudo é o mesmo, e tudo lá vae dar. Tinha entendido. O homem era um sabio de *incruzilhada*, e possuia de mais um bordão, que lhe ía a matar, sobre que *esteava* invariavelmente as suas opiniões, que não eram nem lucidas, nem decisivas. Talvez por ahi, leitor, muito sabio de contrabando, muito especialista sem especialidade, muito espantalho da sciencia, cujas opiniões, se lh'as ouvirdes, mesmo no terreno das suas *ditas* especialidades, nem serão mais doutas, nem mais claras do que eram as do nosso almocreve, o qual não cessava de ir *molhando* a *palavra* a miudo nos raros repousos da sua facundia inexhaurivel. E assim fui eu n'esta extravagante e original companhia, persignando-me até Aveiro, sempre com o credo na bocca, e esperando a cada instante o desenlace de um drama, cujos elementos, estavam postos, e em que o meu cavallo, passando a ser de *Estado*, lograria fazer-me o *cadastro* dos ossos, fiscalisando o outro por meios *rectro-activos* o volume que levava sobre o dorso, e que lá lhe ía parecendo de contrabando.

O caminho que do Sardão conduz a Aveiro, não é nem formoso, nem commodo, nem pitoresco, mas em compensação possue uma tal persistencia de monotonia, que lhe dá caracter e o torna recommendavel.

Na primeira legua atravessa-se por vezes um riacho, cujas margens são baixas e sombrias. Na segunda transpõe-se um pinhal, que não é nem fechado nem aberto: e por fim na terceira encontram-se alguns casaes, cujo aspecto risonho e quasi fertil vem quebrar um pouco a monotonia d'estas paragens tristonhas.

Aveiro visto de longe, quasi a perder-se no horisonte, offerece um aspecto mui singular que é difficil de esquecer observado uma vez. As pyramides de sal que lhe ornam as lagoas, similhando alvos monumentos mortuarios, destacando de um terreno baixo e escuro, e apenas avivado com as fitas de prata de uma abundante ria que fertilisa o paiz,

dão-lhe um tal colorido de melancolia e saudade que bem póde explicar essas grandes e vivases affeições que seus filhos consagram, e que já são proverbiaes.

Aveiro, como cidade, tem pouco merecimento e nada a illustra, a não serem os filhos que tem dado á Patria, muitos dos quaes a tem servido com amor e distincção, avultando entre estes, um, que tem sabido ser ao mesmo tempo soldado, cidadão e tribuno. Hospedado mui particular e intimamente, por um amigo com cuja amisade me honro, e não me faltando nenhum dos confortos que só um gosto, classico e delicado sabe adevinhar, facil me foi esquecer a cama do Sardão, os cavallos e discursos do meu almocreve.

J. Horta.

CHRONICA

D'esta vez o chronista apresenta-se diante dos leitores, como sempre desejava ter occasião de apresentar-se, isto é, cheio de novidades. E a novidade é a unica e verdadeira musa do chronista. Sabe-o elle, e sabem-no todos. A prova é que um procura-a quando escreve, e os outros procuram-na quando o leem. Inventa-se um romance, um drama, um artigo de critica, uma dança, um titulo, um contracto, inventa-se até um candidato, e tudo se acceita, porque tudo é possivel; mas uma chronica é que se não inventa porque é impossivel. A chronica só é chronica quando falla verdade; tudo mais póde mentir e justificar os nomes que tomaram. Applaude-se a mentira no drama, louva-se no romance, festeja-se na dança, acceita-se no titulo, tolera-se no contracto, diverte no candidato; mas rejeita-se na chronica. E com rasão. É o *to be or not to be* do poeta inglez. Finalmente a missão do chronista, segundo as melhores auctoridades, reduz-se a contar o que vê, e a dizer o que ouve. Cumpre-lhe todavia dizel-o bem, e contal-o ainda melhor—se pudér.

Ora felizmente d'esta vez, como já dissemos, temos muito para contar e muito mais para dizer. Novidades não faltam: novidades litterarias, novidades politicas, novidades dramaticas, novidades jornalisticas, novidades artisticas, novidades dansantes, novidades lyricas, e até novidades femeninas.

Daremos o primeiro logar á novidade litteraria.

Foi a apparição de um bom livro, de um livro interessante, de um livro digno da maior apreciação, tanto pelo assumpto de que trata, como pelo nome do seu auctor.

Referimo-nos á *Noticia historica do Duqae de Palmella*, por Lopes de Mendonça. É o esboço biographico de um dos primeiros homens e dos mais eminentes d'este paiz, traçado por uma das pennas mais elegantes e das mais floridas que realçam a litteratura moderna. É uma apreciação franca e desapaixonada da vida politica do Duque de Palmella. O retrato está similhante e esplendido no colorido. Na palheta do artista haviam côres para assim o reproduzir.

É um bello livro pelo nome que inspirou, e pelo nome que o assigna.

Recommendal-o portanto, seria ocioso. Basta dizer que se acha publicado para attrahir a curiosidade. Todos os que apreciam as nossas coisas litterarias hão de querer possuil-o.

Para avaliar a obra não é a chronica o logar competente. A critica de um livro tão valioso, reclama maior espaço e só póde aventurar-se n'um artigo especial. A *Revista Contemporanea* ha de apresental-o mais tarde, cumprindo assim um dever litterario.

Tambem vae sair a lume brevemente a *Historia da Restauração* de 1640 por Rebello da Silva. Um livro precioso, necessario, e de subido interesse. Um livro que ha de servir para ensino e illustração. Finalmente um livro escripto pelo auctor da *Mocidade de D. João* v, e que ha de reunir a verdade dos factos ás gallas brilhantes do estylo.

Já vêem que tinhamos novidades litterarias e importantes; agora seguem-se as novidades artisticas.

Houve um concurso para o logar de substituto ao professor de pintura de paizagem na Academia das Bellas Artes. Foram concorrentes os srs. Christino e Leonel. Ainda que o triumpho parecia ter cabido na votação ao primeiro, e na opinião geral assim foi, comtudo a má fé e acintosa parcialidade do director tentam difficultar o resultado empregando até meios desairosos para quem os pratica, e dos quaes já appareceu uma prova no auto do concurso apresnntado aos membros da conferencia geral, e que estava por tal fórma invertido pelo secretario de accordo com o director da Academia que obrigou a maioria d'elles a lavrar um protesto, sendo enviado ao sr. ministro do reino uma representação contra similhante procedimento, assignada pelos academicos de merito os srs. conde de Mello, Gerard, visconde de Menezes e Oeirense, e pelos professores Annunciação, Metrass, Sequeira e Sousa.

É este o segundo escandalo que ali se promove. Renova-se com o sr. Christino o que teve logar com o sr. Victor Bastos. São as mediocridades hostilisando os talentos superiores. Cuidam supplantal-os assim. Mas, enganam-se. Por mais que façam, a sombra d'elles ha de continuar a escondel-os. Victor Bastos já lh'o provou. No busto de Rodrigo da Fonseca e na estatua do conde das Antas lavrou-lhe a sentença. Negaram-lhe o premio do trabalho e do estudo; mas elle não desanimou. E novos estudos e novos trabalhos conquistaram-lhe a gloria. Os suppostos rivaes e o vencedor, ficaram, como eram, desconhecidos; e o vencido alcançou a primeira reputação de esculptor entre nós.

Confiamos porém na intelligencia e illustração do ministro do reino que ha de resolver o negocio do sr. Christino, como é de justiça.

Agora vejamos os quadros dos concorrentes.

São dois quadros de paizagem; dois de fructas e flores; e dois de esbocetos. O quadro de paizagem do sr. Leonel no geral da composição offerece mediocre effeito prejudicando-lh'o ainda mais a tinta, que é fria e pouco brilhante. Primou todavia n'um accessorio composto de um rapazinho com dois perús. O grupo é gracioso, está naturalmente formado e foi pintado com delicadeza e mimo.

No quadro do sr. Christino a composição é mais grandiosa, e o clorido talvez exaggerado, mas esplendido, denunciando uma rica palheta, que ha de valer mais quando for menos prodiga. O quadro de flores, é, segundo temos ouvido ás pessoas competentes, e julgando tambem pela nova impressão, o melhor que ultimamente se tem pintado no nosso paiz, o outro do sr. Leonel; nas flores fica-lhe inferior, mas nas fructas apresenta dois pecegos que chegam a despertar appetite e a dar vontade de os furtar.

Resta-nos fallar dos esbocetos. É n'estes que, a nosso vêr, se tornae vidente a superioridade do sr. Christino. O do seu adversario nem sequer demora a attenção do observador; mas o d'elle captiva e attráe ainda mais a curiosidade que os quadros. E sabe o sr. Christino que nós preferimos o seu esboceto ao quadro? Pois é verdade, e crêmos que ha mais gente da nossa opinião.

Para sermos francos diremos até que este quadro de paizagem do sr.

Christino, não é dos melhores que o seu pincel tem produzido. Preferimos a *Vista do Mondego*, que adorna a galeria do sr. Estevão Palha, um dos raros amadores que a pintura tem no nosso paiz, onde ha bellas fortunas, mas cujos donos não hesitam gastar contos e contos de réis no Gardé ou no Gaspar para guarnecer as salas; mas duvidariam dispender cem ou duzentos mil réis n'um ou dois quadros de Annunciação ou Metrass. É que o dinheiro e a intelligencia varias vezes moram na mesma casa!

Que seria dos nossos pintores se não fosse o patrocinio que tem recebido de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando? Como se haveriam fortalecido as vocações que apparecêram, se as primeiras tentativas não tivessem encontrado accolhimento na galeria real? Que outro auxilio, que outro incentivo, que outra esperança tem havido até hoje para os nossos artistas? E assim como tem sido para elles rei-artista tornou-se agora para os homens de letras artista-rei. Abriu a sua galeria áquelles, e dá-nos uma galeria a nós! Honra a *Revista Contemporanea*, com a sua collaboração, e com o trabalho do artista realisa a protecção do rei. Para taes actos não ha louvores; contam-se apenas para deixar aos outros tecer-lh'os. São os mais significativos e os mais eloquentes. Accrescentaremos unicamente em seguida ao que deixamos dito, que a gravura que illustra este numero do jornal, é a terceira com que nos brinda o real colaborador.

Passemos ás novidades dramaticas.

Duas comedias conseguiram ultimamente attrair a concorrencia ao theatro normal. Este salvaterio inesperado e pouco vulgar afi, deveu-se á actriz Delfina e ao distincto poeta Palmeirim. A primeira porque foi desenterrar dos archivos do theatro, a comedia *Flores e fructos*, imitação de Mendes Leal, que lá jazia esquecida havia perto de quatro annos, e condemnada, segundo ouvimos, pela direcção, como sem sabor; o que não admira que seja verdade, por que em preferencia a ella, escolheu para dois dias de gala outras duas comedias que julgou espirituosas a par d'aquella semsaboria!

A traducção do *Marquez de la Seiglière*, pelo sr. Palmeirim, veiu depois prolongar o tal salvaterio. E é a elle, e só a elle que se deve. Foi uma boa inspiração que teve o distincto poeta quando se lembrou, enthusiasmado por uma leitura que fizera do modêlo da comedia moderna, de a verter para portuguez. E o mais é que a tornou portugueza, no dialogo. Era tudo a que se podia aspirar. Conseguindo-o venceu uma grande difficuldade.

O *Marquez de la Seiglière*, é a comedia mais perfeita e completa do reportorio francez. Por ora não lhe conhecemos rival. Reune á profundeza do pensamento muita valia litteraria; reune ao bello desenho dos caracteres o interesse ora comico ora dramatico; reune ao sentimento o riso de bom gosto. Cada personagem é um typo e representa uma idéa social. A interpretação de obras similhantes torna-se extremamente difficil. Cumpre-nos todavia dizer, que, no theatro normal teve um interprete digno d'ella. Foi o sr. Rosa. O exito da comedia é principalmente devido á mestria com que este artista desempenha a difficil parte do *Marquez de la Seiglière*. Soube dar uma feição pronunciada e caracteristica ao personagem, que satisfaz o critico e alegra o espectador. Por isso uns e outros tem-se mostrado unanimes nos applausos,—e com rasão. Theodorico tambem despertou por vezes a hilaridade no astucioso e sagaz *Destournelles*. Tasso imprimiu ao caracter de *Bernardo Stamply* a dignidade que elle exigia. Pelo lado dos actores a comedia conquistou devidamente a acceitação que tem merecido: outro tanto não diremos pelo que respeita ás actrizes.

Helena de la Seiglière e a *Baroneza de Vaubert*, são duas bellas criações de Jules Sandeau, symbolisando n'uma a ingenuidade da donzella sensivel pelo coração, mas activa pelas idéas que lhe insinuaram na infancia; na outra a malicia artificiosa e a finura da comediante de sala, que sob as apparencias mais seductoras e distinctas, promove a intriga para realisar os seus intentos amorosos, ou para satisfazer ambições de fortuna. A *Baroneza de Vaubert*, na comedia, pretende tornar rico seu filho, e emprega todos os meios ao seu alcance, que são muitos, versada como é nos arteficios feme-

ninos e auxiliada pela practica que lhe dão os quarenta annos que já conta, pois deve ser esta a idade da baroneza.

A sr.ª Manuela Rei teve alguns momentos felizes, mas a nosso ver, não comprehendeu bem o papel, privando-o completamente da distincção que reclama e exaggerando as scenas de sentimento, que deviam ser mais reservadas, attendendo á posição da donzella e ao seu caracter orgulhoso, apesar de meigo e cheio de bondade.

A sr.ª Gertrudes fez uma intrigante vulgar, acceitavel n'um melodrama, mas deslocada na *Marqueza de Seiglière*. Na primeira noite pretendeu envelhecer-se para apresentar a *Baroneza de Vaubert*. Depois nas seguintes emendou-se, e a baroneza ficou convenientemente reproduzida.

No beneficio do actor Tasso deve subir á scena o drama de Jules Lecomte, o *Luxo*, que agradou deveras em Paris; mas que duvidamos tenha igual fortuna no theatro normal. A distribuição ha de prejudicar a peça como ha de acontecer a todas que se lhe seguirem e que dependam de uma atriz dramatica. Drama sem este elemento é impossivel, e o tempo justificará a censura que fizemos no theatro, e continuamos a fazer.

Professamos verdadeira estima pelo ex.ᵐᵒ commissario regio em quem reconhecemos a melhor boa fé e lisura; mas os actos, que, a conselho d'outros está praticando não podem merecer a nossa approvação. Custa realmente vêr que s. ex.ª preste de preferencia ouvidos, a quem ainda não fez senão compromettel-o, e comprometter a arte.

A questão do theatro normal é larga e o espaço falta-nos hoje. Reservamol-a para o seguinte numero.

É tempo de passarmos ás novidades lyricas.

S. Carlos deu-nos a *Favorita e o Macbeth*. Duas operas que fizeram fanatismo; dois enthusiasmos para os dillectantes, e dois triumphos para os artistas. Fraschini arrebatou na *Favorita*, m.ᵐᵉ Tedesco, reconquistou applausos que já tinha recebido n'esta opera. Os recursos do eximio tenor parece augmentarem sempre, as sympathias e os bravos crescem a cada nova revellação. Ainda não subio á scena uma opera que o publico não festejasse uma novidade no artista. Bartholini tambem colheu muitas e merecidas palmas.

No *Macbeth* a Lotti fez prodigios com a voz, e o publico attonito e maravilhado applaudio-a frenetica e estrepitosamente.

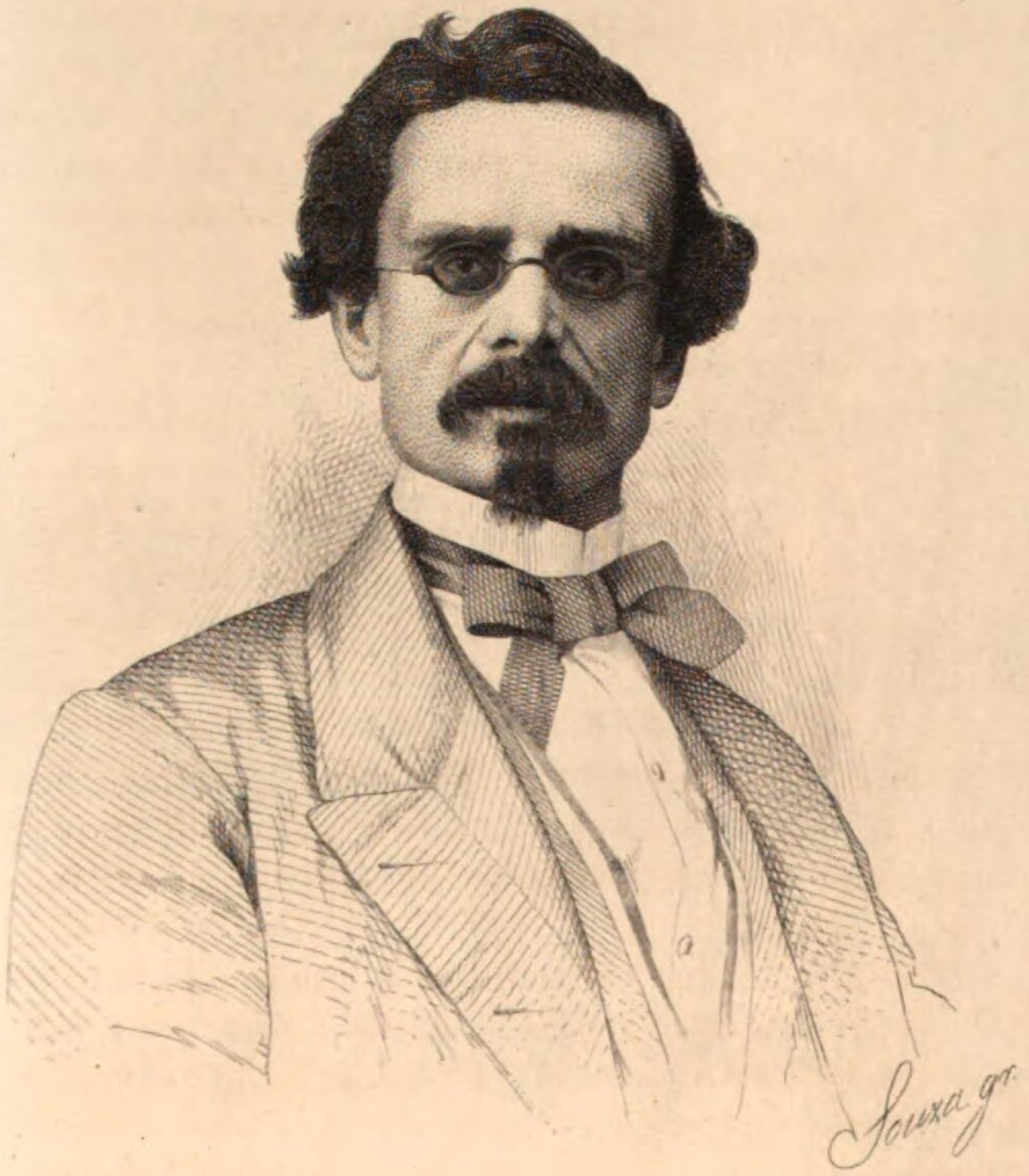
Finalizaremos a chronica com uma novidade dansante.

O clube deu o seu primeiro baile. A concorrencia foi limitada. S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando, S. A. o Sr. D. Infante D. Luiz e S. A. o Sr. Infante D. João realçaram e animaram o baile com as suas presenças.

Lá nos esquecia porém outra novidade.

Os candidatos. Esquecia-me d'elles como talvez os leitores se esqueçam de muitos. A novidade porém, está só no numero. São quasi todos os homens conhecidos, e metade dos desconhecidos. Isto é pelo menos. Mas não se admire o leitor que d'esta vez o candidato não significa uma aspiração politica; representa uma monomania social.

ERNESTO BIESTER.



José da Silva Mendes Leal, Jr.

Silencio est.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL-JUNIOR

I

No tempo em que se não estampava livro sem dedicatoria encomiastica, disse um critico sagaz, que era mais facil compôr um volume em folio, que escrever uma dedicatoria de pagina e meia!

E dava a rasão—que havendo-se apurado e sublimado por tal arte os modos de elogiar, em tão multiplicadas dedicatorias, julgava impossivel poderem-se escrever já d'aquelles panegyricos sem nota de repetição ou plagiato.

Isto que disse, no seculo passado, o encyclopedico benedictino hespanhol a respeito das dedicatorias, póde-se igualmente applicar ás biographias contemporaneas dos homens illustres.

Tão louvados e proclamados andam elles nas paginas das revistas e jornaes, que não ha mais dizer, salvo por outras palavras.

As parcimonias de Cornelio Nepote é que enriqueceram Plutarcho.

Mas se inquestionavelmente essa exuberancia tolhe os passos aos que vem depois dar tambem o seu laudo, que será de nós, tendo de collorir ainda mais, o retrato de um personagem cujo panegyrico se anda escrevendo ha vinte annos, a datar da representação do seu primeiro drama (OS DOIS RENEGADOS) em 1839, até á publicação do seu ultimo poema (O PAVILHÃO NEGRO) em 1859?

Se houvessemos de compendiar o que tem dito, principalmente sobre as obras poeticas e dramaticas de Mendes Leal, a imprensa portugueza e estrangeira, a analyse e louvor das obras primas do seu fecundo e inexhaurivel engenho, fôra muito mais acabada e sem suspeita, valeria bem mais que todos os esforços por nós agora empregados, para que o affecto e convivencia de tantos annos, não subornem a rectidão e a imparcialidade, por que só ellas fazem passar em julgado as sentenças da critica litteraria, e obter os accordãos da opinião publica.

Se os biographos tivessem, como hoje tem os photographos, um fiador tão idoneo e insuspeito, qual é o sol, para os retratos corporaes, escusadas estavam similhantes precauções e temores, porque então seriam véras as effigies intellectuaes. Em quanto o buril, o pincel e o lapis foram os unicos instrumentos de retratar, nunca a imagem do homem se espelhou ao natural. Assim será tambem em quanto a penna fôr o unico instrumento de biographar.

Tão para além dos presuppostos humanos vão indo os inventos d'este seculo, que até similhante prodigio nos póde vir a deparar!

E todavia, muitos de certo hão de preferir ao novo invento a actual maneira de biographar, por que, se nem todas as verdades se dizem, muito menos se devem pintar.

Façamos conta, porém, que esta interrupção jocoseria nos serviu para tomar o folego, e prosigamos.

Os prophetas da antiga lei, dividem-se na Sagrada Escriptura em menores e maiores. Estes ultimos são assim chamados, não por serem mais graduados ou mais sabedores, mas por terem escripto mais que os outros.

Tirando exemplo de tão augusta auctoridade, diremos que Mendes Leal é um dos prophetas maiores da actual geração litteraria de Portugal. É talvez o que tem escripto mais, e seguramente em mais variados ramos do saber humano. Colligidas já todas as suas obras, pertencem bibliologicamente á polygraphia.

A poesia lyrica, a tragedia, o drama, a comedia, o romance, a philologia, a critica, a eloquencia (academica e parlamentar), a historia, a biographia, as bellas-artes, a politica doutrinal e polemica, em todos estes assumptos se tem exercido a sua intelligencia, se tem revelado o seu talento, se têem gastado os melhores dias da sua mocidade, offuscado a luz dos seus olhos, debilitado o corpo, provado o animo nos revézes e privações; e isto durante vinte annos, sem descanço, sem interrupção, sem esmo-

recimento, sem queixumes, sem sollicitações... e por tanto com muita honra e pouco proveito.

Tal é o summario da vida publica e litteraria de Mendes Leal feito por quem nunca lhe mentiu nem o lisongeou, e que póde aqui dar testemunho de verdade, porque tem assistido a esse continuo laborar; admirado a sua constancia no trabalho quotidiano; reprehendido o esforço de escrever, dictando, quando a enfermidade o retem na cama; pasmado da sua applicação aos livros com tão pouca vista; emfim, de quem lhe sabe as noites veladas e os dias jejuados, sobretudo quando os vaivens da escandalosa politica miliante d'este nosso paiz, o deixaram só no posto de honra, onde combateu denodado, até que passado o perigo, voltaram então os que sem a sua penna teriam de todo perdido a representação politica. Alludimos á época em que Mendes Leal, tomou sobre si a direcção e redacção de um jornal politico que tanto se assignalou contra a revolução de 1851, tendo de transferir a sua residencia para a officina, donde por alguns mezes não saiu, dando as noites á redacção da folha, e os dias á composição de um romance historico dos tempos coloniaes de Pernambuco, que elle se tinha compromettido a escrever em tempo aprasado, para a sua publicação successiva n'uma das principaes folhas d'aquelle imperio.

O posto, entre os primeiros, que hoje tem Mendes Leal na milicia litteraria de Portugal, foi assim conquistado. Por todos os trabalhos, por todos os trances, por todos os riscos, sem exceptuar o da propria existencia, com os quaes se alcança a verdadeira gloria, tem passado o nosso auctor. Se muitos são já os triumphos, não poucas são tambem as cicatrizes. Nas phalanges de Minerva, como nas de Mavorte, ha muitos a quem a ventura tem cegamente laureado, sem que se lhes saiba de victoria, ou sequer de peleija onde ceifassem os loiros. Mendes Leal não deve nenhum d'estes dons á ventura. Pois não temos poucos d'esses «bemaventurados»!

Perfilado fica já o retrato intellectual que estamos collorindo. Passemos agora a debuxar-lhe as feições que caracterisam a sua physionomia.

Prescrevem as regras da ethopéa, côr com que os mestres da arte de escrever ensinam a fazer a pintura do espirito e coração do homem, que sobresaia, a todas as feições, o caracter moral do individuo, por ser esta a expressão, a vida do retrato.

O caracter distinctivo do talento, da inspiração de Mendes Leal, é a nacionalidade, não tanto pela linguagem como pelo assumpto das suas obras.

Não ha successo notavel em Portugal, durante as duas décadas que lhe abrangem a carreira litteraria, que na legenda não tenha inscripto o nome de Mendes Leal. Nos progressos, nas alegrias e nas magoas da patria, a sua musa é sempre interprete fiel do sentimento nacional. Se o reclamam as tarefas da civilisação do paiz ou o serviço publico, eil-o sempre tão prompto na vontade, como desvelado no desempenho.

Exemplifiquemol-o, para que se não haja por hyperbole.

Quiz o restaurador, ou antes o fundador do theatro nacional, aquelle peregrino engenho cuja saudade se nos aviva sempre que acertamos de o citar, o visconde de Almeida-Garrett, quiz elle que tambem nós tivessemos repertorio dramatico. Para lhe dar começo fintou-se a si proprio, e depois, com honrosos premios, convocou os talentos nacionaes a concorrerem tambem para aquelle acervo. Mendes Leal foi o primeiro concorrente e o primeiro premiado. O seu drama representou-se anonymamente, e a fama, que tinha de repetir as acclamações com que no theatro fôra victoriada a peça, lhe encetou a reputação com o cryptonymo de auctor dos *Dois Renegados*, pelo qual foi conhecido e citado por muito tempo, honra que só se confere aos auctores de obras notaveis, que por modestia ou por outros respeitos occultam o seu nome.

O estremecimento politico de 1836 acordou entre nós muitas vocações para as letras e sciencias. D'esse impulso nasceu uma associação de mancebos escholares, de Lisboa, que foi como que um seminario d'onde muitos sairam para as prelaturas scientificas, litterarias e politicas do paiz. Foi a «Sociedade Escholastico-Philomatica» a que pertenceram muitos que tem já exercido até os altos cargos da republica civil e litteraria. Mendes Leal, inscripto entre os fundadores, quando se conferiu a presidencia honorifica o visconde de Almeida-Garrett, foi eleito presidente effectivo, em substituição de outro mancebo[1] não menos assignalado depois nas letras, na sciencia que hoje professa, e na politica militante que, ainda mal! o ha de ferir com as boc-

[1] O dr. Thomaz de Carvalho, cujo saber, sagacidade e finura de espirito lhe promettem um grande nome na primaz das sciencias medicas, a anatomia, que lê de cadeira na escóla medico-cirurgica de Lisboa, quando, em vez de tractar e causticar o grangrenado corpo social ou politico da nação, volver de novo a escrutar ainda mais os arcanos do corpo humano. N'aquella faina andam mettidos muitos magarefes ; n'esta faculdade só são admittidos e tem sobresaido os grandes medicos. Mais honrados e gloriosos nomes tem na historia Vesale e Bichat, que Machiavel ou Mirabeau. Os fastos parlamentares não hão de ser traduzidos como os de Ovidio.

cas de fogo raiadas com que ella, entre nós, costuma metralhar os seus proprios cabos de guerra.

Instituido logo depois o conservatorio real da arte dramatica, consignou-se nos seus estatutos que nas sessões solemnes annuaes, se recitariam os elogios funebres dos socios fallecidos durante o anno. Mendes Leal foi um dos escolhidos para na primeira sessão fazer o elogio do conde Sabugal; e a par de homens taes como Almeida-Garrett, Alexandre Herculano, Antonio de Castilho, José Estevão e outros que tambem recitaram, foi que o auctor dos *Dois Renegados*, tendo apenas 18 annos, se estreou brilhantemente no estylo academico, começando aqui por exaltar a patria na pessoa dos homens de merito que a tinham glorificado.

N'um dos jornaes que mais luz e calor deu á litteratura e instrucção nacional, o «Panorama», plantou o sr. A. Herculano o romance historico. Boa e de benção era a mão do cultor, mas tambem a semente não podia ser de melhor arvore. Gigante briaréa podemos chamar a esta da nossa historia antiga, por que braceja ramos aos centos, e póde ser disfructada aos milheiros de pomos saborosissimos, como só os dá este liberal torrão, assoalhado e regado com tanto mimo da Providencia.

E todavia estava ainda virgem e intacta, em 1839, esta arvore secular mas vicejante, sorrindo e namorando-nos com tanta copia e matiz de flor e fructo! De certo que por ser gigante, só um homem das medidas de Alexandre Herculano lhe póde chegar com a mão, e mostrar aos seus conterraneos que taes pomos não eram vedados, como os d'aquell'outra arvore dos pomares do paraizo terreal que foi a nossa perdição.

Quebrado o encanto, e dado logo a gostar o fructo colhido, foi Mendes Leal o primeiro que acudiu ao reclamo e se estreou no romance historico, n'aquellas mesmas paginas, como todos sabemos, e depois se verá pela menção que d'elles havemos de fazer.

Assentada já a mão no romance historico, levantou-a depois o nosso auctor para preludiar no romance contemporaneo, mui ao de leve, os dois themas que precederam a «Estatua de Nabuco», verdadeiro typo do genero que elle fez nosso, e exemplificou.

Pagou a nação á arte dramatica uma divida que por seculos tivera em aberto, dando-lhe templo para o seu culto na praça de D. Pedro. Solemnisa-se a abertura como festa nacional; e a primeira peça que ali se representa é metrificada por Mendes Leal; foram d'elle as primeiras palavras que se declamaram no theatro de D. Maria II.

O monarcha infeliz mas valeroso, que tentou pelas armas restituir a liberdade e a independencia á Italia, vencido na desastrosa batalha de Novara, acolhe-se á terra hospitaleira de Portugal, e aqui expira com saudades da patria e da liberdade dos seus. Mendes Leal, com estro de Pindaro e em versos dignos de Camões, sublimou no «Ave Cesar!» o principe guerreiro, e foi o interprete saudoso do pêsame e lucto da nação portugueza pela morte de Carlos Alberto.

As côrtes de 1851 alargaram as franquias liberaes da nossa constituição politica, por um acto addiccional á Carta de 1826. Mendes Leal, deputado pela cidade de Beja n'essa legislatura, é eleito relator da commissão que o reviu e approvou, sustentando-o depois no debate perante a camara electiva.

O principe dos nossos poetas contemporaneos[1] offendeu-se da indifferença com que os poderes publicos haviam recebido a dadiva de maior valia que se póde fazer a um povo tão carecente de instrucção elementar, como o nosso, o philosophico e ainda mal comprehendido «Methodo Portuguez» para o ensino do ler e escrever. Mas na sua anciedade civilisadora, querendo fazer raiar, para claridade da ignorancia infantil, a luz que o seu genio lhe tinha accendido, transportou-se ao grande e crescente imperio americano, onde se falla a mesma lingua dos que fomos seus descobridores. Toda a imprensa lançou em rosto ao governo o vexame nacional, á ingratidão publica, de deixar ir peregrinando álem mar, em busca de ouvidos que o escutasse, o cantor das glorias patrias, o lapidario das joias de nossos avós, o apostolo da instrucção, Antonio Feliciano de Castilho, que é dizer tudo! A imprensa unanime, todos os cultores e homens de letras que lhe deram testimunho de saudade, e acompanharam de emboras e preces o baixel que o transportava ao novo mundo. A todos se avantajou Mendes Leal. N'uma ode affectuosamente melancholica, esforçou elle o angustiado poeta para tão

1 Fique intendido, que quando dissermos «o principe dos nossos poetas contemporaneos», nos referimos, sem lisonja nem affeição, ao sr. A. F. de Castilho. Os que dão este principado ao grande poeta Almeida-Garrett, commettem usurpação. Sciente ou inscientemente, pouco importa ao prejuizo de terceiro. Em vida d'aquelle altissimo engenho o escrevemos mais de uma vez, e nem sequer no gesto, que o tinha elle de muito expressiva, e de se deixar ler por dentro, nunca mostrou contestar esta preeminencia incontestavel. Antes era elle o primeiro a reconhecer, que em poesia, só o sr. Castilho lhe fazia sombra.

Folgamos de ter entre outros, o testimunho tão auctorisado como consciencioso do sr. cons. Viale dedicando com esta preeminencia, ao sr. Castilho, o «Bosquejo Metrico» da historia de Portugal, um dos poemas mais correctos e bem metrificados que hoje tem a lingua portugueza.

arriscada viagem, e protestou em vehementes e patrioticas estrophes, contra a affronta que á nação e ás letras se fazia n'aquelle, voluntario mas occasionado, exilio do principe dos poetas portuguezes do seculo actual.

Quando prouve a Deus trasladar do solio portuguez para a mansão dos justos, a nossa primeira rainha constitucional, ninguem patenteou melhor que Mendes Leal, n'uma elegia inspirada de sentimento e philosophia christã, a magoa que do coração acodiu aos olhos de todo o povo, em testimunho e homenagem insuspeita das virtudes excelsas de D. Maria II.

Quando o augusto soberano que nos rege e Deus guarde, subiu ao throno esmaltado por seus avós, o hymno com que os clarins marciaes acompanharam a continencia das bandeiras, e aquellas tão portuguezas vozes de acclamação, e tão d'alma então proferidas de «Real, Real, por D. Pedro V de Portugal!», foi escripto por Mendes Leal, em versos condignos do auspicioso reinado que se nos abria.

No seu continuo lidar, cançar e incitar para que levantemos a nação do torpor em que jaz, e a levemos, no que póde ser, a par das mais briosas e andejas, apontára o sr. A. F. de Castilho que para se popularisar a poesia, e termos, como quasi todos os povos civilisados, opera nacional, fôra bom tentame trazel-a á scena no metro e toada peninsular, o verso redondilho, tão asado e serviçal para a comedia na lyra de Gil Vicente. Mendes Leal, que tão de vontade acudíra aos conselhos e exemplos de Garrett para o drama, e de Herculano para o romance, não foi menos sollicito ao invite de Castilho,—elle o discipulo e amigo e collega dos tres maiores letrados do nosso tempo e da nossa terra. A «Herança do Chanceller» provou que Mendes Leal tinha pleiteado com Gil Vicente e egualado Breton de los Herreros.

Institue-se entre nós a censura dramatica, para fiscalisar as regras da arte, corrigir e manter a pureza da linguagem, depurar o gosto, extirpar os abusos e licenciosidades da scena. Mendes Leal é chamado para exercer esta importante e onerosa magistratura, na qualidade de presidente da commissão para esse exercicio nomeada por decreto real. Este encargo gratuito desempenhou elle como se fosse largamente retribuido, dando-se ao expontaneo trabalho de corrigir, e até reformar, muitas peças, para guia de principiantes, cerrando o primeiro anno d'estas funcções com um luminoso relatorio, onde se expunham todos os serviços que a commissão havia prestado á arte dramatica, e se propunham as providencias que era mister promulgar, para o progresso e proveito d'este ramo de litteratura e das artes sce-

nicas. O governo contentou-se de mandar publicar este interessante documento no diario official, sem que até agora haja adoptado nenhuma d'essas providencias, aconselhadas pela experiencia e saber de tão insigne dramaturgo!

Os desvarios do romantismo e do fabulismo da arte dramatica franceza, deram origem ao realismo, escóla novissima, que já vai resvalando tambem nos excessos do trivialismo. Uma das primeiras lições perniciosas d'essa nova escóla foi a «Dama das Camelias», e depois as «Mulheres de Marmore», traduzidas (sabe Deus como!) para o nosso theatro normal.

Era já de mais para nos envergonharmos de vêr, continuamente, a scena portugueza bugiando a franceza, e ser uma especie de museu pobrête, onde se não vêem se não más copias de bons quadros de auctor. Mendes Leal sentiu o vexame mais pela nação que por si; e com o famoso drama os «Homens de Marmore», remiu-nos da servidão franceza, fazendo nosso, e de gente nossa, o drama da actualidade.

Por esse tempo, e quando ainda resoavam os applausos que a cada representação d'esta peça recresciam, apagou-se um grande espirito, gelou-se um coração que nunca deixára de pulsar pela gloria da patria, perderam as nossas letras um prototypo admiravel, morreu o visconde de Almeida-Garrett! Todas as musas se enluctaram, mas só a de Mendes Leal soltou a voz plangente sobre a muda e attonita consternação publica, pagando, em versos de oiro, a divida nacional contraida com tão poderoso credor.

Quiz a academia real das sciencias preencher o logar que a morte lhe vagára com o obito de Garrett. Rasão era que o conferisse a successor não já digno se não dignissimo, e que ali representasse a litteratura dramatica, cujo restaurador e fautor se perdêra n'aquelle raro engenho. Mendes Leal foi o chamado á successão que lhe pertencia, por direito de conquista, e logo proclamado unanimemente, sob proposta de Alexandre Herculano, contraste que ainda deu maiores quilates á joia de entrada, que por tal se lhe recebêu, das mãos do grande historiador, o já referido poema dramatico, os «Homens de Marmore».

No anno seguinte, teve a academia de pagar o tributo panegyrico á memoria perduravel de J. B. de Almeida-Garrett; e o Plinio que para aquelle Trajano das letras patrias se preconisou e elegeu foi Mendes Leal.

As aguias francezas, avesadas pelo primeiro imperador á céva da rapina, cairam de chofre sobre as aguas do Tejo, onde ancorava *Charles et George*, para se alarem com esta presa que ha-

viam feito as quinas portuguezas, livrando do captiveiro e da escravatura, feita á sombra do pavilhão imperial, os miseros ethiopes, tão filhos de Adão, e redemidos por Christo como todos os homens que a Omnipotencia dividiu em differentes raças. Portugal que tinha já libertado os captivos, entregou as algemas ao carcereiro, para ainda mais o affrontar. Mas os avestruzes de hoje não digerem só ferro, como dos antigos se fabulou; por isso, com as algemas, nos levaram estes nas garras tambem alguns dobrões de oiro.

A violação dos tractados, o abuso da força, ignomonia da escravatura, o desdoiro da França, e a covardia de invadir um reino empobrecido e desarmado, tudo isto, com decorosa hombridade, lançou em rosto, ao moderno Cezar, a musa heroica de Mendes Leal, n'uma invectiva abrasada no amor da patria, que via abatida e menospresada.

Tal é o assumpto do «Pavilhão Negro», inspirado pelo mesmo sentimento que inflammou os raios de Demosthennes contra o invasor de Athenas, e acerbou a eloquencia de Cicero contra o espoliador da Sicilia.

A antiga academia real das sciencias de Lisboa, que tinha por instituto, como sua avoenga a de Paris, commemorar em elogio publico os socios fallecidos, não havia ainda pago esta divida á memoria do seu Rechilieu, do seu fundador, o Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança. E todavia tinha psalmeado louvores a muitas mumias resequidas que nunca houveram dado suco á arvore da sciencia. A academia actual, para reparar a ommissão, ou antes o aggravo, elegeu Mendes Leal para solver este debito de meio seculo. Na sessão real do anno passado, desempenhou cabalmente essa ardua missão este enexhaurivel fiador e principal pagador de dividas nacionaes.

Basta.

Por este rapido elencho dos principaes escriptos, em prosa e verso, de Mendes Leal, fóra os ineditos, fica pasmosamente demonstrada a nossa asserção, de que o seu caracter essencial a sua feição proeminente na litteratura portugueza, é a identificação com todos os successos e glorias nacionaes, para que elle tem contribuido, e que tem exaltado e propugnado constantemente.

Estamos tentados a dizer, que elle realisa, no seculo, o que faziam no claustro os antigos monges, mormente os benedictinos de S. Mauro, entre os quaes a obra de um era do commum, porque toda a gloria e lucros eram para a congregação, toda a honra era do convento. Boa parte, a melhor parte, das obras de Mendes Leal, com serem feitura d'elle, pertencem pelos intuitos

e pelos assumptos ao commum da nação; toda a gloria é d'ella, porque o auctor inspira-se do amor que lhe tem, da honra e fama que lhe tem zelado e accrescentado. A sua congregação é o seu paiz, a sua terra, o seu Portugal. Para elle tem trabalhado infatigavelmente, desde a escóla até á academia. Por elle tem feito sacrificio da mocidade, da vista, da saude. Por elle tem desfeito já grande parte da vida.

Aqui nos veio agora lancear o coração e entristecer o cuidado que nos dá uma existencia tão melindrosa, por compleição e fadiga, cortada incessantemente pelo trabalho, pela applicação do espirito, e sem o conforto de um porvir... que lhe dê repouso, para então se rever nas suas obras, e admirar, reverdecidas, as palmas e corôas que o nosso povo, que nacionaes e estrangeiros, que todos nós lhe temos dado.

E haverá patria que a um filho seu tão prestante, tendo d'elle, em tantos escriptos, um memorial não só de serviços mas de proesas, haverá acaso patria que não se apresse a esteiar uma vida de tanto preço, mas tão debilitada que não poderá, só com o arrimo do seu braço, deitar a longe?

Que nos perdôe o brioso poeta, trazermos para fóra do peito estas effusões de um animo que tão affectivo lhe foi sempre, que o ama e admira pelo seu grande engenho, e lhe dá o culto devido a um martyr do trabalho intellectual. Tantos annos de infrangivel amisade, muitos tambem de collaboração e de lides na imprensa, tão longa e boa convivencia, não podiam menos de gerar affectos tão profundos como os que sinto e manifesto.

Sirva, tambem, esta confissão, para nos grangear a benevolencia dos leitores, e nos darem repouso para encetar a segunda parte, por ventura a mais substancial d'esta biographia.

A. da Silva Tullio.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

(Continuação)

A poesia, que é a contemplação intuitiva da natureza, houvera feito consorcio egual e fecundissimo com a sciencia, que é a contemplação experimental do Universo. Mas eram-lhe adversos os costumes e os interesses de então.

O poeta decidiu-se, ou decidiram-n'o a seguir as faculdades positivas e a eleger d'entre ellas os sagrados Canones.

Quem ignora o que são os Canones, não póde achar a justa medida, porque avaliar o desaccordo entre o poeta e a sua escolha.

Se houvessem de enumerar-se n'uma escala graduada as sciencias e disciplinas, que mais ou menos se conciliam com a poesia. seriam os Canones desterrados sem appellação d'esta serie de doutrinas compativeis com o poeta.

O poeta é o futuro; os Canones são o passado: o poeta é a liberdade intolerante; os Canones são a auctoridade incontrastada; o poeta é o *eu* imperioso, que a si proprio se governa, excita e acalma as tempestades do coração com o poder magico do plectro; os Canones são o nivel, com que o baculo espiritual tira uma linha recta sobre todas as paixões; o poeta é a imaginação brincando com a duvida e com a fé, com o enthusiasmo e com a ironia, com a natureza e com o espirito, ora disciplinando a carne nos extases do mysticismo celestial, ora glorificando-a no sen-

sualismo idealisado dos seus jubilos terrestres; os Canones significam a submissão universal, o cilicio da carne e a penitencia dos mais deliciosos sentimentos; o poeta vê tudo azul ethereo; os Canones vestem de sacco a humanidade inteira; o poeta corôa-se de myrthos e de rosas e pronuncía apontando para o céo com quasi blasphema sublimidade o — *est Deus in nobis;* os Canones traçam cruzes de cinza na fronte dos peccadores e exclamam, apontando para a terra — *memento homo*; o poeta canta o amor, julgando-o uma divindade; os Canones abençoam-n'o para esfolhar de todo na corôa dos *Eros* profano as moribundas violetas da poesia sentimental.

E comtudo os Canones e a poesia são egualmente necessarios no mundo christão. A Henrique IV, que no lyrismo do amor perguntava á formosa Gabriella d'Estrée por onde se entrava para o seu perfumado camarim, respondeu a dama recatada que pela porta de uma igreja. Era uma mulher oppondo a prosa dos Canones á poesia de um rei. Tão zelosas observadoras das decretaes e dos concilios tem sido sempre as mulheres, que os teem por cidadella da sua congenita fraqueza.

Se a poesia alarga e enflora os campos, onde o amor adeja, os Canones limitam-n'as á sincera intimidade da vida conjugal; se a poesia fabríca os templos do amor em toda a amplidão do Universo, os Canones enfeitam-lhe as aras de grinaldas modestas na paz do lar domestico; se a poesia faz do amor um egoismo, fraudando tantas vezes as leis da providente natureza, os Canones, restaurando-as no palimpsesto dos poetas, fazem do amor o esteio da humanidade. Se a poesia cria os Werther e as Heloisas; os Canones fazem as boas mãis de familia e os honrados progenitores. Se a poesia faz amantes, que se suicidam, os Canones fazem esposos, que fundam morgados e dynastias. Assim é que a prosa ruim do decreto de Graciano vale bem o rhythmo cadente de Virgilio. O que não prova todavia que o nosso poeta Castilho andasse conforme com os seus gostos ao eleger a profissão de canonista.

Entrado a cursar o direito ecclesiastico, que desusados e prosaicos problemas lhe não irrompiam de chofre na florente imaginação! A infallibilidade do papa ou do concilio? A origem das annatas? O direito de investigadura? A auctoridade do cabido, *sede vocante?* Os impedimentos dirimentes? Os letigios *mixti fori?* E os casos reservados ao pontifice?

Não nos atrevemos a descrever o horror, com que o poeta saudaria logo nos primeiros dias os doutos, mas indigestos folios dos romanistas e glosadores, dos praxistas e regnicolas, turba grave

e austera de detestaveis prosistas, que por salvar os direitos do genero humano offenderam sem commiseração os direitos da boa latinidade.

Que pousada achariam tão de má vontade os miseros doutores de uma e outra jurisprudencia n'uma cabeça, aonde os dezaseis annos haviam inundado de poesia as mais secretas anfractuosidades de um cerebro enthusiasta! Que humilhações não haviam de soffrer com animo resignado os Accursios e os Cujacios com as suas togas negras e modestas n'aquelle tempo vivo, onde as musas já despoticamente dominavam! Que visagens de mau humor não faria o velho e festival Horacio, de dentro da cabeça do poeta, ao ouvir o texto das doze taboas, commentado por um romano da Beira-alta ou do Alto Minho, assentado na cathedra universitaria, ou escutando um capitulo das extravagantes de João XXII n'um latim de mais que patavina rusticidade!

Apesar de todas estas contradicções, Castilho foi tão exemplar canonista como póde sel-o um poeta verdadeiro. Succumbiram o Tasso e o Ariosto á prosa casuistica das Pandectas. Castilho fez mais do que elles. A sua musa casta e virginal soube conservar-se intemerata na propria convivencia de tão prosaica sociedade.

Mais de uma vez esteve a musa, travessa como era, a arriscar-lhe a reputação de bom e diligente jurisconsulto, com as suas litterarias *coquèterias*. Andava elle estudando, se me não engano, direito natural com o professor Camello Fortes, que ainda alcançou os nossos dias, quando uma vez succedeu cair uma sabbatina sobre um assumpto de muita controversia. Havia no livro de Martini, que era o texto das lições, uma nota do mestre Fortuna sobre coisas de feitiçaria. Estavam reunidos em volta de uma mesa, n'um d'aquelles serões escolasticos de Coimbra, uns tantos estudantes, os quaes com o nosso poeta se haviam congregado para mais facilmente se apparelharem para aquelle academico certame. A nota foi o thema de largas digressões. Mais surria a nota, e o assumpto, de si naturalmente poetico, ás ousadas imaginações dos estudantes, do que todo o latim eruditissimo dos trechos, em que racaia a sabbatina.

Era a hora propria para espraiar a phantasia pela região dos espiritos. Cada um dos juvenís contubernaes se julgou um doutor Fausto, buscando na conversação das potencias invisiveis o segredo impenetravel do homem e da natureza. Contaram-se historias de bruxas e de coisas-más, como se fosse n'um circulo de estudantes em redor da banca de pinho de uma estalagem allemã em Giessen ou Heidelberg. Os contos de Hoffmann, e de Arnim

as historias lugubres, com que Henri Heyne exemplifica no seu livro de *l'Allemagne* as lendas supersticiosas da nebulosa Germania, seriam porventura idyllios côr de rosa ao pé d'aquellas narrativas, cujos heroes eram espectros pavorosos, e onde as feiticeiras convocadas pára um *sabbado* infernal voavam sobre o dorso dos morcegos até á côrte de Satanaz. Corriam as horas no temeroso dialogar. Cada um dos estudantes fôra o editor dos contos com que o emballára em pequeno uma velha familiar, graduada em historias supersticiosas. Despediu-se a sociedade, e eruditissimos na sciencia das bruxas conheceram, já tarde, os estudantes que volviam para casa ignorantes de Martini e de direito natural.

Ao dia seguinte abre-se a aula. Comparece o austero cathedratico. Tira o bedel arguentes e defendentes. Entre estes cae a sorte em Castilho. Trava-se o debate com todo o encarniçamento da dialectica subtil. Do alto da cadeira o professor Camello Fortes desfructava as delicias impagaveis d'esta nova especie de circenses, que arremettiam uns a outros com um chuveiro de distincções e syllogismos. Camello Fortes distinguia tudo. Era um juris-perito da velha escóla. Toca a l'arma nos arraiaes de Castilho. Cabe-lhe a sua vez de entrar em liça. Das theses, que pendiam na controversia, não sabia quasi nada. Investe com elle o arguente, de que não ficou memoria. Aperta-o n'um cilicio de logica cerrada. Dispara-lhe uma saraiva de textos, capazes de deixar perplexo o proprio Puffendorfio. Não havia salvação possivel. Do fundo da aula animava a peleja o doutor Camello, surrindo complacente aos estratagemas do arguente embravecido. Era o Cezar da jurisprudencia presenceando de um monticulo a cargo dos seus cavalleiros n'uma Pharsalia de distincções. Lembra-lhe a Castilho as bruxas da vespera e a nota do Fortuna. Recorre ás feitiçarias, que era o caso harto desesperado para invocações sobrenaturaes. Arrebata a palavra ao seu contrario e n'uma larga dissertação, imaginosa, como o demandava o assumpto, enriquecida com toda a erudição, que aprendera em Thiers no *Tractado das Superstições*, commette e leva a cabo a propria apologia das bruxas, admiradas de terem por caussidico um tão florente e correcto defensor.

Não lhe prescreveram os canones que de todo deixasse por satisfazer a curiosidade e o amor, que sempre o haviam para a natureza convidado. Ás lições de historia natural assistiu, sob o magisterio do doutor Manoel José Barjona, ornamento da faculdade philosophica, auctor das *Taboas mineralogicas*, em que a mineralogia werneriana, já hoje antiquada e imperfeitissima, achou em lingua portugueza um methodico, senão inventivo introdu-

ctor. A chimica ouviu ler ao doutor Franco, que então, na faculdade a professava. E de uma e outra sciencia tomou o que era bastante para não incorrer, como tantos seus irmãos em Apollo, na tacha de ignorante no alphabeto e cartilha da natureza.

Aos romancistas e doutores é bem de crer quanto haviam de anteceder na predilecção do nosso poeta, as musas, com que desde menino se comprazia. O estro, que madrugára em Lisboa, ía agora em Coimbra, terra de vates e de amores, ousando mais correctas melodias. Hoje ha entre a juventude universitaria, e a das outras escólas de Portugal, duas vocações, ou antes um demonio e um anjo bom, que tiram pela capa aos escolares, e lhes enchem os ocios da sciencia: são a politica e a litteratura. Tem uma e outra encantos e seducções. Ás mãos cheias acenam corôas e triumphos. Figura-se o alumno, nas suas illusões da adolescencia, umas vezes Lamartine, outras Roberto Peel. A imprensa, esta feira colossal onde se vendem todas as esperanças da vida, esta officina mentirosa, onde se doiram todos os futuros, está como um circo immenso convocando a si todos os luctadores do entendimento. O artigo, o folhetim, a poesia solta devoram a imaginação dos estudantes. A politica é uma cortezã, que promette os seus encantos como premio á ousadia, é a Aspasia moderna, que circunda o seu triclinio de todos os escravos da ambição, e embalsama o seu maculado camarim com o perfume de todos os talentos. Entre a mediocridade e o nada, entre o genio e a gloria, medeia sempre esta suprema dominadora, estendendo a mão, como Charonte, á drachma dos que sonham o Elysio, e pagando-lhes com a corôa ephemera, por fóra illusões e loiros de theatro, e por dentro espinhos e remordimentos de consciencia.

Não havia por 1818 grandes politicos na academia. Faltava a imprensa, a tribuna, ou em logar d'ellas a tradição revolucionaria, que as suppre e tantas vezes exaggera. Não era a universidade como são hoje, como tem sido n'este seculo as universidades allemãs, a obra avançada do espirito democratico. O tempo não consentia manifestações de liberdade. Desde a revolução franceza lavrára sempre em Portugal o incendio revolucionario, mas ía minando o travejamento do edificio social, sem que nem de leve se descobrisse na frontaria o menor indicio da chamma, que o roia. Havia mais patriotas que democratas, mais philosophos, que publicistas, antes legatarios da herança de Voltaire, do que herdeiros de Danton e Robespierre. A Encyclopedia tinha achado mais discipulos, do que partidarios a constituição republicana. As ironias de Voltaire, os idyllios sociaes do genebrez, haviam creado

mais proselytos do que as sangrentas prégações da guilhotina. Havia muito quem abolisse o christianismo, raros eram então os que arremettessem contra o throno. Pedia-se a abdicação de Deus diante da rasão, ninguem ousava sonhar a queda da monarchia diante da liberdade. Os cortezãos da realeza levantavam-se arrogantes contra a divindade, e o joelho, que se dobrava nos degraus do solio, recusava, se podia, em nome da magestade humana, a homenagem devida á magestade do sacrario.

Não havia nos professores exemplo nem incitamento a pensamentos liberaes. Como todas as aristocracias, a universidade estremecia diante da innovação. O privilegio escondia nas dobras do seu capello, como sobre a toga do magistrado, sob a farda verde do capitão mór, sob a casaca vermelha do alto dignatario o odio entranhavel ás revoluções. Os pagãos d'aquelle tempo tinham defesos e recatados os seus templos gentilicos. Os republicanos de Tacito tinham o seu fôro nas suas livrarias, e os seus comicios nos intimos colloquios dos amigos. Os *espiritos-fortes* vingavam-se da communhão, beatamente recebida, com a leitura de Helvetius e de Holbach. Os leitores enthusiastas do *Contracto social* registavam cuidadosamente na Torre do Tombo as suas cartas de nobreza, e maldiziam a volubilidade da fortuna, que situára a côrte a duas mil leguas de distancia, roubando aos philosophos de gabinete a honra de sellarem a sua fidelidade á dynastia com o osculo reverente na mão adyposa do soberano.

A universidade era grave, séria, melancholica e ordeira, como a douta Minerva, que em vulto de marmore medianamente cinzelado, estava postada, sentinella da sciencia, no cimo da escada da livraria. Quem lhe trocasse a lança pelo chuço proverbial das velhas ordenanças, em vez do elmo lhe enlaçasse uma xumberga de canudos á Pombal, teria feito da Pallas conimbricense uma especie de centauro academico, um ente meio-verdeal e meio-doutor, e contemplaria na gravidade comica d'esta imagem o symbolo acabado do que era por aquelles tempos a vetusta academia.

A politica de então resumia-se publicamente em duas questões, ambas de orgulho; orgulho de nação contra os inglezes, que a tinham quasi por colonia; orgulho de metropole contra a colonia, que se levantára quasi com o senhorio, dando a côrte ao rei foragido e indolente. Lord Beresford a governar em Lisboa, e a côrte a governar no Rio de Janeiro, eram as duas pedras de escandalo para os portuguezes de boa lei. Liberdade era então o contraposto de dominação britannica. Por esta liberdade puramente aristocratica se conspirava. Por ella caía martyr Gomes Freire, por ella ía lavrando no exercito e no seio das classes pri-



Annunciação Pint. e Grav. *Silencio estamp.*

vilegiadas o fermento da impaciencia, ao depois convertida em rebellião.

O povo ainda hoje surge a custo debaixo dos escombros da revolução. É ainda hoje um esboço. Era n'aquelle tempo um germen. Sómente ás classes privilegiadas era dado pensar negocios publicos. Mas não são os privilegios, que chamam contra si a revolução e applaudem com abnegação a liberdade.

Os liberaes d'aquelle tempo eram quasi todos homens de saber. O interesse porém tornava-os precatados e abstemios nos seus dithyrambos democraticos. A inquisição era decerto um visinho impertinente, mas o desembargo do paço era uma invenção admiravel para as ambições dos moços jurisconsultos, e as prebendas e prelaturas, onde a pobreza apostolica fugia diante da opulencia das mitras e dos cabidos, era um sonho doirado para theologos juvenís. A França antes dos dias da revolução conhecêra egualmente d'estes Spartacus elegantes, que apregoavam em salões explendidos a egualdade das condições, e d'estes Senecas sybaritas, que escreviam como o philosopho de Roma, o *Desprezo das riquezas*, n'uma poltrona de terciopelo e com um tinteiro legitimo de Sèvres.

O pae do nosso poeta, o Dr. José Feliciano de Castilho, era sem duvida liberal de coração e philosopho de espirito; que sempre philosophia e liberdade andaram sorrindo a medicos e naturalistas. Mas em tempo, em que rareavam os tribunos, não queria o Dr. Castilho sacrificar a um sonho a propria felicidade, a paz domestica, e o accrescentamento de seus filhos, a quem nas apparencias da austeridade, queria e amava com a mais entranhavel affeição. Seguiram-lhe os filhos a esteira, ajudados do pouco incentivo, que para coisas politicas havia por então entre a mocidade estudiosa. Liberaes eram já, e quem o não é, ou foi, escolar e poeta, no primeiro florir da adolescencia? — liberaes mas não sectarios. Um homem, que aos dezoito annos não protesta sinceramente contra a dominação de um só, não é um homem, é um monstro, em que a natureza se envergonha das feições, que lhe imprimio. O proprio Nero poetisa n'aquelles annos a sombra fugitiva da republica, que esvoaça no senado acossada pelos sicarios dos Césares. N'aquella edade de oiro, o mesmo Napoleão scisma, por horas de melancholia nos ocios de Brienne, a magestade da antiga democracia, e elle — o que mais fundo bebeu na taça das vaidades — condemna a gloria como um sacrilegio, quando a espada, que lhe ceifa os loiros, destroe do mesmo golpe o choupo da liberdade.

(Continua) LATINO COELHO.

QUARTO CASAMENTO

I

Agora me occorre o episodio de um peralta portuense de mais moderna data.

Manoel Antunes de Roboredo nasceu, ha quarenta annos, no seu solar, avoengueiro em Roboredo, povoação do Minho nos suburbios de Guimarães.

Entre os mais egregios nomes dos primordiaes navegantes e descobridores portuguezes, figura o do fundador do vinculo de Santa Olaya de Roboredo, de que é actual administrador Manoel Antunes.

Este vinculo rendia, em anno prospero de pão e vinho, seiscentos mil réis, quando o fidalgo minhoto, superadas as difficuldades intellectuaes de uma formatura em direito, mudou a sua residencia para o Porto.

O programma, que o bacharel debuxára na téla da imaginação vesga, era casar rico, dotando-se com as qualidades de sua pessoa, e com as qualidades de seus vinte e dois avós conhecidos. A menina, que houvesse de matrimoniar-se com o morgado de Roboredo, casava pelo menos com dez gerações, que o limar dos seculos viera adelgaçando até á pessoa do marido seu d'ella.

Os dons pessoaes do sr. Roboredo eram sobremodo avêssos ao prospecto que o amor-proprio, desleal conselheiro, lhe inspirára.

A analyse extrinseca do homem dá que o morgado era creatura raza e plebea até á repulsão. A natureza, que marca os homens pela altura, estacionou, aos trese annos, em Manoel Antunes, se é que por uma de suas brincadeiras, a que a nomenclatura pathologica chama aber-

rações, não quiz antes encurtal-o progressivamente entalando-lhe entre as omoplatas uma cabeça colossal e espherica.

Deixemos crescer a cabeça de Manoel Antunes, e procuremos uma creatura sympatica e amoravel, a vêr se o estylo se amenisa, e a bemquerença do leitor se merece.

N'uma aldeia do Alto-Minho vivia Angela, filha de Maria. Maria nascêra de lavradores remediados, que a lançaram de si, quando a filha culpada accusou com lagrimas os signaes da maternidade a sua mãe. Espancada e expulsa, pediu soccorro ao pae de Angela. Este era um fidalgo, enfastiado de aventuras analogas áquella. Mandou ao mórdomo abrir no orçamento uma verba de despeza para Maria, passada desde logo á grande classe inactiva.

A esmola era pequena e paga com atrazos e reducções. Maria trabalhava em costura, e ensinava as filhas dos lavradores visinhos para se remediar.

Angela, orçando pelos quinze annos, viçou em graças de corpo á competencia com as da alma. Tinha bellos olhos negros; mas a bondade do coração, que se espelhava n'elles, realçava-lhe o encanto e a poesia melancolica da innocencia infeliz. Apesar do descuido em que trazia seus dons ignorados, não tinha Angela que invejar ás mais brancas e mimosas cutis que, nas cidades, se resguardam dos ares molestos; mais linda era, porém, que todas, quando o escarlate do pejo lhe retingia o rosto. Então logo se via que era do sangue alvoraçado o córar de Angela, porque ha um córar mechanico, coisa muito engenhosa, a que talvez deva chamar-se «*talento de córar*» e que serve para encobrir as desgraças da alma, á similhança do carmim as do rosto.

Acaso a vira n'essa idade o pae, volvendo de viajar alguns annos. Gostou de vêl-a assim bonita; liberalisou-lhe algumas palavras affectuosas, e dinheiro para se vestir com mais acceio. Não foi de certo o amor paternal que o instigou áquella dadiva; seria antes a vaidade do artista que se orgulha da sua obra, sem que o coração quinhõe d'esses enthusiasmos.

Maria, enganada pelo insolito favor, animou-se a ensinar a filha a pedir ao fidalgo um dote, ou alimentos certos para entrar com sua mãe n'um recolhimento. O morgado prometteu uma das duas coisas, e morreu mezes depois sem cumprir alguma.

Apossaram-se de tudo os successores do vinculo, e olharam impassiveis a filha natural que fora ajoelhar ao pé da eça de seu pae.

Este nobre porte de Angela, que não herdára um farrapo do fidalgo, sensibilisou uma prima de seu pae. Apoz o sentimento, veiu a vaidade de se fazer louvada por uma acção apparentemente generosa, e logo chamar para si a filha natural de seu defunto primo.

Era de Guimarães a sr.ª D. Thomazia de Noronha. Ao primeiro chamamento, Angela perguntou se sua velha e pobre mãe havia de ir com ella. Respondeu a fidalga com rasões negativas. Angela agradeceu o beneficio, reservando o acceital-o, quando sua mãe compartisse da esmóla. Esta humilde e respeitosa recusa, pareceu excitar a mais a caridade da sr.ª D. Thomazia. Maria foi chamada com a filha. Ainda assim, oscillaram longo tempo na partida, pretextando doenças. É que as não deixava saír a saudade da casinha em que dezeseis annos tinham vivido no amor, na pobreza, ás vezes na penuria, na oração, na esperança e nos desenganos, recebidos com lagrimas, mas lagrimas sem o desesperar e o blasphemar d'aquelles que a um tempo negam Deus e o accusam de injusto.

A mãe de Angela, sacrificando ao melhor porvir de sua filha a socegada pobreza a que se affizera, cerrou os ouvidos da alma ao vaticinio de voz intima que a magoava, e foi para Guimarães vertendo na soleira da porta da sua casinha as mais sentidas lagrimas que ahi choràra em dezasete annos. Invejavam-lhe o destino as visinhas que a viam carpir-se, julgando-a louca por deixar chorando uma casa terrea, desaconchegada, onde algumas vezes se não fazia lume, ao passo que as estava esperando um palacio, mesa farta, divertimentos, e occasião de pagarem com mãos largas os favores que tinham recebido d'ellas visinhas.

Recebidas em Guimarães na casa da philantropica senhora (*philantropica* chamou o jornal da terra no dia seguinte ao da recepção á sr.ª D. Thomazia de Noronha), deram graças a Deus. Angela fôra acolhida pela prima de seu pae, e filhas d'esta com algum agrado; Maria porém, achára um ar de glacial indifferença, se não desprezo. A pobre velha acceitava contente esse desprezo, vendo que sua filha era tratada d'outro semblante.

Cá nos vem outra vez aprosar a historiasinha o sr. Manoel Antunes Roboredo. Era este primo tambem das sr.ªs Noronhas, e visita frequente, durante a sua residencia no solar, onde passava o verão.

Quizera D. Thomazia cazal-o com uma de suas filhas, feias meninas, e estupidas, mais que o toleravel ainda nas galantes. Além de feias, e estupidas, eram pobres, por que havia varão na casa, e os bens livres repartidos não davam seiscentos mil réis para cada uma das quatro senhoras. Com astuciosas evasivas desvanecêra o morgado o projecto de casamento, a que elle n'outro tempo accedêra; mas o despeito lá ficou no peito da velha, e mais ainda no da filha, que, desde os quatorze annos, se enfeitava para esposa do primo Manoel, e se via aos vinte e cinco, solteira, perdido já aquelle viço juvenil, que neutralisa a fealdade.

Estavam cortadas as relações de Manoel Antunes com as sr.as Noronhas, quando eventualmente as encontrou com Angela. Venceu a curiosidade, o pejo e a repugnancia. O morgado visitou suas primas, deu e ouviu explicações, fez reviver as mortas esperanças, e reatou o fio da assiduidade nas visitas.

Que feia verdade eu tenho de dizer!... Vá, porque é verdade. Era Manoel Antunes, com a sua masmarra cabeça, um homem perigoso para Angela, que nunca víra ao pé de si outro que se lhe avantajasse em urbanidade, delicadeza, e bons modos. A familiaridade com que o recebiam, a franqueza provinciana com que era acceito ás sr.as Noronhas, desvaneceram o natural assustadiço de uma rapariga, vinda do campo, e só acostumada ao tracto grosseiro dos seus eguaes, ou ás amabilidades lorpas e attrevidas de algum estudante de clerigo que vinha de Braga a ferias.

Angela, no entender de suas primas, era uma pobre idiota, que fazia rir com a sua innocencia. Aquella, ouvindo fallar as meninas, dizia em segredo a sua mãe que ellas não pareciam educadas n'uma cidade. Não obstante, na presença do morgado, cujos olhos se não desfitavam d'ella, Angela era desafiada pelas meninas a conversar sobre assumptos de coração. Estabeleciam-se theses de amor, muito de industria trazidas para zombaria de Angela. Riam-se todos da candura da moça, e Manoel Antunes, para não tornar-se suspeito por sua seriedade, ria-se tambem contrafeito.

Se aos espertos e amestrados espiritos é impossivel, com artefício e calculo, esconder o coração que todo se denuncia nos olhos e confessa nas palavras, mal poderia Manoel Antunes, asselvajado de sua natureza, esconder ás vistas velhacas de D. Thomazia o seu amor a Angela.

Apenas a presumptiva noiva, avisada pela mãe, deu fé da deslealdade do primo Manoel, rebentou de subito a conjuração contra a rapariga.

Viu ella em todas as physionomias o aborrecimento e a zanga, e em todas as palavras remoques e insultos. Queixou-se á mãe, e esta, estranha á causa de tamanha mudança, recommendava paciencia a Angela, e pedia-lhe que trabalhasse com as creadas para ganhar a amisade das senhoras. Nem o trabalho, nem a humildade conseguiam abrandar os despresos das fidalgas.

Maria procurou uma vez D. Thomazia, e fallou esta linguagem, que tirava das lagrimas toda a sua eloquencia:

«Minha senhora, eu e minha filha estamos sendo pesadas n'esta casa. Viemos ha tres mezes da nossa cabana, e todos os dias choramos por ella...

—Choram?!—atalhou colerica D. Thomazia—isso bom remedio tem: é tornarem para lá, que não deixam saudades.

«É o que faremos, se Deus quizer, minha senhora; mas antes de sairmos, vinha eu, se não offendo a v. ex.ª, perguntar que mal fizemos, eu e minha filha, para merecer o desprezo d'esta familia que nos recebeu com tanta caridade.

—Se o quer saber, saiba que a sua filha tem pouco miôlo, percebe? —redarguiu a fidalga bracejando e tregeitando os mais plebeus ademanes.—Lá por que se viu no meio de senhoras, entendeu que o era, e entrou a bacharellar como as minhas filhas. Viu aqui meu primo morgado do Roboredo, e entrou-lhe na cabeça a toleima de o namoriscar. Forte pancada!

«Será isso aleive, minha senhora?—disse Gertrudes erguendo as mãos sobre o seio.

—Não me desminta!—bradou D. Thomazia.—Meu primo anda doido por ella. Ha tres dias que não vem a esta casa, porque sua filha deixou de apparecer-lhe.

«Mas, se assim é, bem póde ser que a minha Angela não tenha culpa... Os homens tem lá as suas idéas, e uma rapariga não deve perder só porque cahiu em graça d'elles.

—Vocemecê é uma pobre creatura que não sabe nada do mundo, senhora Maria—tornou D. Thomazia sorrindo em ar de mofa.—Se quer vêl-a confessar sem o querer, chame-a, e pergunte-lh'o.

«Pois sim, minha senhora, eu vou chamal-a, e Deus me ajude.

Foi Maria ao quarto de Angela e disse-lhe:

«Vem comigo.

Entraram na sala, onde a fidalga, recostada n'uma othomana, cruzando os braços sobre os impinados seios, bamboava uma perna.

«Ella aqui está;—disse Maria—v. ex.ª pergunte-lhe o que quizer, porque eu não tomei bem sentido no que me disse.

—Disse-lhe—interrompeu com vehemencia D. Thomazia—que sua filha, esquecida da humanidade e modestia com que devia receber e agradecer a esmola de consideração que lhe dei e minhas filhas, ousou acceitar a côrte do primo Roboredo.

Angela ergueu os olhos do chão, e fitou-os, embaciados de lagrimas, nos olhos interrogadores de sua mãe.

«Que respondes, filha?

—Que hei de eu responder, minha mãe!! A senhora D. Thomazia está enganada—disse Angela com angelica brandura.

«Estou enganada?! Enganada está a menina. Cuidou que vinha lograr-me lá da aldeia?! Talvez não saiba o que é *acceitar a côrte!?*

«Não sei, minha senhora.

—Que lhe tem dito meu primo?

«O que v. ex.ª e mais as meninas tem ouvido.

—E não lhe escreveu?

«Escreveu, sim, minha senhora.

—Vê, sr.ª Maria?!—exclamou D. Thomazia, erguendo-se de um salto.—Vê como ella confessa? Quer agora a coisa mais clara?

«Pois esse senhor escreveu-te, Angela?!—disse Maria palida e convulsa.

—Escreveu, sim, mãe.

«O mariola! o patife! o seductor!—bradou D. Thomazia.—Que lhe diz elle na carta, menina?

—Não sei, minha senhora. A carta, que me foi dada ha meia hora, não a abri ainda. Ella aqui está; póde v. ex.ª lêl-a. A minha tenção era mandar-lh'a fechada logo que tivesse por quem; mas, se a sr.ª D. Thomazia quer lêr, leia.

D. Thomazia ficou enleada. A brandura de Angela, offerecendo-lhe a carta, era já como um castigo. Já mais indignada contra o primo que contra Angela, tomou a carta com bom modo, e disse:

«Eu responderei ao tratante, a menina não tem culpa.

II

Não podémos obter copia authentica da carta de Manoel Antunes. Apenas, se a memoria nos é fiel, podemos eternisar algumas phrases que infureceram D. Thomazia de Noronha. São as seguintes:

Minha prima Thomazia é uma fidalga com menos intelligencia que a cosinheira Gertrudes... As priminhas só são uteis ao genero humano quando lançam os ovos ás gallinhas chocas... Angela, no meio d'esta familia lorpa, parece um brilhante engastado n'um annel de cuquilho... A prima Amelia que a mãe velhaca me queria empurrar á força de caretas amaveis, é feia como a parca mais feia, e abominavel como um dia de inverno em Guimarães... Eu medito, noite e dia, em arrancar o anjo celestial ao contacto das minhas infernaes priminhas... etc.

Ha uma certa originalidade n'este dizer de Manoel Antunes. Temos pena de não possuir completa essa carta que D. Thomazia mostrava com estupida sinceridade, e com que muita gente morreu de riso.

Lendo a carta em presença das filhas, chamou Angela e Maria para lhes dizer que não podiam continuar em sua casa a serem motivo para que um degenerado parente insultasse as donas d'ella. Maria respondeu, chorando, que tornariam a ganhar o pão de cada dia, com paz e honra. D. Thomazia replicou que, á vista da carta, Angela não tinha mais que acceitar o amor de Manoel Antunes, e passaria de moça pobre a ser, senão rica, ao menos uma digna morgada de Roboredo.

A isto, romperam todas as meninas n'uma gargalhada alvar. Angela fez-se escarlate de raiva. Maria encolhendo os hombros como

quem diz «soffRamos com paciencia,» saiu e mais a filha da presença das senhoras, que se ficaram deliciando longo tempo no dito zombeteiro de sua mãe.

N'esse mesmo dia, as duas creaturas, com semblante alegre, e a pequena bagagem que haviam trazido tres mezes antes para Guimarães, caminhavam para a sua casinha, quando Manoel Antunes lhes sahiu ao encontro, dizendo-lhes que esperasssem as cavalgaduras que elle mandára ali trazer para as conduzir. Maria rejeitou o favor sem altivez, e Angela queria em seu coração acceital-o. O morgado adevinhou que a mãe de Angela sabia da carta, e voltou admirado do senhoril caracter da mulher do campo.

Ora, Angela era em verdade uma creatura para se amar. Que ar tão engraçado sem presumpção, que frescura de pele, que olhos tão fagueiros, que bonitesa tão da primavera da vida em que as flores d'alma emprestam ás do corpo os seus perfumes!

E quem dirá que no espirito de Antunes havia moldura de poesia onde se enquadrassem as ideaes imagens que alindavam, á mingua de enfeites da arte, o natural mimoso de Angela! Pois havia, e era homem aquelle desalinhado Manoel Antunes para amar, e apaixonar-se, para esquecer-se do seu programma de casar rico, e doidejar como os espiritos altaneiros que levantam um padrão de amor sobre as ruinas dos interesses mais caros e positivos da vida sublunar.

Cuidam, por tanto, que o morgado de Roboredo casou com Angela? Bom seria isso para regalo das almas poeticas e generosas, e edificação dos meus nobres amigos acorrentados ao calcanhar de uma velha, cotada em cincoenta contos na praça; mas assim acabava aqui o conto, e os olhos do leitor ficavam enchutos, e a verdade da historia era immolada a um sorriso da sã moral.

Vamos entrar n'uma pagina em que o leitor se ha de espantar da economia de epythetos vingadores que eu, para eterna memoria, adscrevo a Manoel Antunes.

Angela não mostrou a sua mãe a segunda carta que recebeu, nem a dadiva que, mui delicadamente offerecida, acompanhava a terceira carta. Era dinheiro. Angela devolveu-o, dizendo com infantil simplicidade que o acceitaria, quando o seu trabalho não podesse bastar á sustentação de sua mãe enferma.

O ensejo condiccional chegou, quando a providencia parecia adormecida. Maria adoeceu; com a enfermidade entrou a fome: o pouco da casa não valia seis visitas do cirurgião. Tudo se vendeu ao cabo de dois mezes de enfermidade e desamparo; tudo, menos a honra.

Manoel Antunes passava um dia á porta de Angela: ouviu o grito convulsivo da desesperação, e viu sairem e entrarem mulheres enxugando com os aventaes as lagrimas. Maria tinha morrido, e as visi-

nhas combinavam o repartirem entre si os encargos da sepultura. O morgado entrou no sobrado de Angela, chamou-a com palavras de reanimadora compaixão, e quiz desabraçal-a do cadaver da mãe. O corpo inerte obedeceu; mas o espirito fôra de certo acompanhar o de Maria até ás portas da bemaventurança, e voltou.

Voltou, para se vêr em face de um homem que lhe dizia: «Deixa esta pobre casa, e vem para onde te esperam dias de contentamento.»

Angela comprehendeu que estava perdida no conceito d'aquelle homem, e viu o mundo a um clarão do inferno. Quem acabou de lhe arrancar a venda da innocencia, foi, estando ainda sua mãe quente na sepultura, uma amiga d'esta que lhe pintava, industriada pelo morgado, as vantagens do viver que elle queria dar-lhe.

Estava Angela uma noite de dezembro sósinha em sua casa, resando a corôa da Virgem. A luz unica era a da lareira, luz que desenha phantasmas, e augmenta os sustos dos ruidos exteriores.

Bateram á porta: ella ergueu-se tremula, escutou, e ouviu o tropear de cavallos, e a voz do morgado. Á terceira pancada, fugiu por um postigo que se abria sobre extensos campos contiguos á casa. Na extremidade d'esses campos havia um magestoso edificio recentemente construido, e n'essa noite havia ahi uma festa. O proprietario d'elle era um brasileiro, que festejava os annos de sua velha mãe, e reunira parentes e amigos d'algumas leguas em circumferencia.

Angela entrou no pateo da casa do homem rico: alguns familiares do brasileiro, vendo a moça afflicta, que pedia a protegessem de uma desgraça que não declarava, julgaram-n'a doida, e chamaram o dono da casa. O brasileiro desceu ao pateo, e conduziu a moça á presença de sua mãe. Esta, quando a viu, disse: «é a filha natural do fidalgo da Capella. Endoideceu, talvez, com paixão da mãe!... pobre Maria, que tão castigada foi! Dêem-lhe de comer, que terá fome!»

Quizeram que Angela fallasse. Contou ella, chorando, o motivo da sua fuga. Correram alguns homens á porta de Angela, e não viram ninguem, mas ouviram o tropel accelerado de cavallos.

No dia seguinte, Angela quiz tornar para a sua casinha; mas o brasileiro disse-lhe que o seu quarto era ao pé do de sua mãe. Angela conhecia dois homens no mundo, e cuidou que o segundo era egual ao primeiro. Instou por que a deixassem ir viver do seu trabalho, e ensinar outra vez as meninas da aldeia. Convenceram-n'a a ficar os rogos da mãe do brasileiro.

Manoel Antunes já se disse que estava apaixonado; e em cabeças do tamanho e regidez craneana da d'elle, idéa que entre nunca mais saiu. Sabia que Angela estava em casa do brasileiro: attacou-o o ciume escoltado de furias, que o obrigavam a vociferar soliloquios desde a blasfemia até á tolice. A idéa do casamento visitou-o como um recurso

salvador. Mandou fallar a Angela pelo vigario da freguezia, e Angela respondeu que em quanto tivera mãe, casaria para lhe dar um fim de vida mais descansado; mas, sósinha no mundo, o fructo do seu trabalho seria que farte alimentação para ella.

Antunes, ouvida a resposta, partiu para o Porto, entrou no Lusitania, e veiu para Lisboa requerer uma delegacia, como distracção. Apaixonou-se por uma bailarina do theatro de S. Carlos, e vendeu a cortinha do Quinchoso para alimentar o fogo sagrado da vestal, que soffria tentações de infringir os votos quando se via ás escuras. Ao cabo de tres annos, o bacharel Manoel Antunes de Roboredo arrancou a um ministerio moribundo um despacho para uma comarca sertaneja onde se faz justiça de moiro.

Tornemos a Angela.

Passava eu uma vez n'uma estrada do alto Minho, e parei defronte de uma casa, cujas portas estavam adornadas com arcos de flores. Perguntei que contentamento se expandia nos zabumbas, e clarins, e descargas que atroavam aquelles montes e valles. Disseram-me que casava n'aquelle dia o sr. Manoel Antonio Francisco, brasileiro muito rico, com a sr.ª Angelasinha. Estava a pessoa interrogada a mostrar-me a casa onde nascera Angela, quando os noivos, vindos da egreja, se avisinharam de mim, com um numeroso cortejo. O brasileiro, com bonacheirona franqueza, convidou-me a jantar, logo que eu lhe tirei o meu chapéo, e apeei para segurar o cavallo que o tiroteio amedrontava.

Assisti ao mais abundante, ao mais portuguez, e alegre jantar da minha vida.

Detive-me quatro dias em casa da ex.ᵐᵃ sr.ª D. Angela, e d'ella e de seu marido ouvi a historia que, obtida licença previamente, publiquei, e vou terminar, pedindo ao leitor, que, se algum dia fôr ao Minho, procure a casa do sr. Manoel Antonio Francisco, peça agasalho, que o ha de ter regalado, e contemple o que é a verdadeira felicidade conjugal.

Se depois voltar por Guimarães, peça o leitor que o apresentem em casa das sr.ᵃˢ Noronhas, e verá o que são mulheres tolas e feias.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

A GUERRA DE MARROCOS

«Por que estes Moiros, recebam de nós aquella
«vingança, que os imigos soem receber de seus
«contrarios, quero que saibaes como é minha
«vantade, que vamos ao Castellejo, por que som
«certo pelas espias, que laa mandei, que moram
«hy peça de Moiros.»
Conde D. Pedro—CHRON. DE AZURARA.

I

Pelos fins de julho do anno de 1415, dia de S. Thiago, em frente do Restello, ondeavam innumeraveis as bandeiras portuguezas nos topes dos mastros. A infinidade de galés e náos, de que o rio parecia coalhado, principiava a desferir as vellas, como um bando de aves aquaticas pairando em burburinho antes de rasgar o vôo. Era apertada a faina a bordo, fervoroso o bulicio em terra, contínuo o enxamear dos bateis, que íam e vinham, forçando os remos, para conduzir os que á praia accorriam, chamados da amurada dos navios com alegre impaciencia.

Alvorecêra o dia tumultuoso e como de festa. Apesar de recente ainda o lucto de uma rainha, amada do rei e do reino, não se viam almáfegas nem bureis. Brilhavam as cotas variegadas e as plumas arrogantes. Fluctúavam as signas e balsões. Reluziam as lanças e escudos, os elmos e arnezes. Atroavam os ares os sons bellicos dos atabales, sacabuxas e trombetas reaes.

Se havia angustias de despedida, receios ou incertezas do futuro, não ousavam de apparecer sob este lustre de gallas e alvoroços de abalada.

Ordenára-o assim o proprio rei viuvo, um grande rei de grandes homens, um grande pae de uma grande raça. Quizera-o d'este modo manifestar como os soberanos devem pôr acima das dôres humanas o engrandecimento dos povos, que Deus lhes confiou. Intentára tambem celebrar, de um modo proporcional a seus vastos designios, a idéa fecunda, que n'aquelle dia se iniciava.

Foi um rei e um homem ás direitas aquelle rei D. João, que a historia chamou o primeiro no nome e nos feitos, e a posteridade honrou

justamente accrescentando-lhe a qualificação — de boa memoria. Vê-se o que era pelos espiritos que legou com o exemplo a seus filhos, admiravel pleiada de principes, bastante para dar fama a um povo. Com elle soldado e reformador, começou a edade varonil de Portugal. D'elle se deriva o periodo mais brilhante da nossa historia.

A mesma espada, que tão bem servira ao rei cavalleiro para lhe segurar na cabeça a corôa disputada, não lhe soffrendo ocios, estava já fóra da bainha para accrescentar e dilatar o reino. N'aquella armada ía em pessoa, com os cinco infantes, e a flôr da sua nobreza, criada e apurada na rude escóla do velho condestavel. E tambem esse estava presente, como guia e mestre dos muitos, que pela primeira vez se íam a menear o pesado montante dos heroes de Aljubarrota.

Todo este armamento e expedição eram para a Europa um mysterio, para o povo um assombro, para o conselho uma duvida, para a propria milicia um terror. Para os moços principes era porém uma ardente aspiração; para o rei uma resolução inabalavel, como as elle sabia tomar e impôr. Empregára secretamente as mais prudentes artes para investigar, prevenir e acautellar a empreza. Levava comsigo para a tentar e consummar os homens mais aptos, como quem usava com tanto acerto discernil-os e aprecial-os, virtude principal dos monarchas. Não o inquietavam murmurações nem agouros, por que bem conhecia elle que no arremêço e na occasião nenhum dos seus cavalleiros faltaria ao que d'elles esperava a patria.

Saudosos tempos de grandeza e gloria foram esses, em que o povo portuguez maravilhava o mundo com a audacia dos seus commettimentos, porque tinha fé — fé em Deus, fé em si e fé no futuro! Chorados tempos, em que a emulação do nome, a honra dos applausos e o amor da patria faziam tentar e realisar impossiveis. Tinhamos então vida, acção e enthusiasmo. As altas concepções eram poderosos incentivos. A heroicidade não provocava as ironias, nem o calculo zombava dos sacrificios.

Agora...

Ao pôr do sol d'aquelle dia memoravel a praia do Restello estava nua e deserta. Apenas algum pescador estendia as redes no arenoso terreiro, d'onde hoje se levantam os porticos amarellentos do soberbo mosteiro de Belém, monumento em que revôa triste o passado explendor, mausoleu de insignes memorias guardado de profundas saudades.

Levantára ferro a armada. Já lá ía mar fóra levando Cesar e a sua fortuna!

Não era ainda passado um mez, a 21 de agosto d'esse mesmo anno, apoz um dia inteiro de batalha, Ceuta a mauritana, a antigo Septa dos romanos, inopinadamente rendida, via tremular o estandarte das quinas nos bastiões da sua alcáçova.

De um a outro lado do Estreito a improvisa conquista deixára attonitos os povos!

Seguiram-se dois seculos de incessante pelejar. Succederam as gerações ás gerações, e os campeões das duas crenças continuavam com a mesma furia nas vertentes do Atlas o repto começado no coração da Peninsula.

A epopéa de Africa em nada é inferior á epopéa do Oriente. Se era mais limitado o campo, eram mais guerreiras as gentes. Os boletins de hoje renovam a glorificação de nossos avós!

Esses kabilas selvagens, que o fanatismo leva á temeridade, que buscam a morte como um principio de eternas voluptuosidades, são os descendentes, os herdeiros, os continuadores d'aquelles bellicosos alarabes, que as nossas chronicas tanto celebram. O typo conserva-se sem se desmentir. Mais de uma vez a parte official reproduz sem o pensar as observações dos velhos annaes. São os mesmos alaridos no accommetter, o mesmo impeto no assaltar, a mesma presteza em se retrahirem á aspereza das suas guaridas, para volverem refeitos, intrepidos e infatigaveis.

Nas feras tribus do Maghreb não é este um estado penoso: é a vida cobiçada; é um festejo quotidiano. Todas as suas lendas estão cheias de memorias que as incitam. As narrações paternas estimulam desde a infancia os mancebos familiares com as armas. Com as idéas da nossa civilisação commodista não se comprehende a que subido gráu de exaltação leva esta historia oral, perpetuada sob a tenda, recolhida por imaginações ávidas, que um sangue ardente provoca, meditada entre fragas, com os tufões do deserto a um lado, e ao outro as tempestades do mar.

Sabem-n'o agora os soldados hespanhoes, que presenceiam a braveza d'aquellas bordas indisciplinadas. Nas mãos d'ellas brilha ainda, e muitas vezes brilha e mata como o raio, a terrivel *gumia*, ha quatrocentos annos famosa nos nossos fastos africanos. Apenas a longa escopeta substituiu a azagaia e a lança. Em nada mais ha differença.

Esses homens, que vem expirar á bocca dos canhões, e afferram e mordem como tigres os seus contrarios quando as armas se lhes quebram nas mãos, esses indomitos serranos, que separados na refrega, cortados, isolados, cahem até ao ultimo sem nunca se renderem, tem a dupla energia do fatalismo e da barbarie, e são inimigos que fariam desmaiar muitas das mais aguerridas tropas manobreiras. Derrotados um e outro, e outro dia, tornam sempre mais ousados, como Antheo tocando a terra. As suas brenhas inaccessiveis abrolham-se de um para outro instante de novos soldados. O recrutamento está sempre feito onde toda a nação é exercito.

Taes são hoje, taes eram nos portentosos dias da antiga conquista.

Todo o coração portuguez estremece de magoa e de ufania lendo as partecipações dos nossos denodados visinhos — de magoa pelo que choramos, de ufania pelo que fizemos!

Aquelle aspero littoral por nós senhoreado; Ceuta, Tangere, Anafa, Mazagão, Azamos, Alcacere-Seguer, Tetuão e Azafi invadidas e avassaladas; as tribus convisinhas alliadas ou tributarias; as correrias dos fronteiros alongando-se ás lapas mais reconditas, aos pincaros mais agrestes, aos mais invios sertões, aos alcantis mais bravos, arrostando a um tempo a natureza, as feras e os homens; as nossas muralhas resistindo impavidas ao embate das hostes innumeraveis e ás estreitezas da ultima penuria em largos assedios; a nossa bandeira dominadora, temida, honrada e victoriosa, tudo isto revive agora com esses nomes, cheios de recordações, que nos volvem os olhos razos d'agoa aos brazões que ali semeámos.

Diz-nos tudo isso o que foram e o que acabaram nossos paes; um D. Fernando e um D. João de Menezes; um D. Vasco Coutinho; um Nuno Fernandes de Athayde, o incansavel capitão, que morre motejando o inimigo; um Lopo Barriga, o destemido adail, que vai cravar a lança nas portas da cidade imperial de Marrocos, e dilacerado e captivo faz ainda tremer os seus verdugos; um conde D. Duarte, o Achilles africano; finalmente, exemplo de todos, um conde D. Pedro, o primeiro capitão de Ceuta, que sem descanço combate vinte e dois annos, só ao cabo de dezeseis despe o arnez gasto do corpo e dos golpes, e, firme no meio das multidões embravecidas, detem com o peito o impeto mauritano, legando a todos os do seu nome lições de heroicidade, nobremente seguidas.

No meio do infortunio e dos revezes ha ainda um justo orgulho em descender de taes homens!

Esta Ceuta, que hoje serve de base de operações ao exercito hespanhol em Africa, é a que assim foi ganha e sustentada com ferro e sangue portuguez. Se não nos é dado acompanhar as legiões expedicionarias, consolemo-nos ao menos com o que n'essas plagas deve ser indelevel — a memoria das vidas que demos por ellas, o arrojo de haver commettido a empreza!

Se era arrojo grande está-se vendo agora!

Do convez das gallés passaram os assaltantes á coroa dos baluartes, sem mais apoio do que o esforço dos seus animos e dos seus braços. Nem as tormentas do Estreito, nem a resistencia de contrarios, que feriam como quem defendia os lares, lograram suster-lhes o passo. Pelas difficuldades actuaes se ha de medir a temeraria audacia de um feito percursor de tantos outros.

E a importancia da cidade, reputada metropole maritima da costa mauritana, era então bem mais consideravel do que hoje. O serro de

Gibraltar a velha *Calpe*, uma das columnas de Hercules, figurava mais pela sua denominação legendaria do que pela sua valia militar, e em tão pouco era tida ainda que se julgou nem merecer as honras de uma investida. A sua visinha e competidora, situada na extremidede Leste do Estreito, sentinella avançada da Africa, solidamente assentada n'uma projecção, escarpada para o Mediterraneo, facilmente deffensavel do lado de terra, avantajava-se-lhe em tudo. D'ali tinha jorrado a torrente agarena que inundára as Hespanhas. Ali se aninhavam os atrevidos piratas, que infestavam a passagem, tributando o commercio de todas as nações, e assollando as fronteiras maritimas da Peninsula. Ceuta era para a potencia africana quasi uma testa de ponte; era para os povos proximos uma eterna ameaça; era para a Europa uma vassallagem vergonhosa!

Á orla da cordilheira da Almina, a celebrada *Abyla* (hoje a montanha de Acho ou Hacho) gemea da fronteira *Calpe*, no proprio logar onde o infante D. Henrique, instigador provavel da expedição triumphal, primeiro poz pé com tanto accordo como ousadia, muita vez affluiram os cavalleiros do Maghreb prolongando a lucta heroica aos herdeiros de Pelayo. Estavam ali os maximos interesses, esperanças e memorias do poder mauritano, enlevado na Peninsula, cujas saudosas delicias o convidavam sempre.

Já se vê se a população seria numerosa e o posto bem guardado!

Não lhe valeu todavia, e a christandade e as Hespanhas, desaffrontadas pela espada vencedora de um rei portuguez, não o hão de ter esquecido, não podem esquecel-o sem grave ingratidão.

Ceuta é a chave do continente iberico, e só deve estar em mãos christãs. Quem tão acertadamente o entendeu, e tão resolutamente o conseguiu, justo é que reviva na lembrança e no louvor, quando a Europa attenta confirma com os seus applausos a idéa de continuar por aquellas partes a já começada expugnação da barbarie.

II

A côrte de Madrid invocou a necessidade de castigar as offensas contra a nação e a humanidade. É o dever dos governos briosos. A mourisma da costa, como a das serras, não desdiz ainda das praticas da sua raça, apesar de enfreada pelo desenvolvimento da marinha militar nos estados europeus, e pelo enfraquecimento dos portos barbarescos. Os pavilhões de diversos paizes tem sido gravemente insultados n'aquellas paragens; um principe da Prussia ali foi recentemente ferido por uma bala kabyla. Ao poder hespanhol, mais do que a nenhum, cabia desaggravar estas injurias e as suas, pois que já lá tem armas e reductos.

A campanha d'Africa foi pois emprehendida com rasões plausiveis de decoro e pundonor. Quando, como, onde parará, é menos facil explical-o.

A Africa é um paiz fecundo, que só carece de melhor cultura. O ferro prepára a cultivação.

Em torno da questão marroquina ha outras de geographia commercial e de senhorio maritimo. Porêmos estas de parte, já porque não é opportuno tratal-as ainda, já para nos não destrairmos em particularidades que nos levariam muito longe. Diremos só que mal se escoram os interesses quando não reconhecem em todos as mesmas bases de justiça e o mesmo sentimento de dignidade. Nas coisas maximas, como nas intimas, a politica de dois rostos é uma politica de ordinario nefasta aos que a professam.

A guerra de Marrocos é em Hespanha uma guerra popular. Conceberam-n'a talvez intuitos politicos: determinou-a irresistivelmente o impulso nacional. O espirito publico, subitamente agitado por este forte estimulo, exalta-se com o fogo do enthusiasmo. N'este sentimento commum apagam-se as porfias partidarias, os odios, as competencias, as rivalidades. Ante o nobre proposito de vingar os ultrajes da bandeira e resuscitar as glorias patrias dão as mãos os mais entranhados antagonismos, esquecem os aggravos internos, fundem-se n'uma só aspiração as aspirações parciaes. Todos o podem fazer sem desar: a honra da nação domina o conflicto das opiniões.

Ahi está como o santo amor da terra natal levanta e retempera os povos. Em quanto scintilla uma faisca d'esta chamma regeneradora ninguem deve desanimar. Por mais que se recate dos olhos ha de achal-a o instincto. Lá se concentra a vida, a esperança, o futuro. Vem o dia em que sopra as cinzas uma tempestade de indignação, um vendaval de ira, e a faisca é incendio. O incendio depura.

Os corações, que se reputavam adormecidos n'um longo turpor, estremecem; os animos, que se julgavam resfriados pelo scepticismo, inflammam-se. Estes inesperados despertamentos zombam dos calculos, das especulações e dos vaticinios. As nações tambem ás vezes se erguem da cova despindo a mortalha como Lazaro. A convulsão termína o lethargo. Quem quer inertes os povos para os ter subjeitos, encontra-se com a fé que lhe restitue o vigor e as armas.

É uma paixão, diz-se. Seja. Em bem será. Pois não é a paixão que faz as grandes coisas?

A guerra d'Africa tem na Peninsula o prestigio das tradições. As tradições pertencem á poesia, e a poesia é o elemento conservador das nacionalidades. As nobres memorias incitam os nobres sentimentos; os nobres sentimentos persuadem as nobres acções.

As idéas francamente populares tem uma genealogia e um brazão. Procure-se, e ha de achar-se-lhes a progenie. A heroica furia da independencia, que no principio d'este seculo engrandeceu o povo hespanhol, não procederia do affecto ao sólo, criado pelas suas antigas

instituições locaes? Por que não serão tambem os dias de Isabel II como a sequencia de uma empreza interrupta, mas não abandonada desde os dias da primeira Isabel? Ha aqui mais do que uma approximacão de nomes; ha um paralello de factos.

Que a Hespanha se contentasse com a expulsão dos seus invasores, podia bastar nos primeiros tempos de liberdade. Hoje precisa mais. Deve-o a si, á christandade e á civilisação. Cumpre-lhe policiar as costas em que tem dominio. Incumbe-lhe não tolerar á vista da sua bandeira, ás portas dos seus presidios, nem attaques á liberdade dos mares, nem insultos ás leis da boa convivencia. Os povos, que avançam no caminho da fraternidade humana, tem uma obrigação de propaganda, que não podem obscurar, se querem obter e justificar a primazia. Quando lhes relucta a insociabilidade e a fereza dos costumes, fundada n'um dogma de fatalismo inaccessivel ás conquistas do progresso, é dever debellar as resistencias e attestar a superioridade. Contra a força só a força; contra força obstinada, que repelle a communidade, a força intelligente, que a protege e a amplia.

A nação hespanhola, lembrada dos altos exemplos da sua historia, e por ventura electrisada de grandes aspirações e de grandes esperanças, surgiu como surgem os povos em quem não morre a fé. É bella, é magnifica a sua attitude. Do primeiro até ao ultimo a espontaneidade do impulso é assombrosa. A Grandesa do reino, por meio de uma deputação especial, faz chegar aos pés do throno estas palavras memoraveis:

«No dia em que o governo de V. M. julgar necessario recorrer ao «seu auxilio (ao d'aquella Grandesa), não se limitarão os membros «d'ella ao pagamento das contribuições ordinarias e extraordinarias, «que lhes cabem, como proprietarios, na actual lei de impostos; acu«dirão sem vacillar a cobrir os accrescimos que exigirem as circumstan«cias, por que, Senhora, as pessoas e os patrimonios da classe em cujo «nome falla a deputação pertenceram sempre aos seus reis e á sua patria.»

Um mero funccionario, consagra uma somma relativamente importante ao primeiro soldado, filho de paes incognitos que ficar invalido em consequencia da guerra.

Muitos povos, corporações e individuos instituem recompensas analogas. As provincias offerecem companhias. Particulares mesmo, no continente e no ultramar, as recrutam, as armam, as pagam e as municiam á sua custa. Os donativos das municipalidades e das familias são innumeraveis. Oito mil voluntarios sahem a infileirar-se nos batalhões destinados á Africa. Os terços vasconços, organisando-se espontaneos, pedem com impaciencia a ordem de marcha e occasião de assignalar o seu antigo e hereditario valor. Um patriotismo unanime e ardente sobresalta, percorre e abraça todas as classes.

Na magnifica sessão de 22 de Outubro, por motivo da declaração

de guerra, o Congresso dá o exemplo d'este nobre accordo que põem a honra e a gloria do paiz acima de todos os interesses. Ayalla, Gonzales Bravo, Olózaga, Calvo Ascencio e Mazo, em nome de todos os partidos e de todas as intelligencias, unem-se para apoiar e rebustecer o governo, que emprehende a desaffronta do decoro nacional. São bellas as palavras que nos corações fazem vibrar aquellas vozes eloquentes.

Gonzales Bravo diz:

«Que me importa permanecer annos e annos combatendo d'aqui as «opiniões e os actos do actual gabinete? Que me importa que os meus «compartidarios se conservem afastados das doçuras do poder? O que «importa é que triumphe Hespanha e a nossa bandeira. O que im«porta é que se salve a dignidade e os grandes interesses da nação.»

Mazo diz:

«Se não houver soldados bastantes, aqui estamos nós para vestir o «uniforme e empunhar a espingarda que nos ha de dar a victoria!»

Olózaga diz:

«Este dia não é de discorrer, senão de sentir. É dia de dar todo o «nosso apoio ao governo, e dizer á Europa que a nação hespanhola vác «fazer um grande serviço á civilisação de todos os povos, principalmente «aos que mais navegam por essas aguas até aqui infamadas de pirataria.»

Calvo Ascencio, commissionado pelos jornalistas que o encarregam de manifestar os seus sentimentos, diz:

«Em nome do paiz, legitimamente representado em toda a imprensa «peninsular, levanto a voz para offerecer ao governo, sem nenhuma «restricção, o apoio de todos os hespanhoes, sejam quaes forem as «suas idéas e condições. A imprensa e os homens da opposição, a este ou «a qualquer governo que lhe possa succeder, em nada mingoarão «nem buscarão diminuir um ápice ás glorias que o exercito conquis«tar com as armas, nem as que obtiver o governo de S. M. com as «suas acertadas providencias. Pelo contrario: os homens politicos ap«plaudirão com alvoroço os seus feitos; a imprensa narrará as acções «e tecerá as corôas aos nossos heroes, por que os triumphos que se «conquistarem serão triumphos para a monarchia constitucional, se«rão triumphos para a civilisação, e virão por ventura justificar o «antigo dito: que a Africa principia nos Pyreneos!»

Ayalla, sustentando a moção congratulatoria e de adhesão, firmada pelo orador, por Bernar, Borrajo, Martin de Herrera, Garcia Miranda, Rivadeneira e Sanz, e acceita sem discrepancia por toda a assembléa, diz:

«O assentimento da opinião por todos os modos manifestada, prova «que o governo de S. M. cumpriu os deveres que o deposito da nossa «dignidade lhe impunha. Por isso o felicito, e julgo poder fazel-o «n'este momento solemne em nome de toda a nação!»

Esta unidade, desde o senado até ás cabanas, é potente e mages-

tosa. Sem ella não se póde conceber, nem emprehender, nem realisar nenhuma coisa verdadeiramente grande.

Deve similhante espectaculo servir de lição aos espiritos que aspirarem á uma politica elevada, e a comparação com tal exemplo torna bem censuraveis os homens, que, n'um caso de decoro nacional ainda entre nós recente, não duvidaram praticar o contrario, sacrificando ás suas impaciencias o interesse da patria.

A guerra de Marrocos levantou a Hespenha aos olhos da Europa, levantou-a na sua propria consciencia, que é mais ainda. A concordia e benevolencia dos partidos, em torno da ara nacional, não em resultado de transacções corruptas, é a sua primeira e melhor consequencia. A consagração d'este principio fecundo inaugura uma nova era. A gloria fará o restante.

A occasião é tudo para as nações como para os individuos. A Hespanha tem á sua disposição uma opportunidade, que parece fadada pela Providencia. Quem sabe se está nos seus destinos continuar a obra de João I e Affonso V? Devemos lamentar não estarmos ao lado de nossos irmãos n'essa empresa, nós que primeiro tentámos dilatar para Africa o imperio christão da Peninsula. Quem sabe porém se algum dia iremos quinhoar os seus perigos e os seus triumphos?

A guerra de Marrocos póde ser, ha de ser uma guerra prolongada. Amanhã que se fizesse a paz, não seria mais do que uma tregoa. Para a mourisma é ainda uma guerra de religião, nunca será outra. Para a Peninsula é uma guerra de civilisação, já não póde deixar de o ser.

A aspereza d'aquelles braços do Atlas, que se estendem sobre o Mediterraneo como para segurar convulsamente o littoral africano, os costumes guerreiros do paiz, o fanatismo dos povos, a sua tenacidade, o seu modo de fazer a guerra, a falta de communicações terrestres, a inopia do paiz invadido, todos estes são obstaculos que se não podem superar n'um dia.

É preciso acampar, marchar, trabalhar combatendo. Cada dia é uma batalha, cada palmo de terra uma conquista. Tudo ali é hostil, os homens, os elementos, e o terreno. Ha de se romper o sólo para se romper por entre os inimigos.

Quarenta mil homens e oitenta peças, em corpos regulares, que levam tudo comsigo, não passam por onde passa o kabyla da montanha e o corcel do deserto. O exercito sobre o fogo incessante de uma população de soldados, ha de vencer as mattas, as penedias, as quebradas, as gargantas e fraguedos, para chegar a vencer as legiões barbaras, que afluem a tomar-lhe o passo. A pujança franceza, apesar do valor e celeridade dos seus soldados, da actividade da sua administração e da multiplicidade e expedição dos seus serviços subsidiarios,

levou annos e annos a domar o ultimo cavalleiro das tribus argelinas, que não tinham por supporte um imperio.

É uma obra de grandes fadigas e grandes sacrificios, que não póde parar em pequenos resultados. Os combates sustentados até hoje devem considerar-se preludios apenas. As operações são sempre mais demoradas do que as pede a curiosidade irritada, do que as quizeram os desejos impacientes.

A campanha começou ha dois mezes. N'estes dois mezes o exercito levantou em frente da serrania de Anghera uma formidavel linha de fortificações que assegura a sua base. Esta linha corta *de mar a mar*, como dizem os nossos chronicons da localidade, a estreita lingua de terra em Ceuta que está assentada. Passa ella pela magnifica posição militar das alturas do Serralho, e está consolidada pelos reductos de *Isabel II*, *Rei Francisco*, *Principe das Asturias e Hespanha*, verdadeiras praças de guerra, cada vez mais consistentes, armadas de artilheria grossa e de peças rayadas, que mutuamente cruzam os seus fogos protegendo as communicações abertas na rocha viva.

Quinze combates formaes, contando uma acção de 12 horas, tem n'este periodo attestado o denodo e firmeza das tropas hespanholas, e posto a boa prova á intelligencia e galhardia dos seus chefes. As escaramuças tem sido quotidianas, e muitas vezes mortiferas. Os dias 23. 25, e 30 de novembro, 11, 15, 20, 22, 26, 28 e 29 de dezembro, 1, 4, 12 e 14 de janeiro provam já que as forças de terra e mar tem sabido pelejar com frequencia, soffrer com resignação, operar com perseverança—as tres grandes virtudes que constituem o soldado superior.

Dez a doze mil mouros fóra do combate, se bem não resfriem o ardor fanatico das tribus marroquinas, hão de inspirar um terror salutar ás suas tropas regulares e tornar tanto mais circumspectos os seus chefes quanto mais escarmentados. As posições de Otero, do Serralho, de Castellejos, da Condessa, das Lagunas, do Negron, de Capitanes, ganhas successivamente, os altos, que dominam o valle de Tetuan, já senhoreados pelo exercito, manifestam que as lenidades, se as ha, só provém de graves obstaculos, e que um impulso energico incita as hostes expedicionarias.

As divisões avançam com esforço; mas avançam constantemente e victoriosamente.

A esquadra não tem estado tambem ociosa. As suas caronadas protegem efficazmente as marchas, e as suas baterias arrasaram já em poucas horas os mais avançados fortes maritimos da praça ameaçada.

Taes triumphos tem sido todavia pagos com sensiveis perdas. Quinze officiaes superiores, mais de 200 subalternos e 2800 soldados deram já as vidas ou o sangue a esta segunda aprendizagem da guerra africana, tão feita para aguerrir em breves dias os filhos do Cid. Mais

ainda tem prostrado as fadigas e as doenças. Este é porém o preço da gloria. Tanto mais alto sóbe na valia, quanto mais doe e mais custa!

Os quatro corpos de Echague, Zabala, Ros de Olano e Prim, sob a direcção suprema de O'Donell, tem tido tempo e occasião de criar aquelle espirito, aquella confiança, aquella experiencia, unidade, decisão e presteza, que, mesmo ás melhores tropas, só dá o exercicio de campanha. O 5.º corpo, do general Rios, já embarcado e em viagem, irá achar mestres feitos nos camaradas a que vai unir-se, levando-lhes um reforço que augmentará o vigor da expedição.

Os terços vasconços e as companhias catalãs apparecerão tambem brevemente no logar da lucta. Esperamos com impaciencia o momento de bradarmos com a Europa: gloria aos generosos filhos de Catalunha e da Biscaya!

O governo nada tem esquecido do que póde estimular o moral do soldado, arreigar-lhe o sentimento do dever, exaltar-lhe o caracter e os brios. O exercito levou o seu chronista e o seu pintor. As artes e a historia dirão á posteridade o que elle fizer. E tem que dizer. A parte anecdotica da campanha, que reservamos para quando a possamos dar mais completa, archiva já grandes rasgos de valor individual.

Ao commandante em chefe foi outhorgada a faculdade de conferir recompensas no campo de batalha. Importa que aos relevantes serviços corresponda immediatamente o premio digno d'elles. O merito e o valor, que a intriga condemna á obscuridade, desanimam por fim, e o desconforto que vem da ingratidão aniquila em flor as esperanças da patria. O paiz, que pedir sacrificios, deve agradecel-os com maternal solicitude, com recta imparcialidade. Sem isso ninguem espere varões prestantes. Não surgem estes onde só medrarem mediocridades ciosas!

Ha muito que applaudir, repetimol-o. Queremos porém um feito estrondoso, que provoque e excite a admiração da Europa. Seremos os primeiros a festejal-o com jubilo fraternal!

Portuguezes deveras, portuguezes sobre tudo, estendemos, com emulação mas sem inveja, a mão carregada de veneraveis memorias ás mãos enfloradas de recentes palmas. Herdeiros e successores de Gusman e de Gonçalo de Cordova, crede-o, ha n'esta extremidade do continente hispano muitos que, sem menos zelar a sua independencia, exultem com a vossa gloria, porque intendem os interesses da estreita alliança peninsular, porque a desejam poderosa para ser respeitada!

Se não podem esses ir hoje participar dos vossos louros, nem imitar os seus passados, n'esse solo africano crivado de padrões em que tem uma herança, podem seguir-vos com os olhos, saudar-vos com o coração, e acompanhar-vos com os votos!

MENDES LEAL JUNIOR.

LELIA

CANTO SEGUNDO

«Tibia luz, temperada para amantes»,
Illuminava uma pequena sala,
Onde o luxo e bom gosto respiravam.
Em primeiro logar é necessario,
Que eu te faça um retrato a largos traços
(Como agora se diz) da encantadora
E provocante dona d'essa casa.
Alta, airosa, sorriso malicioso,
Boca fresca, e vermelha como a rosa,
(É velha a imagem mas é sempre boa!)
Cabello basto, fino, muito escuro,
Olhos da mesma côr, e quasi sempre
Por doce morbidez meio cerrados.
Quando porém ás vezes dardejavam
Por entre a negra sombra das pestanas
Um só raio da luz que os inflammava...
Ai! d'aquelle que ousava descuidado
Fitar de leve essa traidora chamma!
Que te direi do pé pequeno e curvo,
Que na estreita prisão de uma botinha,
De setim preto estava clausurado?
Não sei; mas sei que ao vel-o me esquecera
A poesia da lua e das estrellas,
Do Tejo de crystal, da mansa brisa,

De tudo o mais que tenho por mil vezes,
Estafado em mau verso e peor prosa,
Para só contemplar os mil encantos,
Que tinha aquelle pé! E a pobre Lelia,
A meiga apparição que nos meus braços
Tinha vindo entregar-se sem receio,
Onde estava? calada e pensativa,
Contemplando o meu rosto, onde subia
O sangue acceso em ondas de desejos.
Em presença d'aquella peccadora,
Esqueceu-me de todo o sentimento
Que me inspirára o anjo de innocencia.
Sou poeta; bem sabes que os poetas
Não são decerto os entes mais constantes!
Depois a essa mulher!... Oh! Deus supremo!
Resistir quem podia n'este mundo?
Se a visses, como esteva n'essa noite,
No sofá assentada, ou reclinada,
«N'aquella posição que toda é graças,»
Como disse o cantor de D. Branca,
O vestido entre *roxo e cor de rosa,*
Apesar da invasão das *crinolines,*
Deixa perceber divinas fórmas.
No cabello uma rosa perfumada,
E no turgido seio, que ondulava
Atravez da finissima cambraia,
Viçoso ramo de singelas flores.
Ella viu a impressão que produzira
No pobre peccador que a contemplava,
E descerrando a bocca n'um surriso
Quiz fallar, mas a voz morreu nos labios,
E a eloquencia no olhar disse-me tudo.
Pouco a pouco nas faces desmaiadas
Se accendêra o rubor; nos olhos negros
Scintilou por instantes uma lagrima,
«Precursora do languido deliquio».
Meiga sonora então como seria
A voz do archanjo que descesse á terra,
Junto a mim murmurou a voz de Lelia:
«Vou deixar-te; ámanhã, no mesmo sitio,
Á mesma hora, de novo nos veremos;
Vou resar a oração que me ensinára,
Minha mãe quando eu era pequenina.
Vou resal-a por ti! «Oh! por instincto,
A innocencia fugia do peccado.
Quiz seguil-a tambem, mas por encanto,
Por encanto fatal senti-me preso

Ao supremo poder d'aquelles olhos
Que nos meus se cravavam com ternura.
De novo aquelle pé que me perdêra,
Se firmou n'um pequeno tamborete,
E d'essa vez deixando a descoberto,
Um fragmento de perna, que faria
Morrer de desespero uma andalusa.
Esvaeceu-se então completamente
A meus olhos o anjo da candura,
Das commoções divinas, da virtude,
E achei-me só, perdido, face a face
Ante o demonio das paixões terrestres!
Dei-lhe a mão, e senti n'um paroxismo
De desejo e de amor fugir a vida.
Quando a rasão voltou, como o murmurio
Da fresca viração da primavera,
O sopro perfumado de seus labios
Vinha affagar-me docemente a fronte,
Os anneis do cabello ondulado e negro,
Espargindo-se, avaros procuravam
Occultar-me da vista aquelle seio!
Impaciente os affasto, devorando,
N'um beijo, em mil, um mundo de delicias!
Oh! como então no peito me pulava,
O coração vaidoso e triumphante!

No languido quebranto que succede
Ao febril desvario dos sentidos,
Julia estava a meu lado: amortecida,
Por entre a densa rama das pestanas,
Partia a luz das languidas pupilas.
Desmaiára de amor a rosa esplendida,
E voltava de novo áquella face,
A pallidez do lyrio das campinas.
Abatida, indolente, erguêra a fronte;
Caminhámos os dois para a janella:
Os primeiros clarões da madrugada,
Vinham rompendo já no firmamento:
Chegava emfim a hora, era forçoso
Dizer adeus á seductora imagem!

CANTO TERCEIRO

Casta filha do céo, pura innocencia
Inda o terço d'est'alma, que escapára

À corrupção mundana, te pertence
Inda o sorriso alegre de teus labios
Me torna aos dias da ditosa infancia,
E me faz existir algumas horas
No doce enlevo de passados sonhos.
Quantas vezes porém ao ver-te, oh rosa,
Nas agruras da terra, eu te contemplo
Com viva compaixão! Tão facilmente,
Se evapora o perfume do teu seio,
Se perde o viço do teu meigo rosto!
Tombas subito ao chão pallida e triste!
E por quê! por que o sopro envenenado
Do mundo te tocou. Alheia ao crime,
Cahes fulminada pelos crimes de outros!

Eram estes, oh musa os pensamentos
Que vinham em tropel ao meu espirito,
Quando estava disposto a dirigir-me,
Ao sitio que na vesp'ra me indicára
A ingenua irmã da tentadora Julia.
Começava a morder-me na consciencia
O remorço de haver atraiçoado
Aquelle anjo de amor e de candura.
N'isto sinto parar um trem á porta;
Olho, e vejo saltar de uma caleche,
Ellegante e veloz como a gazella,
A minha irresistivel peccadora.
Quantos protestos até'li fizera,
Só com sentir-lhe a voz se evaporaram!
Corro á porta, ella sóbe, e nos meus braços
Com delirante affecto se arremessa:
— «Tardavas tanto... as horas d'este dia
Não terminavam nunca; vim buscar-te;
Perdoa se fiz mal; mas o desejo
De te ver e abraçar era tão forte...
Vamos dar um passeio pelo campo...
E depois... serás meu, e eu serei tua!»
Terminado este rapido discurso,
Mas cabal, elloquente e peremptorio,
Peguei no meu chapéo e em continente,
Descemos e partimos na caleche.
Não pódes duvidar que possuia
A mais commoda amante d'este mundo.
Quando o carro passou pelo Chiado,
Mais de vinte lunetas se assestaram,
A um tempo sobre nós; e é bem provavel

Que mais de vinte bocas honradoras
Me ficassem na sombra remordendo;
Tanto melhor; é bom ser invejado.

Oh! que tarde de Abril! O sol baixando
Illuminava de clarões suaves
O firmamento azul, nos verdes prados
A flôr estremecendo de alegria,
Aos doces beijos na travessa aragem,
Como offrenda enviava ao seu propicio
A pura essencia de vergineo seio.

Scintillava o prazer nos olhos negros
Da mulher que apesar de peccadora,
Era bella, tão bella como anjos
Que o tentador Satan arroja ao mundo!
Formosuras fataes, qu'inda conservam
Na fórma o que é do céo para illudir-nos!
Ai! de nós! se encaramos descuidados
A morbida expressão de certas frontes,
Onde a candura nos occulta o crime!

Alva era a face da elegante Julia,
Vivo o rubor que lhe animava os labios,
Adoravel a tinta fugitiva,
Que lhe tocava levemente as palpebras.
Muda a boca; no olhar toda a elloquencia!
Olhar profundo, ardente apaixonado,
Olhar que mil venturas promettia!

Entramos na allameda; era sol posto.
Ao chegarmos á porta, dei de frente
N'um personagem que d'ali saia,
Baixo, gordo, roliço, impertigado,
Sorriso de barão, cara opulenta,
E ar de um homem contente de si mesmo.
—«É de certo barão ou brasileiro.»
—«Brasileiro e barão» disse-me Julia.
—«Visita d'esta casa ha muito tempo!
—«Ha muito tempo sim...» respondeu ella
Com certa hesitação—«Não lhe fallaste?»
—«Felizmente escapei de tal desgraça!»
Subi, cheguei á salla; ella deixou-me
Por algum tempo só junto á janella.
Sentei-me a respirar o vivo aroma
Da fresca viração da noite amena.
Mudára tudo em mim completamente:

Resfriara-se o fogo dos desejos,
E o sentimento despontava n'alma!
Vaporosa, ideal, dentro de pouco
A meus olhos surgira uma figura
Cuja fórma gentil me arrebatava!
No purissimo azul dos olhos castos
Tremiam scintillando algumas lagrimas;
O sorriso, gellado á flor dos labios,
Como gella o sorriso da virtude,
Quando pára assustada ante o peccado.
Tirando a corôa de virginias flores,
Que lhe cingia a fronte immaculada,
Olhára para mim! oh! Deus supremo!
A expressão d'esse olhar era a do anjo
Ao contemplar um infeliz na terra!
Depois soltando a voz, estas palavras
Com doçura e tristeza proferira:

«Parto, e deixo-te no mundo!
Fujo, timida innocencia,
Ouvindo o rumor profundo
D'esta agitada existencia!

Vi-te um dia; era na hora,
Em que a brisa é mais saudosa,
Em que a luz do sol descora,
E dá mais perfume a rosa!

«Est'alma toda candura,
Á tua alma se rendia,
E com que immensa ternura
Os teus protestos ouvia!

«Protestos de um coração,
Que sem susto e sem temor,
Respondia co'a traição
Ás provas do meu amor!

«A grinalda, qu'inda vês
N'esta fronte desbotada,
Vae cahir-te em breve aos pés
Mas vae cahir desfolhada!

«Na minha ingenua innocencia
Aspiro tambem ao ceu,
Como aspira a grata essencia
Da flôr que no val nasceu!

«Fragil flor, que em pura aurora,
Vendo o sol sorrindo, amou;
Mas d'esse amor n'uma hora
O vivo fogo a matou!»

A voz emudeceu. O olhar sereno
Sobre mim se fitou com mais ternura!
Era Lelia? ou seria a imagem d'ella
Que eu tinha ante meus olhos deslumbrados?
Tudo era incerto e vago no meu animo,
Como é vaga a impressão de um bello sonho!
Aureola de luz resplandecente
Veiu então innundar aquella fronte.
Reconhecia emfim, oh! era Lelia,
Que despr'endera a voz, que proferira
Com tão sentido affecto aquellas fallas!
A seus pés n'esse instante alucinado
N'um extasi de amor me precipito,
Repetindo anhelante estas palavras:

Resurge outra vez das sombras
Da tristesa em que vivia,
Est'alma, e toda alegria
Volve á tua alma infantil.
És minha. Sou teu. A vida
Mais risonha do que a aurora,
Mais florida do que abril!

Oh! se um dia, desvairado,
Ousei trahir-te, innocente,
Como o remorço pungente
Te veiu depois vingar!
Como agora arrependido
O meu coração procura,
Dar-te emfim quanta ventura,
Quanto amor se póde dar!

N'esse momento uma infernal risada
Me fez estremecer. Subito acordo
Da suave impressão do mago sonho;
E que vejo ante mim?! uma figura
Ironica e fatal! Era o diabo!
Tranzido de terror em vão procuro
Meus olhos desviar d'aquelles olhos,
Cuja sinistra luz me fascinava!
Suspendendo na mão livida e fria

A mesma cr'oa de virginias flores,
Que eu tinha visto na graciosa fronte
Da celeste visão que me encantára,
Disse emfim com satanica ironia:
«Olha é esta a grinalda immaculada,
Da tua ingenua e seductora Lelia!
Agora aqui a tens, custou cem libras,
Não ha muito ao rotundo brasileiro
Que viste á porta d'esta nobre casa!
Julia commigo contractára a venda.
Se vens mais cedo um'hora inda podias
Das garras do falcão livrar a pomba!»

Não ouvi nada mais: tinha perdido
A consciencia da vida n'esse instante!

Fim do canto terceiro.

Continúa BULHÃO PATO

CHRONICA

D'antes era a litteratura que produzia a critica; hoje é a critica que fórma a litteratura. Querem a prova? eil-a. D'antes appareciam poetas estreavam-se dramaturgos, surgiam romancistas; hoje só ha criticos. Obras faltam; criticas sobejam. Criticas de quê? perguntará o leitor, uma vez que não ha obras? Ora de quê! De tudo e de nada. Já lá vae o tempo em que só era escriptor quem tinha o nome á frente de um livro. Hoje basta para ser escriptor traduzir uma comedia ou fazer uma noticia diversa! O noticiario foi o unico e verdadeiro Messias litterario. Deve-se a elle tres partes, seguras, dos litteratos que illustram esta terra! O noticiario abrange todos os ramos que podem tornar valiosa a penna de qualquer homem de letras. Ha occasião ali para exercer a critica litteraria, a critica dramatica, a critica lyrica, a critica policial, a critica administrativa, finalmente toda a critica, sem exceptuar a transcendente. É n'esta, estamos convencidos, que ha de ir mais longe, tão longe que a maioria não ha de percebel-a. Tambem a transcendencia não aspira a outra coisa mais, que a não ser percebida, segundo já espirituosamente o provou o sr. Julio Cesar Machado, n'um folhetim da *Revolução de Setembro*.

Dizia-se, e era uma verdade, que a politica matava entre nós a litteratura. N'aquelle campo esperdiçaram as nossas melhores vocações horas e tempo, que podiam dar ás letras ricos thesouros. Todavia cumpre confessar, que algum livro que ainda hoje se publica traz no frontespicio algum d'esses nomes. A sua valia provaram-n'a então, e provam-n'a ainda hoje. Se o publico lastimava aquellas deserções era por que os desertores já tinham manifestado o seu talento em obras tão estimadas como applaudidas. Fazia pena vêr o homem de letras tornar-se homem politico. E porquê? Porque o publico cubiçava os romances de Rebello da Silva, tinha saudades dos dramas de Mendes Leal, sonhava com as poesias de João de Lemos, e queria devertir-se com os folhetins de Lopes de Mendonça. E não pára aqui, porque n'aquella época havia uma pleiada de escriptores, que são os que actualmente ainda sustentam o nosso explendor litterario, e cujas producções despertavam geralmente interesse. Folhêem os catalogos, analysem os jornaes, e verão assignados os melhores artigos, Latino Coelho, Corvo, Palmeirim, Ca-

millo Castello Branco, Silva Tullio, Cascaes, Bulhão Pato e alguns outros, que se revellaram n'aquelle tempo. No livro e no theatro figuram sempre estes nomes. Mesmo agora quando apparece um livro de historia, quem o firma? Rebello da Silva. Um poema lyrico? Mendes Leal ou Bulhão Pato. Uma boa comedia nacional? Cascaes. Um ensaio biographico? Lopes de Mendonça.

E d'essa alluvião de escriptores que actualmente por ahi se fazem apregoar, que diplomas existem? Nenhuns. O rotulo que seguem cifra-se em nada fazer e tudo deprimir. Preferem julgar a serem julgados. Fazem bem. Collocam-se em cima da critica para não deixar vêr que estão abaixo das obras.

Fazemos ponto n'esta questão e principiemos a chronica.

Era tempo, dirá o leitor, que pouco ou nenhum interesse lhe podia inspirar o que temos dito, e que talvez chegasse a julgal-o fóra de proposito? Talvez pareça, mas isso é que não era. Em duas palavras contamos justificar-nos. Saberá o leitor que tinhamos o maior desejo de poder sempre encetar a chronica noticiando a apparição de um livro. N'um jornal como a *Revista Contemporanea*, exclusivamente dedicado ás letras, são estas as novas, que melhor cabimento tinham n'estas paginas. Foi escogitando uma nova similhante e não conseguindo encontral-a, que espontaneamente nos saíram dos bicos da penna essas linhas que embora pareçam deslocadas foram todas sentidas.

Apenas deparámos com duas composições originaes, que devem proximamente subir á scena, uma no Gymnasio outra no theatro de D. Maria II. São ambas de auctores conhecidos. É a *Revista do anno de* 1859, por Andrade Ferreira, e o *Morgado de Fafe em Lisboa*, por Camillo Castello Branco. Reservamos as analyses para depois de representadas as producções.

No theatro normal foi á scena no beneficio do actor Tasso a comedia em 4 actos *O luxo*, que teve o exito que lhe profetisámos. A distribuição prejudicou-a, tornando inuteis os esforços do beneficiado, que luctou quanto esteve ao seu alcance para a salvar da queda. O publico fez-lhe justiça, applaudindo-o e victoriando-o durante a noite, mas desde logo mostrou o seu descontentamento pelo desempenho da peça.

Prezamo-nos de sempre haver dito a verdade ao ex.^mo^ commissario regio, e folgamos que ainda ultimamente s. ex.^a^ tivesse occasião de nos fazer justiça. A acquisição da atriz Emilia assim o denuncia. Declarámos-lhe, e tornamos a repetir-lhe que o theatro normal sem uma actriz dramatica não podia existir, e os factos justificaram as nossas palavras. Saudamos com alvoroço a vinda da distincta actriz Emilia, que bem necessaria era ao theatro, onde os auctores nacionaes tinham sido condemnados a não poder fazer representar um drama. Mas para que a primeira scena nacional estivesse completa e habilitada para um bom reportorio, convinha que tambem fosse escripturada a actriz Soller.

Em quanto as duas unicas artistas dramaticas que temos, não estiverem ali reunidas, o theatro normal não poderá satisfazer lisongeiramente as exigencias do seu reportorio. Logo na *Joanna a doida*, que dizem ser o drama que a actriz Emilia escolhêra para a sua reapparição na primeira scena nacional, hão de ver provado o que avançamos.

Em S. Carlos deu-se a *Favorita*, o *Trovador* e o *Rigoletto* n'uma semana, e na outra o *Rigoletto*, o *Trovador* e a *Favorita*; e n'esta variedade de transposições se gastaram as quatro semanas do mez. Os assignantes zangaram-se na primeira, riram-se na segunda, bocejaram na terceira, e adormeceram na ultima.

Lá nos esquecia a compensação que tivéram. Para variar inteiramente alternavam-se o Bartholini e o Celestino no desempenho das partes de baritono. Hoje era *Rigoletto-Bartholini*,, amanhã *Rigoletto-Celestino*, e continuamente se repetia igual mudança nas outras duas partituras.

É do sr. Annunciação a gravura que adorna este numero. É cópia de um quadro que o distincto pintor executou para satisfazer um pedido da saudosa

rainha, a Sr.ª D. Estephania. Faltava consignar mais este acto que illustra a memoria da chorada esposa de S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V. Encommendando dois quadros a um dos nossos primeiros artistas nacionaes, mostrou que apreciava o seu talento, e que desejava recompensal-o, protegendo-o.

A proposito daremos duas noticias artisticas, uma nacional outra estrangeira; mas ambas do maior interesse.

A primeira é o modêlo para um monumento a Camões, que o sr. Victor Bastos terminou, e que desde já asseguramos estar á altura da reputação que o talêntoso estatuario adquiriu nas differentes obras que já recommendam a sua galeria.

A segunda é declarar aos leitores que já está prompta e concluida a estatua de Minerva, que o sr. Joaquim Pereira da Costa, mandára fazer a Italia para ser collocada no pequeno largo fronteiro á Academia das Bellas Artes. O esculptor chama-se Vicente Vela. Segundo diz Charles de Monselet, collaborador distincto do *Monde illustré*, Vela é um dos primeiros esculptores d'Italia. Monselet indo a Turim foi visitar-lhe o *atelier*, e teve occasião de admirar varias obras que confirmam este juizo. Primavam entre as melhores uma composição festejada pela sua elegancia, e que representa *A musica chorando no tumulo de Donnizetti*. A attitude da mulher é cheia de abandono e as roupas estão dispostas com bastante oppulencia e extrema simplicidade; o braço esquerdo cáe desfallecido sobre os joelhos. N'um baixo relevo cinco ou seis genios pequenos quebram as lyras; os movimentos d'elles são adoraveis. Censura apenas que n'este baixo relevo, onde se observem detalhes curiosos, reine uma certa alegria incompativel com o assumpto.

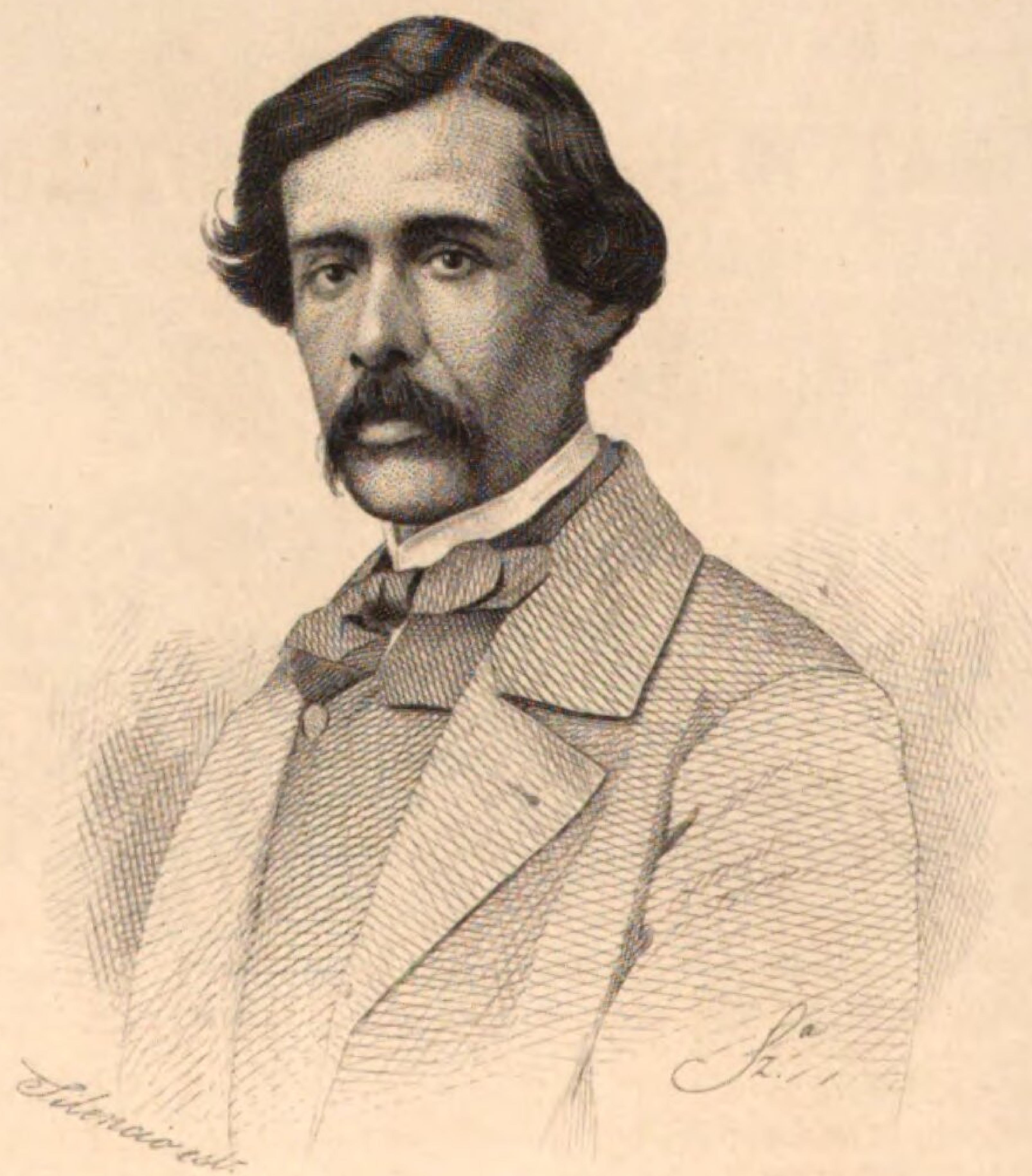
As outras duas que lhe attrairam mais attenção: foi uma estatua colossal de *Minerva*, destinada para a cidade de Lisboa: a *Primavera*, representada por uma rapariga risonha e delicada, uma maravilha de frescura e de vida: e o busto de Camillo Cavour.

Accrescenta o escriptor francez que Vela denuncia uma fecundidade prodigiosa, a julgar por um dos *ateliers* que visitou, e aconselha todo o homem de letras ou artista que fôr a Turim, que não deixe de ir ali passar algumas horas.

Annuncia-se a publicação de um novo jornal politico, destinado a representar na imprensa os interesses moraes e economicos, na mais larga esphera dos principios, e no estudo consciencioso das suas applicações ás circumstancias peculiares do nosso paiz. Entre os seus redactores figuram além de muitos outros, os srs. A. F. de Castilho, Lopes de Mendonça, Rodrigues Cordeiro, Claudio José Nunes, Lobo d'Avila, Magalhães Coutinho, Latino Coelho, Julio Pimentel, Rebello da Silva, Lobato Pires. O novo jornal toma o nome de *Discussão*, como que para significar bem claramente que os verdadeiros progressos publicos devem resultar do debate amplo e desapaixonado dos problemas de administração e economia.

A *Galeria artistica*, publicou a biographia do actor Sargedas, escripta pelo sr. Julio Cesar Machado. A penna do escriptor mostrou-se tão chistosa no perfil comico do artista, que ainda nos obrigou a rir com elle fóra de scena. Com nomes postiços tem o sr. Sargedas feito rir muita gente; mas com o seu proprio nome deve-o ao travêsso biographo. Apostamos que até o sr. Sargedas se riu,—á sua custa.

Ernesto Biester.



Thomaz J. d'Annunciação

THOMAZ JOSÉ DA ANNUNCIAÇÃO

Aos vinte e úm de Outubro de 1837 se matriculou na Academia de Bellas Artes de Lisboa um rapaz de dezoito annos, inquieto, vivo, de olho scintillante: a Academia fazia um anno de idade e a sua existencia parecia-lhe a ella um sonho inexplicavel. Manoel da Silva Passos querendo instituir o ensino da arte, colleccionou todos os que recebiam do Estado a titulo de artistas, quer o fossem quer não, pregou com elles em S. Francisco e cuidou innocentemente que na intelligencia e amor da arte, que rasoavelmente lhes suppoz, brotaria o fructo que com o seu incontestavel patriotismo antevia da sua obra. Deixemos os academicos que não comprehenderam o fim para que os asylaram no convento e digamos o que fez o novo alumno, que pela pintura que fizemos d'elle tem já as sympathias do leitor, que certamente quer já saber quem é, e se chegou a conseguir, apesar da Academia, alguma eminente posição artistica.

Diremos primeiro que, segundo o costume, começou os seus estudos graphicos enchendo resmas de papel de bonecos com fórmas *ideaes* que se dão aos principiantes como primeiro leite da arte do desenho. Thomaz José da Annunciação correu tudo aquillo rapidamente e passou á Aula do gesso, graduação importante n'aquella altura, em que se navega cheio de fé e enthusiasmo, qualidades que ao nosso artista só úma vez faltaram.

Na aula do gesso, permittam-me a expressão, uma caqueirada informe constituia o objecto a que se devia dedicar o culto do desenhador a claro-escuro, o qual procurando conseguir á força de imitação fazer tão hedionda a copia como o original, chega ao apogêo do contentamento e começa a ser gloriosamete invejado dos menos felizes. Annunciação passou tudo ao papel, e como prova de que lhe não restava em pouco tempo coisa que não tivesse já desenhado por trinta fórmas, foi-lhe proposto por um dos professores que desenhasse uma triste cabeça d'Antino que lá havia, de um ponto de vista novo, nunca lembrado a nenhum artista; a cabeça era ôca e do lado em que o pescoço apresentava um boraco, por onde se via o interior, é que o professor a mandou desenhar, a cabeça não, o buraco: dizia o mestre «tudo o que mostra claro e escuro é aproveitar para o estudo, seja o que for.» Vejam o caso que aquelle fazia da belleza das fórmas.

Com estes bellos estudos não seria Thomaz Annunciação professor da Academia passados quinze annos, se não possuisse uma vocação verdadeira. Conquistou o logar de que foi provido por força de talento e estudo: lástima foi não lh'o disputar ninguem, para ser mais brilhante a victoria, mas a Academia durante quinze annos não lhe tinha preparado nenhum competidor: a Academia aprendeu então na sua historia a reconhecer Annunciação como um homem superior: a Academia honra-se com ser elle seu professor.

A inclinação pelas artes do desenho não principiou a manifestar-se quando o nosso artista viu pela primeira vez o labyrintho das estampas e gessos da aula de desenho: ao começar a adolescencia tinha já um passado artistico.

Thomaz Annunciação nasceu na freguezia da Ajuda, seu pae Manoel Joaquim da Annunciação, honradissimo empregado da Patriarchal, deu-lhe segundo o uso a primeira educação, mas todo o enlêvo do pequeno era pintar soldados, lavadeiras, camponezas, vaccas, burricos, etc., e tambem seu retratinho, obra mais durinha, mas que lhe grangeava seus applausos, principalmente quando eram adevinhaveis os retratados. Manoel Antonio da Silva empregado ás ordens do Dr. Brotero no Jardim Botanico era a victima marcada pelo destino para fornecer ao joven esperançoso as tintas e pinceis cujo destino valia mais que um paraizo. As decepções repetidas conduzem ao conhecimento da verdade, do mundo real: não o póde apreciar o que ainda não andou aos encontrões á machina social; mas a gente moça gosa da suprema ventura de viver no mundo que lhe pinta a

imaginação, em harmonia com os seus desejos: essa ventura embriaga no verdor dos annos, comtudo a recordação d'ella faz depois arido o caminho do resto da vida. D'aquelle prazer que Thomaz gosava nasceu o desejo de o communicar, fez-se ambicioso de gloria, os mirificos bonecos íam já resplandecendo em casa dos ex.mos condes dos Arcos, onde sempre foi mui acceito. Com que alegria não ouvia elle celebrar os seus triumphos sobre a rebeldia do natural, e sobre a teima dos pinceis em não pintar o que elle queria, quantas reminiscencias saudosas não deverá elle ainda hoje ao bom acolhimento d'essas tentativas em que o genio nascente o encaminhava a contemplar espontaneamente o *natural*, eterna e unica fonte dos modêlos da arte; apaixonado desde os primeiros annos da *verdade* nas *fórmas* e *na expressão* hoje, que o pincel lhe obedece com rapidez, trabalha violentado se não tem o modêlo á vista: os grandes mestres nunca se presaram de *inventar* figuras mas de reproduzil-as bem.

Onde estará hoje a primitiva galeria do nosso artista? onde estão e bem todas as do mesmo genero. Pelo seu desinteresse fazia presente das obras, pela avidez com que procurava a perfeição desempenhava-as seriamente, estas tendencias denunciavam as feições provenientes do seu caracter e do seu talento.

Agora que o leitor viu como Thomaz Annunciação nasceu para as artes, consentiremos que a Academia tenha pretenções á paternidade artistica do seu eminente professor? Não. Nós só diremos á Academia, se elle é filho dos vossos methodos de ensino, dos vossos exemplos mostrae-nos outro, que tenhaes creado similhantemente em vinte e tres annos, que tantos ha que tendes escóla aberta. O antecessor de Thomaz Annunciação na pintura de paizagem foi André Monteiro da Cruz, mestre dos pintores de ornato no palacio da Ajuda, homem de letras gordas e poucas, mas dotado de uma penetração e sagacidade admiraveis, tinha engenho e no palacio teve largas para estudar, attenta a espantosa prodigalidade com que se dispendia nas obras, e o vagar com que n'ellas se procedia; mas André Monteiro pouco aproveitou d'aquelle remanso e conseguindo fabricar apenas alguma paizagem toleravel, quanto a figuras e gados nem se póde occupar a critica em mencional-os; lá estão na Academia algumas, para as quaes se valeu de pessimas gravuras, que copiou sem a minima alteração. Este não foi de certo o que ensinou ao nosso artista os segredos da arte.

A quem com justiça se deve mencionar como dando direcção aos estudos, que pelos fins de 1839 foi fazer na aula de gravura de paizagem, é ao digno professor d'ella Benjamim Comte, de

quem foi melhor discipulo e a quem sempre mereceu particular estima. Comte deu-lhe noções do desenho de paizagem a lapis e a sepia, mas os estudos de gados que Thomaz fez depois, sem outro mestre mais que o natural e a sua rara percepção da côr e do contorno, a que distancia ficam dos trabalhos que fez na aula de gravura.

Sem fazer offensa a nenhum dos professores da Academia, affiançamos que foi sempre de todos o mais bondoso e bemquisto Joaquim Raphael que regía a aula de desenho, Annunciação frequentou-a quatro annos, e foi em todos quatro premiado com o primeiro premio.

Em 1841, concluido o curso da aula, como lá lhe chamam, passou ao curso da aula de pintura historica, dirigida pelos srs. Antonio Manoel da Fonseca e Norberto José Ribeiro, homem de uma probidade escrupulosissima e o mais digno que restava dos representantes da pintura, da época da Ajuda: colorista soffrivel, pincel timido resentia-se de uma educação artistica capaz de apagar o fogo divino ao proprio Miguel Angelo, este homem (aliás respeitavel), pouco vulto fazia na aula.

Thomaz Annunciação, que suppunha acabado o seu *curso de desenho*, continuou a fazer desenhos na aula de pintura historica e ahi consumiu tres ou quatro annos, copiando cabeças e prégas dos quadros quinhentistas que possue a Academia, e pintando do gesso o claro-escuro: esta vida enfastiou o artista e no anno de 1844, considerando todos os discipulos que o tempo assim empregado era uma verdadeira dissipação, accordaram em abandonar a aula; Annunciação retirou-se com os seus collegas.

Onde o artista julgára que a sua carreira seria mais veloz ahi encontrou tropeços que não imaginava: os impetos de enthusiasmo pela arte foram-se-lhe amortecendo com as contrariedades do que chamam vida real. Por estes tempos o ministro da Prussia conde de Rakzinsky, singular amador de artes, escrevia aqui, sobre a nossa historia artistica, duas obras mui conhecidas e estimadas, e animado de um vivo interesse pelas nossas coisas communicava para Allemanha o que aqui via de notavel e pricioso em quadros antigos. Não sendo facil enviar desenhos d'elles, pediu a Thomaz Annunciação que lhe desenhasse algumas das cabeças mais caracteristicas, afim de as mandar como amostra ao seu paiz: n'isto houve-se Annunciação com tal felicidade que, esta circumstancia junta a outras de não menos peso levou o conde, de accordo com dois dos mais intelligentes fidalgos de Portugal, a escolhel-o para ir estudar fóra do

paiz de companhia com outro moço de não menor merecimento, hoje fallecido. Esse projecto posto repentinamente em esquecimento, foi mais uma das dôres com que a adversidade experimentou a fortalesa do nosso artista.

Thomaz não era tão abastado que podesse proseguir desassombrado de cuidados no seu caminho: affigurou-se-lhe um descampado o terreno que tinha a andar; o encanto dos campos que sonhára conhecia que era sentido só por elle, os outros via-os andar e desandar, cuidando na vida e ignorando mesmo que haja além d'isso alguma outra coisa de que se possa cuidar; elle via n'elles uma felicidade, mas tal que o não podia seduzir. Não espere nunca o leitor encontrar o desenganado artista ao balcão de uma casa de commercio, de penna na orelha, alliciando os freguezes com uma eloquencia meliflua, recheada de disparates e de affirmativas absurdas ou visivelmente falsas, não espere que, alcançado algum posto de official para o ultramar, o encontra satisfeitissimo com a sua nova carreira, cheio de esperança e fé, na figura brilhante que póde fazer um dia.

Propostas de uma e outra especie se lhe tinham feito em 1837 e a resposta a ellas foi a sua matricula na Academia das Bellas Artes de Lisboa. Forçava-o a buscar modo de vida a sua demissão de praticante no Museu de Historia Natural e Jardim Botanico, cujo director o dr. Francisco d'Assis, era n'essa occasião exonerado, não sei sob que pretexto, mas com o fim de se operar no estabelecimento uma *reforma*.

Irá pois agora o desanimado artista manejar o covado ou a espada, deixando o pincel ao abandono? não váe, não lh'o consente a indole.

Dois annos lhe durou o enfado e a casa dos ex.^mos^ condes dos Arcos lhe deu abrigo, com affeição verdadeira, e tanta que Thomaz da Annunciação não a esquece nunca: o seu reconhecimento aos ex.^mos^ D. Nuno e D. Pedro d'Arcos não precisa de quem o avive.

Quem restituirá á sua musa o fugitivo pintor? haveria alguem a quem affligisse a obscuridade a que se condemnou no desalento?

Thomaz terá ainda um amigo, animado da fé no futuro, na fé que lhe faltou a elle? João Anastacio Rosa, o actor Rosa, conhece a superioridade do talento de Thomaz Annunciação e antevê a brilhante posição que elle póde alcançar como artista, visita-o, aconselha-o, força-o a tomar os pinceis; n'estas importunações amigaveis, Rosa é acompanhado do sr. Hermano Moser, grande apreciador de Bellas Artes. Dissipa-se rapidamente a ne-

voa que encobria a Thomaz Annunciação os seus horisontes refulgentes, a altivez dos seus novilhos, as ovelhinhas, os regatos: parece-lhe sentir a fresquidão das madrugadas, começa a ouvir a melodia dos campos, presente já uma soberba eira, um soberbo quadro, uma soberba exposição d'elle; Annunciação determina resolutamente ser artista, falta estudar.

O pintor não improvisa as fórmas dos objectos de que faz a sua composição, e uma das qualidades principaes de um quadro é sem duvida a fidelidade na imitação da natureza, n'alguns é mesmo a qualidade essencial. Annunciação applicou-se pertinazmente ao estudo severo dos seus modêlos, e com tal persistencia proseguiu n'estes exercicios que a elles devemos o ser o prefessor da Academia o melhor e o primeiro pintor de gados conhecido em Portugal: o seu modêlo foi a natureza, o seu mestre a propria experiencia, guiada pelo seu genio.

Rosa, como excellente amigo, não parou vendo ateado o enthusiasmo do artista, constituiu-se seu corrector, lançava-lhe mão dos quadros que acabava de pintar, apregoava-lhes o merito, vendia-os, e Thomaz cuidava só do seu estudo, ignorava até estes passos de Rosa.

São as premicias d'estes novos trabalhos quatro quadrinhos representando gados, que se acham em Cintra, na galeria d'El-rei o Sr. D. Fernando: expostos na loja do dourador Margotteau por diligencias do Rosa, soou no Paço noticia d'elles, El-rei, para quem um novo elogio é hoje a repetição de alguma verdade mil vezes affirmada por todos, quiz vel-os e tendo-lhe agradado, fez d'elles immediata acquisição. Foi isto ali por 1848, ha dose annos que a protecção do Sr. D. Fernando não desampara o artista. Ornam as galerias de S. M. numerosas producções de Annunciação. São notaveis — Uma vista da praia de Pedroiços com pescadores — Outra tirada de um ponto do jardim das Necessidades — Duas de pastagens com vaccas — Tres com patos, gallinhas, etc. — A ida para o trabalho — A volta do trabalho, duas joias da collecção — O repouso dos pastores — e a perola das suas composições: Os amores d'Aldeia.

O Ex.^{mo} Sr. Antonio Xavier de Brederode, a quem o paiz deve notaveis serviços em favor da arte, possue do nosso artista — Um interior de bellissimo effeito de luz — Duas paizagens — Um tocador de viola. — O Ill.^{mo} Sr. Palha (João) — Um grupo de rapazes jogando o jogo das cinco pedrinhas, o *astragalo* dos antigos. — O Ex.^{mo} Sr. Estevão Palha possue nada menos de sete dos mais recentes — A partida do gado — Uma pastagem — Um representando uns patos — O retrato de um soberbo mastim, tamanho

natural — O velho dos amores d'aldêa, repetição — A torre e praia de Belem, longes bellissimos—Um quadro de flores e fructos, estrêa de novo genero, em que se manifestam os prodigiosos recursos da sua palheta.

O exm.º sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, possue tambem alguns quadros d'Annunciação, o nosso poeta Gomes d'Amorim, tres de gados— O sr. João Baptista Ferreira, seis: —Uma vista da Praça da Figueira—Um sendeiro—Dois de mulheres d'Ovar—Dois de gados.

Lord Seymour fez tambem acquisição de dois quadros representando o pittoresco trajar das varinas.

O negociante Jorge Hancock—alguns de pescadores, gados, trajos nacionaes, etc. Foi um d'elles vendido em Inglaterra por preço correspondente á uma alta estima: este facto merece particular menção por se dar entre os compatriotas de Turner e Landseer. Seria quasi impossivel e de certo fastidioso dar aqui relação de todas as producções de Annunciação, calculado o seu numero em mais de cem: o leitor que tiver a ventura de contemplar as que apontámos approvará certamente a menção que d'ellas fizemos.

A descripção minuciosa de um quadro é sempre uma coisa incompleta e quasi sempre inutil para se formar d'elle idéa.

Passaremos em silencio sobre os desenhos, litographias, gravuras que tem produzido, quasi todas conhecidas dos amadores.

O caracter das producções de Thomaz Annunciação, a qualidade que o seu porfiado estudo tem conseguido alcançar, sobresaliente a outras mui apreciaveis que tambem possue, está na fidelidade do *gesto* das suas figuras, em a naturalidade da *postura* dos seus gados: uma observação tenaz dos movimentos quasi invariavelmente inherentes aos actos da vida dos animaes, o tem feito tão senhor do conhecimento dos seus habitos que logo reluzem nos seus quadros as feições do natural. O pescador que arrasta a rede, o camponez que apparelha o carro, a ovarina que conta pela centesima vez, em conferencia com a sua companheira o producto da venda, aquelle ancião que toma vagaroso a sua pitada, para observar maliciosamente o namorico da cachopa que se derrete pelas melodias do Orpheu da viola, no quadro dos Amores na aldêa, todas estas acções são tão perspicazmente espreitadas do natural, que se vê que o que tem de fugitivas não lhes valeu para escaparem á penetração energica do artista. Uma verdade vem aqui a proposito dizer-se: o daguerreotypo, que é mui valioso auxiliar para o trabalho artistico, não offerece ao pintor a exacta reproducção do claro-escuro, portanto o *tom*

e a *côr* tem elle de obtel-os por outra via, a da observação directa; no mais que toca á arte de nada presta o daguerreotypo porque o ageitar dos grupos, encadeal-os, distancial-os convenientemente, não se esperará das operações da machina: fixar n'um relance a expressão momentanea de um olhar do modêlo, só o sabe o artista consummado. Fiquem portanto desenganados, a superioridade na arte é hoje tão rara como era antes da invenção do daguerreotypo. Ao perfeito da execução é que o daguerreotypo com a sua tal ou qual exactidão obriga hoje o artista, o que é dependente do genio ou do entendimento ficou difficil e raro do mesmo modo que o era antes da maravilhosa descoberta da photographia.

Disse que a verdade do gesto era a principal, mas não a unica qualidade que revelavam os quadros do professor da paizagem; outras não menos estimaveis descobrem os seus magnificos *ares* em que se mostra muitas vezes arrojado, sem que o luminoso das suas massas de claro prejudique o effeito da composição; como colorista é vigoroso, sem perder a suavidade; n'alguns quadros denuncia em magestosos céos uma extensão de tons e uma riqueza de côr admiraveis, concebe tão bem o que ha de perceptivel e o que ha de indeciso nos longes que se allongam por elles os olhos com delicia,

É portanto Thomaz José da Annunciação um artista consummado, o *non plus ultra* da sua especialidade? Não. É elle mesmo que o sente, é elle mesmo que o confessa, é elle mesmo que soffre por se não ver livre das prisões que o retem longe do seu mais querido, do unico pensamento de toda a vida. Na Academia occupam-n'o dos regulamentos das aulas, dos toques de sineta, das horas de entrada, das horas de saída, consultam-n'o sobre os moveis da aula, sebre estrados, sobre carteiras, sobre fogões, sobre o pote da agua, examina quanto se gasta em pás do lixo! Isto por não saberem o que é um artista. Mas dirão: as conferencias academicas occupam-se tambem de questões proprias de uma Academia, ahi os artistas vivem por algum espaço no seu elemento, ahi teem grata compensação das ninharias administrativas, ahi o debate sobre tal questão de arte occupa agradavelmente o animo dos professores, a arte progride, prospera o estabelecimento. Nada; as conferencias academicas tratam ha vinte e tres annos do governo domestico, e até hoje nem os trastes da casa arrumaram; as graves questões do ensino, as theorias das bellas-artes tratar-se-hão quando a Academia fôr o modêlo do arranjo regulamentar, quando sobre entradas e saídas, toques de sineta, altura de bancos, de estrados, de

cadeiras, sobre chavinhas, trincos, numerações, e finalmente quando sobre todas as bagatellas importantes, que são a alma do bom governo de um estabelecimento d'estes, quando em tudo isto se tiver tocado a ultima perfeição: então se cuidará em fixar a doutrina que se deve seguir no ensino, se tratará finalmente de bellas-artes.

Um governo que tirasse d'estas miserias o artista, que lhe facultasse a observação das grandes obras da sua especialidade, que ornam os museus e galerias estrangeiras, fazia á arte e ao paiz um eminente serviço; mas ninguem seja tão visionario que espere essa fortuna a respeito d'artes: se ha meio de pôr algum embaraço aos seus cultores cream que não deixa de ser aproveitado, e se ha uma lei que favoreça a oppressão, seja ella o mais absurda possivel, mostra-se-lhe o mais edificante acatamento, embora seja evidentemente estupida não se lhe perde o respeito.

Abriu-se concurso para a substituição de paizagem em 1852, Annunciação, concorrente unico, foi provido com geral applauso, lá está na Academia o quadro que pintou n'essa occasião, uma —Vista tirada do sitio da Amora—que com outros dois enviou á exposição de Paris, onde foram todos tres muito louvados: esse quadro é uma obra primorosa. Em 1857 trata-se de prover a propriedade da mesma cadeira, Annunciação, concorrente unico em 1852, tendo regido a aula até áquelle tempo na falta do octogenario professor, não tendo deixado de estudar um momento, Annunciação, a rogo dos seus amigos, solicita a dispensa de uma prova que se tornava caricata pelas habilitações do candidato e tyrannica por se dar na época da *febre amarella.* O director da Academia, na informação que lhe pedem evidenceia a justiça do pretendente, logica perdida! exultam os respeitadores hypocritas da lei, podia-se lá perder tão bella occasião de alardear virtude: o seu requerimento e a informação foram quasi que anathematisados, as auctoridades ordenam com severidade o cumprimento da lei, Annunciação soffre o flagello de uma resolução não imbecil mas hypocrita, Nicolau Poussin que fosse o candidato faziam-lhe o mesmo.

As provas que o nosso artista se viu constrangido a dar n'este concurso, se assim querem que se chame, demonstram que nas producções d'arte se revella necessariamente o estado de espirito do auctor: tão friamente, tão materialmente as concluiu o nosso pintor, que logo passado aquella crise lamentavel da epidemia, a primeira coisa de que tratou foi de se desempenhar da especie de desar que lhe ficava da inferioridade d'aquelles amargurados trabalhos.

Thomaz José da Annunciação, é um homem probo em toda a extensão do termo, nos soffrimentos porque tem passado não se lhe manchou o caracter: seu pae foi o seu exemplar, Manoel Joaquim da Annunciação, antigo empregado da patriarchal, victima sempre mas não se desviando nunca da escrupulosa exactidão do seu serviço, não teve que legar a seus filhos mais do que um bom nome: além d'outras virtudes possuia a da limpeza de mãos, que nunca foi vulgar. Embarcava-se a real familia, abandonando o reino, em Novembro de 1807, no caes de Belem: a desordem espantosa com que se fez o embarque perturbou a todos a cabeça, o largo de Belem estava atulhado de bahús, caixas, mallas, de uma infinidade de volumes sem dono, á mercê do primeiro que lhe deitasse a mão: preciosissimas riquezas da Patriarchal se achavam ali envolvidas no tumulto, não ha náo que as receba, pede-se a Annunciação encarecidamente que as salve, assim o executa: voltam as pessoas reaes em 1821: onde estão as joias da Patriarchal? perguntam os que as deixaram no cáes de Belém. Eil-as. Muitas das coisas preciosas que ficaram cá tinham-as *levado os francezes*, aquellas tiveram a fortuna de escapar, ora como Manoel Joaquim da Annunciação não tinha feito mais que o seu dever, não havia pela sua acção motivo de o premiar e por isso nenhum premio lhe deram. Toda a gente que tinha acompanhado El-rei ao Rio de Janeiro, voltára mais altamente collocada do que fôra, Annunciação parecia pequeno ao pé d'elles, e para annullar essa deseguualdade perseguiram-no, para os não envergonhar: o filho não desdiz do catonismo do pae, como não solicita, não se engrandece, mas os que pedem muito e sempre, olham-no de travez, porque o seu comportamento é indirectamente uma censura, involuntaria sim mas effectiva.

Coroava mui naturalmente esta biographia, uma noticia das acções da vida privada, que recommendariam Thomaz Annunciação aos que não teem a fortuna de o conhecer no tracto intimo, mas sendo o conhecimento d'ellas privilegio dos amigos mais chegados, contentaremos todos com affiançar-lhes que o nosso artista é n'este ponto um modêlo. Annunciação não completou ainda a sua carreira, a parte mais brilhante da sua vida de artista começa agora, o que d'ella apontei são apenas os preliminares, a historia das nossas artes tem ainda de registar com ufania o bello futuro que lhe auguramos.

M.

QUINTO CASAMENTO

I

Uma vez, descia, ou, melhor direi, escorregava eu das alturas de Barroso, e scismava nas santas proezas de Bartholomeu dos Martyres, tão singela e devotamente contadas por um frade dominicano, o qual sempre que o leio, póde tanto comigo, que, pelo muito que lhe quero, perdôo a todos seus confrades, entrando na conta o proprio Torquemada.

Uma a uma, recordava eu as mortificações com que o santo macerava e deformava o corpo para que a alma, anojada d'elle, toda se desprendesse da envoltura feia, e suspirasse sempre namorada e saudosa do céo. Tudo me lembrou e edificou, desde os hortos cosidos que ceou na cabana de uma velha, até ás exulcerantes rosetas do cilicio.

Sobre tudo, porém, o que mais assombrou a minha peccadora fraqueza foi ter ido o arcebispo ás alturas de Barroso! Se em Roma se soubesse o que é Barroso; se o Espirito Santo, em seus colloquios com os Papas, lhes communicasse noticias topographicas d'aquelles sitios, Bartholomeu dos Martyres estaria já no Florilegio, e Fr. Luiz de Sousa dispensar-se-ía de lastimar que os coevos do prelado bracharense não authenticasse milagres, sem os quaes a canonisação é improcedente.

Eu tambem fiz o milagre de ir ás alturas de Barroso, não pela trilha que lá conduzíra o intrepido arcebispo, mas por fragoedos e escarpas sem mais vestigios de vida que uma infesada vegetação de urzes tozadas pelas cabras.

Ora vejam os meus amigos do Chiado e do Café-Martinho por onde eu tenho andado!

Com Bartholomeu dos Martyres caminhava o Anjo do Senhor, e, pelos modos, o merendeiro abastecido de modestas vitualhas, com que ao abrigo de um penhasco se refaziam de vigor aquelles varões apostolicos da companhia do arcebispo, os quaes — seja dito de passagem — nem assim andavam contentes, e íam resmungando sempre contra as ventanias e bátegas de agua que lhes faziam torcer o nariz ao aroma dos celestiaes jardins.

Comigo não caminhava talvez o anjo do Senhor; mas o merendeiro esse é que de certo não ía.

Subi quatro leguas de encosta em nove horas, com a mula á redea. Era perigoso cavalgar: a cada passo a mula, açoitada pelo vento da esquerda, voltava a cabeça para a direita, e media com torvo olhar a profundidade de um barrocal. Alguns amigos meus, famosos na poesia e lidos no Byron, tinham-me fallado na attracção do abysmo como coisa que explica muitos suicidios de individuos melindrosamente organisados. Ora, é de saber que a minha mulinha se fizera melindrosa de nervos desde que adelgaçára em fibra muscular, por causa dos jejuns aturados e pacientes a que a forçára o meu espirito andejo por terras em que os muares, á mingua dos pastíos, tem muito mais espirito e recolhimento. Não o digo com pretendida graça, mas medo não me faltou de que a mula, melindrada em sua compleição pelas fomes, se despenhasse attrahida pelo abysmo, e verificasse o que me haviam dito os ledores de Byron, menos propensos, talvez, que ella a justificar as crendices dos grandes genios.

Ao anoitecer, avistei uma povoação... Agora reparo que tendo começado a contar a minha saída das Alturas de Barroso, estou com a entrada. Não importa. Entrem comigo por alguns minutos na aldeia de *Cerigo*, e saíremos todos logo, abençoando a Providencia que nos deixa viver no Rocio, no Matta, em S. Carlos, n'este golphão de regalos, que Deus não concedeu áquelles selvagens de Barroso, tão malquistos da fortuna que vivem mais quarenta annos que nós, e andam sempre alegres!

Á entrada da aldeia de *Cerigo* está uma fonte rasa com o chão. Ao pé da fonte, emergindo o cantaro, estava uma grossa o corpolenta moça. Tinha a cabeça tosquiada, os pés descalços, a saia de tomentos curta pelo joelho, as pernas vestidas n'uns canudos de lã hirta e negra, e sobre os hombros um mantéo curto de baeta escarlate.

Perguntei-lhe se n'aquelle povo haveria quem me désse agasalho por algumas horas.

«Venha d'ahi comigo» respondeu ella, pondo o cantaro sobre o hombro.

Chegámos defronte de uma casa terrea, como todas; a moça entrou no quinteiro, e disse-me:

«Metta a mula n'aquella córte, e venha cá p'ra cosinha.»

Desapparelhei a mula, atei-a pela corda do cabresto a uma forquilha, improvisei uma manjedoura com uma rima de fêno, e fui para a cosinha.

«Louvado seja nosso Senhor Jesus Christo» — disse eu, entrando. — «O Senhor seja louvado» — responderam-me muitas vozes em toada soturna. — Chegue-se cá p'ra fogueira, accrescentou uma voz.

Eu não via ninguem. O fumo que toldava a cosinha enchera-me de lagrimas os olhos. Luz havia apenas a da fogueira impardecida pelos opacos rolos de fumo. Já tinha o lenço insopado em lagrimas, e não pudéra ainda fitar os olhos nas pessoas que rodeavam a lareira. Fizeram-me varias perguntas, e entre estas uma que me ficou de memoria, foi se era *mestre da saude*. Como eu, pela resposta, mostrasse não entender a pergunta, illucidaram a minha ignorancia perguntando-me se eu era barbeiro. Respondi que não era barbeiro, e tive de explicar o para que servia a *ingenhoca* que eu tinha no bolço da jaqueta. A chamada *ingenhoca* era um cachimbo de porcelana. Uma velha quando viu fumar o cachimbo, disse a outra que lhe estava ao lado: «isto, emquanto a mim, é hereje lá d'esses reinos de por ahi além.»

Eu tinha fome. Faregei o vapor de dois enormes potes cujo contheudo fervia em cachão. O quer que era não tinha cheiro que lisongeasse o meu olfacto. Regalava-se-me, porém, a alma na esperança de vêr sair d'aquelles potes alguns nacos de presunto, e uma das gordas galinhas que esvoaçaram sobre mim, quando entrei na córte da mula. N'esta prelibação mal-agourada, eram-me toleraveis as dôres dos olhos.

«Vamos ao caldo» disse uma das velhas.

Todos se ergueram do lar para abancarem a uma longa taboa, suspensa em dois cêpos, na qual não havia toalha, nem garfos. As alfaias unicas eram algumas colheres de páu. Em cada extremidade da taboa estava uma grandissima brôa.

Seguiu-nos uma escudela de batatas com a casca. Ao lado d'esta, uma tigela com sal. Mais de cincoenta dedos, incrustados de lama petrificada, convergiram sobre a escudella. Eu vi esta coisa suja e ignominiosa á luz de dois páus de urze que ardiam espetados na parede. Fiquei attonito, quando vi aquelle numeroso gentio rolar as batatas na tigela do sal, e comel-as assim!

«Vossê não come?!» disse um dos convivas.

Estendi o braço á gamela, tirei uma batata que larguei logo, por que me queimou. Riram-se todos; e alguns reparando nas minhas mãos, redobraram as gargalhadas, dizendo coisas engraçadas, allusivas á minha magresa. Entretanto, estonei a batata, salguei-a, e sou-

be-me que nem manjar de anjos. Veio em seguida o caldo: era de leite. Caldo de leite, meus amigos que derrancaes o paladar e o estomago com pasteis d'ostra e *croquets* de carne revelha, e *civets* de lebre em putrefacção, e *vol-au-vents* de marisco! Não sabeis o que é este sadio, o talvez primeiro alimento de Abrahão, de Jacob, de Matusalem, e de Sara, minhas senhoras, de Sara que tomava caldo de leite, e tinha filhos na idade em que vv. ex.as tem bisnetos!

Cada tigela de caldo era um lago de leite, em que elles formavam, a modos d'ilhas, pyramides de brôa, que comiam e revesavam, e eu tambem deliciosamente.

Finda a ceia, erguemo-nos de mãos postas, resámos a todos os santos conhecidos, e a outros muitos que inventou o dono da casa. Resei por alma de toda a parentela extincta d'aquella familia nos ultimos tres seculos; e pela devoção com que o fiz consegui desvanecer o máu conceito de heresia em que me tinham os da casa por conta do cachimbo.

Terminada a resa, pedi licença para deitar-me. Ergueu-se um dos muitos homens da casa, accendeu uma das urzes, disse-me que o seguisse, e levou-me ao palheiro que estava contiguo á córte da mula. Ahi fez-me um ninho de fêno, deu-me um lençol de estopa, uma manta de sirgo, e deixou-me ás escuras para prevenir incendio.

Dormi, e tão profundamente dormi, que, despertando ao romper do dia, notei que a mula se soltára, e me comêra a maior parte do ninho. Agradeci a hospitalidade d'esta boa gente, e perguntei a mim mesmo se por ventura Barroso seria retalho de um paiz civilisado, situado a menos de setenta leguas de Lisboa!

Assim pois, vinha eu na volta de Barroso, meditando no muito que devia privar com Deus aquelle santo arcebispo que demorára muitos dias n'aquellas serras e penedias as quaes, no dizer de Fr. Luiz de Sousa, *mais parecem morada de féras e selvagens, que de homens capazes de rasão e juiso.*

Cheguei á margem direita do rio Tamega, no ponto em que elle demarca a separação das duas provincias do norte.

A passagem do rio é feita por barcos; quando, porém, as chuvas engrossam a corrente, o Tamega é mais caudal e perigoso que nenhum outro rio de maior pujança.

Quando cheguei á margem, era noite, a chuva copiosa, e arriscada a passagem. Pedi ao barqueiro que me dirigisse onde me déssem agasalho. Offereceu-me a sua casa, dizendo-me que não era boa, mas que a não havia melhor na povoação. Fui, e encontrei um certo aconchego que me não parecia de lavrador, e ainda menos de quem se dava ao esforçado trabalho de barqueiro em estação de tamanho perigo. Ao pé de mim veio a mulher do barqueiro, e os filhos bem tractados e ves-

tidos. D'estes o mais velho perguntou-me logo se eu sabia latim, e se lhe ensinava o ponto de Tito Livio.

«Vejo—disse eu ao barqueiro—que dá a este menino uma educação que de certo lhe não ha de servir para andar com a barca no rio levando e trazendo passageiros a vintem.

—«E quem lhe disse que eu levo dinheiro pela passagem?—acudiu o homem.—Já vejo que o sr. nunca passou na minha barca.

«De certo que não.

—«Eu tenho mais que o preciso, graças a Deus—proseguiu em tom de franqueza rude e alguma vaidade á mistura—tenho que farte em bens e dinheiro para não trabalhar, e ordenar de missa quatro filhos.

«N'esse caso é por bemfazer ao proximo que vm.ce dá a sua barca e os seus braços gratuitamente?

—«É verdade. Foi n'essa barca que Deus metteu a felicidade da minha familia ha vinte annos, e n'ella me veio a casa. Já agora hei de agradecer ao céo os bens que me deu, continuando a ser prestavel a quem o era antes de ser rico.

«Se eu não receasse ser confiado—redargui com a curiosidade dos dezoito annos, quando aos dezoito annos se quer achar um romance e um mysterio em tudo que a trivialidade nos depara—se eu não receasse ser confiado, pedir-lhe-ía me contasse porque meios a Providencia o fez rico.

—«Isso sabe-o toda a gente que me conhece, e o sr. tambem o póde saber; mas antes dos contos, que não enchem barriga, vamos á ceia que está na mesa, e depois conversaremos com o pichel do verdasco ao pé, e as castanhas na assadeira.

A ceia, que me liberalisou o sr. Antonio da Mó, foi uma salvadora reparação ás minhas debilidades de quatro dias. Creio que era gallinha por cabeça, e um caldo que gelava de gordo na tigela, e podia cortar-se á faca.

Finda a ceia e a oração, ergueu-se a mesa que ingonçava no escabello, e seguiram-se a libações frequentes provocadas pelas castanhas que estoiravam na assadeira pendente do caniço.

—«Agora, disse o sr. Antonio, desemborcando o bico do pichel dos beiços, e passando-m'o com patriarchal solemnidade—beba mais um trago, e oiça lá a historia.

II

Eu prometto não viciar com louçanias de linguagem a narrativa do sr. Antonio da Mó. A poesia rustica e nativa que elle, a intervallos, dava ao conto, essa não posso eu dar-lha. O verdadeiro idillio não são as eclogas de Lobo e Quita: é o dizer chão, pittoresco, e ao mesmo

tempo imaginoso dos que beberam o puro leite da poesia nos seios da natureza.

Em 1832 um ricasso do Alto-Douro, de nome Bernardo Pires, fugia á perseguição que o corregedor de Villa Real lhe fazia por odio politico. Em parte alguma se furtára á espionagem dos aguazis. De terra em terra, umas vezes confiado nos amigos, outras com falso nome, fôra parar á Ribeira de Penna, terra situada na fronteira do Minho e Traz-os-Montes.

Como a justiça ahi mesmo o descobrisse, resolveu transpôr o Tamega, ganhar as alturas de Barroso, e internar-se na Gallisa. Encaminhou-se para isso, ao primeiro ponto de passagem que era aquelle onde eu viera ter á margem opposta.

Estava do lado d'além a barca. Bernardo Pires chamou algumas vezes o barqueiro. Ninguem o ouvia, mas vira-o uma rapariga irmã do dono da barca e da azenha. A corrente do Tamega ía grossa de mais para pulso de mulher; mas Thereza era atrevida, e o irmão só a deshoras viria acudir á anciedade do passageiro. Desamarrou o barco, arremangou a camisa, cospiu nas mãos, travou da vara, sondou com ella o váo, deu o primeiro impulso á barca, e d'ahi até á margem opposta mais de tres vezes se affigurou a Bernardo Pires que a torrente a arrastaria á açude que se despenháva cem passos abaixo com fragor medonho. De cada vez que Thereza fincava o peito á ponta da vara, a barca resistia á torrente que marulhava e rebentava para dentro d'ella: depois, apertada entre a onda e a vara, gemia pelas juncturas, e a possante barqueira, brincando com a morte, ou ignorante do perigo, a cada impuchão que a barca dava galgando a corrente, exclamava com triumphante alegria: «Salta minha menina!»

Abicando margem fronteira, viu que o passageiro com o chapéo na mão se approximava d'ella. Não affeita a ceremonias, quasi que não respondeu ao cortejo, e quando Bernardo Pires lhe agradecia o risco em que estivera por causa d'elle, Thereza, passando-lhe para a mão uma escudella de páo, disse-lhe:

«Ajude-me a despejar o barco, que, se mette mais agua, na ída para lá, podemos ir ambos ao fundo.»

Bernardo trajava como homem do campo: chapéo derrubado, jaqueta, um páo argolado, e faxa escarlate á cinta. Este trajar não o dispensava de ajudar Thereza a despejar a barca; mas a prostração em que o tinha a febre obrigou-o a largar a escudela apenas começou o serviço.

«Não posso, menina — disse elle — porque estou muito doente.

— «Ah! está? coitado! sente-se, e espere um pouco. — E olhando-lhe casualmente para as mãos, continuou — Vm.^ce^ tem mãos de padre... Aposto que nunca fez serviço de lavoira?

«De certo não fiz, menina; mas não é o mimo das mãos que me não deixa ajudal-a; é que tenho sesões ha seis mezes e estou muito fraco.

— «Pois está assim doente, e mette-se ao caminho?! para onde váe vm.^me^, ainda que eu seja confiada?

«Nem eu sei para onde vou... Se a menina não viesse cá buscar-me, é natural que eu passasse aqui a noite... Ora diga-me: do lado d'além ha alguma estalagem onde eu possa descançar?

— «Quem deu lá estalagem! Ha aquella casa que lá vê que é a minha, e mais acima duas ou tres casas de lavradores, que não são capazes de matar a fome a um pobre.

«N'esse caso, não poderei passar hoje d'este lado, por que é tarde, e torno para a estalagem.

— «Lá por falta de casa onde fique não seja a duvida. Venha d'ahi que lá se arranjará para vm.^ce^ uma ceia e uma cama.

«Acceito esse grande favor, e tudo pagarei generosamente, disse Bernardo.

Entrou na barca, e contemplou de perto Thereza. Era uma rapariga de vinte annos, de altura extraordinaria, pulsos e mãos de homem, largura de espaduas, encontros anchos, e desenvolvidos por exercicios de força, um conjuncto de fórmas varonís, excepto no rosto em que haviam traços regulares de uma bellesa que não era nem a bellesa melindrosa e fina da mulher, que se esmera em enfeital-a nem aquelle bello descuidado da mulher do campo para quem não ha adornos que não sejam liberalidades da natureza. Achar-lhe-íeis demasia de escarlate no rosto, amadores da desmaiada languidez; quizereis menos luz e mais resguardo nos olhos negros de Thereza, amadores das palpebras flacidas; não sei bem o que uns e outros quererieis; mas o que Bernardo Pires anhelaria, se a intermittente da sesão se convertesse n'outra que vem dos calores d'alma e requeima as fibras que não são alma, fôra de certo aquella que o transportava, com animo sereno, contra a impetuosa torrente do Tamega.

Antonio, irmão de Thereza, quando a barca abordou, já lá estava d'além prompto para arrojar um cabo, se houvesse perigo. Thereza saltou em terra, deu a mão ao passageiro, e disse ao irmão:

«Este homem está doente, e fica comnosco até ámanhã. Atraca a barca, que eu vou com elle.

— «Mata-lhe a galinha pedrez — disse o sr. Antonio.

Bernardo Pires deitou-se na melhor cama da casa, que era a de Thereza. Esta passou a noite ao lar, supprindo com a fogueira a falta de cama. Na madrugada do dia seguinte o hospede quiz erguer-se para seguir jornada, e não pôde suster-se nas pernas. Chamou o dono da casa e disse-lhe:

«Sinto-me muito doente; preciso da sua caridade por alguns dias; espero que me deixe descançal-os aqui, por que em nenhuma parte posso estar com mais segurança. Aqui tem o sr. Antonio algum dinheiro. Preciso de um medico; mando-m'o chamar, qualquer que seja a distancia. Posso contar com a sua bondade?

O barqueiro fitava com espanto tres peças de oiro que o hospede lhe pozera na palma da mão, e ouvia com egual espanto a linguagem do homem que elle até ali imaginára apenas um lavrador remediado, ou contractador de gado.

— Vm.ce — disse o barqueiro — ha de perdoar se eu não sei com quem fallo. Bacoreja-me que vm.ce é pessoa que anda fugida por causa dos governos, e anda assim vestido para disfarce...

«Tudo póde ser, meu amigo, e a sua cara affiança-me que o seu caracter é bom e honrado. O que eu lhe peço é que não diga a alguem que em sua casa está pessoa desconhecida; e o medico que vier bom será que seja de longe, e que se persuada que eu sou seu parente.

— «Não se atrigue — disse Antonio — vm.ce está aqui tão seguro como se estivesse na egreja.

O barqueiro partiu para Villa Pouca de Aguiar, tres leguas distante, a chamar, o medico. Thereza, os intervallos que tinha livres da barca e da azênha, passava-os ao pé da cama do enfermo. De duas em duas horas trazia-lhe uma farta malga de caldo de galinha, e retirava-se melancolica se Bernardo não tomava d'elle algumas colheres.

«Que trabalho eu vim causar-lhe, Therezinha! — disse Bernardo — Talvez não saiba que de todas as boas obras a que mais agrada ao Senhor deve ser de certo o bem que se faz a um desconhecido nas minhas tristes circumstancias! Se eu estivesse em minha casa, teria á volta de mim muitas pessoas que me estremecem, e me estão agora chorando... Mal sabem ellas em que desamparo eu vivo...

Thereza levou aos olhos o branco avental de estopa, limpando as lagrimas.

«Por que chora Therezinha?

— «Tenho pena de o vêr assim, e não sei o que hei de fazer para vm.ce se não lembrar de que está desamparado... Tenha paciencia por alguns dias. Deus ha de melheral-o.

Veiu o medico. A doença de Bernardo era uma malina de máus symptomas. Nove dias esteve em risco de morte, e o medico visitando-o diariamente. Em poder de Antonio estava o cinturão do seu doente, recheado de oiro.

Thereza vellava as noites afflictivas de Bernardo. Dormia alguns instantes com a face encostada á arca sobre a qual estavam as garrafas dos medicamentos. Despertava sobresaltada, mal o enfermo gemia. Outras vezes, ajoelhava aos pés do catre, e resava a corôa de Nossa

Senhora da Guia, á qual votára uma romagem, dando vinte voltas de joelhos em roda da sua capella.

Entrou Bernardo em convalescença. Reparou nas feições de Thereza, e viu-as desmaiadas. Dias depois, consoante recuperava alentos e força, reparou que o rosto da formosa moça reverdecia em flores e graça.

«D'aqui a dias, disse elle, sigo a minha triste peregrinação.

— «Váe-se embora o sr. Bernardo? disse ella.

«Pois eu Thereza, hei de aqui ficar?!

Thereza não respondeu. Imbaciaram-se-lhe os olhos, e tremeram-lhe os beiços d'aquelle tremor que é infallivel presagio de lagrimas. Saíu do quarto de Bernardo, foi á azenha, e lançou-se chorando nos braços de Antonio, exclamando com innocente expansão:

— Não o deixes sair de nossa casa; diz-lhe que lhe temos amor como se fosse nosso irmão; e dá-lhe o dinheiro para elle não pensar que precisamos de que nos pague a comida. Se te fôr preciso dinheiro eu vendo o meu oiro, Antonio.

Bernardo estava ouvindo tudo, porque tinha seguido Thereza até ao tabique posto entre a vivenda e a azenha.

Antonio respondeu:

«Tu és tola, rapariga. Pois este senhor é fidalgo em quanto a mim, e rico que basta ver as peças que traz no cinturão, e querias que elle ficasse aqui mettido n'esta choupana!? Tu não vês que elle não é pessoa da nossa egualha?! La se nós tivessemos outra casa, e melhores arranjos, então sim; mas tu bem vês que não ha senão dois quartos na casa, e tu ha vinte e dois dias que dormes no escabello. O que poderiamos fazer, se elle cá quizesse estar, era mandar fazer mais um ou dois quartos ali para o lado da horta...

«E eu vendia o meu oiro para elles se fazerem — accudiu Thereza mui risonha batendo as palmas.

Bernardo Pires appareceu de subito, e disse:

«Hão de fazer-se os quartos necessarios, sem Thereza vender o seu oiro.

Antonio abraçou-o exclamando:

— «Pois o sr. Bernardo quer ficar comnosco?!

— «Ficarei mais algum tempo.

Thereza disse apenas: «Ouviu-me a minha Mãe Santissima.

Ao outro dia, foi chamado o mais acreditado e imaginativo mestre pedreiro d'aquelles arredores. Quando Antonio da Mó lhe estava dando o seu plano de dois quartos contiguos aos dois que já existiam, o architecto riu-se, dizendo: e vossê manda-me chamar para isso que qualquer pedreiro de socalcos podia fazer-lhe?

— «O que o sr. Antonio quer é uma casa feita por este plano — Disse Bernardo, e mostrou-lhe um lineamento que fizera a lapis.

Era uma casa com fachada de doze janellas, portão de carro, portas lateraes, pateos, emfim uma fabrica que assombrou o mestre, a ponto de elle se julgar segunda vez objecto de zombaria.

— «Se o sr. Antonio — continuou Bernardo — quizer esta casa concluida de alvenaria em tres mezes, quantos officiaes são necessarios?

«Com trinta officiaes, dou-a prompta, porque a pedra basta tombal-a da serra cá para baixo.

— «Trabalhe, e aqui tem o signal — disse Bernardo, passando-lhe quantia com que o mestre se poderia dar por bem pago da obra.

«O senhor, pelos modos — disse o pedreiro — é brasileiro parente cá do Antonio...

— «Sou, sim senhor.

Espalhou-se logo dez leguas em circumferencia que havia chegado um brasileiro parente do barqueiro da Granja. Estava salvo o homiziado politico dos funestos resultados da suspeita.

III

Decorreram seis mezes. Estava concluida de pedreiro e carpinteiro a casa. Previamente tinham ido do Porto as alfaias para decoral-a. Na comarca não se fallava de outra coisa. Dizia-se até que o brasileiro mandára abrir n'uma sala duas cisternas onde despejava o dinheiro aos alqueires. Os mais abastados lavradores esquadrinhavam a maneira decente de offerecerem suas filhas ao parente do barqueiro. Os morgados circumvisinhos esperavam que elle se aposentasse na casa nova para o irem visitar, e saberem com que juro emprestaria o seu dinheiro sobre vinculos tres vezes hipothecados.

Entretanto, abrem-se as linhas do Porto, triumpham as idéas liberaes de Bernardo Pires, o corregedor de Villa Real é espingardeado, e os parentes do fugitivo correm a Ribeira de Penna para o levarem em triumpho á sua terra.

«Deus é bom e justo! — disse Bernardo — a minha alegria é completa. Começo hoje a viver!

Era n'um dia de Agosto, romagem da Senhora da Guia, cuja capella está posta na chan que se aplana na quebrada da serra do Alvão.

Thereza foi ahi cumprir a promessa das vinte voltas de joelhos em redor da capella. Foram com ella seu irmão, Bernardo, e parentes e amigos de Bernardo, entre os quaes estava um padre.

Thereza deu as vinte voltas: era robusta; mas ás dezoito, bateu com a face na lagem do adro; quiz Bernardo erguel-a; mas ella continuou, quasi de rastos, fincando já os cotovelos na pedra.

Por fim, foi Bernardo que a levantou nos braços entrando com ella na capella.

Será bom que almoces agora, rapariga — disse Antonio á irmã.

— «O sr. Bernardo disse que se havia de confessar hoje, e eu quero tambem confessar-me.

E foi ajoelhar aos pés do sacerdote, primo de Bernardo, em quanto este se confessava tambem. Depois commungaram ambos, e espalhou-se na capella e no arraial que havia um casamento, e muita cachopa conhecida de Thereza estava pasmada do que via e ouvia, por que já a esse tempo Bernardo era tido na conta de quem era, e de toda a parte os fidalgos corriam a cumprimental-o.

Antonio da Mó chegou ao ouvido de sua irmã, e disse-lhe:

— «Andam por aqui a dizer que tu te vais receber com o sr. Bernardo. Olha tu que gente tão bruta!

A este tempo, o fidalgo do Alto Douro, aproximando-se de Thereza, disse-lhe:

«Quando fizeste o voto a nossa Senhora pela minha saude, a Virgem concedeu-te a minha vida para ser tua. Vem ser minha esposa, Thereza. Não te dou a minha mão como um favor, dou-t'a como recompensa.

Thereza recebeu machinalmente a mão que se lhe offerecia, e foi ajoelhar no primeiro degrau do altar-mor. Quando o sacerdote lhe fez as perguntas sacramentaes, Thereza, suffocada pela alegria, que desabafa em soluços e lagrimas, não podia responder.

Um mez depois, D. Thereza Pires foi com seu marido para o Alto Douro, depois de fazerem doação da casa com tudo que ella continha, e mais alguns contos de réis, a seu irmão e cunhado.

N'esta casa é que eu pernoitei, e saciei a fome de tres dias, quando vinha das Alturas de Barroso.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

POESIA POPULAR

> Qu'il est doux, qu'il est doux d'écouter des histoires,
> Des histoires du temps passé,
> Quand les branches d'arbres sont noires,
> Quand la neige est épaisse et charge un sol glacé.
> *Comte* ALFREDE DE VIGNY.

A unidade e conservação da physionomia moral de uma nação subsistem nas suas convicções religiosas e crenças populares; e a litteratura e a poesia, para exprimirem um caracter proprio, carecem de ir procurar a estas fontes as suas mais puras e nativas inspirações. «Confessarei esta enfermidade, diz Victor Hugo: amo as tradições, porque são ellas as filhas da religião e as creadoras da poesia.» Nos contos que a superstição idéa e a phantasia dramatisa; nas lendas que os seculos, o terror e a religião consagraram; nas narrativas que a memoria popular archiva, o correr dos tempos oblitera, e os instinctos de rudeza aldeã envolvem nas nuvens do maravilhoso, subsiste a verdadeira mythologia dos povos christãos. «Ah! deixae-nos esses contos que acalentaram a nossa infancia! Não extinguaes essas preciosas centelhas que fulgem ainda á nossa imaginação! Por mais tristes que sejam essas lembranças, parecem-nos ellas sempre dôces comparadas á nossa existencia actual, porque nos transportam á idade feliz em que os dias limpidos da juventude reflectiam ainda a pureza do azul do céo!» Assim exclama João Paulo Richter, n'um d'esses momentos de enthusiasmo em que a imaginação do poeta deseja encontrar, na singeleza das recordações do passado, o lenitivo para as asperezas dos annos de provação e angustia.

E não só vê o poeta n'essas suaves e simples recordações um

confórto, em que o espirito refocilla, parecendo-lhe poder desatar-se dos laços que o prendem aos soffrimentos da edade das desillusões, para se abrigar na innocencia incuidosa da primeira quadra da vida; o poeta procura tambem achar n'estes contos da infancia uma parte do seu ideal, que lhe querem fazer perder, porque é n'esses contos, contos que a superstição dos povos da Peninsula tem creado, a tradição perpetúa, e a religião idealisa e purifica, que elle encontra um desafogo natural e sympathico, para as suas tendencias de nacionalidade. Estas tendencias de nacionalidade só deparam com os seus pontos de affinidade nas tradições e lendas que formam a verdadeira poesia popular; porque estas tradições e lendas, desprendendo-se a custo do mysterio que o manto dos seculos tem tornado mais sombrio e impenetravel, e no qual as mãos dos homens não ousam tocar, são muitas vezes uma parte da propria historia, não só ideal, mas intima, de certos povos.

Fallando d'este mesmo assumpto, escrevemos nós já o seguinte, a respeito de um livro, que nenhum melhor para dispertar o sentimento vivo e extremamente expansivo do amor d'estas coisas.

«Ha certo genero de livros cuja leitura parece destinada para ser feita n'essas estiradas noites de inverno, em que o frio e a geada nos convidam a buscar o conchego domestico, assentados com expansiva e intima familiaridade, em circulo apertado, ao calor de um bom brasido. Alexandre Dumas escreveu um d'estes livros, a que pôz o titulo de *Mil e um fantasmas*.

«O titulo d'este livro inculca, á primeira vista, um supremo esforço do genio lugubre e phantastico de Anna Radcliff, capaz de pôr os cabellos em pé a quatro velhas de lareira, e fazer tranzir de pavôr as creanças mais affeitas a contos de bruxas e duendes.

«E todavia não é assim.

«Antes de correr essas primeiras paginas, uma certa peoccupação, aquella preoccupação mysteriosa que suscita tudo que tenha relação com os que já não são d'este mundo, nos obscurece o animo de nuvens pesadas e melancolicas, atravez das quaes julgamos vêr espectros sinistros, revoando-lhes em torno todo esse cortejo de espiritos máos, gnomos, vampiros, larvas, brocolacos, abejões, ogres, trasgos, de que a phantasia dos povos christãos povôa os seus chryptos e cemiterios: mas folheado o primeiro capitulo, a imaginação começa a desanuviar-se d'estas idéas pavorosas, e a curiosidade a seguir, a prender-se, a identificar-se ás scenas que o engenhoso romancista nos põe diante dos olhos tão palpitantes de vida e sentimento pelo effeito prestigioso da singeleza e naturalidade do seu estylo narrativo.»

O assumpto d'esta obra abrange effectivamente uma parte das crenças supersticiosas, legadas pela tradição á credulidade popular. É uma série de contos, que Alexandre Dumas colheu em o norte da França, na Allemanha, e parte da Italia, sem duvida n'uma d'essas suas viagens de phantasia, que elle emprehende com tanta facilidade, e em que, com o album de um tourista observador na mão, e sobre as azas da sua imaginação creadora, vôa por toda a parte, assistindo em espirito, tanto aos dramas da paixão humana, e aos grandes espectaculos da sociedade exterior, como ás mais sublimes perspectivas de natureza animada. Apparições, fantasmas, emprasamentos, transes em que o amor e a morte se debatem como inimigos implacaveis além da campa, esconjuros, promessas affectuosas por toda a vida e ainda confirmadas do fundo do sepulchro, tudo o assumpto d'este quadro reune e resume.

As scenas que n'elle se agrupam são tristes e luctuosas; mas tal é a propriedade e esmalte de côres que emprega o pintor para as desenhar e colorir, tão rapido e natural lhe corre o pincel, imprimindo vulto ás figuras que destacam da tella, que os olhos as seguem a eito com a soffreguidão de uma curiosidade anciosa.

Mas não são unicamente os dotes descriptivos do fecundo romancista, que fazem appetecivel a leitura das *Mil e um fantasmas*. Esta obra lê-se e relê-se, e sempre com alvoroço, e sempre com interesse, pela mesma rasão de sympathia que obriga a mariposa a procurar a luz que a consome, o espirito timorato a olhar instinctivamente para o logar que lhe infunde terror, e a alma tribulada pela saudade a achar prazer a excogitar na memoria os motivos da sua angustia. Nas historias de espectros e duendes ha sempre uma attracção, um poder sympathico que arrasta a curiosidade, ainda do homem esclarecido. E a rasão é por que estas idéas supersticiosas não estão no livro, não são creações phantasticas do poeta, estão no animo do leitor, esvoaçam por toda a atmosphera que elle respira, existem nas imagens e crenças que o rodeiam logo no berço, residem nos habitos, no pensar, na credulidade do paiz que viu nascer. «Oh! que prazer eu não sinto de scismar á noite, em quanto me narram uma historia triste! diz Pope. *Oh! How i love, in the evening, to muse over a melancholy tale!* O escriptor, n'este caso, copía mais do que inventa; serve-se antes da memoria do que da imaginação.

E até esses matizes de estylo que pela sua propriedade, que pela sua combinação e sobriedade de tons dão a verdadeira côr, aquella côr de indizivel melancolia, aos quadros da obra de Du-

mas, tudo isso nasce espontaneo da indole do mesmo assumpto. O romancista não faz senão expôr esses quadros em ordem, banhal-os de uma luz pallida e serena, e tocal-os com o seu pincel delicado para dar mais relêvo a um ou outro personagem, procurando-lhes o effeito da harmonia das linhas e a rasão dos contrastes.

N'estas lendas e tradições ha a mais sublime de todas as poesias, que é a poesia da crença, que é a poesia do culto da imaginação popular aos seculos que passaram e aos mysterios que ficam.

«Estes contos e narrações podem fazer-nos sorrir, escreve mr. «Augustin Thierry na sua obra *Recits des Temps Merovingins*, «podem fazer-nos sorrir, a nós, que os lemos nos velhos livros «escriptos por homens de outras eras; mas no tempo passado, «quando essas legendas circulavam de boca em boca, como a «expressão viva e poetica dos sentimentos e da fé popular, en«tão nós tornavamo-nos pensativos, e não poucos choravam, es«cutando essas narrativas.»

Pela mesma rasão que os gregos acreditavam em Jupiter e Juno como o symbolo do consorcio mysterioso dos mares; que Neptuno e Eolo levantavam as aguas em medonhos escarcéos; que Venus saía das ondas, descarga o reservatorio da electricidade; que os rios e fontes tinham nereidas, os montes oreades e os bosques driadas e satyros, da mesma sorte os povos slavos acreditam nas valkires e vampiros, e os povos peninsulares em moiras encantadas e estrias, em trasgos, larvas e maleficios. N'uns e outros ha a credulidade popular, vestindo das formas phantasticas certos phenomenos da natureza animada, ou as impressões moraes creadas pela superstição e transmittidas pelas edades. As lendas mythologicas e as ficções runicas e caledonias, as sagas do Norte, e as eddas scandinavas resumem essas crenças reduzidas a symbolos religiosos. É a diversa maneira de ver, sentir e interpretar, segundo o genio das differentes raças. O caracter d'estas fabulas dá a medida dos dotes do seu espirito, e exprime uma das suas mais notaveis feições moraes. Os gregos, imaginosos e brilhantes como o bello céo que os inspirava, conceberam por meio d'aquelles debeis simulacros da vida a materia em acção, explicando por symbolos conhecidos muitos dos arcanos da creação. Os povos celtas rodeados de uma natureza melancolica e taciturna, embrenhados nas florestas e bosques, mas por isso mais concentrados no pensar e sentir, exprimem na religião de seus bardos ás suas paixões, presentimentos e desventuras. O vento, gemendo pelo dorso da montanha, é Fingal que pranteia a morte de seus filhos: as nuvens que passam varridas pelo nordeste gellado, são

os espiritos dos guerreiros de Morven, que não podem achar o descanço eterno da sepultura; a mesma lua, que, velada pelos vapores da serrania, surde pallida e como angustiosa, é Mélina, a formosa esposa de Dargo, a quem o véo da melancolia e da viuvez envolve a fronte de dôr e saudade. Sempre a mesma physionomia apaixonada e saudosa em todas estas tradições, como a sorte infeliz d'este povo guerreiro e desventurado.

Os povos do Meio-dia e da Peninsula não são menos graves e taciturnos nas suas ficções supersticiosas, mas o espiririto christão bafejou-as de uma doce e religiosa melancolia. Não as consagraram, como o polytheismo e o bardismo, entre o numero das suas divindades, mas, inspirando-as da fé e da esperança, as castas musas do christianismo, deram-lhes um culto na credulidade e na imaginação popular. E tão verdadeiro é esse culto, tão intimo, tão seu, que ahi se tem conservado em despeito do movimento progressivo das idéas e da diffusão dos conhecimentos pelas camadas mais incultas e credulas da sociedade. E a rasão é porque a credulidade e a superstição são as duas feições indestructiveis do caracter popular em todos os paizes. E sobretudo porque o povo, entregue a si mesmo, é sempre o depositario mais fiel de todos os legados tradicionaes. O povo ama por costume essas velhas tradições, essas antigas crenças, contos e lendas em que vê como escripta e animada, a historia do sentir e viver de seus passados. É como uma herança moral com que elle se identifica, perpetuando-a. O povo possue profundamente a fé e o culto das memorias do que passou. Tudo é disposto na sua indole para manter por largo tempo, intacta e solemne, a originalidade local dos costumes e crenças, principalmente quando essa originalidade deriva de uma naturalidade primitiva e distincta. E poucas raças conservam, como a nossa, este amor, esta força de dedicação ao passado e um respeito profundo, e quasi que religioso, ás idéas e factos transmittidos pelos seculos. O paiz de Galles e a Bretanha franceza são ricos d'esta poesia popular; a propria Allemanha ainda guarda inteiras as ficções sombrias dos seus primitivos habitantes. Mas a Peninsula ganha a todos no genio inventivo de suas lendas, na ingenuidade de suas crenças supersticiosas, no perfume de poesia que aromatisa todas as fabulas, narrativas, ficções e lendas da mythologia do nosso povo, e sobretudo na persistencia com que conserva todas estas feições moraes do seu caracter nacional.

Mas não se julgue que é nas côrtes e nas cidades que se encontra esta poesia: ahi a physionomia nacional está desbotada e contrafeita pelo trato e contacto incessante das idéas, usos e

costumes de uma sociedade estranha e sempre fluctuante. Caminhae pelo interior da nossa bella terra, e entranhae-vos no coração das provincias; visitae os logarejos, entrae nas aldeolas, praticae com os pobres camponezes e aldeões; e serão elles que vos apparelham as côres com que possaes tirar do natural a grave e solemne figura do velho Portugal. Conhecereis e ouvireis então os nossos contos e lendas, que equivalem e excedem os tediosos e sensuaes enredos mythologicos: conhecereis então que temos poesia nacional, que temos a formosa moira encantada, penteando no adarve derrocado os lindos cabellos de oiro com o seu pente de marfim, junto da qual a superstição popular imagina ramo de peste represado em talha de metal precioso, sotterrada na torre do Emir, que os seculos derruiram. Vereis que temos o castello encantado, a cisterna mysteriosa, povoada de eccos sinistros, origem de historias, chacaras e saláos, em que um castellão tyranno é sempre levado em corpo e alma para as profundas dos infernos por um espectro vingativo: vereis o cemiterio na lombada da serra, onde lá pela calada da noite alvejam os espectros e revoam em turbilhão os psyllios, e os aspioles, as estrias e os vampiros: vereis que temos mil hediondas feiticeiras, mais sordidas e esqualidas que as de Schiller e Shakspeare, as quaes em sitio ermo, no mais escuro e fundo da floresta, se congregam no seu sabbado, traçando enredados, e mysteriosos circulos, do centro dos quaes surge Satanaz sob a figura de cão negro, chispando-lhe os olhos como brazas: vereis que temos os lobishomens, que a deshoras se vão espojar no lameiro da encruzilhada, correndo o seu fadario pelas ruas sós, arrancando uivos de pavor á matilha de rafeiros que o segue espavorida: vereis que temos cardumes de bruxas, lampejando sobre os fetidos e verdinegros brejos, como perilampos em noite estiva, dando estallidos similhantes a gargalhadas esganiçadas, com que desvairam e enlabyrintham o caminhante pela devesa da charneca: vereis que temos tambem formosas fadas com a sua vara *com o condão que Deus lhe deu*, apparecendo ao pôr do sol sobre o derrocado panno da muralha mourisca: vereis que temos os cryptos das gothicas cathedraes onde o vento, gemendo de encontro ás arcarias subterraneas, imita os prantos lugubres das almas em pena: vereis que temos o aventesma percorrendo os arredores da freguezia da aldeia, na estirada e borrascosa noite de inverno, pondo medo a todos os bons camponezes supersticiosos: vereis que temos o trasgo saltinhando de entre as estevas do vallado, junto do erimiterio, correndo apoz a timorata aldeã: vereis que temos os maleficios, os energumenos, sortilegios e

maus-olhados, a *mulher de virtude* lendo sinas, deitando cartas, fazendo a sorte da peneira, da agua, do gato preto, do focinho do cão, salgando a porta, accendendo a mão do finado, e, desgrenhada, com os olhos faiscantes e a bocca lufando espuma de inspiração diabolica, a prophetisar destinos entre alaridos e esconjuros: vereis que temos os agoiros como o da mariposa negra, do bizoiro, do encontro do saimento, do cão a uivar com os olhos na lua, da galinha cacarejando como o galo: vereis emfim que temos infinitas e poeticas crenças primitivas, lendas e narrrativas, usanças e costumes festivaes, uns originariamente nossos, outros que nos deixaram os povos invasores, como as janeiras e maias, festividades gentilicas; os folguedos de S. João, com os seus descantes e folias, fogueiras e sortes, bochechos e palmitos, legados pelos filhos de Agar; as festas da Paschoa, com o seu *pão por Deus*, os brindes do Natal, com a sua missa do Gallo, bolos de festa e outros ingenuos e poeticos usos quasi de origem patriarchal, que nos transmittiram os hebreus.

Eis em rapido bosquejo os principaes symbolos e mythos da nossa verdadeira poesia popular. Não é uma poesia hyerarchica, sacerdotal e voluptuosa, como a dos gregos e romanos, aérea e contemplativa, triste de presagios e previsões, como a das lendas scandinavas; é uma poesia que liga estreitamente a existencia social do nosso povo com a sua physionomia moral; risonha e imaginosa como a das ficções hellenicas, e ao mesmo tempo grave e meditativa como os cantos dos bardos gaulezes; povoada de idealidades inspiradas pelo estro inventivo do genio arabe, mas perfumada pela suavidade da melancholia christã; que reproduz o nosso viver, que dá sentimento, feição e caracter a muitos dos nossos usos; que folga e risonha nas choréas e festividades campestres; que entra nos cemiterios e quebra os segredos da campa; que prevê um mundo de esperanças e gosos ineffaveis, allumiados por todo o fogo da fé, além d'esta existencia terrena e ephemera; que medita e se perde pelas nuvens do passado em frente das ruinas seculares; e que cerca a alma apaixonada de todo esse olympo de crenças populares, onde o amor infortunado acha sempre uma promessa vaga de felicidade.

E todavia, esta poesia tem sido despresada pelos nossos vates e romancistas, quando n'ella residem as mais limpidas fontes da inspiração nacional. Foi o auctor de *D. Branca*, que apontou para ella, como para muitos outros monumentos da nossa nacionalidade esquecida. Foi elle que, depondo o plectro classico e tomando a harpa dos trovadores, rompeu n'esta abjuração das divindades pagãs:

Aureos numens d'Ascreu, ficções risonhas
Da culta Grecia amavel, crença linda
Da Venus bella, Venus, mãe d'amores,
...
........................... teu culto abjuro;
Tuas aras profanas renuncio;
Professei outra fé, sigo outro rito.

Mas o exemplo do illustre poeta não foi seguido com aquella fé e convicção que fundam as verdadeiras escólas, e produzem os seus monumentos mais caracteristicos. João de Lemos, na sua formosa *Invocação*, accordou estes éccos que íam adormecendo; varios engenhos mais tem procurado depois inspirar-se do *sol da sua terra, dos montes d'ella*, como diz o bardo do Mondego, mas têm sido tentativas sem seguimento, que depois affrouxaram. E para nós é de fé, que um grande serviço fazia á nossa litteratura o romancista ou o poeta que procurassem dar vulto e vida a todas essas tradições apagadas ou esquecidas, que jazem por essas nossas provincias, e que são ao mesmo tempo a historia de muitos monumentos em ruinas, de muita tradição quasi a escoar-se por entre as trevas do esquecimento, e de muita crença piedosa que resume simultaneamente algum traço da nossa existencia intima e as naturaes propensões da nossa imaginação, o que tanto val como se dissessemos, que resume as fontes da litteratura portugueza e a expressão da sua indole moral.

J. M. de Andrade Ferreira.

A QUINTA GRAVURA

DE

S. M. EL-REI O SENHOR D. FERNANDO

A gravura que hoje illustra este numero, é a quinta que o real artista firma com o seu nome. Pertence-lhe quasi toda a galeria que adorna o primeiro volume da *Revista Contemporanea*. Foi collaborador effectivo e dedicado. Provou assim que a alma do artista está á altura do coração de rei. Este é grande como a esphera em que se dilata; aquella é generosa e enthusiasta.

As obras seguem-se e renovam-se com rapidez notavel. Vê-se que a mão que as executa, está affeita áquelles trabalhos, provando na espontaneidade e segurança dos traços uma longa pratica e uma incontestavel vocação. Em tudo que faz inspira-se quasi exclusivamente da sua phantasia, e d'ahi resulta o cunho de individualidade que se observa nas suas gravura. N'esta, que hoje apresentamos, e que foi expressamente executada para o nosso jornal, n'esta, repetimos, mais do que em nenhuma das outras se encontra a originalidade que distingue o regio artista.

E não julgue o leitor que aquelle pequeno quadro foi pensado, meditado e esboçado antes do buril se cravar no cobre! Aquellas duas figuras foram imgainadas e gravadas ao mesmo tempo. Representa a estampa uma conversa entre dois amigos, procurando estes espiritualisal-a com libações amiudadas, das quaes resultou um d'elles, o que está sentado, principiar a caír n'um lethargo conhecido em taes casos. A cabeça e o corpo pendem-lhe insensivelmente para o lado direito,



e o copo já mal se lhe segura na mão. No outro ha a impavidez e sobranceria do homem que contempla satisfeito a inferioridade bachica do seu conviva e competidor. Mas aonde mais se admira a facilidade que o real-artista revela no improviso, é na cercadura que ornamenta o quadro. Ha ali uma infinidade de accessorios, estravagantes e originaes, tantos, que muitos d'elles nem se percebem á primeira vista: mas todos dispostos com arte e entrelàçados com graça. Analysal-os detalhadamente seria difficil; deixamos portanto aos nossos assignantes o surprehendimento da observação.

A conveniencia intima e diaria em que S. M. El-rei o sr. D Fernando está com os principaes e melhores gravadores do mundo, dos quaes possue muito valiosas producções, aviva-lhe a imaginação e apura-lhe o gosto. São extraordinarios os volumes e volumes d'este genero de obras que povoam as ricas estantes dos regios aposentos, onde todo o mundo exterior nos fica parecendo pequeno e miseravel ao contemplar as maravilhas de arte que os guarnecem. Só na contemplação sente-se ali vigorar a intelligencia, e fortalecer o espirito.

Brevemente, esperamos, poder mimosear os nossos leitores com a descripção das obras de arte que enriquecem aquellas galerias, onde o bello encontrou um legitimo apreciador e um desvelado cultor.

A *Revista Contemporanea* mencionando frequentemente o nome augusto do seu regio collaborador, desempenha-se de uma divida que tambem frequentemente contrae. Portugal dá n'isto um exemplo que attesta como a realesa aqui se está identificando com o seculo, e como as corôas artisticas vão subindo na estimação do mundo que tantas vezes se encontram a par dos diademas soberanos.

Luiz de Baviera, fazia poemas escriptos. Fernando de Portugal, traça poemas gravados. N'um e n'outro caso a arte não se julga fóra do seu logar por se ter assentado no throno. Nem é novo n'este paiz, que as boas letras e as boas artes dêem no solio lições practicas de esmero e cultura. As livrarias nacionaes conservam com apreço o livro de um rei que é o livro de um philosopho: a *Revista Contemporanea* archiva successivamente as obras de um artista, que são as obras de um rei.

ERNESTO BIESTER.

A CRUZ E O CRESCENTE

VISÕES — RECONTRO — FUNERAES

Á BRIOSA NAÇÃO HESPANHOLA

Na pessoa do seu Representante em Lisboa

O SR. D. NICOMEDES PASTOR DIAZ

I

VISÕES

. Mira una sombra,
Que lenta crusa las oscuras auras,
Girando em mi reedor... Mi fantasia
Rapida como el viento vuela, salva
Los apiñados siglos, y altos nombres
De los sepulcros y del polvo saca.

DON ANGEL DE SAAVEDRA—*El Moro Exposito*

I

Passava o mouro em frente das muralhas,
Onde um fero estandarte açouta os ares
Vibrando como um écco de batalhas,
Que o vento leva aos africanos lares.

Eram de Ceuta os bastiões, crestados
Do ardor do sol, do hálito do abysmo,
Ind'agora na fronte assignalados
Do sangue antigo, portuguez baptismo.

Baptismo e sangue e nome gloriosos,
Que eterna, aos pés da fortaleza escura,
Nos suspiros, que o mar geme saudosos,
A grande voz dos seculos murmura!

Pára n'um alto o filho da montanha,
E encara. Vê na praça constellada
A dura garra, que o leão da Hespanha
Estende sobre a rocha avassalada

Vago e funebre o olhar á immensidade
Sombrio allonga; depois ardente o crava
Na robusta cintura da cidade,
E em funda imprecação soluça: «escrava!»

O soberbo pendão da meia-lua,
Que sem cessar o barbaro deplora,
Sobre as negras ameias não fluctua
Reptando a christandade como outr'ora.

Vigia a cruz nas portas reforçadas
Detendo o passo ás multidões frementes,
E as chaves d'ellas, sempre cubiçadas,
Do collo dos canhões estão pendentes.

Contempla o mouro inuteis força e dolo
Contra o que excita seu furor selvagem.
«D'aqui não passarás» proclama o solo
Nos tropheos, que lhe intimam vassalagem.

N'alma lhe pésa, mais do que na terra,
O padrão triumphal, que tem á vista,
E ao som remoto das canções de guerra
As tradições lhe occorrem da conquista!

II

Desce a noite, e o serrano solitario,
Mudo e fatal, por entre a nevoa densa,
Colhe o branco albornoz, como um sudario,
Recurva o braço, cobre o rosto... e pensa.

Eil-o estatua no pincaro. Medita!
No interno cáhos do espirito profundo
Invisivel um mundo se lhe agita,
E d'entre os évos lhe resurge um mundo.

Os velhos tempos da pujança esquiva
Á accesa phanthasia lhe arremettem,
E a temeranda historia, rediviva
Nas lendas dos avós, que os paes repetem!...

III

Lugubre sôa e tremendo
Á margem do Estreito um brado,
Que pelo espaço assombrado
Prolonga um ecco sem fim.
A Africa inteira estremece.
É a voz d'um parricida,
Que os filhos d'Allah convida
Dando a patria por festim.

Dos gigantescos fraguedos
Respondem ao impio grito
Pelas fendas de granito
Os rugidos dos leões;
E o Átlas, titão prostrado,
Soprando a borrasca aos ares,
Ergue em procella dois mares
No tremor das convulsões.

O horisonte, que fulgia
De ouro e de azul esmaltado,
Todo em turbilhões nublado
De repente escureceu,
Qual se d'Eblis[1] a aza immensa,
Varrendo os plainos sem termo,
Arrojára desde o êrmo
Os areaes contra o ceu.

Triumpha o Islam! Gloria aos crentes!
Este horror é sua aurora;
É um raio, que devora,
Do seu astro o amanhecer.
Novo planeta, o crescente
Surge, e meio mundo inflamma:
É-lhe dia a extensa chamma
De vinte imperios a arder.

D'entre os sanguineos vapores
D'essa cratéra abrazada
Rompe a multidão cerrada
Dos cerrados esquadrões:
Vôam soberbos, guiados
Pelos heroes do exterminio,
Tem a terra por dominio,
Por escravas as nações.

Faz a luz do vasto incendio,
Como signo das vinganças,
N'uma seára de lanças
Um vergél de sóes fulgir.
Á frente, audaz meteoro,
Brilha e cega a cada instante
O lampejo fulgurante
Da cimitarra do Amir.

[1] EBLIS, *Lucifer* na mythologia mahometana.

Quando passa glorioso,
Turbando os povos de espanto,
Das alvas dobras do manto
Saccode o negro terror.
É do Khalifa o enviado!
Seu braço, potente e forte,
Enche os abysmos da morte
Co'as palmas do vencedor.

IV

Lá galga á costa fronteira,
Fulmina, devasta, inunda,
Tempestade furibunda,
O vendaval dos corseis!
Sob os seus ferros estallam,
Como ramos destroncados,
As tiáras dos prelados,
Os diademas dos reis.

O crescente, fouce enorme,
Ceifa as torres como espigas,
E as alcáçovas antigas
Corta rentes pelo chão.
Mudos choram, sobre a cinza
Profanada de impiedades,
Os espectros das cidades
Dispersos na solidão.

De pavor nas velhas cryptas,
Onde o musgo triste medra,
Abrem os olhos de pedra
A estatua dos avós.
Exhalla a campa — oh! mysterio!
Hórrida queixa, sahida
De peitos, que não tem vida,
Por labios, que não tem voz.

Dos mosteiros fumegantes
No vasto recinto aberto
Passa o vento do deserto
Sobre as ruinas do altar.
Triumpha o Islam! Notificam
Seu imperio ao Occidente
Os rios, que em rubra enchente
O sangue bolsam no mar.

O Islam triumpha! Nas brenhas
De Cantabria e das Asturias
Fugitiva d'estas furias
Já se esconde humilde a cruz,
Em quanto o Amir formidavel
Em fim repousa na alfombra,
A que dá pávida sombra
Um bosque de alfanges nús.

Ébrio de morte e de presa,
Tem a seus pés a victoria!...
Eis a recompensa e a gloria
Dos predilectos de Allah.
Assim na terra subjeita,
Eterno como o destino,
De pólo a pólo divino
O crescente reinará!

V

Breve um seculo transcorre.
Na sombra mysteriosa
Outra visão dolorosa
Segue a visão triumphal:
O soturno vulto immovel,
Que um secreto horror abála,
Ergue a mão para affastal-a
Com um gesto sepulchral.

Nas indómitas agruras
O vencido se vigora.
Depois de Oniz, vem Zamora;
Depois de Zamora, Alid.
Redempção cabal, suprema,
O heroico ferro prepara,
Que ao Cid Afonso legára,
Que a Fernando lega o Cid.

Do resgate é santo emblema
A cruz no punho da espada.
Nova estrella de alvorada,
Scintilla em nova manhã.
Cresce, alonga-se, fulgura
De claridades mais vivas...
Ai! nas trevas primitivas
Sepulta o ástro do Islam!

VI

N'isto o mouro dispertando,
Corre co'a vista os espaços...
Abre a cruz na Almina [1] os braços,
Da cruz distingue o perfil.
Duvida, e os eccos da noite
Interrogar inda intenta...
Na vaga, que se lamenta,
Ouve as queixas de Boabdil! [2]

VII

Uma lagrima sente, de que pasma;
A furto desce as cuspides fragosas,
E esvae-se, como um palido phantasma,
Na sombra das gargantas tenebrosas!

VIII

Outro passa como este; e apoz milhares
E o mesmo sentimento os punge e opprime;
E ao longe, no vão negro dos algares,
Co'a vingança a fereza scisma o crime.

Intermittente, um som, que horrendo voga,
Vindo d'além, commove a humidade.
N'uma orgia de sangue desaffoga
O Berbér alliado á tempestade.

O odio antigo revive intenso e ardente.
De tribu em tribu, do deserto á serra,
Sobre o velho Moghreb e a rude gente
Corre um vasto rumor, que eccoa: «guerra.»

Sopra d'Asia o tufão á cinza os lumes.
O incendio lavra, a labareda aponta,
E o crescente, acerando os curvos gumes,
Em desafio á cruz, a cruz affronta!...

[1] ALMINA, hoje *montanha do Hacho*. É a *Abyla* dos antigos, fronteira a *Calpe*, ou morro de Gibraltar. É uma das columnas de Hercules. A cordilheira da Almina, á raiz da qual desembarcou o infante D. Henrique, cobre ao Norte a peninsula de Ceuta. A coroa da eminencia, da parte do mar, é cingida de fortificações respeitaveis.

[2] BOABDIL, ultimo rei mouro de Granada. Com elle acabou o dominio sarraceno em Hespanha.

XI

Treme o barbaro Islam! Forte e guerreiro,
De magnanima audacia arrebatado,
Toma o repto, ergue a luva um povo inteiro,
E desce á arena, intrepido soldado.

Brilha a cruz em seu peito, e em sua historia,
Do berço á campa alonga-lhe a esperança;
É-lhe impulso ao porvir, a stirpe gloria,
A cruz patria, a cruz fé, a cruz herança!

Amargue o mouro as pérfidas vindictas!...
Dardeando ás nuvens o clarão de um raio,
Fulge d'outra Isabel nas mãos invictas
A vencedora espada de Pelayo!

(Continúa) José da Silva Mendes Leal Junior.

GALERIA DE NAVEGADORES CELEBRES

II

PEDRO FERNANDES DE QUEIROZ

Era passado um seculo depois que Christovão Colombo dotára a humanidade com um novo mundo, quando Pedro Fernandes de Queiroz intentou descobrir tambem um continente incognito, de cuja existencia foi elle o primeiro a conceber a idéa, diz Cook, e á procura do qual consagrou os esforços de toda a sua vida.

«Verificada a existencia de um continente antarctico, apenas ficava resolvida uma questão de geographia, sendo, como são, inhabeis para qualquer cultura aquellas estereis paragens» dissemos nós em outro numero d'este jornal,[1] e dissemos bem; mas não era d'essa opinião, ha dois seculos e meio, o ousado navegador Queiroz, que, segundo Torquemada, esperava ganhar na descoberta *muitas almas para o céo e muitos reinos para a Hespanha*.

Queiroz era Portuguez, nascido em Evora, parece que oriundo de uma familia israelita; ignora-se porém a data do seu nascimento. Morreu no Panamá em 1614, indo de viagem para Lima, com tenção de continuar as suas explorações no circulo polar antarctico.

Dizemos que Pedro Fernandes de Queiroz (designado por alguns escriptores com o nome de Fernando de Queiros) era portuguez, porque assim o affiança Solorzano, dando-lhe por berço a cidade de Evora; este auctor, que conheceu pessoalmente o filho de Pedro Fernandes, (Francisco de Queiroz, que foi cosmographo mór do reino), merece mais credito do que La Renaudiere *(Biographie Universelle* Michaud)

[1] N.º 3. Pag. 136.

que lhe chama hespanhol. Como no seu tempo Portugal estava sujeito ao dominio de Castella, e por tanto Queiroz serviu sob o pendão dos Leões, facil era o equivoco. O sr. Ferdinand Denis que, segundo nos consta, e é affiançado por Charton no livro *Voyageurs anciens et modernes*, fez estudos especiaes ácerca d'este grande navegador, dissipará, provavelmente, todas as duvidas sobre o assumpto.

Malte Brun que tambem tomou por hespanhol o nosso Queiroz, diz fallando d'elle e do seu companheiro de aventuras, Mendana, «que foram os ultimos heroes da Hespanha, e que com elles se extinguiu o espirito emprehendedor que levou Colombo ás antilhas e Cortez aos paços de Montezuma.»

Era tal o enthusiasmo de Queiroz pelas descobertas, que gastou toda a sua fortuna em expedições navaes, e nunca solicitou do rei e dos grandes senão auxilios para proseguir nos seus penosos trabalhos.

O que sobretudo pretendia achar o grande navegador era um continente austral, que de facto suppoz haver encontrado. E seria isto uma illusão de visionario? Não.

A America havia apparecido um seculo antes, mostrando que o globo era maior do que o suppunham os geographos antigos, e estabelecendo o necessario equilibrio de continentes a leste e a oeste do grande Oceano; porque não haveria uma terra austral para equilibrar o peso das terras septentrionaes da Europa, Asia e America, realisando no sentido de norte a sul, o que o novo Mundo realisára no sentido do nascente ao poente?

De facto lá estão muitas ilhas, e outras terras não classificadas, e até mesmo o capitão americano Charles Wilkes poz o nome de *Continente antarctico* a uma terra recentemente descoberta por elle entre os gelos do austro: no que porém se illudiu Queiroz foi na supposição de que ía encontrar um paraizo animado onde só existe a esterilidade e o silencio.

Acompanhemos em suas trabalhosas aventuras este rival de Colombo, tão sabio, perseverante e infatigavel como o ousado genovez.

A 11 de Abril de 1595 sairam do porto de Calláo de Lima quatro embarcações hespanholas, tripuladas por 368 homens, e destinadas a fazer descobertas nos mares do sul, e a estabelecr uma colonia na ilha de S. Christovão. O chefe d'esta frota era Alvaro de Mendana, e seu primeiro piloto Pedro Fernandes de Queiroz.

N'esta viagem descobriram elles as ilhas *Marquezas de Mendonça*, nome que o capitão lhes deu em honra do governador do Perú, o archipelago de *Santa Cruz* e outras ilhas solitarias; porém o capitão falleceu antes de chegarem a S. Christovão, nomeando em seu testamento para commandante da esquadra a sua mulher D. Izabel Bar-

reto, que o acompanhava na náo *S. Jeronymo*. Queiroz continuou a dirigir a navegação da frota, que então já constava só de tres navios, por ter desapparecido a *almiranta*, isto é a náo em que ía o almirante ou segundo capitão da armada.

O estado das embarcações, da saude das suas equipagens, e dos mantimentos era o mais assustador possivel; o desanimo accommettia mesmo os valentes; só Queiroz conservou sempre a placidez de animo e a coragem, quer bramisse furiosa a tormenta, quer bradasse ameaçadora a sedição.

Depois de innumeros trabalhos resolveram buscar abrigo em Manilla; mas até á vista do porto desejado os perseguiu a fatalidade. O vento contrario não deixava chegar ao porto a náo *S. Jeronymo*, e os seus tripulantes pertendiam que Queiroz encalhasse a embarcação para se salvarem a nado, porém o valente piloto portuguez, lançando em rosto aos amotinados a covardia de tal acto, a infamia de abandonarem as mulheres e os doentes que estavam a bordo, e que não sabiam ou não podiam nadar, alcançou sustel-os até á chegada de soccorros que vieram de Manilla.

«Morremos de fome e de sede! Dae-nos de comer» era o grito unisono dos tripulantes da *S. Jeronymo*, ao verem approximar-se do costado da náo um barco carregado de viveres.

Das outras embarcações da frota soube-se apenas que a galeota *São Filippe* aportou a Mindanao, onde muita da sua gente morreu de fome; e que a fragata *Santa Catharina* appareceu sobre os recifes de uma ilha com toda a sua equipagem morta. Da almiranta *Santa Izabel*, nem do seu almirante Lope de Vega e tripulantes da náo, nunca mais se soube.

Assim terminou esta primeira viagem, em que figura o nome de Queiroz, mas não acabam com ella as peripecias da aventurosa existencia do Colombo portuguez.

Depois de haver acompanhado ao Mexico a viuva de Mendana, seguiu Queiroz para Lima, aonde apresentou ao vice-rei duas memorias sobre a utilidade de se continuarem os trabalhos de exploração nos mares do sul, começados por elle e por Mendana. Queiroz offerecia-se para dirigir a nova expedição; mas entendendo o vice-rei que a tentativa de uma tal empreza estava fóra do alcance da sua auctoridade, limitou-se a dar-lhes cartas de recommendação para o governo hespanhol, com as quaes e com a sua tenacidade e crença viva na existencia de um novo mundo austral, partiu Queiroz para a côrte de Hespanha.

Cinco annos de fervorosas instancias, oito memoriaes dirigidos aos reis Filippe II e Filippe III, a protecção mesmo de alguns amigos poderosos, não poderam obter para Queiroz o trabalhoso encargo de dirigir uma nova expedição aos mares do sul.

Cançado de esperar debalde em Madrid, partiu para Roma no anno de 1600, a impetrar pessoalmente a protecção do ministro de Castella junto á Santa Sé; este apresentou-o ao papa, e Clemente VIII que avaliou o merecimento de Queiroz, recommendou-o ao monarcha das Hespanhas e das Indias.

Assim escudado apressou-se o infatigavel navegador a voltar a Madrid, porém só em 1605 obteve deferimento á sua nobre pretenção, isto é, plenos poderes do Filippe III para escolher e armar em Lima os dois navios que ali achasse mais proprios para a projectada expedição polar.

Apenas alcançada a auctorisação embarcou-se Queiroz para o Perú, aonde encontrou no vice-rei a mais leal coadjuvação para preparar a frota com toda a actividade. Esta armada que se compunha apenas de duas náos e uma zavra, largou de Calláo de Lima a 21 de dezembro de 1605.

As náos, segundo a opinião de Torquemada, na sua *Monarchia indiana*, eram as mais bem construidas e as mais fortes em artilheria que haviam até então sulcado aquelles mares.

Queiroz foi successivamente descobrindo: a ilha da *Encarnação*, pequena e rasa; a de *S. João Baptista*, alta e plana; a de *S. Telmo*, cercada de um recife de coral; as *Quatro coronadas*, pequeno archipelago inabordavel; as ilhas de *S. Miguel*, *Conversão de S. Paulo*, e a *Dezena*, (assim chamada provavelmente, por ser a decima que descobriam), chrismada mais tarde em ilha do *Boudoir* por Bougainville.

Todas estas ilhas suppoz Queiroz que fossem deshabitadas e inhabitaveis, e por isso de nenhum valor o seu encontro; porém a 10 de Fevereiro de 1606 descobriu terra fertil e povoada de gente branca, a que deu o nome de *ilha Sagitaria*, ou do *Sagitario*, formoso torrão conhecido hoje pelas designações de *Taiti* ou *Otahiti*, verdadeiro paraizo da Oceania.

Depois de estabelecer amigaveis relações com os habitantes da Sagitaria, partiu Queiroz em demanda de novas terras austraes, e descobriu as ilhas *Fugitiva*, do *Perigrino*, de *S. Bernardo*, da *Gente formosa* (denominada assim pela belleza das suas mulheres, posto que os hespanhoes experimentassem a ferocidade dos habitantes do outro sexo) a grande ilha de *Taumaco*, a de *Tucopia*, a de *Nossa Senhora da Luz*, e finalmente a ilha do *Espirito Santo*, assim chamada hoje, e á qual o descobridor impoz então o nome de *Terra austral do Espirito Santo*, julgando-a parte de um continente. Esta ilha é uma das que compoem o archipelago visitado posteriormente por Bougainville e por Cook, e denominado *Grandes Cycladas* pelo primeiro, e *Novas Hebridas*, pelo segundo.

Em consequencia do máo estado do seu navio, não poude Queiroz

proseguir na volta do sul, e arribou ao Mexico, tendo descoberto tantas ilhas em menos de nove mezes de viagem.

Esquecendo as fadigas e os perigos da ultima expedição, com o enthusiasmo de verdadeiro *homem do mar*, Queiroz vôou á côrte, a impetrar de Filippe III os meios para fundar uma colonia na terra do Espirito Santo; e por essa occasião dirigiu-lhe uma memoria, que se acha impressa e traduzida em varios idiomas, da qual vamos dar uma succinta idéa porque pinta-o caracter do ousado navegador.

Depois de referir os perigos passados, as contrariedades que teve a superar, os incommodos pessoaes que soffreu, e como esgotou toda a sua fortuna proseguindo na empresa da descoberta de uma terra, que elle julgava egual em tamanho á Europa e Asia menor reunidas, accrescenta afoitamente: Este paiz incognito é a quinta parte do globo terrestre, e de tal extensão que deve conter seguramente o duplo dos reinos e senhorios que V. M. possue hoje.

Fazendo em seguida uma lisongeira pintura do paiz descoberto e de seus habitantes, e exagerando até ao infinito a riqueza e bondade da nova terra, conclue pedindo a brevidade do despacho, com uma exclamação que denuncia a heroica impaciencia do valente marinheiro: Os galeões estão promptos, diz elle, e temos muito que navegar...[1]

Esta memoria não communicou ao rei nem aos ministros o enthusiasmo do seu auctor; ao cabo de alguns annos gastos na espectativa de resultado, voltou Queiroz ao Novo mundo, com esperanças de alcançar ali o que não encontrára na côrte, os meios de emprehender nova viagem, porém morreu, como dissemos, antes de chegar ao Perú, em 1614.

Para prova de que Pedro Fernandes foi devidamente apreciado pelos homens sabios do seu tempo, basta lançar a vista sobre qualquer mappa-mundi dos fins do seculo XVI, onde difficilmente deixará de encontrar-se o perfil de um grande continente austral; na carta que acompanha o livro intitulado: *Descriptio ac delineatio geographica detectionis freti, etc.* (impresso em Amstardam, 1612) vêem-se os contornos de um grande continente antarctico, com este titulo: *Terra per Petrum Fernandez de Quir recens delecta olim vero sub nomine TERRÆ AUSTRALIS INCOGNITÆ celebrata.*

Este grande navegador, tão esquecido dos nossos chronistas, e denominado castelhano por alguns dos estranhos que se occuparam das

[1] A aludida memoria foi impressa originalmente no idioma castelhano, em Sevilha, 1610; publicada depois em latim, na cidade de Amstardam, em 1613; e traduzida para francez, e impressa em 1617. Qualquer d'estas edições é rara, mas encontra-se reproduzida textualmente no livro de viagens de mr. Charton, tomo IV, pag. 230 e seguintes (Paris, 1857.)

suas descobertas, foi para as regiões polares do sul o que Côrte Real foi para as do norte, o alferes europeu, desenrolando o estandarte da civilisação na extremidade do mundo.

Em quanto mr. Ferdinand Denis (a quem as letras portuguezas já devem tantos favores) não publíca o seu trabalho ácerca da vida e feitos de Queiroz, receba a memoria do grande navegador o humilde tributo de respeito e admiração que lhe consagra o pobre e obscuro marinheiro.

F. M. Bordallo.

CHRONICA

Sempre me custou a perceber como se podesse alliar a musica á philosophia, porque o raciocinio sempre fugiu espavorido do dominio das sensações. Noentanto, os *criticos profundos* declaram Meyerbeer o maestro philosophico por excellencia, e asseveram-nos por fim que a sua musica... é verdadeira *musica scientifica*. Musica scientifica!... que violentada e antipathica alliança de palavras! Pois os impulsos e enleios do coração, pois os suaves e contemplativos extases da phantasia, que traduzem nas expansões do estro musical os seus arrebatamentos, os ineffaveis arrobos da alma apaixonada, as mais insinuantes satisfações do espirito jubiloso, podem lá nunca medir-se pelas reflexivas e geladas deducções da sciencia! A musica é lyrica por essencia: nasce da alma e inspira-a a natureza: tanto val como se dissessemos que exclue toda a philosophia. Onde principia a philosophia, acaba a musica; porque o coração e a phantasia, os unicos estimulos, os unicos fogos que inflammam as sensações exaltando-as aos seus mais doces e meigos arrebatamentos, não raciocinam. São os mais declarados inimigos da sciencia. D'ahi a proverbial antipathia do poeta ao sabio, e do sabio ao poeta. *Qu'est-ce que la prouve?* perguntava La Place, vendo a producção de um poeta? *Para que servirá isto*? diria o poeta, se se offerecesse occasião de folhear o livro da *Theoria analytica das probabilidádes*, ou qualquer outro dos monumentos de saber do immortal geometra.

Ó grande, e inspirador Rossini, tu nunca escreveste musica philosophica, e és o primeiro compositor dramatico da scena lyrica! E feliz tu, suave e melancholico Bellini, que has de ser escutado e applaudido sempre em quanto o homem possuir um coração, e mais nunca te inspiraste senão da paixão immensa que transbordava d'essa alma que incessante voava nas regiões vagas, em que parecem ser os unicos incentivos o amor e a saudade!

Creio que vou proferir uma grande heresia, mas lá vae. No meu entender Meyerbeer ha de passar de moda. A musica scientifica tem estes perigos. As composições do profundo maestro, dentro em annos, hão de passar de theatro para as academias. Hão de ser escutadas como grandes modêlos de composição musical; mas as platéas, que se impressionam por outra ordem de causas, preferirão as operas que lhes accordem as sensações áquellas que as obriguem a pensar. O publico quer *ver* e *ouvir* no theatro, e não quer penar; e o auctor do *Propheta* e dos *Huguenots* quer que o publico pense, e cogite até. Todos sabem a passagem occorrida entre elle e Scribe, a respeito de um *S*, terrivel e significativo *S*, mais symbolico que qualquer das letras do banquete de Baltazar, e que esteve a ponto de lhe fazer mudar um trecho musical no *Roberto*. *Nous les tenous*, havia escripto Scribe, fallando dos jogadores, quando ganham a Roberto; mas Scribe escreve mal como todos os litteratos; de que se seguiu Meyerbeer ler *nous* le *tenous*. A falta pois de um *S*, o que elevava o pronome ao plural ou o deixava no singular, foi assumpto de vastas meditações para o profundo maestro,

Obra, que se elle a acabasse,
Feliz do genero humano!

Em todo o caso o *Propheta* é sempre uma opera de fazer época n'um theatro, sobretudo quando seja cantada por damas, como mad. Tedesco, e sendo adornada por scenas como as pintadas por Cinatti e Rambois. D'esta vez, todavia, parece-me, não o ousarei affirmar, que o accolhimento da parte do nosso publico foi mais frio, e puramente convencional. Nasceria isso de que o tenor Villani, voz desegual e fraca para uma musica que exige posses de uma voz contraltina, e o vigor e energia de verdadeiros recursos dramaticos, não satisfez as exigencias do *spartito*; ou será porque effectivamente as impressões causadas por esta opera se vão já apagando? Não me atrevo a dizel-o. O tempo que se encarregue d'isso.

A *chronica* d'esta vez tem de se encarregar da mais afflictiva e solemne das missões, que é a de registar a morte de um mancebo, a quem as letras tinham perfilhado como um dos seus mais predilectos filhos. A perda de Soares de Passos é uma perda irreparavel para todos os amantes da poesia, porque poetas da sua elevação não sobejam em Portugal, nem mesmo na Europa.

Soares de Passos era um talento que filiava entre nós a escóla de Lamartine. Alma que um sentimento vivo do bello inflammava e consumia, póde-se dizer que todas as suas aspirações, todos os seus arrobamentos e desabafos, não eram outra cousa senão a manifestação d'esse mesmo sentimento, que na arte e na natureza, procurava as harmonias, cujos éccos occultos e mys-

teriosos só os póde e sabe encontrar o verdadeiro genio contemplativo. Era de certo d'estas disposições especiaes que lhe provinha o excesso de sensibilidade, que se tornava ao mesmo tempo a melhor fonte de suas inspirações e a causa directa da sua morte. Como Gilbert e Millevoix, como Mozart e Bellini, organisações que se consomem na intensidade das chammas que lhes ateiam os mais esplendidos e ardentes vôos, Soares de Passos era um d'estes espiritos para os quaes os limites do mundo são apertados e afflictivos, e que sentindo-se impellidos por azas de fogo, e necessidade de as desprender nos horisontes sem limites das obras dispersas pela mão de Deus, devoram o espaço com o vôo da aguia. As poesias o *Firmamento*, o *Amor e Eternidade* e *O Anjo da Humanidade* são a expressão mais completa d'este talento.

Basta ler as estrophes seguintes, para fazer idéa de uma d'essas arrojadas concepções.

Gloria a Deus! eis aberto o livro immenso
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis de seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véo mysterioso:
Desprende as azas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gôso!

Estrellas que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos dsstinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas de seu carro ardente
Ao rolar atravez da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos como a terra
Que formam seu cortejo.
Ninguem póde contar-vos: quem pudéra
Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

E a melancholia vaga que transpiram todos os seus versos não é como o presentimento indefinido de uma morte proxima!

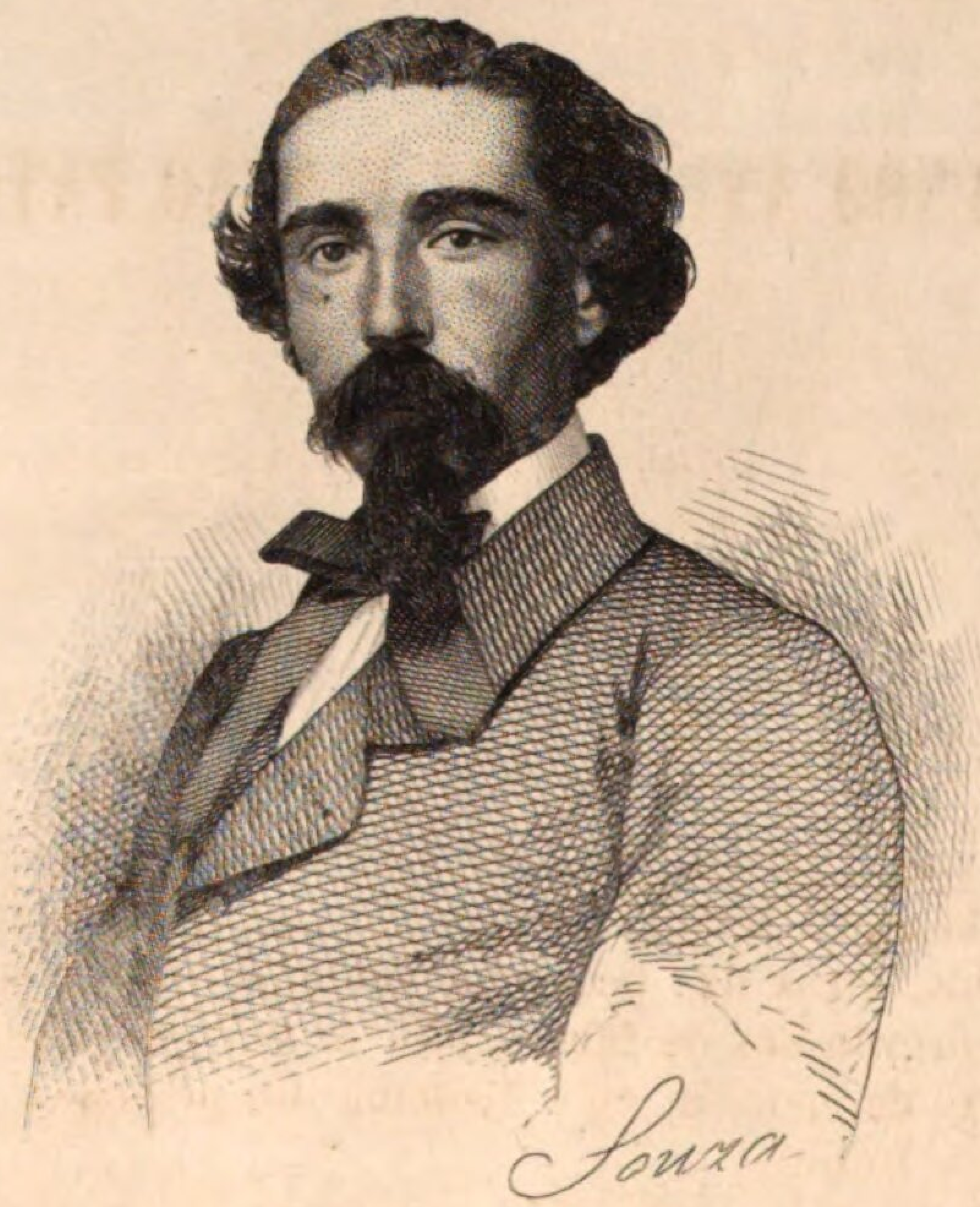
Mas se as flores dos campos voltarem
Sem que eu volte co'as flores da vida,

disse o poeta na sua sentida endeixa da *Partida*, magoado e fatidico *adeus*,

que o coração proferiu talvez como o preferira Millevoix na sua *Quéda das folhas*, antes que as sombras da morte lhe cerrassem de todo os dias da existencia.

Soares de Passos deixou-nos um livro de bellos versos, mas o seu estro mal havia encetado o grande gyro que podia percorrer. Alma que apenas transpunha os limiares da existencia, e que ahi se demorava a pensar nos segredos insondaveis da humanidade e a admirar as harmonias esplendidas do Universo, voou para a sua verdadeira patria, porque todas as suas poesias não são senão uma prova d'essa nostalgia com que certos espiritos privilegiados nos revellam a sua origem e a necessidade de para lá voltarem. Na terra são apenas peregrinos, e a mão de Deus é-lhes propicia, terminando-lhes cedo essa romagem, que para elles é de queixumes e agonia.

A. F.



R. A. de Bulhão Pato

Silencio est.

RAYMUNDO ANTONIO DE BULHÃO PATO

I

A lucta da poesia com a prosa não é de hontem, nem de hoje. O vôo livre da aguia sempre offuscou os que se arrastam, miopes e cançados, atraz das pequenas vaidades, e das pequenas coisas, mais orgulhosos da falsa gloria de homens positivos, do que se o louro da epopeia, ou o diadema dos principes da arte, lhes cingisse a fronte.

Para elles a estrophe esplendida, que sulca de luz uma época, a tela aformoseada pelo pincel dos mestres, um estatua de Phidias ou de Canova, o Othello de Rossini, ou o Propheta de Mayerber, são apenas vãs sumptuosidades, que oneram os Estados, quando auxiliam o gosto, ou ociosas superfluidades, quando figuram como pompas accessorias do luxuoso tracto de alguns Mecenas enriquecidos pelo agio, ou pela usura.

Se não se atrevem a fulminal-as com altivo despreso é porque se temem do castigo; mas em segredo vingam-se sorrindo com olympica indifferença do premio, ou do louvor, que anima o alvorecer de uma radiosa vocação.

Que importam, porém, no meio da Europa culta os motejos anonymos, as repugnancias estultas, e as rivalidades ineptas da seita dos adoradores da prosa?

Empalideçam embora sobre o papel das copias officiaes. Para

os confundir basta apontar-lhes para o sol da intelligencia, que ha tantos mil annos illumina o mundo.

Corôem-se no fôro, nos comicios, e nos pretorios, e no meio do seu cortejo de um dia proclamem que os libellos e as contrariedades, as circulares e as portarias concorrem mais do que os «Lusiadas» e a «Divina comedia», mais do que o Tasso e o Ariosto para enobrecerem o brazão moderno das nações.

Em quanto elles blasphemam, cegos pelas trevas interiores, os que veem adiantam-se, e assignalam o seu caminho.

Se lamentam que a admiração, ou o estimulo (este raras vezes!) saúdem o genio, cuja realesa firma o throno na immortalidade, projectando sobre o futuro a sombra dos vultos que o dominam pelas idéas, nem por isso as queixas murmuradas a medo, e os reparos afiados pela inveja, ou pela calumnia, apagarão das paginas da vida intellectual dos povos os titulos, que os afrontam.

Deixai-os passar os triumphadores da prosa, porque o seu reino acabará com elles. Occupam-se debalde em erguer, como prodigio de desveladas concepções, uma fabrica tão fragil, que a meio seculo de distancia já ninguem verá o edificio.

Quando o verdadeiro monumento á roda do qual esvoaçam como enxames endoudecidos se achar completo; quando o pensamento da época estiver traduzido no poema, na sciencia, no marmore, e no painel, a posteridade chegará á base, e gravando no rosto do seculo findo os nomes dos que foram grandes, dispersará ao longe, como inuteis e perdidas, as cinzas d'essa obra, cujos architectos desconhecidos se julgaram a si mesmos gigantes, medindo-se, não pela estatura dos que o foram pelas faculdades, mas pelas proporções elasticas do amor proprio assoprado de paixões, que um impeto accende, e outro extingue.

Felizmente passou já o tempo, em que a corôa entretecida pelas musas encobria a corôa de espinhos. Hoje ha logar para todos, e nas eminencias do poder temos visto applaudir nos conselhos dos povos a voz eloquente de poetas oradores, ecco admirado da poderosa voz que agitava em Athenas e Roma auditorios compostos de nações inteiras.

Ser poeta, e só poeta, já não se reputa crime. A civilisação concedeu fóros de cidade a esses *loucos* sublimes, como diz um grande escriptor, que atravessam as sociedades com os olhos da alma no ideal, e suspensos de seus labios param a escutal-os, como videntes e prophetas do porvir, (que o são em muitas occasiões,) aquelles mesmos que outros estudos chamam por opposta estrada. Irmãs e intimas as artes e as sciencias abraçam-se, entendem-se, e completam-se.

Traçando o esboço biographico de um poeta, cuja carreira póde dizer-se que apenas se abriu hontem, antes de correr o lapis para delinear os contornos da sua phisionomia animada e original, pareceu-nos que não seriam de mais como fundo do quadro estas reflexões.

A nossa idade, mixto ainda confuso do antigo e do moderno, não corrigio de todo os preconceitos e as theorias absoletas do velho Portugal da saudosa era dos in-folios historicos, dos idylios, das nenias, e dos epicedios.

Lembra-se menos do que devia de Camões e dos cantores, que ornaram os seculos do seu esplendor, e mais do que é justo da mendicidade e da servidão deploravel d'esses vates degenerados, que sacrificam á gula e á devassidão, fazendo de seus carmes venal offerta nos banquetes dos poderosos.

Estamos em época diversa, de certo, e a athmosphera é tambem diversa. Odio aos versos era o mote de graves togados, e de encanecidos estadistas, na decadencia, que precedeu a queda de um regimen decrepito.

Quem o adoptaria hoje? Abertamente ninguem; mas a occultas não faltam detractores, que cheios de si e arrebatados pela admiração dos primores caligraphicos de uma penna official ao rasgar o cursivo elegante de qualquer carta de lei, não hesitam em se cortejarem uns aos outros em dialogos deliciosos, estampando o ferrete innocente da sua microscopica emulação sobre os talentos, que os deslumbram.

São os Sanchos dos nossos dias. Crêem que fustigando o humilde jumento podem acompanhar os que, sem os verem, os deixam longe de si não apressando o passo; e na obesidade irrisoria de sua fofa *burocracia*, entre a raspadeira e o tinteiro, declaram-se opprimidos, porque não se commetteu a iniquidade de antepor o raso copista ao escriptor, a mediocridade ao engenho, a machina ao inventor.

A veia tão espirituosa no seu desleixo de Alfredo de Mussel, que não perdoava facilmente, deixou-nos retratados os phariseus da arte, punindo-os com a immortalidade do ridiculo.

J'aime surtout les vers, cette langue immortelle.
C'est peut-être un blasphême, je le dis tout bas;
Mais je l'aime à la rage. Elle a cela pour elle,
Que les sots d'aucun temps n'en ont pu faire cas,
Qu'elle nous vient de Dieu — qu'elle est limpide et belle,
Que le monde l'entend, et ne la parle pas.

II

Bulhão Pato nasceu em Bilbau, nas provincias vascongadas, e foi creado em Deusto, pequena e risonha povoação assentada sobre o rio, a uma legua da cidade, viçosa de arvores e flores na frescura do valle, em que se debruça circumdada de montanhas, cujos tópes as neves encanecem nos rigores da estação.

Quando abriu os olhos a lucta civil dilacerava a Hespanha. Póde dizer-se que foi embalado ao som dos canhões, e que a canção guerreira dos carlistas, ou dos christinos, foi o primeiro canto, que o adormeceu no regaço materno.

Singular coincidencia!

A geração poetica que fundou entre nós a escóla moderna afinou as primeiras estrophes, e retemperou o stillo no meio do estrepito das armas. Garrett e Herculano, soldados e cantores, padeceram as dores e as amarguras do exilio, e conheceram as estreitezas do assedio; a geração que se lhes seguiu ao entrar na adolescencia encontrou as paixões, os crimes, o sangue, e o luto d'essa guerra das idéas, a que os nomes dos principes serviram de bandeira, mas que no fundo se pelejava entre a sociedade antiga, que desabava, e o principio vivificante da liberdade moderna, robustecido pelas perseguições e pelo martyrio, que se erguia triumphante como Anteo da sua terceira queda.

Poucas provincias viram tão de perto, como a que foi o berço do nosso poeta, os horrores das discordias civís.

Tres vezes cercada, e nunca vencida, Bilbau salvou talvez a causa de Isabel II com a vigorosa resistencia que oppoz a D. Carlos. Disparando a balla, que feriu mortalmente a Zumalacarregui, roubou ao exercito inimigo o grande general, que parecia captivar a fortuna, obrigando a victoria a ser-lhe companheira fiel em todas as emprezas.

No continuo perpassar de esquadrões, e dos corpos armados, que o odio politico tornára ainda mais implacaveis, do que estrangeiros, a aldeia d'antes socegada e feliz, e a casa habitada pela familia de Bulhão Pato não poucas vezes mereceu a triste honra de ser designada para quartel general a officiaes de ambos os campos, e até para ponto de defeza.

Zumalacarregui commandava o segundo sitio de Bilbau, quando o poeta, ainda no balbuciar da infancia o viu no meio do cortejo bellicoso das tropas, e gravou na idéa a imagem d'este grande vulto guerreiro, talvez o maior d'aquelle doloroso periodo. O general tinha o seu quartel no convento dos Capuchinhos, em um cerro distante um tiro de espingarda da casa do auctor da

Paquita, e apezar da idade tenra nunca mais o pequeno Raymundo esqueceu o dia, em que elle foi ferido, ficando-lhe representadas na memoria a tristeza e a desesperação, que romperam com a noticia da sua morte.

Quando a espada saiu da bainha, e esta se atirou para longe entre filhos da mesma patria, por onde passa a lava ardente tudo ficou queimado.

Foi o que aconteceu em Deusto.

Accusavam-a de se inclinar ao partido, que tomára por timbre sustentar os fóros das provincias vascongadas, e n'aquelle tempo atraz da suspeita pouco se demorava a vingança.

Breves horas depois de levantado o cerco de Bilbau os soldados constitucionaes assolaram a povoação e os suburbios, procurando exceder-se uns aos outros na barbaridade e nos estragos.

Logo em seguida as labaredas desenrolaram-se dos tectos, as portas arrombadas cederam ao machado dos assassinos, e o sangue das victimas inermes e sem culpa tingiu os louros de uma victoria, que as cruezas enegreceram.

No meio dos horrores de similhante espectaculo, vendo ao clarão dos incendios a aldeia a abrazar-se, e as tropas convertidas em salteadores, atravessando carregadas com os despojos do saque, a familia de Bulhão Pato decidiu-se a desamparar a habitação aonde sem duvida igual sorte a esperava.

Foi um dos maiores e mais afflictivos trances, de que ainda hoje se recordam com horror os que o experimentaram.

Fugindo á crueldade dos vencedores, homens, senhoras e creanças buscaram o refugio das montanhas por veredas penduradas sobre abysmos, por alcantis olhando para precipicios, por brenhas enredadas e sombrias. Este era o caminho que tinham de correr com o terror a agrilhoar-lhes os passos, e com a idéa da morte affrontosa a perturbar-lhes o animo.

Foi n'um d'esses lances desesperados, em que a realidade tantas vezes se adianta ás fabulas poeticas, que vendo o filho desfalecido de fadiga, a mãe de Bulhão Pato, tão extremosa quanto prendada de raras virtudes, cobrando brios com as ameaças do perigo, o levanta de repente nos braços, e encostando-o ao seio, sem permittir que ninguem mais lhe tocasse, com alento sobrehumano, sóbe com este peso, que o amor lhe torna ligeiro, as encostas mais ingremes, e transpõe com pé seguro os despenhadeiros mais arremessados.

Só quando respirou em salvo, e se achou desassombrada do maior cuidado é que sentindo fugir as forças, e conhecendo que a não podiam por mais tempo ajudar, depoz em terra a creança,

de certo pasmada do vigor emprestado por aquelle arrebatamento de ternura, que só cabe no coração affectuoso da mulher, porque só ella sabe amar e morrer sem uma queixa, quando a voz do dever a chama, e lhe diz obedece!

Para o poeta este principio da sua carreira não foi perdido. Creado entre armas e combates aprendeu a encarar o perigo sem receio, e familiar com elle a desafial-o mais de uma vez sem motivo, exaltado pelo ardor do sangue peninsular que lhe pula nas veias, e pela memoria da educação fragueira dos primeiros annos.

III

No meio dos conflictos civis, e no seio da perturbação, que elles geram, a estremecida infancia de Bulhão Pato atravessou o balbuciar dos annos ao collo dos carinhos e meiguices de pais, que punham n'elle todo o seu amor.

Entretanto não era entre o ruido das armas, que a sua educação podia corresponder aos cuidados e desejos dos que o amavam; e na falta absoluta de mestres sua mãe D. Maria da Piedade Brandy, e sua irmã mais velha encarregaram-se de gravar n'aquella memoria tenra os rudimentos da instrucção elementar, que já podia receber.

Com ellas aprendeu a leitura, as primeiras noções de grammatica, e os principios da lingua franceza.

Seu pae Francisco Antonio de Bulhão Pato, homem de vontade firme e de um valor admirado nas guerras da independencia, incumbiu-se pela sua parte de lhe ensinar a escripta, e de o ir aperfeiçoando no conhecimento da lingua de Voltaire e de Chateaubriand.

Nos exercicios corporaes foi tambem quem o dirigiu, e habil em todos, procurou que o desenvolvimento phisico acompanhasse desde logo os progressos da intelligencia, que principiava a amanhecer.

Aonde o engenho do filho enganou as suas diligencias foi no estudo da mathematica. Por mais claras que lhe apresentassem as demonstrações, uma negação completa parecia cegar-lhe o entendimento, inutilisando todos os esforços.

De resto á vivesa natural unia já as graças do espirito realçadas por esses toques de profunda e melancolica sensibilidade, que de ordinario são depois na vida o segredo dos bellos rasgos da imaginação, mas que os maiores cantores expiaram sempre pelo doloroso preço de grandes amarguras, umas verdadeiras,

outras mais apparentes, que reaes, porém não menos crueis e pungentes para o que as padece.

Bulhão Pato nasceu fadado com este dom funesto para o mundo dos interesses e das vulgaridades, mas essencial, indispensavel, para aquelles, que a inspiração ha de arrebatar mais tarde, elevando-os acima dos pequenos colossos de vaidade que se chamam grandesa de sangue, opulencia de oiro, ou soberba de honras, e que não passam comtudo de pó assoprado, para lhes mostrar de alto todos os dominios do ideal, esse immenso imperio aonde o sol da gloria nunca teve occaso, e aonde reinam com os outros principes da arte Homero e Milton, Dante e Camões, Byron e Cervantes.

Para os que são poetas do coração, e não da cabeça, e que não devem a um temperamento particular a olympica indifferença, com que Goethe sabia servir-se das paixões como de instrumentos, que depois de aproveitados não hesitava em quebrar, os suspiros de Desdemona, as estrophes de Parisina, as magoas lyricas das canções do auctor dos «Lusiadas» e as queixas maviosas do cantor das «Folhas Caidas» não significam puros artificios de fórma, nem meros arrojos de metro. N'aquellas paginas, como em um espelho, reflecte-se a alma, (e que alma!) dos martyres das musas. Mais de uma vez os prantos melhoram a penna, que tecia as caprichosas linhas da phisionomia do immortal Quixote.

O riso que alegra a sublime ironia do heroico manco de Lepanto rebentava-lhe a elle em lagrimas pelos olhos, quando se contemplava a si, que Deus fizera tão grande, posto aos pés dos pobres de espirito e dos humildes de engenho, e quando para brindar a Hespanha com o monumento, que não a tornou menos afamada, que as suas conquistas e navegações, carecia de se arrastar de porta em porta pelas escadas dos cortesãos, implorando um Mecenas já com as sombras da morte sobre o rosto.

Na idade mais juvenil, a par da sensibilidade que se lhe notava, e que era o indicio da vocação precoce, os dotes da phantasia começaram a madrugar, revelando em Bulhão Pato, como em Bocage, as impaciencias do estro.

Fallava com facilidade o francez e a lingua vasca, recitava com propriedade e calor os versos, que seu pae lhe dictava, e talvez mesmo os que compunha, porque o antigo militar das luctas do imperio estimava os versos, e não se despresava de os escrever no gosto da escóla, que então dominava, e á qual o talento esplendido de vate Elmano poz a corôa na cantata de «Leandro e Hero,» e nos inimitaveis sonetos, que serão sempre o desespero dos imitadores.

Em 1837, mais desanuviado o horisonte politico da Hespanha, recolheu-se á patria a familia do poeta. Contava este apenas sete annos, e o mar n'esta primeira viagem e na edade em que todas as grandes sensações se incutem, não quiz que o baixel lhe cortasse as ondas sem se vestir das pompas da tempestade.

Por entre o clarão dos relampagos, e os escarceos das vagas despenhadas, soltos os furacões, e rebombando pelas aguas o estalar dos trovões, pintou-se-lhe a morte a cada instante, ora ameaçando o navio do fundo dos abysmos, ora sacudindo-o da juba espumante dos rollos atravessados. Todas as temerosas magnificencias, de que a tormenta se adorna, viu elle passar n'esses dias, em que a esperança por horas chegou a sumir-se no anciado peito dos navegantes.

D'estas scenas grandiosas, em que o temor e a admiração do poder de Deus se abraçam, conserva o poeta ainda hoje viva a lembrança, e é provavel que nunca mais as esqueça. Quem uma vez, e sobre tudo quando principia a firmar no caminho da existencia os incertos passos, teve occasião de ver de perto o grandioso espectaculo, que elle contemplou ao sair da procellosa bahia de Biscaia, recebeu como lord Byron o baptismo do Occeano, e cedo ou tarde, poderá retratar um dia como o bardo inglez, alguns d'esses paineis, que ficam de pé na posteridade, louvados e applaudidos como as telas do salvador Rosa, ou como as estancias de Camões, o cantor que melhor soube desenhar em grande as maravilhas da natureza dos tropicos, e a lucta dos elementos.

Quatro annos depois da chegada a Lisboa, em 19 de Agosto de 1840, perdeu Bulhão Pato seu pae, ferido repentinamente por uma lesão de coração, quando o filho entrava nos dez annos, e quando mais necessarios se tornavam os desvelos e a vigilancia de um homem esclarecido para lhe encaminhar as inclinações nascentes, dirigindo por estrada propria a sua educação.

Mas se o tumulo acabava de se fechar sobre o protector da sua infancia, e se a mão vigorosa que o havia de ajudar a atravessar os principios da juventude lhe faltou de subito, no coração estremoso da mais terna das mães lhe concedeu a providencia a possivel compensação.

Estranha até ahi inteiramente á administração dos negocios domesticos revestiu-se de valor para supportar as saudades da viuvez, substituindo pelo amor e pela dedicação a perda do chefe da familia.

IV

Senhora nos dotes da alma e pelas prendas do espirito, fez-se homem para salvar da ruina a pequena fortuna, que tinha escapado intacta dos revezes das commoções civís, e ao mesmo tempo não se poupou a sacrificios, nem a esforços, para abrir pelo estudo ao mancebo, que para ella era o penhor e o retrato do esposo morto, a carreira ampla, que os seus talentos lhe podiam proporcionar n'uma época, em que rasgados todos os privilegios hereditarios, só o engenho e o trabalho nobilitam e elevam.

Depois de frequentar no collegio da rua do Quelhas as aulas de instrucção primaria, e as disciplinas, que constituem o ensino secundario, provavelmente com á invencivel aversão, que de todos os tempos os moços imaginosos sempre consagraram aos bancos das escólas e á sineta claustral das horas de silencio, Bulhão Pato respirou com mais liberdade cursando os geraes da Escóla Polytechnica, creada em 1837 na dictadura de Manoel Passos pelo visconde de Sá da Bandeira, e hoje emula dos estabelecimentos da mesma indole em outros paizes.

Um obstaculo porém, mais irresistivel, ainda que a preguiça tão sabida nos validos das musas, desviava o poeta da fatal pedra, d'onde a mathematica, severa e rispida o repellia com um desastre em cada lição.

Ser-lhe-ia mais facil compôr em tres dias mil oitavas, mais ou menos estropiadas pela inexperiencia juvenil, do que arrostar-se com o terrivel volume das taboas de Callais, com as equações algebricas de Francoeur, ou com os triangulos e trapesios de Vilella. No fim de longos dias de inutil e molesta peregrinação por aquella Siberia fechada para elle a sete sellos, retirou sem os despojos da batalha, trazendo para casa o fardo mais ligeiro possivel de conhecimentos scientificos.

Ajustada a somma d'este periodo achou que tres annos consumira para ficar sabendo apenas a conta de diminuir praticamente, e a de repartir com soffrivel rapidez. — De multiplicar nada!

É verdade que o seu professor de calligraphia, o qual hoje é de crer que se entumeça de orgulho por ter guiado os primeiros riscos e ligações de tão distincto alumno, não póde com motivo jactar-se de haver sido muito mais feliz. A letra do poeta é um pregão escandaloso contra as delicadezas dos finos e grossos, coróa e gloria dos Venturas e Godinhos.

Mas se o genio de Laplace devia cobrir o rosto diante d'este desertor dos numeros e das formulas transcendentes, outras ar-

tes, mais amenas, lhe estendiam os braços, e o convidavam, sorrindo-se, a seguil-as.

As musas, amigas da sua infancia, e companheiras da sua juventude, as musas que talvez não tiveram pequena culpa na derrota mathematica, segredaram-lhe, não se sabe como, a melodia ingenua, e os toques graciosos, que recommendam a sua primeira poesia—*Se córas não canto*—feita aos quinze annos, ao desabrochar da vida florente de mancebo, e recitada quasi ao ouvido pelo poeta com aquella timidez, que affronta as faces de rubor, e suffoca a cada syllaba a voz tremula de commoção.

Vão já longe para elle e para nós os dias, em que assistimos todos a esta primeira estreia de uma sincera vocação.

O poeta escondia-se então de si, e córando hesitava, mesmo animado pelo sorriso de Almeida Garrett, tão cheio de bondade quando saudava um engenho verdadeiro, tão ironico e malicioso, quando entalado entre prosas pifias e versos claudicantes, sentia os ouvidos e o gosto martellados pela eterna legião de vates sepulchraes, cujas cabelleiras e barbas de porta-machado, eram a libré da seita romantica, seita no fim de tudo inoffensiva, e que veio a morrer afogada em ondas de tinta e de semsaboria, como lhe pronosticou o mestre.

Bulhão Pato desde o primeiro canto separou-se dos pios luctuosos dos barbadões, e dos punhaes e venenos dos auctores carniceiros, que percorrendo os cemiterios em busca de caveiras luzidias, e de spectros melodramaticos, enchiam a scena portugueza de anões e lobis-homens, encascados em grevas e coxotes, em arnezes e celladas, encharcando de lagrimas, que podiam ser mais bem aproveitadas, os lenços das beldades, que applaudiam por modo as tetricas e pavorosas composições, de que ás vezes só o ponto escapava para dar o ultimo reclamo no meio dos bravos da platéa.

A poesia se «Córas não canto» composta em Janeiro de 1847, é apenas um ensaio, mas um ensaio que logo denunciou duas qualidades raras, sobre tudo para a época em que foi escripta,—individualidade no estylo, e simplicidade desaffectada na fórma,—exactamente o contrario do que mais apparecia então na plebe dos glosadores servís das bellas odes de Victor Hugo e dos cantos de Lamartine.

Era um carme fugitivo, mimoso, cheio de frescura e de enlevo, um carme que se não torna a repetir, porque o coração dos quinze annos, que o inspirou, infelizmente com os atritos da vida, á medida que aprende, endurece, e por cada nodoa das paixões, que mostra, perde uma fibra maviosa, um sentimento ju-

venil, um dos perfumes, que exhala, quando puro se abre como flor ao sol e á alegria descuidosa da primeira existencia.

Foi a esta poesia quasi da sua infancia, que Bulhão Pato deveu o seu conhecimento com Alexandre Herculano, n'esse tempo mais recolhido do que hoje, e mais occupado com as letras, do que em vigiar o arado. Achavam-se os dois á mesa, em casa de José Estevão no anno de 1848, quando os primeiros rebates da revolução de fevereiro em França traziam entre nós os animos exalados, e as opiniões inquietas.

Estavam frescas ainda as cicatrizes da guerra civil de 1846, e os bandos, que a tinham pelejado, devorados pelos odios recentes, não conheciam a tolerancia, que actualmente converteu em rivalidades de escólas politicas as implacaveis e cruentas discordias, que ensanguentaram o berço da liberdade.

Presidia o ministerio o duque de Saldanha; e a urna eleitoral sob a pressão dos acontecimentos votára parcialmente ao ostracismo os maiores vultos do partido progressista.

Na tribuna viuva dos grandes oradores, que a haviam enobrecido, já não soava a voz eloquente de Almeida Garrett, e do seu contendor de 1840. Rodrigo da Fonseca entrára na Camara dos Pares, e apenas alguns mancebos, novos no estudo das causas publicas, e principiantes nas lides da palavra, começavam no parlamento o seu tyrocinio.

Em casa de José Estevão umas vezes, outras na Ajuda, em casa de Herculano, e algumas no gabinete do auctor de D. Branca, é que se reuniam os filhos da geração, que succedia á do Mindello, para ensaiar as primeiras obras diante da vista dos mestres, e com o conselho e incentivo d'elles.

Bulhão Pato, que apenas tinha rimado os versos de «Se córas não conto» obedecendo á vocação, como o rouxinol solta o canto sem esforço, nem intenção, admirava de longe os nossos grandes escriptores contemporaneos com aquella timida adoração, que é o pudor dos verdadeiros engenhos, e que o vulgo das creaturas mediocres nem aprecia, nem percebe.

Nunca tinha visto Herculano, sabia-lhe de cór os livros, e contemplava-o silencioso com a especie de fanatismo, que depois o tracto e o uso transformam lentamente em amisade e veneração.

No fim do jantar executou-se o que fôra ajustado sem elle o saber. Prenderam o poeta moço e intimaram-o para recitar as estrophes, que o pobre cantor na sua modestia quasi infantil julgava indignas de offenderem os ouvidos do auctor do «Monge de Cister» e da «Harpa do crente.»

O aspecto de Alexandre Herculano, na apparencia muito me-

nos accessivel, que o de Garrett, de certo não concorria para diminuir o enleio e a turvação do mancebo; porém não lhe valeram desculpas nem escusas.

A sentença estava proferida; foi preciso cumpril-a:

Principiou, pois, mais a balbuciar, do que a repetir os versos.

Á medida que as estrophes se desatavam, o sorriso de Herculano desenhava-se, alegrando-lhe a bocca severa, e tomando aquelle ar sincero de interesse paternal, que os seus intimos lhe conhecem, e que tanto lhe espiritualisa a phisionomia.

Quando os grandes rasgos e as grandes idéas, lhe accodem; nas occasiões, em que a discussão ou o calor das crenças, exaltando-o, rompem a friesa exterior, que parece tornal-o indifferente a tudo e a todos, a voz de dentro chama por elle, e a transformação opera-se. Então a cabeça inclinada pela meditação e pelos habitos do bufete ergue-se transfigurada de subito, e eloquente no olhar e na expressão, sublime muitas vezes pelo convencimento, ou pela indignação, adevinha-se com facilidade n'aquelle rosto, illuminado pela chamma do genio, o homem que soube combater pelos principios modernos, o poeta que tão nobres canticos elevou ao encostar a espingarda de soldado da liberdade, e o profundo pensador, que levantando o sudario dos seculos e das épocas, lhes restituiu o viver e as feições, gravando na face do monumento a resurreição historica do que foi o velho Portugal, quando livre pela espada levantou á sombra da cruz a nova monarchia.

O sorriso de Herculano socegou os receios do poeta, e confortou-lhe a esperança. Os versos agradaram, e um aperto de mão e poucas palavras leaes, como as elle usa, disseram-lh'o apenas terminou.

L. A. Rebello da Silva.

A SEMANA SANCTA

A filha perdida

> Quelle nuit! quel silence! au fond du sanctuaire!
> A peine on aperçoit la tremblante lumière
> De la lampe que brûle auprès des saints autels
>
> LAMARTINE—*Meditações.*

I

A noite começava a desdobrar seu manto de trevas sobre a cidade.

Uma grande multidão, em vestes de lucto, percorre as ruas em silencio, como se a dôr concentrada de uma suprema angustia lhe suffocasse no peito os desabafos do coração afflicto.

Não longe, a cathedral ergue as suas torres de granito acima dos edificios, como as tem erguido acima do poder demolidor dos seculos.

O seu aspecto é melancholico e severo.

A pallidez que lhe imprimíra a mão do tempo parece agora mais grave e solemne. Dissereis que a envolve o lucto de um fundo pesar.

O campanario é mudo: a voz do brònze não chama os fieis á oração, infundindo-lhes no animo o sancto e piedoso temor da idéa de Deus.

No interior do templo não restrungem os canticos. Os sons do orgão, como ondas de harmonia, não enchem as naves, acompanhando os fieis nos desejos e esperanças, que lhes vôam nas azas da oração.

Estão mudos os eccos tantas vezes accordados pelas litanias do sacerdote e pelas supplicas ferverosas da alma piedosa.

II

Entremos.

As trevas e o silencio enchem a casa do Senhor. Ouve-se apenas, a intervallos, o murmurio comprimido, mais do coração que dos labios que oram, expressão anciada, ardente e ferverosa que não se explica, mas que se exhala e identifica com as profundas e venerandas impressões dos objectos que nos rodeiam, com o sussurro vago e confuso dos impetos da alma que a palavra não sabe traduzir, com o fumo do incenso voando em ondulações mysticas diante do tabernaculo, com o lampejo incerto do lampadario que arde em frente da ara sancta.

Caminhemos mais ávante.

A dor e o lucto do coração encontram os seus symbolos no aspecto solemne e funebre dos emblemas da Paixão do Martyr da Montanha.

Os altares estão desnudados: os retabulos onde a piedade e as tradições legendarias perpetuaram a vida e glorioso martyrio dos sanctos, envolve-os um denso crepe: nem um ornato, nem uma alfaia, nem um distinctivo veste as paredes, que se amostram nuas de alto a baixo.

O candieiro de sete braços, acceso em frente do altar, é o unico clarão que fulge em escuridão tamanha. É como o sentimento vivo da fé christã, que não esmorece e vela incessante no seio das trevas da impiedade.

Ajoelhados em ferverosa meditação, os fieis enchem as tres naves. Todas aquellas frontes postradas, a devoção ardente que as abraza, os labios tremendo-lhes em articulações piedosas, os suspiros que exhalam do seio de uma crença intima, os impetos que vôam, os prantos contrictos que se inflammam, tudo confirma e proclama que um pensamento profundo, unanime, solemne, immenso, que o pensamento de Deus, reuniu n'aquelle logar todos aquelles peitos para sentirem um mesmo affecto e se abrazarem n'uma só prece.

Como uma gota de agua cahida no Oceano, o meu pensamento fica absorvido n'uma meditação profunda. O tremendo drama da Redenpção está diante de meus olhos, na representação augusta de seus emblemas; na recordação das suas dores, extenuações, e angustias; na solemnidade significativa de todos os seus trances em que a natureza humana pediu todo o auxilio da natureza divina; na virtude das suas tremendas palavras de conforto, resignação e esperança; na significação sacratissima do pacto immenso com que um Deus, tornado homem, padeceu morte affrontosa afim de remir a humanidade.

A esta contemplação, a mente, assaltada de idéas que permanecerão sempre um mysterio entre a reflexão do homem e a sua fé, engolpha-se nos labyrinthos enredados de penosas cogitações.

É impossivel deixar de seguir com a anciedade de uma dôr viva, com a memoria de um sentimento doloroso, todas estas scenas de ignominia porque passou o Filho-do-Homem, nas scenas angustiosas do seu martyrio.

Instinctivamente, a imginação apraz-se de recompôr, nas sombras da rasão attonita, todos esses lances da agonia do Christo; e a sua imagem grandiosa, abrindo os braços sobre o madeiro do opprobrio no cimo do Calvario, apparece-nes sempre ao cabo de tanto meditar, como o Martyr sublime, que, nos paroxismos do sacrificio immenso, abrira tambem os braços á humanidade para a resgatar da immensa culpa.

Religião de caridade e exemplo, de amor e humildade, de abnegação e esperança, attestada no triumpho de dezoito seculos, o seu legislador, quer aos olhos do philosopho, quer no sentir do homem de fé viva, quer nas maximas sinceras do moralista, quer nas previsões audaciosas da phantasia poetica, quer emfim nas ousadias de um racionalismo fatalista, não póde deixar de ser considerado como a humanidade glorificada pela mais sancta e perfeita das doutrinas, que o sangue do Justo assellou, definiu, e perpetuou, como base moral para todas as gerações futuras.

III

E que suave e doce poesia nos não despertam n'alma todas as ceremonias d'esta semana, que nos aviva as scenas do tremendo drama cujas peripecias e desenlace eram já annunciados pelas ameaças dos prophetas!

No meio d'este solemnissimo espectaculo de desolação como que nos apparece sempre a figura grandiosa de Jeremias, que do alto das ruinas de Jerusalem despede as iras do Senhor sobre o povo judaico e lamenta as angustias por que os seus erros o farão passar, errante e amaldiçoado, atravez dos secculos vindouros.

N'este momento, Sião, a graciosa filha de Judá, inclina a fronte, e correm-lhe dois fios de lagrimas pelas faces, meditando nas suas desgraças.

A voz do sacerdote aviva mais todo este quadro de tristeza infinita, cantando na toada plangente e solemne que os Hebreus nos transmittiram, estas lamentações que parecem vencer o lapso dos seculos e tornarem-nos presentes e vivos os infortunios da rainha das nações.

«A filha de Sião perdeu toda a sua belleza.

«Os seus principes andam dispersos, como carneiros que não acham aprisco nem pasto.

«Os seus perseguidores escarnecem-nos e cospem-lhes motejos e irrisões, por que os vêem sem fortaleza.

«Lembrou-se Jerusalem dos dias da sua angustia e desobediencia, e de tudo que tivera de mais aprazivel nos dias antigos, antes que o seu povo caísse na mão inimiga, sem haver quem o soccorresse.

«Viram-na os seus adversarios e responderam com o desprezo á sua dôr.

«Commetteu Jerusalem grandes peccados, por isso ella ahi anda errante e vagabunda. Todos os que d'antes a glorificavam, a desprezam agora, porque viram a sua ignominia. A rainha das gentes, a filha de Judá retrocedeu e voltou gemendo.

«Os seus pés enterraram-se nas immundicies da prostituição; e não se recordou do seu fim e da sua perda! Caíu n'um extremo abatimento e na funda abjecção...

IV

Assim cantava o sacerdote, quando o interrompeu um grito abafado, surdido do mais escuro do templo. Um murmurio confuso turbou a solemnidade do logar e quebrou a intimidade das sanctas impressões, que cada fiel sentia verterem-lhe n'alma as phrases do propheta.

Quem fôra que soltára aquelle grito?

Seria acaso, ou seria que o anathema do ungido do Senhor fosse exacerbar alguma chaga, d'essas que vertem de continuo sangue, ainda mesmo debaixo das falsas apparencias da riqueza e da ostentação, e que tornam identicas tantas almas no penar acerbo de uma desventura?

O grito soltára-o uma mulher que ha muito permanecia immovel, ajoelhada de encontro a uma das pilastras, que se erguiam alvejando no seio da escuridão, como um rolo de fumo que fosse perder-se no escuro das abobadas.

Os mais proximos acercaram-se.

Arquejando nos anceios de uma dôr comprimida, a mulher havia desmaiado. Era de uma formosura que a pallidez realçava inundando-a de um attrativo meigo e suave. Um vestido de setim preto, guarnecido de rendas nos braços, no collo, e na saia, parecia envolvel-a n'uma ondulação de nuvens escuras que lhe dessem um aspecto phantastico. E esta côr negra do vestuario contribuia para fazer sobresair a alvura de marmore do rosto,

do peito e das mãos. O luto do trajo como que era completado pelo luto natural do cabello preto, que erguido n'uns apanhados singelos e elegantes, lhe emolduravam o semblante abatido. Á claridade amortecida dos brandões longinquos, que projectavam uma luz vaga e frouxa sobre as suas faces, viu-se que ella se reanimava. Entreabriu os olhos, e tentou balbuciar algumas palavras. A commoção que a agitava interiormente punha-lhe os labios n'um tremor convulso. Levou uma das mãos aos cabellos como tentando comprimir a desordem de seus pensamentos, e susteve-se com a outra no angulo da base da pilastra. Depois ficou de joelhos.

Junto d'ella, uma pobre velha, com os olhos arrasados de lagrimas, lidava pela apertar nos braços de encontro ao seio, e como que mostrava querer-lhe esconder o rosto nas dobras do véo de rendas que lhe pendia da cabeça. De repente, abre de todo os olhos, encara a velha, e prorompe n'estas palavras, affogadas em soluços e lagrimas:

— Ó minha mãe!... fujamos d'aqui que eu sou reprovada de Deus e dos homens!

— De Deus não, porque a sua misericordia é infinita, acode a velha, apertando-a ao seio.

— Mas porque ha de ser logo hoje, e n'este logar, que eu a torne a ver, depois de tantos annos?

— Porque Deus assim o quiz.

— Mas fujamos, minha mãe, que a severidade d'este logar parece-me ainda uma condemnação maior das minhas culpas. Fujamos!...

E a triste rapariga, ergnendo-se a custo, puxava pela velha para fóra do templo; e a pobre mãe, cingindo-a nos braços, seguia-a lavada em lagrimas.

As grandes dores são communicativas. Ha sempre um poder occulto que sanctifica a desgraça e lhe dá um aspecto solemne aos olhos do verdadeiro christão. A multidão que rodeava aquelle desditoso grupo não sabia a sua historia, não sabia porque motivo aquella filha estivera ausente tantos annos de sua mãe, e porque, ao vel-a, escondêra o rosto de encontro ás lages da velha cathedral, como se se reputasse indigna de a encarar, e soltára depois um grito de dôr e vergonha; não sabia tão pouco porque a sanctidade da casa de Deus e as palavras austeras do propheta lhe haviam accordado o remorso no fundo da alma; não sabia nada d'isto, mas viu ali uma grande desventura, e respeitou-a.

A filha, abraçada á mãe, atravessou duas alas de povo; e em mais de uma face correram as lagrimas da compaixão.

V

E que mulher estranha seria esta, que assim veiu perturbar a solemnisação dos mysterios tremendos da Paixão?

E que historia singular seria a sua, que via um anathema nas ameaças de Jeremias, e uma censura na presença de sua mãe?

A mulher não era estranha, nem a sua historia singular: a mulher era uma d'essas muitas creaturas, que o acinte atrocissimo do destino parece haver formado pobres e ao mesmo tempo bellas para as collocar frente a frente com todas as tentações da seducção, da riqueza e do luxo, e depois as despenhar no fundo abysmo das abjecções humanas: e da mesma sorte a sua historia era a historia trivial de muitas outras.

Com a differença que, algumas mais felizes, abrigam a sua devassidão no respeito das jerarchias que a sociedade convencional inventa e considera; e outras atira-as a sorte á rua das amarguras para o primeiro adventicio lhes abrir na fronte o rótulo ignominioso da prostituição.

Para aquellas, no excesso de suas contemplações hypocritas, encontram os homens os titulos da estima e os salões doirados da consideração publica. Se as motejam, é na sombra, e sem que esses motejos as vão apear nem um apice da sua alta posição social. Mas a estas, mais austeros que o Evangelho, que rehabilitou a Magdalena, não lhes acceitam nem sequer o arrependimento!...

E a sociedade é isto!

J. M. D'ANDRADE FERREIRA.

SEXTO CASAMENTO

Não era poeta, nem imaginario, nem se quer romantico Bernardo Pires. Um anno, cinco, dez annos depois de casado, amava ainda, ou amava mais sua mulher.[1]

Nunca pôde fazer-se senhora a irmã do barqueiro do Tamega. O que ella queria era trabalhar, moirejar, e dotar-se, para assim dizer, com os accrescentamentos que o seu genio economico ia dando á grande casa de seu marido.

Bernardo era assim feliz, e não se lhe dava que as fidalgas de riba-Douro dissessem, por mofa, que a vara e o remo deixaram nas mãos de Thereza umas excrecencias calosas que se não podiam apertar sem molestia.

Raros hospedes interrompiam o monotono contentamento d'aquella invejavel familia. E a natureza, sempre liberal para os que se saboream n'ella das alegrias modestas e duraveis—a natureza, synonimo de Providencia e Deus como a entende o auctor das «Harmonias» e de «Paulo e Virginia» —déra-lhes uma filha como para convencer-nos que ha felicidade perfeita n'este mundo, quando os prazeres, em que a buscamos, não custam desgosto a outrem, nem carecem de desculpar-se com a cegueira das paixões.

[1] Veja, no anterior numero, O QUINTO CASAMENTO.

Chamava-se Maria da Piedade a menina. Não parecia filha de Thereza, aos quatorze annos. Era o morbido e suavissimo molde da mulher, que vulgarmente denominamos «aristocrata» como se nas familias heraldicas nos não deparasse a natureza muita senhora troncha e repolhuda. O azulado das veias, a pequenez de mão e pé, a brevidade da cintura, o oval pallido do rosto, a placidez das palpebras, o rôxo-violeta que tingia um meio circulo por baixo dos olhos amortecidos, eram feições de todo avessas ás de Thereza.

Quando a menina, cansada de um curto passeio ao pomar da quinta, se encostava esmorecida ao braço do pae, a robusta mãe praguejava contra o chá que tornára sua filha um pelém. Outra zanga era o vel-a com livro na mão. Não queria, dizia ella, que sua filha puchasse *pelas memorias*. Ora o livro unico de Maria da Piedade era o *Manual* do sr. Emilio Achilles de Monteverde, livro innocente, o mais innocente de quantos conheço, pela saudavel ignorancia em que deixa as educandas. No entender de D. Thereza o chá e o *Manual* haviam de dar cabo de sua filha, que até aos cinco annos fôra escarlate e roliça como um seraphim do altar-mór de aldeia. Rasões acertadamente contrapostas por Bernardo não desconvenciam sua mulher do odio ao chá, que ella chamava tizana, e á leitura que abominava com a cordialidade de uma senhora legitimamente portugueza e sensata.

Aos quatorze annos, Maria da Piedade foi pretendida por muitos cavalheiros, como herdeira unica de uma grande casa. Sobresaía entre estes um visconde de antiga linhagem, senhor de pequeno morgadio; e um tal Affonso Rodrigues filho de um capitão-mór d'além Tamega que fôra pedil-a com carta abonatoria do sr. Antonio da Mó, seu visinho, e como sabem, tio da menina.

Pendia Thereza para o filho do antigo capitão-mór, que, além de abastado, era lá visinho dos seus, e sabia de lavoura, e mostrava, com o orgulho de um rei Bamba, as mãos calejadas pelo arado. Optava Bernardo pelo visconde, cujos costumes se conformavam mais á indole de sua filha. Maria não escolhia nem rejeitava algum.

Apertava o sr. Affonso Rodrigues pelo remate do *dito arranjo*, como elle se expressava em repetidas cartas. Instava tambem o visconde, apertado pelos crédores — quando em Covas do Douro, residencia de Bernardo Pires appareceu um homem fatal para o sr. Affonso e para o visconde.

Era o meu amigo Thomaz d'Abreu este homem, revolucionario demagogo, que se aventurára na revolta d'Almeida, e fôra acutilado na serra do Marão, com um bando de patriotas, por um troço de cavallaria, representante dos bons principios.

Achou-se Abreu em Covas do Douro, por um d'esses caprichosos desvios que só conhece quem foge. Procurando um cirurgião que lhe

pensasse as feridas, estancadas com tiras de lenço, encontrou na rua Bernardo Pires, que o conduziu a sua casa, e o agasalhou com a dupla caridade de quem já fugiu á raiva dos politicos, e encontrou guarida e bem-fazer de estranhos.

Foi Abreu cuidadosamente tratado, e convalesceu.

Durante quinze dias, em que estivera de cama, não viu Maria da Piedade: sabia, apenas, que havia na casa uma menina, que todos os dias perguntava ao cirurgião pelo estado do enfermo.

Quando, porém, a viu, amou-a, e disse comsigo o que dissera um imperador romano: «o amor não passa de uma convulsão.» Viu-o ella tambem, e, se o pae a não chama para apresental-a, fugiria. N'estas fugidas é frequente ficar o que devêra fugir primeiro que os olhos— o coração.

Era Abreu um gentil moço. Trinta annos teria então. Paixões conhecêra uma só: o patriotismo. Creio eu que se chama patriotismo á coisa. Apparecia Thomaz onde quer que o odio politico levedasse uma conspiração. Armava-se até aos dentes, batia-se com encarniçada bravura; matava, se podia, o adversario politico, de quem fôra condiscipulo, ou com quem jantára quinze dias antes: isto chama-se patriotismo, e d'esta paixão se fazem os Codros na Grecia, os Curcios e os Scevolas em Roma, e os regedores de parochia em Portugal.

Paixão fôra esta que não deixára na alma requeimada de Abreu oasis onde verdejassem esperanças que não fossem ambições de ser secretario do governo civil da sua terra. Flor de affectos serenos e sympathias generosas nem só uma que lhe quebrasse o fadario negro da politica. Dê-se embora como coisa corrente que o homem a tudo se abalança, tudo cubiça e disputa para muito ser e valer aos olhos da mulher. Homens ha que não. Para Thomaz d'Abreu toda as mulheres eram Dalilas, e todos os namorados — raça degenerada dos antigos brios portuguezes, filhos descaroados que tripudiavam em volta da esteira da mãe-patria agonisante.

Thomaz teve medo de si, quando viu Maria. Sentiu dentro do peito o fremir surdo do volcão. Quiz fugir, e despediu-se. Pediu-lhe Bernardo que se detivesse até arrefecerem os odios politicos que se cevavam ainda pelo cacete, que é, nas capitaes das provincias, o precursor bemquisto das amnistias, quando não protesta contra ellas, depois de decretadas. D. Thereza tambem pediu que ficasse. Maria da Piedade relanceou-lhe um olhar em que não havia lagrimas, mas tão supplicante devia ser que Thomaz d'Abreu ficou. D. Thereza lembrava-se dos preludios do seu casamento, e muitas vezes disse a Bernardo:

«Queira Deus...»

Bernardo respondia:

«Thomaz, além de não pensar senão em revoluções, é um cavalheiro.

Elle já sabe que Maria está destinada, e ella não tem por ora vontade sua, nem sabe o que é amor.

O sr. Affonso Rodrigues, cansado de esperar uma resposta definitiva, foi a Covas, e brindou a noiva com um cabaz de trutas fritas. Bernardo, já resolvido por sua mulher a favor de Affonso, apresentou-o ao hospede como futuro genro. Maria estava presente, e ouvindo a final a condemnação do seu destino, fitou os olhos no chão, fez-se côr de cêra, estendeu o braço para encostar-se, e caíu sem sentidos.

No dia seguinte, Bernardo Pires saíu para o pomar com Thomaz d'Abreu, e disse-lhe com maneiras affectuosas:

—Eu não conheço o coração de minha filha. Interroguei-a; mas ha lá um segredo que não consigo tirar-lhe. Talvez que o senhor possa esclarecer-me, e responda-me por tanto, com sinceridade: V. S.ª é amado por minha filha?

—Nunca lhe dei occasião a ella de me fazer similhante revellação. A filha do amigo que me recebeu em sua casa, a rica herdeira que pretendem os abastados, póde ser um anjo como ella, que eu nunca me erguerei diante dos seus pretendentes, e menos ainda diante da vontade de seus paes. Sou tão independente como pobre. Do meu orgulho não poderei cair nunca nos braços de uma mulher, ainda que ella possa cobrir-me com as suas azas de anjo.

Bernardo Pires não teve que redarguir a isto, que, de mais a mais, tinha estylo.

Na madrugada do dia seguinte, Thomaz d'Abreu escreveu uma carta ao dono da casa, collocou-a sobre a commoda do seu quarto e saíu a pé caminho de Villa Real, onde tinha parentes. A carta continha um protesto de eterna gratidão e o seguinte periodo:

«Não sacrifique sua filha. Se Deus lhe concedeu o thesouro de pe-
«rolas, que pressa tem de o lançar ao porco que me apresentou como
«seu genro? Terrivel amor de pae o que mata o coração de sua filha!...
«Indulte-me d'este atrevimento, e adeus.»

Perguntei eu ao meu amigo a rasão d'esta carta, podendo elle despedir-se como se despede toda a gente. Respondeu-me o seguinte:

«Algumas horas antes de eu escrever a carta, seria uma hora da noite, ouvi passos no corredor contiguo ao meu quarto, e logo um cauteloso bater de porta, que me deu a intuição de um episodio romanesco. Abri a porta, e vi a mestra de costura de Maria. Era feia mais que o admissivel esta pessoa. Fez-se em mim de repente um Joseph da côrte de Pharaoh, e por pouco lhe não deixo além da capa, dois pares de piugas e duas camizas que tinha no quarto. Entrou a sr.ª Quiteria, e sentou-se na minha cadeira, limpando as lagrimas, que a levavam ao supino da fealdade.

«O senhor ha de desculpar... — disse ella balbuciante — faz-me tanta pena a pobre menina, que vim aqui...

Os soluços embargavam-lhe as palavras; e eu desvanecida a hedionda suspeita de uma aventura que me desacreditaria aos proprios olhos da minha vaidade, atalhei:

— Sei o que vem dizer-me. A Sr.ª Quiteria quer que eu falle ao pae da menina a respeito d'este desgraçado casamento, e o dissuada de forçar a pobre senhora a similhante desgraça, não é isso?

«Não, senhor. Eu venho dizer-lhe que a menina morre de amores por V. S.ª Está sempre a chorar, desde que o viu, e diz que o senhor a não ama, porque nunca lhe diz uma palavra carinhosa, nem se importou hontem de a ver cair desmaiada.»

Quiteria fallou longo tempo, e acabou por me dizer que a menina está prompta a fugir comigo, se eu désse a minha palavra de a receber como esposa, o mais cedo que fosse possivel.

Respondi que amava como nunca tinha amado a Sr.ª D. Maria da Piedade; mas que não me casaria com ella nem com outra, e muito menos o faria contra vontade de seus paes. Que entrára ferido n'aquella casa, recebêra paternaes cuidados do dono d'ella, e não queria sahir com o labeo da extrema infamia. Que o meu amor era e seria sempre escravo da rasão, e que, em nome da rasão, aconselhava á Sr.ª D. Maria que implorasse de seu pae a desistencia de tal casamento; e se esquecesse ella de um homem que não podia dar-lhe a felicidade sem primeiro esmagar a consciencia da honra, e o orgulho de a ter. E á Sr.ª Quiteria incumbe-lhe fallar esta linguagem á sua discipula — accrescentei.

Não sei se a mestra de Maria me entendeu. Saíu, como vexada do máu exito da sua irreflectida piedade; e eu resolvi desde logo saír, como saí, por que me sentia fraquejar de animo, e a minha consciencia de honra não estava longe de transigir com o coração.

Com isto satisfez o meu amigo á minha curiosidade. Fiquei admirado.

Bernardo Pires lêra a carta de Thomaz d'Abreu, chamára a filha, e dissera-lhe:

«Está socegada menina. Não casarás com Affonso, nem casarás sem que o teu coração acceite a vontade de teu pae. Em compensação da minha generosidade comtigo, falla-me com franqueza: Amas Thomaz d'Abreu?

Maria tomou as mãos ambas do pae, e escondeu n'ellas o rosto, beijando-lhas e regando-lhas de lagrimas. D. Thereza assistiu a esta scena tocante, e chorou tambem.

No dia seguinte uma carta de Bernardo Pires procurava Thomaz em Villa Real.

A carta esteve muitos dias no correio sem que alguem a procurasse, até que o fidalgo do Douro soube que o seu hospede apenas se demorára algumas horas n'aquella villa, e saíra occultamente.

Decorreram dois annos. A revolução popular de 1846 rebentou no Minho. Thomaz d'Abreu lá estava, incitando a populaça a queimar os impressos do cadastro, e mereceu ser nomeado governador civil interino de um districto de Traz-os-montes. Veio a contra-revolução. Thomaz d'Abreu militou nas legiões do Porto, bateu-se em Torres-Vedras e Val-Passos, e consummiu os ultimos cartuchos em desesperada peleja contra os hespanhoes que entraram por Valença do Minho.

Depois do convenio de Gramido, ficou no Porto, reorganisando a carbonaria, e armazenando armas para uma nova tentativa.

Uma noite estava elle no theatro de Camões. Alguns bandos de caceteiros tinham concorrido ali, sabendo que os Guedes da casa da Costa, briosos e valentes caudilhos das forças populares, tinham a petulante bravura de se não esconderem. Travou-se a desordem quando Thomaz d'Abreu entrava no portico do theatro. Os aggredidos resistiam ali como haviam resistido no campo. Abreu, perseguido por tres punhaes, e defendendo-se com um estoque, recuava no corredor dos camarotes de primeira ordem, quando um braço robusto, travando do d'elle, o fez entrar n'um camarote. Os sicarios retrocederam, e Abreu viu a pessoa que o salvára: era Bernardo Pires. Ouviu um ai de afflição: era Maria da Piedade, que desmaiára nos braços de sua mãe.

«Desmaiada ou morta?!» podéra elle dizer vendo-a tão outra do que fôra a pobre menina!

O anjo da morte beijára as faces de Maria, e no alvor onde pousára os labios, deixára como signal duas manchas escarlates.

—Já a não conhece?—disse Bernardo Pires—Matou esta creança sr. Abreu, mas não o culpo; matou-a involuntariamente. Agora nem para si, nem para nós.

Maria da Piedade, recobrando o alento, saiu do camarote, entrou na carroagem, sentiu o apoio da mão de Thomaz quando subia, e chorou.

N'essa mesma noite, Bernardo Pires procurou no seu hotel o meu amigo, e disse-lhe:

«Não se casa por commiseração. A generosidade, que move um homem a adjudicar a uma mulher doente a sua vida, deve ser muitas vêzes ferida pelo arrependimento. No entanto, saiba que Maria, ao cabo de dois annos de uma paixão superior a tudo que um pae inventa para salvar sua filha unica, morre, e morre amando-o. Já lhe disse que o não culpo, senhor. Admiro a sua probidade, mas admiro muito mais a frieza do seu coração. Não teve de parte alguma um carta em que me fallasse de si; escrevi-lhe ao acaso para Lisboa; não me respondeu.

—Eu não vivi em Lisboa. Estive em Inglaterra dois annos, cum-

prindo uma commissão politica. Voltei, quando era forçoso obedecer á minha paixão fatal. Recebi de V. Ex.ª uma carta em***, onde estava governador civil. Apenas me disse que sua filha estava doente, e arriscada. Doeu-me a infausta nova; mas a vaidade não me arguiu de verdugo d'ella. Aqui me tem, sr. Pires, pedindo-lhe Maria da Piedade. Agora peço-lh'a porque não ha paixão alguma que m'a dispute ao coração. Morreu-me a fé nos principios, e nos homens. Não ha quem salve Portugal. Invergonho-me de sêr portuguez, e falta-me a coragem de Bruto n'esta cafraria de negros sem honra nem alma. Agora sou senhor de mim; peço-lhe sua filha, e prometto salval-a, salval-a para a felicidade de nós ambos, d'esta familia no seio da qual o meu talher não será oneroso para V. Ex.ª, nem vilipendioso para mim.

Prometto salval-a—disse elle!...

E salvou-a!

Em 1858 a vi eu a banhos de mar em S. João da Foz do Douro. Dos taes beijos do anjo da morte nem signal! O anjo da vida é que viera accrescentar á de Maria tres existencias, tres lindas meninas, robustas, como as meninas dos noticiarios do jornalismo do Porto, muito parecidas com sua avó, virtuosa e ditosa senhora para quem o céo é inexgotavel de contentamentos.

Sirva este casamento de conforto e esperança ás meninas tysicas, e de aviso aos paes, e de estudo aos redactores da *Gazeta Medica*.

C. Castello Branco.

MARCELLINA LOTTI

Se o amor tivesse voz,... era *soprano!*

O *contralto* está sendo para a musica, o quê a *mulher de trinta annos* foi para a litteratura—uma questão de moda!

A humanidade teve uma hora em que se sentiu enfastiada das ternuras do amor; Raphael tinha pintado tantas virgens, Shakspeare creára tal abundancia d'ellas, e Lamartine estava-as cantando tanto, que o talento humano intendeu ser tempo de nos mostrar as Fœdoras e as Indianas, não se limitando a descrevel-as nos romances, senão a pôl-as em acção nos dramas e fazel-as cantar nas operas! Ora, a litteratura descobrindo ou antes inventando a mulher de trinta annos, a mulher de trinta annos tinha inevitavelmente de inventar ou descobrir o *contralto*, porquè Lucrecia Borgia ou Lelia não podiam ser *sopranos* com boa verosimilhança lyrica!

Ha bem pouco tempo ainda, todos nós vimos Medéa sobre o palco. Medéa, a allucinada infanticida! Medéa cuja voz imprecativa e audaz, cujo olhar violento e sanguinario collocam aquelle galanteador Jason n'uma situação moral extremamente proxima do medo, tão vehementes são as apostrophes com que a repudiada esposa accommette a tranquillidade d'este marido, que principiava a apreciar as vantagens do divorcio! Pois bem! Ahi a tendes barbara, deshumana, inexhoravel, ferina... Fazei-a cantar de *soprano*, se julgaes possivel!

Digam-me que é um capricho d'arte; uma phantasia de *dille-*


Marcellina
Lotti della Santa

tanti, o enthusiasmo pelas notas graves de uma voz de mulher, —que me produzem o effeito austero e frio de uma ode da Sapho, *mascula Sapho*, como lhe chama Horacio, a especial e excentrica poetisa a quem o amor não teve nunca o poder de irradiar o estro!

No principio d'este seculo ainda não se incumbiam no theatro os papeis de rainha, senão a uma figura bizarra e guapa. Podia uma actriz possuir o melhor talento do mundo e ser de um genero perfeitamente adaptado á indole da personagem historica da peça;—se não tivesse sessenta pollegadas de altura, ostentando o donnaire e galhardia de uma creatura nedia, erguida, e magestosa,... do Ceu lhe viesse o remedio! tinha irrimissivelmente de passar ao logar de aia, e ceder o papel a alguma actriz embora inferior em merito mas de *boa marca!*

Porque não será então de igual processo, a applicação das partes lyricas ao caracter dos personagens do *libretto?* A experiencia demonstrando, de mais a mais! que os contraltos são quasi sempre gôrdos, cumpre ao *maestro* evitar com prudencia esta eventualidade, não expondo a Violeta da *Traviata*, a acharse methamorphoseada... em dhalia, ou a pallida e soffredora phisionomia de Julieta a tomar as proporções obessas de uma burgueza feliz!

Nem as notas varonis e energicas do *contralto* podem casar-se com o dôce perfume de meiguice que o canto de uma namorada vem exhalar nas almas, quando é a suavidade, a fraqueza, a humildade affectuosa de Julieta ou de Desdémona o segredo eterno das graças da mulher!

Marcellina Lotti é uma das raras creaturas, cuja vocação e destinos se revellam na phisionomia tanto como no talento! Toda ella respira a *prima donna*,—na figura e na voz! E, direi mais ao contemplar a doçura angelica do seu rosto, a delicadeza esvelta das suas fórmas, o olhar mavioso que parece ser o espelho da sua alma, adevinha-se a sensibilidade, a paixão, a meiguice infinita da mulher,—o *soprano* emfim! Dir-se-hia uma creação do poeta, um d'esses typos formados de vapor, de perfume e de luz, cujo corpo é já uma alma por si mesmo!

Ella nasceu em Mantua, em Setembro de 1833. Ficando orfã aos dez annos, uma das principaes familias de Mantua, a familia Antoldi, cuidou da sua educação. Como eram *dilletanti*, instruiram-a na musica, e quando chegou á edade de quinze annos lembraram-se de a casar, na idéa de a affastarem do theatro para onde a sua inspiração parecia attrail-a já. Todavia ella não amava o homem que lhe offerecîam para noivo, e, preferindo sacrificar-se a Deus, recolheu-se a um convento!

Mezes depois, como lhe houvessem prohibido o canto, para combater o seu amor pela arte, os medicos disseram que a paixão da musica terminaria por matal-a, e a familia Antoldi enviou-a a Milão para casa dos irmãos do seu tutor.

Uma vez, esta familia sendo convidada a uma *soirée* musical, levou-a em sua companhia. Pediu-se-lhe para cantar. Então, aquella voz magnifica, tão opulenta de encanto como de energia, produziu um largo enthusiasmo, e lastimou-se que um tão bello talento tivesse de ficar encoberto na penumbra de uma cella!

No dia seguinte teve Marcellina Lotti um piano!

Os mestres affluiram então de toda a parte, para terem as primicias de uma gloria que se annunciava tão auspiciosa e promettedora! Mazzucato foi o preferido, e depois de alguns mezes de lições Marcellina Lotti estreava-se em Constantinopla no *Roberto do Diabo*, cantando em seguida *I Lombardi, Attila, Mozé* e *Foscari!...*

A impressão que produziu no publico devia ser profunda. Ella estava então em todo o viço da edade e da bellesa. Acabava de ser Odabella na *Atilla*, e era preciso alargar-lhe os vestidos por ainda estar a crescer! Tinha desoito annos! Edade loira da vida em que a naturesa sabe ter voz para nos fallar á alma, em que os diversos sons da creação se reunem n'uma inspirada e opulenta harmonia, e o vento que geme, a ave que canta, ou as ondas que suspiram parecem erguer-nos o hymno da esperança e do amor!

Desde essa época, a carreira artistica da elegante *prima-donna* tem sido uma sequencia de triumphos nos theatros de Millão, Genova, Roma, Florença, Verona, Palermo, Parma, Bergamo, Udine, Ravenna, Vicenza, Rimini na grande época da abertura do theatro lyrico para onde Verdi destinou o *Aroldo*, Vienna, Londres, S. Petersbergourg durante quatro annos, e Lisboa agora!

Entre nós, a Lotti tem tido o que se chama um triumpho de estima; não os applausos ruidosos da *claque* e das *côteries*, mas o acolhimento sincero de um publico que se seduz por esta voz pura e vibrante, cujo encanto se auxilia da poesia do estylo e das graças da cantora!

E quando o publico a epplaude espontaneo e enthusiasta, vê-se sorrir o prazer n'aquella physionomia candida e pallida! e ella o idolo de uma noite, a creatura feliz de algumas horas, não se lembra então de certo dos idolos que a precederam, dos idolos que hão de seguil-a! não se lembra de si propria talvez, existen-

cia excepcional que se adorna de diamantes e perfumes, que passa entre melodias e applausos, mas que não tem o direito de se demorar nem mesmo nos sitios em que fôr amada!

Ah! N'estas existencias prestigiosas, deve ser difficil, exasperada, pungente, a despedida da gloria! dos triumphos! das flores! quando a edade se interpozer austera á marcha radiante das victorias da artista! Eu comprehendo-as e absolvo-as então, quando, como a Grisi, ao sentirem cair as perolas da sua corôa, ao verem apagar-se os raios da sua aureola, compromettem por um phrenesim febril todas as glorias do seu nome n'um inevitavel e procurado *fiasco*, similhantes a uma velha *coquette* que affronte o tempo e o ridiculo enfeitando-se ainda nas suas horas de moribunda!

Mas, a Lotti está por em quanto em todo o frescor da vida e do talento, e possue a melhor das condições da arte,—saber agradar!... porque, como artista e como pessoa, o que ella é admiravelmente, o que ella é principalmente,—é o typo da creatura *sympathica!*

E se nos lembrarmos qua importancia tem sempre para os destinos de uma artista a *côterie* do partido rival, cuja *arte de guerra* tem por preceito aggredir apenas as reputações merecidas que lhe façam sombra, reconheceremos que o principal triumpho da Lotti durante esta época não consiste tanto em haver sido applaudida pelo seu merecimento, como em o ter sido... *apesar do seu merecimento!*

JULIO CESAR MACHADO.

EXCERPTO DE UMA TRADUCÇÃO COMPLETA

DOS

FASTOS DE OVIDIO

LIVRO IV

HERCULES E OMPHALE

Ha inda outra rasão, rasão sem contra,
porque Fauno aborrece as vestiduras,
não as quer, não as soffre em seus ministros;
ora ouvi, que tem sal o antigo conto.

Ia uma vez passando o heroe Tirinthio
co'a sua namorada, quando Fauno
lá do viso de um monte onde então era,
os avistou, ardeu; ardeu qual nunca.
(Tem coriscos amor, vibrou-lhe um d'elles).

— «Adeus — exclama em si — «de vós me aparto,
«e é para sempre, montesinhas deusas;
«aquella que alem vai, me leva esta alma.» —

E certo que era incanto o vêr tal moça,
lidia flôr, e rainha até nas graças!:
comas lustrosas perfumadas soltas!
collo, espalda, hombros nus! alvor que cega!
de auripurpureas magestosas roupas
turgido seio a trasbordar delicias!
contra o fogo do sol lhe fórma escudo
leva umbrella doirada em mão d'Alcides.

Já lá baixa o crepusculo da noite,
quando aos Tmoleos vinhaes, selva de Baccho,
chega o formoso par, e encontra albergue,
que a ponto lh'o depara a natureza,
'num antro á industria d'ella só devido:
leves tufacios, esponjas pomices,
artezoada abobada lhe imbrecham;
palmeiro arroio, que do umbral lhe mana
com brando murmurinho o somno invida.

Em quanto a lauta ceia, os nobres vinhos,
vão trazendo, vão pondo activos servos,
Omphale (phantazias namoradas
de dama, e de mimosa!) entra em cubiça.
de ver em seu amante o seu retrato:
dá-lhe a delgada tunica purpurea;
dá-lhe o listão subtil, que a cinta aperta.
Mas no subtil listão não cabe o ventre;
mas da purpurea tunica não podem
as vastas mãos surdir, sem que a rebentem;
a pulseira no rijo braço estala-lhe,
nas prisões do calçado as plantas gemem-lhe.

¿E ella em tanto? Ella impunha a bruta clava;
a pelle inverga do leão felpudo,
e escolhendo entre as frechas as menores
com essas o carcaz pendura á cinta.
Assim se vão á ceia e d'ella ás camas,
que inda que a par, são duas esta noite;
porque?! porque hão votado ao deus das uvas
para em rompendo a aurora um sacrificio,
que só castas mãos póde offertar-se.

Meia noite. Oh! de amor audacia estranha!
Fauno, co'o o véo das trevas incoberto
manso e manso lá vem... lá chega ao antro;
pára; escuta; vigia; os servos... dormem,
vinosos pelo portico estirados.
—«Parabens! fausto agoiro! — em si discorre —
«ambos dormem tambem; triumfo! é minha!» —

Assim cuidando o temerario adultero
entra, pé ante pé; co'os braços longos

vai e vem tenteando a escuridade;
á suspirada alcova emfim já chega!
topou logo com leito!... auspicio fausto!
vai ser, vai ser feliz! mas ai! c'o dedo
roçou felpa leonina! as mãos recolhe,
e recua de horror, que ahi jaz Alcides!
tal ao topar com repentina serpe
treme o viandante, se retrae, vacilla.

Passa ao leito visinho; apalpa as roupas;
estas, sim, que são leves, são macias!
co'a suave illusão resurge o fogo.
Sustendo o respirar tumultuario,
sóbe mansinho ao leito; a pouco e pouco
se estende; já da cama occupa a margem;
arfa-lhe a sensual concupiscencia
com tumidez tão rispida, que as pontas,
que lhe adornam a fronte, a não igualam.

Com subtil dextra á tunica mimosa
procura, incontra a barra; aos pés a furta,
vai-a erguendo... que assombro! as que sonhára
de lizo jaspe morbidas columnas
são grossos troncos de musgosa felpa!
Ia ávante... ia a mais... quando o Tirinthio,
vibrando estremunhado um cotovello,
o repulsa violento, o prega em terra.
Ao subito fragor desperta a dama;
grita sobresaltada — «Servas luzes!» —
o aposento se aclara, e ve-se a obra.

Alquebrado do tombo o pobre amante
lá se ergue, como póde, entre gemidos.
Quantos no chão a estrabuchar o hão visto,
não se podem conter, que não desfechem
em longa estrepitosa cachinada.
Ri Hercules; a flux as servas riem;
até ri, ri talvez mais de que os outros,
a Meonia gentil presenceando
que influxos tem n'um Fauno incantos d'ella.
Já vêdes porque illuso de vestidos.
por tal arte os detesta o deus bicornio,
que só ministros nús admitte ás festas.

A. F. DE CASTILHO.

O CONCILIO INFERNAL.

(FRAGMENTO DE UMA TRADUCÇÃO DA JERUSALEM LIBERTADA DE TORQUATO TASSO)

CANTO 4.º

I

Entretanto o inimigo dos humanos
Contra os christãos os torvos olhos vira,
E vendo-os nos trabalhos tão ufanos,
Com que Sião em breve succumbira,
Cogitando raivoso feros damnos,
Os labios morde incendiado em ira,
E, como touro que ferido brama,
Entre suspiros sua dôr derrama.

II

Voltando pois inteiro o pensamento
Para aos christãos mover fatal ruina,
Unir seu povo (infando ajuntamento)
Dentro do regio paço determina:
Nem que fôra pequeno atrevimento
Resistir á vontade alta e divina!
Louco! ao céo egualar-se! não lembrado
De como pune o braço eterno irado.

III

Sôa a tartarea trompa, das eternas
Sombras os moradores convocando,
Tremem as fundas horridas cavernas,
Ao som responde o ar negro ribombando.
Não baixa assim das regiões supernas
O coruscante raio trovejando,
Nem assim abalada treme a terra,
Quando o vapor em si gravida encerra.

IV

Ás grandes portas juntos concorrendo
Vão os deuses do abysmo em continente.
Que estranhas fórmas e que aspecto horrendo!
Seus olhos dizem morte e horror sómente!
De animaes alguns d'elles pés havendo,
Têem de cobras c'roada humana frente,
E longa, immensa cauda, a qual enrolam
Á maneira de açoite e desenrolam.

V

Aqui Centauros, Gorgonas verias,
Muitas Scillas ladrando, Sfinges feras,
Pitões a sibilar, sujas harpias,
E negras chammas vomitar Chymeras;
De ver os Polifemos sentirias
Horror, e medo aos Geriões houveras;
E outros monstros de insolita figura,
Varios na especie, em hybrida mistura.

VI

Divididos á esquerda e á direita
Do cruel rei assentam-se diante.
Plutão no meio tem na mão afeita
Ao mando o grave sceptro rutilante.
Rochedo alpestre o qual o mar respeita,
O Calpe levantado, o grande Atlante
São junto d'elle apenas pobre outeiro;
Tanto a armada cabeça ergue altaneiro.

VII

Horrida magestade o aspecto feio
Lhe torna mais medonho e suberboso;
O olhar sanguineo de veneno cheio,
Cometa infausto, esplende vàporoso;
Cobre-lhe o queixo mais o hirsuto seio
Longa barba, pello asp'ro e asqueroso,
E, á similhança de voragem funda,
Sua boca se abre de atro sangue immunda.

VIII

Como o fumo sulfureo que inflammado
Do Etna sáe com fetido e estampido,
Tal exhala sua boca o empestado
Cheiro com fumo e fogo confundido.
Em quanto elle fallou jazeu calado
Cerbéro, e a Hydra emmudeceu, sustido
O Cocito parou, e o abysmo infindo
Tremeu a sua voz troar ouvindo.

XI

Tartareos numes, cujo digno assento
No céo, onde nascestes, ser devia,
A quem comigo o grão commettimento
N'esta lançou estancia d'agonia,
Bem conhecido é o nosso atrevimento,
E antiga suspeita, e a tyrannia
D'aquelle por quem já vencido fomos.
E elle hoje é rei, e nós rebelde somos!

X

E em vez do dia celestial e puro,
Do aureo sol e estelliferos fulgores,
Fechou-nos n'este abysmo fundo e escuro
Sem podermos as honras ant'riores
Cobrar, e, (ai! lembral-o quanto é duro!
Eis o que os males meus torna maiores)
Até ao bello empyreo ha conduzido
O homem vil de vil terra produzido.

XI

Nem bastou isto, mas o filho á morte
Deu, por nos fazer mal; este o mysterio
Do Orco, e as suas portas quebrou forte,
E altivo penetrou em nosso imperio,
Tirando as almas nossas pela sorte
E com ellas subindo ao céo sidereo,
Onde a bandeira do vencido inferno
Desenrolou, como em escarneo eterno.

XII

Mas porque avivo a minha dôr fallando?
Quem o que nós soffremos não conhece?
Em que logar aconteceu ou quando
Que elle as suas emprezas suspendesse?
As offensas passadas olvidando,
Lembremos a que é d'hoje e não se esquece.
Ah! não vedes como ora ao embusteiro
Culto o seu chamar tenta o mundo inteiro?

XIII

E nós na inercia os dias passaremos
Sem que brioso fogo nos accenda,
E que se fortaleça soffreremos
N'Asia o seu povo e que a Judéa renda?
Crescer a sua honra deixaremos,
E que seu nome se dilate e estenda?
Que seja em novos bronzes esculpido,
E em mais lingoas e cantos repetido?

XIV

Que nossos id'los caiam derrubados?
Que á sua fé quem nos segue se converta?
Que lhe sejam os votos consagrados,
E o incenso, e o ouro, e a myrrha offerta?
Que dos templos sejamos expulsados
Aonde sempre houvemos porta aberta?
Que nos falte das almas o tributo,
E habite vosso rei um ermo bruto?

XV

Porém não; que inda em nós não se extinguio
Esse espirito forte e brio antigo
Que de ferro e de fogo nos cingio
Para atacar o céo, nosso inimigo.
Se então tamanho esforço succumbio,
Foi o valor do grande empenho amigo.
Ficou aos mais felizes a victoria,
E a nós do nosso invicto arrojo a gloria.

XVI

Mas porque vos demoro, ó companheiros
Fieis, ó meu poder e fortaleza?
Ide, e opprimi os perfidos guerreiros
Em quanto elles não ganham mais grandeza;
A chamma que erguem suffocae ligeiros,
Se não d'ella a Judéa será preza;
Ide, e empregae em seu extremo damno
Umas vezes a força, outras o engano.

XVII

Assim se cumpra uns que errem dispersos
Por varias partes, outros que pereçam,
E que outros em amor lascivo immersos
Por um olhar e um riso tudo esqueçam;
Travem dos ferros entre si adversos
Contra o seu capitão, nem lhe obedeçam;
Do exercito vestigio algum não fique,
O qual sua existencia testifique.

XVIII

Os rebeldes nem mesmo consentiram
Que seu chefe acabasse, mas voando
Das fundas trevas para a luz saíram,
Das estrellas o brilho procurando.
Taes as procellas rábidas se viram,
As grutas naturaes abandonando,
Muitas vezes toldar o céo, e a guerra
Sobre os mares lançar e sobre a terra.

J. Ramos Coelho.

PALESTRAS SCIENTIFICAS

IV

Ponhamos de parte, por em quanto, essa profecia, talvez para muitos temeraria, que nos mostra ao longe, na fixação da materia gazosa que constitue a atmosphera da terra, o termo da vida actual, e voltemos a nossa attenção para um ponto altamente interessante da historia do oxigenio, que trago começada dos artigos antecedentes.

Estando a nossa existencia e bem estar subordinados áquelle notavel principio, devo esperar, que tudo, quanto a elle se refere, tenda a despertar a curiosidade dos meus leitores, e por isso não hesito na exposição das particularidades que são necessarias para bem comprehender as relações dos seres vivos com o oxigenio.

Desde que a sciencia descobriu este corpo, desde que Lavoisier demonstrou a sua importancia na physica do globo, e principalmente no que se refere á vida dos vegetaes e dos animaes, todos os chymicos e todos os physiologos o consideram como elemento essencialmente vital e necessario para o exercicio das funcções capitaes do organismo.

A experiencia e a observação mostram que a vida actual não é possivel fóra da acção do oxigenio. Mas até ha poucos annos era elle para os chymicos um corpo unico, sempre identico, similhante a si mesmo em quaesquer circumstancias em que se achasse livre, inalteravel e indestructivel, guardando constantemente a mesma energia, as mesmas propensões e as mesmas affinidades, comtanto que as condições ou circumstancias exteriores fossem as mesmas.

É esta a idéa que ainda geralmente se concebe de todos os corpos elementares.

Hoje a sciencia já não póde deixar de admittir a variação nas propriedades essenciaes de um mesmo corpo elementar, variação que todavia não affecta a sua natureza chymica.

Mostra a experiencia que o oxigenio, que soffreu descargas ou esteve exposto á acção de correntes electricas, adquiriu uma energia chymica, um poder oxidante superior áquelle de que dispõe o oxigenio naturalmente livre, como é o da atmosphera, ou o que se obtem pelos processos usuaes dos nossos laboratorios, e isto a ponto de parecer um corpo diverso, e tanto assim que muito se disputou sobre a identidade da sua natureza.

As acções que exerce o oxigenio electrisado, são muito diversas, das que póde exercer o oxigenio que chamaremos ordinario, e comtudo não ha entre ambos maior differença do que aquella que se póde notar entre um homem acordado e o mesmo homem dormindo, ou antes entre um individuo no seu estado normal e tranquillo, e o mesmo individuo anormalmente exaltado e excitado por uma exposição excepcional do seu espirito.

Comparemos as qualidades que o oxigenio ordinario ou normal e o oxigenio electrisado manifestam á temperatura ordinaria de 15°.

O primeiro é um gaz inodoro e insipido.

O segundo apresenta aquelle cheiro que se sente no momento em que a electricidade atmospherica se descarrega proximo de nós, e manifesta um sabor analogo ao da lagosta.

O primeiro não exerce acção alguma sobre a côr azul da ursula. O segundo descóra rapidamente esta materia.

O primeiro não oxida ou não queima a prata; o segundo oxida facilmente aquelle metal.

O primeiro não exerce acção alguma sobre um composto de iodo e potassio a que chamamos iodureto de potassio e que hoje se emprega em medicina; o segundo decompõe este corpo, libertando o iodo.

O primeiro não manifesta acção alguma sobre o acido chlorhydrico, composto de hydrogenio e chloro, e que vulgarmete se chama acido muriatico; o segundo decompõe este acido, pondo o chloro em liberdade.

O primeiro é temperatura ordinaria da atmosphera, é agente moderado de oxidação; o segundo nas mesmas condições é oxidante energico.

O primeiro é estavel a todas as temperaturas; o segundo, sendo estavel a 15°, perde as suas qualidades excepcionaes a 75° e converte-se no primeiro.

Á vista d'esta longa comparação é bem clara a differença de energia entre os dois estados do mesmo corpo.

O primeiro é o oxigenio tranquillo e no seu estado normal; o segundo é o oxigenio vehemente e excitado pela acção electrica. A este dão actualmente os physicos e os chymicos o nome de *ozone*, nome que lhe foi imposto pelo sr. Schœnbein, professor em Bâle, que foi o primeiro que chamou a attenção dos sabios sobre este corpo.

Por muito curiosa e interessante que seja a historia do descobrimento do ozone, abster-me-hei de a expôr extensamente n'este logar, para não ser demasiado prolixo e pelo natural receio de fatigar a attenção dos meus leitores. Serei portanto, n'este ponto breve e resumido.

O dr. Schœnbein, fazendo experiencias sobre a decomposição da agua pela pilha, foi impressionado pelo cheiro particular que se produzia n'aquelle phenomeno, e que fazia recordar o que se manifesta, quando a electricidade ordinaria passa em faiscas atravez do ar. Suppoz então que este cheiro era devido a um corpo particular da mesma natureza do chloro, e deu-lhe o nome de *ozone*, do participio presente do verbo grego que se traduz, *eu sinto*. Isto acontecia em Bâle de 1839 a 1840.

Já no fim do 18.° seculo Van Marum tinha observado que o oxigenio, sujeito dentro de um tubo de vidro á passagem successiva de muitas faiscas electricas, adquiria o cheiro da materia electrica, mas esta observação não havia produzido resultado algum.

O dr. Schœnbein despertou a attenção dos sabios com as suas memorias e experiencias a este respeito. Procurou-se o ozone na atmosphera, investigou-se a sua natureza, inventaram-se meios para a sua producção artificial, estudaram-se as suas acções especiaes sobre a natureza morta e sobre a natureza viva, e a cada novo trabalho, a cada observação nova, foi crescendo a importancia do ozone na chymica, na meteorologia, na physiologia vegetal e animal e na medicina.

Berselius, nos ultimos annos da sua gloriosa existencia, ainda se occupou d'este objecto: Liebig, de la Rive, Marignac, Osann Villiamson, Fremy, Becquerel, Baumertz, Marchant, Langlois, Wolff, Ruselhuber, Bœchel, Scouteten e outros ainda, chymicos, physicos, meteorologos, physiologos e medicos contribuiram poderosamente, e continuam a trabalhar para esclarecer a historia do ozone.

De tudo quanto se tem observado e experimentado sobre a natureza d'este corpo se conclue logo indubitavelmente que o ozone é o oxigenio modificado ou excitado nas suas faculdades activas pela electricidade; e isto o oxigenio no qual se tem accumulado uma quantidade mais consideravel de força chymica.

Este facto não é unico na sciencia: ahi temos nós o chloro, que depois de haver sido exposto por muito tempo aos raios directos do sol, ou *insolado*, como dizem os chymicos, adquire mais poderosa energia e produz effeitos que não póde produzir o chloro não insolado.

O phosphoro, depois de supportar por algum tempo uma temperatura elevada, fóra do contacto do ar, soffre profunda modificação nas suas propriedades essenciaes, sem prejuizo da sua natureza chymica. De ser muito combustivel e inflammavel, a ponto de não poder estar impunemente em contacto com o ar, torna-se pouco combustivel e requer para se queimar uma temperatura mais alta; de ser venenoso, passa a ser innocente; de ser crystallisavel, claro e transluzido, torna-se amorpho ou incrystallisavel, e apparece escuro e opaco. É o que hoje chamamos phosphoro amorpho, e que, pela sua innocuidade, se recommenda para a fabricação das mechas phosphoricas.

Berselius que reconheceu já a capacidade que os corpos elementares tinham para assumir estas modificações, que não alteram a natureza chymica da materia, mas só lhe conferem mais ou menos energia de acção, designou estes estados diversos pelo nome de *alotropia.*

O ozone, ou o oxigenio electrisado, produz-se natural e artificialmente por meios physicos e chymicos.

Na atmosphera a passagem do fogo electrico ozonisa uma porção do seu oxigenio; á superficie da terra grande numero de acções chymicas produz naturalmente o mesmo effeito.

Na evaporação da immensa quantidade d'agua, que cobre uma grande parte do globo, o oxigenio do ar, que n'ella estava dissolvido, se liberta, e entra electrisado para a atmosphera. Assim o ar, que repousa sobre os mares e grandes lagos, contém mais ozone que outro qualquer. As plantas durante o dia emittem á superficie das suas folhas o oxigenio, e este vem electrisado, é o ozone. Este facto nos explica a razão porque branqueam tão facilmente os pannos crús, que se expõe humidos sobre a relva á acção da luz.

Artificialmente tambem nós podemos produzir o ozone pelos meios physicos ou chymicos. Se atravez de uma porção de ar ou de oxigenio puro, contido n'um tubo de vidro, fizermos passar repetidas vezes a faisca eletrica, manifestar-se-ha o ozone. O oxigenio, que se obtem decompondo a agua pela pilha de Volta, comtanto que os pólos sejam constituidos por metaes pouco oxidaveis, como são a platina, o ouro, ou a prata, apparece tambem electrisado. O oxigenio que se produz decompondo o bioxido de borio pelos acidos a uma temperatura baixa, é o ozone. O processo mais facil e mais generalisado para obter o ozone pelos meios chymicos, consiste em expôr um grande volume de ar, á acção do phosphoro em presença da agua á temperatura ordinaria e debaixo da pressão ordinaria e normal da atmosphera.

É facil reconhecer a presença do ozone no ar ou em qualquer mistura gazoza em que elle exista. O meio empregado em meteorologia para verificar a sua existencia na atmosphera, e avaliar approximadamente a sua quantidade relativa é o mais singelo que é possivel, e

funda-se na propriedade que elle tem de decompor o iodureto de potassio, libertando o iodo. O iodo é um corpo que, estando livre, tinge de azul a gomma do amidon, mais ou menos intensamente, conforme a sua quantidade é maior ou menor. Servem-se os observadores em meteorologia de umas tiras de papel, a que chamam ozonometrico, e que não é mais do que o papel que foi banhado n'uma dissolução contendo, por 100 partes d'agua pura, 10 de amidon, e 1 de iodoreto de potassio. Estas tiras de papel, sendo expostas ao ar, se este contem o ozone, mudam de aspecto passado pouco tempo, e mostram a quantidade relativa do ozone, pela côr mais ou menos intensa que apresentam, desde o côr de rosa até ao roxo quasi negro. Os numeros, desde 0 até 10, de que os observadores se servem para designar a quantidade do ozone observado, correspondem a 10 gradações distinctas de coloração que denominam escala ozonometrica.

Os physicos procuram descobrir as relações que necessariamente devem existir entre as quantidades do ozone, que se manifestam na atmosphera, e os diversos phenomenos meteorologicos, por que essas relações devem ser de maxima importancia para a explicação de muitos factos interessantes da physica e do globo, principalmente d'aquelles que dizem respeito á vida dos seres organisados. Com este intuito todos os observatorios meteorologicos registam regularmente o estado ozonometrico do ar, e os medicos procuram com avidez descobrir as relações ainda occultas d'este estado com a manifestação, augmento e decadencia das mais graves epidemias.

Até hoje reina a maior incerteza sobre as verdadeiras relações do ozone com os phenomenos meteorologicos e ainda maior é a incerteza no que respeita á sua influencia sobre as doenças epidemicas. Comtudo nem os physicos nem os medicos devem desamparar este campo tão vasto de observação porque as verdades mais uteis á sciencia e á humanidade só se alcançam com fadiga e perseverança.

Nil sine magno
Vita labore dedit mortalibus.

Todavia do grande numero de factos observados se colhem já certas conclusões geraes que não podem ser consideradas como inteiramente destituidas de interesse, e que, senão auctorisam completamente o estabelecimento de certas theorias novas em prejuizo das antigas, abalam a fé que estas cegamente inspiravam, e despertam nos espiritos rigorosos a necessidade do exame.

Parece plenamente verificada a circumstancia notavel de se manifestar maior quantidade de ozone nos campos cobertos de verdura, do que no interior das cidades; mais sobre as grandes massas de agua

do que sobre as terras estereis. No interior das casas habitadas, nas enfermarias dos hospitaes e nos logares em que as materias organicas se decompõem observa-se a ausencia completa ou quasi completa do ozone.

O que presentemente sabemos da producção e consumo do ozone, póde desde já fornecer-nos a chave para a explicação de phenomenos que nos interessam debaixo de muitos pontos de vista.

A differença essencial entre o oxigenio ordinario ou passivo, e o ozone ou oxigenio activo está principalmente na maior energia de acção chymica de que este é dotado. No branqueamento do algodão e do linho pelo processo antigo da exposição ao ar e á luz, a materia corante parda é destruida, porque se queima em presença do oxigenio, convertendo-se o seu carvão em acido carbonico e o seu hydrogenio em agua; mas esta combustão não se realisa indifferentemente e do mesmo modo em todas as circumstancias. O oxigenio secco e passivo, ainda que seja auxiliado pela presença da luz solar, não effectua o branqueamento, por que é incapaz de queimar a materia corante. Pelo contrario o ar do campo, aquelle que repousa sobre um prado coberto de relva, e no qual o ozone abunda, porque o emittem as plantas em presença da luz do sol, é o mais proprio e efficaz para effectuar o branqueamento, ou curar os tecidos crús.

Se nos logares em que as materias organicas se decompõem e no interior das casas habitadas se não manifesta o ozone, pela coloração do papel ozonometrico, é porque todo aquelle que o movimento da atmosphera trouxe, dos logares em que se produz, para estas partes, se consome promptamente em queimar os productos da decomposição organica. A abundancia de ozone n'esses logares seria uma coisa de salubridade: os miasmas, queimando-se completamente pela energia combruente do ozone, deixariam de exercer a sua perniciosa acção sobre a nossa saude.

As materias que viciam o ar dos logares habitados por muitos individuos, e ainda mais por individuos doentes, são incontestavelmente materias em via de decomposição, verdadeiros fermentos capazes de produzir na economia os movimentos anormaes que provocam ou aggravam as doenças; destruil-as é por conseguinte o meio de tornar salubre o ar, é isto o que se alcança pelos desinfectantes, taes como chloro, e pelo ozone.

Quando os medicos aconselham aos seus doentes o ar do campo porque é mais puro, talvez que em muitos casos a conveniencia do remedio proceda da abundancia relativa do ozone que é manifesta n'aquelles logares, ou porque a vegetação abunda, ou porque o consumo d'aquelle principio é consideravelmente menor.

A salubridade de certos logares, em que o movimento do ar é consideravel, póde tambem explicar-se pela affluencia do ozone, que em-

prega a sua energia na prompta destruição dos principios miasmaticos.

Quando os medicos houverem colligido grande numero de observações ozonometricas feitas em tempo e logar conveniente, estas questões serão largamente illucidadas. As observações, que os physicos com tanta perseverança fazem nos observatorios meteorologicos, não podem applicar-se á resolução de todas as questões que interessam a saude publica. Querer discorrer sobre a relação das indicações ozonometricas, feitas no observatorio meteorologico da Escóla Polytechnica, situado n'uma grande altura, com a marcha da epidemia que teve logar em Lisboa nos fins de 1857 em bairros diversamente situados e affastados d'aquelle logar, é pouco rasoavel e não póde conduzir a resultado algum positivo. Era necessario multiplicar e variar as observações feitas nos diversos logares para que as comparações fossem justas.

Se póde exercer tanta influencia, como me inclino a acreditar, sobre a nossa saude a quantidade relativa do ozone existente no ar, dependendo esta, em grande parte, dos phenomenos electricos da atmosphera, clara fica a dependencia em que estamos por este lado com a manifestação d'esses phenomenos.

Quando se diz que as trovoadas, em certos paizes, purificam o ar, quasi que se poderia dizer que o augmento da quantidade de ozone, que estas produzem, é a causa immediata do melhoramento do meio em que respiramos.

Não pareça que, traçando a apologia do ozone, queremos degradar e desacreditar o velho oxigenio, o oxigenio que por comparação chamamos passivo, como principio inutil, que deve abdicar diante da força juvenil do ozone. Ambos elles, como tudo quanto saíu das mãos do Creador, tem a sua utilidade providencial, tem as suas funcções determinadas pela eterna sabedoria na physica do globo. O ozone não é necessario para a respiração dos animaes, nem para as combustões a altas temperaturas. Respirado em grande quantidade seria uma causa de destruição. O mesmo oxigenio carece de ser diluido na grande quantidade de ozote, que constitue a atmosphera, para não dar á respiração uma actividade demasiada; porém o ozone em tenue proporção concorre á purificação do ar, porque serve para destruir as emanações nocivas que produz a continua decomposição das materias organicas privadas de vida, e preenche além d'isso outras funcções, talvez mais importantes, que por varios modos nos interessam; entre os quaes nos seguintes artigos, mencionarei algumas para justificar o que levo dito.

J. Pimentel.

CHRONICA

Tres acontecimentos interessam de preferencia o chronista d'este jornal: a publicação de um livro, o apparecimento de uma obra de arte e a representação de uma comedia ou drama nacional. E a razão é porque entende que, as novas litterarias e artisticas, são as que tem mais acertado cabimento n'estas paginas. D'esta vez não se publicou livro algum; mas appareceu uma obra d'arte e representou-se uma comedia portugueza.

Esboçaremos primeiro a analyse da comedia.

Foi o cartaz do theatro normal que annunciou o *Morgado de Fafe em Lisboa*, de Camillo Castello Branco. Um bom titulo auctorisado por um bello nome. O publico attrahido por aquelle e fiado n'este, correu na primeira representação ao theatro e encheu-o. Se esperava, quando comprou o bilhete, rir com o *Morgado*, rio ainda mais; se o auctor lhe merecia já confiança, maior conquistou. As palmas foram muitas e o riso que n'aquelle genero de composições é o applauso mais significativo, não esmoreceu um instante no rosto dos espectadores. E d'ali em diante o *Morgado de Fafe*, em vez de se arruinar logo, como é vulgar, sustentou dignamente e por bastante tempo, a sua posição, com algum proveito para si, e mais ainda para o theatro.

Ditoso *Morgado de Fafe!* tu és o mais ditoso de todos os morgados! Nenhum dos teus collegas te iguala! Nenhum d'elles fez tanto em tão pouco tempo! Tu é que pódes dizer, como Cesar: *cheguei, vi e venci.*

E senão indica-me onde está o provinciano morgado ou mesmo titular, que, no dia seguinte ao da sua apparição na capital, obteve um terço sequer de popularidade que tu logo alcançaste? Mal se divulgou que estavas entre nós, todos se empenharam em conhecer-te! No fim de uma semana já eras estimado e discutido pelo homem de letras, pelo jornalista, pelo poeta, pelo elegante, e até pelo modesto burguez! Todos sympathisavam comtigo e todos te admiravam. O burguez, porque eras alegre e folgasão; os outros porque eras original e sincero. Tiveste o bom senso de não te desfigurares mo-

ral e physicamente para vir á capital. E a rude franqueza do teu caracter, e feitio despretencioso do teu fato tornaram-te superior na opinião geral aos teus collegas, que julgam chamar a attenção de todas as mulheres e excitar a admiração dos homens pela irreprehensivel justeza do seu vestuario, que só é considerado, por elles, elegante, quando o espelho, onde gastaram duas horas a rever-se, lhe não denuncia uma prega. E pensam talvez que ficam menos ridiculos que tu, meu *Morgado de Fafe!* Julgam que a elegancia consiste na copia exacta dos figurinos do *Jardim das Damas!* Quando estão parados chega-se a duvidar se são homens ou manequins, como ha nos mostradores d'alguns alfaiates! Ao menos tu, *Morgado de Fafe*, moves á vontade o pescoço, cruzas naturalmente a perna sem te lembrares que pódes fazer joelheiras na calça, e apanhas affoitamente o lenço que cahio da mão de uma senhora, sem tremer que estale uma costura da casaca! Nada d'isto, porém, acontece aos outros. Todos aquelles cuidados os preoccupam. O fato para elles é tudo; o homem pouca coisa. Do fato esperam as conquistas.... femeninas; (sempre é bom explicar) com o fato contam adquirir a celebridade!

E talvez se considerem menos ridiculos e mais espertos que tu, meu bom *Morgado de Fafe!* Olha, com um voto podem elles contar; e é o unico que tem. Não suspeitas qual seja? Pois eu t'o digo. É com o voto dos alfaiates.

Serio, agora.

O *Morgado de Fafe em Lisboa*, é uma comedia de incontestavel merecimento, e á qual pertence um dos primeiros logares no reportorio nacional. Tem jus a elle porque é portugueza de lei. O auctor nada importou de fóra para a sua execução. Typos, phrase, graça, tudo é portuguez. Quadros similhantes raras vezes apparecem e são os que deviam formar o reportorio de comedia no theatro normal. Ao menos tinham um cunho nosso; embora a contestura fosse menos brilhante. Ao menos o publico resgatava a ausencia das surprezas, escutando um dialogo animado e chistoso, que o diverte porque o entende e a que dá todo o valor porque lhe é familiar. São estas qualidades que dão relevo e primor á comedia de Camillo Castello Branco, que depois das *Prophecias do Bandarra*, é de certo a melhor composição d'este genero.

Cumpre-nos todavia, dizer que o *Morgado de Fafe*, poderia ainda ficar uma comedia mais completa e perfeita, se o auctor não tivesse cifrado no desenho do protogonista toda a sua attenção, descuidando-se do resto dos personagens. N'estes, ha excellentes perfis, mas alguns d'elles pouco pronunciados para a exigencia do enredo. Parece-nos que o desenvolvimento da acção lucraria, se tornasse a leviandade da filha do *barão do Cassurrães* mais saliente. Podia fazel-o, preparando-lhe uma scena de *coquettismo* com os tres pretendentes, e que serviria para justificar plenamente ao final a renuncia de todos ao casamento. É este o unico defeito que notámos na producção e apontamol-o francamente. Com os talentos provados a critica deve ser assim. E demais não está aquelle defeito esplendidamente compensado pelas bellezas que encerra a comedia?...

Quanto ao desenlace não podia ser outro? É o mais logico e o unico adequado ao caracter do *Morgado*. Queriam talvez vel-o casar com a filha do barão? Que absurdo! Pois o auctor havia de passar no fim da comedia um

diploma de tolo ao morgado, depois de o haver apresentado superior a todos que o rodeiam? Não confundam a ignorancia com a parvoice. Reparem que o morgado dá em mais de uma occasião provas do contrario. A sinceridade que o caracterisa e o pouco uso que tem da sociedade, onde entra pela primeira vez, são que o tornam ridiculo. Ignora as conveniencias do mundo, é pouco versado no *Manual de civilidade;* mas sabe as conveniencias da vida e tem a necessaria penetração para apreciar devidamente as coisas. Falta-lhe o feitio do elegante; mas possue a tempera do homem.

Quando procuram este acham-o, como acontece no final do primeiro acto. Mostra ao adversario que é valente em vez de fanfarrão, e, com um só movimento, que se reduz a mettel-o debaixo do braço, responde cathegoricamente ás suas ameaças.

Em conclusão o *Morgado de Fafe*, é um typo completo, como era para desejar que apparecessem muitos na nossa galeria theatral.

O actor Rosa deu relevo comico ao papel do Morgado, e soube merecer os applausos da platéa. As Sr.as Delfina, Emilia, Adelaide e o Sr. Domingos, tambem contribuiram para o realce da comedia, esmerando-se no desempenho dos seus papeis.

E agora preparem-se os espectadores que assistiram ás representações do *Morgado de Fafe*, para satisfazer um novo capricho do auctor, que é homem para os ter n'estas coisas, e que o teve agora, imaginando um drama em que pretende fazel-os chorar tanto como já os fez rir.

Logo o titulo é expressivo, vejam: *Abençoadas Lagrimas!* Agora attendam que a penna que escreveu o drama, é a mesma que traçou *O ultimo acto!* Além d'isso saibam que a actriz Emilia desempenha n'esta nova composição um papel extremamente dramatico e cheio de sentimento; e finalmente, tomem nota de que vai pela primeira vez á scena n'uma noite de festa, que é na noite do beneficio do actor Rosa.

Segue-se a obra d'arte.

É tambem portugueza no assumpto e na execução. Referimo-nos ao monumento a Camões, do Sr. Victor Bastos, de que démos noticia n'um dos numeros anteriores, e que vamos agora descrever aos nossos leitores.

O pedestal que sustenta a estatua é octagono e no estylo renascença. Oito figuras decoram os angulos do pedestal e são estas: Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, João de Barros, Damião de Goes, Affonso Domingues, Gran-Vasco, Diogo de Couto e Francisco de Moraes Cabral. O distincto estatuario soube variar-lhe as attitudes conservando-lhe igual nobreza e elegancia. Mas, onde o talento de Victor Bastos se manifestou brilhantemente foi no vulto grandioso de Camões que logo á primeira vista impressiona pela magestade do porte. O grande cantor cinge os Luziadas com a mão esquerda sobre o peito e a espada pende-lhe da mão direita. Dos hombros deixa cahir a capa que vai tocar na base, onde está uma couraça e alguns livros.

Quasi todas as nossas melhores illustrações tem ido á Academia das Bellas Artes admirar o novo trabalho do nosso primeiro esculptor, sahindo d'ali enthusiasmados com os admiraveis e explendidos pregressos do seu compatriota, que de dia para dia vai acrescentando para si a gloria, que tambem fica pertencendo ao paiz.

Bayerische Staatsbibliothek München

N'este momento Victor Bastos, termina o busto do primeiro orador portuguez o Sr. José Estevão.

É assim, trabalhando sempre, que os talentos se vigoram e fortalecem.

E mais algumas obras de artistas nacionaes podemos ainda registar.

Tres lindos quadros pequenos de gados, devidos á delicada palheta do Sr. Annunciação. São dois exteriores e um interior, qual d'elles mais rico de verdade e colorido! Pincel maravilhoso que nunca descança e que a experiencia e o estudo vão diariamente aprimorando!

Tambem o Sr. Pedroso gravador bem conhecido e que illustra actualmente o *Archivo Pittoresco*, pintou um quadro para S. A. o Sr. Infante D. Luiz, representando o embarque de S. A. a Sr.ª Infanta D. Maria Anna, na corveta *Bartholomeu Dias*, por occasião da sua tão saudosa partida. Vê-se no fundo do quadro o Palacio das Necessidades e parte do Tejo. É um ensaio lisongeiro de pintura que confirma o bello talento do gravador.

Resta-nos só mencionar o retrato de S. M. El-rei o Sr. D. Pedro V, que o Sr. José Rodrigues fez para o gabinete da Praça do Commercio, e que já mereceu geraes louvores da imprensa diaria.

Vamos agora ás novas lyricas.

S. Carlos deu-nos a *Traviata* e o *Nabucco*. Duas operas que foram mais para os olhos que para os ouvidos. A primeira principalmente; na segunda houve momentos que eram para ambos. Poucos é verdade; porque são poucos os trechos cantados pela Lotti. Enthusiasmava então ouvil-a; captivava sempre vêl-a! Que elegancia e gentileza no primeiro acto! Que distincção e bom gosto de vestuario no segundo! A amazona dominou a platéa que a recebeu com um bravo espontaneo; e foi a este dominio que se deveu a salvação — momentanea — da opera.

Hoje dá a *Revista Contemporanea* aos seus assignantes o retrato de M.me Lotti, com uma bella apreciação de Julio Cesar Machado. Ali descreve a illustre cantora, como sabe descrever a chistosa penna do estimado folhetinista da *Revolução de Setembro*, em traços elegantes, singelos e graciosos. São dois retratos em vez de um, e qual d'elles mais similhante.

E a *Traviata*? dirá o leitor. Já lá vamos. Da opera poderiamos esquecer-nos, mas da *Violetta*, não. A opera fez-nos saudades, como nos tem feito sempre, da *De Giuli Boisi*; a *Violetta*, obrigou-nos a esquecer todas. Nada ha perfeito e completo n'este mundo. D'esta vez tivemos uma artista que nos realisou a creação do poeta, como já tivemos quem nos traduzisse a inspiração do maestro. Por isso o publico applaudio estrepitosamente uma e extasiou-se intimamente diante da outra.

Todavia, é necessario confessar que a interpretação da *Traviata*, pela Sr.ª Hensler se não conseguio elevar-se á altura da partitura, foi bastante lisongeira. A boa vontade e o estudo consciencioso da artista, manifestaram-se sempre, conquistando-lhe em mais de um trecho merecidos applausos.

Remataremos a chronica com a nova de uma boa acquisição que a empreza do *Archivo Pittoresco* fez para o seu jornal. Consiste na escolha do Sr. Silva Tullio, para director litterario.

ERNESTO BIESTER.

Bayerische Staatsbibliothek MÜNCHEN

INDICE

Adelaide Ristori—pag. 345.
Alexandre Herculano—pag. 7.
Amor e duvida—pag. 231.
Antonio de Serpa—pag. 97.
Antonio Feliciano de Castilho—pag. 297, 353, 453.
Aquelle dia!—pag. 78
Ascendit Aurora!—pag. 132.
Bom entendedor, meia palavra (A)—pag. 38, 81.
Bosquejos criticos—pag. 160.
Casal Ribeiro—pag. 145.
Chronicas—pag. 47, 95, 142, 195, 246, 294, 343, 392, 439, 488, 535, 583.
Commemoração—pag. 244.
Concilio infernal, fragmento de uma traducção inedita da Jerusalem libertada, de Torquato Tasso (O) pag. 571.
Cruz e o crescente (A) pag. 522.
Excerpto de uma traducção completa dos fastos d'Ovidio—pag. 568.
Fadario domestico e politico de João Grainha pag. 321, 378.
Galeria de navegadores celebres—pag. 135, 529.
Georgina—pag. 289.
Gravura de S. M. El-Rei o Sr. D. Fernando (A)—pag. 333.
Guerra de Marrocos (A)—pag. 469.
Historia de um casamento—pag. 67.
Ida para o trabalho (A) pag. 36.
Infaustas aventuras de Mestre Marçal Estouro—pag. 166, 234, 276.
Introducção—pag. 3.
Jasé da Silva Mendes Leal—pag. 443.
José Eduardo de Magalhães Coutinho—pag. 249.
José Estevão—pag. 49.
Lelia—pag. 424, 480.
Luiz Augusto Rebello da Silva—pag. 395.
Mãe e filha—pag. 90.
Manoel Maria da Silva Bruschy—pag. 197.
Marcellina Lotti—pag. 564.
Mez em Cintra (Um)—pag. 44, 88, 340.
Náu S. Bento (A)—pag. 383.
Novo curso superior de letras (O)—pag. 221, 261, 313, 361.
Outro casamento—pag. 113.
Outro casamento—pag. 414.
Pagina solta (Uma)—pag. 109.
Palestras scientificas—pag. 126, 188, 268, 372, 576.
Pavilhão Negro (O)—pag. 27.
Philosophos da época e a poesia do Christianismo (Os)—pag. 102.
Poesia popular—pag. 512.
Quarto casamento—Pag. 460.
Quinta gravura de S. M. El-Reï o Sr. D. Fernando (A)—pag. 520.
Quinto casamento—pag. 501.
Raymundo Antonio de Bulhão Pato—539.
Revista critica e litteraria de 1858—pag. 12, 59.
Semana Santa (A)—pag. 551.
Sessão de jurados (Uma)—pag. 91.
Sexto casamento—pag. 557.
Sineiro insensivel (O)—pag. 181, 328, 387.
Sociedade e os bailes (A)—pag. 335.
Thomaz José da Annunciação—pag. 491.
Viagem (Uma)—pag. 429.

Hausler.